UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID

FACULTAD DE FILOLOGÍA

TESIS DOCTORAL

EN COTUTELA CON LA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO – BRASIL

A RELAÇÃO DAS LÍNGUAS ESPANHOLA E PORTUGUESA NO ESPAÇO DE ENUNCIAÇÃO DA FRONTEIRA OESTE DE MATO GROSSO

MEMORIA PARA OPTAR AL GRADO DE DOCTORA

PRESENTADA POR

FRANCINELI CEZARINA DE ALMEIDA LARA

DIRECTORES

MARÍA MATESANZ DEL BARRIO
TAISIR MAHMUDO KARIM

UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID

FACULTAD DE FILOLOGÍA

TESIS DOCTORAL

EN COTUTELA CON LA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO – BRASIL

A RELAÇÃO DAS LÍNGUAS ESPANHOLA E PORTUGUESA NO ESPAÇO DE ENUNCIAÇÃO DA FRONTEIRA OESTE DE MATO GROSSO

MEMORIA PARA OPTAR AL GRADO DE DOCTORA

PRESENTADA POR

FRANCINELI CEZARINA DE ALMEIDA LARA

DIRECTORES

MARÍA MATESANZ DEL BARRIO
TAISIR MAHMUDO KARIM

PROGRAMA DE DOCTORADO EN LINGÜÍSTICA TEÓRICA Y APLICADA

Madrid, 2024

UNIVERSIDAD COMPLUTENSE MADRID

DECLARACIÓN DE AUTORÍA Y ORIGINALIDAD DE LA TESIS PRESENTADA PARA OBTENER EL TÍTULO DE DOCTOR

D./Dña. Francineli Cezarina de Almeida Lara,
estudiante en el Programa de Doctorado em Lingüística Teórica y Aplicada,
de la Facultad de Filología de la Universidad Complutense de Madrid, como autor/a de la tesis presentada para la obtención del título de Doctor y titulada:

La relación de las lenguas española y portuguesa en el espacio de enunciación de la frontera oeste de Mato Grosso

y dirigida por: María Matesanz Del Barrio y Taisir Mahmudo Karim

DECLARO QUE:

La tesis es una obra original que no infringe los derechos de propiedad intelectual ni los derechos de propiedad industrial u otros, de acuerdo con el ordenamiento jurídico vigente, en particular, la Ley de Propiedad Intelectual (R.D. legislativo 1/1996, de 12 de abril, por el que se aprueba el texto refundido de la Ley de Propiedad Intelectual, modificado por la Ley 2/2019, de 1 de marzo, regularizando, aclarando y armonizando las disposiciones legales vigentes sobre la materia), en particular, las disposiciones referidas al derecho de cita.

Del mismo modo, asumo frente a la Universidad cualquier responsabilidad que pudiera derivarse de la autoría o falta de originalidad del contenido de la tesis presentada de conformidad con el ordenamiento jurídico vigente.

En Madrid, a 10 de julio de 2024

Fdo.: Francineli Cezarina de Almeida Lara

Assinado de forma digital por Francineli Cezarina de Almeida Lara
Dados: 2024.07.10 00:21:04 -04'00'

Esta DECLARACIÓN DE AUTORÍA Y ORIGINALIDAD debe ser insertada en la primera página de la tesis presentada para la obtención del título de Doctor.

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMAT Catalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

Lara, Francineli Cezarina.
As relações das línguas espanhola e portuguesa no espaço de enunciação da Fronteira Oeste de Mato Grosso / Francineli Cezarina Lara. - Cáceres, 2024.
390f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Linguística/CAC-PPGL - Cáceres - Doutorado Acadêmico, Campus Universitário De Cáceres "Jane Vanini".
Orientador: Dr. Taisir Mahmudo Karim.
Corientadora: Dra. Maria Matesanz Del Barrio.
Universidad Complutense de Madrid. Facultad de Filología.

1. Espaço de Enunciação. 2. Línguas aparentadas: Português - Espanhol. 3. Portuñol. 4. Intercompreensão. 5. Fronteira Oeste - MT. I. Karim, Taisir Mahmudo, Dr. II. Matesanz Del Barrio, Maria, Dra. III. Título.

UNEMAT / MT-SCB CDU 811.134.2/.3(817.2)

FRANCINELI CEZARINA LARA

AS RELAÇÕES DAS LÍNGUAS ESPANHOLA E PORTUGUESA NO ESPAÇO DE ENUNCIAÇÃO DA FRONTEIRA OESTE DE MATO GROSSO

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. TAISIR MAHMUDO KARIM
Orientador – PPGL/UNEMAT

_____

Prof.ª Dra. MARIA MATESANZ DEL BARRIO
Orientadora/Avaliadora – UCM/PPGL/UNEMAT

_____

Prof. Dr. EDUARDO ROBERTO JUNQUEIRA GUIMARÃES
Avaliador– PPGL/UNEMAT

_____

Prof.ª Dra. JOCINEIDE MACEDO KARIM
Avaliadora– PPGL/UNEMAT

_____

Prof. Dr. WELLINGTON PEDROSA QUINTINO
Avaliador– PPGL/UNEMAT

_____

Prof.ª Dra. VIVIANE FERREIRA MARTINS
Avaliadora– UCM

APROVADA EM: 07/11/2024

DEDICATÓRIA

A Deus e à minha família que é tudo na minha vida.
Gabriel, que sempre quis o melhor para mim,
que me ajudou em todos os momentos a terminar. Sem ele, nada seria possível.

In memoriam:
Francisco Malaquias (padre)
Sebastião Mendes

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus! Pai, Filho e Espírito Santo, que é a maior fonte de amor e força que o homem conhece. “Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens, sabendo que receberão do Senhor a recompensa da herança. (Colossenses 3: 23).

Embora uma tese seja, pela sua finalidade acadêmica, um trabalho solitário, sempre há contributos de natureza diversa que não podem e nem devem deixar de ser realçados. Por isso, desejo expressar os meus sinceros agradecimentos a todos que fizeram parte desse processo.

Nada disso havia sido possível sem o apoio incondicional, a confiança, a paciência e a profissionalidade dos meus orientadores, professor Dr. Taisir Mahmudo Karim e professora Dr.ª María Matesanz del Barrio. Não há palavras para tamanha GRATIDÃO, María Matesanz del Barrio e Taisir Mahmudo Karim, por compreenderem minhas limitações e depositaremconfiança no meu trabalho. Pelas inúmeras contribuições e por sempre apontarem possibilidades durante o caminho percorrido até aqui.

À minha família, Gabriel, Bruno, Maria Helena e Cauã, por entenderem minhas ausências, pelas broncas, palavras de incentivo, gestos permanentes de apoio, carinho e muito amor...

Ao meu querido amigo e marido, Gabriel, (a quem chamo carinhosamente de Bê) que, incondicionalmente, deu-me todo um suporte constante traduzido em atitudes das mais simples às mais complexas.

Aos meus queridos colaboradores da pesquisa pela disposição, por proporcionarem os dados e, mais que isso, por me oportunizarem aprender com eles durante os momentos incríveis que passamos juntos.

Ao meu amigo professor Wellington Pedrosa Quintino por aportar todos os ensinamentos em torno das línguas presentes no Mato Grosso.

À minha orientadora fora de área Jocineide Macedo Karim, que me levou a conhecer lugares incríveis da sociolinguística, a ela, todo o meu carinho e admiração, por ser uma fonte de inspiração.

Às minhas amigas e gestoras Edileuza da Silva Oliveira da Escola Estadual de Desenvolvimento Integral da Educação Básica Professor Milton Marques e Nancy Lopes Yung coordenadora do Curso de LETRAS da Universidade do Estado de Mato Grosso

Carlos Alberto Reyes Maldonado *campus* Jane Vanini - Cáceres, que sempre me apoiaram e muitas vezes dividiram comigo minhas inquietações e angústias.

Aos colegas Sylvain Anaganou, Rosangêla Muniz, Thayná Oliveira, Thays Oliveira, e aos demais colegas do grupo de pesquisa "Significar Mato Grosso", por compartilharem grandes momentos de aprendizagem e de convivência significativa.

Aos meus amigos Lucas, Isael, Gislaine, José do Carmo, Adson e Roseli Nascimento, por dividirem angústias e soluções durante o percurso de pesquisa e de escrita da tese.

À minha médica Thayne Albuquerque Silva que, além de ser uma grande profissional, é um ser humano incrível, pois sempre cuidou da minha saúde física e, muitas vezes, mental. A ela, minha gratidão.

Aos colegas de LETRAS ESPANHOL EAD e ao Grupo MORADA: Geni, Albília e Cristóvão, por atitudes, palavras e parcerias que fizeram toda diferença nesta caminhada contribuíndo, dessa maneira, para o desenvolvimento deste trabalho.

À minha grande amiga e parceira Viviane Ferreira Martins, por dividir e compartilhar toda sua experiência e seu conhecimento, sempre me apoiando e incentivando para não desistir.

Aos professores, Eduardo Guimarães, Luiz Francisco Dias, Albano Dalla Pria, Marcus Cumpri, Wellington Pedrosa Quintino e Jenny Montaño pelos ensinamentos, discussões e acima de tudo, o apoio.

O meu muito obrigada a todos do PPGL/UNEMAT (especialmente à Sra. Coordenadora Dra. Silvia Nunes).

A minha gratidão ao meu eterno amigo e compadre Sebastião Mendes, que sonhou junto comigo e minha família para realização desse doutorado.

O meu muito obrigada a todos da Universidade Complutense de Madri/UCM e a Universidade do Estado de Mato Grosso/MT, que sempre estiveram disponíveis para fornecerem os vários suportes que necessitei.

A todos que, de algum modo, colaboraram para que a realização desta pesquisa fosse possível ofereço a minha eterna GRATIDÃO.

EPÍGRAFE

“O estrangeiro não afligirás, nem o oprimirás; pois estrangeiros fostes na terra do Egito” [...] “Também não oprimirás o estrangeiro; pois vós conheceis o coração do estrangeiro, pois fostes estrangeiros na terra do Egito”. E "Amem os estrangeiros, pois vocês mesmos foram estrangeiros"(Êxodo 22:21 e 23:9)

SUMÁRIO

RESUMO **14**

RESUMEN **16**

ABSTRACT **18**

SIGLAS E ABREVIAÇÕES **20**

LISTA DE FIGURAS **21**

LISTA DE GRÁFICOS **22**

LISTA DE TABELAS **23**

LISTA DE QUADRO **24**

INTRODUÇÃO **25**

ABORDAGEM DE PESQUISA **28**

1.1 Justificativa **28**

1.2 Pressupostos teóricos e metodológicos **31**

1.3 Objetivos, perguntas de pesquisa e hipóteses de pesquisa **35**

1.3.2. Perguntas de pesquisa **36**

1.3.3. Hipóteses de pesquisa **37**

1.4 Metodologia e organização da tese **37**

CAPÍTULO 2 ..... **42**

FUNDAMENTOS TEÓRICOS **42**

A ENUNCIAÇÃO E A SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO **42**

2.1 Enunciação e a semântica do evento **43**

2.2 A semântica do Acontecimento **45**

2.2.1 Acontecimento / Enunciação / Temporalidade **47**

2.2.2 O espaço de enunciação, a cena enunciativa, a política e a argumentação **50**

2.2.3 Reescrituração / Articulação / Nomeação / Referenciação / Designação **63**

2.3 Formação nominal e redes enunciativas: perspectivas de sentidos **68**

2.3.1 Referencial Histórico, Pertinência Enunciativa e Formação Nominal **68**

2.3.2 Redes enunciativas **71**

CAPÍTULO 3 ..... **75**

O BILINGUISMO PORTUGUÊS-ESPANHOL E A INTERCOMPREENSÃO .. **75**

3.1 Bilinguismo português-espanhol e outras línguas na Iberoamérica **80**

3.2 A diversidade linguística no Brasil e na fronteira oeste de Mato Grosso **93**

3.2.1 Línguas em contato e portunhol 102

3.2.2 Estudos sobre o portunhol 120

3.2.2.1 Análise do funcionamento da palavra portunhol 126

3.2.2.2.2 Configuração e descrição da cena enunciativa 126

3.2.2.3 O portunhol e suas designações 137

3.2.2.3.1 Análise subnominal 139

3.3 Intercompreensão **158**

3.3.1 Intercompreensão para integração de fronteiras 160

3.3.2 Intercompreensão para uma fronteira plurilíngue e pluricultural 164

3.3.3 A didática da intercompreensão 165

CAPÍTULO 4 ..... **179**

ESTUDO DE CASO **179**

Introdução **179**

4.1 Metodologia: pesquisa qualitativa, estudos de caso **179**

4.1.1 Coleta de dados 184

4.2 Metodologia de análise de dados **193**

4.3 Tamanho da amostra **193**

4.3.1 Compilação de dados *do Google Forms* 194

4.3.2 Questionários e entrevistas 196

4.3.3 Documentação e diálogos com a comunidade boliviana 202

4.3.4 Pesquisa instrumental e bibliográfica 204

4.4 Formação do *corpus* **204**

CAPÍTULO 5 ..... **207**

O ESPAÇO DE PESQUISA **207**

5.1 Interações nas cidades gêmeas de Cáceres/San Matías **209**

5.2 A fronteira oeste do Mato Grosso **221**

5.3 Análise documental: a relação entre os idiomas na fronteira com base no relatório do IPEA **229**

5.3.1 Algumas considerações 245

CAPÍTULO 6 ..... **247**

O ESPAÇO DE ENUNCIAÇÃO DA FRONTEIRA OESTE DE MATO GROSSO: RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS 247

6.1 Análises do cruzamento dos dados 249

6.2 Análise dos recortes feito no *Google Forms* 269

6.3 A configuração do espaço de enunciação da fronteira oeste de MT 288

6.3.1 Análise das interações entre falantes brasileiros (F1) e bolivianos (F2) na fronteira oeste de Mato Grosso 289

6.3.2 Análise das interações entre falantes bolivianos (H2) e brasileiros (H1) na fronteira oeste de Mato Grosso 299

6.3.3 Síntese conclusiva 325

CONCLUSÃO 329

BIBLIOGRAFIA ..... Erro! Indicador não definido.

ANEXOS 358

Anexo 01 – Base de coleta de dados e perguntas norteadoras 358

Anexo 02 361

TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecido 361

Anexo 03 365

Folder do evento Brasil/Bolívia 365

Anexo 04 366

Cursos de línguas 366

Anexo 05 369

Prints dos *Google Forms* 369

Anexo 06 377

Transcrição grafemática de entrevistas 377

Anexo 07 – Algunas Fotos 381

RESUMO

A relação das línguas Espanhola e Portuguesa no espaço de enunciação da fronteira Oeste de Mato Grosso

Este trabalho, vinculado à Área de Concentração de Estudo de Processos Linguísticos, Linha de Pesquisa Estudos dos Processos de Significação do Programa de Pós-Graduação *Stricto* Sensu em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em cotutela com a Universidade Complutense de Madrid (UCM) pelo *Programa de Doctorado en Lingüística Teórica y Aplicada*, visa analisar a relação entre as línguas, portuguesa do Brasil e espanhola da Bolívia, no espaço de enunciação do português do Brasil na cidade de Cáceres, fronteira oeste de Mato Grosso Brasil com Bolívia. O espaço de enunciação configurado nessa região de fronteira, oficializada como uma fronteira de cidades gêmeas (de um lado a cidade brasileira de Cáceres/Mato Grosso e, de outro, a cidade boliviana de San Matias/Província de Ángel Sandóval), define-se em um espaço em que os falantes são tomados, entre tantas línguas, pela língua portuguesa do Brasil e pela língua espanhola da Bolívia, essa relação de línguas e falantes, neste espaço de enunciação, constitui o falar comumente nomeado portuñol. Para tanto, consideramos o espaço de enunciação – espaço em que se enuncia, pois, os dizeres dessa relação são enunciados por falantes afetados pelo político que se caracterizam pelos modos e direitos do dizer numa distribuição desigual no funcionamento dessas línguas, facultando-lhes o lugar da hierarquia. Nossa tese procura observar e descrever essa relação de línguas de fronteira, ou seja, observar as práticas linguísticas que resultam do contato/cruzamento entre as línguas dominantes, o português e o espanhol. O nosso lugar teórico e metodológico de pesquisa se configura a partir do arcabouço constitutivo dos estudos enunciativos propostos por Guimarães (2002 e 2018) e Dias (2018 e 2021) na perspectiva da Semântica da Enunciação, uma Semântica que trata do sentido no acontecimento do dizer, na enunciação, e que considera a inclusão da exterioridade da língua (o sujeito e a história). Assim, colocando-nos como semanticistas, buscamos compreender a linguagem como relação de sentidos em que se inclui a materialidade da língua, da história e o sujeito que enuncia. Para isso, levaremos a cabo dois momentos de análises, são eles: i) selecionamos um material com algumas designações do termo portuñol para verificar seu funcionamento no espaço de enunciação da língua portuguesa do Brasil e analisamos fragmentos do documento do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) para avaliar como o portuñol está em funcionamento nas cidades gêmeas Cáceres/San Matias; ii) elaboramos um *corpus* com fragmentos dos dados coletados em um estudo de caso no espaço de enunciação da língua portuguesa do Brasil na cidade de Cáceres/MT. Estes fragmentos foram obtidos a partir dos questionários *Google Forms* (escrita) e das entrevistas semiestruturadas realizadas de forma síncrona via *Google Meet* (grupo brasileiros) e presencial com gravação de áudio (grupo bolivianos). Estes dados foram posteriormente analisados, cruzando as informações compiladas para verificar as simetrias e/ou assimetrias socioeconômicas e para investigar a configuração do espaço de enunciação da Fronteira Oeste de Mato Grosso. Desse modo, analisaremos nosso *corpus* na perspectiva enunciativa, em que a enunciação é tomada como o lugar que produz a significação, e para conduzir a discussão, inicialmente, propomos algumas distinções de diferentes autores que tratam de e com o portuñol. (Lipski, 2009; Mota, 2012; Sturza, 2004, 2006, 2019; Waltermire, 2012; etc.). Em seguida, trabalharemos com o portuñol não estável (Matesanz, 2019). Para fechar trazemos uma discussão de ensino

aprendizagem através de uma consciência linguística do Bilinguismo: português-espanhol e da didática da intercompreensão, (Matesanz, 2015, 2017, 2019, 2022; Müller De Oliveira, 2013, 2018, 2019), (Matesanz, 2015; 2019; Calvo Del Olmo, 2019, 2021).

Palavras-chave: Espaço de Enunciação; Línguas aparentadas: Português - Espanhol; Portuñol; Intercompreensão; Fronteira Oeste MT.

RESUMEN

La Relación de las lenguas Lusa-Hispánica en el espacio de enunciación de la Frontera Oeste de Mato Grosso

Esta investigación, enmarcada en el Área de Concentración en Estudio de Procesos Lingüísticos, Línea de Investigación en Estudios de Procesos de Significación del Programa de Posgrado Stricto Sensu en Lingüística de la Universidad del Estado de Mato Grosso (UNEMAT) en cotutela con la Universidad Complutense de Madrid (UCM) a través del Programa de Doctorado en Lingüística Teórica y Aplicada, tiene como objetivo analizar la relación entre las lenguas portuguesa de Brasil y española de Bolivia en el espacio de enunciación del portugués de Brasil en la ciudad de Cáceres, frontera, oeste de Mato Grosso con Bolivia. El espacio de enunciación configurado en esta región fronteriza, oficializada como una frontera de ciudades gemelas (por un lado, la ciudad brasileña de Cáceres/Mato Grosso y, por otro, la ciudad boliviana de San Matías/Provincia de Ángel Sandóval), se define como un espacio donde los hablantes utilizan, entre muchas lenguas, el portugués de Brasil y el español de Bolivia. Esta relación de lenguas en contacto y hablantes, en este espacio de enunciación, da lugar al habla comúnmente conocida como portuñol. Para ello, consideramos el espacio de enunciación – espacio en que se enuncia, ya que las forma de decir de esta relación son enunciados realizados por hablantes afectados por lo político, caracterizados por las formas y derechos del habla en una distribución desigual en el funcionamiento de estas lenguas, otorgándoles un lugar jerárquico. Nuestra tesis busca observar y describir esta relación de lenguas fronterizas, es decir, observar las prácticas lingüísticas que resultan del contacto/entrecruzamiento entre las lenguas dominantes, el portugués y el español. Para ello, tomamos algunas designaciones del portuñol en el espacio de enunciación del portugués de Brasil y que se ha considerado una categoría de análisis. El lugar teórico y metodológico de investigación se configura a partir del marco constitutivo de los estudios enunciativos propuestos por Guimarães (2002 y 2108) y Dias (2018 y 2021), en la perspectiva de la *Semántica de la Enunciación*, una Semántica que trata del sentido en el acontecimiento del decir, en la enunciación, y que considera la inclusión de la exterioridad de la lengua (el sujeto y la historia). Como lingüistas, buscamos comprender el lenguaje como una relación de significados que incluye la materialidad del lenguaje, la historia y el sujeto que enuncia. Para ello, hemos realizado dos etapas de análisis: i) seleccionamos material con algunas designaciones del término portuñol para verificar su funcionamiento en el espacio de enunciación de la lengua portuguesa brasileña y analizamos fragmentos del documento del IPEA (Instituto de Investigación Económica Aplicada) para evaluar cómo funciona el portuñol en las ciudades gemelas de Cáceres/San Matias; ii) elaboramos un corpus con fragmentos de los datos recogidos en un estudio de caso en el espacio de enunciación de la lengua portuguesa brasileña en la ciudad de Cáceres/MT. Estos fragmentos fueron obtenidos a través de cuestionarios *Google Forms* (escritos) y entrevistas semiestructuradas realizadas de forma síncrona vía *Google Meet* (grupo brasileño) y presencial con grabación de audio (grupo boliviano). Estos datos se han analizado, cruzando las informaciones recopiladas para verificar simetrías y/o asimetrías socioeconómicas e investigar la configuración del espacio de enunciación de la Frontera Oeste de Mato Grosso. Así, hemos trabajado nuestro *corpus* desde la perspectiva enunciativa, considerando la enunciación como el espacio donde produce significación. Para iniciar la discusión, hemos utilizado algunas distinciones de distintos autores que abordan el tema del "portuñol" (Lipski, 2009; Mota, 2012; Sturza, 2004, 2006, 2019; Waltermire, 2012; etc.). Posteriormente, nos enfocaremos en el portuñol no estable

(Matesanz, 2019). Finalmente, presentamos una discusión para una conciencia lingüística del bilingüismo: portugués-español y de la didáctica de la intercomprensión, (Matesanz, 2015; 2019; Calvo Del Olmo, 2019, 2021).

Palabras clave: Espacio de enunciación; Semántica del Acontecimiento; lenguas emparentadas: portugués - español; portuñol; Intercomprensión; Frontera Oeste MT.

ABSTRACT

A relação das línguas Espanhola e Portuguesa no espaço de enunciação da fronteira Oeste de Mato Grosso

This research, is in line with the Area of Study of Linguistic Processes, Research Line of Studies of the Processes of Signification of the Stricto Sensu Postgraduate Programme in Linguistics of the State University of Mato Grosso (UNEMAT) in co-program with the Complutense University of Madrid (UCM) in the Doctoral Programme in Theoretical and Applied Linguistics, has the purpose of analyzing the relation between Brazilian Portuguese and Bolivian Spanish languagesin the Brazilian Portuguese enunciation space in the city of Cáceres, western border of Mato Grosso Brazil with Bolivia. The enunciation space configuredin this border region, officialized as a border of twin cities, on one side the Brazilian city of Cáceres/Mato Grosso and, on the other side, the Bolivian city of San Matias/Province of Ángel Sandóval, is defined in a space in which speakers are taken, among so many languages, by the Brazilian Portuguese language and the Spanish language of Bolivia, this relation of languages and speakers, in this enunciation space, constitutes the speaking commonly named portunhol. For this, we consider the political of language, because the utterances of this relation are enunciated by speakers affected by the political who are characterize by the ways and rights of saying, an unequal distribution for the operation of these languages, giving them the place of hierarchy.

Our thesis seeks to observe and describe this relation of boundary languages, that is, to observe the linguistic practices that result from the contact/crossing between the dominant languages of the border, Portuguese and Spanish. To do so, we take some designations of the term portunhol that are enunciated in the Brazilian Portuguese enunciation space that are worked as a category of analysis. Our theoretical and methodological approach is based on the constitutive enunciative studies proposed by Guimarães (2002 and 2018) and Dias (2018 and 2021) from the perspective of the Semantics of Enunciation, a Semantics that deals with meaning in the event of saying, in the enunciation, which considers the inclusion of the exteriority of language (the subject, history). As linguists, we seek to understand language as a relationship of meanings that includes the materiality of language, history and the subject who enunciates. To do this, we will carry out two stages of analysis: i) we selected material with some designations of the term portuñol to verify its functioning in the enunciation space of the Brazilian Portuguese language and analyzed clippings from the IPEA (Institute of Applied Economic Research) document to evaluate how portuñol is functioning in the twin cities of Cáceres/San Matias; ii) constitution of the corpus with clippings from the data collected in a case study in the enunciation space of the Brazilian Portuguese language in the city of Cáceres/MT. These clippings were taken from Google Forms questionnaires (written) and semi-structured interviews carried out synchronously via Google Meet (Brazilian group) and face-to-face with audio recording (Bolivian group). This data was then analyzed, cross-referencing the information compiled to verify socio-economic symmetries and/or asymmetries and to investigate the configuration of the enunciation space of the Western Border of Mato Grosso. Thus, we will analyze our corpus from an enunciative perspective, considering enunciation as the space where meaning is produced. To initiate the discussion, we will propose some distinctions from different authors who address the topic of portuñol (Lipski, 2009; Mota, 2012; Sturza, 2004, 2006, 2019; Waltermire, 2012; etc.). Subsequently, we will focus on unstable portunhol (Matesanz, 2019). Finally, we present a discussion for a linguistic awareness of Bilingualism: Portuguese-Spanish and the didactics of intercomprehension, (Matesanz, 2015; 2019; Calvo Del Olmo, 2019, 2021).

Key words: Enunciation Space; Related Languages: Portuguese - Spanish; Portunhol; Intercomprehension; Western Border MT.

SIGLAS E ABREVIAÇÕES

ALiB: Atlas Linguístico do Brasil
ALiMAT: Atlas Linguístico do Estado de Mato Grosso
al-x : alocutor
at-x: alocutário
BO: Bolívia
BR: Brasil
CEP: Comitê de Ética em Pesquisa
COVID: *vírus corona* (Doença do Coronavírus)
DEaD: Diretoria de Educação a Distância
En.: enunciador
FIPE: Festival Internacional de Pesca Esportiva
GEFRON: Grupo Especial de Segurança de Fronteira
IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
IC: Intercompreensão
INE: Instituto Nacional de Estatística da Bolívia (Bolivian National Institute of Statistics)
L1: Primeiro idioma
L2: Segundo idioma
L Br: Língua do Brasil
L Bo: idioma boliviano
LE: Língua Estrangeira
L: Alto-falante
LT: Locutário
MI: Ministério da Integração Nacional
UCM: Universidade Complutense de Madri
UNEMAT: Universidade do Estado de Mato Grosso
IPEA: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
CLAM: Centro de Línguas Ameríndias
CELLFroest: Centro de Ensino de Línguas e Linguagens da Fronteira Oeste de Mato Grosso
APLFRON-MT: Associação de Professores de Línguas da Fronteira Oeste de Mato Grosso
UNESCO: Declaração Universal dos Direitos Linguísticos

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 MAPAS DOS TRATADOS 79
FIGURA 2 BILINGUISMO 85
FIGURA 3 MULTILINGUISMO 85
FIGURA 4 LA RAYA/A RAIA 87
FIGURA 5 MAPA DA ÁREA DE FRONTEIRA 90
FIGURA 6 MAPA DOS IDIOMAS BRASILEIROS 105
FIGURA 7 REGISTROS EM VÁRIAS DIVISÕES DE IDIOMA 1 106
FIGURA 8 REGISTROS EM VÁRIAS DIVISÕES DE IDIOMA 1 107
FIGURA 9 REGISTROS EM VÁRIAS DIVISÕES DE IDIOMAS 3 109
FIGURA 10 MAPA DOS PAÍSES DE LÍNGUA ESPANHOLA 117
FIGURA 11 MAPA DOS PAÍSES FUNDADORES DO MERCOSUL 118
FIGURA 12 MAPA DOS PAÍSES MEMBROS DO MERCOSUL 119
FIGURA 15 DICIONÁRIO DE PORTUNHOL 127
FIGURA 16 XÔ PORTUNHOL! CURSOS DE ESPANHOL E PORTUGUÊS ON-LINE 128
FIGURA 17 EU FALO PORTUGUÊS 130
FIGURA 18 O PORTUNHOL NOSSO DE CADA DIA 131
FIGURA 19 XÔ PORTUÑOL! 131
FIGURA 20 O IDIOMA FREESTYLE E ANÁRQUICO NÃO TEM FRONTEIRAS "HABLA-SE PORTUNHOL**"** 132
FIGURA 21 CONVITE 133
FIGURA 22 PROPAGANDA 133
FIGURA 23 DATA COMEMORATIVA 133
FIGURA 24 TRAILER 134
FIGURA 25 REPORTAGEM DE CAPA DE REVISTA 134
FIGURA 26 LIVRO 134
FIGURA 27 MEME 134
FIGURA 28 FILME 134
FIGURA 29 RÁDIO 134
FIGURA 30 TRADUTOR DE PORTUGUÊS 135
FIGURA 31 ANÚNCIO DE UM CURSO DE ESPANHOL 136
FIGURA 33 ATLAS DA LÍNGUA ESPANHOLA NO MUNDO 146
FIGURA 34 PROPAGANDA PARA ESTUDANTES BRASILEIROS DE MEDICINA 147
FIGURA 35 EBOOK PARA EXPULSAR A LÍNGUA PORTUGUESA 149
FIGURA 36 GUIA EM PORTUGUÊS 155
FIGURA 37 RÁDIO PORTUÑOL 156
FIGURA 38 INSTITUIÇÕES MENCIONADAS CI 177
FIGURA 39 FLUXO DE MERCADORIAS E PESSOAS NA FRONTEIRA OESTE DA MV CÁCERES/SAN MATÍAS 212
FIGURA 40 GRÁFICO COEJA/2022 217
FIGURA 41 DADOS DE MIGRANTES/MT 217
FIGURA 42 MUNICÍPIOS VIZINHOS E FAIXA DE FRONTEIRA BRASIL - BOLÍVIA 222
FIGURA 43 MAPA: ARCOS DE FRONTEIRA DO BRASIL 224
FIGURA 44 MAPA DAS CIDADES GÊMEAS CÁCERES/MT BRASIL - SAN MATÍAS/AS BOLÍVIA 225
FIGURA 45 PANTANAL - CÁCERES 226

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 CRUZAMENTO QUESTIONÁRIOS E ENTREVISTAS DOS GRUPOS PESQUISADOS 199

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 FONTES 185

TABELA 2 ETAPAS E FONTES PRIMÁRIAS 187
TABELA 3 ETAPAS E FONTES SECUNDÁRIAS 187
TABELA 4 GRUPO 01 - BRASILEIROS 189
TABELA 5 GRUPO 02 - BOLIVIANOS 189
TABELA 6 NOTAS 190
TABELA 7 LOCAL DE NASCIMENTO - QUESTIONÁRIO DO GOOGLE FORMS 191
TABELA 8 PERGUNTA 02 - QUESTIONÁRIO DO GOOGLE FORMS 191
TABELA 9 ENTREVISTADOS 194
TABELA 10 CATEGORIAS 197
TABELA 11 GRUPO 01: COLABORADORES BRASILEIROS (FALANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO) 201
TABELA 12 GRUPO 02: COLABORADORES BOLIVIANOS (FALANTES DE ESPANHOL BOLIVIANO) 201

LISTA DE QUADRO

QUADRO 1 CONSTITUIÇÃO DA UNIDADE NOMINAL PORTUNHOL 144

QUADRO 2 REDE ENUNCIATIVA 1: PERSPECTIVAÇÃO NEGATIVA DAS FN PORTUNHOL/FALAR PORTUNHOL 150

QUADRO 3 REDE ENUNCIATIVA 2: PERSPECTIVA USO VERBO-VISUAL NO FUNCIONAMENTO DA FN PORTUNHOL 154

QUADRO 4 REDE ENUNCIATIVA 3: PERSPECTIVAÇÃO POSITIVA DAS FN RÁDIO PORTUNHOL/GUIA PORTUNHOL 157

QUADRO 5 PERGUNTAS REALIZADAS VIA GOOGLE FORMS (F1) 272

QUADRO 6 PERGUNTAS RETIRADAS DO GOOGLE FORMS (F1) 275

QUADRO 7 PERGUNTAS RETIRADAS DO GOOGLE FORMS (F1) 281

QUADRO 8 RESPOSTAS DOS COLABORADORES DO GRUPO DE BRASIL (F1) 292

QUADRO9 RESPOSTAS DOS COLABORADORES DO GRUPO DE BRASIL (F1) 293

QUADRO 10 RESPOSTAS DOS COLABORADORES DO GRUPO DE BRASIL (F1) 294

QUADRO 11 RESPOSTAS DOS COLABORADORES DO GRUPO DE BRASIL (F1) 295

QUADRO 12 RESPOSTAS DOS COLABORADORES DO GRUPO DE BOLÍVIA (F2) 295

QUADRO 13 RESPOSTAS DOS COLABORADORES DO GRUPO DE BOLÍVIA (F2) 297

QUADRO 14 RESPOSTAS DOS COLABORADORES DO GRUPO DE BOLÍVIA (F2) 298

QUADRO 15 RECORTE DAS ENTREVISTAS (F2) 299

QUADRO 16 RECORTE DAS ENTREVISTAS (F2) 302

QUADRO 17 EXPOSITIVO DO FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA NA FRONTEIRA OESTE MT 318

INTRODUÇÃO

Olhar para a Fronteira Oeste de Mato Grosso - com foco nas cidades gêmeas de Cáceres/Estado de Mato Grosso/Brasil-San Matias/Província de Ángel Sandóval/Bolívia, por meio das línguas fronteiriças - permitiu-nos considerar vários pontos de partida para o desenvolvimento desta tese. Em especial, destaca-se o fato de observar como as línguas espanhola e portuguesa se relacionam, se misturam, se entrelaçam e adquirem sentido no espaço de enunciação do português brasileiro na Fronteira Oeste de MT.

Nossa tese é o resultado da colaboração em cotutela entre os programas de pós-graduação da Universidad Complutense de Madrid/UCM e da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT. Essa colaboração nos permitiu realizar várias ações ao longo da pesquisa, como atividades de ensino, pesquisa e extensão, com a participação de professores e alunos da UNEMAT e da UCM, bem como da rede municipal e estadual de ensino de Cáceres-MT. Também resultou em colaborações com o Centro de Línguas Ameríndias - CLAM, o Centro de Línguas Ameríndias - CLAM, o Centro de Ensino de Línguas e Linguagens da Fronteira Oeste de Mato Grosso – CELLFroest, a Associação de Professores de Línguas da Fronteira Oeste do Mato Grosso - APLFRON-MT e, por último, agora com o GRUPO de PESQUISA MORADA: comunicação, cultura e cidadania de migrantes no Brasil da Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT. Esse projeto busca entender como os migrantes latino-americanos, especialmente venezuelanos, bolivianos, argentinos e haitianos, vivem e convivem no Brasil.

Esta pesquisa quantitativa e qualitativa tem como objetivo analisar a relação entre as línguas, o português brasileiro e o espanhol boliviano, no espaço de enunciação do português brasileiro. Por meio deste estudo, apresentamos dois momentos de análise.

Na primeira, selecionamos material com várias designações do termo portunhol para mostrar como ele funciona no espaço de enunciação do português brasileiro. Em seguida, analisamos fragmentos feitos no documento do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) para verificar como o portunhol funciona na Fronteira Oeste de Mato Grosso, Brasil.

Em segundo lugar, nosso *corpus* foi elaborado com fragmentos de dados coletados em um estudo de caso no espaço de enunciação do português brasileiro na cidade de Cáceres/MT. Esses fragmentos foram extraídos de questionários *do Google*

Forms (escrita) e entrevistas semiestruturadas realizadas de forma síncrona via *Google Meet* (grupo 1 - brasileiros) e presencialmente com gravação de áudio (grupo 2 - bolivianos). Esses dados foram posteriormente analisados, cruzando as informações coletadas para verificar simetrias e/ou assimetrias, e para investigar a configuração do espaço de enunciação na Fronteira Oeste de Mato Grosso. Para orientar a pesquisa, seguimos alguns temas para caracterizar a fronteira. Essa área é compartilhada pela presença de uma relação entre línguas, apresentando complexidade nas variedades linguísticas da região, além de diferenças culturais e socioeconômicas.

E, para orientar nossa discussão, apresentamos também alguns conceitos de autores que abordam a questão do "portunhol". Esta tese apresenta uma proposta para o ensino de línguas na fronteira em que se destaca o funcionamento do bilinguismo português-espanhol. Em particular, a partir da designação de "portunhol", propõe-se um método de ensino nessa zona fronteiriça, baseado no processo da didática da Intercompreensão (IC).

Nosso quadro teórico e metodológico de pesquisa se configura a partir do quadro constitutivo dos estudos enunciativos proposto por Guimarães (2002, 2005, 2007b, 2011, 2018), na perspectiva da *Semântica da Enunciação* e Dias (2013, 2016, 2018a, 2018b e 2021). Esse quadro teórico nos permitiu abordar a configuração do espaço de enunciação dessa região fronteiriça, oficializada como uma cidade-gêmea fronteiriça, onde do lado brasileiro está Cáceres e do lado boliviano, San Matías. Assim, posicionando-nos como linguistas, estudamos a linguagem como uma relação de significados que inclui a materialidade da língua, a história e o sujeito que enuncia.

Esta pesquisa busca observar a fronteira oeste de Mato Grosso e considerar os significados contraditórios que ali se definem, não apenas pelos limites geográficos e barreiras físicas, mas também pelo movimento migratório e social e, nesse sentido, o movimento linguístico, nosso objeto de pesquisa. É nesse sentido que concordamos com Sturza (2006), quando afirma que a fronteira "é sempre espaço de transgressão e contenção – transgressão pelos movimentos migratórios de ocupação social e política; contenção pelos mecanismos de limitação, de vigília e de controle" (Sturza, 2006, p. 19). E que na "base de todo o conceito de Fronteira, está a sua natureza constituída, antes de tudo, pela latência do contato – contato de territórios, contato de pessoas, contato de línguas" (Sturza, 2006, p. 19).

O espaço de enunciação é definido como um espaço no qual os falantes

interagem, entre tantas línguas, no português brasileiro e no espanhol boliviano.

Para isso, consideramos a política da linguagem, uma vez que as expressões dessa relação são enunciadas por falantes afetados pela política da linguagem, pelas formas e pelos direitos da fala, em uma distribuição desigual para o funcionamento dessas linguagens, conferindo-lhes um lugar hierárquico.

Nesse sentido, primeiramente, discutiremos o conceito de línguas em contato no contexto do funcionamento enunciativo das línguas utilizadas na fronteira oeste de Mato Grosso, Brasil, com o leste da Bolívia. Para tanto, a análise proposta considera que os enunciados produzidos pelos falantes fronteiriços das línguas, português brasileiro e espanhol boliviano, ambas as línguas usadas na cidade de Cáceres, constituem um espaço de enunciação de diferenças, sendo sempre um espaço de coexistência de línguas e falantes. Para orientar nossa pesquisa, consideramos alguns aspectos necessários para caracterizar a fronteira oeste de Mato Grosso, a saber: (i) um espaço compartilhado pela presença da relação entre o português brasileiro e o espanhol boliviano; (ii) a complexidade linguística da região, (iii) as diferenças culturais e (iv) as simetrias/assimetrias socioeconômicas. Assim, analisaremos nosso *corpus* a partir da perspectiva enunciativa, em que a enunciação é tomada como o lugar que produz sentido.

Passamos ao capítulo 1, que tratará da "Abordagem de pesquisa", apresentando nossa justificativa para este trabalho, os objetivos, as perguntas de pesquisa e as hipóteses estabelecidas nesta tese. Sua formulação precisa orientou esta pesquisa, a metodologia adotada para ela, bem como a organização da tese, destacando como ela está estruturada e delineando cada capítulo.

CAPÍTULO 1
ABORDAGEM DE PESQUISA

Este capítulo marca o ponto de partida de nossa pesquisa, fornecendo uma visão geral dos elementos fundamentais que darão forma e direção ao nosso estudo. Ao longo desta seção introdutória, exploraremos a justificativa de nossa pesquisa, apresentaremos nossos objetivos, perguntas e hipóteses de pesquisa e forneceremos uma visão geral da metodologia que orientou nosso trabalho.

O objetivo deste trabalho é analisar a relação entre duas línguas, o português brasileiro e o espanhol boliviano, no espaço de enunciação do português brasileiro na cidade de Cáceres, na fronteira oeste do Mato Grosso (Brasil) com a Bolívia. O espaço de enunciação configurado nessa região fronteiriça, oficializada como fronteira de cidades gêmeas (de um lado, a cidade brasileira de Cáceres, Mato Grosso, e de outro, a cidade boliviana de San Matías, Província de Ángel Sandóval). Essa relação entre línguas e falantes, nesse espaço de enunciação, dá origem ao discurso comumente conhecido como Portunhol. Para a descrição desse espaço de enunciação, buscamos situar nossa proposta de trabalho nos construtos teóricos da *Semântica da Enunciação*, proposta por Guimarães (2002 e 2018).

Nossas análises são baseadas na perspectiva enunciativa, em que a enunciação é considerada um acontecimento que se temporaliza na relação entre o falante e a língua. Além disso, a fim de conduzir a discussão, proporemos inicialmente algumas distinções traçadas por diferentes autores que tratam do conceito de "portunhol". Por fim, apresentaremos uma proposta para o ensino da língua na fronteira, com base na consciência linguística do bilinguismo entre o português e o espanhol nessa fronteira. Além disso, sugeriremos a implementação da didática da intercompreensão como modelo para o ensino da língua nesse espaço de enunciação.

Essa posição teórica assumida nesta pesquisa nos permite abordar a configuração do espaço de enunciação dessa região fronteiriça, oficializada como uma fronteira de cidades gêmeas, onde Cáceres está localizada no lado brasileiro e San Matías no lado boliviano.

1.1 Justificativa

Nos últimos anos, o português e o espanhol têm atraído a atenção não só de

descendentes da diáspora ibérica e latino-americana, mas também de pessoas sem vínculos com esses idiomas. De acordo com Araújo (2017), os primeiros buscam manter vivos os laços sentimentais com as culturas de seus antepassados, enquanto os segundos veem o domínio desses idiomas como uma oportunidade de negócios com os países de língua espanhola e portuguesa.

Na fronteira oeste de Mato Grosso, Brasil, no espaço de enunciação do português brasileiro, é possível observar um fenômeno no qual convergem e coexistem duas línguas que compartilham uma origem latina comum: o espanhol e o português, que juntos somam mais de 800 milhões de falantes nos cinco continentes. Nesse espaço, há também a presença de centenas de línguas nativas: línguas indígenas, línguas de imigrantes e línguas de sinais.

Com o objetivo de promover a difusão e a consolidação da língua portuguesa em um modelo bilíngue português-espanhol, e considerando as diversas línguas presentes em nossa região fronteiriça, abordaremos, a seguir, uma discussão focada na Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI), que lançou, em 2019, o Programa Ibero-Americano de Multilinguismo e Promoção das Línguas Portuguesa e Espanhola. Essa iniciativa representa um marco significativo na promoção e no estudo de línguas na Ibero-América, alinhado às necessidades e dinâmicas linguísticas da fronteira oeste de Mato Grosso.

De acordo com o site da OEI[1], ela é reconhecida como a maior região linguística do mundo, abrangendo mais de 650 milhões de falantes de espanhol e português, além de vários idiomas indígenas. Tanto o espanhol quanto o português estão entre os cinco idiomas mais falados no mundo, e as projeções indicam que eles provavelmente serão os que mais crescerão até o final do século. Esse fenômeno linguístico representa um campo de estudo crucial para nossa pesquisa, dada a riqueza e a complexidade da dinâmica linguística e cultural que permeia essa vasta região.

Dessa forma, esta pesquisa busca entender o funcionamento das línguas na fronteira, na cidade de Cáceres, na região da fronteira oeste de Mato Grosso/Cáceres/Brasil, localizada a 100 km em linha reta de San Matías, província de Ángel Sandóval, no departamento de Santa Cruz/Bolívia.

A diversidade linguística presente nessa região inclui dois idiomas românicos pluricêntricos falados internacionalmente, o português e o espanhol, conforme

[1]Disponível em: https://oei.int/quienes-somos/oei . Acessado em: 05/02/2022.

mencionado acima. Essa proximidade linguística muitas vezes não se reflete no conhecimento das línguas e culturas dos habitantes dessa área. O multilinguismo presente na Fronteira Oeste é testemunha de uma grande diversidade linguística que é oferecida e compartilhada no mesmo espaço de enunciação do português brasileiro.

Segundo Guimarães (2002), a busca constante pela palavra é inerente ao ser humano, mesmo quando ela lhe é negada. Entretanto, ao considerar o aspecto político inerente à linguagem, surge a necessidade de investigar como esse fenômeno se manifesta, e para isso a perspectiva de Guimarães é muito apropriada.

Guimarães (2008) destaca a hierarquização entre diferentes formas de fala no espaço de enunciação do português brasileiro, mostrando como isso pode desencadear um processo de exclusão política de certas variantes regionais, com repercussões significativas na relação dos falantes com a língua nacional/oficial. Quando um registro linguístico regional não goza de prestígio, sendo relegado à esfera do coloquialismo, corre-se o risco de marginalizar toda a variedade linguística regional, relegando-a às margens da língua oficial/nacional. Esse cenário pode promover a exclusão nas esferas linguística e cultural, pois esses falantes não são reconhecidos como portadores da variante padrão normativa, mesmo que essa seja sua língua materna. Essa é uma evidência da sobreposição entre a língua portuguesa brasileira e a língua do estado/nação.

A fronteira oeste de Mato Grosso é rica em diversidade linguística e cultural, o que contribui para a construção de uma identidade plural e para o desenvolvimento da interculturalidade. Nessa conjuntura, a fronteira desempenha um papel fundamental no fortalecimento das línguas e das relações culturais na região. Trata-se de um espaço plurilíngue e pluricultural, portanto, por meio de nossas análises, mostraremos também como o bilinguismo português-espanhol e a intercompreensão entre essas línguas estão funcionando no espaço de enunciação do português brasileiro, que compartilha o mesmo espaço com outras línguas. Observaremos como os falantes são tomados/agenciados pelo lugar de onde se expressam.

Dessa forma, enfocaremos o processo de Intercompreensão (IC) entre línguas, considerando, a partir de uma perspectiva enunciativa, uma realidade linguística do Portunhol presente na relação entre o espanhol e o português. Nesse contexto, é pertinente destacar que o bilinguismo/plurilinguismo é um recurso para os cidadãos, as sociedades e os Estados brasileiros que utilizam outra língua.

Com efeito, observamos a configuração de um espaço de enunciação na fronteira

oeste do Brasil, no qual os falantes são tomados (afetados) por línguas que funcionam nesse espaço e, ao serem tomados, enunciam de e por diferentes modos. Percebe-se, portanto, uma disputa que, por um lado, inclui certas línguas e falantes, e que, por outro, exclui outras línguas e outros falantes, o que leva a considerar que quem fala espanhol não "faz parte" de quem fala português e vice-versa; além disso, os afetados pelas regularidades do funcionamento do portunhol não pertencem nem aos que falam espanhol nem aos que falam português.

Esta tese propõe uma nova perspectiva para abordar a questão, considerando um espaço enunciativo multilíngue com falantes multilíngues em termos do modo como eles se mobilizam na sociedade fronteiriça e do significado que as línguas têm para os falantes fronteiriços como um lugar de identificação. Assim, serão apresentados fragmentos do funcionamento dos sentidos das línguas para os habitantes da fronteira, em cenas enunciativas que constituem espaços de mobilização das línguas e dos falantes nessa fronteira. O convívio e a convivência entre as línguas dos povos fronteiriços são enunciados na língua da fronteira e representam um processo identitário peculiar.

1.2 Pressupostos teóricos e metodológicos

Esta proposta de tese baseia-se em um processo de pesquisa qualitativa, realizada em um projeto reflexivo e baseado em campo. As técnicas a serem empregadas incluem observação, análise documental e entrevistas, distribuídas em três fases:

1. **Fase preliminar: observação e revisão de documentos**

   Nessa etapa, foi realizada uma observação detalhada do ambiente de pesquisa, com foco na interação entre falantes de português e espanhol na fronteira oeste de Mato Grosso. Além disso, foram analisados documentos relevantes, como relatórios do IPEA e outros materiais que tratam da dinâmica linguística nessa região.

2. **Fase de coleta de dados: Questionários e entrevistas**

   A coleta de dados foi realizada por meio de questionários e entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram realizadas de forma síncrona via *Google Meet* - grupo de brasileiros - e presencialmente por meio de gravação - grupo de bolivianos, o que permitiu uma análise mais aprofundada das práticas linguísticas dos colaboradores. Os questionários foram distribuídos

por meio do *Google Forms* para obter uma amostra completa das percepções e experiências dos falantes.

3. Fase de coleta e análise de dados

Os dados coletados foram compilados e organizados para facilitar a análise. Foram realizadas análises qualitativas dos materiais, com foco na identificação de padrões e temas emergentes relacionados ao uso do portunhol e às práticas linguísticas na Fronteira Oeste.

Essa metodologia permitiu uma compreensão abrangente das complexas interações linguísticas na Fronteira Oeste de Mato Grosso, fornecendo dados valiosos sobre o papel do portunhol e das línguas em contato nesse contexto específico. Além disso, possibilitou uma reflexão sobre as implicações políticas e de identidade dessas práticas linguísticas na região.

Para nossa pesquisa, buscamos fundamentos teóricos e metodológicos nos estudos desenvolvidos no Brasil por Guimarães (2002 e 2018) na Semântica do Acontecimento, que aborda o sentido no acontecimento do dizer, na enunciação, considerando a inclusão da exterioridade da linguagem (o sujeito, a história), que podem ser entendidos como estudos da significação.

Dessa forma, buscamos estabelecer um percurso teórico e metodológico que nos permitisse observar como a questão do sentido e da referência dos processos de nomeação do termo portunhol é colocada e como tem sido concebida por algumas posições teóricas ao longo do tempo. Situamos nossa proposta de trabalho nos construtos da Semântica da Enunciação, que se configura a partir de duas perspectivas: uma que trata do funcionamento político da linguagem por meio dos estudos de Eduardo Guimarães (2002, 2005a, 2005b, 2018); e outra de uma perspectiva relacional do funcionamento da linguagem, a partir da proposta de Luiz Francisco Dias (2016, 2018a, 2018b).

Sendo a enunciação entendida como um acontecimento sócio-histórico, não no sentido da história cronológica em que os fatos representam um acontecimento social determinado no tempo, mas no sentido em que a história é constitutiva do presente de um enunciado, “sua significação é determinada pelas condições sociais de sua existência. Sua materialidade é essa historicidade” (Guimarães, 1995, p. 66), ou seja, o histórico aqui se constitui no acontecimento por uma temporalidade específica, própria do dizer.

Um aspecto importante para a *Semântica do Acontecimento* (2002) diz respeito à cena enunciativa. De acordo com Guimarães (2002), a cena enunciativa é um local particularizado por uma determinada deontologia de divisão dos lugares de enunciação no acontecimento.

Diante dessas considerações, o estudo será realizado com base na análise do funcionamento das cenas enunciativas construídas na formulação de nosso *corpus*, que consistirá em dois momentos. O primeiro para mostrar como a palavra portunhol está em funcionamento no espaço enunciativo do português brasileiro e o segundo, empiricamente, por meio do cruzamento dos dados coletados, da análise documental, dos questionários e das entrevistas semiestruturadas.

Pretendemos com este trabalho mostrar como um espaço político é constitutivamente marcado pela disputa entre línguas e falantes em um mesmo espaço de enunciação. De acordo com Guimarães (2002), é fundamental compreender que a função de uma forma linguística em um enunciado não pode ser analisada isoladamente, sem considerar sua contribuição para o texto como um todo. A forma linguística desempenha um papel constitutivo no significado geral do texto. Além disso, na *Semântica do Acontecimento*, o texto é conceituado como uma unidade de significado que unifica os enunciados no acontecimento da enunciação (Guimarães, 2011). Essa integração ocorre por meio de uma relação transversal entre os enunciados.

Dessa forma, Guimarães ressalta a importância de analisar as formas linguísticas no espaço mais amplo do texto, enfatizando como elas contribuem para a construção do significado. Essa perspectiva destaca a complexidade e a interconexão entre os elementos linguísticos em um enunciado. Além disso, a definição de texto na *Semântica do Acontecimento* destaca sua natureza como uma unidade coesa de significado que emerge no ato da enunciação, consolidando a relação entre os enunciados. Essa abordagem enfatiza a dinâmica e a coesão intrínseca dos elementos textuais.

Tomando o conceito de "político" de Guimarães (2002), podemos dizer que o homem, ao falar, é tomado pela linguagem que funciona na enunciação. A política opera no acontecimento enunciativo, provocando uma divisão desigual do real que está ligada a uma divisão desigual do social, uma divisão entre instituições privadas e estatais, divisões linguísticas, geográficas e de poder.

Para a pesquisa qualitativa, adotamos a abordagem de estudo de caso e os dados foram coletados por meio de entrevistas realizadas de novembro de 2020 a novembro de

2022. Por motivos de biossegurança, as entrevistas foram adiadas várias vezes. Isso ocorreu porque o mundo estava passando por uma pandemia de (COVID-19), uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que levou à interrupção generalizada da vida, e a fronteira oeste de Mato Grosso/Brasil não foi diferente. Portanto, o processo de coleta de dados no local foi adiado quando a cidade de Cáceres entrou em isolamento devido à crise sanitária. Durante esse período, todas as atividades foram interrompidas no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - Plataforma Brasil. Posteriormente, houve a retomada das operações, mas de forma totalmente remota, com a adoção de uma esfera digital e tecnológica.

Por último, mas não menos importante, por razões pessoais de biossegurança, tivemos que deixar várias etapas da pesquisa em aberto, como viajar para San Matías/Bolívia com mais frequência para observações e para poder realizar entrevistas. Esse foi outro ponto que foi alterado, o impacto da pandemia (COVID-19) fechou a fronteira por um bom período de tempo, nesse momento, decidimos coletar dados apenas do lado brasileiro em Cáceres/MT. Nesse cenário de pandemia, é importante destacar a dificuldade de acesso a fontes primárias de informação, como entrevistas com colaboradores.

Em muitos casos, essas entrevistas foram canceladas para salvaguardar a biossegurança do pesquisador e do informante, o que exigiu a reorganização de outras formas de coleta, como o uso de questionários via *Google Forms*, como forma de lidar com a pandemia. O link foi enviado via *Facebook Messenger* e/ou *WhatsApp*. No entanto, utilizamos uma abordagem mista composta por seleções de depoimentos coletados de fontes primárias, como entrevistas semiestruturadas realizadas por meio do *Google Forms, Google Meet* e presencialmente, e fontes secundárias, como dados do IPEA e designações da palavra portunhol no espaço de enunciação do português brasileiro.

No primeiro momento, enfocamos a análise do funcionamento da palavra portunhol no espaço de enunciação do português brasileiro. No segundo momento, voltamos à questão das línguas em contato na fronteira entre o oeste do Brasil e o leste da Bolívia, tradicionalmente abordada a partir da descrição dos resultados dos contatos entre os sistemas linguísticos do português e do espanhol, bem como das práticas linguísticas resultantes desses contatos.

1.3 Objetivos, perguntas de pesquisa e hipóteses de pesquisa

1.3.1 Objetivos

Objetivos gerais:

OG(i). Analisar a relação entre as línguas portuguesa brasileira e espanhola boliviana no espaço de enunciação do português brasileiro na cidade de Cáceres, na fronteira oeste de Mato Grosso, Brasil, a fim de compreender em que medida o portunhol se constitui nas práticas sociais e linguísticas dos falantes dessa região.

OG(ii). Observar a constituição da designação da palavra portunhol e seu funcionamento no espaço de enunciação do português brasileiro.

OG(iii). Compreender a configuração do espaço de enunciação na fronteira oeste de Mato Grosso, na cidade de Cáceres, Brasil.

GC(iv). Propor diretrizes gerais para o treinamento de ensino de idiomas na fronteira, com base no funcionamento linguístico do bilinguismo português-espanhol e na didática do processo de Intercompreensão (IC).

Objetivos específicos:

SO(i). Analisar o funcionamento semântico enunciativo do termo portunhol no espaço de enunciação do português brasileiro.

SO(ii). Analisar fragmentos do documento do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) para verificar como a palavra portunhol está em funcionamento na fronteira oeste de Mato Grosso, Brasil.

OE(iii). Analisar, por meio dos dados coletados na pesquisa de estudo de caso, a simetria e/ou assimetria socioeconômica presente na fronteira oeste de Mato Grosso para determinar se essa relação afeta a dinâmica linguística dessa região.

SO(iv). Identifique os espaços e as situações em que o uso do portunhol é mais predominante entre os falantes dessa região fronteiriça.

SO(v). Analisar fragmentos retirados do estudo de caso, realizados nos questionários (*Google Forms*) e nas entrevistas semiestruturadas (*Google Meet e gravador*) para compreender a relação entre as línguas portuguesa e espanhola em um mesmo espaço de enunciação do português brasileiro.

SO(vi). Promover a disseminação da consciência do bilinguismo: português-espanhol e promover uma discussão sobre o ensino de línguas na fronteira com base na didática do Processo de Intercompreensão (CI).

1.3.2. Perguntas de pesquisa

As perguntas de pesquisa que orientam nosso estudo são as seguintes:

1. Como a palavra "portunhol" está funcionando no espaço de enunciação do português brasileiro?
2. Como se estabelece a dinâmica interlinguística entre o português brasileiro e o espanhol boliviano no espaço de enunciação do português brasileiro na região da fronteira oeste de Mato Grosso?
3. Qual é a relação entre os idiomas português brasileiro (brasileiro) e espanhol boliviano (boliviano), na fronteira oeste do Mato Grosso, agora reconhecidos como cidades gêmeas?
4. Como a relação entre o português brasileiro e o espanhol boliviano se manifesta no espaço de enunciação do português brasileiro na cidade de Cáceres, e qual é o impacto disso no uso político da língua na região de fronteira? Como o espanhol é significado por esse movimento linguístico?
5. Com base nas práticas linguísticas observadas no contexto do bilinguismo entre o português e o espanhol em Cáceres/MT, como se constitui o portuñol e quais são suas características específicas na configuração desse espaço de enunciação?
6. Até que ponto os falantes do português brasileiro e do espanhol boliviano são afetados pelo Portuñol?

7. Como se dá o funcionamento enunciativo entre o português brasileiro e o espanhol boliviano no espaço de enunciação da fronteira oeste e como funciona o processo de intercompreensão nessa relação entre línguas e falantes?
8. Como se configura o espaço de enunciação da língua portuguesa brasileira na cidade de Cáceres, na fronteira oeste de Mato Grosso, Brasil?

1.3.3. Hipóteses de pesquisa

Em relação ao que é proposto nesta tese, nossas hipóteses são formuladas da seguinte forma:

H.1 Considerando o funcionamento de "portunhol" no espaço de enunciação do português brasileiro, postula-se que as designações dessa palavra tendem a ser predominantemente associadas a sentidos negativos, sendo raramente utilizadas em contextos positivos. Esse fenômeno reflete a tendência de se valorizar as formas puras do português e do espanhol, enquanto o portunhol é frequentemente percebido pelos falantes como um desvio linguístico.

H.2 Ao considerar a pesquisa realizada no espaço de enunciação do português brasileiro, observa-se que o português brasileiro tende a se sobrepor no ambiente do funcionamento linguístico da língua oficial/nacional.

H.3 O espaço de enunciação na fronteira oeste de Mato Grosso, onde coexistem o português brasileiro e o espanhol boliviano, configura-se como um ambiente propício ao surgimento do fenômeno linguístico conhecido como portunhol.

H.4 A relação entre as línguas portuguesa do Brasil e espanhola da Bolívia nessa região de fronteira, em seu funcionamento, pode construir práticas linguísticas que resultam no silenciamento de uma em detrimento da outra (do espanhol em relação ao português).

1.4 Metodologia e organização da tese

Esta tese contém uma parte teórica e um estudo de caso que descreve o estudo de campo que foi realizado para testar as hipóteses. A parte teórica é uma exploração

bibliográfica realizada em várias subdisciplinas linguísticas, como Semântica, em particular, Semântica da enunciação, línguas em contato, com atenção especial ao português e à intercompreensão e, finalmente, atitudes em relação às línguas de herança e de acolhimento. Para realizar essa exploração, consultamos todos os tipos de fontes bibliográficas, que acessamos por meio dos repositórios disponíveis na Biblioteca da UCM, diferentes bancos de dados, como o MLA e o LLBA e, a partir da FECYT, acessamos o Scopus e o Web of Science (WOS). Além disso, usamos os bancos de dados Scielo e Capes, bem como fontes abertas na Internet, como ResearchGate ou Google Scholar.

O estudo de caso tem sua própria metodologia, conforme explicado na seção atual. Duas ferramentas principais foram usadas para a coleta de dados: pesquisas e entrevistas (semidirigidas). Essas ferramentas possibilitaram a obtenção de materiais suficientes para criar um corpus específico, o primeiro dessa riqueza de materiais linguísticos da área.

A metodologia geral da tese teve de ser adaptada às circunstâncias especiais em que este relatório foi realizado, a pandemia da COVID-19. Apesar desse contratempo imprevisto, a metodologia foi adequada e permitiu a coleta de muitos dados válidos na parte de campo do estudo, embora tenha sofrido atrasos de acordo com o planejamento inicial do plano de pesquisa.

A tese está organizada em três partes estruturadas em capítulos:

Capítulo 1: Abordagem de pesquisa;

Capítulo 2: Fundamentos teóricos: *Enunciação e Semântica do Acontecimento;*

Capítulo 3: Bilinguismo português-espanhol e análise do funcionamento da palavra português-espanhol; Intercompreensão (IC) ;

Capítulo 4: Estudo de caso: metodologia de pesquisa quantitativa e qualitativa;

Capítulo 5: O espaço de pesquisa e uma análise documental;

Capítulo 6: O espaço de enunciação na fronteira oeste de Mato Grosso;

Conclusão.

Portanto, no capítulo 1, apresentamos uma abordagem de pesquisa que inclui: justificativa; pressupostos teóricos e metodológicos; objetivos, perguntas e hipóteses da pesquisa; e metodologia e organização da tese.

No Capítulo 2, o referencial teórico, apresentamos as linhas teóricas e as perspectivas epistêmicas para a análise da relação entre as línguas portuguesa e espanhola

no espaço enunciativo da fronteira oeste de Mato Grosso. Desse modo, delineamos as noções que configuram a perspectiva teórico-metodológica que fundamenta este trabalho do ponto de vista dos estudos da linguagem, por meio da Semântica da Enunciação, com base, principalmente, em (Guimarães, 2005, 2007b, 2011 e 2018; Dias, 2016, 2018a, 2018b e 2021).

Para orientar a discussão, inicialmente, foram propostas algumas distinções em relação às práticas linguísticas denominadas portunhol, a fim de determinar as diferentes relações sujeito-linguagem a que essa designação se refere em várias situações (Lipski, 2009; Mota, 2012; Sturza, 2004, 2006, 2019; Waltermire, 2012; Sturza e Tatsch, 2016; Matesanz, 2019; Matesanz, Ferreira-Martins, Almeida-Lara, 2024).

No capítulo 3, apresentamos uma discussão sobre consciência linguística e bilinguismo português-espanhol e a construção de enunciados multilíngues. Apresentamos alguns autores que trataram da questão do português como a articulação da consciência linguística na construção de enunciados multilíngues por meio da intercompreensão. Abordamos a questão do portunhol não estável em relação aos estudos sobre bilinguismo: português-espanhol (RIE[2] OEI, 2019). Nessa primeira etapa, realizamos uma análise das designações de portunhol e sua incorporação no funcionamento do português brasileiro. De acordo com Dias (2018), as articulações subnominais, que constituem as bases para a entrada de substantivos no léxico de uma língua, provêm de enunciados que as determinam. No caso da incorporação de portunhol como uma unidade significativa na língua, a articulação é subnominal. Foram criadas redes enunciativas de enunciados descritivos que fundamentam o surgimento/funcionamento dessa palavra.

Para uma melhor compreensão do nosso estudo, destacamos que os falantes compartilham dois tipos de discursos: monolíngues ou multilíngues: (i) os falantes compartilham uma língua e recorrem a estratégias como code-switching, code-mixing ou o funcionamento de uma língua oralizada, como o português; (ii) os falantes não compartilham línguas, nem nativas nem segundas línguas, mas algumas das línguas que possuem (L1-L2, Ln) têm uma relação tipológica e de proximidade, ou seja, algumas de suas línguas pertencem à mesma família linguística. No primeiro caso, temos uma situação que produz um discurso monolíngue, no segundo, uma prática de

[2] EIR/OEI. Disponível em: https://rieoei.org/RIE/issue/view/Bilinguismo/bilinguismo. Acessado em: 05/02/2022.

intercompreensão (Matesanz, 2019, p. 79-80).

Ainda no Capítulo 3, abordamos o processo de intercompreensão, uma prática milenar enraizada no multilinguismo (Olmo, 2018, 2019; Matesanz, 2017, 2019). Ao explorar esse recurso linguístico, mostraremos sua evolução ao longo do tempo, destacando sua relevância e aplicação contemporânea no campo do bilinguismo entre o português brasileiro e o espanhol boliviano na região da fronteira de Cáceres/MT. Esse exame detalhado permite uma compreensão profunda das nuances envolvidas na intercompreensão e sua contribuição significativa para a dinâmica linguística e cultural dessa localidade. Além disso, ele nos ajudará a entender como os falantes são afetados por esse processo, não da perspectiva da comunicação, mas da perspectiva da enunciação.

No capítulo 4, apresentamos a Metodologia de Pesquisa para o estudo de caso, onde apresentamos a metodologia seguida: pesquisa qualitativa, estudo de caso, instrumentos e coleta de dados dos colaboradores, bem como de fontes primárias: brasileiras e bolivianas, e fontes secundárias. Também discute os riscos, a metodologia e o cruzamento de dados pessoais coletados por meio de questionários *do Google Forms* e entrevistas síncronas realizadas pelo *Google Meet* (grupo de brasileiros) e entrevistas presenciais por gravador/telefone celular (grupo de bolivianos).

No Capítulo 5, apresentamos o ambiente de coleta de dados de nossa pesquisa. Cáceres é a principal cidade na fronteira oeste de Mato Grosso com a Bolívia, tanto em termos de população quanto em termos econômicos, devido à sua proximidade e acesso a San Matías. Dado o status de cidade gêmea, é importante destacar como a fronteira oeste sempre foi caracterizada pelo fluxo constante de pessoas para ambos os países. Também foi realizada uma análise documental na qual, por meio de trechos do documento do IPEA (Instituto de Investigación Económica Aplicada), tentamos mostrar como a língua portuguesa está funcionando nas cidades gêmeas de Cáceres/San Matías.

No Capítulo 6, analisamos um *corpus* composto por fragmentos obtidos de dados coletados em um estudo de caso no espaço de enunciação do português brasileiro na cidade de Cáceres, Mato Grosso. Esses fragmentos foram extraídos de questionários *do Google Forms* (escritos) e de entrevistas semiestruturadas realizadas de forma síncrona via *Google Meet* (grupo 1 - brasileiros) e presencialmente com gravação de áudio (grupo 2 - bolivianos). Posteriormente, esses dados foram analisados, cruzando as informações coletadas para verificar as simetrias e/ou assimetrias socioeconômicas e, assim, investigar a configuração do espaço de enunciação na Fronteira Oeste de Mato Grosso.

Por fim, apresentamos as conclusões, nas quais mostramos o grau de cumprimento de nossos objetivos, retomamos nossas hipóteses propostas e respondemos se elas foram confirmadas ou refutadas, bem como respondemos às nossas perguntas de pesquisa. E, por meio das análises, mostramos os resultados da pesquisa para chegar à configuração do espaço de enunciação da fronteira oeste de Mato Grosso. Concluindo, podemos dizer que retomaremos o percurso das práticas linguísticas para interpretar os dados de acordo com as condições históricas de formação da sociedade fronteiriça, que de alguma forma se configurou em uma política linguística, sustentada pela argumentatividade do sentido do português brasileiro sobre as demais práticas linguísticas fronteiriças.

A bibliografia e os anexos estão listados abaixo.

CAPÍTULO 2
FUNDAMENTOS TEÓRICOS
A ENUNCIAÇÃO E A SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO

Quando um pesquisador se depara com um problema para o qual aparentemente não há resposta, isso gera inquietação. Essa inquietação é um fator decisivo porque estimula o pesquisador a fazer perguntas amplas sobre o objeto de estudo. A falta de uma solução para o problema estimula o pesquisador a procurar respostas e soluções. No caso aqui proposto, nosso objeto envolve língua, linguagem, espaço de fala e falantes em relação ao processo de funcionamento da linguagem que escapa a qualquer categoria de controle: o contato entre diferentes línguas e falantes em uma região de fronteira entre dois estados-nação moldada e significada por histórias diferentes, mas, ao mesmo tempo, relacionadas.

Não há o que contestar, o homem fala, e fala das mais diversas e variadas formas; o homem sempre fala com outro homem independentemente do tempo ou do espaço em que se encontra; falar é natural e inerente ao homem em geral. É sob essa perspectiva, de que os homens falam, e falam a outros homens sendo assumidos por diferentes linguagens e modos de dizer, que somos pesquisadores de uma disciplina que nos leva a considerar a produção de sentidos na e pela linguagem, a *Semântica do Acontecimento* (Guimarães, 2002 e 2018).

A Semântica do Acontecimento é uma teoria desenvolvida no Brasil por Guimarães (2002 e 2018). Os estudos enunciativos são baseados em linguistas franceses. Na contemporaneidade, os estudos linguísticos avançaram significativamente com as pesquisas desenvolvidas por Guimarães (2002) e colaboradores, e têm contribuído cada vez mais para a disseminação do conhecimento linguístico, especialmente com ênfase na Semântica Enunciativa.

Neste capítulo, apresentaremos os construtos teóricos da Semântica do Acontecimento (2002 e 2018), com base nos estudos de Eduardo Guimarães, que considera a constituição do sentido a partir da linguagem em sua relação com os sujeitos, a língua e o sociohistórico. Também mobilizaremos a *Semântica da Enunciação* desenvolvida por Luiz Francisco Dias (2015, 2018 e 2021). Destacando as bases conceituais dos linguistas cujos conceitos foram incorporados ao longo da pesquisa.

Assim, podemos dizer que a enunciação é "o acontecimento do funcionamento da língua no espaço da enunciação" (Guimarães, 2018, p. 22), e que, para Dias, é "o acontecimento de produção do enunciado" (Dias, 2015a, p. 15). De acordo com Guimarães (2018), o acontecimento de linguagem ocorre no espaço da enunciação. Discutiremos esses conceitos mais adiante.

Dias (2015 e 2018), ao tratar do espaço de enunciação, amplia o quadro teórico a partir dos conceitos de "referencial histórico" e "pertinência enunciativa[3]", que se manifestam por meio da relação entre fragmentos de memória de significação (memorável) e a demanda do presente (atualidade). Desse modo, é a pertinência do acontecimento enunciativo que movimenta as articulações constitutivas do dizer no espaço da enunciação (Dias, 2018).

Também trabalharemos com o procedimento de análise de Redes Enunciativas, desenvolvido por (Dias, 2018), no âmbito de um modelo de análise da enunciação, baseado em Guimarães (2002 e 2018), relacionado ao caráter sócio-histórico da significação.

2.1 Enunciação e a semântica do evento

Emile Benveniste, por meio de sua obra em dois volumes intitulada "*Problemas de Linguística Geral I e II*", desempenhou um papel fundamental na introdução de estudos profundamente significativos que levaram ao surgimento de novas perspectivas reveladoras no campo da linguística, especificamente no que diz respeito aos estudos enunciativos. O linguista francês considera a enunciação como o "ato individual de utilização que coloca a língua em funcionamento" (Benveniste, 1989, p. 82). Há, portanto, uma diferença entre o uso de formas e o uso da língua, que é determinado pela relação entre a língua e seu falante. Considerar o papel do falante na configuração do "ato individual" é importante, tendo em mente que "antes da enunciação, a linguagem é apenas a possibilidade da linguagem". Dessa forma, o sujeito toma a linguagem e a faz funcionar. Nessa ação "individual", ela se atualiza em cada prática enunciativa.

A semântica como disciplina linguística, segundo Guimarães (2018, p. 7), preocupa-se em "compreender o funcionamento da linguagem e das línguas". Desse

[3] Os conceitos de referência histórica e relevância enunciativa serão abordados no subcapítulo 2.3.1.

modo, o linguista lida com elementos que se constituem em uma relação objetiva entre o simbólico, a história e o sujeito (falante) que enuncia. Nessa perspectiva, a história não é cronológica, mas é considerada como uma diferença nos acontecimentos da enunciação. A teoria considera a linguagem em uma relação "com o mundo, com as coisas, com a realidade" (Guimarães, 2018, p. 7). E é preciso pensar que o sentido é produzido na e pela enunciação.

Ao definir a enunciação como "a língua posta em funcionamento pelo interdiscurso no acontecimento" (Guimarães, 2005b: 86), faz-se a distinção em relação à definição de enunciação apresentada por Benveniste (1962: 82), em que a enunciação "é essa colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização", uma vez que a inserção do locutor na língua, pelo ato individual de apropriação, é o parâmetro essencial para as condições de enunciação. Guimarães (2002), por sua vez, descentraliza o sujeito (falante) e diz ainda que a enunciação se dá como um acontecimento de linguagem e se faz no/pelo funcionamento da língua, Guimarães (2005b: 11).

As definições apresentadas por Ducrot; Ascombre (1986, p. 168), estes trazem o termo "enunciação" como:

> acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado. A realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico: é dado existência a alguma coisa que não existia antes de falar e que não existirá mais depois. É esta aparição momentânea que chamo "enunciação".

Essa distinção feita em relação ao conceito de enunciação proposto por Ducrot; Ascombre se dá pela limitação da concepção de sentido "em que a enunciação do enunciado esgota a representação de seu sentido" (Guimarães, 2005b, p. 61).

Outra distinção entre a noção de enunciação definido por Guimarães, mostra que a sua abordagem é diferente de Benveniste, pois, este considera a centralidade do sujeito como essencial para a enunciação, a caracterização da enunciação é realizada "em discordância com o princípio de arbitrariedade" (Guimarães, 2005b, p. 86).

No Brasil a Enunciação é trabalhada por Guimarães (2002, p. 8) que é tomada "enquanto acontecimento de linguagem, se faz pelo funcionamento da língua". Pois a noção de acontecimento para a enunciação é mostrar que, ao funcionar, a enunciação instala uma temporalidade própria. Guimarães em seus estudos sobre enunciação lança sua obra Semântica do Acontecimento, (2002), produzindo uma perspectiva particular e distinta sobre a enunciação e o funcionamento enunciativo; conceitua a noção de

enunciação enquanto um acontecimento de linguagem que se dá pelo funcionamento da língua. Para Guimarães (2002, p. 7), "a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer". O acontecimento instaura uma temporalidade que não é cronológica, mas simbólica.

Conforme Karim (2012, p. 72), Guimarães trata a história de modo diferente ao de Ducrot. "A história é determinante da significação, não se trata de uma história cronológica, mas sim de uma condição que na sua própria materialidade social historiciza". A história é, assim, determinante no acontecimento enunciativo por trazer a ele um passado de sentidos, que se pode dizer que é a rememoração de enunciados e que ressignificam na temporalidade específica do acontecimento. Assim, Guimarães (2002) considera:

> [...] que algo é acontecimento enquanto diferença na sua própria ordem. O que caracteriza a diferença é que o acontecimento não é um fato no tempo. Ou seja, não é um fato novo enquanto distinto de qualquer outro ocorrido antes no tempo. O que o caracteriza como diferença é que o acontecimento temporaliza. Ele não está num presente de um antes e de um depois no tempo. O acontecimento instala sua própria temporalidade: essa sua diferença. [...] o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação (Guimarães, 2002, p.11-12).

Tendo em conta a enunciação enquanto um acontecimento, vejamos agora um pouco melhor a teoria à qual nos filiamos aqui enquanto arcabouço teórico constituído por dispositivos analíticos e metodológicos particulares, e que será o lugar por nós assumido para nossas análises, a Semântica do Acontecimento, formulada por Guimarães (2002/2018).

2.2 A Semântica do Acontecimento

Considerando o que vimos até o momento, deve-se então aprofundar naquilo que tomamos aqui como nosso lugar teórico de fato. A enunciação é uma noção que segue, ainda hoje, em discussão por perspectivas distintas que podem, ou não, dialogar entre si. Contudo, as análises que comporão este trabalho serão observadas a partir de uma semântica que considera a produção dos sentidos a partir de um funcionamento específico da enunciação. Vejamos, assim, como se constitui esta disciplina que ocupa um importante espaço nos estudos que abordam a ciência linguística atual.

A Semântica do Acontecimento, é uma teoria desenvolvida no Brasil por Guimarães (2002/2018). Os estudos enunciativos se fundamentam em linguistas franceses. Em plena contemporaneidade, os estudos linguísticos, vêm tendo avanços significativos com as pesquisas desenvolvidas por Guimarães (2002/2018), e colaboradores, e vem contribuindo cada vez mais para a disseminação do saber linguístico, principalmente com ênfase à Semântica da Enunciação.

Guimarães (2002/2018) adota uma perspectiva enunciativa da linguagem que lhe apresenta um modo particular de constituição da Semântica no Brasil, e que também prospectaram questões pertinentes à constituição da Semântica Histórica da Enunciação:

> Deste modo, o percurso feito até aqui persegue posições que tratam a significação naquilo que depois de Saussure tornou-se a exterioridade da língua. Isto se constrói considerando o sentido na perspectiva referencialveritativa, ou de outro ponto de vista, como intenção do sujeito, ou, ainda, como ação entre sujeito, ou numa formulação mais linguística, como relação do sujeito com a língua. Com exceção desta última posição, o sentido acaba não sendo tratado como linguístico, e a linguagem aparece como instrumento para informar, expressar o pensamento, expressar intenções, agir (Guimarães, 2005b, p. 65).

Guimarães (2005b) procura construir o espaço próprio para a definição de sentido, o que no início da ciência linguística, foi deixado de lado por Saussure, ou seja, o "exterior da língua", ou, de outro modo, a historicidade que se constitui enquanto um espaço que "[...] procura se apresentar a partir da consideração de que a significação é histórica, não no sentido temporal, historiográfico, mas no sentido de que a significação é determinada pelas condições sociais de sua existência" (Guimarães, 2005b, p. 66).

Vale ressaltar que, para Guimarães (2002), o acontecimento se constitui pela rememoração de enunciados (o já dito), lembrando que esse "já dito" de acontecimentos não pode ser confundido com a memória discursiva.

Para o teórico, a Semântica é definida como "uma disciplina linguística cujo objetivo é compreender o funcionamento da linguagem e das línguas" (Guimarães, 2008, p. 7). A Semântica do Acontecimento, Guimarães (2002/2018), nos dará suporte para refletirmos sobre o nosso objetivo. Nesta direção que nos propomos aqui destacar as noções que constituem a teoria à qual nos filiamos que serão de importância decisiva para a produção de nossas análises partindo deste lugar. Desse modo, se faz necessário iniciar considerando a noção de linguagem, uma vez que, nesta pesquisa, vamos trabalhar a língua não apenas como uma estrutura, mas também como um fenômeno social e histórico. Assim, o conceito de linguagem é apresentado por Guimarães como:

> um fenômeno histórico que funciona segundo um conjunto de regularidades, socialmente construídas, que se cruzam e podem ir permitindo mudanças nos fatos sem que isso possa ser visto como desvio ou quebra de uma regra. Quanto a uma língua, diríamos que ela é uma dispersão de regularidades lingüísticas que a caracteriza, necessariamente, como fenômeno constituído sócio-historicamente (Guimarães, 1998, p.17).

Observaremos, assim, que a linguagem se dá enquanto um conjunto de regularidades que tem como característica o colocar em funcionamento a língua, seus elementos. Ou seja, a linguagem é definida como uma prática social constituída sócio-historicamente. Vejamos aqui mais de perto outras noções que têm o par língua/linguagem como elementos decisivos como, o acontecimento, a enunciação e a temporalidade.

2.2.1 Acontecimento / Enunciação / Temporalidade

A Semântica do Acontecimento se propõe a tratar a significação, a partir do acontecimento do dizer, que considera a inclusão da exterioridade da língua (o sujeito, a história) como parte constitutiva dos estudos da significação.

Considerando nosso lugar teórico assumido aqui, como supracitado, tomaremos uma direção mais profunda em relação à constituição da noção de enunciação conforme a perspectiva de teóricos que desenvolveram estudos nesse campo, porém, observaremos de maneira mais específica e pertinente os trabalhos produzidos e desenvolvidos no Brasil por Guimarães (1989/2002/2018) e Dias (2015/2018).

A partir dos pressupostos teóricos dos pesquisadores acima citados, pautados no Glossário de termos da Semântica da Enunciação, elaborado por Silva (2019), mobilizaremos, algumas definições para o termo ‘enunciação’.

> - A **enunciação** é o acontecimento sócio-histórico de produção do enunciado(Guimarães, 1989, p. 78).
> - Defino **enunciação** como o pôr-se a língua em funcionamento movimentada pelo interdiscurso, quando alguém ocupa aí uma posição de sujeito (Guimarães, 1996, p. 101).
> - A **enunciação** é o acontecimento que produz sentido. Ou seja, o sentido se produz pela enunciação, pelo acontecimento de funcionamento da língua. E esteacontecimento se apresenta como se dando pela existência de uma

língua, por que há falantes que são tomados enquanto falantes pela relação com tal língua (Guimarães, 2018, p. 22).

- A **enunciação** é o acontecimento de funcionamento da língua no espaço de enunciação (Guimarães, 2018, p. 23).
- A **enunciação** é o acontecimento de funcionamento da língua, cuja especificidade é a sua temporalidade própria (o passado, presente e futuro de sentidos que constitui) (Guimarães, 2018, p. 43).
- A **enunciação** é o acontecimento de produção do enunciado, o qual adquire sentido na medida em que uma atualidade motivadora da formulação adquire pertinência na relação com outras enunciações, concebidas como traços da memória discursiva (Dias, 2015, p. 15).
- A **enunciação** é a apreensão de um enunciado na sua condição deacontecimento, tendo em conta a sua inserção na sucessão dos fenômenos, tanto do ponto de vista da anterioridade que sustenta esse enunciado quanto do ponto de vista da posterioridade para a qual aponta (Dias, 2015, p. 08).
- A **enunciação** é o acontecimento de produção de sentido, resultando em um enunciado que adquire pertinência social (Dias, 2018, p. 45).
- A enunciação é o acontecimento de produção do enunciado, em que a memória encontra relação com a atualidade do dizer, as formações nominais amparam as condições formais de enunciação, atualizando o referencial histórico (Dias, 2018, p. 196).

Nas definições de enunciação apresentadas, é possível verificar que diversas noções trazem aspectos comuns, aspectos estes que se complementam e/ou se relacionam, acoplando elementos e evoluindo o campo de estudos. Contudo, os registros de formas diferentes, apontam para uma base conceitual de início, referindo-se ao acontecimento do funcionamento da língua e da produção de sentido em um determinado espaço de enunciação. Dessa maneira, apresentaremos como se constitui o espaço de enunciação em que o acontecimento linguístico de produção de sentido se manifesta.

Antes de qualquer coisa, é de modo decisivo aqui apresentar o fato de que todo e qualquer acontecimento de linguagem se dá, de maneira incontornável, em um espaço de enunciação. Não há, assim, acontecimento fora de um espaço de enunciação determinado. Por outro lado, é também central observar o fato de que o espaço de enunciação só é assim configurado a partir do acontecimento de enunciação, ou seja, a

partir do acontecimento de enunciação que se é possível a configuração de tal espaço enquanto sua significação como, por exemplo: “espaço de enunciação da Espanha, espaço de enunciação do Brasil, espaço de enunciação da fronteira Oeste etc.”. O espaço de enunciação é assim uma noção de natureza mais descritiva e procedimental que permite ao analista observar o funcionamento das línguas e sua distribuição aos falantes.

Em Guimarães (2005), no campo da enunciação, é introduzido além da ‘língua’ (relação sócio-histórica no enunciado) e do ‘sujeito’ (que ao falar é tomado por uma memória de sentidos, classificado para o teórico de locutor); levando em conta que existem dois elementos importantes do acontecimento de linguagem: o ‘real’, a materialidade histórica do real que faz a língua funcionar pelo simbólico, e a ‘temporalidade’ se,

> configura por um presente que abre em si uma latência de futuro (uma futuridade), sem a qual não há acontecimento de linguagem, sem a qual nada é significado, pois sem ela (a latência de futuro) nada há ai de projeção de interpretável. O acontecimento tem como seu um depois incontornável próprio do dizer. Todo acontecimento de linguagem significa por que projeta em si um futuro (Guimarães, 2005, p. 12).

Ao considerar a enunciação um acontecimento, o memorável será tratado enquanto o passado do acontecimento. Guimarães (2005, p.12), “o passado é, no acontecimento, rememoração de enunciados, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalidade, tal como a latência de futuro”. Assim o memorável é tomado como um recorte da memória e se faz na enunciação. A enunciação é o acontecimento do funcionamento da língua, cuja especificidade é sua temporalidade própria (o passado, presente e futuro de sentidos que constitui) (Guimarães, 2018, p.43).

> E o que é esta **temporalidade**? De um lado, ela se configura por um **presente** que abre em si uma latência de **futuro** (uma futuridade), sem a qual não há acontecimento de linguagem, sem a qual nada é significado, pois sem ela (a latência de futuro) nada há aí de projeção, de interpretável. O acontecimento tem como seu um depois incontornável, e próprio do dizer. Todo acontecimento de linguagem significa porque projeta em sim mesmo um futuro.
> Por outro lado, este presente e futuro próprios do acontecimento funcionam por um **passado** que os faz significar. Ou seja, esta latência de futuro, que, no acontecimento, projeta sentido, significa porque o acontecimento recorta um passado como **memorável**.
> A **temporalidade** do **acontecimento** constitui o seu **presente** e um depois que abre o lugar dos sentidos, e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal dos fatos anteriores. O **passado** é, no

> **acontecimento**, rememorações de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de **futuro**. É nessa medida que **o acontecimento é diferença na sua própria ordem**: o **acontecimento é sempre uma nova temporalização**, um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação (Guimarães, 2002, p.11-12, grifos nossos).

2.2.2 O espaço de enunciação, a cena enunciativa, a política e a argumentação

Como dissemos anteriormente, é fundamental para esta tese a consideração do funcionamento do político na/da linguagem da maneira como o define Guimarães (2002) quando observadas a noção e a configuração do espaço de enunciação. Assim, para Guimarães (2002) o político é:

> caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos. Deste modo o político é um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento. Mais importante ainda para mim é que deste ponto de vista o político é incontornável porque o homem fala. O homem está sempre a assumir a palavra, por mais que está lhe seja negada. (Guimarães, 2002, p. 16).

O espaço de enunciação é assim um espaço político marcado pela distribuição desigual das línguas aos seus falantes e por ser um espaço dividido pelos modos e pelas formas de dizer e de acesso à palavra. Ou seja, o espaço de enunciação é um espaço político porque as línguas agenciam seus falantes por maneiras desiguais no recorte do real constituído na e pela partilha do sensível onde uns tomam parte e outros não. Enunciar é assim afirmar o pertencimento dos não incluídos. Dessa maneira, "a política funciona no acontecimento enunciativo, provocando uma divisão desigual do real que está vinculada a divisão desigual do social, divisão de instituições privadas e estatais, divisões de línguas, geográficas e de poder". Sturza (2019, p. 98). Portanto, assim afirma Guimarães: "O acontecimento de linguagem por se dar nos espaços de enunciação é um acontecimento político" (Guimarães 2002, p. 17). Assim, falar é tomar um lugar social e estar agenciado pelo mesmo, sendo que:

> o funcionamento de uma língua é diretamente afetado por suas divisões, tanto geográficas (horizontais), quanto sociais (verticais). Esta posição, ao se colocar como oposta a posições como a variacionista, [...] marca diretamente o caráter político da enunciação (GUIMARÃES, 2007b, p.205).

No acontecimento de enunciação o funcionando na linguagem é político, que segundo Guimarães é,

> [...]a relação entre a língua e o falante, pois só há línguas porque há falantes e só há falantes porque há línguas. E esta relação não pode ser tomada como uma relação empírica. Por exemplo, no Brasil se fala Português, na França, Francês etc. Ou ainda, no Paraguai se falam o Espanhol e o Guarani. Esta relação entre falantes e línguas interessa enquanto um espaço regulado e de disputas pela palavra e pelas línguas, enquanto espaço político, portanto.
> [...]Os falantes não são indivíduos, as pessoas que falam esta ou aquela língua. Os falantes são estas pessoas enquanto determinadas pelas línguas que falam. Neste sentido falantes não são as pessoas na atividade físico-fisiológica, ou psíquica, de falar. São sujeitos da língua enquanto constituídos por este espaço de línguas e falantes que chamo de espaço de enunciação. (GUIMARÃES, 2003, p.22).

Pois para Guimarães (2007), falar é tomar a palavra num espaço dividido de falantes e línguas. Assim,

> Os espaços de enunciação são espaços "habitados" por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. São espaços constituídos politicamente pela equivocidade própria do acontecimento: da deontologia que organiza e distribui papéis, e do conflito, indissociado desta deontologia, que redivide o sensível, os papéis sociais. (GUIMARÃES, 2003, p.23).

Para Guimarães (2005), é o espaço de enunciação que torna a língua uma prática política, que funciona no ato da fala, e falar é assumir a palavra num espaço de enunciação de disputas entre falantes e língua. Enunciar é colocar a língua em funcionamento. Pois a admissão da palavra se dá em cenas enunciativas, assinalado por "constituir modos específicos de acesso à palavra, dadas as relações entre as figuras de enunciação e as formas linguísticas". (GUIMARÃES, 2005, p. 23). A cena enunciativa na Semântica do Acontecimento, é "um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento". (GUIMARÃES, 2005, p. 23).

O acontecimento enunciativo é produzido num espaço de enunciação enquanto cena enunciativa, a materialidade do dizer se dá porque existe uma fonte do dizer. "No

acontecimento de enunciação estabelece-se uma alocução, ou seja, uma relação constituída pela prática da linguagem, pelo agenciamento dos falantes que assim dizem" (GUIMARÃES, 2018, p. 43).

> Deste modo, A representação dos lugares sociais do locutor e dos lugares de dizer do enunciador se dá em cenas enunciativas, que se caracterizam por modos distintos de tomar a palavra, dadas as relações entre a representação de sujeito da enunciação dividido pelos lugares sociais e lugares de dizer (KARIM, 2012, p. 68).

E desta forma constitui as figuras da enunciação não só do sujeito-falante, mas também as figuras enunciativas, pois a cena enunciativa é uma categoria metodológica descritiva em que a teoria da Semântica do Acontecimento, se utiliza para tratar o sentido na enunciação. Nessa medida, "a enunciação é politópica, a cena enunciativa se configura por uma divisão de lugares de enunciação" (GUIMARÃES, 2018, p.58). Pois,

> o **agenciamento da enunciação** é o agenciamento do falante a falar. Este, enquanto agenciado a enunciar, se divide em lugar que diz (Locutor), lugar social de dizer (alocutor), e lugar de dizer (enunciador). De um lado o falante, constituído pela relação com as línguas do espaço de enunciação, é agenciado pela língua, que constitui o falante, colocando-o em litígio com outros falantes. Por outro lado a cena, pelo agenciamento, produz divisão L/al-x também politicamente. Assim, o agenciamento da enunciação, ao agenciar o **falante** a falar, o divide em **Locutor**, que se apresenta como tendo seu correlato do dizer o **Locutário**, em **alocutor** (xi, j, l), que se apresenta como tendo como seu correlato um **alocutário** (xi, j, l), constitui-se assim a relação de alocução.
> De outra parte, vimo como o **enunciador**, o lugar de dizer, se apresenta, segundo a relação com o que se diz, como **individual, genérico, coletivo, universal.** (GUIMARÃES, 2018, p.63 grifos nossos)

As categorias relacionadas acima só se dão pelo fato de que o Locutor é predicado por instâncias sociais especificadas por lugares de dizer. Para Guimarães (2002, p.26), "a figura do enunciador passa a ser ilusória na medida em que apresentar-se como *fora* da história, ou acima dela, são lugares próprios da história". Pois,

> neste funcionamento enunciativo, o Locutor (L), ao ser agenciado, institui um Locutário (LT) (L é o lugar que diz (eu) para alguém (tu); o alocutor (al-x) ao ser agenciado, institui um alocutário (at-x) (al-x é o lugar social de dizer que se apresenta para um at-x, o lugar social para o qual um certo al-x); o enunciador, o lugar de dizer, que se apresenta com quem diz de um lugar coletivo, individual, universal, ou genérico. O enunciador não projeta um tu, é um modo de o eu se apresentar na sua relação com o que se diz (o que se diz por quem diz). (Guimarães, 2018, p.62)

A cena enunciativa é uma categoria metodológica-descritiva que se encontra presente na Semântica do Acontecimento (2002), apresentando configurações específicas. Em função da pluralidade conceitual dessa categoria, optamos por apresentar a concepção de Guimarães (2017, 2018) nos estudos enunciativos, com a qual trabalhamos, a configuração de cena enunciativa apresentada por Guimarães (2002/2018).

Nessa direção, a cena enunciativa "se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas" (Guimarães, 2002, p. 23), assim como a distribuição dos lugares enunciativos no acontecimento – "aquele que fala" e "aquele para quem se fala", os quais são configurados pelo agenciamento enunciativo. Desse modo, Guimarães (2018, p.58), enfatiza que a cena enunciativa constitui a sua própria politopia[4].

Por isso, é fundamental considerar o modo como os lugares de dizer se constituem pelo funcionamento da língua, refletir sobre essas relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas, é de suma importância, já que os modos específicos de acesso à palavra, deve-se primeiro "a cena enunciativa é assim um lugar particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento" (Guimarães, 2002, p. 23).

Portanto, o acontecimento enunciativo, no espaço de enunciação, não se caracteriza por um ato intencional, já que, são os modos de agenciamento do acontecimento de linguagem que constituem os sentidos: "o acontecimento da enunciação agencia o falante a dizer enquanto um lugar de enunciação, como lugar que enuncia" (Guimarães, 2018, p. 41), estabelecendo as cenas e suas divisões.

Em relação ao lugar de dizer, Guimarães (2018) expressa que o falante, ao ser agenciado a enunciar, divide-se em distintos lugares: o lugar que diz (Locutor); o lugar social do dizer (alocutor); e o lugar de dizer (enunciador, se apresenta com quem diz de um lugar **coletivo**, **individual**, **universal** ou **genérico)** (Guimarães, 2018, p.62).

Dessa maneira, o falante é constituído no espaço da cena enunciativa e tomado pelo funcionamento da língua e suas sistematicidades, pois, ao dizer, o falante é agenciado em Locutor (L), assumindo o papel daquele que diz algo para alguém, que fala para o seu Locutário (LT). O Locutor, figura constituída pelo acontecimento, assume o 'eu'

[4] A enunciação é politópica, a **cena enunciativa** se configura por uma divisão de lugares de enunciação. (Guimarães, 2018, p.58)

enunciativo, tendo como correlato o ‘tu’ Locutário. De acordo com Guimarães (2017, p. 31-32), o Locutor “é o lugar que se representa no próprio dizer como fonte deste dizer”. Esta relação se configura na alocução como um “eu” que diz para um “tu”.

A cena enunciativa se constitui a partir do agenciamento do falante do/no dizer, o que divide a cena em lugares enunciativos: o lugar daquele que diz (Locutor), o lugar social de dizer (alocutor-x) e o lugar de dizer (enunciador). Essa divisão dos lugares de enunciação constitui o que Guimarães (2018) chama de politopia da cena enunciativa. O teórico mostra, como os falantes são constituídos pelo espaço de enunciação e pela relação com as línguas, segundo a historicidade dessa relação, o fundamento do agenciamento do falante não é a relação de alocução, não é dialógica, pois, “esta constituição da alocução se dá pelo agenciamento, pela língua, do falante em Locutor, e pelo agenciamento do falante em alocutor pela relação histórica com os falantes do espaço de enunciação” (Guimarães, 2018, p, 72).

O **Espaço de enunciação,** apresentado anteriormente, os construtos teóricos da Semântica do Acontecimento de Guimarães (2002/2018), a partir dos estudos de Guimarães, constituem-se como elementos centrais para nortear nossa pesquisa, vamos agora apresentar uma outra perspectiva que toma a teoria desenvolvida por Guimarães como central e que, porém, segue numa direção específica. Este lugar que se desenvolve observando a enunciação de modo particular se produz a partir da teoria da Semântica do acontecimento se produz via estudos e pesquisas realizados por Dias (2015/2018). É preciso lembrar aqui que os primeiros conceitos criados pelos linguistas foram incorporados ao longo de suas pesquisas, desse modo, nota-se que a enunciação, conforme Guimarães, é “o acontecimento do funcionamento da língua no espaço de enunciação” (Guimarães, 2018, p.22) em consonância com Dias, “o acontecimento de produção do enunciado” (Dias, 2015a, p.15). De acordo Guimarães (2002), o acontecimento de linguagem ocorre no espaço de enunciação, pois,

> Os **espaços de enunciação** são espaços de funcionamento de língua, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam, por disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou seja, por sujeitos divididospor seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. São espaços constituídos pela equivocidade própria do acontecimento: da deontologia que organiza e distribuipapeis, e de conflito, indissociado da deontologia, que redivide o sensível, os papéis sociais. **O espaço de enunciação é um espaço político**. (Guimarães, 2002, p. 18-19 grifos nossos).

Através do procedimento de análise da Semântica da Enunciação, a reescrituração, Dias (2018), expande esse lugar de acontecimento de linguagem e evidencia o conceito 'espaço de enunciação' de Guimarães (2018),

> o **espaço da enunciação** é concebido por Guimarães (2017) como um espaço de natureza política, tendo em vista que se diz a partir do alcancesocial do dizer, e o enunciado circula e é entendido segundo sentimentos, compromissos, alianças, tensões que permeiam os homens, dados os seus papeis sociais. O dizer, concebido na enunciação, é sempre pensado nesse lugar de diferenças, semelhanças, conflitos, associações, dissociações que caracteriza o espaço de enunciação. (Dias, 2018, p.64-65 grifos nossos).

Dias (2018), ao trabalhar o espaço de enunciação, leva a expandir o quadro teórico a partir dos conceitosde referencial histórico[5] e pertinência enunciativa[6], que se manifestam por meio da relação entre recortes de memória de significação (memorável) e a demanda do presente (atualidade). Assim, segundo Dias (2018), é a pertinência do acontecimento enunciativo que movimenta as articulações constituintes do dizer no espaço de enunciação.

Desse modo, esses espaços de disputa, próprios do acontecimento enunciativo, instauram seus conflitos entre línguas e línguas, línguas e falantes e falantes e falantes. "É nesseespaço múltiplo que a língua e os falantes se relacionam, afetando-se mutuamente. O falante, em vista disso, é uma categoria linguística e enunciativa, não empírica; uma "figura constituídapelos espaços de enunciação" (Guimarães, 2017, p. 25). Pois, ao falar, inscreve-se num espaço de poder, distribuído segundo seu lugar social, a partir de valores hierárquicos que se constroem em função da divisão social da língua. Portanto, se ancora na relação entreo memorável e a pertinência enunciativa que se materializam no/pelo dizer, dessa forma todas essas, articulações fazem do espaço de enunciação, um espaço de litígio, um espaço político.

Por isso é fundamental pensar o político no espaço de enunciação, para, Guimarães (2002, p. 8) "enunciar é uma prática política em um sentido muito preciso",

[5] **referencial histórico** é definido como o domínio de ancoragem da significação na língua, a partir do funcionamento das relações sociais. Trata-se da filiação institucional dos nossos dizeres, quando a enunciação adquire suporte na constituição histórica da sociedade (Dias, 2018, p.142).

[6] O conceito de **pertinência enunciativa** se fundamenta na ideia de adesão. Enquanto seres de linguagem, vale dizer, enquanto seres constitutivamente históricos, nós somos instados a responder, a interpretar, interferir enunciativamente nas situações que se nos apresentam. É a "demanda do presente" que estamos denominando de **pertinência enunciativa** (Dias, 2018, p.103).

considerando a questão do político na linguagem toma como lugar de reflexão o domínio da semântica, mais especificamente, o campo dos estudos da enunciação, configurando o político como "algo que é próprio da divisão que afeta materialmente a linguagem" (Guimarães, 2002, p. 15), desse modo, uma disputa incessante pela palavra e pelas línguas, disputa esta que se dá de forma desigual e hierarquizada nos espaços de enunciação. (Guimarães, 2002).

Guimarães (2002) para conceituar o político na linguagem, se inspirou na forma como Rancière (1996) caracterizou as abordagens do político na filosofia. Em sua obra "Semântica do Acontecimento", de 2002, o teórico apresenta em suas discussões formulações do filósofo e isso, nos ajudará a pensar e a compreender melhor este conceito do político na perspectiva da semântica da enunciação.

Uma questão inicial e fundamental é a concepção central do conceito de político proposto por Rancière, diz respeito à "partilha do sensível", ideia que perpassa toda a discussão de Guimarães (2002), em torno do político na/pela enunciação. No prefácio da sua obra "Políticas da escrita", de 1995, o mesmo termo reaparece em "O desentendimento: política e filosofia" (1996) traduzido por "divisão do sensível". Dessa maneira, evidenciando a suma importância deste conceito na obra do autor, e para evitarmos a implicação da referência, segue abaixo a tradução inicial, 'nota da tradução' da obra "A partilha do sensível":

> Pelo termo de constituição estética deve-se entender aqui a *partilha do sensível*que dá forma à comunidade. *Partilha* significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição em quinhões.Uma partilha do sensível é, portanto, o modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas (Rancière, 2005, s/p. grifos do autor).

Complementando o referido acima, Rancière afirma que partilha do sensível se refere

> a um sistema de evidências sensíveis, que revela, ao mesmo tempo, a existênciade um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. (...)Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividades que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha(Rancière, 2005, p. 15).

Portando, o autor estabelece a partilha do sensível, como cerne da política. Dessa forma,

> a partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce. (...) É um recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, da palavra e doruído que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política comoforma de experiência (Rancière, 2005, p. 16).

Diante das duas caracterizações indissociáveis, presentes em qualquer partilha, dão forma à comunidade: a visão de um "comum compartilhado", guiados no uso de tempo e de espaço, nos quais as atividades são ordenadas e definidas a partir de um sistema geral das posições sociais e da visibilidade dos sujeitos (Rancière, 2005).

Rancière (1996, p. 11) pergunta: "de quais coisas há e não há igualdade entre quais e quais? O que são essas 'quais', quem são esses 'quais'?" assim, contempla afirmando,

> o desentendimento se refere ao que é ser um ser que se serve da palavra para discutir. As estruturas de desentendimento são aquelas em que a discussão de um argumento remete ao litígio acerca do objeto da discussão e sobre a condição daqueles que o constituem como objeto (Rancière, 1996, p. 13).

Assim, o eixo que se sustenta a política é o conflito incessante, o distribuir de partes, incide sobre os que falam e sobre as palavras. Esse desentendimento é,

> um tipo determinado de situação de palavra: aquela em que um dos interlocutores ao mesmo tempo entende e não entende o que diz o outro. O desentendimento não é o conflito entre aquele que diz branco e aquele que dizpreto. É o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz branco, mas não entende a mesma coisa (Rancière, 1996, p. 11).

Desse modo, para Rancière,

> os casos de desentendimento são aqueles em que a disputa sobre o que quer dizer falar constitui a própria racionalidade da situação de palavra. Os interlocutores então entendem e não entendem aí a mesma coisa nas mesmas palavras. Há todas as espécies de razão para que um X entenda e não entenda ao mesmo tempo um Y: porque, embora entenda claramente o que o outro diz,ele não *vê* o objeto do qual o outro lhe fala; ou então porque ele entende e deveentender, vê e quer fazer ver um objeto diferente sob a mesma palavra, uma razão diferente no mesmo argumento (Rancière, 1996, p. 12).

Pensando, a partir do objeto de pesquisa, quando um interlocutor enuncia 'portunhol'e um outro interlocutor também 'portunhol', será que ambos compreendem

claramente o enunciado, porém, sob a mesma palavra, ambos podem compreender o mesmo significado, assim como podem compreender outro sentido, com outros sentidos sendo produzidos, totalmente diferentes, a depender do lugar de enunciação na divisão do real.

Para Rancière, o político é apresentado como ‘desentendimento’, ou seja, o conflito imanente à partilha do sensível, que dá forma à sociedade. Agora, a seguir, ancorados nos fundamentos propostos por Rancière, o político na Semântica da Enunciação.

Rancière, parte do social e busca a linguagem, constitutiva desse social. A direção do olhar do filósofo é, no social, e a linguagem é uma via de acesso, embora em interface com ele. Guimarães (2002) faz o reverso: parte da linguagem e versa o social, também, em interface. Observa-se, assim, o lugar de percepção de cada um é que muda. Rancière (1996), ao dizer do social em interface com a linguagem, utiliza o termo “partilha do sensível”. Por sua vez, Guimarães (2002), ao dizer da linguagem em interface com o social, usa “divisão do real”.

Desse modo, tem-se de um lado um filósofo falando da sociedade e tomando a linguagem no estudo social. E de outro lado, tem-se um linguista falando da linguagem e tomando o social no estudo da língua.

Para tanto, o conceito de político para Guimarães:

> O político, ou a política, é para mim caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) um (sic) divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos. Deste modo opolítico é um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento. Mais importanteainda para mim é que deste ponto de vista o político é incontornável porque ohomem fala. O homem está sempre a assumir a palavra, por mais que está lhe seja negada (Guimarães, 2002, p. 16).

Dessa forma, ao mesmo tempo em que o real é dividido a partir de regras de participação normatizadas, também é dividido pela palavra que rompe com os limites entre quem pode e quem não pode ocupar certos lugares enunciativos. Essa, contradição que constitui o político se dá, pela mesma normatividade que estabelece a divisão do real também possibilita um espaço no qual a palavra pode ser questionada e subvertida.

Guimarães (2002) mostra uma perspectiva profunda sobre a relação entre linguagem e política. Pois, o “político está assim sempre dividido pela desmontagem da

contradição que o constitui" (Guimarães 2002, p. 16). Esta afirmação sugere que o âmbito político é inerentemente complexo e caracterizado por contradições intrínsecas. E destaca que a natureza do político envolve a constante análise e desconstrução das contradições que o fundamentam. Isso implica que a política é um campo dinâmico, onde diferentes perspectivas e interesses estão em jogo.

E "de tal modo que o estabelecimento da desigualdade se apresente como necessária à vida social e a afirmação de pertencimento, e de igualdade, é significada como abuso, impropriedade" (Guimarães, 2002, p,16). Também, aborda a construção social da desigualdade e a forma como ela é justificada e naturalizada na vida política. Guimarães (2002) argumenta que, muitas vezes, a criação e manutenção da desigualdade são legitimadas em nome da ordem social e do senso de pertencimento. Paralelamente, a busca por igualdade e pertencimento é muitas vezes interpretada como uma afronta, indicando uma inversão de valores.

Para a Semântica do Acontecimento "o sentido da argumentação não é o da persuasão, é o da sustentação de uma posição e, nesse sentido, é política" (Guimarães, 2013, p. 283).

O teórico introduz a "Semântica do Acontecimento" como um campo de estudo que destaca que o propósito da argumentação não é apenas de convencer, mas também sustentar uma posição. Isso implica que a linguagem, quando usada para argumentar, é inerentemente política, pois envolve a defesa de interesses e perspectivas específicas. Guimarães (2013) conecta a linguagem com o campo político. Sua análise vai além do simples funcionamento da linguagem como meio de expressão, explorando como ela é fundamental na construção da relação de poder, identidade e desigualdades na sociedade. Isso é de grande relevância para nossa pesquisa, pois oferece uma abordagem sofisticada para compreender a interseção da política de linguagem, um tema complexo e crucial na análise linguística contemporânea.

Desde a antiguidade a argumentação é objeto de estudo, foram os gregos, no período da democracia ateniense, um dos primeiros a falar sobre a arte de argumentar e persuadir, identificada no domínio de técnicas argumentativas, simplesmente o da retórica, vinculada às práticas enunciativas, e se tornou um instrumento do agir político (Zoppi-Fontana, 2006).

A retórica desde o início foi considerada como uma arte que objetivava persuadir o interlocutor. Porém, outras áreas também se interessaram por esta arte, a argumentação.

A Linguística trabalha com a argumentação com base em elementos que proporcionam o funcionamento da língua.

Em Guimarães (2010a, p.78), "argumentar é dar uma diretividade ao dizer [...], conduzir o texto para o seu futuro, para seu fim (final/finalidade)", visto que a língua já contém argumentatividade, por isso não há necessidade de se remeter isso à intenção do sujeito. Considerando "a argumentação é um modo de tratar a memória como organizada pelo presente do acontecimento, regulando o futuro do dizível" (Guimarães, 2010a, p. 79).

Para Guimarães (2002, p. 18), os espaços de enunciação "são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante" e que por sua vez "são espaços 'habitados' por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer".

Desse modo, a enunciação deve ser considerada como um acontecimento que temporaliza e no qual se dá a relação do falante com a língua, e o fato do sujeito estar constantemente a tomar a palavra, mesmo que às vezes lhe seja negada, faz com que a enunciação seja uma prática política.

Por isso, nos permite dizer que o político agencia e divide materialmente a língua, nessa relação de disputa entre língua e falantes, uma vez que o político dá ideia de "igualdade" podendo assim afirmar o pertencimento dos excluídos pela desigualdade. Portanto, a enunciação enquanto prática política instala o conflito de sentidos no centro do dizer. É necessário mostrar a divisão das línguas que existe entre os falantes dos Estados Nacionais, segundo Guimarães (2006), apresenta cinco categorias de línguas:

> **Língua materna**: é a língua cujos falantes a praticam pelo fato de a sociedade em que se nasce a praticar; nessa medida ela é, em geral, a língua que se representa como primeira para seus falantes. **Língua Franca**: é aquela que é praticada por grupos de falantes de línguas maternas diferentes, e que são falantes dessa língua para o intercurso comum. **Língua nacional** é a língua de um povo, enquanto língua que o caracteriza, que dá a seus falantes uma relação de pertencimento a este povo. **Língua oficial:** é a língua de um Estado, aquela que é obrigatória nas ações formais do Estado, nos seus atos legais. **Língua estrangeira:** é a língua cujos falantes são o povo de uma Nação e Estado diferente daquele dos falantes considerados como referência (Guimrães, 2006, p.48 grifos nossos).

Guimarães (2008) considera que o funcionamento da língua argumenta por si só por ser político, e que a argumentação se dá pelo funcionamento da língua no acontecimento da enunciação, conforme ele explica:

> Do ponto de vista que tenho tratado a argumentação, considera-se que o funcionamento da língua argumenta. Esta posição está diretamente relacionada com a da teoria da argumentação na língua (tal como formulada por Ducrot (1973)) e que está em trabalhos do que chamamos hoje "Semântica Argumentativa" (Ducrot, 1973; 1988; Anscombre; Ducrot, 1983; Vogt, 1977; E Guimarães, 1987; Por Exemplo).
> Deste modo, nossa posição se contrapõe à consideração da argumentação como (a) um modo lógico de apresentar provas (evidência dos fatos); (b) uma manipulação do locutor sobre os destinatários (onipotência do sujeito); e (c) uma negociação construída abertamente por interlocutores (acordo entre locutores). A argumentação se dá pelo funcionamento da língua no acontecimento da enunciação (Guimarães, 2008, p.87).

Assim, o acontecimento de enunciação (o funcionamento da língua) vai se dar num espaço de atribuição de língua para seus falantes e o autor atenta para uma observação mesmo que se esteja numa mesma língua, o espaço de enunciação distribui "línguas" diferentes para seus falantes. Justamente porque "língua se divide e suas divisões são atribuídas diferentemente, politicamente, constituindo, assim, falantes distintos" (Guimarães, 2008, p.88).

Aqui o falante, não é aquela pessoa física de carne e osso e também não é uma figura empírica, muito pelo contrário "é uma figura política constituída pelos espaços de enunciação, sendo, assim, uma figura da enunciação" (Guimarães, 2008, p.88). Pois o falante ao assumir a palavra no acontecimento da enunciação, ele está constituído pelo espaço de enunciação e "quem assume a palavra não é uma pessoa, é já a pessoa determinada pelas línguas que a constituem enquanto ser simbólico" (Guimarães, 2008, p.88). O que caracteriza a enunciação como prática política e não individual ou subjetiva é considerar o funcionamento da língua no espaço de enunciação. Onde para, Guimarães, (2008, p.88-89)

> Falar é assumir a palavra nesse espaço dividido (político) de línguas e falantes. Desta perspectiva, a língua funciona no acontecimento, pelo acontecimento, e não pela assunção que dela faz uma pessoa. Neste sentido, diríamos, a enunciação se dá por agenciamentos específicos pelo funcionamento da língua. Neste embate entre línguas e falantes, próprio dos espaços de enunciação, os falantes são tomados por

> agenciamentos enunciativos. O que se tem não é um ato individual de enunciação, mas um agenciamento político da enunciação.

Desde o ponto de vista do teórico, pode-se considerar que o falante não fala enquanto pessoa física com vontade própria num ato individual, mas sim num agenciamento político da enunciação. Segundo Guimarães (2008), podemos levar em conta dois aspectos do funcionamento argumentativo:

> De um lado, temos as formas lingüísticas que argumentam ao funcionarem; neste sentido, mesmo que operando diferentemente com este aspecto, adoto a concepção ducrotiana de que o funcionamento das formas lingüísticas é argumentativo e não referencial. Por outro lado, consideramos que o agenciamento enunciativo é, ou pode ser, também argumentativo. Deste modo, consideramos que temos, de um lado, o que chamamos orientação argumentativa, e de outro, a argumentação, que necessariamente inclui a orientação argumentativa, mas não se reduz a ela (Guimarães, 2008, p.88-89).

Nesta direção, o teórico lembra que as análises das articulações é o estudo da orientação argumentativa:

> A análise das articulações dos enunciados e nos enunciados é o estudo da orientação argumentativa produzida pelos enunciados; a análise do modo como os enunciados se integram nos textos nos leva ao processo de argumentação de um texto (seja o texto de um só falante ou de mais de um, em uma conversa, discussão, etc.) (Guimarães, 2008, p.89).

É no acontecimento que a materialidade linguística está presente através da enunciação, e funciona uma sistematicidade linguística não pressupondo uma língua abstrata, mas, considerando uma materialidade linguística sistemática que se encontra pelas análises do acontecimento. Esse funcionamento "que a cena enunciativa constitui as relações de sentido que acabam por configurar regularidades sistemáticas (a língua). Neste sentido, essas sistematicidades (a língua) são históricas; não são possibilidades, são contingências" (Guimarães, 2008, p.89).

> Argumentar é, mais que estabelecer uma conclusão, silenciar outros percursos da significação textual. E este efeito do silêncio constitutivo, esta política do silêncio tem na língua marcas específicas que se põem em funcionamento na enunciação, ou seja, movimentadas pelo interdiscurso. Há algo da política do silencio que se abriga no simbólico da linguagem: na língua (Guimarães, 2002, p 82).

A argumentação pode ser considerada como uma relação enunciativa e não como uma estrutura lógica ou uma manifestação, sustentada na: “relação do argumento à conclusão na temporalidade específica do acontecimento em que se dá” (Guimarães, 2008, p.100).

Guimarães propõe uma visão da argumentação que a coloca no espaço de enunciação, enfatizando que ela não deve ser entendida simplesmente como uma estrutura lógica ou um processo de manifestação linear. Sugerindo que a argumentação é intrinsecamente vinculada à relação entre o argumento e a conclusão, dentro do espaço temporal específico em que ocorre. “A não-coincidência entre a orientação argumentativa, que constrói uma unidade para o texto, e a argumentação geral do texto mostra o caráter político do funcionamento da argumentação” (Guimarães, 2008, p.100).

E ainda, o teórico ressalta a importância da coerência entre a orientação argumentativa (que cria uma unidade dentro do texto) e a argumentação global do texto, mostra quando há uma falta de alinhamento entre esses elementos, isso revela uma dimensão política no funcionamento da argumentação. Isso implica que as escolhas argumentativas em um texto não são neutras, mas estão tomadas por fatores políticos e ideológicos.

Desse modo, é relevante para nossa pesquisa, pois destacam a complexidade da argumentação, indo além de uma visão puramente lógica. Guimarães (2013) enfatiza a importância de considerar o espaço de enunciação, a temporalidade e a política ao analisar a argumentação em textos.

2.2.3 Reescrituração / Articulação / Nomeação / Referenciação / Designação

Toda vez que existe o funcionamento da operação de predicação, existirão novas determinações, sendo cada predicação novas determinações para a palavra reescriturada e vai mobilizar lhe novos sentidos. A predicação aqui é tomada como “uma operação pela qual, no fio do dizer, uma expressão se reporta a outra, pelos mais variados procedimentos” (Guimarães, 2007, p.84).

Esta fundamentação teórico-metodológica nos permite compreender a constituição dos sentidos na sua complexidade, por considerarmos o funcionamento da língua no acontecimento enunciativo, em que os sentidos se constituem no acontecimento da enunciação pela relação sócio-histórica.

Ao considerar que os sentidos estão em uma relação constitutiva com as determinações históricas, cujos sentidos se constituem historicamente. Para estudar a palavra e sua significação, tomamos este pressuposto, é importante expor neste princípio de reflexão é o fato de que consideramos que o sentido de uma palavra está necessariamente constituído pela forma como ela se relaciona, articula-se e/ou se reescreve por outra(s) palavra(s) ou expressões em determinado texto.

Assim, estudar uma palavra não consiste em separá-la semanticamente, procurando estabelecer uma relação de referência, muito ao contrário, a perspectiva teórica, está em entender de que forma os sentidos dessa palavra são os mesmos e são outros, como uma palavra se ressignifica pela forma como estabelece relações com outros segmentos textuais. Segundo (Guimarães, 2007, p.81).

> É preciso observar, no entanto, que embora não se considere de antemão nenhuma realidade a que as palavras reportam, há um real que a palavra significa. E as palavras têm sua história de enunciação. Elas não estão em nenhum texto como um princípio sem qualquer passado.

Portanto devemos considerar que o sentido de uma palavra não se dá previamente, mas constitui-se a partir da forma como está se relaciona com as outras. Entretanto, não desconsideramos um histórico de sentidos de uma palavra a partir de uma certa história de enunciação.

A reescrituração, conforme Guimarães (2007, p.84) é o procedimento pela qual a enunciação diz de outra maneira, em um mesmo texto, aquilo que já foi dito anteriormente. Assim, o funcionamento da reescrituração passa a construir novos sentidos aquilo que foi reescriturado.

> A reescrituração é o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si. Este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado. [...] e coloca em funcionamento uma operação enunciativa fundamental na constituição do sentido de um texto. Vou chamá-la de operação de predicação. Não se trata aqui de uma relação de predicação entendida como própria do enunciado, da sentença, da frase. Trata-se de uma operação pela qual, no fio do dizer, uma expressão se reporta a outra, pelos mais variados procedimentos (Guimarães, 2007, p. 84).

A reescrituração não significa reescrever o mesmo, mas apontar a diferenciação de sentido entre uma determinada forma. Temos que pensar da natureza de "algo novo" que se apresenta a partir da reescrituração.

Os modos de reescrituração podem se dar por: *repetição* (completa ou por redução)*;* por *substituição,* quando uma palavra substitui a outra sinonimicamente. Por *elipse,* onde a palavra é excluída por já ter sido mencionada. Por *expansão,* a palavra é reescriturada por um enunciado completo ou por uma expressão ou ideia que expande os sentidos dela. Por *condensação,* ocorre o contrário da expansão e por *definição,* existe um predicado articulado à palavra analisada que a define.

Segundo Guimarães (2018), o funcionamento da reescrituração como procedimento que organiza a textualidade e seus modos de funcionamento no acontecimento.

> - A **reescrituração** é o modo de relação pelo qual a enunciação rediz o que já foi dito. Há reescrituração quando um elemento Y de um texto (uma palavra, uma expressão, por exemplo) retoma um outro elemento X do texto. Neste caso Y reescritura X. Este modo de relação enunciativa leva a interpretar uma forma como diferente de si. O elemento que reescritura atribui (predica) sentido ao reescriturado. Uma característica fundamental da reescrituração é que ela não se caracteriza pelas relações segmentais, ou de contiguidade, própria dos modos de articulação. [...] Consideramos que a reescrituração pode ser por **repetição, substituição, elipse, expansão e condensação** (Guimarães, 2018, p. 85-87).
> - **Repetir** é redizer (Guimarães, 2018, p.87).
> - **Substituição** pode se dar por outros modos (além da anáfora). [...] Várias relações de sentido são produzidas pelas reescriturações como **sinonímia, especificação, desenvolvimento, globalização/totalização, definição** (Guimarães, 2018, p.87-90).
> - **Sinonímia –** a reescrituração (por sinonímia) apresenta uma palavra ou expressão como tendo o mesmo sentido que a outra à qual se liga. O interessante a observar é que a reescrituração por sinonímia acaba por atribuir sentido (predicar) de um termo sobre o outro, o que mostra o movimento polissêmico da reescrituração em geral e mesmo da sinonímia. [...] A **sinonímia** pode ser produzida liga a repetições.

> [...] As relações de **sinonímia**, entre elas hiponímia e hiperonímia, são constituídas pelo acontecimento enunciativo. Julgo que podemos dizer que estes aspectos podem funcionar de modo semelhante para os casos de elipse (Guimarães, 2018, p.90).
>
> - **Especificação –** a reescrituração atribui sentido ao reescriturado pela expressão que o reescritura (Guimarães, 2018, p.90).
> - **Desenvolvimento –** uma relação de desenvolvimento pode ser vista pela *expansão* na escrituração (Guimarães, 2018, p.91)
> - **Globalização ou totalização –** é o caso da reescrituração por condensação (Guimarães, 2018, p.91).
> - **Definição –** uma reescrituração por expansão a ser considerada especialmente é a que estabelece uma relação de definição entre a reescrituração e o reescriturado (Guimarães, 2018, p.91 grifos nossos).

A articulação é procedimento de análises que se relaciona com a relação entre os elementos linguísticos, significando sua contiguidade conforme Guimarães (2009), marcando a relação entre o Locutor e seus dizeres.

> chamo de **articulação** relações como predicação, complementação, caracterização (relação determinante - determinado), e outras, tradicionalmente consideradas no estudo da frase ou enunciado. Tal como defini em Guimarães (2009, p.51) "uma articulação é uma relação de contiguidade significada pela enunciação". Em outras palavras, a articulação é um modo de relação enunciativa que dá sentido às contiguidades linguísticas, é, então, uma relação local entre elementos linguísticos que significam pela relação com os lugares de enunciação agenciados pelo acontecimento. [...] Na organização dos enunciados funcionam relações gerais específicas que podemos considerar em três modos diferentes: **dependência**, **coordenação** e **incidência**. [...] A **articulação por dependência** se dá quando os elementos contíguos se organizam por uma relação que constitui, no conjunto, um só elemento. [...] A **articulação por coordenação** é aquela que toma elementos de mesma natureza e os organiza como se fossem um só da mesma natureza de cada um dos constituintes. (...) a articulação por coordenação se apresenta por um processo de acúmulo de elementos numa relação de contiguidade. [...] A **incidência** é a relação que se dá entre um elemento externo a outro que, ao se articular com ele, forma um elemento do segundo tipo. (Guimarães, 2018, p.80-81 grifos nossos).

Para Guimarães (2002) é importante salientar uma distinção entre designação e palavras correlatas como nomeação, referência e denotação, e às vezes são usadas como sinônimas.

> A nomeação é o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome; a designação é o que se poderia chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história. A referência será vista como a particularização de algo na e pela enunciação (Guimarães, 2002, p.9).

Observa-se dessa maneira que o processo de designação é mais que uma simples classificação ou nomeação, pois, se apresenta como um recorte do mundo, de forma a construir o sentido daquilo que é nomeado. Nesta relação, vemos que um nome está além de uma simples denominação, pois ele constitui um texto enriquecido de historicidade e de significação. Ou seja, a designação é assim entendida como a significação de um nome ao funcionar num certo acontecimento de enunciação. Por outro lado, há ainda a referência de um nome. A referência não se faz a partir de uma relação lógica com um estado de coisas no mundo. Desse modo, para entender melhor nas palavras de Guimarães (2007) vejamos o que é referenciar, designar e nomear:

> O que se vê é que a referência é uma particularização de algo, em certas condições, e que a designação é o modo pelo qual o real é significado na linguagem. E não se trata simplesmente, de considerar os objetos existentes e os conjuntos de que fazem parte. A partilha do real não se projeta sobre a linguagem diretamente. Ela é produzida pelo modo como a enunciação produz uma certa relação entre as palavras. O que é designado é uma construção de sentido, uma relação entre elementos linguísticos. O que é referido é aquilo que é particularizado por uma enunciação (Guimarães, 2007 p.82).

O que se verifica é que o referente como a particularização de um signo no mundo, que se estabelece como resultado do funcionamento da designação, sendo assim a designação aquilo que determina o funcionamento da referenciação. É próprio da designação o lugar de constituição de sentido.

2.3 Formação nominal e redes enunciativas: perspectivas de sentidos

Logo adiante, vamos desenvolver as análises dos acontecimentos que designam o termo portunhol no espaço de enunciação do português brasileiro, e serão analisados a partir da observação da formação nominal e redes enunciativas, também analisaremos o movimento semântico enunciativo do termo portunhol que vem funcionando do espaço de enunciação do português do Brasil.

A Formação Nominal (FN) formulada por Dias (2016)

> "é uma outra forma de conceber o sintagma nominal, o qual não abarca o aspecto enunciativo dessa unidade, pois se atém à horizontalidade das relações sintagmáticas entre os itens lexicais, numa visão sequencial da sintagmatização, que é próprio de um objeto de descrição estrutural. A formação nominal, ao contrário, reclama um estatuto explicativo, e apenas não estrutural. Assim, a formação nominal é uma articulação que agrega o memorável ao atual do acontecimento linguístico, que tem sua significação submetida aos domínios referenciais que se constituem nas enunciações" (Dias, 2016b, p. 189-208).

Dias (2016) destaca uma forma diferente de conceber o sintagma nominal, afastando-se de uma visão puramente estrutural. Argumenta-se que a formação nominal não se limita às relações sintagmáticas entre os elementos lexicais, mas também incorpora um aspecto enunciativo. Isso implica que a formação nominal não é apenas uma estrutura, mas tem um papel explicativo.

Além disso, enfatiza-se a importância de integrar o memorável ao atual no acotecimento linguístico, o que submete seu significado aos domínios referenciais que se constroem nas enunciações. Isso sugere que a formação nominal não é estática, mas está intrinsecamente relacionada com a dinâmica de como as palavras são usadas e compreendidas em contextos específicos.

Em resumo, o trecho destaca a necessidade de considerar tanto os aspectos estruturais quanto enunciativos na análise da formação nominal, e ressalta a importância de entender como as palavras adquirem significado em situações comunicativas concretas.

2.3.1 Referencial Histórico, Pertinência Enunciativa e Formação Nominal

De acordo com Dias (2018), a principal sustentação da concepção de

‘referencial histórico’ é a de que tanto indivíduos quanto objetos, estado de coisas e relações não são individuais absolutos, mas

> adquirem identidade a partir dos lugares de enunciador e das perspectivas da enunciação. Sendo assim, é o próprio enunciado, e não as propriedades inerentes aos seres, estados e relações, que constitui o referencial a partir do qual eles se individualizam na referência (Dias, 2018, p. 101).

Desse modo, é preciso que as entidades exteriores à linguagem adquiram pertinência para serem nomeadas, e é por meio da enunciação que elas se tornam pertinentes ao acontecimento enunciativo, o que ocorre devido as possibilidades históricas que as fazem emergir (DIAS, 2018). Pois o referencial histórico está no mesmo eixo de conceitos como memória (que opera na dimensão discursiva), memorável e de passado enunciativo. O referencial histórico encontra-se, pois, na instância dos “já-ditos”, e opera como sustentador dos sentidos.

Indo além do referencial histórico, Guimarães (2002) diz que, “o acontecimento tem como seu um depois incontornável e próprio do dizer. Todo acontecimento de linguagem significa porque projeta em si mesmo um futuro” (Guimarães, 2002, p. 12). O passado se ancora em fatos anteriormente constituídos, “esta latência de futuro, que, no acontecimento, projeta sentido, significa porque o acontecimento recorta um passado como memorável” (Guimarães, 2002, p. 12).

Assim, percebe-se que falar é significar a partir de um “já dito”, de um já significado na instância do passado. Assim, ao falar, instalamos esse “já dito” que é atualizado, o que só é possível pela pertinência histórico-social que advém da memória e emerge no enunciado como memorável. Então o que dizemos se relaciona sempre com outros dizeres, está constantemente afetado por outras falas, pelo que já foi significado. “E tudo isso é regulado por formas específicas de dizer, modos de se fazer reconhecer pela linguagem” (Dias, 2018, p. 104). Dessa forma, em um espaço de enunciação, a relação entre recortes de memória - o memorável -, e a demanda de um presente criam a pertinência enunciativa, a qual movimenta as articulações que constituem a unidade do enunciado, a sua estrutura formal. Para Dias (2018), a pertinência enunciativa é definida, portanto, como

> a relação que um enunciado mantém com as cenas que nos acionam a dizer a (ou na instância do presente do enunciar. No cotidiano, nós somos evocados ou acionados a responder, interpretar, a interferir

> enunciativamente nas situações de enunciação que se nos apresentam. Quando tomamos a palavra, seja no oral,seja no escrito, o fazemos de diferentes maneiras tendo em vista diferentes situações de enunciação. Os nossos modos de enunciar, portanto, se adaptam aseu modo de pertencimento às cenas de enunciação do presente (Dias, 2018, p. 142-143).

A pertinência enunciativa, "constitui-se como ancoragem do histórico na atualidade das demandas do dizer" (Dias, 2018, p. 197).

Assim, os enunciados são presentificados (ganham pertinência) a partirda sua configuração na história, ou seja, por meio da sua ancoragem no passado (memorável) e, na materialidade da sua atualização, projetam uma futuridade, ou seja, projetam a possibilidade de novos dizeres que, por sua vez, irão se ancorar em passados de sentidos.

Relacionando os conceitos expostos anteriormente, podemos dizer que, "assim como o referencial histórico está para o memorável, para o passado enunciativo, para a virtualidade, a pertinência enunciativa está para o atual, para o presente enunciativo, para a atualização do dizer." Conforme Dias (2013) a "Formação Nominal":

> congrega nomes, designações, afirmações, mas concebidos não em termos informativos das entidades, mas a partir do campo de emergência das entidades nomeadas. Uma entidade exterior à linguagem precisa adquirir pertinência para ser nomeada, [...] Trata-se de um recorte enunciativo, porque essas entidades não se encontram discriminadas e delimitadas na natureza. A enunciação irá torná-las pertinentes aos acontecimentos linguísticos, tendo em vista as possibilidades históricas que as fazem emergir (Dias, 2013, p. 15).

O conceito de "Formação Nominal" segundo a perspectiva de Dias (2013) é apresentada como um processo que envolve a união de nomes, designações e afirmações. No entanto, o ponto crucial aqui é que essas entidades não são concebidas apenas como informações sobre objetos ou conceitos, mas são entendidas a partir do ambiente em que surgem. Destaca, ainda, a importância da relação entre entidades do mundo real e a linguagem. Para ser nomeada, uma entidade externa à linguagem precisa adquirir relevância e pertinência dentro do ambiente em que está inserida. E essa noção de "recorte enunciativo" sugere que a identificação e nomeação de entidades não é uma ação neutra, mas depende da perspectiva e contexto do enunciador. As entidades não são previamente definidas ou delimitadas na natureza, mas são discernidas e nomeadas através da enunciação.

Assim, a enunciação é apresentada como um processo dinâmico e ativo, no qual as entidades ganham relevância dentro dos acontecimentos linguísticos. Isso ocorre à luz das possibilidades do sócio histórico que as fazem surgir.

Desse modo, Dias (2013) propõe uma visão da linguagem que vai além da simples transmissão de informações, destacando a ativação e contextualização das entidades nomeadas. A ideia de que as entidades precisam adquirir pertinência para serem nomeadas é fundamental e sugere que a linguagem não apenas descreve o mundo, mas também o molda e interpreta a partir de uma perspectiva enunciativa e histórica.

Esse entendimento foi valioso para nossa pesquisa, especialmente para nós interessados na relação entre linguagem, enunciação e construção de significado. Ofereceu uma perspectiva rica para explorar como a linguagem influencia nossa compreensão e representação do mundo ao nosso redor. E mostrar como o termo portunhol vem funcionando no espaço de enunciação do português do Brasil.

Alguns enunciados coletados e/ou produzidos para o desenvolvimento do nosso primeiro capítulo de análise da nossa pesquisa seguiram uma metodologia de trabalho que os organizou no que Dias (2018) nomeia de redes enunciativas. Optamos por esse procedimento metodológico porque ele nos pareceu adequado aos propósitos primeiro, de nossa pesquisa, principalmente pelo fato de possibilitar um olhar comparativo entre a produção de sentido que a palavra portunhol tem instalado no cotidiano social.

Dias (2018) apresenta três articulações e são: intranominal, internominal e subnominal. a) As articulações subnominais, que constituem os fundamentos para a entrada de nomes no léxico de uma língua, a partir de enunciados que os determinam; b) As articulações intranominais que se constituem por unidades nominais singulares que agregam formativos criando novos nomes na língua; c) As articulações internominais fundamentadas pelas motivações enunciativas das articulações que o nome contrai na constituição de grupos nominais. No caso da entrada do Portunhol como uma unidade significante, na língua, a articulação é subnominal.

2.3.2 Redes enunciativas

Apresentaremos mais a frente, no nosso primeiro capítulo de análise sobre o termo portunhol, uma rede de enunciados descritivos que fundamentam o surgimento/funcionamento da palavra portunhol no espaço de enunciação do português

do Brasil. Elas apresentam relações predicativas, como o portunhol é predicado, no caso, as predicações se sustentam por referenciais negativos e positivos, veremos a seguir. Pois, um procedimento de observação da enunciação, "recai na elaboração de **redes enunciativa,** as quais podem fornecer visibilidade na produção de um enunciado. Trata-se de um procedimento para desenvolvermos o conhecimento do funcionamento da língua na produção do sentido". (Dias, 2018, p.31). O teórico afirma que:

> A técnica das **redes enunciativas** não é aplicada para exercitar estruturas, nem para produzir testes de gramaticalidade ou algo nessa direção. Ela se presta a estabelecer pontos de observação enunciativa, tendo em vistas as dimensões do sentido. Dessa maneira, ela permite demonstrar que uma estruturação formal pode ser enunciativamente permeada por dimensões diferentes da significação.
> A constituição de uma rede enunciativa envolve a formação de contrastes entre a construção linguística em estudos e outras construções com estruturas semelhantes e palavras iguais, no sentido de permitir a percepção dos domínios de mobilização que a enunciação sustenta. Essas construções outras, trazidas para a rede enunciativa, são construídas pelo próprio pesquisador e/ou podem também ser buscadas em usos efetivos como no Google e nos bancos de dados que abrigam usos orais e escritos da nossa língua. O ideal é a combinação dos dois tipos. (Dias, 2018, p.35)

Dias (2018) oferece uma perspectiva crucial sobre a constituição de uma rede enunciativa, e ela não conceituada como um exercício de estruturas nem de produção de testes de gramaticalidade, pois o papel da comparação entre construções linguísticas, destaca que a criação de uma rede enunciativa não é um processo isolado. Envolve a comparação e contraste entre a construção linguística em foco e outras construções que possuem estruturas semelhantes e palavras em comum. Isso implica que a análise linguística não ocorre em um vácuo, mas em relação a outras manifestações da língua. Pois a comparação entre diferentes construções linguísticas tem o propósito de proporcionar uma compreensão mais profunda dos domínios de mobilização que a enunciação abrange. Isso significa que ao analisar as semelhanças e diferenças, é possível identificar como a enunciação influencia e mobiliza diferentes elementos linguísticos.

O pesquisador desempenha um papel ativo na inclusão de outras construções na rede enunciativa. Estas construções podem ser criadas pelo próprio pesquisador para fins de análise, ou podem ser extraídas de usos reais da língua, acessíveis através de fontes como o Google e bancos de dados linguísticos.

Essa abordagem de Dias (2018) sublinha a importância da contextualização e comparação na análise linguística, sugerindo que a compreensão de uma construção linguística específica é aprimorada ao considerá-la em relação a outras manifestações semelhantes. Pois a "rede enunciativa como um procedimento de demonstração das relações entre unidades articuladas, por meio de semelhanças e diferenças entre construções linguísticas". (DIAS, 2018, p.36).

Para Dias (2016, p. 37) acrescenta que o funcionamento político no espaço de enunciação toma esse espaço como "um lugar de identificação dos enunciados, no qual os falantes enunciam, tendo em vista uma pertinência na relação com enunciados de outros falantes." Isso significa que as pertinências enunciativas também são construtos dessa divisão política. Segundo Dias (2018,

> Se há uma palavra na língua, é porque há um interesse social para a sua existência. Esse interesse social traduz o que chamamos de referencial histórico. E se há uma necessidade social que determina a existência de uma palavra, há as possibilidades dessa palavra ser pertinente nos nossos enunciados, isto é, um interesse para que ela integre textos de relevância nas nossas vidas. Uma análise enunciativa não é uma análise textual, mas contribui para uma análise de textos e uma análise discursiva. A diferença está na observação das articulações linguísticas, praticada na abordagem enunciativa. (Dias, 2021, p. 14 – no prelo).

Para Dias (2018) a existência de palavras em uma língua não é aleatória, mas é impulsionada por interesses sociais. Isso sugere que as palavras têm raízes profundas na sociedade e são moldadas por suas necessidades e demandas. O interesse social que leva à criação de palavras é vinculado ao sócio histórico. As palavras refletem não apenas as necessidades presentes, mas também as influências e acontecimentos históricos que moldaram a sociedade.

A existência de uma palavra em resposta a uma necessidade social implica que essa palavra pode ser relevante para a comunicação e o discurso cotidiano. Ela pode encontrar seu lugar em textos e conversas significativas em nossas vidas.

O teórico diferencia uma análise enunciativa de uma análise textual, enfatizando que a análise enunciativa se concentra nas articulações linguísticas e contribui para uma análise mais ampla de textos e discursos. Isso destaca a importância de considerar não apenas o conteúdo das palavras, mas também como elas se relacionam e são no funcionamento da língua.

A ligação entre a linguagem e a sociedade, bem como a relevância das palavras no espaço enunciativo, destaca o papel fundamental da observação das articulações linguísticas na compreensão de como as palavras funcionam em textos e enunciados.

CAPÍTULO 3
O BILINGUISMO PORTUGUÊS-ESPANHOL E A INTERCOMPREENSÃO

"Le plurilinguisme: une évolution du monde qui devrait changer l'apprentissage institutionnel des langues". Jean Pierre Chavagne

Este capítulo enfoca as complexas interações linguísticas que caracterizam a região da fronteira entre o Brasil e a Bolívia, especificamente nas cidades gêmeas de Cáceres e San Matías. Ele aborda alguns aspectos do bilinguismo, da diversidade linguística e da intercompreensão (IC).

A intrincada interação secular entre as culturas lusófona e hispânica desempenha um papel fundamental na compreensão da dinâmica linguística da região da fronteira ocidental.

Os séculos XV e XVI foram marcados por conquistas e explorações ao longo de antigas e novas rotas comerciais marítimas. A expansão marítima, que andou de mãos dadas com a exploração econômica de antigos e novos mercados no Ocidente e no Oriente, levou à emissão de bulas pelos papas e, com isso, aos tratados assinados entre as grandes potências da época: Portugal e Espanha, na tentativa de regular o novo cenário intra e extraeuropeu.

E começa com Portugal em suas conquistas no norte da África e logo se expande para a Espanha com a descoberta da América. Esses eventos geraram inúmeras consequências, sendo a mais marcante delas a aquisição do território brasileiro por Portugal. Território que não teria pertencido à coroa portuguesa sem as turbulentas negociações com os espanhóis, que quase levaram a uma guerra entre os dois países ibéricos, pelo direito de propriedade do território e pela exploração comercial das terras ultramarinas.

Em meio a essa turbulência, surgiu a chamada solução de paz com a assinatura do Tratado de Tordesilhas em 1494, que formalizou o primeiro documento reconhecendo a propriedade de Portugal sobre parte do território do atual Brasil. De fato, "os conflitos europeus tiveram repercussões importantes na história colonial já no século XVI, pois muitas vezes se refletiam na ocupação territorial e na delimitação de fronteiras" (Wehling; Wehling, 1994, p. 57).

As questões políticas da primeira fase da história da formação dos limites territoriais do Brasil foram determinadas entre os séculos XV e XVIII, e não se pode esquecer que isso influenciou a segunda fase histórica, mais atual, que abrange os séculos XIX a XXI, a partir da independência do Brasil e da necessidade de regular os direitos aos limites da soberania conquistada, recorrendo, como regra geral, ao princípio do "Uti possidetis, ita possideatis".

No Tratado de 1494, vemos uma linha imaginária dividindo o globo em dois. De acordo com Munhoz (2019):

> Pelo Tratado de Tordesilhas, o mundo a ser descoberto é dividido entre os dois países, por meio de uma linha imaginária que corta o oceano pela metade, entre dois pontos: Cabo Verde (território português) e o Caribe (ilhas descobertas pela Espanha). Essa linha meridiana passaria, portanto, na metade da rota, cerca de 370 léguas a oeste de Cabo Verde. A parte ocidental dessa linha pertenceria à Espanha, e a parte oriental, a Portugal. Os espanhóis não se importam muito com a exigência portuguesa, pois sabiam que as descobertas de Colombo se localizavam muito além daquela marca (Munhoz, 2019, p. 4-5).

Munhoz (2019) destaca que o acordo de Tordesilhas entre Portugal e Espanha, ambas monarquias católicas, precisou da aprovação do papa. Isso se deveu à necessidade de modificar a bula *Inter Caetera*, que concedia aos espanhóis posses mais extensas. Após a ratificação do Santo Padre, tentou-se lidar com a contestação natural dos territórios portugueses e espanhóis por outros reinos católicos, especialmente Inglaterra, França e Holanda, que tinham grande poder marítimo. É importante lembrar que, nesse período, Deus continuou sendo o centro da sociedade, apesar de já estarmos no século XV, um período de transição para o Renascimento.

A exploração de mercados antigos no Oriente e de novos mercados com a descoberta da América no Ocidente provocou uma mudança significativa no cenário econômico europeu e, consequentemente, grandes desenvolvimentos no mundo científico, político e religioso, um dos quais foi a Reforma Protestante. Esses eventos "modificaram substancialmente as condições de criação e circulação de riquezas, os modelos de organização política e as regras de convivência entre as diferentes unidades soberanas, com o surgimento dos Estados modernos" (Casella; Silva; Accioly, 2011: 69).

Consequentemente, a autoridade papal começou a se enfraquecer em relação aos reis e iniciou-se uma fase de "direito internacional, como forma de reger a convivência entre unidades políticas, deixando de [...] reconhecer a primazia de uma figura papal que

pudesse atuar como "árbitro" supremo nas disputas entre soberanos" (Casella; Silva; Accioly, 2011: 70-71).

Naquela época, o poder não se limitava aos reis como súditos na esfera internacional, mas também ao papa, onde o Sumo Pontífice exercia influência e interferência nos conflitos entre os Estados por meio de seu poder. Por meio de bulas papais, os papas influenciaram a expansão das conquistas portuguesas na África desde o início.

Entretanto, "nos últimos séculos da Idade Média e até o final do século XV, a aquisição de novos territórios, em razão da preponderância exercida no mundo pelo papado, dependia quase que exclusivamente das bulas papais [...]" (Casella; Silva; Accioly, 2011, p. 563). Lembrando que "o Tratado de Tordesilhas representou uma inovação na relação entre as nações cristãs, introduzindo novos critérios de autoridade e arbítrio para a conquista e posse de territórios coloniais" (Ribeiro; Silva; Accioly, 2011, p. 563). (Ribeiro; Moreira, 1992, p. 69).

As grandes tensões e negociações entre Portugal e Espanha, por meio desse tratado internacional, significaram o "ato inaugural da diplomacia moderna, pois foi o primeiro acordo entre Estados sem interferência papal" (Wehling & Wehling, 1994, p. 39). Também é importante observar que as duas grandes potências da época resolveram seus desentendimentos por meio da diplomacia, evitando grandes consequências políticas.

Observamos que, após algumas imposições e exigências dos portugueses, o Tratado de Tordesilhas foi finalmente assinado. Os reis de Portugal e da Espanha uniram forças, com a união ibérica e a expansão das terras que ainda não haviam sido colonizadas, e com o desaparecimento das fronteiras imaginárias entre os dois reinos na América, os territórios foram colonizados. Assim começou a exploração das terras que hoje formam o estado de Mato Grosso. Com o crescente avanço dos territórios castelhanos, eles foram obrigados a rever suas fronteiras com a revisão do Tratado de Tordesilhas.

> Com o fim da União Ibérica e a constante expansão lusitana para os territórios dos Sertões, em território não colonizado, mas castelhano, os dois países foram obrigados a revisar os limites estabelecidos no Tratado de 1494. A primeira tentativa foi feita em 1750, por ocasião do Tratado de Madri. Nessa ocasião, brilhou a estrela do primeiro-ministro Alexandre de Gusmão, cuja exposição de motivos, após as comissões dos ministros para atravessar os rios Prata e Amazonas, permitiu que a Espanha aceitasse a incorporação das novas fronteiras de Mato Grosso e Goiás, juntamente com o Guaporé e o Madeira, além da Lagoa dos

> Patos. Nessa época, a fama do ouro cuiabano extrapolou fronteiras, muitas pessoas vieram para a região e o "uti-possidetis" permitiu que o território mato-grossense tivesse dimensão continental. André Fernandes foi o primeiro paulista a ser conhecido em Mato Grosso do Sul. Ele saiu de São Paulo em 1613 e chegou em 1615. Após atingir o Rio Tocantins, subiu o Rio Araguaia desceu a barra Rio Araguaia desceu a barra até as cabeceiras. até as cabeceiras. Foi somente a partir da assinatura do Tratado de Madri que o território mato-grossense passou a ser oficialmente da Coroa Portuguesa. Por essa razão, é impossível enfocar o povoamento e a colonização dessa parte do território brasileiro sem mencionar esses fatos, que antecederam a fundação do primeiro centro urbano de Mato Grosso, a cidade de Cuiabá. Na verdade, o interesse ibérico só se sintetizou na oferta econômica, pois se tratava de um continente muito rico, principalmente em recursos naturais (Ferreira, 1997, p. 22).

O novo Tratado baseia-se em uma relação de oposição com os acordos antigos, e o Tratado de Madri determina que qualquer direito e ação que as duas Coroas pudessem reivindicar, com base na bula do Papa Alexandre VI e nos tratados de Tordesilhas, Lisboa e Utrecht, na escritura de venda concedida em Saragoça e em quaisquer outros tratados, acordos e promessas, serão abolidos. Em outras palavras, o Tratado de Madri se opõe à linha imaginária que havia sido delimitada nos antigos acordos, afirmando que "não será mais a linha acima mencionada", ou seja, não será mais marcada pelo local de uma soberania religiosa ou monárquica, mas será determinada em relação "apenas à fronteira prescrita nestes artigos".

No início do século XVIII, mesmo antes de as bulas papais de Alexandria serem declaradas nulas e sem efeito pelo Tratado de Madri, ocorreu a criação das prelazias de Goiás e Cuiabá, que eram subordinadas administrativamente pelos portugueses. Roma reconheceu indiretamente isso como parte das possessões de Portugal, lembrando que essas regiões pertenciam à Espanha em virtude do Tratado de Tordesilhas.

> [...] em 1720 foi criada a freguesia de Cuiabá e, em 1726, a freguesia de Sant'Ana de Vila Boa de Goiás. Grande foi o crescimento demográfico verificado nessas regiões no decorrer do século XVIII, de modo que, para melhor administrá-las, a Coroa portuguesa procedeu à sua reorganização político-administrativa, criando, em 1720, a Capitania de Minas Gerais - separando-a da Capitania de São Paulo -, bem como as Capitanias de Mato Grosso e Goiás, em 1748. Segundo André Lima, na época de seu desmembramento da Capitania de São Paulo, a Capitania de Minas Gerais tinha entre 250 e 300 mil habitantes, enquanto Vila Boa de Goiás e Cuiabá, por sua vez, contavam com uma média de 3 mil habitantes, contavam com uma média de 3 a 4 mil habitantes à época da criação da Capitania do Mato Grosso, sendo "vilas medianas diante de suas congêneres litorâneas, mas pequenas metrópoles diante de sertões tão dilatados" (Leão Filho, 2020, p. 100-101).

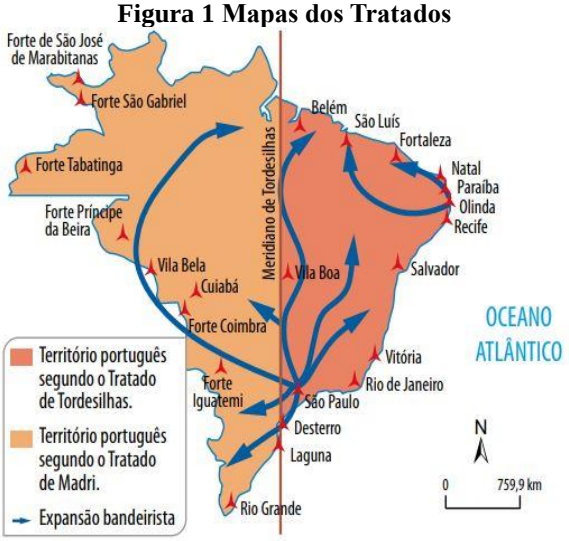
O trecho anterior fornece uma visão geral concisa e informativa da evolução demográfica e da reorganização política e administrativa do Brasil colonial do século XVIII. Ele começa com a criação das freguesias de Cuiabá e Sant'Ana de Vila Boa de Goiás em 1720 e 1726, respectivamente, mostrando a expansão territorial e demográfica dessas regiões.

Em resposta a esse crescimento, a Coroa Portuguesa optou por reestruturar as divisões políticas e administrativas. Esse processo resultou na criação da Capitania de Minas Gerais em 1720, desmembrando-a da Capitania de São Paulo. Posteriormente, em 1748, foram criadas as capitanias de Mato Grosso e Goiás.

Também é digno de nota o notável crescimento demográfico das Capitanias de Minas Gerais, Vila Boa de Goiás e Cuiabá. Enquanto a Capitania de Minas Gerais já tinha uma população estimada entre 250.000 e 300.000 habitantes quando se separou de São Paulo, as cidades de Vila Boa de Goiás e Cuiabá tinham uma média de 3.000 a 4.000 habitantes na época da criação da Capitania de Mato Grosso. Esses números ilustram a magnitude das mudanças demográficas e a importância dessas cidades no contexto regional da fronteira oeste de Mato Grosso.

Isso fornece uma visão geral clara e informativa da evolução demográfica e administrativa de nossa região de Mato Grosso e contribui para uma compreensão mais completa do contexto histórico de Mato Grosso no século XVIII.

Figura 1 Mapas dos Tratados



Fonte: Cola da Web História do Brasil[7]

[7] Disponível em: https://www.coladaweb.com/historia-do-brasil/tratado-de-madri. Acessado em: 30/04/2023.

Assim, o território colonial do Brasil aumentou após o Tratado de Madri. E o tratado anulou oficialmente o Tratado de Tordesilhas, validando a série de ocupações e anexações realizadas pelos bandeirantes[8] nos dois séculos anteriores.

Embora houvesse uma reconciliação de interesses entre Portugal e Espanha como metrópole, isso não se aplicava àqueles que realmente viviam nas colônias. Os jesuítas espanhóis não aceitaram os termos do acordo que os obrigava a se retirar das Misiones de los Siete Pueblos[9], que mobilizavam os povos indígenas a seu favor. Os jesuítas, que estavam fazendo trabalho de catequização nas comunidades locais, não queriam que os índios fossem explorados pelos colonos portugueses.

3.1 Bilinguismo português-espanhol e outras línguas na Iberoamérica

As fronteiras são espaços geográficos que favorecem o contato entre idiomas e culturas. Quando esses espaços são extensos e suas línguas são pluricêntricas, os aspectos linguísticos, culturais, econômicos e sociais convergem. O espanhol e o português, por exemplo, compartilham um grande espaço fronteiriço na Europa e na América, o que possibilita o encontro de variedades linguísticas em áreas com diversidade e diferenças que podem ser significativas (Matesanz *et al*., 2024).

As relações linguísticas fronteiriças luso-espanholas podem assumir diferentes formas, como o discurso monolíngue em uma segunda língua comum compartilhada, o discurso multilíngue usando as línguas maternas dos falantes (intercompreensão) e o discurso monolíngue ou multilíngue em português, dependendo das áreas geográficas de interação (Matesanz, 2019). Essas possibilidades de bilinguismo são encontradas em diferentes contextos, como a fronteira física entre Portugal e Espanha, as fronteiras físicas entre o Brasil e os países de língua espanhola e as fronteiras virtuais entre os países de língua portuguesa e de língua espanhola. Esta pesquisa tem como objetivo demonstrar a riqueza da fronteira oeste de Mato Grosso em termos de valorização da diversidade,

[8] "Os bandeirantes eram homens da selva que, durante o Brasil colonial, partiam da região da atual São Paulo em expedições pelo interior do território brasileiro. O rio Tietê era utilizado como a principal rota de penetração, levando os paulistas a lugares como Mato Grosso, Paraná e Goiás". (Tradução nossa). Veja mais sobre os "Bandeirantes" em: https://brasilescola.uol.com.br/historiab/o-bandeirantismo.htm . Consultado. Acesso em: 07/05/2024.

[9] Veja mais em: https://www.coladaweb.com/historia-do-brasil/tratado-de-madri. Acessado em: 07/05/2024.

construção de uma identidade plural e desenvolvimento da interculturalidade. A compreensão dessas diferentes formas de bilinguismo e de suas implicações culturais pode ajudar a fortalecer a convivência e o diálogo intercultural.

A implementação de um programa de educação bilíngue: português-espanhol integrado ao currículo escolar das cidades gêmeas de Cáceres/San Matías, conforme descrito no documento do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), será discutida em detalhes no subcapítulo de análise documental deste estudo, com foco específico na dinâmica entre essas cidades gêmeas. Essa iniciativa tem o objetivo de desempenhar um papel estratégico na criação das condições necessárias para valorizar o conhecimento prévio dos habitantes da região de fronteira. Essa abordagem educacional bilíngue representa um passo significativo na promoção da inclusão e do reconhecimento das diversas práticas linguísticas presentes nesse contexto específico. Além disso, ela se alinha ao compromisso de valorizar e respeitar a diversidade cultural e linguística dos habitantes da fronteira, contribuindo assim para uma educação mais inclusiva.

Ao adotar essa perspectiva, a comunidade escolar das Cidades Gêmeas poderia se beneficiar de um ambiente educacional enriquecedor, no qual a diversidade linguística é vista como um ativo valioso. Isso não apenas fortalecerá os laços entre as comunidades locais, mas também promoverá uma abordagem mais abrangente e sensível às necessidades dos alunos que compartilham experiências em ambos os lados da fronteira. Dessa forma, ao considerar a implementação de um programa de educação bilíngue no currículo escolar das cidades gêmeas de Cáceres/San Matías, estaríamos não apenas enriquecendo a experiência educacional, mas também demonstrando um compromisso genuíno com a valorização das identidades linguísticas e culturais dos habitantes dessa região fronteiriça. Essa abordagem, baseada no respeito, na equidade e na inclusão, tem o potencial de transformar positivamente o cenário educacional dessas comunidades, proporcionando um ambiente mais acolhedor e propício ao desenvolvimento holístico e à consciência linguística multilíngue dos alunos.

É possível, sim, pensar na educação bilíngue como parte do currículo escolar na fronteira oeste de Mato Grosso, especificamente entre as cidades gêmeas de Cáceres e San Matías, pois isso teria um papel estratégico na criação de condições para a valorização dos conhecimentos prévios dos fronteiriços, como disse Ana Paula Laborinho, Diretora

da OEI em Portugal, em entrevista ao Raia Diplomática[10] , "possibilitando mudar suas concepções e percepções sobre si mesmos e seus saberes, ampliando seus conhecimentos" (Raia Diplomática: 2021).

A Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), criada em 1949 e com sede em Madri, na Espanha, trabalha intensamente para promover o multilinguismo por meio da educação. É um órgão supranacional de cooperação no campo da educação, ciência, tecnologia e cultura, e é o maior órgão multilateral de cooperação entre os países ibero-americanos de língua espanhola e portuguesa. Conta com a participação de 23 países ibero-americanos e da Guiné Equatorial, com quase 500 especialistas e colaboradores distribuídos fisicamente em 20 países ibero-americanos (Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, México, Peru, Chile, Equador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Portugal, República Dominicana e Uruguai). Trabalha para fortalecer as políticas públicas, o desenvolvimento da cidadania participativa, uma sociedade mais justa e solidária e para promover a consolidação da democracia e de uma cultura de paz nessas regiões.

Entre seus diversos compromissos, a OEI vem realizando ações no âmbito do Programa Ibero-Americano de Difusão da Língua Portuguesa. Essas ações buscam implementar um modelo bilíngue, em conjunto com o espanhol e outras línguas presentes na Ibero-América, apostando assim na ampliação dos espaços políticos, educacionais e culturais. Em 2019, a OEI[11] lançou um Programa Ibero-Americano de Multilinguismo e Promoção das Línguas Portuguesa e Espanhola. O objetivo desse programa é fortalecer o uso do português ao lado do espanhol, promovendo a cooperação nas áreas de educação, ciência e cultura. Entre seus objetivos estão a ampliação da cooperação política, educacional, cultural e científica, a contribuição para a integração regional e a promoção da interculturalidade, valorizando a diversidade cultural da região.

De acordo com a OEI, a região ibero-americana pode ser considerada a maior região linguística do mundo, pois abrange mais de 800 milhões de pessoas que falam espanhol ou português, além de outros idiomas nativos. A OEI destaca que o espanhol e

[10] Disponível em: https://raiadiplomatica.info/language/pt/2021/03/05/a-estrategia-da-oei-para-a-lingua-portuguesa/ . Acessado em: 01/05/2022.
[11] Disponível em: https://oei.int/pt/escritorios/secretaria-geral/programa-ibero-americano-de-difusao-da-lingua-portuguesa/o-programa . Acessado em: 01/05/2022.

o português estão entre os cinco idiomas mais falados no mundo e prevê que serão os idiomas que mais crescerão até o final do século. A OEI afirma que a proximidade linguística e cultural entre esses dois idiomas favorece o bilinguismo e a intercompreensão linguística. Esse vínculo reforça a convivência intercultural e amplia as possibilidades de intercâmbio e produção de conhecimento, dinamizando as relações entre diferentes áreas e impulsionando a cooperação. Isso sugere um potencial considerável para o desenvolvimento de programas de educação e intercâmbio que explorem essa vantagem linguística.

A afirmação foi feita em uma entrevista com a diretora da OEI em Portugal[12], Ana Paula Laborinho, que também é diretora geral do Programa Ibero-Americano de Multilinguismo e Promoção das Línguas Portuguesa e Espanhola - OEI:

> "sendo a minha primeira ação melhorar a cooperação entre línguas em áreas em que a sua relevância é grande, desde logo a educação, incluindo o ensino superior, mas também ao nível da produção científica aberta e plurilingue, área fundamental para o reconhecimento internacional das duas línguas. Estamos também a desenvolver um grande esforço para tornar a **OEI verdadeiramente bilingue**, desde logo produzindo toda a sua documentação nas duas línguas, incluindo relatórios técnicos, mas também conferências, reuniões técnicas, o que tem possibilitado o envolvimento da CPLP, de que somos Observadores Associados e que também é Observador Associado da OEI (Raia Diplomática, 2021). (Ênfase adicionada).

É necessário atuar, em primeiro lugar, na cooperação entre os dois idiomas, português e espanhol. De acordo com Labourinho (Raia Diplomática, 2021),

> A aprendizagem de várias línguas é muito benéfica como o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Já termos experiências sobre a internacionalização da língua portuguesa no Uruguay, e aqui ao lado a Extremadura e na Galiza há uma maior procura pela aprendizagem da língua portuguesa. Será utópico implementar uma política educativa que crie condições para que a língua portuguesa seja a 2ª língua estrangeira no sistema de ensino em Espanha, e o mesmo aconteceria

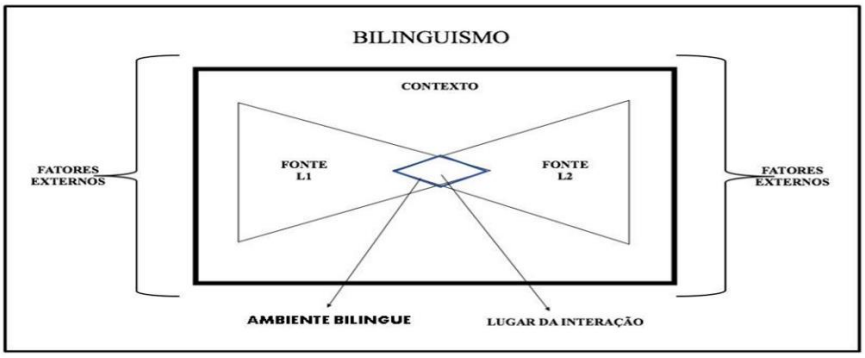
[12] Disponível em: https://raiadiplomatica.info/language/pt/2021/03/05/a-estrategia-da-oei-para-a-lingua-portuguesa/ . Acessado em: 01/05/2022.

> em Portugal, em que a língua espanhola seria a 2ª língua estrangeira no sistema de ensino de Portugal? (Raia Diplomática, 2021).

Para muitos pode parecer irrealista ou até utópico, mas é fato que o bilinguismo em português e espanhol está presente em várias fronteiras brasileiras. Nesse sentido, por que não considerar a possibilidade de uma educação bilíngue na fronteira oeste do Mato Grosso/Brasil, já que as cidades de Cáceres e San Matías se tornaram cidades gêmeas? É viável promover e discutir a ideia da educação bilíngue na região, onde seria possível tornar obrigatório o ensino do espanhol como língua estrangeira no sistema educacional de Cáceres, bem como oferecer o português como língua estrangeira no sistema educacional de San Matías. Tal iniciativa seria, sem dúvida, extremamente benéfica para o desenvolvimento cognitivo dos alunos que vivem na fronteira, bem como para toda a comunidade.

Assim, pretendemos refletir a partir da perspectiva do bilinguismo português-espanhol, com foco na análise do contato linguístico em nossa área de fronteira e da interculturalidade que ali se manifesta. A região onde convivem as línguas portuguesa e espanhola desde o Tratado de Tordesilhas é um espaço privilegiado de enunciação para o fortalecimento das línguas e das relações culturais em nossa região. Apesar de ser uma comunidade bilíngue, essa realidade linguística é menos explorada do que seu potencial permitiria. Por isso, é tão importante trabalhar a intercompreensão entre os dois idiomas, considerando-a tanto do ponto de vista comunicativo e de uso quanto do ponto de vista educacional. A intercompreensão é um recurso para cidadãos, sociedades e estados brasileiros que compartilham o mesmo espaço de enunciação, possibilitando novos usos, aprendizado e ensino. Dessa forma, podemos potencializar as associações linguísticas entre as línguas portuguesa e espanhola, levando em conta a realidade multilíngue do século XXI. Segundo Barros, "São muitas as possibilidades encontradas no processo de contato linguístico, por exemplo, quando falamos em bilinguismo (Baker, 2011) ou multilinguismo (Cenoz, 2001), (Barros, 2020, p. 34)". Agora, examinaremos as imagens elaboradas por Barros (2020).

Figura 2 Bilinguismo

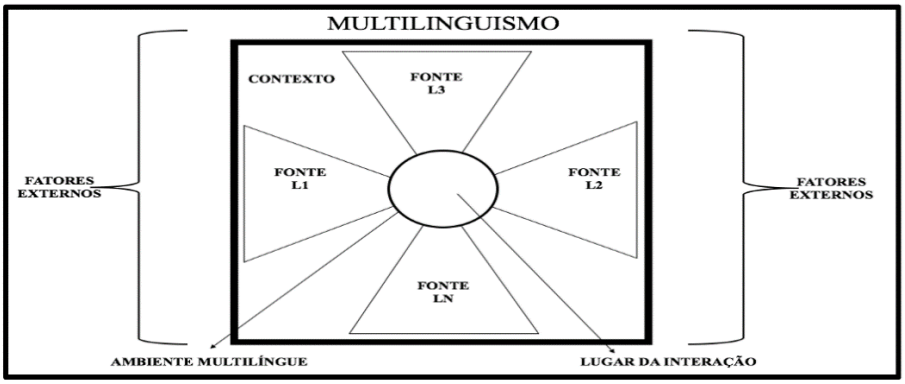


Fonte: Barros (2020) com base em Cenoz, Hufeisen & Jessnes (2001), Jarvis, S. & Pavlenko, A. (2008), Barker (2012), Selinker, L. & Gass, S.M. (2008), Freeman, D.L & Long, M. H. (1991).

De acordo com Barros (2020, p. 34),

> A Figura 2 mostra o ambiente do bilinguismo. Pela imagem, percebe-se que o local de contato linguístico é cercado por fatores externos, que, por sua vez, atuam em um contexto que reagirá de acordo com as línguas que se cruzam - e que, por sua vez, também apresentam características próprias, além dos próprios falantes.

Figura 3 Multilinguismo



Fonte: criado por Barros (2020) com base em Cenoz, Hufeisen & Jessnes (2001), Jarvis, S. & Pavlenko, A. (2008), Barker (2012), Selinker, L. & Gass, S.M. (2008), Freeman, D.L & Long, M. H. (1991).

De acordo com Barros (2020, p. 35),

> A figura 3 mostra o ambiente de multilinguismo. Ele apresenta em seu contexto completo um ambiente mais complexo devido a todos os fatores já mencionados na imagem 2, agora com a adição de mais idiomas a esse ambiente, tornando o ponto de interação muito mais obscuro.

Assim, vemos que a Figura 02 retrata um ambiente bilíngue no qual o contato entre as línguas é cercado por fatores externos que influenciam o ambiente como um todo. Esses fatores agem sobre o ambiente e afetam a interação entre as línguas e os falantes, criando um conflito entre eles. Além disso, o ambiente tem suas próprias características que vão além dos próprios falantes.

A Figura 03 mostra um ambiente multilíngue, que é ainda mais complexo do que o ambiente bilíngue descrito acima. Nesse caso, há vários idiomas que se cruzam, o que torna o ponto de interação muito mais profundo. Todos os fatores externos mencionados na Figura 02 ainda estão presentes na Figura 03, mas com a adição de mais idiomas, o que torna a análise ainda mais complexa.

Esta pesquisa apresenta a inclusão da língua portuguesa falada no Brasil - o português brasileiro - em sua análise. De acordo com Barros (2020), embora existam muitos estudos sobre multilinguismo em contextos europeus, poucos se dedicam a incluir a língua falada no Brasil, o português brasileiro. Além disso, enquanto a maioria dos estudos sobre multilinguismo no país está relacionada à educação, este estudo enfoca a relação entre a língua portuguesa brasileira e a língua espanhola boliviana. Essa relação é constituída pelas enunciações de falantes fronteiriços no espaço de enunciação da língua portuguesa brasileira, em um contexto multilíngue na fronteira oeste de Mato Grosso, onde essas duas línguas predominantes coexistem ao lado de outras línguas, como as línguas ameríndias e de imigrantes. Esta tese tem um diferencial importante, que é a inclusão da língua portuguesa falada no Brasil - o português brasileiro - em sua análise.

Para realizar esta pesquisa, seguimos a abordagem teórica e metodológica desenvolvida por Guimarães (2002, 2005, 2007b, 2011); nessa perspectiva, a enunciação é considerada um evento que temporaliza a relação do falante com a língua. O fato de o sujeito estar constantemente tomando a palavra, mesmo que às vezes ela seja negada, faz da enunciação uma prática política. Isso nos permite dizer que o político afeta e divide materialmente a língua, nessa relação de disputa entre línguas e falantes, uma vez que o funcionamento político da língua constrói o imaginário da "igualdade" e pode, assim, afirmar o pertencimento dos excluídos pela desigualdade. Assim, a enunciação como prática política coloca o conflito de sentidos no centro do que é dito (Guimarães, 2002). Portanto, consideramos que as línguas da fronteira oeste de Mato Grosso, ao serem

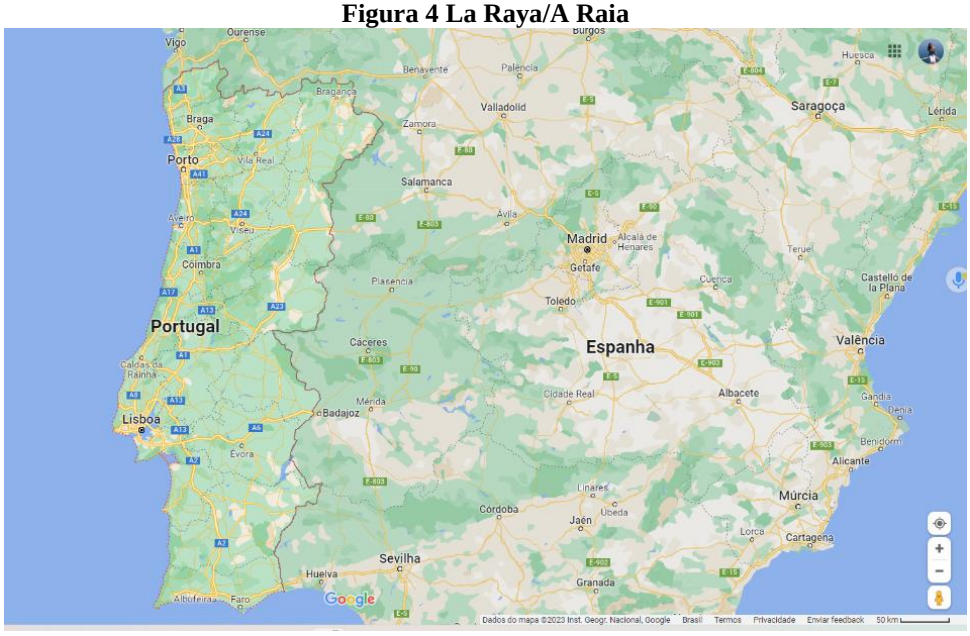
enunciadas, significam a partir do funcionamento do político, ou da política, que as organiza e distribui hierarquicamente.

Para entender como se configura o espaço de enunciação da língua portuguesa brasileira na fronteira oeste de Mato Grosso, tomaremos três eixos para observar uma discussão das fronteiras onde há Bilinguismo: Português-Espanhol (Europa e América), seguiremos esses eixos propostos por (Matesanz *et al*., 2024), (i) Espaços geográficos compartilhados; (ii) Bi/multilinguismo e variação linguística; (iii) Diferenças culturais e assimetrias socioeconômicas.

Esses três eixos são pontos muito importantes para nossa pesquisa, portanto, vamos primeiro pensar sobre (i) Espaços geográficos compartilhados na fronteira (Europa e América).

O primeiro eixo deste estudo se concentra nos espaços de fronteira geográfica, que limitam as interações entre falantes que compartilham espaços físicos delimitados por uma fronteira - no caso específico deste estudo, a fronteira, como pode ser visto no exemplo a seguir, entre Espanha e Portugal, também conhecida como La Raya/A Raia. Essa fronteira diplomática tem cerca de 1.214 quilômetros de extensão.

Figura 4 La Raya/A Raia



Fonte: *Google Maps*

O espaço linguístico é compartilhado pelo português e pelo espanhol, pelo galego - na parte norte da fronteira - e por outras línguas indígenas minoritárias

(Mirandés, Barranqueño, Fala), bem como por línguas de migrantes (Matesanz *et al.*, 2024) . Além disso, deve-se observar que o bilinguismo português-espanhol não é dominante entre os falantes da fronteira, nem o grau de conhecimento de espanhol e português nas regiões de fronteira é homogêneo (Matesanz *et al.*, 2024). Desde 2010, foram implementados programas específicos para promover o bilinguismo espanhol-português nas escolas da fronteira entre Espanha e Portugal. Do lado espanhol, essas ações incluem o Programa José Saramago[13], que visa promover o ensino do português como segunda língua estrangeira nas escolas secundárias da Comunidade Autônoma da Andaluzia. Desde 2015, o Programa BIlingüEX[14] de Seções Bilíngues da Comunidade da Extremadura é realizado com o objetivo de promover o bilinguismo na educação; entre as línguas ensinadas está o português, embora seja minoritário em relação ao ensino do inglês (Schwambach *et al.*, no prelo).

Há vários projetos sendo desenvolvidos na RAYA/RAIA, uma área de fronteira com bilinguismo: português-espanhol trabalhando intensamente, e

> [...] A iniciativa mais recente destinada a promover o multilinguismo e a interculturalidade na fronteira Espanha-Portugal é o Projeto Escolas Bilíngues e Interculturais de Fronteira (EBIF[15]), um projeto de cooperação entre os governos de Portugal e Espanha e as Comunidades Autônomas, com a colaboração da OEI como parceiro estratégico e no qual a Universidade Complutense de Madri e a Universidade de Aveiro são consultoras. [...] A existência desses programas e projetos voltados para as línguas e a cultura da fronteira entre Espanha e Portugal revela que há um interesse em fazer dessa área um espaço em que o bilinguismo seja a norma, algo que, no momento, está longe de ser a realidade dominante (Matesanz *et al*., 2024, p. 76-94). (Tradução da autora).

De acordo com os autores, o espaço que o bilinguismo não ocupa não é ocupado pelo portunhol, sendo que algumas evidências sobre o portunhol são que ele é "entendido como uma variante dialetal de línguas em contato com base no espanhol e no português, tem nessa área de fronteira uma variante histórica, o barranqueño (Leite de Vasconcelos, 1955; Navas, 2011, 2014) com uso muito local (Barrancos em Portugal)", de acordo com Matesanz *et al*., (2024).

---

[13] Disponível em: https://www.juntadeandalucia.es/educacion/portals/web/plurilinguismo/programa-jose-saramago . Acessado em: 05/05/2023.
[14] Disponível em: https://www.educarex.es/ord_academica/programas-bilingues.html Acesso em: 05/05/2023.
[15] Disponível em: https://oei.int/oficinas/secretaria-general/escuelas-de-frontera/proyecto Acesso em: 05/05/2023.

Outra evidência em relação ao Portuñol é que ele é considerado o resultado de interações discursivas "entre falantes de português e espanhol, nas quais fenômenos como transferência da língua materna, alternância de código e outros elementos de aquisição de segunda língua são frequentes (Lipski, 2006; Corbella & Fajardo, 2017), tem um uso desigualmente distribuído" (Matesanz *et al.*, 2024) .

E a evidência mais recente é o caso do português não estável, de acordo com (Matesanz, 2019),

> não é dominante na área, com falantes não bilíngues recorrendo à intercompreensão ou a um segundo idioma, como o inglês, especialmente entre as gerações mais jovens. Os casos de portunhol, de acordo com as informações de que dispomos, são manifestações individuais e não específicas de uma determinada comunidade da região. (Matesanz *et al*., 2024, p. 76-94) (Tradução da autora).

A citação de Matesanz (2019) destaca a falta de estabilidade do portunhol na região, indicando que não é uma forma linguística dominante. O autor observa que os falantes não bilíngues, especialmente nas gerações mais jovens, optam pela intercompreensão ou por um segundo idioma, como o inglês, em vez do português. Essa dinâmica sugere que o Portunhol não se estabeleceu como um fenômeno linguístico consistente e compartilhado dentro de uma comunidade. Além disso, ao mencionar que as instâncias do Portunhol são manifestações individuais e não características de uma comunidade específica na área, Matesanz aponta para a natureza fragmentada e variável desse fenômeno. Isso significa que, em vez de representar uma prática linguística coletiva, o uso do portunhol parece ser mais uma escolha individual feita por alguns falantes.

É interessante notar que, de acordo com essa análise, a intercompreensão e o uso de um segundo idioma, como o inglês, parecem ser estratégias mais comuns entre os falantes, indicando uma diversidade de abordagens linguísticas na região. Essa observação destaca a complexidade das interações linguísticas em áreas de contato linguístico e ressalta a importância de considerar as práticas individuais e as preferências linguísticas ao analisar fenômenos como o portunhol.

Agora, se olharmos para as fronteiras do Brasil com os países de língua espanhola, há um espaço de contato português-espanhol, que é muito diferente do que foi mencionado acima em relação à Europa. Na América Latina, o Brasil faz fronteira com países de língua espanhola: Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia, Peru, Colômbia e Venezuela. Há estudos que comprovam um portunhol estável em algumas dessas

fronteiras. Também temos pesquisas que comprovam um portunhol fronteiriço nas fronteiras do Brasil com o Uruguai e do Brasil com a Argentina.

Há também pesquisas sobre o portunhol da tríplice fronteira entre Brasil-Argentina e Paraguai, na qual, além do português e do espanhol, também se fala o guarani. E talvez um portunhol que seja até certo ponto estável e/ou não estável em outras partes da fronteira brasileira.

O caso do "portunhol selvagem" caracteriza-se por sua extrema liberdade no uso das línguas que incorpora, tendo como base o portunhol falado na Tríplice Fronteira, que, segundo Douglas Diegues, é uma região sem reconhecimento oficial dessa língua. Esse fenômeno linguístico se distingue pela ausência de gramática e ortografia padronizadas, sendo idiossincrático e intercompreensível para quem fala espanhol, português, guarani e/ou jopará. Apesar de seu reconhecimento, permanecem dúvidas sobre sua semelhança com o portunhol regional e a permeabilidade de ambos os lados da fronteira a esse fenômeno. A compreensão do "portunhol selvagem" depende em grande parte do conhecimento do idioma e da familiaridade com a região da fronteira, enquanto o uso do termo gera controvérsias sobre sua adequação (Matesanz, 2024). Vejamos a faixa de fronteira brasileira.

Figura 5 Mapa da área de fronteira



Fonte: IGBE 2021

No segundo eixo: multilinguismo e variação em duas línguas pluricêntricas português-espanhol, os estudos realizados por Matesanz *et* al. (2024) mostram que há multilinguismo e variação no português e no espanhol como línguas pluricêntricas. E pode-se dizer que o português não pode ser homogêneo, pois é formado por diferentes variedades do espanhol e do português. Nos dialetos estáveis é possível identificar influências de outras línguas e variações relacionadas às variantes faladas na área de atuação do português e do espanhol. No português não estável, não temos dados claros sobre a influência do multilinguismo e da variação em sua configuração e manifestações. Não há, entretanto, estudos baseados nas interações dos falantes na área de fronteira entre o Brasil (MT) e a Bolívia, cujos principais centros, Cáceres (Brasil) e San Matías (Bolívia), são habitados por indígenas Chiquitanos e imigrantes de diferentes nacionalidades, como os haitianos. Tampouco dispomos de dados sobre o grau de diferenciação entre o português falado em ambos os lados do Atlântico e em diferentes pontos das fronteiras entre os dois países (Matesanz *et al*., 2024).

> Como ambas as línguas são pluricêntricas, com tudo o que esse conceito implica (OEI, 2021), as variedades resultantes de seu contato manterão as características das línguas de base, o que, sem dúvida, leva à diferenciação. Outra questão, sobre a qual não dispomos de dados, é o grau de diferenciação entre o português falado nos dois lados do Atlântico e em diferentes pontos das fronteiras entre dois países. Sem estudos específicos sobre línguas fronteiriças, não podemos fazer nenhum progresso nessa questão (Matesanz *et al*., 2024, p. 76-94).

O segundo eixo, que trata do multilinguismo e da variação nas duas línguas pluricêntricas português-espanhol, mostra a presença marcante da multiplicidade linguística e da variação nas formas do português e do espanhol, dada a natureza pluricêntrica dessas línguas. Deve-se observar que o portunhol não pode ser considerado homogêneo, pois é formado por diferentes variedades do espanhol e do português. Nos dialetos estáveis, é possível identificar influências de outras línguas e variações relacionadas às variantes faladas na região onde coexistem o português e o espanhol.

No entanto, quando se trata do portunhol não estável, não temos clareza sobre a influência do multilinguismo e a variação em sua configuração e manifestações. A falta de estudos e dados específicos sobre as interações entre falantes na área de fronteira entre o Brasil (MT) e a Bolívia, em locais importantes como Cáceres (Brasil) e San Matías

(Bolívia), onde vivem indígenas Chiquitanos e imigrantes de várias nacionalidades, inclusive haitianos, limita imediatamente nossa compreensão.

Dado que ambas as línguas são pluricêntricas, com todas as implicações desse conceito (OEI, 2021), as variedades resultantes do contato entre elas manterão as características fundamentais das línguas de origem, o que inevitavelmente levará à diferenciação. Outra questão para a qual não dispomos de dados é o grau de diferenciação entre o português falado nos dois lados do Atlântico e em diferentes pontos das fronteiras entre os dois países. Sem estudos específicos sobre as línguas fronteiriças, não poderemos avançar mais nessa questão.

O terceiro eixo trata das diferenças culturais e da assimetria socioeconômica dos falantes da fronteira. Observa-se que há diferenças culturais entre os países fronteiriços, apesar de sua proximidade histórica e linguística. O fato de os falantes pertencerem a dois países (ou mais, no caso de fronteiras triplas) que possuem oficialmente pelo menos dois idiomas, o português e o espanhol, condiciona as manifestações culturais em ambos os lados da fronteira. A possível assimetria socioeconômica que pode existir entre os países vizinhos influencia tanto a configuração do português quanto o seu uso. O uso pode não ser igualmente frequente em ambos os lados, e pode ser mais usado por falantes de um determinado idioma. No Brasil, em sua maioria, o espanhol e o portunhol não têm o prestígio do português, pois é o idioma que se sobrepõe nas interações entre os falantes dos dois lados da fronteira.

Na fronteira oeste do Mato Grosso, como vimos anteriormente, há uma assimetria socioeconômica entre os falantes, que será discutida mais adiante na tese. De acordo com um estudo realizado sobre o português nas interações da rede social português-espanhol, os autores mostram essa assimetria socioeconômica na fronteira entre o Brasil e a Bolívia:

> No caso que estamos analisando neste estudo, o da fronteira Brasil (MT)-Bolívia, o portunhol é usado com mais frequência por falantes bolivianos, ou de origem boliviana, mas, por isso mesmo, é estigmatizado (Ferreira-Martins, 2019: 199). As diferenças socioeconômicas entre a população migrante boliviana ou de origem boliviana, mas, de qualquer forma, radicada no Brasil, fazem com que os brasileiros vejam o portunhol como uma língua associada, em certa medida, a circunstâncias ou atitudes com as quais não se identificam, crime e drogas, estereótipos atribuídos aos bolivianos (Silva, 2012; Ferreira Martins, 2019; Silva e Macedo Karim, 2019). (Matesanz *et al*., 2024, p. 76-94).

Esses espaços compartilhados de bilinguismo: português-espanhol nas fronteiras Brasil/Bolívia precisam ser estudados, portanto, nosso principal objetivo para a intercompreensão nesta pesquisa é que possamos desenvolver uma capacidade de estabelecer relações entre as línguas conhecidas/relacionadas - espanhol/português/português -, essas línguas-alvo no nível receptivo de compreensão e uma proposta didática para o ensino de línguas na fronteira oeste de Mato Grosso a partir de uma perspectiva bilíngue.

Dito isso, podemos pensar que, ao afirmarmos que há línguas e falantes, e que eles são divididos pelos modos e direitos de dizer, o português brasileiro, o espanhol boliviano e o portunhol, queremos ver como se produz essa configuração do espaço de enunciação na fronteira oeste do Brasil, em que os falantes são tomados (afetados) por línguas que funcionam no mesmo espaço de enunciação do português brasileiro e, sendo afetados dessa forma, enunciam de modos diferentes. Desse modo, podemos observar, à primeira vista, que há uma disputa que, por um lado, inclui certas línguas e certos falantes e, por outro, exclui outras línguas e outros falantes, e que nos leva a considerar que quem fala espanhol não "pertence" a quem fala português e vice-versa; além disso, quem é afetado pelas regularidades do funcionamento do portunhol pertence ou não a quem fala espanhol ou a quem fala português.

3.2 A diversidade linguística no Brasil e na fronteira oeste de Mato Grosso

A diversidade linguística no Brasil é um fenômeno que reflete a riqueza cultural e linguística do país. Na área específica da fronteira oeste de Mato Grosso, essa diversidade assume nuances ainda mais interessantes. Dessa forma, o português, como língua oficial, está entrelaçado com uma multiplicidade de dialetos e línguas indígenas, criando uma diversidade linguística muito significativa. Este subcapítulo se aprofundará nesse complexo universo linguístico para entender melhor a relação entre o português brasileiro e o espanhol boliviano e, assim, ser levado em conta em nossas análises.

De acordo com Guimarães (2005), há diferentes formas de cenários enunciativos nas relações entre línguas e falantes. A organização da língua nacional é um dos fatores que definem o modo como as línguas se distribuem no espaço de enunciação, uma das

formas de representar como os falantes e as línguas se relacionam entre si. Na relação entre a língua portuguesa e a língua espanhola no espaço de enunciação do português brasileiro, temos a língua espanhola representada como LE em relação ao português, como línguas faladas por países que não fazem parte do território brasileiro, como a Bolívia.

Os espaços de enunciação são habitados por falantes que atuam como figuras politicamente agenciadoras de línguas "divididas por seus direitos de dizer e modos de dizer" (Guimarães, 2005, p. 18). E, de acordo com Guimarães (2007), o espaço de enunciação é "decisivo para assumir a enunciação como uma prática política", que é falar em um espaço dividido entre falantes e línguas. Guimarães (2007a, p.64) faz uma distinção entre "relações imaginárias cotidianas" e "relações imaginárias institucionais (ideológicas)". Entre as relações que se constituem na vida cotidiana, as definições de "língua materna", "língua estrangeira" e "língua franca" surgem em termos do modo como as línguas são representadas para os falantes. No que diz respeito às línguas cotidianas, o teórico distingue entre a língua materna, falada pelo sujeito que nasce no centro da comunidade que a utiliza, as línguas estrangeiras, qualquer língua não materna, e a língua franca, que são aquelas usadas para o entendimento mútuo entre falantes de diferentes línguas maternas. Da mesma forma, nessa esfera de relações, constituída no âmbito institucional, é feita uma distinção conceitual entre a língua nacional, que consiste naquilo que é específico de um povo, que é reconhecido como membro de uma comunidade que fala a mesma língua, e a língua oficial, legitimada como a língua do Estado nacional, que a representa em documentos oficiais, atos jurídicos etc. Línguas estrangeiras, portanto, são todas aquelas praticadas por falantes de uma nação que não a dos falantes em questão (Guimarães, 2007a).

O espaço da fronteira é sempre visto como um portal que tem o poder de mudar as pessoas e seu ambiente original. De certa forma, as fronteiras físicas não são necessariamente fronteiras linguísticas, pois o contato entre os idiomas é uma consequência inevitável. E com seus vestígios, o contato linguístico imprime novas configurações que permeiam as redes comunicativas, favorecendo assim o desenvolvimento de um cenário indiscutivelmente heterogêneo e diverso (Mollica, 2004).

Cáceres, uma das cidades fronteiriças do Brasil, com um ambiente multiétnico e multicultural, pode ser considerada uma cidade cosmopolita e dinâmica, de forma interativa, como resultado do fluxo humano e de todos os traços culturais peculiares e

idiossincráticos. O conceito de fronteira na Constituição Federal do Brasil (1988) equivale a uma "faixa de fronteira", que é um espaço de controle e uso restrito: "[...] até cento e cinquenta quilômetros de largura, ao longo das fronteiras terrestres [...] considerada fundamental para a defesa do território nacional, sendo sua ocupação e utilização reguladas em lei" (artigo 20, parágrafo 2º). Ainda na Constituição Federal, a fronteira é a delimitação do Estado nacional, ou seja, o espaço da ação e da jurisprudência brasileira, entendendo o território como uma área de apropriação e dominação, definida por fronteiras historicamente estabelecidas. Nessa concepção, território e fronteira não existem separadamente. Porém, durante o século XX, as fronteiras foram vistas sob a perspectiva da segurança nacional no Brasil, especialmente durante o governo militar. Para o governo da época, a política de fronteiras deveria ser baseada na vigilância e na proteção para garantir o crescimento demográfico e econômico do país. Entretanto, o conceito de fronteira não se afastou de uma concepção defensiva. Com as transformações do espaço geográfico mundial, com a entrada do sistema capitalista em sua fase de globalização, a fronteira ganhou importância econômica, vinculada a processos de maior integração regional (Castrogiovanni, 2010).

De modo geral, de acordo com Neves (2000), as fronteiras tradicionais estão sendo rompidas na geopolítica atual, por exemplo, por meio da Organização Mundial do Comércio (OMC), que tenta globalizar os "espaços econômicos nacionais", bem como por meio do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial, e - em outra escala - por meio de alianças, acordos e a construção dos chamados blocos econômicos.

Também deve ser observado que a fronteira só é realmente compreendida quando analisada sob uma perspectiva local, ou seja, pelas comunidades que vivem nela e se relacionam com ela social, econômica e politicamente. Os fronteiriços, portanto, veem a fronteira como seu lar, onde ocorre seu cotidiano, seu ritmo, suas relações afetivas e, assim, surge seu espaço. Apesar de toda a complexidade do conceito, ele deve ser entendido como fundamental para a compreensão das interações sociais, culturais, econômicas e políticas.

Nesse sentido, é interessante observar a opinião de Alkmim (2012, p. 23), para quem "a língua e a sociedade estão indiscutivelmente ligadas uma à outra", e considera que qualquer pessoa que se dedique ao estudo das línguas deve, antes de tudo, levar em conta esse pressuposto. Assim, quando as línguas em contato começam a coexistir e a se relacionar no mesmo contexto social, as relações sociais comunicativas são

desencadeadas por vários fatores externos à língua, muitas vezes de natureza social, comercial e cultural.

O contato com diferentes comunidades é o que "favorece a entrada de novas formas linguísticas", permitindo que as línguas se recriem naturalmente, a partir de ações individuais, introduzindo mudanças no coletivo:

> Isso porque, por meio da linguagem, o homem recria a realidade, interpretando-a e transmitindo-a a outros. Aprisionado às suas estruturas, obediente às regras que garantem sua intercomunicação, preserva as formas tradicionais; sensível às modificações que ocorrem ao seu redor, imprime-lhe suas marcas, renovando-se a cada apelo externo (Brandão, 2013, p. 359).

Consequentemente, a realidade vivida por aqueles que cruzam a fronteira pode dar origem ao aparecimento de fenômenos de variação. E, nessa perspectiva, o próprio falante é considerado um agente modificador de sua língua, como explica Espiga (2006, p. 263): "há comunidades e pontos de fronteira que conhecem e compartilham, de ambos os lados da linha, a mesma geografia, história e cultura local, descritas e vivenciadas em português e espanhol ou em seu próprio dialeto, uma mistura das duas línguas". O autor destaca que há comunidades e pontos de fronteira onde ambos os lados compartilham a mesma geografia, história e cultura local, que são descritas e vivenciadas tanto em português quanto em espanhol, ou mesmo em seu próprio dialeto, uma mistura das duas línguas. Esse contexto linguístico dinâmico reflete a constante interação entre os dois idiomas, criando uma realidade linguística única, na qual a variação é inerente. A coexistência do português e do espanhol, ou mesmo de dialetos que combinam elementos de ambos os idiomas, ilustra a complexidade das formas de comunicação nessas comunidades transfronteiriças. Além disso, essa coexistência linguística também destaca a importância de considerar a perspectiva do falante como um ator ativo na configuração e na evolução de seu próprio idioma nesse contexto específico.

Para Bourdieu (1983, p. 3), "a língua é uma práxis: ela é feita para ser falada, ou seja, utilizada em estratégias que têm todas as funções práticas possíveis e não simplesmente as funções de comunicação", ressaltando que a função da língua vai além de todas as esferas comunicativas, relacionando-se a aspectos econômicos, sociais, culturais e religiosos, evidenciando, assim, relações de dominação. O autor prossegue

dizendo que "a linguagem não é apenas um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas também um instrumento de poder. Buscamos não apenas ser compreendidos, mas também obedecidos, acreditados, respeitados e reconhecidos". De acordo com Bourdieu (1983, p. 5), a linguagem medeia as relações humanas, destacando as crenças e os valores que foram historicamente construídos. Assim, por meio da linguagem, são feitos julgamentos de valor, são criados estereótipos e rótulos, e são feitos gestos que podem afetar direta ou indiretamente a questão da alteridade.

A partir dessa reflexão, entenderemos que as cidades que vivenciam a dinâmica das fronteiras são recíprocas às transformações. Como consequência, a variação no espaço fronteiriço tem sido muito estudada nos últimos tempos, uma vez que os fenômenos decorrentes do contato com diferentes línguas são a razão pela qual muitos estudos têm se concentrado no fenômeno da variação linguística.

Partindo do princípio de que todas as línguas estão sujeitas a mudanças, Mollica (2004, p. 12) enfatiza que "todo sistema linguístico está permanentemente sob a pressão de duas forças que atuam na direção da variedade e da unidade". A teoria da variação rompe de uma vez por todas com o mito da homogeneidade linguística. A fronteira é um espaço peculiarmente configurado, com muitos fatores que influenciam o modo como as línguas funcionam e se distribuem, dando origem a outras formas de representar as relações entre línguas e falantes. De acordo com Lipski (2011):

> Em várias áreas da América do Sul, há comunidades Fala que combinam espanhol e português. Esses lugares estão localizados ao longo da fronteira brasileira, em contato com países de língua espanhola. No Brasil, o português é falado exclusivamente, sem nenhum traço de contato com o espanhol. A situação é diferente nos países vizinhos de língua espanhola, onde, por razões históricas e contemporâneas, ocorrem variedades híbridas dentro de suas fronteiras. Em alguns países, as áreas fronteiriças não são de língua espanhola; são usadas línguas indígenas e também variedades de espanhol trazidas dos centros urbanos: esse é o caso, por exemplo, da Colômbia, da Venezuela e de grande parte do Peru e do Paraguai. Entre as regiões fronteiriças de expressão do espanhol, a área mais conhecida é a parte norte do Uruguai, onde existem algumas variedades linguísticas conhecidas popularmente como portuñol/portunhol e entre os linguistas como dialetos fronteiriços ou dialetos portugueses do Uruguai. Menos conhecida, mesmo sem uma bibliografia de estudos linguísticos, é a fronteira sudoeste com a Bolívia (Lipski, 2011, p.349).

Como salienta Lipski (2011), as regiões fronteiriças de língua espanhola da área mais conhecida, a franja norte do Uruguai, apresentam variedades linguísticas popularmente conhecidas como portuñol/portunhol ou dialetos fronteiriços ou dialetos portugueses do Uruguai.

Podemos ver como o Brasil ainda é um país multilíngue, com cerca de 200 línguas indígenas faladas somente no território brasileiro e o português como língua oficial e nacional, além das línguas dos imigrantes-estrangeiros (Guimarães, 2005).

> As línguas indígenas, os registros e as línguas pouco valorizadas são línguas maternas, mas, além de serem entendidas como erradas, não são vistas como a língua materna dos brasileiros (ou seja, para ser brasileiro é necessário falar "certo", de acordo com todo esse processo ideológico e político de distribuição de línguas). Elas também são entendidas como línguas de cultura, em oposição às línguas civilizadas. Esses registros e línguas desvalorizados são, portanto, considerados primitivos. Como línguas culturais, são línguas de identidades locais (daí sua interpretação como exóticas) e não de identificação com a nação, com o povo brasileiro (Guimarães, 2002, p. 78).

Nas palavras de Guimarães (2002), um componente histórico inerente ao funcionamento das línguas é sua constante operacionalidade em relação a outras línguas. Ao mesmo tempo, ao longo da história, as línguas sofrem divisões que as transformam em novas línguas.

Os processos migratórios estão sempre ligados a questões históricas, culturais, políticas e sociais. Em Mato Grosso, há um forte fluxo de bolivianos na cidade de Cáceres/MT e os imigrantes acabam se reunindo e trabalhando em determinados setores, às vezes em condições precárias. Essa situação ocorre em todo o Brasil, e nessa região não é diferente, pois se trata de uma fronteira seca com a Bolívia e essa cidade tem status de cidade gêmea com San Matías. É fato que os filhos e/ou descendentes desses imigrantes estão sendo afetados pelo visível descompasso entre a língua materna e a língua nacional, e as crianças chegam à escola influenciadas pelas relações linguísticas específicas que atravessam o espaço familiar que habitam: o espanhol em sua relação com uma ou mais línguas ameríndias. Às vezes, elas nem são reconhecidas na escola, e a instituição chega a impor o aprendizado do português, silenciando a(s) língua(s) materna(s) dessas crianças.

De acordo com Arruda (2000, p. 22-23), em sua tese de doutorado sobre os camelôs[16] brasileiros e bolivianos em Cáceres, "a análise dos dados mostrou que os vendedores bolivianos não insistem em falar em espanhol, na maioria das vezes falam em portunhol". É importante ressaltar que "foi constatado que o espanhol sempre aparece entre eles ou quando o interlocutor se dirige a eles em espanhol". A autora continua dizendo

> "Essa relação entre as línguas, esperada nessas condições, é hierarquizada a partir do português, pelo movimento de reidentificação dos bolivianos". Nesse processo, a nova relação com a língua está constituindo um lugar para que esse camelô tenha um lugar para se enunciar ou se significar, verificando que, quando ele muda de língua, não o faz simplesmente porque quer, mas porque isso o constitui como sujeito aqui, em uma cidade brasileira. Entendendo que a questão da cidadania está fortemente apoiada na questão da língua, não seria sem interesse saber como se estabelece essa relação (a relação: cidadania - língua)" (Arruda, 2000, p. 23).

A citação trata da complexa relação entre as línguas, especialmente no contexto da reidentificação dos bolivianos em um ambiente em que o português é a língua predominante. Chama a atenção o fato de essa relação linguística ser hierarquizada com base no português, o que indica que, de alguma forma, a língua portuguesa se torna central nesse processo de reidentificação.

A percepção de que a mudança de idioma não ocorre simplesmente por desejo, mas como um meio de constituir o sujeito nesse novo contexto, revela a profundidade da interconexão entre idioma e identidade. O uso do termo "constitui-se como sujeito" ressalta que a escolha do idioma não é apenas uma questão prática, mas uma parte fundamental do processo de construção da identidade desses indivíduos, especialmente em uma cidade brasileira.

A reflexão sobre a relação entre cidadania e idioma acrescenta uma dimensão

[16] "A palavra camelô é definida no dicionário Aulete Digital como "Pessoa que vende produtos na rua, às vezes sem permissão legal, e que caracteristicamente os anuncia em voz alta" (AULETE DIGITAL, 2015). Observa-se que, ao usar o hiperônimo "pessoa" com um significado generalizado, não se atribui ao vendedor ambulante nenhum significado específico de trabalho ou profissão. O que se define, desde o início, é a atividade habitual de "vender mercadorias" e o local indicado pelo advérbio "na rua".
Disponível em: < https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete%2Fview&id=217 >. Acessado em: 07/05/2024.

política importante ao debate. Afirmando que a questão da cidadania está fortemente baseada na questão do idioma, Arruda (2000) sugere que a capacidade de se comunicar no idioma dominante de uma determinada comunidade pode ter implicações diretas na participação e na integração dos indivíduos nessa sociedade.

No espaço camelô mencionado anteriormente, a mudança de idioma não é apenas uma adaptação pragmática, mas uma forma fundamental de se inserir e se posicionar como sujeito nesse novo ambiente. A interseção entre língua, identidade e cidadania apresenta-se, portanto, como um elemento crucial para a compreensão da dinâmica sociolinguística e cultural presente nesse contexto específico. A autora faz uma observação em uma de suas entrevistas:

> [...]OBS: enquanto estive lá observando apaream duas pessoas para comprar, a senhora vendeu em português, já o marido falava em portunhol quase que o tempo todo. As outras fitas com gravações de camelôs bolivianos não transcreviam devido a que nelas eles falavam o tempo todo em portunhol também (Arruda, 2000, p. 115).

Essa observação sugere que, mesmo quando os camelôs bolivianos têm alguma competência em português, a escolha de usar o português parece ser uma estratégia comunicativa significativa. O português, caracterizado por uma mistura de elementos portugueses e espanhóis, surge como uma ferramenta pragmática que pode facilitar a comunicação eficaz ao criar uma ponte linguística entre as partes envolvidas.

A decisão de não transcrever as outras fitas devido ao uso predominante do português destaca a predominância desse fenômeno linguístico nas interações diárias desses vendedores ambulantes (camelôs). Essa escolha linguística pode ser interpretada como uma adaptação estratégica ao espaço, uma vez que o português pode ser percebido como uma forma eficaz de comunicação que atende às necessidades dos camelôs bolivianos e, ao mesmo tempo, facilita a compreensão dos clientes brasileiros. Assim, a observação ilustra como a prática do portunhol não é apenas uma manifestação ocasional, mas uma estratégia comunicativa comum adotada pelos vendedores ambulantes bolivianos (camelôs) durante suas interações comerciais na cidade brasileira, destacando a complexidade e a adaptabilidade da língua em espaços transculturais e multilíngues.

Em um estudo mais recente, Silva e Macedo Karim (2019) discutiram as atitudes sociolinguísticas de consultores brasileiros nativos que vivem na Comunidade Corixa, localizada em Cáceres-MT, uma região de fronteira com o município de San Matías, na

Bolívia. A pesquisa examinou a relação entre esses consultores brasileiros e seus clientes bolivianos em termos dos idiomas falados nessa área de fronteira. No artigo citado sobre atitudes linguísticas, encontramos relatos interessantes dos entrevistados sobre o portunhol, e agora vamos dar uma olhada nos relatos dos pesquisadores:

> "A respeito das nomeações das línguas, verificamos que no grupo H1, 02 consultores responderam espanhol, enquanto 01 respondeu portunhol. Questionado sobre essa designação, o consultor respondeu que, para ele, na Corixa se fala **misto**". (Silva; Macedo Karim, 2019. p. 42).

Vejamos algumas outras respostas interessantes à sua pesquisa:

> O consultor H1-01 respondeu que não há necessidade de aprender espanhol "porque ele entende que o boliviano fala português", embora muito pouco. Já o H1-02 respondeu que "acha uma língua um pouco difícil, mas que não haveria a necessidade de aprender porque todos falam português, e em San Matías fala-se **portunhol**".
> [...] A maioria dos grupos respondeu que prefere se comunicar em português, demonstrando uma atitude linguística negativa em relação ao espanhol. Apenas 02 consultores, um do grupo H1 e outro do grupo M1, responderam que se comunicam em **português**, demonstrando que estão interessados em aprender o idioma boliviano. Vale ressaltar que são jovens e que, principalmente, as mulheres mantêm mais contato com os amigos bolivianos tanto em San Juan de Corralito quanto em Corixa. (Silva; Macedo Karim, 2019, p. 43)

O estudo de Silva e Macedo Karim (2019) oferece uma visão interessante sobre as atitudes sociolinguísticas de consultores brasileiros que vivem na Comunidade Corixa, localizada nas redondezas de Cáceres-MT. A pesquisa destaca a complexidade das interações linguísticas nesse espaço fronteiriço, onde as línguas e as atitudes em relação a elas desempenham papéis significativos. Os relatos dos entrevistados sobre o portunhol revelam percepções variadas. A resposta de um entrevistado que afirmou que o "misturado" é falado na Corixa destaca a natureza híbrida e dinâmica das práticas linguísticas nesse contexto de fronteira. Esse fenômeno é percebido como uma forma natural de comunicação, refletindo a complexa realidade linguística dessa comunidade.

Outras respostas também apontam para a presença do portunhol como estratégia de comunicação. A constatação de que os bolivianos falam português, ainda que em pequeno número, sugere uma percepção de proximidade linguística entre as comunidades. Alguns entrevistados consideram o espanhol um idioma difícil e optam por

se comunicar em português ou, em San Matías, usando o portunhol. Vale a pena observar que a maioria dos entrevistados prefere se comunicar em português, o que revela uma atitude linguística negativa em relação ao espanhol. Entretanto, a existência de entrevistados interessados em se comunicar em portunhol sugere uma abertura à diversidade linguística e um reconhecimento das nuances comunicativas necessárias nesse espaço fronteiriço. O fato de os jovens, especialmente as mulheres, manterem mais contato com amigos bolivianos destaca a importância do espaço na formação das atitudes linguísticas.

Em suma, o estudo revela a complexidade e a fluidez das atitudes linguísticas na fronteira, onde o portunhol surge como um fenômeno representativo da dinâmica sociolinguística única desse espaço de interação entre o Brasil e a Bolívia.

Nesse cenário, é interessante observar como as línguas são representadas no espaço dos camelôs bolivianos (nos Camelôs) em Cáceres e em Corixa, esses acontecimentos enunciativos que ocorrem nesse espaço fronteiriço, mais precisamente na Fronteira Oeste de Mato Grosso, no perímetro das cidades gêmeas de Cáceres/MT/Brasil - San Matías/Bolívia é que, a partir desse lugar, podemos pensar em um "espaço fronteiriço de enunciação", constituído por uma relação entre os falantes e suas línguas (português/espanhol/línguas ameríndias/línguas de imigrantes - misturado/portunhol -), atravessado também pelo político. Sendo uma fronteira, há as línguas estatais de cada país, o português e o espanhol, as línguas dos nativos e dos imigrantes, bem como as práticas linguísticas resultantes do contato entre as línguas portuguesa e espanhola: a língua misturada/portunhol.

Nessa perspectiva, abordamos a relação entre as línguas na fronteira a partir da noção desse espaço como uma forma de distribuição linguística. No subcapítulo seguinte, analisaremos as línguas em contato, o português e o espanhol, e, a seguir, algumas classificações para o português.

3.2.1 Línguas em contato e portunhol

A interação entre idiomas é um fenômeno que permeia a história da comunicação humana. Entre os vários exemplos desse contato linguístico, destaca-se o fenômeno conhecido como portunhol, uma fusão única do português e do espanhol. Este subcapítulo busca explorar a dinâmica intrínseca das línguas portuguesa e espanhola e desse encontro

linguístico, examinando como as duas línguas se entrelaçam em diferentes contextos geográficos e culturais. Ao abordar o portunhol, pretendemos não apenas compreender suas características linguísticas, mas também desvendar as complexidades sociais e históricas que moldam essa forma única de expressão, destacando como as fronteiras linguísticas muitas vezes se tornam pontes, refletindo as interações entre as comunidades que compartilham esses idiomas.

De acordo com Guimarães (2002), a língua entra em funcionamento pelo intermédio do político. Assim, de acordo com esse pensamento, pode-se dizer que os imigrantes chegam ao Brasil como sujeitos que trazem consigo uma língua e uma história e, no espaço de enunciação do português brasileiro, esses sujeitos não significam tanto quanto no outro espaço de enunciação (o espaço de enunciação da língua espanhola boliviana) e não são reconhecidos como cidadãos até que passem por um processo de inclusão que depende diretamente da relação com o político (disputas entre falantes e línguas).

Esse processo ocorre a partir do momento em que o imigrante começa a estudar ou trabalhar. Dessa forma, eles são legitimados pelo Estado, pois falam de um lugar que é politicamente reconhecido pelo governo. Nesse caso, eles não são mais "bolivianos", mas "estudantes", "trabalhadores" etc. Esse lugar de fala é ocupado pelo funcionamento da língua portuguesa brasileira.

A relação entre história/língua, língua e subjetividade, baseada em como o conhecimento e as políticas linguísticas que o utilizam mobilizam essa relação, produzindo significados e constituindo práticas sociais que podem melhorar a relação entre o sujeito imigrante e o Estado. Assim, espera-se que o Estado brasileiro adote uma política de ensino de línguas que leve em conta o sujeito (imigrante), sua língua (materna) e o contexto sócio-histórico.

Guimarães (2005) mostra que é possível situar a constituição da língua nacional com a instalação dos portugueses no Brasil, com o início do processo de colonização no período entre 1532 e 1654. Ao considerar a relação entre a língua portuguesa (LP) e as demais línguas que atuam no território brasileiro. Guimarães (2005) divide a história da língua portuguesa no Brasil em quatro períodos. O primeiro período - Brasil Colônia - desde a colonização até a saída dos holandeses do Brasil (1654), quando o português coexistia com uma variedade de línguas indígenas. O segundo período - a Reforma

Pombalina[17] com a expulsão dos holandeses e a chegada dos africanos - a partir da saída dos holandeses do Brasil, quando a relação passou a ser entre o português, as línguas indígenas e as línguas africanas. Terceiro período - a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro - a partir da chegada da Família Real (1808). Um detalhe muito importante é que durante esse período cerca de 15.000 portugueses chegaram ao Rio de Janeiro, e um evento memorável foi a criação da imprensa no Brasil e a inauguração da Biblioteca Nacional. Finalmente, o quarto período - o Brasil independente e a posição adotada no Parlamento brasileiro - começa em 1826, quando foi decidido que os diplomas de médicos no Brasil deveriam ser escritos no idioma português brasileiro. Naquela época, o português já havia sido definido como o idioma oficial do país. Esse processo formativo e adaptativo da língua materna se materializou entre o final do século XIX e o início do século XX (1880-1930), quando falantes de italiano, japonês, coreano, holandês, inglês e alemão entraram no país.

O teórico também nos mostra, com muita simplicidade e detalhamento, exemplos da perspectiva do português de Portugal, as características e a "grande especificidade do português brasileiro" (Guimarães, 2005, p. 26). Ele também aponta as diferenças fonético-fonológicas, mostrando que elas foram a base das características morfológicas e sintáticas, a começar pela forma como as frases são construídas. Isso sem falar nas diferenças de léxico entre Portugal e Brasil, justamente como resultado de nossa mestiçagem cultural em terras tupiniquins[18]. De acordo com Guimarães (2005, p. 27):

> Por outro lado, há no Brasil um importante conjunto de palavras de origem indígena, comumente o tupi, bem como de origem africana, cujos exemplos também são retirados de Teyssier (idem). Exemplos de palavras de origem indígena: capim, cupim, caatinga, curumim, guri, buriti, carnaúba, mandacaru, capivara, curió, sucuri, piranha, urubu, mingau, moqueca, abacaxi, caju, Tijuca, etc. São, em geral, palavras

[17] A reforma educacional pombalina culminou com a expulsão dos jesuítas das colônias portuguesas, tirando-lhes o controle da educação e colocando-o nas mãos do Estado. Os objetivos que levaram a administração pombalina a essa reforma foram, portanto, um imperativo das próprias circunstâncias históricas. Uma vez que as escolas jesuítas foram abolidas, o governo teve que preencher o enorme vácuo que se abriu na vida educacional tanto de Portugal quanto de suas colônias. Disponível em: https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos/marques-de-pombal-e-a-reforma-educacional-brasileira#:~:text=A%20reforma%20educacional%20pombalina%20culminou,imperativo%20da%20pr%C3%B3pria%20circunst%C3%A2ncia%20hist%C3%B3rica. Acessado em: 08/06/2024.

[18] Os Tupiniquins são, dentre os inúmeros povos indígenas, um dos mais citados e, paradoxalmente, um dos menos conhecidos no Brasil. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tupiniquim . Acessado em: 08/06/2024.

> relacionadas à designação de flora, fauna, alimentos, bem como de lugares. Exemplos de palavras de origem africana: caçula, cafuné, molambo, moleque; orixá, vatapá, abará, acarajé; bangüê; senzala, mocambo, maxixe, samba. São, em geral, palavras que designam elementos do candomblé, da cozinha de influência africana, do universo dos canaviais, do universo da vida dos escravos e até outros de aspecto mais geral. Grandes listas de palavras dessas línguas que foram incorporadas ao português podem ser encontradas em vários livros sobre a linguística histórica do português, como Silva Neto (1950), Bueno (1946, 1950) e Coutinho (1936).

Observamos a diversidade da língua portuguesa brasileira, bem como a amplitude da língua geral, que engloba todas as expressões e variantes da língua, com seus regionalismos e idiossincrasias. Esses fatores são didaticamente demonstrados por Guimarães (2005), que também destaca o fato de que os portugueses que aqui chegaram vieram de todas as partes de Portugal e trouxeram consigo diferentes dialetos, contribuindo significativamente para a diferenciação do português brasileiro.

De acordo com Guimarães (2008), o fato de o Brasil ser oficialmente um país monolíngue é controverso, pois há várias línguas que compõem o espaço de enunciação brasileiro, como as línguas indígenas, de imigrantes e africanas, e mostra que há também dialetos do português. Ele mostra que há sete classificações de línguas no Brasil, de acordo com "Antenor Nascentes. Para ele, há no Brasil sete falares: amazônico, nordestino, baiano, mineiro, fluminense, sulista e incaracterístico" (Guimarães, 2008, p. 32). Ele apresenta um mapa para dar mais visibilidade aos "falares" do Brasil. "É interessante notar a especificidade com que esses falares, que funcionam cada um como se fosse uma língua própria da região, estão distribuídos no território nacional" (Guimarães, p. 33).

Figura 6 Mapa dos idiomas brasileiros

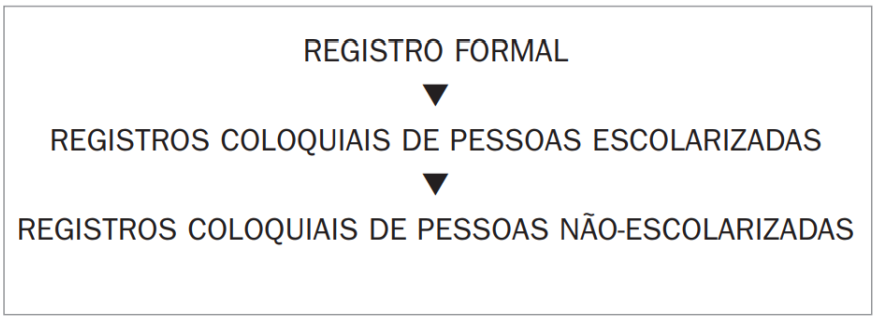


Fonte: Guimarães (2008)[19]

[19] Disponível em: file:///C:/Users/SAMSUNG/Downloads/21_Multilingualism%20e%20Ensino.pdf. Acessado em: 01/05/2022.

De acordo com Guimarães (2008, p. 33), o "espaço de enunciação brasileiro é composto por várias línguas distribuídas de forma desigual entre seus falantes. Essa distribuição desigual produz duas ordens de divisão social da língua em seu funcionamento". O autor argumenta que há duas vertentes, uma com uma divisão vertical e outra com uma divisão horizontal. Essa "divisão vertical produz uma distinção entre duas variedades de linguagem que chamaremos de registros: o registro formal e o registro coloquial". Para ele, o "registro formal é caracterizado como a linguagem escrita de documentos oficiais, textos da mídia, ciência, literatura e outros gêneros relacionados". E o registro coloquial é a linguagem praticada e utilizada no dia a dia (Guimarães, 2008, p. 33-34). O autor afirma que os registros têm várias divisões, e considera duas subdivisões para a análise: "a linguagem coloquial de pessoas com alto nível de escolaridade e a linguagem coloquial de pessoas com baixo nível de escolaridade". É pertinente ressaltar que os dois registros "são organizados pela predominância do registro formal sobre os coloquiais, ou seja, há uma hierarquia histórica e socialmente estabelecida entre esses registros". (Guimarães, 2008: 33-34). Podemos ver o gráfico (Guimarães 2008) abaixo,

Figura 7 Registros em várias divisões de idioma 1



Fonte: Guimarães (2008)[20]

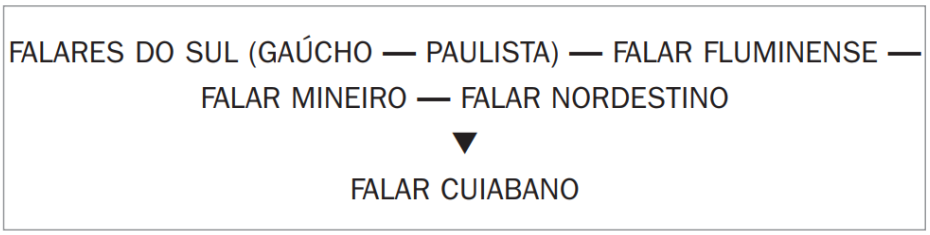
Essa representação sugere uma hierarquia de registros linguísticos, indicando diferentes níveis de formalidade e erudição. Podemos ver que o "Registro Formal" é o

[20] Disponível em:file:///C:/Users/SAMSUNG/Downloads/21_Multilingualism%20e%20Ensino.pdf. Acessado em: 01/05/2022.

nível mais alto de formalidade na escala, indicando um uso da linguagem adequado para situações mais sérias, acadêmicas ou profissionais. Geralmente está associado a contextos em que se exige uma linguagem mais padronizada e polida. Os registros coloquiais de pessoas escolarizadas, por outro lado, mostram um estrato representado em um registro coloquial, sugerindo um estilo de linguagem mais informal e coloquial, mas ainda usado por pessoas que passaram por processos educacionais formais. Ele pode ocorrer em contextos informais entre pessoas com níveis médios ou superiores de educação. Assim, o 'Registro Coloquial de Personas sin Estudios' (Registro coloquial de pessoas sem instrução) é o nível mais baixo da escala e indica um uso coloquial da linguagem, geralmente caracterizado por maior informalidade. Esse registro está associado a pessoas sem educação formal ou com níveis mais baixos de educação formal. A seta "▼" aponta para uma relação de superioridade, indicando que o "Registro Formal" é superior aos "Registros Coloquiais de Pessoas Educadas", e estes aos Registros Coloquiais de Pessoas Sem Educação. Essa hierarquia sugere uma correlação entre o nível de formalidade e o nível de escolaridade.

Guimarães (2005) argumenta que a língua é uma construção social e que existe uma hierarquia que determina o que é correto ou não no uso da língua. Essa hierarquia é influenciada pelo registro formal, considerado o padrão normativo da língua. Segundo o teórico, essa norma é estabelecida por meio de um imaginário coletivo que valoriza determinadas formas de falar em detrimento de outras. Para ilustrar essa ideia, Guimarães (2005) cita o exemplo da cidade de São Paulo, onde é comum as escolas corrigirem a fala regional em favor da fala paulistana. Segundo o autor, essa prática reforça a hierarquização da língua e a ideia de que algumas línguas são superiores a outras.

Figura 8 Registros em várias divisões de idioma 1



Fonte: Guimarães (2008)[21]

[21] Disponível em:file:///C:/Users/SAMSUNG/Downloads/21_Multilingualism%20e%20Ensino.pdf. Acessado em: 01/05/2022.

Essa representação sugere uma hierarquia ou sobreposição de diferentes variantes linguísticas no Brasil, destacando a diversidade regional e a complexidade das formas de fala.

Vejamos:

Falares de Sul (Gaúcho - Paulista): indica uma categoria que engloba as formas de fala específicas das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Cada uma dessas subcategorias (Gaúcho e Paulista) representa variações linguísticas específicas dessas regiões.

Falar fluminense: refere-se a uma variante linguística específica associada à região fluminense, que inclui partes do estado do Rio de Janeiro.

Falar Mineiro: representa a variante linguística associada ao estado de Minas Gerais.

Fala Nordestina: engloba as formas de fala características das várias regiões do nordeste do Brasil.

A seta "▼" sugere uma relação de sobreposição ou inclusão, indicando que as variantes de "Falares do Sul" (Gaúcho - Paulista), "Falar Fluminense", "Falar Mineiro" e "Falar Nordestino" estão contidas ou fazem parte do próximo nível na hierarquia.

Falar Cuiabano: indica uma variante específica associada à região de Cuiabá, no estado de Mato Grosso. Sua inclusão abaixo das outras variantes sugere uma relação de especificidade regional, mas também pode indicar que o "Falar Cuiabano" é influenciado por elementos linguísticos das regiões anteriores.

Essa representação destaca como as diferentes regiões do Brasil têm suas próprias variantes linguísticas distintas, e o "Falar Cuiabano" representa uma expressão linguística que é específica dessa região e que está fora do idioma nacional e oficial do Brasil.

Para, Guimarães (2008, p. 41):

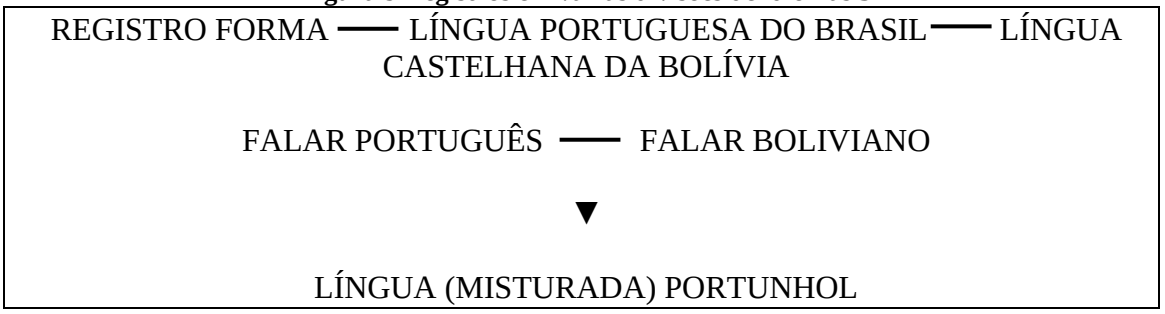
> A divisão da língua, que elege uma língua (ou línguas) em detrimento de outra ou outras, tem repercussões particulares se observarmos que essa hierarquia traz consigo, além da sobreposição da língua oficial e da língua nacional, a sobreposição destas com a língua materna (as línguas específicas politicamente excluídas: nordestina e baiana, no caso de São Paulo, e cuiabana, no caso de Mato Grosso). Com essa sobreposição, o português não é apenas o idioma nacional e oficial, mas também a língua materna de todos os brasileiros. Assim, se uma língua regional sem prestígio é reduzida a um registro coloquial, então essa língua regional (toda ela) é significada como estando fora da língua

> nacional e oficial. E, ao mesmo tempo, sendo a língua materna de seus falantes, não é a língua materna deles como brasileiros (é como se eles nunca a tivessem falado, ou pior, nunca a tivessem falado).

Como pode ser visto, Guimarães (2008) discute como a hierarquia entre diferentes línguas no Brasil pode levar à exclusão política de certas línguas regionais e como isso pode afetar a relação entre esses falantes e a língua nacional e oficial. Quando uma fala regional sem prestígio é considerada apenas um registro coloquial, toda a língua regional pode ser vista como estranha à língua nacional e oficial. Isso pode levar a sentimentos de inferioridade linguística e cultural, pois esses falantes não são considerados falantes corretos do idioma nacional, mesmo que seja sua língua materna.

Agora, vamos pensar na língua do imigrante boliviano e tomar como ponto de partida um estudo de Celada[22] (2002) que afirma que, embora o portunhol se refira à "mistura" do português e do espanhol, ele significa diferentes relações entre falantes e língua, ao mesmo tempo em que há uma diversificação dos meios de sua circulação e que o portunhol se move como um "coringa" por diferentes espaços enunciativos, desde o domínio da oralidade até o da escrita. Assim, poderíamos dizer que os imigrantes bolivianos não falam o castelhano boliviano ou o português brasileiro, mas sim "misturam" as línguas, o que dá origem ao portunhol, de modo que, via de regra, sua fala carece de prestígio e se reduz a um registro não formal à margem da língua nacional e oficial da Bolívia e do Brasil. Veja abaixo:

Figura 9 Registros em várias divisões de idiomas 3



Fonte: Elaborado pela autora

Como vimos acima, há uma sobreposição entre a língua nacional e oficial do português e a língua materna de todos os brasileiros. Levando em conta que a fala regional

[22] María Teresa Celada possui bacharelado em Linguística (1983) e licenciatura em Linguística (1987), ambos pela Universidade de Buenos Aires, e doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2002). É professora e pesquisadora da Universidade de São Paulo (USP) desde 1992.

sem prestígio é reduzida a um registro coloquial, podemos considerar que a língua Misturada/Portunhol, que funciona na fronteira oeste do Mato Grosso, "é significada como fora da língua nacional e oficial". Portanto, embora seja uma das línguas maternas de seus falantes, não é sua língua materna como brasileiros e/ou bolivianos "(é como se nunca a tivessem falado bem, ou pior, nunca a tivessem falado)" (Guimarães, 2008, p. 41).

O estudo da enunciação nos permite examinar a sobreposição de línguas em contato a partir da perspectiva de que a enunciação é um evento enunciativo que ocorre por meio do funcionamento da linguagem. Guimarães (2002) ressalta que a enunciação é um evento de linguagem que se materializa no ato da fala.

A temporalidade do acontecimento enunciativo é crucial, pois é nesse momento que se estabelece a relação entre o sujeito e a linguagem. Guimarães (2017) ressalta que esse acontecimento enunciativo em espaços de enunciação é, por natureza, político. Aqui, a política da linguagem surge na interação entre línguas e falantes, regulada por uma deontologia global do discurso em uma determinada língua. Guimarães (2002) também enfatiza que os espaços de enunciação são ambientes dinâmicos onde as línguas operam, se entrelaçam e se transformam em meio a uma constante contestação. Esses espaços são habitados por falantes que se dividem em seus direitos de dizer e em seus modos de dizer.

A enunciação é, portanto, uma prática política que coloca o conflito de significados no centro do ato de falar. O político afeta e divide materialmente a linguagem, uma vez que a ideia de "igualdade" e o pertencimento dos excluídos pela desigualdade são constantemente afirmados por meio da enunciação. Enunciar é colocar a língua em funcionamento, constituindo modos específicos de acesso à palavra dados pelas relações entre as figuras de enunciação e as formas linguísticas (Guimarães, 2005). Assim, o espaço de enunciação é o ambiente em que a linguagem se torna uma prática política, ganhando vida por meio da linguagem e tornando-se um espaço de contestação entre falantes e línguas. Essa perspectiva enriquece nossa compreensão de como as línguas operam em espaços de contato e destaca a importância do aspecto político da língua na dinâmica linguística.

É de suma importância entender como se dá a relação entre a língua nacional (brasileira) e a língua estrangeira LE (espanhola) no mesmo espaço de enunciação da língua portuguesa brasileira.

De acordo com Celada (2015), o currículo de formação de pesquisadores e professores em algumas áreas de Estudos da Linguagem no Brasil ainda não inclui uma disciplina que reflita sobre políticas linguísticas. Para ela:

> Essa inclusão deve prever a abordagem, entre outras, de questões como a relação entre os sujeitos da linguagem e a(s) língua(s) no espaço de enunciação delimitado pelo território de um Estado nacional - o Brasil, neste caso - na América Latina; o modo como os Estados trabalharam e trabalham a questão da língua e o modo específico como esse trabalho se deu no caso brasileiro; o modo como as relações de linguagem se organizam nos espaços nacionais, uma trama marcada pela política e pelas relações de força impostas pelo fato de que, pensando nos espaços nacionais, a relação de linguagem é marcada pela política e pelas relações de força impostas pelo fato de que, no caso do Brasil, não se trata apenas de uma questão de língua; o modo como as relações linguísticas são organizadas nos espaços nacionais, um quadro marcado pela política e pelas relações de força impostas pelo fato de que, no caso específico do Brasil, o português funciona como oficial e nacional; as línguas em sua relação com o processo conhecido como "globalização". (Celada, p. 09-15)

Ao refletir sobre as práticas de ensino/aprendizagem, Celada (2015, p. 09-15) afirma:

> seja a língua "nacional" ou a língua "estrangeira", a designação implica claramente uma questão política de perspectiva. Agora, fazer esse reconhecimento leva a outro: as práticas de ensino devem estar subordinadas ou a serviço desse processo de inscrição, que está ligado ao de subjetivação e, portanto, é central.

Ela faz uma observação sobre a falta de formação de professores de línguas, considerando-a uma "dívida", um fracasso constituído por uma série de fatores e não apenas "com os sujeitos linguísticos que são projetados e interpelados ali como alunos", (Celada, p. 09-15) mas, segundo ela: "essa dívida se materializa, ainda hoje, de várias formas, e aborda uma questão importante e nos mostra como essa dívida se expressa":

> [...] a maneira como essa dívida é expressa quando o inimaginado ou não planejado invade a escola. "Irrompe", e o professor fica literalmente "assustado" ou perturbado e sente uma forte incapacidade de lidar em sala de aula com filhos de imigrantes que, como sujeitos constituídos por outras línguas, integram suas salas de aula (Celada, 2015, p. 09-15).

Como afirma Celada[23], os processos migratórios estão sempre ligados a questões históricas, culturais, políticas e sociais, e ela se refere ao grande fluxo de bolivianos na cidade de São Paulo, especialmente em Guarulhos. A autora explica que "as crianças paraguaias e peruanas chegam à escola constituídas pelas relações linguísticas específicas que atravessam o espaço familiar que habitam: o espanhol em sua relação com uma ou mais línguas ameríndias" (Celada 2015, p. 09-15).

Na educação, é comum vivenciar uma situação de "baixa estima" por parte dos alunos de origem estrangeira, especialmente na área de fronteira que inclui alguns municípios de Mato Grosso, e mesmo em grandes cidades como Cuiabá e Várzea Grande, que oferecem mais oportunidades de trabalho, sendo esse um aspecto muito valorizado pelos imigrantes que buscam melhores condições de vida.

Filhos e filhas de bolivianos, colombianos, peruanos, paraguaios, haitianos, senegaleses e tantos outros chegam com suas famílias e sofrem por não dominarem o idioma e até mesmo por outras diferenças culturais e sociais que levam à discriminação e, consequentemente, ao estigma social. Muitas vezes, essas pessoas são destituídas de seus próprios nomes em razão de atribuições genéricas aos "estrangeiros", como "o boliviano" em vez de ser chamado pelo seu nome, ou "o haitiano", etc. A partir dessas considerações, podemos vislumbrar uma questão relevante apontada por Celada (2015), quando afirma que:

> Em termos da língua nacional, a escola sempre impôs sua autoridade, incapaz de ser vista pela alteridade dos sujeitos da língua que nela se projetam como alunos; incapaz ou, como disse recentemente um professor brasileiro com vasta experiência na área de fronteira do Brasil no Estado do Paraná, com professores incapazes de reconhecer a possibilidade de alguém na sala de aula ter um conhecimento que o professor não tem, ou seja, alguém que conhece outra língua ou, diríamos, que é constituído por outros conhecimentos linguístico-discursivos. Só queda aí, frisava a referida docente, um gesto simples: reconhecer o outro, dando a ele sua voz e se abrindo a essa escuta (Celada, 2015, p. 09-15).

[23]O Celada se propõe a trabalhar com as famílias e a comunidade para abordar a imigração de uma forma diferente daquela que tem prevalecido no Estado nacional brasileiro, e também para incentivar - por meio da oferta de cursos de português como língua estrangeira - a inscrição dessas disciplinas na ordem de funcionamento da língua brasileira. O trabalho está sendo desenvolvido com professores, alunos e famílias vinculados a um CEU (Centro Unificado de Artes e Esportes, no município de Guarulhos) em nível de educação não formal. Ele comenta que, nos últimos anos, "várias anistias favoreceram a permanência legal desses imigrantes" e acredita que é "importante promover a inclusão simbólica".

A citação destaca a autoridade da escola no contexto do idioma nacional e como essa autoridade muitas vezes não reconhece a diversidade linguística e o conhecimento dos alunos. A menção de um professor brasileiro destaca a relutância dos professores em admitir a possibilidade de que os alunos possam ter conhecimento linguístico que os próprios professores não possuem, como proficiência em outro idioma ou outro conhecimento linguístico-discursivo.

Celada (2015) destaca a importância de um gesto simples: reconhecer os outros, reconhecer seu idioma, dar-lhes voz e estar aberto para ouvir. Esse gesto implica aceitar a diversidade linguística e cultural dos alunos, valorizando seus conhecimentos e experiências. Esse cenário destaca a relevância de considerar as práticas linguísticas na educação, questionando as estruturas de poder que podem existir na sala de aula e promovendo uma abordagem mais inclusiva e aberta ao diálogo intercultural.

Essas questões geralmente são ignoradas devido à falta de consciência linguística que reconheça o idioma do outro. Isso pode ser devido à ignorância ou à incapacidade de reconhecer e valorizar o conhecimento daqueles que têm competência em outro idioma ou cultura, como os imigrantes. Muitos alunos bolivianos têm o espanhol como língua materna e, às vezes, também falam outros idiomas fluentemente, como o quíchua, o idioma oficial do Peru e da Bolívia, que muitas vezes é a língua materna de muitos desses alunos. De acordo com Celada (2015), é mais comum rotulá-los como "aqueles que falam ou escrevem mal" em vez de reconhecê-los por suas dificuldades devido à fluência em uma língua materna diferente do português. Entretanto, essas dificuldades devem ser entendidas como parte do processo de ensino e aprendizagem de um novo idioma. Essas dificuldades devem ser destacadas e discutidas por todos aqueles que fazem parte do ambiente escolar, permitindo a busca coletiva de ajuda, como mediadores, intérpretes e intervenções didáticas de reforço escolar, se necessário. Isso visa a esclarecer dúvidas e facilitar o aprendizado de forma mais humanizada e respeitosa. Pode ser oportuno considerar o ensino de línguas fronteiriças, o ensino bilíngue: português-espanhol e processos de intercompreensão, que entrelaçam as línguas do estado nacional, como na fronteira oeste de Mato Grosso, abordando tanto o português brasileiro quanto o espanhol boliviano, bem como línguas e dialetos ameríndios específicos da região fronteiriça para uma consciência linguística multilíngue.

Um aspecto importante a ser destacado é o fato de que são pessoas de diferentes faixas etárias, que querem apenas ter uma vida normal como qualquer outra pessoa. Eles

têm sonhos e objetivos semelhantes aos de muitos brasileiros e podem aprender juntos. Reconhecer e respeitar a diversidade nessas "práxis" pode ser uma forma de fazer o que Celada (2015) propõe, é preciso passar por esses imaginários para que o reconhecimento do outro e da diferença ocorra em virtude da eliminação de preconceitos. O autor também se refere à "violência simbólica exercida implicitamente sobre os filhos de imigrantes que se reúnem na escola e a necessidade de que ela seja considerada nesse quadro mais amplo, levando em conta a série de condições que afetam os sujeitos dessas comunidades de imigrantes". E conclui dizendo que é necessário "promover ações que impeçam o contínuo silenciamento de outras línguas (além do espanhol) faladas por esses sujeitos no ambiente familiar" (Celada, 2015, p. 09-15).

Celada (2015) sugere que o cruzamento de imaginários estabelecidos pode levar ao reconhecimento mútuo e à superação de preconceitos. A referência à "violência simbólica" exercida implicitamente sobre os filhos de imigrantes destaca a necessidade de considerar a escola como parte de uma rede mais ampla, reconhecendo as condições que afetam os sujeitos das comunidades imigrantes. A autora ressalta a importância de promover ações que evitem o silenciamento das línguas faladas por esses sujeitos no ambiente familiar, avançando em direção a uma abordagem mais inclusiva e respeitosa nos ambientes educacionais.

Antes de falarmos sobre estudos que traçam algumas classificações para o portunhol, falaremos um pouco sobre como o ensino da língua espanhola no Brasil tem ganhado muita ênfase, mas é muito polêmico, pois tem desenvolvido vários impasses políticos, metodológicos e linguísticos que, de alguma forma, têm comprometido o progresso de muitos imigrantes falantes de espanhol ou vice-versa, brasileiros que vão estudar em países de língua oficial espanhola.

Dada a crescente e atual necessidade de integração entre os países vizinhos na América Latina, principalmente por razões econômicas e políticas, é importante destacar também a necessidade de compreensão dos idiomas dos países envolvidos, principalmente em áreas de fronteira como Brasil/Bolívia, onde as atividades de intercâmbio entre esses países são cada vez mais frequentes. Em se tratando de contato entre diferentes idiomas em áreas de fronteira, podemos citar o portunhol, que, devido à constante interação entre o espanhol e o português, por ter características semelhantes na fonologia, morfologia e sintaxe e por fazer parte da mesma família linguística (latina),

vem ganhando bastante força nas últimas décadas e passou a fazer parte da escrita de autores literários, propagandas, músicas e até filmes.

Vale ressaltar que, em 2017/dezembro, a Embratur (Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo e também conhecida como antigo Instituto Brasileiro de Turismo), órgão com status de Serviço Social Autônomo do Ministério do Turismo do Brasil, lançou nesse mesmo ano uma campanha publicitária intitulada "Aquí hablamos portuñol: En Brasil todo el mundo se entiende", com o objetivo de atrair turistas latino-americanos, mostrando que o país tem um povo acolhedor que se faz entender e se comunica com falantes de espanhol por meio do portunhol.

Em 2016, por meio da Medida Provisória 746, posteriormente convertida na Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017, o atual presidente da época, o Excelentíssimo Michel Temer, fez uma alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/1996) e, assim, anulou a lei que estabelecia a obrigatoriedade da oferta do idioma espanhol (Lei 11.161/2005).

De acordo com Ferreira e Leite (2017), a campanha publicitária intitulada "Aquí hablamos portuñol: En Brasil todo mundo se entiende", promovida pela Embratur, foi essencial para justificar a anulação da lei que favorecia o ensino obrigatório do espanhol na educação brasileira, o que foi concretizado em 2005 com a Lei 11.161, retrocedendo assim o que havia sido conquistado.

> No entanto, esse discurso também contribui, de certa forma, para justificar a revogação da lei que instituía a obrigatoriedade da oferta do espanhol na educação básica brasileira, pois, como são línguas muito parecidas, e existe uma interlíngua que permite a comunicação entre falantes das duas línguas, tornar-se-ia desnecessário o seu estudo/aprendizado (Ferreira e Leite, 2017, p. 297).

Nos últimos anos, o ensino de espanhol passou por muitas mudanças e sanções em nível nacional, que afetam diretamente os professores de espanhol. Olhando para um passado não muito distante, a Lei 11.16, aprovada em 12 de junho de 2005, que deveria ser implementada em todas as escolas brasileiras até 2010, foi uma forte ação político-linguística para incluir o espanhol no Brasil. A oferta do ensino do idioma na educação básica, que era opcional no ensino fundamental, mas que muitas escolas possibilitaram aos alunos cursar, e obrigatório no ensino médio, foi, sem dúvida, um grande avanço para o ensino do idioma. No entanto, com outras mudanças em nível nacional, a

obrigatoriedade do espanhol se tornou mais precária e, nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2018) não prevê mais o ensino do espanhol como obrigatório, mas apenas nos itinerários formativos e de acordo com a decisão e o desejo da escola e da comunidade local. Em um parêntese, após a mudança de governo em 2023, o atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva prevê uma mudança na educação no Brasil e espera tornar o ensino do espanhol, juntamente com o inglês, obrigatório novamente no novo o ensino médio a nível nacional[24]. De acordo com a política do governo Lula de aproximar o Brasil dos países do Mercosul, o ensino do espanhol deixará de ser opcional, como era anteriormente.

Nesse movimento, o Estado de Mato Grosso deve considerar a criação de políticas públicas comprometidas com a implementação de medidas para melhorar a formação dos professores de espanhol. Entende-se que um curso de espanhol com habilitação em língua espanhola conferiria os direitos necessários para desempenhar efetivamente seu papel na sociedade, proporcionando uma formação de qualidade no Ensino Superior. Portanto, torna-se imperativo tornar obrigatório o ensino de espanhol em toda a Educação Básica de Cáceres e região, uma vez que o mercado de trabalho, especialmente o educacional, demanda profissionais multiculturalmente competentes, tecnologicamente atualizados e capazes de atuar em diferentes níveis de ensino com conhecimento de uma língua estrangeira. Nesse sentido, a implementação contínua e presencial de um curso de graduação em Letras Espanhol pode ser uma iniciativa relevante.

Muitos brasileiros e imigrantes sofrem com essas frustrações, pois o Brasil faz fronteira com muitos países de língua espanhola. No final do século XV, o idioma se espalhou pelas Américas recém-descobertas. Hoje, além da Espanha, o idioma é falado oficialmente em outros 20 países, como mostra o mapa abaixo:

[24] "O novo plano de ensino médio amplia as aulas tradicionais e torna o espanhol obrigatório; é assim que poderia ser. O texto prevê que as mudanças entrarão em vigor a partir de 2025. Disponível em: https://www.apufsc.org.br/2023/09/25/novo-plano-para-ensino-medio-amplia-aulas-tradicionais-e-torna-espanhol-obrigatorio-veja-como-pode-ficar/ . Acessado em: 05/05/2024.

Figura 10 Mapa dos países de língua espanhola



Fonte: Site Só Espanhol[25]

Dos 21 países de língua espanhola, sete fazem fronteira com o Brasil: Paraguai, Argentina, Uruguai, Bolívia, Peru, Colômbia e Venezuela.

O MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) foi estabelecido por meio do Tratado de Assunção em 1991. Abaixo está um mapa que destaca os países fundadores do MERCOSUL: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.

Esse contexto destaca a relevância da posição geográfica do Brasil em relação a vários países de língua espanhola e sua participação em acordos regionais de comércio e cooperação, como o MERCOSUL.

[25] Disponível em: https://www.soespanhol.com.br/conteudo/Diversos_Espanhol_pelo_mundo.php. Acessado em: 01/05/2022.

Figura 11 Mapa dos países fundadores do MERCOSUL



Fonte: Portugal Digital[26]

Os Estados membros fundadores do MERCOSUL e signatários do Tratado de Assunção (TA) são Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.

Como o Tratado de Assunção está aberto a outros estados membros da Associação Latino-Americana de Integração (ALADI), a Venezuela* foi o primeiro estado latino-americano a aderir ao tratado constitutivo em 2006, e a Bolívia seguiu o exemplo em 2015.

O MERCOSUL é muito importante porque integra os países da América do Sul, tanto econômica quanto socialmente. Os Estados Partes são aqueles que assinaram o Tratado de Assunção. Os outros países são Estados Associados: Chile, Colômbia, Equador, Peru, Guiana e Suriname. Veja o mapa abaixo.

[26]Disponível em: https://portugaldigital.com.br/mercosul-marca-para-setembro-reuniao-que-discutira-acordo-com-ue/ . Acessado em: 01/05/2022.

Figura 12 Mapa dos países membros do MERCOSUL



Fonte: Mundo Educação[27]

Nos últimos tempos, o portunhol tem gerado muita discussão no meio acadêmico, principalmente após o advento do Mercosul, um acordo com países sul-americanos que visa estabelecer um mercado econômico comum na América Latina, que exige competências linguísticas envolvendo principalmente as línguas: espanhol, português e guarani. Atualmente, há muitos estudos sobre o portunhol e a maioria deles se concentra em situações de fronteira, com pesquisas mais voltadas para duas áreas: políticas educacionais e linguísticas (debates sobre a necessidade de implementar o ensino de segunda língua em regiões de fronteira) e sobre a classificação do portunhol (como situar ou denominar o portunhol como: uma língua, uma interlíngua ou um dialeto). No último caso, examinamos essas classificações acima.

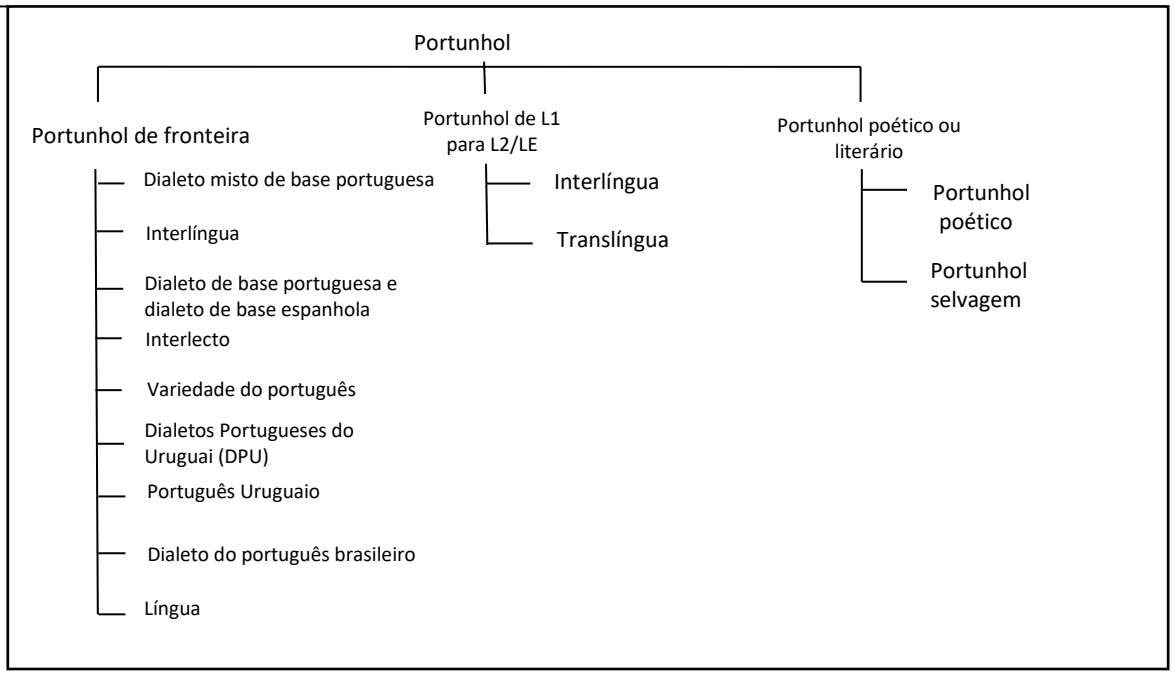
[27] Disponível em: https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/perspectivas-para-mercosul-no-seculo-xxi.htm. Acessado em: 01/05/2022.

3.2.2 Estudos sobre o portunhol

Neste subcapítulo, exploraremos algumas das classificações existentes referentes ao fenômeno linguístico conhecido como portunhol. Trata-se de uma análise que visa compreender as nuances desse fenômeno de contato linguístico entre o português e o espanhol. Diversos estudos têm abordado o portunhol de maneiras distintas, categorizando suas manifestações de acordo com características específicas. Vamos agora adentrar nesse conjunto de pesquisas para examinar de forma mais aprofundada as diferentes abordagens e perspectivas sobre o portunhol.

Segundo Andrade e Carlos (2021, p.178-179) foi constatado por meio de pesquisas, algumas classificações para o portunhol, as quais se destacam três: "portunhol de fronteira, portunhol no contexto de ensino/aprendizado (que será denominado portunhol de L1 para L2/LE) e portunhol poético ou literário", vejamos na figura abaixo segundo Moraes (2019), algumas classificações e denominações do portunhol, observemos pela figura 20 (as classificações) e 21 (Denominação do portunhol por diferentes autores), abaixo.

Figura 13: Classificações para o Portunhol



Fonte: Moraes (2019)

Figura 14: Denominação do portunhol por diferentes autores

Autor	Denominação	Características
Rona (1963)	Dialeto fronteiriço misto	Mistura do português falado na fronteira do Rio Grande do Sul com o espanhol. Conforme Rona (1963) este dialeto aparentemente tem base portuguesa.
Rona (1965)	Fronteiriço (*fronterizo*)	O fronteiriço é resultado da interação do português com o espanhol, sendo que pode ser dividido em dois tipos: fronteiriço de base portuguesa e fronteiriço de base espanhola.
Hensey (1980)	Interlíngua	O fronteiriço não é nem espanhol nem português, nem formas misturadas ou truncadas dos mesmos, senão uma interlíngua capaz de evoluir em direção a uma das duas línguas.
Hensey (1980)	Interlecto	O aprendizado do espanhol faz parte do desenvolvimento da criança fronteiriça cuja língua materna é o português; assim o espanhol é usado como segunda língua, com empréstimos de português, resultando no dialeto fronteiriço.
Hensey (1982)	Variedade do português	O dialeto fronteiriço possui empréstimos do espanhol que se devem ao entorno formal acadêmico onde o espanhol é a língua de instrução. Aspectos fonológicos e de morfossintaxe do fronteiriço também são do português.
Elizaincín, Behares e Barrios (1987)	Dialetos Portugueses do Uruguai (DPU)	Formas mistas ou dialetos bilíngues de base portuguesa, resultantes do contato entre português e espanhol; praticado em situações informais e contextos familiares pela classe baixa.
Carvalho (1997; 2003)	- Português Uruguaio - Variedade do português brasileiro	Na fronteira se fala duas variantes do português brasileiro, que podem ser nomeadas de *português uruguaio*. Na zona rural se fala um dialeto de base portuguesa e nas zonas urbanas se fala uma variedade do português brasileiro urbano.
Lipski (2006)	Dialeto do português brasileiro	O portunhol do norte de Uruguai (*fronterizo*) é essencialmente um dialeto do português rural do Sul do Brasil, com uma pesada mistura de itens lexicais do espanhol e alguma transferência parcial de combinações gramaticais similares mas não idênticas.
Waltemire (2012)	Dialeto do português brasileiro	O portunhol não é língua nem interlíngua, mas um dialeto do português brasileiro. Na fronteira (Rivera) existem dialetos bilíngues em lugar de uma terceira língua.
Mota (2012)	Língua	O portunhol "é uma das línguas constitutivas dos sujeitos que compõem a sociedade que habita a fronteira uruguaio-brasileira [...]. Como uma língua não gramatizada, historicamente, o portunhol que circula na fronteira uruguaio-brasileira circunscreve-se mais amplamente ao domínio da oralidade na sociedade fronteiriça [...]". (MOTA, 2012, p. 130-131)
Sturza e Tatsch (2016)	Língua	"A língua de fronteira, sendo ela designada de Portunhol ou não, é antes de tudo considerá-la [sic] uma língua que tem sentido para os sujeitos inscritos numa comunidade na qual estar entre uma língua e outra é constitutivo da sua relação identitária." (STURZA e TATSCH, 2016, p. 96)
Morales (2016)	Interlíngua	O portunhol sofre interferência constante do português ou espanhol, dependendo da língua mãe de cada falante. Essa interferência se traduz em erros de linguagem que os falantes tentam corrigir constantemente. A oscilação entre português e espanhol depende da competência linguística de cada falante.
Pacheco (2017)	Variedade do português brasileiro	O português uruguaio tem aspectos em comum tanto com o português brasileiro gaúcho da fronteira, como com o

		português brasileiro de modo geral. O português uruguaio e o português brasileiro dialogam entre si, de forma que há uma continuidade dialetal entre eles.

Fonte: Moraes (2019)

Pensar numa definição de portunhol não é tarefa fácil. Talvez seja possível pensar que, apesar de uma língua representar a identidade de um povo, ela pode ser enriquecida com a presença de outras línguas, formando uma espécie de colcha de retalhos que configura uma heterogeneidade linguística. O Portunhol é conhecido também como "*fronterizo*" e apresentado como resultante de uma realidade em que a população que é bilíngue (zona de fronteira Uruguai/Brasil), e que também sofre preconceito por aqueles que a conhecem, e são de zonas urbanas, ou possuem maior grau de escolaridade e buscam sempre praticar o monolinguismo, tratando, o portunhol como forma de alteridade - entre o falar "certo ou errado" - para se comunicar, resultado de um "aprendizaje deficiente". (Faulstich, 1997); (Hartmann, 2004); (Fernández e Roth 2007); (Pacheco, 2017).

Em seus estudos, Lipski (2006) admite que o dialeto falado na fronteira contém configurações entrelaçadas e sugere uma hibridização em lugar de simples transferência bilíngue. Tais designações como *fronterizo* sugere uma "terceira língua". No entanto, apesar disso, ele, sustenta o português falado no Norte do Uruguai é essencialmente um dialeto do português falado na zona rural do Sul do Brasil, com uma pesada mistura de itens lexicais do espanhol e alguma transferência parcial de combinações gramaticais similares, mas não idênticas. Essa visão de Lipski (2006) também é confirmada por Waltemire (2012), que fez um estudo na cidade fronteiriça de Rivera, no Norte do Uruguai. Waltemire conclui que o portunhol de Rivera não é uma nova língua nem uma interlíngua, mas sim um dialeto do português brasileiro. O autor confirma o bilinguismo existente em Rivera e por isso as situações da fronteira deveriam ser tratadas como dialetos bilíngues e não como uma nova língua. O autor também sugere que não existe uma diglossia entre o espanhol e o português, já que seu estudo comprova que o espanhol ou português é falado conforme os interlocutores e não conforme os estratos sociais. Assim, ele comprova que o espanhol é tão usado quanto o português em situações familiares, por exemplo, dependendo dos interlocutores, assim como o português é usado, por exemplo, em situações informais de trabalho. Isto contraria estudos anteriores que indicam que o português é preferido em casa e o espanhol em situações formais e de trabalho.

Mota (2010; 2012;) e Sturza e Tatsch (2016) sugerem que o portunhol poderia ser sim, considerado uma língua. Mota (2012), aponta a zona de fronteira, por ter características próprias de intercâmbio entre os países, pode ser pensada em termos de um "novo território", ao que denomina de *território fronteiriço*. E o portunhol seria uma das línguas que compõem esse território. O portunhol, por não ser uma língua gramatizada, e se manifesta mais na oralidade da sociedade fronteiriça. Sturza e Tatsch (2016) afirmam que o portunhol é uma língua, e se apoiam na sociolinguística aplicada a línguas de contato. Sustentando, sua colocação baseada na afirmativa de Appel e Muysken (1996) em situações sociolinguísticas de línguas de contato pode, sim, haver alternância de estilo, câmbio linguístico e escolha do repertório linguístico, entre outros. Desse modo, afirmam:

> Como língua de contato, o Portunhol é a língua dos fronteiriços, não tem gramática estável. No entanto, é fluído e usado como língua de comunicação imediata e, especialmente, tomando-se uma perspectiva enunciativa, uma escolha política do falante que busca produzir efeitos de sentido, considera sua relação com o interlocutor, seja ele um falante de espanhol, um falante de português ou um falante de Portunhol/língua de fronteira (Sturza; Tatsch, 2016, p.95).

Segundo Lipski (2006), o fenômeno portuñol/portunhol poderia ser relacionado enquanto uma manifestação literária. Na internet enquanto fenômeno linguístico resultante do processo de globalização; Como língua fronteiriça legitimada, o fronteiriço, que se fala nos limites entre o Brasil e o Uruguai; O portuñol ibérico, na fronteira de Portugal com Espanha.

> Por lo tanto, toda la gama de manifestaciones portuñol/portunhol, que en realidad representan varias manifestaciones discretas del contacto lingüístico, puede, por lo tanto, echar luces sobre la psicolingüística de la mezcla de códigos bilingües y la adquisición de segunda lengua, sobre la sociolingüística de las comunidades fronterizas y las actitudes sobre las lenguas y dialectos, y sobre las metáforas literarias bilingües[28] (Lipski, 2006, p.02 - Traducción Nuestra).
>
> […]El alto nivel de superposición léxica y sintáctica entre el español y el portugués implica que la mayoría de las enunciaciones mescladas no deben considerarse como code-switches, sino más bien como entrelazamientos lingüísticos u otras formas más integralmente ligadas de combinación entre lenguas. Establecer una matriz lingüística para las enunciaciones en portuñol

[28] En el original: "The full gamut of portuñol/portunhol manifestations – which in reality represent several discrete language-contact manifestations – can therefore shed lights on the psycholinguistics of bilingual code-mixing and second-language acquisition, on the sociolinguistics of border communities and attitudes about languages and dialects, and on bilingual literary metaphors". (Lipski, 2006:02)

> suele ser imposible utilizando los supramencionados criterios sintácticos[29] (Lipski, 2006, p13 - Traducción Nuestra).

À luz dessas constatações, surge a consideração de que o portunhol pode ser concebido como uma língua de fronteira[30], em pleno funcionamento dos fronteiriços. Além disso, sua existência remete a um tema de discussão relevante: a acessibilidade linguística. Sturza e Tatsch (2016) oferecem uma perspectiva esclarecedora sobre o portunhol:

> A língua de fronteira, seja ela designada como Portunhol ou não, deve ser primeiramente entendida como uma língua que possui significado para os indivíduos inseridos numa comunidade onde transitar entre uma língua e outra é parte constitutiva de sua identidade. (Sturza; Tatsch, 2016, p. 96).

O trecho enfatiza a importância de compreender a língua de fronteira, independentemente de ser denominada como Portunhol ou não, como uma linguagem que tem relevância para as pessoas que fazem parte de uma comunidade onde alternar entre duas línguas é um elemento essencial de sua identidade. Esse entendimento ressalta que a língua de fronteira não é apenas uma mistura casual de línguas, mas sim um sistema de comunicação vital para aqueles que a utilizam. A citação de Sturza e Tatsch (2016) fornece uma base teórica para essa perspectiva. Portanto, o texto aponta para a necessidade de valorizar e estudar as línguas de fronteira como expressões autênticas de identidades culturais complexas e em constante evolução. Para Matesanz (2019, p. 82-83):

> La palabra portuñol9 /portunhol (en español y portugués, respectivamente) es polisémica y hace referencia a distintas realidades lingüísticas. Al hablar de portuñol es necesario distinguir: (i) si nos estamos refiriendo a una de las variantes dialectales que tienen como base el español y el portugués y que se producen por un contacto entre las lenguas; o, (ii) si nos referimos a interacciones discursivas entre hablantes de español y portugués en las que se producen transferencia desde la lengua materna, cambios de código y otros fenómenos propios de la adquisición de una segunda lengua (Lipski, 2006; Corbella & Fajardo, 2017), lo que en este estudio hemos denominado portuñol no estable. Este último caso puede responder a una situación de lenguas en

[29] En el original: “The high degree of syntactic and lexical overlap between Spanish and Portuguese entails that most mixed utterances should not be handled as code-switches but rather as language intertwining or other more integrally linked forms of language combination. Establishing of a matrix language for portuñol utterances is normally impossible using the aforementioned syntactic criteria” (LIPSKI, 2006, p.13).

[30] No caso de portunhol de fronteira, [...] pode ser considerado uma língua. Disponível em: https://anpoll.org.br/enanpoll-2020-anais/resumos/digitados/0001/PPT-eposter-trab-aceito-0419-1.pdf . Acesso: 11/09/2022.

> contacto como en (i), pero no siempre es así. El portuñol como resultado de lenguas en contacto se localiza en un amplio y discontinuo espacio… […] Las variantes menos estables tienden a ser consideradas de menor prestigio por los hablantes (Sturza 2004, 2005). En cuanto al portuñol, tal y como lo presentamos en el punto (ii), apenas tenemos información de cómo se desarrolla, en qué circunstancias discursivas se utiliza y cómo lo ven los hablantes en relación a su lengua materna y con respecto a su repertorio lingüístico.

A citação acima nos oferece uma reflexão detalhada sobre o conceito de "portunhol/portuñol", destacando suas diversas facetas linguísticas. Duas situações-chave são ressaltadas ao se referir ao portuñol: (i) É mencionado que pode se referir a variantes dialetais baseadas no espanhol e no português, originadas pelo contato entre as línguas. Isso sugere que o portuñol pode ser uma expressão da interação entre ambas as línguas, incorporando elementos de ambas. (ii) Também é abordada a interação discursiva entre falantes de espanhol e português, onde são observadas transferências da língua materna, mudanças de código e outros fenômenos próprios da aquisição de uma segunda língua. Essa situação é chamada de "portunhol não estável" no estudo. É mencionado que o portuñol resultante do contato entre as línguas é encontrado em um amplo e descontínuo espaço geográfico. Sugere-se que as variantes menos estáveis tendem a ser consideradas de menor prestígio pelos falantes. Quanto ao portuñol apresentado no ponto (ii), é indicado que há pouca informação sobre seu desenvolvimento, as circunstâncias discursivas em que é utilizado e como os falantes o percebem em relação à sua língua materna e ao seu repertório linguístico.

Em resumo, Matesanz (2019), nos oferece uma visão detalhada e matizada do fenômeno do portuñol, destacando sua complexidade e as diferentes formas em que pode se manifestar em contextos de contato entre o espanhol e o português. Também destaca a necessidade de investigar mais a fundo esse fenômeno e compreender como os falantes o experienciam em seus próprios contextos linguísticos e culturais.

A autora destaca ainda, o medo que os falantes têm de gerar discursos multilíngues nos quais, além disso, se admita variantes instáveis de uma língua, como é o caso do portuñol que precisa ser superado por meio de uma mudança de mentalidade em relação à ideologia monolíngue. A consciência linguística individual é fundamental para avançar na aceitação das possibilidades comunicativas que a geração de discursos multilíngues oferece.

Portanto, pensar no “portunhol/portuñol” é, antes de tudo, refletir sobre a inclusão dos falantes dessa língua de fronteira e, a partir dessa consideração, reconhecer sua legitimidade como um modo de expressão para muitos fronteiriços. Isso representa um passo fundamental na valorização e respeito pela diversidade linguística e cultural dessa região única.

Portanto, independente da classificação do portunhol, mesmo ele estando numa posição de subalternidade, ele continua sendo praticado pela população, especificamente de fronteira e está em funcionamento na língua portuguesa do Brasil, pois, já parece fazer parte de uma identidade fronteiriça em muitas regiões do Brasil. Veremos isso melhor nas análises deste trabalho, de como o portunhol vem funcionando na relação do português e espanhol na fronteira Oeste do Mato Grosso.

3.2.2.1 Análise do funcionamento da palavra portunhol

A partir da perspectiva teórica da Semântica da Enunciação desenvolvida por Guimarães (2002 e 2018) e Dias (2018 e 2021), realizaremos nossas primeiras análises sobre o funcionamento da palavra português. O presente estudo tem como base essa teoria linguística que enfoca a relação constitutiva entre língua, história e o sujeito falante que enuncia entre língua e linguagem. Para tanto, utilizaremos enunciados selecionados com a palavra portunhol para identificar e compreender os diversos efeitos de sentido produzidos no funcionamento do termo portunhol no espaço de enunciação do português brasileiro.

Na primeira parte da análise, observaremos a configuração das cenas enunciativas presentes nos textos selecionados. Isso nos permitirá, em certa medida, estabelecer um critério um tanto claro do que buscamos apresentar antes de passarmos para as análises em que empregaremos, de fato, a metodologia de Dias (2018 e 2021). Essa análise será dividida em dois momentos relevantes: a análise Subnominal e os Domínios Referenciais do portunhol nos enunciados selecionados.

3.2.2.2.2 Configuração e descrição da cena enunciativa

A seguir, apresentaremos duas propagandas em que o termo portunhol funciona

enunciativamente, em que uma propaganda produz sentidos que se constituem em uma direção positiva sobre o portunhol, e outra, entre muitas que circulam na internet, produz sentidos que circulam no imaginário social de forma pejorativa em relação ao termo e aos falantes que a ele estão associados. Vejamos então os enunciados com as seguintes mensagens:

Figura 13 Dicionário de portunhol



Fonte: [31]Site do Google.br

O enunciado da figura (15) "DICIONÁRIO DE PORTUNHOL, Hispanoluso: Comunicações espanhol <-> português. (O castelhano é o português ossificado)" faz circular um sentido inscrito no referente da alteridade, opondo-se a enunciados que afirmam que o portunhol não é uma língua e que há muitas maneiras de expulsar o portunhol. Isso ocorre em muitas campanhas publicitárias que oferecem o ensino da língua espanhola ou portuguesa.

[31] Disponível em: https://clubedeautores.com.br/livro/dicionario-de-portunhol-2 . Acessado em: 01/05/2021.

Figura 14 Xô Portunhol! Cursos de espanhol e português on-line



Fonte: Site do Google.br[32]

No fragmento da figura (16), temos um anúncio de um curso chamado "¡Adiós al Portuñol: Cursos de español y portugués en línea", na página da empresa está escrito "¡Adiós al portuñol - Aprende el español de la manera correcta! O enunciado da figura (15), ao afirmar que pertence a uma divisão do real cuja normatividade valoriza certos enunciados em detrimento de outros, expõe a desigualdade dessa divisão. Enunciados socialmente negados, como o do exemplo (15), ao anunciar um dicionário de portunhol e afirmar seu pertencimento a uma língua que funciona no espaço de enunciação do português brasileiro, tanto o enunciado da figura (15) quanto o da figura (16), constituem uma disputa com os enunciados instituídos e aceitos, e, dessa forma, em (16), estabelece-se outra divisão do real, outra ordem em que o conflito rompe com a normatividade no acontecimento da enunciação.

Para tanto, "[...] essa afirmação de pertencimento, por precisar se repetir como eco por um longo período (...), significa a sua falta de sentido no acontecimento. Ou seja, afirmar o direito é nesse acontecimento sem sentido, para aqueles que falam do lugar da normatividade" (Guimarães, 2002, p. 17), pois o lugar da normatividade é um lugar em que o portunhol não é aceito, ou seja, é um lugar no qual essa língua em funcionamento não está incluída.

[32] Disponível em: https://www.xoportunhol.com/ . Acessado em: 01/05/2021.

O político não é, nesse caso, apenas o dizer normatizado sobre a língua correta e legitimada pelo Estado, tampouco somente o dizer da parcela excluída dos falantes dessa língua, que afirmam o seu pertencimento, mas "[...] a contradição que instala este conflito no centro do dizer" (Guimarães, 2002, p. 17).

> Ele se constitui pela contradição entre a normatividade das instituições sociais que organizam desigualmente o real e a afirmação de pertencimento dos não incluídos. O político é a afirmação da igualdade, do pertencimento do povo ao povo, em conflito com a divisão desigual do real, para redividi-lo, para refazê-lo incessantemente em nome do pertencimento de todos no todos (Guimarães, 2002, p. 17).

Assim, aquilo que se enuncia em (1) se opõe ao que é normatizado e cristalizado por uma sociedade, e estabelece o dissenso por meio de formas linguísticas que, em um movimento de (des)regularização, tensionam o cotidiano social e estabelecem divisões na constituição do dizer. Tais divisões se realizam em cenas nas quais os falantes são agenciados em lugares do e de dizer, de modo mais específico, em cenas enunciativas.

As enunciações dos textos midiáticos que analisamos estão constituídas em um espaço de enunciação da Língua Portuguesa do Brasil como já observado. Na configuração da cena enunciativa, o Locutor se apresenta como a fonte do que se enuncia (Guimarães, 2017, p. 32). No agenciamento desta cena, o Locutor (L) é afetado pelos lugares sociais que lhe permite dizer, (assim) ele é agenciado pelo por um lugar constituído sócio-historicamente de alocutor-publicitário, aquele que enuncia a propaganda e que, neste caso, instala como um correlato direto seu at-sociedade brasileira/internautas do domínio (com.br) (alocutário). Nesta direção, o al-publicitário apresenta um lugar de dizer que assume uma perspectiva de um Enunciador Individual, aquele que assume uma certa responsabilidade pelo que se enuncia na enunciação, e dessa forma, a configuração da cena enunciativa se faz por um caráter politópico, ou seja, como uma cena "[...] que se configura por uma divisão de lugares de enunciação" (Guimarães, 2018, p.58). Passemos agora à consideração de como alguns falantes são agenciados a partir dos seguintes enunciados:

Figura 15 Eu falo português



Um BR na Laguna CUICOCHA falando PORTUNHOL | Como foi passar essa VERGONHA no Equador

Rafinha Viajante

271 suscriptores

Fonte: [33]Site do Google.br

Na figura (17) "Eu Falo PORTUNHOL' 'Um BR na Laguna CUICOCHA falando PORTUNHOL | Como foi passar essa VERGONHA no Equador, por Rafinha Viajante", se refere a um vídeo presente nas redes sociais. Nele, o falante é agenciado em Locutor (L) e assume o lugar daquele que diz algo para alguém, o seu correlato 'tu' Locutário (LT). O Locutor enuncia de um lugar constituído sócio-historicamente e diz afetado por este lugar que mobiliza um alocutor-x, configurado nesse acontecimento como um alocutor- youtuber, já que esse alocutor fala a pessoas envolvidas simpatizantes do Rafinha Viajante e que fala portunhol, seus alocutários (at-x). O alocutor- youtuber em (17) - Eu Falo PORTUNHOL - mobiliza um enunciador-individual, que pode ser notado pelo pronome pessoal 'eu', que assume uma certa responsabilidade individual por aquilo que diz associa o dizer a um determinado grupo. Em sua página o alocutor- youtuber, diz "E não esqueçam de comentar como está o meu Portunhol HAHAHAHA", ele também classifica o portunhol como: 'o portunhol é uma mistura de Português com o Espanhol. E foi nessa linguagem louca que eu fiz todo esse vídeo de hoje para vocês conhecer essa linda Laguna de Cuicocha no Equador'.

[33] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JvzanKtV42g . Acessado em: 01/05/2021.

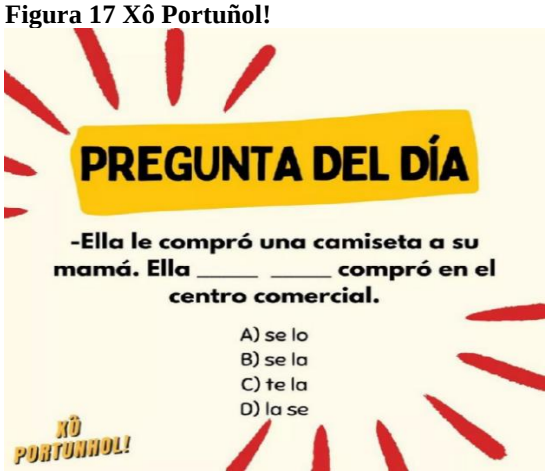
Figura 16 O portunhol nosso de cada dia



Fonte: [34]Site do Google.br

A figura (18) apresenta o seguinte enunciado – O portunhol nosso de cada dia -, presente em vários enunciados produzidos na internet e/ou regiões fronteiriças, o que acaba por instituir um enunciador-coletivo, ao apresentar o dizer de um grupo de pessoas, de uma única voz que, em conjunto, afirma a assunção de legitimidade dessa língua. Nessa cena, o enunciador-coletivo é identificado pelo pronominal possessivo "nosso", determina um substantivo (coisa ou pessoa) relacionando-o nós (1ª pessoa do plural) o que indica o 'nós' enunciador. A figura do Locutor em (18) é agenciado na enunciação um alocutário-internauta simpatizante, que ao falar a partir de um lugar social, e também político faz circular/sustentar sentidos de quem luta pelo direito de igualdade de fala, sem preconceitos linguísticos.

Figura 17 Xô Portuñol!



Fonte: Facebook[35]

[34] Disponível em: https://www.brasileiraspelomundo.com/o-portunhol-nosso-de-cada-dia-001413301. Acessado em: 01/05/2021.

[35] Available at: https://www.facebook.com/355695791505193/posts/susanita-es-amiga-de-mafalda-a-pesar-de-que-son-tan-diferentes-ellas-valoran-su-/602685186806251/ . Acessado em: 01/05/2021.

Curso de português e espanhol online' o Locutor é agenciado em al-publicitário, que se apresenta como aquele que, ao enunciar, marca seus seguidores com questões de ensino de língua espanhola e no canto aparece "Xô Portunhol". Desse modo, L se encontra difuso em uma cena em que o falante enuncia como e com outros indivíduos. Assim, o Locutor em (19) se apresenta por modo de saber compartilhado, e o al-publicitário apresenta um enunciador-genérico, que ao enunciar "Xô portunhol/ Adeus Portunhol/ etc.", marca um lugar de dizer não específico, que todos conhecem pelo funcionamento do termo "Xô", de modo genérico. São dizeres que delimitam o espaço de atividades do ensino da língua correta o português e o espanhol, não da mistura no caso aqui o portunhol sendo, portanto, uma proposição já regularizada socialmente. Dessa forma, o alocutor-x desse acontecimento enunciativo pode ser localizado a partir do sentido que o enunciado constrói, o de alteridade da língua portuguesa e espanhola e a evidência do portunhol como os de falares errado. Em contrapartida ao enunciado (19) "Xô portunhol", trouxemos o enunciado capa de revista:

Figura 18 O idioma freestyle e anárquico não tem fronteiras "HABLA-SE PORTUNHOL"



Fonte: Site do Google.br[36]

Em 'Habla-se Portunhol' O idioma freestyle e anárquico não tem fronteiras, aqui o falante é agenciado em um Locutor que é agenciado em alocutário-x que fala de um lugar social e político de defesa da liberdade da língua portunhol e não da sua

[36] Disponível em: https://issuu.com/editora3/docs/select02 . Acessado em: 01/05/2021.

limitação. Dessa forma, há um alocutor-revista que enuncia a um alocutário-leitor e sustenta sentidos na direção de que o portunhol é um "estilo livre" e anárquico, que não "obedece" a normas ou prescrições nem de uma língua e nem de outra, mas que se forma na relação livre e desprovida de limites, um modo de falar sem fronteiras e que toma seus falantes num espaço de enunciação particular. Aqui é possível observar que o al-revista apresenta um lugar de dizer de enunciador individual que assume certa responsabilidade individual por aquilo que se enuncia.

E isso nos apresenta, de certa maneira, um embate entre línguas e falantes num mesmo espaço de enunciação da língua portuguesa do Brasil, já que o Locutor se mostra de forma difusa, mas não é compreendido como saber partilhado, em forma de alteridade. Entretanto, o enunciado (20) 'Habla-se Portunhol' O idioma freestyle e anárquico não tem fronteiras, se configura num espaço de enunciação do português brasileiro que integra ao texto enunciados que funcionam tanto em línguas espanhola quanto inglesa. Ou seja, isso nos mostra que o português instala uma relação que com as duas outras línguas instituindo, assim, um embate político no espaço de enunciação do português do Brasil atestando a diversidade das línguas que funcionam neste espaço pela divisão e distribuição desigual aos falantes agenciados enunciativamente neste espaço. Ou seja, há um texto que inclui, nesta integração, uma relação com estas línguas e que, ao mesmo tempo, institui um embate político entre língua e falantes apresentando o portunhol, incluído nesta relação, de modo negativo como língua anárquica, que não "respeita" uma "ordem estabelecida". Vejamos agora outros enunciados.

Figura 19 Convite



Fonte: [37]Site do Google.br

Figura 20 Propaganda



Fonte: Site do Google.br [38]

[37] Disponível em: https://www.gub.uy/ministerio-educacion-cultura/comunicacion/noticias/lanzamiento-del-libro-digital-jodido-bushinshe. Acessado em: 01/05/2021.
[38]Disponível em: https://www.blogdoadonis.com.br/2017/12/28/idioma-oficial-do-verao/32361/. Acessado em: 01/05/2021.

Figura 21 Data comemorativa



Fonte: [39]Site do Google.br

Figura 22 Trailer



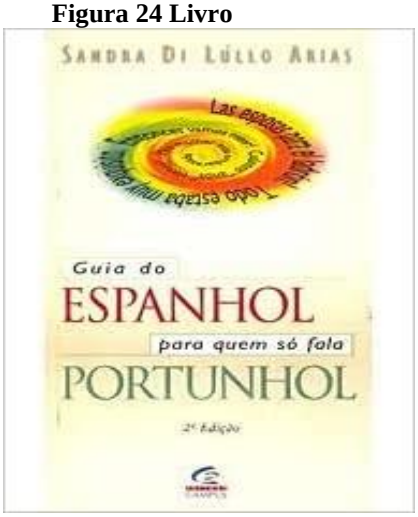
Fonte: Site do Google.br [40]

Figura 23 Reportagem de capa de revista



Fonte: [41]Site do Google.br

Figura 24 Livro



Fonte: Site do Google.br [42]

Figura 25 Meme



Fonte: [43]Site do Google.br

Figura 26 Filme



Fonte: Site do Google.br [44]

[39]Disponível em: https://ambienteacreano.blogspot.com/2008/09/portunhol-e-por-qu-no.html. Acessado em: 01/05/2021.
[40] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cE53uZtrOaM . Acessado em: 01/05/2021.
[41] Disponível em: https://issuu.com/editora3/docs/select02 Acesso em: 01/05/2021.
[42]Disponível em: https://www.amazon.com.br/Guia-Espanhol-Para-Quem-Portunhol/dp/8535202617 Acesso: 01/05/2021.
[43] Disponível em: https://m.facebook.com/turismodadepre/photos/a.526926124017573/1494553930588116/ Acesso em: 01/05/2021.
[44] Disponível em: https://www.h2foz.com.br/geral/longa-portunhol-e-premiado-no-festival-as-amazonas-e-estara-disponivel-em-streaming-hoje-e-domingo/ Acesso em: 01/05/2021.

Figura 27 Rádio



Fonte: [45]Site do Google.br

Figura 28 Tradutor de português



Fonte: Site do Google.br [46]

É possível observar que, nas figuras (21) a (30), há uma multiplicidade de enunciados presentes no espaço enunciativo do português brasileiro, em que o enunciado "Habla-se portunhol: A língua de estilo livre e anárquico não tem fronteiras" está significando de alguma forma: na figura (21), convite; na figura (22), anúncio publicitário, cujo dizer está em "portunhol como língua", ou seja, atualizado para o espaço enunciativo em que está inserido; na figura (23), data comemorativa do "Dia Internacional de Falar portunhol"; figura (24) trailer " **PORTUNHOL**"; na figura (25) uma reportagem "Portunhol sem Fronteiras" e na figura (26) um guia para quem fala portunhol, todos promovendo o portunhol; na figura (27), um meme que apresenta com humor o enunciado “Me encara, se prepara, que vou falar portunhol bem na sua cara; e, em (28), um filme portunhol; em (29), uma rádio como o nome Portunhol; e, por fim, em (30), o google apresenta um tradutor em portunhol.

observamos como o enunciado “Habla-se Portunhol’ O idioma freestyle e anárquico não tem fronteiras”, ao criar um movimento de deslocamento e projeção de futuridade, ecoa para além do acontecimento em que se dá apresentando, dessa forma o funcionamento do portunhol como uma língua que toma e agencia os falantes no espaço enunciativo.

Desse modo, depois de apresentarmos, ainda que de forma breve, exemplos de como o falante é agenciado a dizer nos acontecimentos observados e na configuração da cena enunciativa, discutiremos mais à frente sobre os sentidos da palavra portunhol ainda duas noções pertinentes que ancoram a produção dos sentidos que essa configuração do

[45] Disponível em: https://www.mixcloud.com/pitivaccari/radio-portunhol-especial-djset-para-cozinha-portunhol-na-casa48/reposts/ Acesso em: 01/05/2021.
[46] Disponível em:<http://santoja.com.br/portunhol.php Acessado em: 01/05/2021.

dizer manifesta, o referencial histórico de significação e a pertinência enunciativa, fundamentos essenciais para os estudos da enunciação, na perspectiva que trabalhamos.

Para ilustrar o referencial histórico (memorável) e pertinência enunciativa (atualização)[47], voltemos aos enunciados (15) e (16), bem como aos enunciados das figuras (20) e (21):

Para ilustrar o referencial histórico (memorável) e a relevância enunciativa (atualização), voltemos aos enunciados da figura (15) e da figura (16), bem como aos enunciados das figuras (20) e (21):

(2) Xô portunhol - Aprenda o Espanhol do jeito certo.

Partindo das considerações realizadas acima, é possível verificar a existência de enunciados regularizados que recortam um memorável específico e que significa um espaço enunciativo no qual o ensino de línguas ocorre por meio da sobreposição e alteridade da língua do Estado. O enunciado (16) “Xô portunhol - Aprenda o Espanhol do jeito certo” é um exemplo, pois recorta como memorável uma regularidade linguística que se institui por um jeito certo e específico para se ensinar a língua; e esse lugar, no espaço enunciativo regularizado, ao qual nos referimos anteriormente, não é o espaço público, muito menos o dos falares, os da língua em funcionamento. Essa regularização de sentido se fixa a partir de enunciados que circulam socialmente, mas um espaço privado, um lugar que oferece ensino privado de línguas, como se observa na campanha de publicidade apresentada abaixo (31):

Figura 29 Anúncio de um curso de espanhol



Fonte: Site do Google.br[48]

[47] Conforme Dias (2018)

[48] Disponível em: https://www.yumpu.com/pt/document/read/12720384/curso-de-lingua-espanhola-adios-ao-portunhol-faap. Acessado em: 01/05/2021.

Uma vez construído enunciativamente, o "real" do ensino de língua passa a adquirir pertinência quando está cercado pelo escopo semântico do enunciado "adiós ao portunhol/adeus ao portunhol". Agora, examinemos a possibilidade de novos enunciados emergirem em outros acontecimentos e serem trazidos à tona, como veremos no enunciado (15) a seguir:

(15): "Dicionário de Portunhol".

Esta entrada revela como os conceitos de referencial histórico e pertinência enunciativa operam no processo de construção de sentido, moldando a interpretação dos enunciados e conectando-os a diferentes contextos comunicativos e históricos.

O enunciado (15) "Dicionário de Portunhol" é marcado em sua constituição material pelo domínio de referência do acontecimento anterior, "Xô portunhol - Aprenda o Espanhol do jeito certo", cuja estrutura formal, como já discutimos, põe em causa a segunda proposição a qual, em decorrência disso, ganha mobilidade. Com isso, o enunciado (15), "Dicionário de Portunhol" instala uma relação que coloca em xeque o enunciado (16) acima "Xô portunhol - Aprenda o Espanhol do jeito certo", no que diz respeito ao espaço do ensino de língua no Brasil. Pois, temos assim, que (16) "constitui-se como ancoragem do histórico na atualidade das demandas do dizer" (GUIMARÃES, 2018, p. 197), e sustenta a pertinência enunciativa em (15). Assim, a configuração só é possível devido aos dizeres historicamente produzidos em outros acontecimentos enunciativos sobre o lugar de ensino de língua seja pela organicidade ou pelo funcionamento, ou seja, a partir de uma relação com um já-dito, uma vez que a memória sócio-histórica age e está sempre ancorando a novos dizeres.

3.2.2.3 O portunhol e suas designações

Como metodologia para esta pesquisa, no início se fez um aprofundamento nos pressupostos teóricos que subsidiarão nossas análises. Para tanto, ampliamos nossas buscas por textos que discutem sobre o Portunhol, bem como por aqueles que descrevem os pressupostos fundantes da Semântica da Enunciação. Nesse ponto da nossa pesquisa,

procederemos à análise do corpus selecionado, que foi definido de acordo com a descrição apresentada anteriormente. A análise abrangerá três momentos de reflexão distintos.

No primeiro momento de nossas análises, nosso foco se voltou para a identificação do referencial histórico subjacente, o qual nos permitiu elucidar o domínio referencial que serve como modo de ancorar a regularização do sentido da palavra portunhol. Para chegar no nosso objetivo, trabalhamos com uma alguns enunciados que proporcionaram dados para a análise do termo portunhol. Desse modo, compreender os sentidos que resultam na sua evolução social, pejorativa, produzindo sentido negativo. Também pesquisamos as atualizações do termo portunhol, que remetem sentidos associadas à ideia de "erro" do "falar errado". Para isso, coletamos de textos pelo site de pesquisa *Google* utilizando a palavra-chave portunhol.

Num segundo momento, nos concentramos em examinar o processo de reescrituração da palavra portunhol, que culmina na construção de um novo referencial. Esse novo referencial se distancia da associação anterior com o "errado/pejorativo" e transita para um referencial de "correto/afirmativo". Todos os enunciados que coletamos e/ou produzimos para esta etapa da pesquisa foram organizados conforme a metodologia de redes enunciativas, conforme descrita por Dias (2018). A seleção dessa abordagem metodológica decorreu da sua pertinência aos objetivos primordiais da nossa pesquisa, especialmente por possibilitar uma análise comparativa entre as diferentes produções de sentido associadas à palavra portunhol no sócio-histórico cotidiano.

Todos os enunciados coletados e/ou produzidos para o desenvolvimento deste capítulo de análise de nossa pesquisa seguiram uma metodologia de trabalho que nos permitiu organizá-los no que Dias (2018) chama de redes enunciativas. Escolhemos esse procedimento metodológico para uma das análises porque nos pareceu adequado aos propósitos de nossa pesquisa, principalmente por permitir um olhar comparativo sobre a produção de sentido que a palavra portunhol instalou no cotidiano.

Dias (2018) apresenta três articulações: intranominal, internominal e subnominal. a) As articulações subnominal são a base para a entrada de substantivos no léxico de uma língua, a partir de enunciados que as determinam; b) As articulações intranominal são constituídas por unidades nominais singulares que agregam formativos criando novos substantivos na língua; c) As articulações internominal são baseadas nas motivações enunciativas das articulações que o substantivo contrai na constituição de grupos nominais.

Ao adotar essa abordagem, procuramos fornecer uma análise detalhada e abrangente dos enunciados, considerando tanto o referente histórico quanto as transformações semânticas que ocorrem durante o processo de reescrita. Ao explorar esses três momentos distintos de reflexão, nossa pesquisa visa a obter uma compreensão mais profunda dos efeitos de sentido produzidos pela palavra portunhol e as mudanças em seu significado ao longo do tempo.

No caso da incorporação do portunhol como uma unidade significativa na língua, a articulação é subnominal. Temos uma rede de enunciados descritivos que fundamentam o aparecimento/funcionamento dessa palavra. Nas análises, há relações predicativas, em que o portunhol se torna um predicado. Nesse caso, as predicações são sustentadas por referências negativas e positivas, como veremos a seguir.

Antes de voltarmos à discussão em questão, vamos retornar brevemente ao ponto em que os referentes históricos operam e onde, por meio dessa operação, o portunhol é ancorado e estabelecido como um nome pejorativo para um discurso funcional.

Para uma melhor compreensão dessa questão, analisaremos enunciados que nos permitam esclarecer o domínio referencial que sustenta a regularização dos sentidos da palavra portunhol com valor pejorativo, que é o primeiro objetivo específico desta análise. De forma institucionalizada/regularizada, esses sentidos delimitam contornos de discurso misto/incorreto, sentidos que são negativos e que, muitas vezes, justificam o desrespeito aos falantes do portunhol.

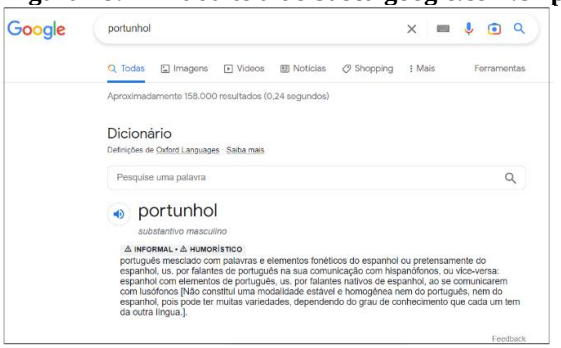
3.2.2.3.1 Análise subnominal

Neste primeiro item de análise abordaremos as características subnominais presentes no texto, identificando os elementos linguísticos e contextuais que contribuem para a construção do sentido. Isso permitirá uma análise mais profunda das nuances presentes na construção do texto textual. Ao fazer uma busca no site de pesquisas *Google*, com a entrada da palavra portunhol, encontramos aproximadamente 158.000 resultados. No topo da lista, em destaque, um dos significados dicionarizados:

1) “Portunhol: substantivo masculino – INFORMAL•HUMORISTICO português mesclado com palavras e elementos fonéticos do espanhol ou pretensamente do espanhol, us. por falantes de português na sua comunicação com hispanófonos, ou vice-versa: espanhol com elementos de português, us. por falantes nativos de

espanhol, ao se comunicarem com lusófonos [Não constitui uma modalidade estável e homogênea nem do português, nem do espanhol, pois pode ter muitas variedades, dependendo do grau de conhecimento que cada um tem da outra língua.].”

Figura 18: Print da tela de busca google.com.br por Portunhol



Fonte: Site de pesquisas Google[49]

Outros dicionários apareciam na primeira página do site significando a palavra ‘portunhol’ de diferentes formas (fusão linguística/interlíngua, língua auxiliar, maneira de fala ou de escrever que mistura elementos[...], linguajar em que se misturam a lingua portuguesa e espanhola), todas sustentadas pelo mesmo referencial: o da negatividade. Vejamos:

2) Dicionário Estraviz.org - Portunhol[50]: s. m. Língua portuguesa misturada com palavras e elementos do castelhano, ou espanhol misturado com palavras e elementos do português.
3) Dicionário DICIO - Portunhol[51]: substantivo masculino Linguajar em que se misturam a língua portuguesa e a espanhola. Etimologia (origem da palavra portunhol). Portu(guês) + (espa)nhol. Definição de Portunhol. Classe gramatical: substantivo masculino. Separação silábica: por-tu-nhol. Plural: portunhóis. Feminino: portunhola.

[49] Disponível em:< https://www.google.com/search?q=portunhol&sxsrf=APwXEdfQzzVYgGexXcLZ5zqhjdFuM9e-rg%3A1683001020846&ei=vI5QZMSmM83Z1sQP3veJeA&ved=0ahUKEwjE9IOw49X-AhXNrJUCHd57Ag8Q4dUDCA8&uact=5&oq=portunhol&gs_lcp=Cgxnd3Mtd2l6LXNlcnAQAzIHCCMQigUQJzIECCMQJzIECCMQJzIGCAAQBxAeMgUIABCABDIHCAAQigUQQzIFCAAQgAQyBQgAEIAEMgUIABCABDIHCAAQgAQQCjoHCCMQsAMQJzoKCAAQRxDWBBCwA0oECEEYAFCRBlimGmCiH2gBcAF4AIABtAGIAdkCkgEDMC4ymAEAoAEByAEKwAEB&sclient=gws-wiz-serp>. Acesso: 01/05/2021.

[50] Disponível em: https://estraviz.org/Portunhol . Acesso: 03/10/2021.

[51] Disponível em: https://www.dicio.com.br/portunhol/#:~:text=Significado%20de%20Portunhol,)%20%2B%20(espa)nhol. . Acesso: 03/10/2021.

4) Por·tu·nhol[52]: (portu[guês] + [espa]nhol), substantivo masculino. [Informal] Maneira de falar ou de escrever que mistura elementos vocabulares, fonéticos e sintáticos do português e do espanhol.
5) Por·tu·nhol[53]: sm, COLOQ. 1 Mescla da língua portuguesa com palavras em espanhol ou com componentes fonéticos que lembram essa língua. 2 Vocabulário português, com alguns elementos fonéticos e algumas palavras do espanhol, utilizado pelo falante nativo de português que não tem fluência na língua espanhola.
6) "Sem normatização, portunhol é um movimento de linguagem[54]. Para quem mora na fronteira, hablar portunhol é um exercício quase que diário. Mas afinal, o portunhol pode ser considerado uma língua? Jorgelina Tallei que é argentina e docente de espanhol na UNILA diz que o portunhol "é livre". "É essa língua que se mistura o tempo todo. Eu me identifico com o portunhol, então, portunhol é uma língua porque eu me identifico com ela." Jorgelina Tallei (2022). [...] Se pensarmos que uma língua exige normativa, diz a pesquisadora, então o portunhol não pode ser considerado uma língua. Mas escritores como Douglas Diegues e pesquisadores da área o consideram uma língua. "As línguas são vivas e circulam. Elas são criadas e recriadas. Colocar em uma 'caixa' é normatizar, mas o portunhol foi criado para ser livre." [...] Quando as pessoas falam em portunhol, ressalta Jorgelina, elas têm por objetivo comunicar-se. "Portunhol é a língua das relações, porque permite a comunicação entre as pessoas. Tem que se pensar o portunhol como um momento de compreensão. É um movimento de linguagem", afirma. Por isso, em cada região da extensa faixa de fronteira brasileira haverá diferenças. "Não há um portunhol, há portunhóis". [...] Português e espanhol são línguas que compartilham vocabulário, mas a mistura é comum em muitas fronteiras como o inglês e o espanhol (spanglish ou espanglês), que são muito diferentes entre si. "Quando essas línguas entram em contato há mistura de línguas. Nas fronteiras é inevitável que isso aconteça. Porque essa é a dinâmica própria da fronteira."

7) [...]o portunhol[55] tem estado presente desde a época da colonização entre o Brasil e sua fronteira. Portanto, o portunhol é também "língua materna" para as pessoas que sempre hão estado em contato com a língua espanhola tanto quanto com a portuguesa. É parte de sua identidade. Retomando a nossa hipótese, segundo as definições e os exemplos dados, concluímos que o portunhol fica numa fase de interlíngua já que não é oficial, seus aspectos linguísticos não estão ainda bem definidos, embora tenha uma literatura emergente, e a oscilação entre o espanhol e o português depende da competência linguística que tenha o falante. Respeito a educação bilíngue que se está impondo na fronteira, consideramos que é um bom começo em favor de uma melhor competência

[52] Disponível em: https://dicionario.priberam.org/portunhol . Acesso: 03/10/2021.

[53] Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/palavra/4b902/portunhol/ . Acesso: 03/10/2021.

[54] Disponível em: https://portal.unila.edu.br/noticias/sem-regras-ou-normas-portunhol-e-um-movimento-de-linguagem . Acesso: 03/10/2021.

[55] Disponível em: https://www.ingeniosupr.com/vol-22/2016/1/29/o-portunhol-lngua-interlngua-ou-dialeto. Acesso: 03/10/2021.

> linguística nas duas línguas dos habitantes expostos ao fenômeno. Tem o fim de melhorar a capacidade bilíngue e comunicativa nestas comunidades, sem eliminar o portunhol, que é parte de sua cultura. Em síntese, o portunhol, tal e como o temos apresentado, é uma interlíngua à qual os fronteiriços estarão sempre expostos sem importar a competência linguística no português ou no espanhol.

Partindo dessas definições lexicográficas, escolhemos algumas que dentre as entradas de portunhol encontradas nos dicionários vistos acima, permitem verificar certa amplitude de sentidos que uma palavra, no caso portunhol, em movimentos de ancoragem e projeções, pode mobilizar ao se materializar. Decidimos, assim, expandir esse referencial dicionarizadode 'portunhol', a partir de memoráveis específicos recortados na história enunciativa da palavra. Embora, observadas significações dicionarizadas da palavra, nosso objetivo se dá no intuito de demonstrar como circula de forma totalmente 'engessada' a marca no imaginário social de uma produção de sentido específico para o léxico de uma língua. Todavia, o dicionário é a fonte de consulta dos significados comum aos falantes de uma língua particular, e representa, ainda, no imaginário popular, uma espécie de 'fonte' dos sentidos. Portanto, se sabe que os sentidos em movimento apresentam uma dinâmica que os dicionários têm dificuldade de captar, uma vez que, em busca de um efeito de estabilidade, esse gênero de texto desconsidera o funcionamento que as significações das palavras adquirem sócio-historicamente. Por isso trazemos dois recortes que sobre o conceito em torno da palavra portunhol, mas não aquela da normatização em que está no dicionário que mantém em certa medida a estabilidade dos sentidos dos elementos lexicais de uma língua, mas sim, aquela em que a língua está em funcionamento.

Veremos então este funcionamento via uma perspectiva enunciativa, a qual assumimos como nosso lugar teórico e metodológico de análise, ou seja, um olhar situado em ocorrências históricas e sociais - para produção de sentidos da palavra 'portunhol, a partir de uma perspectiva referencial ancorada em enunciações negativas.

Dias (2018) afirma que:

> a constituição de uma rede enunciativa envolve a formação de contrastes entre a construção linguística em estudo e outras construções com estruturas semelhantes e palavras iguais, no sentido de permitir a percepção dos domínios de mobilização que a enunciação sustenta. Essas construções outras, trazidas para a rede enunciativa, são construídas pelo próprio pesquisador e/ou podem também ser buscadas

> em usos efetivos, como no Google e nos bancos de dados que abrigam usos orais e escritos da nossa língua. (DIAS, 2018, p.35).

Por fim, apresentamos algumas considerações sobre essas análises, retomando os pontos discutidos, aprofundando a discussão sobre os resultados obtidos nas análises e oferecendo algumas contribuições para os estudos acerca da representação social do portunhol no espaço de enunciação do português do Brasil, através de uma rede enunciativa.

Veremos agora como o portunhol enquanto prática linguística no espaço de enunciação do português do Brasil entra em funcionamento. Vejamos, inicialmente, algo sobre a noção de formação nominal. Segundo Dias (2018) "[...] o conceito de formação nominal expressa a integração do nome e da nominalidade em geral como componente do enunciado em articulação". Portanto, quando analisamos a palavra portunhol verifica-se a união de duas palavras que são compostas por aglutinação e podermos dizer dois nomes: *Portu*guês/Espa*nhol*: **PORTUNHOL** e dessa maneira temos uma Formação Nominal, e esse novo nome se formou em uma unidade para participar da enunciação. Pois, "a formação nominal é o processo de entrada do nome no enunciado, participando assim do acontecimento da enunciação". (DIAS, 2021, p. 04 – no prelo).

Nessa perspectiva, o nome Portunhol se constitui na relação da língua com os sujeitos falantes nos espaços de enunciação tomados na história. É um procedimento que não se reduz a uma ação situacional, pois os sentidos de um nome se constituem historicamente na enunciação, ganhado pertinência relevante no espaço de enunciação da Língua Portuguesa do Brasil.

Na dimensão inicial da unidade nominal, empreendemos uma investigação hipotética que destaca a influência dos enunciados articulados na determinação da existência dos nomes na língua. Salienta-se que essa análise não se inclina para a abordagem etimológica dos nomes, mas antes se concentra nas justificativas enunciativas subjacentes à sua consolidação enquanto unidades temáticas. Nesse contexto, o termo "articulações subnominais" é empregado para descrever essas relações que catalisam a formação de um nome, gerando, por conseguinte, os alicerces para a sua inclusão no léxico de uma língua.

Quadro 1 Constituição da unidade nominal Portunhol

Rede de enunciados descritivos	português mesclado com palavras e elementos fonéticos do espanhol
	espanhol com elementos de português por falantes nativos de espanhol ao se comunicarem com lusófonos
	Não constitui uma modalidade estável e homogênea nem do português e do espanhol
	utilizado pelo falante nativo de português que não tem fluência na língua espanhola
	Língua portuguesa misturada com palavras e elementos do castelhano, ou espanhol misturado com palavras e elementos do português
	Linguajar em que se misturam a língua portuguesa e a espanhola.
	Informal. Maneira de falar ou de escrever que mistura elementos vocabulares, fonéticos e sintáticos do português e do espanhol.
	COLOQ. Mescla da língua portuguesa com palavras em espanhol ou com componentes fonéticos que lembram essa língua
	COLOQ. Vocabulário português, com alguns elementos fonéticos e algumas palavras do espanhol
	é um movimento de linguagem
	é um exercício quase que diário
	"é livre"
	É essa língua que se mistura o tempo todo
	não pode ser considerado uma língua normativa
	foi criado para ser livre
	têm por objetivo comunicar-se
	é a língua das relações
	É um movimento de linguagem
	Não há um portunhol, há portunhóis
	é a dinâmica própria da fronteira
	é também "língua materna" para as pessoas que sempre hão estado em contato com a língua espanhola tanto quanto com a portuguesa
Condensação	↓
Unidade nominal em posição temática	Portunhol

Fonte: Elaborado pela autora

Observamos no demonstrado acima a constituição da unidade nominal ou a formação nominal portunhol. Na rede de enunciados descritivos trazemos os trechos dos enunciados que dizem como o portunhol surgiu ou o que é, o que significa o portunhol,

retirado da busca feita acima nos dicionários selecionados e de conceitos que circulam no espaço de enunciação do Português do Brasil. Aqui não buscamos apresentar a questão negativa ou positiva. Essa rede tem como objetivo demonstrar a entrada ou o surgimento dessa palavra no espaço de enunciação da língua portuguesa do Brasil, e como vimos ela existe, e segundo Dias (2018) é porque tem uma pertinência, e os enunciados acima demonstram essa pertinência enunciativa e social, que ela existe. Temos na unidade nominal uma posição temática o Portunhol. Trazemos essa rede enunciativa para mostrar a entrada e o funcionamento de portunhol na língua portuguesa do Brasil.

O portunhol virou uma espécie de investigativo nas cidades situadas nas fronteiras entre os países da Ibero-América, também na Fronteira Oeste do Mato Grosso. Entretanto, nossa análise quer mostrar que o portunhol não deve ser unicamente entendido como investigativo, mas possivelmente como uma nova prática linguística. Na primeira parte desta pesquisa, realizamos uma investigação por meio de uma rede enunciativa que construímos em torno das designações do portunhol, a fim de verificar seu funcionamento no espaço de enunciação da língua portuguesa do Brasil.

Em "Constituição da unidade nominal Portunhol" refere-se ao processo linguístico pelo qual o termo portunhol é formado e faz circular um significado específico. Nesse caso, portunhol é uma palavra-valise ou um neologismo que resulta da fusão das palavras "português" e "espanhol". Esse processo de formação de palavras é conhecido como derivação lexical, em que elementos de duas palavras diferentes são combinados para criar um novo termo com um significado único. A unidade nominal portunhol, desse modo, exemplifica a prática de amalgamar partes de palavras de línguas diferentes para representar a mescla linguística e cultural entre o português e o espanhol. Essa formação destaca a interseção e a influência mútua entre as línguas, especialmente em espaço de fronteira ou interação cultural intensa.

Conforme vimos na rede enunciativa acima, a palavra portunhol traz sentidos específicos relacionados à mistura ou ao uso híbrido das duas línguas. Dependendo do ambiente e da abordagem, ela pode ser interpretada de maneiras diversas, variando desde uma descrição neutra de comunicação que utiliza elementos de ambas as línguas, até um sentido pejorativo que leva à ideia de uma comunicação inadequada ou mal formada para muitos. Assim, a "Constituição da unidade nominal Portunhol" envolve tanto o aspecto linguístico de formação de palavras quanto as implicações sociais e culturais associadas a essa prática linguística particular.

3.2.2.2.3.2 Domínios referenciais do portunhol

Neste segundo item da análise seguindo a metodologia de Dias (2018, 2021), vamos explorar os domínios referenciais do portunhol nos enunciados recortados do texto. Ao dividir as análises em subitens dessa forma, buscamos proporcionar uma estrutura mais objetiva ao texto. Isso nos permitirá mostrar a organização das cenas enunciativas, a aplicação da metodologia de Dias (2018, 2021) e as análises específicas, via mobilização da semântica do acontecimento (Guimarães, 2018), sobre o funcionamento do portunhol nos diferentes enunciados em uso da língua portuguesa do Brasil.

Adotaremos os procedimentos analíticos propostos por Dias (2018), conhecidos como Redes Enunciativas, como nosso método para ilustrar a maneira pela qual a palavra portunhol é construída na produção de sentidos. Além disso, buscaremos verificar como essa palavra está "enraizada" no funcionamento da Língua Portuguesa do Brasil. As Redes Enunciativas, como delineadas por Dias (2018), oferecem uma estrutura metodológica apropriada para uma análise abrangente e precisa, permitindo-nos mapear as conexões entre os diversos elementos linguísticos, conjuntura e produções de sentido que giram em torno da palavra portunhol. Ao empregar essa abordagem, visamos capturar a complexidade e a diversidade de significados associados ao termo em questão, enquanto examinamos sua inserção na dinâmica da língua em funcionamento no Brasil.

Figura 30 Atlas da língua espanhola no mundo



Fonte: Site do Google.br[56]

[56] Disponível em: http://ipol.org.br/o-portunhol-segundo-o-atlas-da-lingua-espanhola-no-mundo/. Acessado em: 01/05/2021.

O trecho (33) foi retirado do site "IPOL – Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística". No ano de 2007 (e atualizado em 2008) se publicou o *Atlas de la lengua española en el mundo* com o apoio da Fundação Telefónica, do Instituto Cervantes e da Real Instituto Elcano. Esta obra apresenta a importância a projeção do espanhol no mundo, e no capítulo sobre o espanhol no Brasil, apresentam algo sobre um dos resultados do contato entre essa língua e o português: o Portunhol. "A denominação portunhol aplica-se mais propriamente à mistura das línguas espanhola e portuguesa produzida por desconhecimento de alguma delas ou como consequência duma aprendizagem deficiente" (Moreno Fernández e Otero Roth, 2007, p. 77).

Figura 31 Propaganda para estudantes brasileiros de medicina



Fonte: Site do Google.br[57]

No fragmento (34), o alocutor-publicitário pergunta "Você sempre sonhou em cursar medicina? Sem vestibular para ingressar e com o acordo atual da validação do diploma argentino no Brasil." E oferece um "A Intercâmbio & Mais é uma empresa de assessoria educacional formada por profissionais que conhecem as necessidades do estudante e as universidades de medicina há mais de 15 anos". Temos uma propaganda de um site que faz um chamamento direcionado aos estudantes brasileiros que se interessam em cursar medicina na Argentina um curso preparatório de espanhol já que muitas universidades argentinas exigem certificado de proficiência na língua espanhola, então o site utiliza a imagem com o enunciado "Portunhol não adianta". E enunciados retirados da mesma página como "Saber ler, escrever, falar e entender o espanhol

[57] Disponível em: http://www.profsimoespanhol.com.br/intercambio/ . Acessado em: 01/05/2021.

fluentemente é requisito básico para o estudante quem quer cursar medicina na Argentina.” E garantem que “Muitas universidades argentinas exigem um certificado de proficiência na língua espanhola”. Depois terminam com o enunciado “Ter apenas o portunhol no vocabulário não basta, pois a compreensão e produção de textos na universidade requer fluência no idioma”.

No enunciado “Portunhol não adianta”. Se sustenta no ponto de vista da alteridade de querer ofertar um ensino de língua homogênea a correta, e corrobora a ideia de que uma grande parcela do ideal de ‘língua certa/correta’, aquela que pode ser falada em qualquer lugar sem sofre retaliações, aquela para ser bem sucesso e ter poder. O que não necessariamente o impediria de ter o seu contra ideal: a da ‘língua errada/incorreta’, cujo referencial sustentaa desqualificação daquela que exerce a sobreposição da língua de prestígio a do litígio: a língua do estado/nacional. Basta fazermos uma leitura, em rede, do que é enunciado aqui, em (16) e do que está efetivado em (15) – “A denominação portunhol se aplica mais propriamente à mistura das línguas espanhola e portuguesa produzida por desconhecimento de alguma delas ou como consequência duma aprendizagem deficiente”. Embora não seja nosso foco trabalhar com imagens, a força expressiva da figura presente em (16) nos chama a atenção e vale um desvio do nosso trabalho para uma reflexão: a figura apresenta um “X em vermelho, por um lápis em vermelho”, e observamos que a cor, vermelha e o X reforçam o sentido de "reprovação", esses elementos fazem parte da prática social do ensino, da correção, da alteridade etc. Também, nos possibilita identificação utilizada em muitas campanhas publicitarias, cujo memorável nos leva aos dizeres do ter marcado um X num caderno de prova de que Portunhol não adianta, e sim adiante “Saber ler, escrever, falar e entender o espanhol fluentemente é requisito básico para o estudante quem quer cursar medicina na Argentina.” Sem contar que o site é todo em vermelho e com um logo que tem a imagem de Dom Quixote em seu cavalo, representado pelas cores da Bandeira da Espanha bem como tem uma bandeira em amarelo e vermelho.

Por essa via, poderíamos questionar como seria ensinar uma língua, o que é certo e errado numa língua, seria o portunhol uma aprendizagem deficiente, mas o que é o falar certo/correto, o que é falar portunhol? Será que saber ler, escrever, falar e entender o espanhol fluentemente é requisito básico para o estudante que quer cursar medicina na Argentina? E o que será saber ler, escrever, falar e entender o espanhol fluentemente? Lembrando que Dom Quixote é de Miguel de Cervantes, a maior referência de ensino de

língua no mundo hispânico é o Instituto de Cervantes, tem como princípio a promoção e ensino da língua espanhola, bem como a difusão da cultura da Espanha e da América Hispânica. O Instituto Cervantes leva o nome do escritor Miguel de Cervantes[58].

Figura 32 Ebook para expulsar a língua portuguesa

"Você usa o portunhol? O portunhol não existe de fato. Você sabia que o famoso portunhol é uma



mistura de português e espanhol, usado quando falantes das duas línguas se encontram e, na maioria das vezes, não são fluentes no idioma do outro. O português e o espanhol são idiomas diferentes e somente o Brasil não fala espanhol na América Latina. Falar portunhol te leva a situações de vergonha! É uma produção nacional devido à similitude entre o português e o espanhol e pode ser considerada como uma caricatura ou dialeto. Também é chamado de "portunhol" como resultado da tentativa de falar espanhol sem conhecer as regras do idioma. Assim nasceu uma versão do espanhol que tem como princípio falar palavras em português com o tom do espanhol. É a maneira mais fácil de ter acesso ao espanhol sem ter que estudá-lo".

Fonte: Site do Google.br[59]

Na figura (35), temos uma propaganda de um “E-book 13 Estratégias para Expulsar o Portunhol”. No início do E-book, ele pergunta “Você usa o portunhol”? e continua dizendo que o “Portunhol, na realidade, não existe”. E segue dizendo que “o famoso portunhol é a mistura do português e espanhol?” e vai dizer que “usada quando falantes de ambas línguas se encontram e, na maioria das vezes, não são fluentes no idioma do outro respectivamente”. E não para, segue dizendo que o “Português e espanhol são idiomas diferentes e só o Brasil não fala espanhol em América Latina”. Pois para eles, “Falar portunhol te leva a situações de vergonha!”, segue dizendo [...] “Também se denomina portunhol ao resultado de tratar de falar espanhol, sem conhecer as regras do idioma.” E na verdade, o texto segue sempre numa direção pejorativa, continua “Assim nasce uma versão do espanhol que tem o princípio de falar palavras em português com sotaque do espanhol. Representa a forma mais fácil de ter acesso ao espanhol sem ter a necessidade de estuda-lo.”

Desse modo, podemos dizer que em (33), (34) e (35) encontramos especificidades que levam a dizer que a palavra portunhol se apresenta determinada por

[58] Ver mais, disponível em: https://www.ebc.com.br/especiais/migueldecervantes400 Acesso:02/05/2023.
[59] Disponível em: https://pt.slideshare.net/MirtaAprile/ebook-13-estratgias-para-expulsar-o-portunhol . Acessado em: 01/05/2021.

sentidos que seguem na direção de desprezo, desmerecimento e de posicionamento negativo. Nesse sentido a palavra portunhol representa práticas comerciais da utilização da negação para afirmação de que o portunhol existe construindo assim o referencial histórico que possibilita essas articulações nessas propagandas fornecendo o potencial para a produção de enunciados pertinentes ao pejorativo e negativo.

Diante das análises dos enunciados (33), (34) e (35) cujos a produção de sentido polarizam o portunhol, colocando-o num regime regulado pelo certo e o errado, podemos iniciar a construção do escopo referencial que ancora a significação regularizada da palavra ‘portunhol, por meio do método que concerne à rede enunciativa:

Quadro 2 Rede enunciativa 1: Perspectivação negativa das FN portunhol/Falar Portunhol

Formação Nominal	**Convergência predicativa**	**Domínio Referencial Desconhecimento**	**Domínio Referencial Equívoco**
Portunhol / Falar portunhol	É uma consequência duma aprendizagem deficiente	Falha no ensino/aprendizagem	
	desconhecimento de alguma delas	Falha no ensino/aprendizagem	
	não adianta		Falta de fluência na língua espanhola
	na realidade, não existe		Não reconhecimento do funcionamento da variedade
	O “famoso” portunhol é a mistura do português com o espanhol?	Ironia	
	te leva a situações de vergonha!	Preconceito linguístico	
	pode ser considerado como uma caricatura ou dialeto		Não reconhecimento do funcionamento da variedade
	falar espanhol, sem conhecer as regras do idioma	Falta de conhecimento gramatical	
	falar palavras em português com sotaque do espanhol		Falsear o espanhol
	forma mais fácil de ter acesso ao espanhol sem ter a necessidade de estuda-lo		Falsear o espanhol

Fonte: Elaborado pela autora.

A rede enunciativa 1 explora a perspectiva negativa das formas normativas do termo ‘portunhol’ e a prática de falar ‘portunhol’. Nessa rede, o sentido é predominantemente pejorativo, sugerindo uma visão depreciativa do uso do ‘portunhol’. A atenção recai sobre a forma como as formas normativas da língua são distorcidas e utilizadas de maneira inadequada, levando a um sentido ineficaz ou mal interpretada. A prática de falar ‘portunhol’ é associada a erros linguísticos, inadequações e potencialmente a uma comunicação desrespeitosa.

A perspectiva negativa está relacionada à visão tradicional de que o portunhol é resultado de uma mistura confusa e incorreta das línguas, e é frequentemente “ridicularizado” como um modo de falar inadequado e sem seriedade. A rede enunciativa 1 enfatiza as limitações e a falta de autenticidade associadas ao uso do portunhol em contextos formais ou educacionais.

É ainda preciso notar que essa rede enunciativa reflete uma abordagem específica em relação ao termo portunhol e à prática de falar de maneira mista. A perspectiva negativa é uma das várias formas de análise, e outras redes enunciativas podem explorar diferentes nuances e significados associados ao termo em diferentes contextos. Os referenciais históricos que vinculam o ensino-aprendizado de línguas a conceitos e termos pejorativos nos proporcionam uma oportunidade de observar de maneira mais aprofundada, do que foi exposto anteriormente, as nuances de significado presentes nas enunciações relacionadas ao termo portunhol.

De acordo com a perspectiva de Guimarães (2002), que já foi apresentada anteriormente, a reafirmação constante de um pertencimento linguístico ocorre porque essa necessidade surge de um *continuum*, indicando uma falta de sentido intrínseco ao acontecimento. Isso significa que em ambientes nos quais a normatividade linguística é imposta, a afirmação do direito de pertencer àquela língua ocorre em um espaço onde o sentido se torna inatingível.

Ao considerar os recortes e enunciados apresentados, que expressam um discurso que enfatiza a alteridade e a normatização, podemos discernir uma relação com os referenciais históricos que envolvem a sobreposição das línguas de maior prestígio. Esses referenciais históricos moldaram o tratamento pejorativo do portunhol, que é reforçado por constantes atualizações por parte de publicitários e empresas que promovem o ensino de línguas tradicionais e rígidas, sem levar em consideração o funcionamento dinâmico da língua. Essa análise nos conduz a uma compreensão mais

profunda das complexidades envolvidas na produção de sentidos relacionados ao portunhol. Ela revela a interconexão entre fatores históricos, normativos e comunicativos que contribuem para a construção de significados específicos e para a perpetuação de representações pejorativas do termo.

Assim, a “Formação Nominal Portunhol” refere-se à criação de uma unidade linguística que combina elementos das palavras "português" e "espanhol", resultando no termo portunhol. Essa formação nominal é um exemplo de convergência predicativa, onde duas palavras ou conceitos distintos se unem para formar uma nova expressão que denota a mistura ou a fusão das características das palavras originais. No caso do portunhol, essa formação representa uma combinação de elementos linguísticos das línguas portuguesa e espanhola, refletindo a prática de mesclar elementos de ambas as línguas na comunicação.

Os Domínios Referenciais de “desconhecimento” e “equívoco” estão intrinsecamente relacionados à maneira como o termo portunhol é percebido e significado. O “Domínio Referencial desconhecimento” aponta para uma situação em que as pessoas não estão familiarizadas com o termo portunhol ou não entendem seu significado. Isso pode ser resultado de sua relativa novidade ou de sua limitada circulação em certos ambientes.

Por outro lado, o ‘Domínio Referencial equívoco’ implica que o termo portunhol pode ser interpretado de maneira equivocada ou ambígua, muitas vezes carregando sentidos pejorativos devido à associação com a mistura inadequada de línguas. Essa percepção equivocada pode resultar de estereótipos e preconceitos linguísticos, que muitas vezes desvalorizam ou menosprezam formas de comunicação que não se enquadram em padrões normativos.

Em suma, a Formação Nominal **portunhol** exemplifica uma convergência predicativa que combina elementos de “português" e "espanhol”. Os “Domínios Referenciais desconhecimento” e “equívoco” refletem as diferentes percepções e interpretações que as pessoas podem ser tomadas pelo funcionamento do termo portunhol, variando devido a fatores como familiaridade, contexto e atitudes linguísticas.

A partir dos recortes e desses enunciados, que manifestam um discurso de alteridade e normatizado, ancorados nos referenciais históricos sobre a sobreposição das línguas de mais prestígio, memoráveis pejorativos sobre o portunhol são recortados e atualizados constantemente por alocutores-publicitário/empresas que ofertam o ensino de

língua tradicional “engessado” sem pensar no funcionamento da língua. Vejamos agora algumas possibilidades de dar espaço para uma abordagem muito interessante e vibrante em alguns recortes nossos de análises que é o uso do verbo-visual.

A abordagem do verbo-visual destaca a importância das estruturas visuais na comunicação contemporânea, especialmente em um mundo cada vez mais centrado em imagens e meios visuais de expressão. Essa abordagem pode ser aplicada em diversos espaços, como na análise de *design* gráfico, publicidade, arte visual e comunicação multimídia. A “rede enunciativa sobre verbo visual” é um conceito que pode se basear na relação entre a linguagem verbal e a linguagem visual, considerando como o funcionamento da língua ocorre por meio de elementos visuais que funcionam como verbos, ou seja, ações que transmitem significados de maneira não verbal. Essa perspectiva nos faz pensar como os elementos visuais podem agir como “verbos” e significarem nessa relação do verbal com o não verbal.

Nesse cenário, os elementos visuais podem ser considerados “verbos” porque têm a capacidade de expressar ações, movimentos e processos de maneira visual, similar à função dos verbos na linguagem verbal. A comunicação por meio de figuras/imagens, cores, formas e símbolos permite que a mensagem seja transmitida sem a necessidade de palavras escritas ou faladas.

A análise da ‘rede enunciativa sobre verbo visual” pode ajudar a compreender como os elementos visuais são mobilizados para significar. Essa abordagem pode reconhecer que a linguagem visual não é apenas um complemento à linguagem verbal, mas também possui sua própria estrutura que permite a significação de maneira única e poderosa. Essa possibilidade de análise da “rede enunciativa verbo-visual” pode ajudar a compreender como os elementos visuais são utilizados para significar, e também emitir mensagens, evocar emoções e influenciar a percepção do alocutário. Essa abordagem reconhece que a linguagem visual possui sua própria gramática e estrutura que permitem a expressão e a comunicação. Vejamos abaixo:

Quadro 3 Rede enunciativa 2: Perspectiva uso verbo-visual no funcionamento da FN Portunhol

60 	61 
62 	63 

Fonte: Elaboração própria.

A "rede enunciativa 2" explora a perspectiva do uso do verbo-visual no funcionamento da Formação Nominal (FN) portunhol. Nessa análise, a abordagem do verbo-visual está em funcionamento no espaço de enunciação da língua portuguesa do Brasil, a linguagem visual contribui para a construção de significados e sentidos relacionados ao termo portunhol.

Nesse ambiente, o "verbo-visual" refere-se à utilização de elementos visuais, como figuras/imagens, cores, ícones e outros elementos gráficos, para transmitir informações e significados associados ao termo portunhol. Como vemos em (33), a relação da imagem de duas pessoas juntas dançando com o enunciado "Portunhol ...**acortemos** distancias?"; (30) a cor vermelha com X do lápis (imagem) na relação com o enunciado em caixa alta "PORTUNHOL **NÃO ADIANTA**"; (35) a cor vermelha novamente presente significando como erro na relação com o enunciado "Ebook 13 ESTRATÉGIAS PARA **EXPULSAR** O PORTUNHOL ("**portu**guês" + "espa**nhol**"); os

[60] Disponível em: http://ipol.org.br/o-portunhol-segundo-o-atlas-da-lingua-espanhola-no-mundo/. Acessado em: 01/05/2021.

[61] Disponível em: http://www.profsimoespanhol.com.br/intercambio/ . Acessado em: 01/05/2021.

[62] Disponível em: https://pt.slideshare.net/MirtaAprile/ebook-13-estratgias-para-expulsar-o-portunhol . Acessado em: 01/05/2021.

[63] Disponível em: https://umasulamericana.com/banner-pequeno/ . Acessado em: 01/05/2021.

3 recortes mostram o sentido negativo presente na relação do verbal com o não verbal; (32) aqui temos uma relação de sentido positivo, pois a imagem do urso de pelúcia com o enunciado "**ME GUSTAS** MUCHO - Guia de Portunhol -Dicas para você **se virar** em espanhol na América do Sul", nos apresenta algo e positivo quanto ao funcionamento do portunhol que é diferente dos três recortes anteriores. Segundo Dias "o uso de elementos multimodais na constituição de redes enunciativas salienta o campo da consistência das articulações apresentadas como evidência na explicação semântica da constituição das unidades da língua". (DIAS, 2023, p. 15),

Esses elementos visuais funcionam como "verbos visuais", representando ações, interações e fusões linguísticas entre o português e o espanhol. Através do uso do "verbo-visual", a FN portunhol ganha pertinência, permitindo que as nuances do sentido sejam apresentadas de maneira não verbal.

A análise da "rede enunciativa 2" pode investigar como o "verbo-visual" que é empregado em ambientes como publicidade, mídia digital ou artes visuais para representar a ideia de portunhol. Pode, ainda, envolver a análise de logotipos, imagens, cores e layouts que evocam a mescla de línguas e/ou práticas linguísticas e culturas presentes nessa formação. A perspectiva do 'verbo-visual' ressalta a importância da linguagem visual na enunciação contemporânea, especialmente quando se trata de conceitos complexos como a fusão linguística e cultural encapsulada na palavra portunhol.

Passemos agora para novas análises.

Figura 33 Guia em português



Fonte: Site do Google.br[64]

Na figura (36), nos deparamos com um banner contendo uma propaganda de um

[64] Disponível em: https://umasulamericana.com/banner-pequeno/ . Acessado em: 01/05/2021.

“Guia de Portunhol”. A mensagem veiculada é “ME GUSTAS MUCHO” Guia de Portunhol – Dicas para você se virar em espanhol na América do Sul”. Por esta propaganda, a expressão portunhol se dá como título designando um guia que proporciona orientações e dicas para lidar com situações em espanhol na América do Sul. A frase “ME GUSTAS MUCHO” sugere uma atitude positiva em relação ao aprendizado e uso do espanhol, além de incorporar elementos da língua espanhola de maneira harmoniosa. Este exemplo evidencia uma prática social em que o termo portunhol é empregado de forma criativa e produtiva, o que acaba por movimentar seu sentido. O guia propõe uma abordagem lúdica e favorável ao uso do espanhol, sugerindo que o portunhol pode ser uma ferramenta útil para a comunicação na América do Sul. Esse enfoque positivo contribui para uma nova perspectiva sobre o termo, afastando-o das associações negativas ou pejorativas e apresentando-o como uma alternativa prática e construtiva para a interação linguística.

Figura 34 Rádio Portuñol



Fonte: Site do Google.br[65]

Na figura (37), observamos a presença de um anúncio que promove a propaganda de uma rádio intitulada “Rádio Portunhol Vol. II”. “A ‘Rádio Portunhol’” é um projeto musical que se dedica à disseminação, fusão e exploração das diversas sonoridades da América. Este empreendimento musical busca, por meio do termo portunhol, realçar a interseção e interação entre as culturas musicais das nações ibero-americanas. Dessa forma, a utilização do termo portunhol não se limita apenas à esfera linguística, mas é empregada de modo a evocar uma abordagem colaborativa e criativa que transcende fronteiras geográficas e linguísticas. Nesse contexto, o portunhol atua como um ponto de

[65] Disponível em: https://www.mixcloud.com/pitivaccari/radio-portunhol-vol-ii-especial-djset-para-cozinha-portunhol-arte-de-portas-abertas-2018/ . Acessado em: 01/05/2021.

convergência, onde a pluralidade cultural e musical das Américas se encontra e se manifesta através de uma expressão artística unificada.

Quadro 4 Rede enunciativa 3: Perspectivação positiva das FN Rádio portunhol/Guia Portunhol

Formação nominal	**Convergência preditiva**	**Domínio Referencial Direcionamento**
Guia do Portunhol	É um material didático	Instrumento de ensino
Rádio Portunhol	É o nome de uma rádio	Reconhecimento/funcionamento do portunhol na/pela mídia

Fonte: elaborado pela autora.

Nas figuras (36) e (37), identificamos uma prática social de notável relevância relacionada à palavra portunhol, uma vez que ela é empregada para nomear tanto um guia quanto uma rádio. Essas aplicações nomeativas abrem novas perspectivas de articulação com a unidade linguística portunhol na enunciação, resultando em efeitos de antonímia, positividade e afirmação, que se destacam em contraste com outras propagandas. Isso ilustra uma mudança de abordagem em relação ao portunhol, onde o referencial histórico surge a partir de práticas linguísticas positivas em diversos enunciados. Essa transformação contribui para a pertinência no uso da palavra portunhol no funcionamento da língua portuguesa do Brasil, uma vez que ela adquire conotações favoráveis e afirmativas, em contraposição às associações anteriormente negativas ou pejorativas. Dessa forma, o termo portunhol é revitalizado e assume novos matizes semânticos, refletindo a diversidade de usos e significados que ele pode abranger em diferentes conjunturas comunicativas.

A rede enunciativa 3 explora a perspectiva positiva das Formações Nominais (FN) “Rádio portunhol” e “Guia Portunhol”, evidenciando a valorização e utilização dessas formações em contextos específicos. Nessa rede, a significação é predominantemente afirmativa, ressaltando a relevância e o interesse social subjacentes à existência do termo portunhol. Segundo a abordagem de Dias (2018), as redes enunciativas contribuem para a construção de significados de uma palavra, revelando o referencial histórico e social que a fundamenta. Isso implica que a palavra portunhol está em uso no espaço de enunciação da língua portuguesa no Brasil, pois é enunciada a partir de um interesse social que afirma sua pertinência e pertencimento.

A redundância é utilizada como argumento para atingir o público-alvo, que são os alunos, enfatizando o uso correto da língua espanhola conforme a normativa. Além disso, a rede enunciativa destaca as diferenças linguísticas decorrentes da questão da

Alteridade, enfatizando que a língua vai além de um conjunto de regras, sendo considerada no seu funcionamento em conjunto com o sujeito e a história, conforme a abordagem da Semântica do Acontecimento de Guimarães (2002/2018).

Mostrar o funcionamento da palavra portunhol no espaço de enunciação do português do Brasil, na perspectiva de Dias (2021) com as redes enunciativas, colaborou com essa pesquisa para compreender essa relação entre as línguas, portuguesa e espanhola no espaço de enunciação do português brasileiro, investigando a possível existência dessa prática linguística portunhol na fronteira oeste do Mato Grosso, mais especificamente em Cáceres/San Mathias. Assim, poder identificar se há escolhas aleatórias ao falar portunhol ou se existem estratégias comunicativas que caracterizam essa prática linguística no espaço de enunciação dessa fronteira. O mapeamento das designações do portunhol contribuiu para evidenciar que o portunhol está em funcionamento na língua portuguesa do Brasil.

3.3 Intercompreensão

A intercompreensão (IC) é um elemento vital para a discussão mobilizada aqui. Para isso, nos baseamos nas palavras de Sturza (2019, p. 107), pois para ela

> A intercompreensão que se constrói no uso da língua de contato responde a necessidades imediatas e é favorecida de acordo com a natureza das relações sociais desenvolvidas entre as partes fronteiriças. É necessário entender o que significa a intercompreensão como constitutiva não apenas de uma língua de contato, mas também das condições sociais em que ela se origina, o tipo de relação que os falantes produzem ao alternar ou misturar as duas línguas.

A autora enfatiza a relevância da intercompreensão no contexto da língua de contato, destacando que ela surge em resposta às necessidades imediatas dos falantes fronteiriços. A autora destaca a influência das relações sociais na construção dessa intercompreensão, ressaltando que a natureza dessas relações favorece esse fenômeno linguístico. A compreensão da intercompreensão não apenas como um componente da língua de contato, mas também como algo que se origina em condições sociais específicas e nas relações estabelecidas pelos falantes ao alternar ou misturar as duas línguas, é um ponto crucial levantado por Sturza. Conforme a autora o portunhol é tomado pelo falante como ponto de partida para que ele seja mais bem compreendido, utiliza-se da semelhança das línguas, que potencializa, amplia e fortalece a comunicação imediata, dinamizada as relações cotidianas, que são inclusive transnacionais" (Sturza, 2019, p. 107).

Sturza (2019) destaca o portunhol como um ponto de partida para um melhor entendimento entre os falantes, aproveitando as semelhanças entre os idiomas para facilitar a comunicação imediata. Essa abordagem, que reconhece o potencial, a expansão e o fortalecimento da comunicação cotidiana por meio do portunhol, destaca seu papel dinâmico nas relações cotidianas, incluindo aquelas que ultrapassam as fronteiras nacionais. Essa perspectiva enfatiza o portunhol não apenas como um fenômeno linguístico, mas também como uma ferramenta pragmática que contribui para a fluência e a compreensão nas interações interculturais.

Nas áreas de fronteira onde coexistem falantes de espanhol e português, a intercompreensão entre ambas as línguas e o portunhol é amplamente reconhecida (Matesanz, 2024). Embora os casos de compreensão de leitura predominem sobre as interações orais diretas, houve ocasiões em que o portunhol selvagem foi usado em entrevistas, conversas com escritores e publicações em mídias sociais (Limão, 2017; 2018). O conceito de "portunhol selvagem" é abordado principalmente sob a perspectiva da intercompreensibilidade, e não da intercompreensão direta entre falantes de espanhol, português e essa variante híbrida. Os estudos mencionados acima apontam que, embora raras, as interações em português selvagem ocorrem principalmente em contextos escritos, como entrevistas, discussões públicas de poemas e outros textos literários. Essa variante linguística, caracterizada por sua base em espanhol, português e guarani com elementos de outras línguas, é altamente idiossincrática e idioletal. A intercompreensibilidade é facilitada pela familiaridade dos leitores com idiomas vizinhos e outros que podem estar presentes no texto, refletindo uma dinâmica única dentro do espectro de variedades linguísticas em contato (Matesanz, 2024).

A intercompreensão refere-se à capacidade de entender um texto escrito em um idioma que não se domina totalmente, mas que compartilha semelhanças com outros idiomas que o leitor conhece. Ou seja, um texto em "portunhol selvagem" pode ser intercompreensível para falantes de espanhol e português porque contém elementos de ambos os idiomas, bem como possivelmente de outros idiomas próximos, como o guarani. Essa intercompreensibilidade é baseada na familiaridade linguística e permite que os leitores entendam a mensagem geral do texto sem a necessidade de tradução formal ou mediação linguística adicional.

De acordo com Jean-Pierre Chavagne (2009, p. 1), a IC é tanto uma prática antiga quanto um fenômeno recente. É um fenômeno que faz parte de uma tradição

secular de práticas comunicativas entre os habitantes de regiões vizinhas ou das experiências de viajantes de todos os tempos. O autor, Jean-Pierre Chavagne, destaca a Intercompreensão (IC) como uma prática que apresenta uma dualidade temporal interessante, sendo tanto uma prática antiga quanto um fenômeno recente. Referir-se à IC como uma prática antiga sugere que ela tem raízes profundas na história, sendo uma manifestação enraizada em antigas tradições de comunicação. Isso pode incluir interações linguísticas entre habitantes de regiões vizinhas ao longo do tempo, indicando uma continuidade cultural no uso do IC.

Por outro lado, ao descrever a IC como um fenômeno recente, Chavagne provavelmente está se referindo ao reconhecimento acadêmico e à atenção que ela tem recebido em contextos mais contemporâneos. Pode-se inferir que, embora a prática em si tenha existido ao longo da história, seu estudo sistemático e sua valorização como fenômeno linguístico só ganharam destaque recentemente.

A menção de que a IC está presente em tradições seculares de práticas comunicativas entre habitantes de regiões vizinhas ou incorporada às experiências de viajantes ao longo do tempo sugere uma universalidade na presença desse fenômeno. Assim, a IC é apresentada como uma prática comunicativa que transcende as fronteiras geográficas e temporais, conectando as pessoas por meio da compreensão mútua, mesmo em situações em que os idiomas usados podem ser diferentes.

Embora nosso local de pesquisa seja multilíngue e pluricultural, é importante mencionar que as práticas plurilíngues nem sempre ocorrem como seria de se esperar. Na verdade, vemos principalmente práticas linguísticas monolíngues em que o português, a língua oficial do Brasil, ocupa um lugar central. No entanto, adotaremos o conceito de IC de uma perspectiva enunciativa na qual os falantes são levados/agenciados pelo local de fala e não pela decisão individual dos falantes.

3.3.1 Intercompreensão para integração de fronteiras

Pesquisas recentes mostraram que há um processo de intercompreensão em espanhol-português e portunhol e um "portunhol instável" (não estável) (Matesanz, 2019), uma análise das interações on-line entre falantes de português brasileiro e falantes de espanhol boliviano em Cáceres/San Matías. Embora os "irmãos" bolivianos usem o portunhol como ferramenta de comunicação, os brasileiros não o utilizam com tanta

frequência. Isso pode ser atribuído ao fato de que o espanhol boliviano/castelhano - "falar boliviano" - é frequentemente associado a um valor pejorativo pelos brasileiros. Além disso, as línguas indígenas da região também não são valorizadas como deveriam. Embora o nosso espaço seja multilíngue e multicultural, as práticas multilíngues nem sempre são evidentes na prática, e o português, como idioma oficial do Brasil, geralmente tem precedência.

> De qualquer forma, o que parece claro é que o espanhol e o portunhol não têm o prestígio que o português tem, de modo que o português será o idioma dominante nas interações entre os falantes de ambos os lados da fronteira, e o uso do espanhol e do portunhol, dos quais ainda sabemos pouco nessa área, será usado principalmente pelos bolivianos. (Matesanz *et al*., 2024, p. 76-94). (Tradução da autora).

Antes de entrarmos no processo de intercompreensão mencionado acima, vamos voltar no tempo para tentar entender como o Brasil - um país multilíngue e multicultural - vive em uma situação monolíngue. Vamos dar uma olhada nas fronteiras do Brasil, tendo em mente que é o maior país da América do Sul e tem extensas fronteiras com dez países, sete dos quais têm o espanhol como idioma oficial. Falar português "é falar a língua oficial de um Estado, que nessa medida está em uma relação de convivência e disputa na América Latina com o espanhol, também língua oficial de vários Estados vizinhos do Brasil" (Guimarães, 2005, p. 19). Dessa forma, falar português brasileiro na América Latina configura um espaço de enunciação baseado em uma posição política da língua, segundo o teórico.

Para chegar ao ponto mencionado por Guimarães (2005), foi necessário um passado sombrio devido à sobreposição da língua portuguesa brasileira em um país multilíngue e multicultural por natureza. Tudo começou em meados do século XVIII com o primeiro-ministro de Portugal, o Marquês de Pombal (Sebastião José de Carvalho e Melo), que foi responsável por uma série de medidas destinadas a integrar as populações indígenas das Américas à sociedade colonial portuguesa. Uma delas foi a sistematização do Diretório a ser observado nas povoações dos índios do Pará e Maranhão, publicada em 3 de maio de 1757 e transformada em lei pela carta de 17 de agosto de 1758.

> O principal objetivo do Diretório era a completa integração dos índios à sociedade portuguesa, buscando não apenas o fim da discriminação contra eles, mas também a extinção das diferenças entre índios e brancos. Dessa forma, propunha um futuro em que não seria possível distinguir um do outro, seja em termos físicos, por meio da

> miscigenação biológica, seja em termos comportamentais, por meio de uma série de dispositivos de homogeneização cultural (Garcia, 2007, p. 24)

Assim começou o uso obrigatório da língua portuguesa, com o interesse preliminar de educar e colonizar os índios. No entanto:

> No século XVIII, entretanto, além das populações indígenas, vários outros segmentos sociais não utilizavam o português para se comunicar, mas sim a língua geral[66], falada pelos habitantes de várias regiões da colônia. Essa situação levou Coroa a buscar formas de importar o português para seus domínios americanos[67]. Além das línguas indígenas, nessa época também estavam em vigor as línguas africanas, amplamente utilizadas pelos escravos e seus descendentes. Embora não fossem tão intensamente utilizadas quanto as línguas indígenas, nem fossem objeto de uma política específica de extinção durante esse período, as línguas africanas também eram um obstáculo ao projeto de exclusividade do português[68] (Garcia, 2007, p. 26).

Como pode ser visto no trecho, a ideia de impor o uso da língua portuguesa aos índios tinha um objetivo muito claro na época: transformá-los em vassalos iguais aos demais colonos. Isso era necessário devido aos conflitos territoriais entre Portugal e Espanha, "resultando na necessidade de o rei de Portugal ter uma população suficiente para habitar suas fronteiras, garantindo assim a permanência de seus domínios" (Garcia, 2017, p. 26).

> o uso da língua portuguesa seria utilizado como critério nas disputas de fronteira entre Portugal e Espanha, com base no princípio do uti possidetis[69] . A língua portuguesa teria, então, dois papéis principais: interferiria na identidade dos índios, tentando transformá-los em

66 O termo "língua geral" é bastante genérico e não parece se referir a uma língua específica, mas a línguas baseadas no tupi-guarani que, ao longo da experiência colonial, adquiriram características regionais muito diferentes. No processo de seu uso generalizado por grandes segmentos da sociedade e de sua padronização gramatical, essas línguas passaram por um profundo processo de mudança. Elas não se tornaram línguas indígenas, mas, de acordo com John Monteiro, um "dialeto colonial". John Monteiro, "Tupis, Tapuias e historiadores. Estudios de la historia indígena y del indigenismo", Campinas, São Paulo, Unicamp (tese), 2001, p. 63. Sobre o tema da formação geral das línguas, especialmente no norte, consulte: José Ribamar Bessa Freire, "Rio Babel - a história das línguas na Amazônia", Rio de Janeiro, EdUERJ, 2004.

67 Luiz Carlos Villalta, "O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura", em Laura de Mello e Souza, História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa, São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p. 334.

68 José Honório Rodrigues, "A vitória da língua portuguesa no Brasil colonial", Humanidades, vol. 1, n. 4. Brasília, 1983, p. 29 e segs.

69 O princípio uti possidetis adotado no Tratado de Madri estipulava que, ao demarcar as fronteiras territoriais, cada Coroa Ibérica seria responsável pelas terras que de fato ocupasse.

> portugueses, o que, por sua vez, comprovaria a efetiva ocupação lusitana da quelas terras[70]. (Garcia, 2017: 26)

E foi assim que as terras que hoje chamamos de Fronteira Oeste foram efetivamente conquistadas. Como já mencionado, parte do estado de Mato Grosso pertencia à Espanha e, com toda essa estratégia e após muitos conflitos, passou a pertencer a Portugal. Esse pode ser um dos motivos pelos quais essa fronteira seca se diferencia das demais fronteiras do Brasil em seu funcionamento linguístico. Por meio de estratégias, acordos e conflitos, Portugal conquistou as terras que hoje compõem a Fronteira Oeste de Mato Grosso, incluindo a parte que antes pertencia à Espanha, como mencionado acima.

Esse cenário é marcado por práticas sociais e linguísticas específicas, como o funcionamento do portunhol. E, de acordo com (Sturza, 2019, p. 100). "O portunhol é utilizado cotidianamente por aqueles que cruzam a fronteira em diversas situações de comunicação e funciona com muito sucesso". A Bolívia tem o espanhol como idioma oficial e outros idiomas indígenas nativos, como quíchua, aimará, bésiro etc.

Os discursos multilíngues podem se materializar em diferentes situações de contato linguístico. Para uma melhor compreensão de nosso estudo, lembremos que os falantes compartilham dois tipos de discurso, monolíngue ou multilíngue: (i) os falantes compartilham uma língua e usam estratégias como code switching, code mixing ou o uso de uma língua oralizada, como o português; (ii) os falantes não compartilham línguas, nem maternas nem segundas línguas, mas uma das línguas que possuem (L1-L2, Ln) é tipologicamente relacionada, ou seja, uma de suas línguas pertence à mesma família linguística. No primeiro caso, temos uma situação que produz um discurso monolíngue; no segundo, uma prática de intercompreensão (Matesanz, 2019, p. 79-80).

> (...) a intercompreensão é entendida como um modelo de interação comunicativa que gera um discurso multilíngue produzido por falantes que não compartilham as mesmas línguas (L1, L2) ou que têm baixa competência linguística em uma segunda língua comum, o que não lhes permite um intercâmbio comunicativo que gere um discurso monolíngue (Matesanz, 2019, p. 81).

70 Ângela Domingues, Quando os índios eram vassalos: colonização e relações de poder no Norte do Brasil na segunda metade do século XVIII, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000, p. 212.

A "prática da intercompreensão desperta nos próprios falantes uma consciência plurilíngue, uma experiência de comunicação que integra as diferenças e particularidades dessas culturas em contato". (Del Olmo & Erazo, 2019, p. 128). A citação de Del Olmo e Erazo (2019) destaca a poderosa influência da prática da intercompreensão sobre os próprios falantes. Ao se envolverem nessa prática, os falantes desenvolvem uma consciência multilíngue, o que significa que eles passam a entender e apreciar vários idiomas. Essa atitude vai além da simples capacidade de entender diferentes idiomas; ela abrange uma compreensão mais profunda das nuances e complexidades do idioma.

Além disso, a IC cria uma experiência comunicativa que integra diferenças e particularidades culturais. Isso indica que a prática não apenas facilita a compreensão mútua entre falantes de idiomas diferentes, mas também promove um ambiente comunicativo enriquecedor no qual as diversas culturas são valorizadas e respeitadas. Essa abordagem é particularmente relevante na fronteira oeste de Mato Grosso, uma região conhecida por sua diversidade linguística e cultural. A prática da IC pode desempenhar um papel fundamental na promoção da inclusão dos excluídos e da compreensão mútua entre os diferentes grupos linguísticos presentes na área.

A citação de Del Olmo e Erazo (2019) destaca a capacidade transformadora da IC, não apenas linguisticamente, mas também cultural e socialmente. Ela pode promover uma abordagem inclusiva e integrativa que tem o potencial de enriquecer a experiência da relação entre línguas e falantes em ambientes multilíngues e interculturais, como é o caso da fronteira oeste de Mato Grosso.

É importante mencionar, entretanto, que embora o espaço multilíngue e multicultural sugira a existência de práticas multilíngues, elas não ocorrem como esperado. Na verdade, a maioria das práticas linguísticas é monolíngue, onde prevalece o português, o idioma oficial do Brasil (Matesanz *et al*., 2024).

3.3.2 Intercompreensão para uma fronteira plurilíngue e pluricultural

Quando se pensa no Brasil, é comum pensar no português como a única língua falada em todo o país. Entretanto, essa concepção ignora a diversidade linguística presente no país, influenciada por realidades indígenas, imigrantes e fronteiriças. Essas

influências diversas moldam o idioma falado no Brasil de maneiras únicas e importantes, e devem ser levadas em conta quando se considera a diversidade cultural e linguística.

Como Calvo del Olmo (2020) lembrou recentemente, o cenário em que apenas um idioma circula é chamado de comunicação endolíngue (com muitos dialetos). As situações fronteiriças e turísticas, por outro lado, constituem uma comunicação exolíngue, pois há muitos idiomas em uso. Aplicando esses conceitos à esfera nacional, vemos que existe uma comunicação exolíngue, pois há situações de imigração, nativas, fronteiriças e turísticas que exigem o uso de outros idiomas.

Dentro dessa comunicação exolíngue está o cenário da intercompreensão que, de acordo com Möller e Zeevaert (2015), é um processo motivado por relações entre famílias linguísticas ou línguas relacionadas que podem ser causadas por palavras relacionadas, semelhanças na estrutura da frase e ortografia.

As línguas derivadas do latim, como o português, o espanhol, o francês e o italiano, têm maior possibilidade de intercompreensão, pois fazem parte da mesma família linguística, a família românica. Portanto, quando um brasileiro lê ou ouve esses outros idiomas, ele pode entendê-los mesmo sem ter conhecimento deles. Para Calvo del Olmo (2020), a intercompreensão pode ocorrer de forma natural, em que nenhum falante precisa mudar de idioma para que a comunicação ocorra. Isso ocorre porque cada falante pode escolher sua própria maneira de falar e ambos tentaram um processo de intercompreensão. Dessa forma, o processo é eficiente e muito democrático. Por exemplo, o portunhol falado na fronteira entre o Brasil e o Uruguai já é o resultado do processo de intercompreensão, o que evidencia a democratização linguística. A fronteira oeste do Mato Grosso provavelmente também é resultado desse processo de intercompreensão, o que veremos em nossas análises a seguir.

3.3.3 A didática da intercompreensão

Para obter uma definição desse conceito no campo do ensino de idiomas, consulte Jamet (2010):

> A intercompreensão é uma competência desenvolvida que se baseia nas semelhanças entre os idiomas, geralmente geneticamente semelhantes, para facilitar o processo de aprendizado para compreendê-los. As estratégias usadas para a construção de significado ao ler ou ouvir uma língua estrangeira envolvem atividade cognitiva de tipo metalinguístico (consciência das áreas de transparência formal e significados),

> metapragmático (uso do conhecimento adquirido na LM para saber quais necessidades linguísticas correspondem a uma situação específica) e metacultural (conhecimento enciclopédico do mundo) ativando estratégias de inferência (Jamet, 2010, p. 16).

Como pode ser visto no trecho, a intercompreensão é uma habilidade que se baseia nas semelhanças entre os idiomas para facilitar o aprendizado e a compreensão. Essa abordagem da intercompreensão tem uma longa tradição desde o final do século passado (Martínez-Paricio e Pruñonosa, 2017). Para construir o significado das mensagens em uma língua estrangeira, são usadas atividades cognitivas de natureza metalinguística, metapragmática e metacultural, incluindo a consciência de áreas de transparência formal e significados, o uso do conhecimento adquirido na LM para entender necessidades linguísticas específicas e o conhecimento enciclopédico do mundo, ativando estratégias inferenciais. Dessa forma, os indivíduos podem desenvolver a capacidade de entender e interagir com falantes de outros idiomas, mesmo sem ter estudado esses idiomas anteriormente.

As primeiras observações representarão o quadro geral da intercompreensão, que apresentará ao aluno/aprendiz uma realidade de línguas que funcionam como uma família, como um sistema ao mesmo tempo coerente e aberto, totalmente oposto às concepções de línguas "consideradas entre si de forma tubular, estanque e vertical, como as relações entre as nações" (Escudé, 2014: 47). Dessa forma, o recurso possibilitará considerar a intercompreensão como um *continuum*. Essa noção é adotada pelos criadores e autores de métodos. De acordo com a introdução do método EuRom 5,

> A didática da intercompreensão não é uma alternativa ao aprendizado de todas as habilidades linguísticas em um ou vários idiomas. No entanto, ela representa uma abordagem multilíngue interessante para o aprendizado de idiomas, bem como uma prática didática para o desenvolvimento do conhecimento linguístico. Ele também valoriza todas as línguas, em perfeita adequação com o Quadro Europeu Comum de Referência Comum para as línguas (QECR). O QECR enfatiza, em várias passagens, que os idiomas não devem ser organizados em compartimentos estanques ou aprendidos isoladamente. Por "plurilinguismo", entendemos a colocação em perspectiva de vários repertórios linguísticos, o que não implica necessariamente o domínio completo de todas as habilidades. [...] Do ponto de vista das competências gerais, a intercompreensão defende a transversalidade do aprendizado e explora o conhecimento já adquirido. A exploração do parentesco linguístico, por um lado, e o objetivo das competências

> paralelas, por outro, nos permitem traçar uma perspectiva transversal. É extremamente fácil e útil estender essa metodologia a vários idiomas da mesma família e até mesmo a todos eles. O estudo paralelo de várias línguas, mesmo que não em profundidade, proporciona um enriquecimento linguístico, cognitivo, cultural e humano extremamente estimulante [...] (EuRom 5, 2011, p. 7).

A citação destaca a abordagem de intercompreensão como uma prática de ensino que não tem como objetivo substituir o aprendizado tradicional da competência linguística, mas oferecer uma perspectiva multilíngue e diversificada. Essa abordagem está de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (CEFR), que defende a ideia de que os idiomas não devem ser isolados em silos, mas integrados entre si.

A ênfase no "multilinguismo" destaca a importância de considerar diversos repertórios linguísticos, reconhecendo que não é necessário dominar completamente todas as habilidades de cada idioma. Essa abordagem respeita a diversidade linguística e cultural, incentivando a valorização de todos os idiomas.

A intercompreensão, ao explorar o parentesco linguístico e visar às competências parciais, propõe uma perspectiva transversal. A transversalidade do aprendizado e o uso do conhecimento já adquirido são destacados como princípios fundamentais dessa metodologia. Isso significa que os alunos podem explorar as semelhanças entre os idiomas para facilitar a compreensão e, ao mesmo tempo, desenvolver competências parciais em cada um deles.

A possibilidade de estender essa metodologia a várias línguas da mesma família e até mesmo de abordar todos eles são considerada uma oportunidade valiosa. O estudo paralelo de vários idiomas, mesmo que não em profundidade, é apresentado como uma fonte de enriquecimento linguístico, cognitivo, cultural e humano. Essa perspectiva multilíngue não só contribui para o desenvolvimento linguístico, mas também proporciona uma compreensão mais ampla e diversificada do mundo.

Capucho (2010) afirma que a IC é uma disciplina de ensino de idiomas,

> A intercompreensão (IC) é, como afirmou recentemente Jean-Pierre Chavagne (2009: 1), uma prática ancestral e um fenômeno recente. Relatada em uma tradição secular de práticas comunicativas entre habitantes de regiões vizinhas ou inserida nas experiências de viajantes de todos os tempos, a IC foi recuperada há quase vinte anos por

> pesquisadores das áreas de Didática das Línguas, Linguística Aplicada, Sociolinguística, Psicolinguística ou Linguística Contrastiva, para nos referirmos apenas às disciplinas mais frequentemente solicitadas (Capucho, 2010, p. 102).

Capucho destaca a Intercompreensão (IC) como uma prática que apresenta uma dualidade temporal, sendo tanto uma tradição antiga quanto um fenômeno recente. Essa característica temporal pode ser atribuída a uma tradição secular de práticas comunicativas entre habitantes de regiões vizinhas e às experiências de viajantes ao longo da história. A IC, no entanto, ressurgiu nas últimas duas décadas como objeto de estudo e prática pedagógica, sendo explorada por pesquisadores de várias disciplinas, como a Didática de Línguas, a Linguística Aplicada, a Sociolinguística, a Psicolinguística e a Linguística Contrastiva.

O reconhecimento da IC como uma prática antiga destaca sua presença ao longo do tempo, indicando que a capacidade de entender e ser entendido em diferentes idiomas sempre foi uma necessidade em contextos de contato linguístico, especialmente em áreas de fronteira. O fato de ser também um fenômeno recente, como objeto de estudo, sugere um interesse e uma compreensão renovados desse fenômeno nos últimos anos. A abordagem interdisciplinar destaca como o IC é explorado em vários campos acadêmicos, ressaltando seu papel não apenas no aprendizado de idiomas, mas também na pesquisa linguística, na sociolinguística, na psicolinguística e nos estudos linguísticos contrastivos. Essa abordagem ampla sugere a complexidade e a relevância contemporânea da IC como um fenômeno linguístico e como uma prática pedagógica.

Anquetil e De Carlo (2014) fornecem uma abordagem para a intercompreensão, por meio da natureza transversal (famílias de línguas) e mostram uma característica supranacional em oposição à tradição nacional, que incorporará

> A cooperação de professores de diferentes comunidades linguísticas e tradições educacionais em interesses comuns para desenvolver a comunicação que não passa por uma língua franca internacional. No entanto, isso não impede que os professores abordem a tarefa comum com uma bagagem de cultura pedagógica situada e interesses profissionais contextuais em seus locais de inserção. Assim, para abordar o problema da relação entre as disciplinas e a didática da IC, recorreremos a um modelo originado na Didatologia das Línguas-Culturas, conforme teorizado por Robert Galisson. Mesmo que a

> atividade do agente de IC se desenvolva em nível internacional, o pesquisador sempre fala de um lugar que é o de sua formação pessoal: a escola de pensamento de Galisson continua a nos fornecer (autores deste artigo) uma base epistemológica a partir da qual podemos pensar a disciplina de IC [...] (Anquetil; De Carlo, 2014: 8-9).

O trabalho de Anquetil e De Carlo (2014) aborda a intercompreensão a partir de uma perspectiva transversal, destacando o caráter supranacional em oposição à tradição nacional. A abordagem transversal é enfatizada pela inclusão de famílias linguísticas, destacando a capacidade de compreensão entre línguas que compartilham origens linguísticas comuns. A característica supranacional do modelo proposto pelos autores enfatiza a cooperação entre atores de diferentes comunidades linguísticas e tradições educacionais. Essa cooperação tem como objetivo desenvolver a comunicação sem depender de uma língua franca internacional, desafiando a abordagem tradicional que geralmente pressupõe a necessidade de um idioma comum para a interação.

É interessante notar que, apesar da abordagem supranacional, os autores reconhecem a importância do histórico cultural e pedagógico situado dos atores envolvidos. Isso significa que, embora a intercompreensão ocorra em um espaço internacional, os participantes trazem consigo suas experiências educacionais específicas e seus interesses profissionais contextuais.

Para abordar a relação entre as disciplinas e a didática da intercompreensão, os autores Anquetil e De Carlo (2014) adotam um modelo da Didática das Línguas e Culturas. Mesmo que a atividade do agente de intercompreensão ocorra em um ambiente internacional, os autores insistem na importância de falar a partir de um lugar que reflita sua formação pessoal. A escola de pensamento de Galisson continua a fornecer uma base epistemológica que sustenta a disciplina de intercompreensão para os autores do artigo citado aqui. Essa abordagem enfatiza a relevância do espaço pessoal na prática e na pesquisa da intercompreensão.

Por meio da prática de IC, é possível promover a capacidade de observar e refletir sobre o idioma e os idiomas. A IC é um procedimento que pode ser aplicado a todos os idiomas. No entanto, os processos de inferência são desencadeados principalmente por semelhanças entre idiomas da mesma família. De acordo com o trabalho de Anquetil & De Carlo (2014), eles listam disciplinas que contribuem para a construção da didática da IC. Os pesquisadores explicam,

> Para as competências linguísticas (compreensão escrita e oral nos idiomas da Biscaia), vários ramos da linguística descritiva são mobilizados em uma abordagem comparativa, particularmente na linguística estrutural, para o estudo das correspondências fonéticas, gráficas, morfossintáticas e lexicais entre os idiomas da Biscaia. As pesquisas mais recentes também se concentram na formação de competências estratégicas que constituem um poderoso suporte para as competências linguísticas. A linguística do texto e do discurso fornece elementos sobre a coesão e a coerência textuais, sobre as modalidades de discurso e os processos retóricos. [...] Uma segunda fonte disciplinar é a semiótica textual, que fornece indicações para uma didática que promove a construção de hipóteses e o exercício de procedimentos de inferência. Com a passagem da intercompreensão textual para a intercomunicação, as competências interativas ganharam grande importância na CI: mediação linguística e cultural, acomodação da produção de sua própria língua materna para a comunicação multilíngue. [...] (Anquetil; De Carlo, 2014, p. 11).

O trecho destaca a abordagem interdisciplinar para a promoção de habilidades linguísticas, especialmente em idiomas vizinhos. Vários ramos da linguística descritiva, especialmente a linguística estrutural, são usados para analisar as correspondências fonéticas, grafêmicas, morfossintáticas e lexicais entre idiomas vizinhos. Essa abordagem comparativa fornece uma base sólida para o desenvolvimento de habilidades de leitura e compreensão auditiva.

Além disso, destaca as competências estratégicas como um complemento essencial às competências linguísticas. Pesquisas recentes concentram-se nessas competências, que desempenham um papel importante no apoio à comunicação multilíngue. Elementos de linguística de texto e discurso, como coesão e coerência de texto, modalidades de discurso e processos retóricos, são integrados para melhorar a compreensão e a produção do idioma.

Uma segunda fonte disciplinar mencionada é a semiótica textual, que contribui para o ensino que incentiva a construção de hipóteses e o exercício de procedimentos de inferência. Essa abordagem enfatiza a importância não apenas de compreender o texto, mas também de interpretar e inferir o significado.

De acordo com Franchon (2021, p. 15),

> A didática da intercompreensão exigirá, portanto, um trabalho de identificação organizada a fim de se distanciar e de sistematizar os elementos comuns a todas as línguas (ao sistema) e dos elementos específicos (a cada língua). Ela remete ao paralelismo sintático de uma

> formação, às formas recorrentes, aos paradigmas paralelos (deux/dos/dois - fils/fills/filhs/filhos/hijos). Esses elementos serão privilegiados e identificados pelo aluno, levando-o a identificar as primeiras chaves da compreensão de línguas rotuladas como estrangeiras, mas que, de acordo com o princípio das pontes, em outras palavras, do (re)conhecimento das recorrências regulares de uma língua para outra (oferecendo saberes operacionais não sistemáticos, mas pragmáticos), se tornarão familiar para ele. Esse princípio da prática da identificação linguística recorrente, que se remete à previsibilidade, é essencial para superar a insegurança linguística. Lembremos, por fim, que o didata, no contexto de uma abordagem intercompreensiva, também se apoiará na tradutologia, nos estudos em comunicação não-verbal e em comunicação intercultural.

Essa visão detalhada da didática da intercompreensão destaca a importância primordial de identificar e sistematizar os elementos comuns e específicos dos idiomas. Isso é essencial para equipar os alunos com as ferramentas necessárias para entender idiomas considerados estrangeiros. A referência ao princípio das pontes é muito interessante, pois sugere uma abordagem prática e pragmática para tornar os idiomas mais familiares e acessíveis.

A menção à superação da insegurança linguística por meio da prática de identificação linguística recorrente ressalta a importância de desenvolver a confiança dos alunos em seu próprio processo de aprendizagem. A inclusão de referências a áreas como translinguagem, comunicação não verbal e comunicação intercultural demonstra a abordagem interdisciplinar e holística da didática da intercompreensão. Essa perspectiva informada e fundamentada sobre as estratégias e os princípios envolvidos na didática da intercompreensão destaca como essa abordagem pode ser eficaz no aprendizado de idiomas estrangeiros.

Para Chavagne (2006), a prática de IC não interfere em nenhuma atividade de ensino de idiomas em uma perspectiva multilíngue.

> Elas teriam, ao contrário, creio eu, muito mais para se beneficiar com o simples avanço da Intercompreensão. A Intercompreensão se apresentando principalmente como um primeiro passo essencial em direção à língua do Outro, em direção à cultura do Outro, em direção ao Outro propriamente dito, um primeiro passo recíproco, cheio de sentidos, que não obriga a dar um segundo, mas que não impede, de nenhum modo, de fazê-lo (Chavagne, 2006, p.5).

Chavagne (2006) enfatiza a importância da prática da Intercompreensão (IC) no ensino de idiomas, especialmente quando considerada a partir de uma perspectiva

multilíngue, argumentando que a IC não interfere nas atividades de ensino de idiomas, mas, ao contrário, pode ser muito eficaz para essas práticas. A IC é vista como um primeiro passo crucial para a compreensão da língua, da cultura e da identidade do Outro. Essa primeira etapa é descrita como recíproca e significativa, mas não exige uma segunda etapa. Chavagne enfatiza que a IC não impede de forma alguma que o processo continue. A abordagem apresentada por Chavagne (2006) tem implicações significativas para a prática linguística na fronteira oeste do Mato Grosso, especialmente devido à diversidade linguística e cultural que caracteriza essa região. A fronteira oeste de Mato Grosso é conhecida por ser uma área onde várias línguas coexistem devido à presença de comunidades indígenas, grupos de migrantes e à influência das línguas fronteiriças. A aplicação da IC pode ser uma estratégia valiosa para promover a compreensão intercultural e fortalecer o diálogo entre essas diferentes comunidades linguísticas.

Além disso, a ênfase na IC como um primeiro passo em direção ao idioma e à cultura do Outro pode ser particularmente relevante para uma região de fronteira. A fronteira geográfica geralmente é acompanhada de fronteiras linguísticas e culturais, e a IC pode atuar como um meio de romper barreiras e promover a coexistência pacífica e a compreensão mútua entre diferentes grupos. Portanto, a abordagem proposta por Chavagne (2006) oferece um caminho promissor para a prática linguística na fronteira oeste de Mato Grosso, especialmente em termos de interação entre as várias línguas e culturas presentes nessa região. Ela pode contribuir para fortalecer a coesão social e enriquecer a convivência intercultural nesse espaço específico.

Para Coste (2011, p. 188), todo aprendiz deve ter a experiência, entre outras, da CI, devido à relação que a abordagem propõe com a linguagem, a pluralidade de línguas e a alteridade. "Certamente seria muito útil incluir esse componente específico [diversidade de contatos linguísticos] no currículo para garantir uma cultura de aprendizagem de línguas [...]". Essa declaração de Coste (2011) destaca a importância da experiência de Intercompreensão (IC) para todos os alunos, enfatizando sua relevância para a relação com o idioma, a pluralidade de idiomas e levantando a questão da alteridade (ou seja, a noção de "outro" ou diversidade cultural e linguística).

Ao sugerir a inclusão da IC no currículo, Coste (2011) destaca o potencial dessa abordagem para promover uma cultura de ensino e aprendizagem de idiomas. Essa perspectiva é especialmente valiosa em contextos multilíngues, como a fronteira oeste de Mato Grosso, onde vários idiomas coexistem e interagem. A IC pode ser um meio eficaz

de facilitar a compreensão mútua e a apropriação dos excluídos na relação entre a língua e os falantes dos diferentes grupos linguísticos e culturais presentes na região. Além disso, a sugestão de Coste (2011) enfatiza a importância do ensino de idiomas que vai além da simples aquisição de uma língua estrangeira, mas também promove a apreciação e a valorização da diversidade linguística. Isso contribui para uma abordagem mais inclusiva e culturalmente sensível ao ensino de idiomas. Coste (2011) oferece uma visão da prática linguística na fronteira oeste do Mato Grosso, destacando a importância de considerar a diversidade linguística e a promoção da didática da IC como elementos essenciais no treinamento linguístico dos moradores da fronteira. Essa abordagem pode enriquecer a experiência de ensino-aprendizagem e contribuir para a inclusão entre os diferentes grupos linguísticos presentes na região.

"A prática da intercompreensão desperta nos próprios falantes uma consciência plurilíngue, uma experiência de comunicação que integra as diferenças e particularidades dessas culturas em contato". (Del Olmo & Erazo, 2019, p. 128). Para os autores, a IC "transcende a dicotomia bilíngue das normas padronizadas do espanhol e do português, e abre espaço para outras línguas e variedades que estiveram presentes no território latino-americano" (Del Olmo & Erazo, 2019, p. 128). De acordo com Calvo Del Olmo (2018), a complexidade linguística da América Latina tem sua origem no processo de colonização que trouxe consigo uma diversidade de idiomas. Três línguas neolatinas (espanhol, português e francês) assumiram uma posição de destaque na região, coexistindo com as línguas ancestrais dos povos indígenas, os crioulos e as línguas trazidas pelos imigrantes. Isso deu origem a uma grande variedade de ambientes linguísticos, incluindo situações de bilinguismo, diglossia e contatos entre diferentes idiomas. Desse modo, levando as vezes a formação de códigos híbridos como spanglish (espanhol-inglês), o portunhol (português-espanhol), o cocoliche (italiano-espanhol), o quíchua-espanhol da meia-língua no Equador e o jopará (guarani-espanhol), podemos ver a riqueza e a complexidade das interações linguísticas da América Latina.

O autor acima, aponta para a necessidade de compreender e abordar as dinâmicas linguísticas complexas e variadas na América Latina, especialmente ao considerar práticas como a IC em Línguas Românicas (ICLR) como parte integrante desse cenário multilíngue. Essa compreensão é essencial para um estudo aprofundado em Linguística, especialmente em espaços como a fronteira oeste do Mato Grosso, onde a diversidade

linguística é uma realidade marcante e requer uma abordagem sensível e abrangente. Segundo Del Olmo & Erazo, (2019, p. 128):

> Todas estas lenguas pueden incluirse en las dinámicas de intercomprensión, lo cual no solo permitiría la promoción del plurilingüismo sino también un proceso de ciudadanía, respeto y sensibilización hacia aquellas voces que estuvieron largo tiempo silenciadas, negadas y prohibidas en los espacios públicos.

Del Olmo & Erazo (2019) enfatiza a importância de incluir todas essas línguas nas práticas da IC. E vai além de simplesmente promover a diversidade linguística, representando também um processo que contribui para a cidadania e o respeito mútuo. Essa abordagem é um meio de sensibilizar para as vozes que, por muito tempo, foram marginalizadas e não tiveram espaço.

Essa interpretação aponta para a relevância de adotar uma perspectiva inclusiva e sensível às complexidades linguísticas na América Latina. A IC não é apenas uma ferramenta linguística, mas também um meio de empoderamento e reconhecimento das diversas comunidades linguísticas que foram historicamente marginalizadas, silenciadas e muitas vezes excluídas. Esse entendimento é fundamental para nossa pesquisa, especialmente ao considerar os espaços multilíngues, como a fronteira oeste do Mato Grosso, onde a coexistência de diversas línguas é uma realidade marcante e requer uma abordagem intercultural e socialmente responsável. Para Guimarães (2003),

> Uma língua, ao funcionar, se divide em virtude de sua relação com seus falantes. No espaço de enunciação os falantes não são tomados enquanto indivíduos psicologicamente. Os falantes são caracterizados histórico-socialmente pelo modo como são tomados pelas línguas (e pelas divisões que a constituem) e assim se distinguem lingüisticamente. Consideremos quanto a isso a língua portuguesa do Brasil. [...] o Brasil é um país multilingüe, e que nele são praticadas em torno de 200 línguas. (Guimarães, 2003, p. 49)

Essa perspectiva teórica é crucial sobre a relação entre uma língua e seus falantes. Guimarães (2005) sublinha que a análise da linguagem não deve se limitar à psicologia individual dos falantes, mas também deve levar em conta o sócio histórico que afeta a maneira como as línguas funcionam e, por extensão, mostra como existe um embate entre línguas e falantes no mesmo espaço de enunciação.

No caso específico do Brasil, o teórico destaca a diversidade linguística como uma característica central. Ao mencionar a prática de cerca de mais de 200 línguas, ele ressalta a complexidade e a riqueza linguística presente no país.

É relevante para nosso estudos, pois destaca a necessidade de considerar as dimensões sociais e históricas da linguagem ao analisar o funcionamento e a dinâmica de uma língua, especialmente em um país multilíngue como o Brasil. Também sugere a importância de uma abordagem inclusiva que valorize e compreenda a multiplicidade de línguas e suas interações.

> De um lado o Português, de outro as línguas indígenas assim como as línguas de imigração. Há, ainda, as línguas de fronteira, resultado muito particular da relação política geo-lingüística de Estados diferentes. A relação entre estas línguas é regulada pelo fato de que o Português é língua oficial do Brasil e a língua nacional do povo brasileiro. A distribuição destas línguas para seus falantes dá ao português a característica de língua civilizada, em oposição às línguas indígenas (Guimarães, 2000). A própria lingüística histórica brasileira faz parte do processo de sustentação desta distribuição hierarquizada das línguas [...] as línguas indígenas aparecem, nesta divisão, como línguas de cultura, ou seja, línguas que fazem parte do que caracteriza as culturas dos povos que as praticam, sendo estes, então, caracterizados, entre outras coisas, por suas línguas. O português, por outro lado, aparece como língua civilizada que, por esta razão, ou nesta medida, suplantou estas línguas no processo histórico. Outro aspecto interessante a registrar, antes de passarmos a nosso objeto específico neste texto, é que as línguas de imigração ficam separadas do português, mas, na medida em que são línguas também consideradas civilizadas, se separam por outro lado das línguas indígenas. (Guimarães, 2003, p. 49-50)

Guimarães mostra um pouco da dinâmica linguística no Brasil, destacando as diferentes categorizações das línguas. Por um lado, temos o português como língua oficial do país e a língua nacional do povo brasileiro. Por outro lado, há as línguas indígenas, bem como as línguas de imigração. Além disso, são mencionadas as línguas de fronteira, que são afetadas pela situação geo-linguística de Estados distintos.

O autor argumenta que a distribuição das línguas é regulada pela posição do português como língua "civilizada", em contraste com as línguas indígenas. Esta visão hierarquizada é sustentada pela própria linguística histórica brasileira. As línguas indígenas são categorizadas como línguas de cultura, ou seja, são parte integrante da identidade cultural dos povos que as utilizam. Por outro lado, o português é visto como uma língua "civilizada" que, em virtude disso, suplantou as línguas indígenas ao longo do processo histórico.

Já dito por Guimarães (1999) que a relação entre "o espanhol e o português como línguas de integração regional no Mercosul", evidencia uma dinâmica que potencializa

os espaços de enunciação. O objetivo de propor uma didática da IC nos currículos da fronteira oeste do Mato Grosso, se justifica na relação das línguas portuguesa do Brasil e espanhola da Bolívia, o possível surgimento da prática linguística, o portunhol. Mostrando o embate existente entre línguas e falantes no mesmo espaço de enunciação do português brasileiro, e que os fronteiriços são agenciados e tomados pelo lugar de fala. Veremos isso melhor no capítulo de análise.

Del Olmo & Erazo (2019) mostra como os de professores e pesquisadores em universidades latino-americanas estão lidando com a Intercompreensão em Línguas Românicas (ICLR): vejamos,

> as experiências da Universidade Nacional de Córdoba (UNC) na Argentina e da Universidade de Playa Ancha (UPLA) no Chile, cujas equipes desenvolveram métodos de intercompreensão: InterRom (Carullo et al., 2007) e Interlat (Tassara y Moreno, 2007). Por sua vez, as equipes da UDELAR contribuíram para a criação de materiais em plataformas como itinerários românicos e Limbo (União Latina). No Brasil, várias universidades têm realizado formações em intercompreensão; algumas delas até incluíram disciplinas em seus currículos, como a USP e a UNICAMP no Estado de São Paulo, e as federais de Minas Gerais (UFMG) em Belo Horizonte, de Paraná (UFPR) em Curitiba, em Campina Grande (UFCG) e Rio Grande do Norte (UFRN), além da própria UNILA. Da mesma forma, a Universidade de Antioquia (UDEA) na Colômbia oferece formação em ICLR para os alunos de mestrado. O mapa a seguir permite localizar todas as instituições mencionadas; isso não significa que não existam outras universidades e órgãos educacionais que estejam planejando atividades dentro dessa abordagem na região. (Del Olmo; Erazo, 2019, p. 128).

Os autores insistem na necessidade crescente de promover espaços para o intercâmbio econômico, social e cultural, a fim de fomentar a mobilidade e a cooperação. Para tornar essas propostas uma realidade, é essencial estabelecer meios de comunicação e intercompreensão. Isso também ressalta a importância crucial da elaboração e da implementação de políticas linguísticas coerentes para atingir esse objetivo. O registro e a análise de experiências passadas também são destacados como fontes valiosas para orientar ações futuras nesse sentido.

Figura 35 Instituições mencionadas CI



Fonte: (Del Olmo; Erazo, 2019).[71]

Para nossa pesquisa, isso é relevante por vários motivos. Primeiro, ele aponta para a interconexão entre idioma e sociedade, destacando como as políticas linguísticas desempenham um papel crucial na promoção do intercâmbio e da cooperação. Além disso, destaca a necessidade de entender e se adaptar à dinâmica linguística em espaços de interação multifacetada. Isso implica considerar não apenas o aspecto gramatical dos idiomas, mas também as implicações sociais, culturais e políticas associadas à comunicação.

Dessa forma, serve como ponto de partida para outras pesquisas sobre políticas linguísticas, dinâmicas de comunicação intercultural e os desafios específicos associados à promoção da compreensão mútua em espaços diversos e multilíngues. Também sugere a importância de abordar as questões linguísticas em um espaço mais amplo de interação social, cultural e econômica.

[71]Disponível em: https://rieoei.org/RIE/issue/view/Bilinguismo (consulte a página 129). Acessado em: 09/04/2021.

Existe uma rede internacional chamada Apicad[72] , proposta no âmbito do Projeto Miriadi[73] (2012-2015), que reuniu um grupo de professores-pesquisadores para realizar o portal Miriadi dedicado à intercompreensão em grupo on-line e em rede. O principal objetivo do grupo é reunir pessoas que queiram aplicar seus recursos e conhecimentos e realizar novas ações, sejam elas de pesquisa, treinamento de seu público, caso sejam instrutores, ou projetos subsidiados ou não subsidiados para criar novos materiais didáticos multilíngues, novos sites ou melhorias no site existente. Essas iniciativas são essenciais para a disseminação e a promoção da IC, pois fornecem recursos e uma estrutura para professores interessados em introduzir a intercompreensão como parte de uma abordagem didática para o ensino de idiomas, principalmente em idiomas românicos.

[72] Disponível em: https://www.miriadi.net/es/apicad . Acessado em: 29/04/2024.
[73] Miriadi, disponível em: www.miriadi.net . Acessado em: 09/04/2021.

CAPÍTULO 4
ESTUDO DE CASO

Introdução

Este capítulo se aprofunda na metodologia subjacente que orienta parte da pesquisa de estudo de caso. A escolha de uma perspectiva qualitativa e da abordagem de estudo de caso é justificada pela necessidade de compreender a complexidade da interação linguística no espaço de enunciação da fronteira oeste de Mato Grosso. Por meio de uma seleção cuidadosa de colaboradores e da aplicação de vários instrumentos de coleta de dados, a pesquisa tem como objetivo estudar a relação entre as línguas portuguesa e espanhola. Cada subcapítulo apresenta uma visão geral detalhada da metodologia aplicada, estabelecendo assim as bases para uma análise e interpretação bem fundamentadas dos resultados. Assim, primeiro apresentaremos a abordagem quantitativa deste estudo de caso, seguida pela definição e constituição de nosso *corpus*.

4.1 Metodologia: pesquisa qualitativa, estudos de caso

Por esse motivo, neste estudo, optamos pela abordagem qualitativa, pois acreditamos que ela oferece respostas mais completas. A pesquisa qualitativa "explora o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes dos seres humanos, cujas ações, de várias formas, refletem a realidade" (Minayo, 2009, p. 21). A abordagem qualitativa busca compreender os fenômenos de forma holística, considerando todos os elementos de um espaço e as interações e influências presentes nesse processo.

Para realizar este estudo, portanto, usamos a abordagem qualitativa porque, de acordo com Lüdke e André (1986, p. 11), "a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento".

De acordo com Bogdan e Biklen (1992), a pesquisa qualitativa envolve o contato direto e prolongado entre o pesquisador e o ambiente e a situação sob investigação, geralmente por meio de trabalho de campo. Essa abordagem exige uma imersão profunda e contínua no espaço do estudo, o que permite uma compreensão mais abrangente e contextualizada do fenômeno em questão.

Usamos os seguintes procedimentos para realizar esta pesquisa:

1) Observação da prática de contato entre falantes brasileiros de português e falantes bolivianos de espanhol na fronteira oeste de Mato Grosso;
2) Entrevistas com brasileiros que têm contato direto com bolivianos e com bolivianos que moram em Cáceres/MT ou que passam por lá.

De acordo com Lüdke e André (1986), a entrevista permite que as informações desejadas sejam compreendidas por meio do estabelecimento de um diálogo entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa. Com isso em mente, as reflexões foram baseadas nos dados encontrados, coletados e fornecidos pelo grupo, e depois na interpretação dos dados e nas categorias de análise.

Um estudo de caso pode ser caracterizado como o estudo de uma entidade bem definida, como em nosso caso, a relação entre os idiomas português e espanhol na fronteira. Dessa forma, procuramos entender em profundidade o como e o porquê de uma situação específica que se supõe ser única em muitos aspectos, tentando descobrir o que é mais essencial e característico dela. Existem diferentes definições de um estudo de caso. Assim, as possibilidades de uso desse tipo de pesquisa qualitativa destacam a necessidade de entender situações particulares e únicas em um determinado espaço, bem como a imersão profunda do pesquisador na realidade investigada. A confiabilidade e a validade dos dados identificados e analisados são produzidas por meio da triangulação dos dados obtidos e dos métodos aplicados pelo pesquisador. É pertinente ressaltar que:

> O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, tão completa quanto possível, que considera a unidade social em estudo como um todo, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos (Goldenberg, 2011, p. 33).

Segundo Goldenberg (2011), não há como estabelecer regras e técnicas utilizadas em estudos de caso, pois cada observação, cada entrevista, é uma descoberta única e depende necessariamente do objeto de pesquisa, das concepções do pesquisador e dos sujeitos envolvidos. Nesse caso, não há regras específicas para padronizar os dados coletados ou o tempo necessário para a realização desse tipo de pesquisa.

Como pesquisadores, devemos estar preparados para lidar com problemas teóricos e descobertas consideradas inesperadas, para que possamos orientar ou reorientar nosso estudo sempre que necessário. Foi o que aconteceu com nossa pesquisa, pois, ao

verificar os dados por meio de entrevistas com perguntas e respostas, percebemos que era necessário realizar as entrevistas em formato documental, para que os colaboradores tivessem mais liberdade e a entrevista fluísse, tivemos entrevistas que duraram uma tarde inteira, às vezes um dia inteiro.

A fase de reorientação pode ocorrer principalmente no período exploratório, quando as principais decisões sobre objetivos, referências, instrumentos de coleta e análise são tomadas pelo pesquisador; nessa perspectiva, podem surgir novos problemas que sejam tão ou mais relevantes do que as questões inicialmente pensadas (Goldenber, 2011).

André (1984) e Lüdke e André (1986) apresentam sete características fundamentais dos estudos de caso, e aqui listaremos as mais relevantes para nosso trabalho, a saber

i) "estudos de caso são sobre descoberta" (p.18), de acordo com os pesquisadores, mesmo que teorias iniciais sejam adotadas, cabe ao pesquisador permanecer atento a novos elementos que surgem no decorrer da pesquisa. Assim, nossas escolhas iniciais, como o referencial teórico adotado, serviram como um esboço básico para novas escolhas à medida que os estudos avançavam e por meio do conhecimento construído por nós, pesquisadores. Nessa perspectiva, uma das características de qualquer trabalho científico é que ele produz novos conhecimentos, mas é importante ressaltar que esses conhecimentos não surgiram por acaso ou por mágica. Foi por meio de muito diálogo entre o novo e as descobertas já consolidadas;

ii) "os estudos de caso enfatizam a interpretação no espaço" (p.18). Assim, o espaço em que a pesquisa foi realizada foi a chave para uma compreensão mais completa do objeto de estudo. E para entender as concepções, percepções e comportamentos dos sujeitos, no nosso caso os palestrantes da pesquisa, "eles devem ser relacionados à situação concreta em que ocorrem ou ao problema específico ao qual estão ligados" (Lüdke e André 1986, p. 19);

iii) "os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação" (p.18). Nesse caso, coletamos dados em diferentes momentos da pesquisa e com

diferentes informantes;

iv) "Os estudos de caso permitem generalizações naturalistas" (p.18). Os dados encontrados são comparados com as experiências pessoais do leitor, ou mesmo com situações identificadas em outros estudos, que apresentam ideias e resultados semelhantes e, às vezes, convergentes. Nessa situação, o pesquisador pode expressar sua opinião;

v) "Os relatórios de estudo de caso usam uma linguagem mais acessível do que outros relatórios de pesquisa" (p.18). Nos estudos de caso, há uma preocupação com a transmissão objetiva e clara do fenômeno em estudo. Somente ao final do estudo é que se pode analisar se realmente se trata de um caso. Lüdke e André (1986) afirmam que os casos podem ser apresentados de várias formas, desde discussões até a possibilidade de dramatizações. De acordo com os pesquisadores, os trabalhos escritos geralmente têm um estilo narrativo.

Como veremos a seguir, usamos diferentes procedimentos de coleta de dados de acordo com nossos objetivos, começando com fontes primárias: primeiro grupo: falantes de português brasileiro no Brasil e segundo grupo: falantes de espanhol boliviano na Bolívia, pesquisados por meio de questionários e entrevistas semiestruturadas.

É importante observar aqui que, para garantir a confiabilidade dos dados, propusemos o uso escalonado de diferentes procedimentos de coleta de dados com os colaboradores brasileiros e bolivianos: coleta de dados (questionários e entrevistas) via *Formulários Google,* questionário via *Formulários Google*, entrevista via *Google Meet (grupo* brasileiro), entrevista presencial com gravador/telefone celular (grupo boliviano). Mais informações sobre isso posteriormente.

Para uma melhor compreensão, usaremos códigos para preservar a identidade de cada colaborador, de acordo com o CEP e as regras de proteção de dados exigidas para esse tipo de pesquisa, usamos o acrônimo Cbr01 (colaborador brasileiro01, 02, etc.) para identificar o primeiro grupo, brasileiros do Brasil, e Cbo01 (colaborador boliviano01, 02, etc.), o segundo grupo, falantes de espanhol da Bolívia.

Tivemos o cuidado de coletar os dados de forma prática, usando a ferramenta *Google Forms* e dando a ambos os grupos a opção de responder em português ou

espanhol. Entretanto, houve algumas situações em que o participante respondeu ao questionário com os dados para a entrevista presencial, mas não compareceu. Vale ressaltar que quase todos os dados foram coletados por meio de um questionário desenvolvido no Google *Forms, com* exceção de três que foram preenchidos manualmente de forma presencial, em que as entrevistas foram realizadas de forma documental. Com esses procedimentos, foi possível acessar todas as pessoas contatadas. Isso se deveu ao fato de a primeira fase da coleta de dados ter sido realizada via *Google Forms* e os questionários da primeira fase também terem sido realizados remotamente, por questões de biossegurança (Covid-19), o que naturalmente facilitou a boa participação nessa primeira fase da pesquisa, e os colaboradores foram acompanhados de forma muito próxima, sincronizada. Parte dos outros procedimentos (entrevistas via *Google Meet*) foi realizada de forma síncrona, em que o entrevistador e o entrevistado participaram mutuamente via *Google Meet* e foram gravados. Elas só foram realizadas dessa forma com os colaboradores do primeiro grupo, os brasileiros; o segundo grupo de colaboradores, os bolivianos, não tinha internet em seus celulares e alguns alegaram não saber usar a plataforma.

Portanto, foi necessário aguardar algum tempo para que o período de bloqueio que estava ocorrendo na época devido à Covid-19 passasse. Depois de algum tempo, as entrevistas foram realizadas pessoalmente, usando um gravador (no qual todas as medidas de biossegurança sempre foram tomadas). O procedimento de realizar as entrevistas em forma de diálogo/documentário foi mais bem-sucedido, pois os colaboradores bolivianos se mostraram mais abertos e confortáveis para fazer e responder a uma pergunta.

Inicialmente, foi difícil encontrar colaboradores para participar da pesquisa, e isso pode ser atribuído a vários motivos. Em primeiro lugar, alguns informantes voltaram para a Bolívia durante a pandemia, enquanto muitos moram em áreas rurais de difícil acesso, o que dificultou a participação pessoal deles. Em segundo lugar, alguns estavam inseguros quanto ao envolvimento em pesquisas sobre a relação entre os idiomas português e espanhol. Além disso, havia o medo da deportação ou até mesmo da prisão. Esse último fator está ligado às seguintes causas: alguns bolivianos contatados para as entrevistas não moravam atualmente na região de Cáceres, mas em San Matías, estando temporariamente na cidade para trabalho, compras, estudos ou consultas médicas, entre outros. Além disso, a falta de documentação brasileira, a falta de confiança nas

instituições de segurança da região de Cáceres (como as polícias civil e militar[74] e o exército), nas iniciativas que promovem a integração dos migrantes na região e, por fim, a insegurança em relação à competência linguística no português brasileiro também foram fatores decisivos.

Vamos ver como proceder com a coleta de dados.

4.1.1 Coleta de dados

A localização das fontes de dados concentrou-se em dois grupos de colaboradores da pesquisa que, neste caso, são falantes de português brasileiro de Cáceres/MT que têm contato direto ou indireto com bolivianos, bem como falantes de espanhol boliviano que vivem ou circulam nas imediações de Cáceres, na fronteira oeste de Mato Grosso, Brasil. E com o apoio de outras fontes secundárias, pudemos, por um lado, detectar os elementos que ajudaram a analisar como se configura o espaço de enunciação da fronteira em questão, nessa relação entre as línguas espanhola e portuguesa, e, por outro, compreender a realidade linguística local dentro desse movimento que existe nessa fronteira com o leste da Bolívia. Isso nos permitiu selecionar e delimitar os elementos que nos ajudaram a pensar o espaço de enunciação da fronteira no oeste de Mato Grosso.

Essas fontes secundárias correspondem, respectivamente, a dados coletados de: i) dados do IBGE e do IPEA sobre a criação e a formação das cidades gêmeas de

[74] "A Polícia Militar é a força policial responsável pelo que é conhecido como policiamento ostensivo. Isso significa que ela serve para coibir crimes imediatamente, repreendendo com sua presença e potencial coercitivo. Isso explica uma das principais diferenças entre a Polícia Civil e a Polícia Militar. Enquanto a Polícia Civil é um órgão mais investigativo, a Polícia Militar se dedica à vigilância e repressão imediata e urgente de atos criminosos ou ilegais. Se, após um roubo, a queixa deve ser registrada na Polícia Civil, imediatamente após ou durante o roubo, é responsabilidade da Polícia Militar ir em busca do ladrão. É importante que não haja confusão entre a Polícia Militar e os militares das Forças Armadas. Embora ambos façam parte da carreira militar (inclusive compartilham uma nomenclatura de patente semelhante), são especificações bem diferentes. As Forças Armadas respondem ao Poder Executivo Federal como um ator a serviço da pátria como unidade, agindo de acordo com os interesses do Estado como instituição, enquanto a Polícia Militar atua em benefício da ordem social interna, agindo em prol da manutenção da legalidade das ações que ocorrem na rotina social. Além disso, a Polícia Militar responde ao Poder Executivo do Estado em cada uma das unidades federativas do país".
Disponível em: https://www.cepmpremilitar.com.br/cepm/blog/policias-civil-e-militar-quais-sao-as-diferencas-entre-as-duas#:~:text=As%20For%C3%A7as%20Armadas%20respondem%20ao,que%20ocorrem%20na%20rotina%20social. Acessado em 14/05/2024.

Cáceres/San Matías; ii) documentos oficiais da SEDUC/MT e da Prefeitura de Cáceres; e iii) a comunidade boliviana que vive ou transita por Cáceres.

Portanto, as fontes primárias são os colaboradores da pesquisa - os brasileiros e bolivianos residentes em Cáceres, e os demais dados coletados e analisados são fontes secundárias que visam mostrar os elementos que implicam a relação entre as línguas portuguesa e espanhola, a fim de detectar e compreender a necessidade de formação bilíngue e multilíngue baseada na didática da Intercompreensão (IC) em Cáceres.

Tabela 1 Fontes

Fontes primárias	**Fontes secundárias**
- Brasileiros de língua portuguesa que vivem em Cáceres - Bolivianos de língua espanhola da Bolívia que vivem ou se mudam para Cáceres	- Dados do IPEA - Documentos oficiais (SEDUC/MT e Prefeitura de Cáceres) - Comunidade boliviana em Cáceres

Fonte: Elaboração própria

Após selecionar e definir o caso, ou seja, definir o espaço da pesquisa e os colaboradores da pesquisa, iniciamos a coleta de dados em novembro de 2020, após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa/UNEMAT por meio da Plataforma Brasil, com o parecer nº 4.355.644. A partir dessa data, iniciamos os primeiros contatos com as instituições e pessoas envolvidas.

Para tornar nossa pesquisa possível, algumas ações políticas foram importantes. Primeiro, entramos em contato com o Consulado da Bolívia em Cáceres, depois com a Secretaria de Educação de Mato Grosso (SEDUC/MT) e com a Câmara Municipal de Cáceres. Documentos oficiais da UNEMAT/UCM foram enviados a essas instituições, solicitando sua colaboração no estudo. Desde o início, a participação dessas instituições foi muito efetiva, decisiva e fundamental para nossa pesquisa.

Graças às relações estabelecidas com as organizações mencionadas, foi possível elaborar uma lista de contatos com alunos bolivianos da escola EEDIEB Professor Milton Marques Curvo e da UNEMAT em Cáceres, bem como contatos com algumas famílias bolivianas em Cáceres e com moradores de Cáceres que tinham contato com bolivianos,

como veremos a seguir. Acessar os colaboradores centrais da pesquisa, os brasileiros e bolivianos que vivem e/ou convivem em Cáceres, não foi uma tarefa fácil, mas pudemos contar com vários colaboradores, como empresários, amigos, professores, instituições, o consulado boliviano.

Além disso, entramos em contato com quase todos os bolivianos que têm uma loja Camelô em Cáceres para encontrar mais colaboradores bolivianos para nossa pesquisa. Paralelamente a essa etapa de contato com os bolivianos, desenvolvemos os instrumentos de coleta de dados descritos abaixo.

De acordo com Mendieta Izquierdo (2015), *apud* Ferreira Martins (2019), para um estudo de caso, os participantes (família, trabalhadores, pacientes, alunos) podem e devem ser incluídos como participantes da pesquisa.

> O número de colaboradores não precisa ser numeroso, o pesquisador escolhe o tipo de informantes com as características de interesse (...) A questão do número de sujeitos não é a questão central na pesquisa qualitativa, a questão central é descrever que estratégia, que tipo de amostragem será feita e como será feita, sempre de acordo com a questão da pesquisa e o desenho da pesquisa. Quer seja feito horizontalmente ou em etapas. O importante é descrever como a estratégia é construída (Mendieta Izquierdo, 2015: 1149-1150). (Tradução da autora).

Nessa perspectiva, não era essencial ter todos os bolivianos dos Camelôs e da comunidade de Cáceres, mas sim um grupo representativo de bolivianos e suas famílias, de modo que os procedimentos de coleta de dados utilizados nos permitissem responder às nossas perguntas iniciais de pesquisa.

Conforme observado acima, os dados foram coletados em etapas usando uma variedade de instrumentos:

i) coleta de dados (questionários, entrevistas e documentários) por meio do *Google Forms* e coleta de dados presencial/manual
ii) questionários por meio do *Google Forms*,
iii) entrevistas semiestruturadas via *Google Meet*,
iv) entrevistas face a face com gravador/telefone celular,
v) entrevistas em forma de documentário;
vi) pesquisa documental e bibliográfica.

O objetivo de usar diferentes ferramentas foi garantir a eficácia dos dados,

assegurar sua precisão e a possibilidade de validá-los e triangulá-los. Os primeiros cinco procedimentos foram projetados para coletar informações de fontes primárias (grupos de brasileiros e grupos de bolivianos) e os outros foram de fontes secundárias (comunidade boliviana de língua espanhola, comunidade brasileira de língua portuguesa e documento do IPEA). O desenho das etapas e a coleta de dados são os seguintes:

Tabela 2 Etapas e fontes primárias

Etapa	Fontes primárias
Etapa 1	- Coleta de dados por meio do *Google Forms em* português e espanhol; - Questionário *do Google Forms* em português e espanhol
Etapa 2	- Entrevistas *do Google Meet* (grupo brasileiro) - Entrevistas face a face com gravador/telefone celular (grupo boliviano) - Entrevistas em forma de documentário

Fonte: Elaboração própria

Tabela 3 Etapas e fontes secundárias

Etapa	Fontes secundárias
Etapa 1	Pesquisa bibliográfica (Designações sobre o termo portunhol e a situação linguística desse fenômeno no espaço de enunciação do português brasileiro); Análise documental (IPEA)
Etapa 2	Conversas/diálogos (comunidade boliviana em Cáceres)

Fonte: Elaboração própria

A aplicação passo a passo com diferentes categorias de instrumentos possibilitou complementar e compensar as deficiências do procedimento anterior, ou seja, coletar e acrescentar informações que não eram satisfatórias no procedimento anterior. Isso

possibilitou a obtenção de um quadro mais completo da realidade investigada.

4.1 Colaboradores

Conforme mencionado acima, os colaboradores desta pesquisa são brasileiros falantes de português e bolivianos falantes de espanhol. Para obter esses colaboradores, seguimos um processo que consiste em três estágios distintos: pré-pandemia, durante a pandemia e pós-pandemia.

Antes de a pandemia ser declarada, realizamos observações em escolas e estabelecimentos comerciais em Cáceres, bem como em San Matías, com foco nas empresas locais, o que nos permitiu estabelecer contatos iniciais.

Durante a pandemia, adaptamos nossas estratégias e concentramos nossos esforços de pesquisa apenas em Cáceres. Nessa fase, a comunicação foi mediada pelo contato telefônico e pelo uso das redes sociais, especialmente WhatsApp e Facebook, que possibilitaram o envio de links para a coleta de dados. Por isso, decidimos realizar a pesquisa somente em Cáceres.

Na fase pós-pandemia, conseguimos realizar entrevistas presenciais com um grupo de bolivianos que havíamos contatado inicialmente por meio das mídias sociais. Também nos baseamos em observações feitas anteriormente em Cáceres para acrescentar informações valiosas ao nosso estudo.

Dada a proximidade geográfica entre Cáceres e San Matías, na Bolívia, que compartilham uma fronteira seca, é importante destacar que a região conta com um importante fluxo de bolivianos que interagem de diversas formas com a cidade de Cáceres, seja por meio de estudos, trabalho, utilização de serviços de saúde, entre outros aspectos relevantes.

Para definir os critérios de inclusão e exclusão da amostra desta pesquisa, adotamos diretrizes específicas para os dois grupos de entrevistados.

Tabela 4 Grupo 01 - Brasileiros

Critérios de inclusão	Critérios de exclusão
Pessoas nascidas no Brasil.	Pessoas e seus pais não nascidos no Brasil.
Profissionais que trabalham em lojas ou escolas frequentadas por crianças ou pais de origem boliviana.	Pessoas que não residem em Cáceres.
Residência na região de Cáceres/MT.	Falta de contato com a comunidade boliviana.

Fonte: Elaboração própria

Tabela 5 Grupo 02 - Bolivianos

Critérios de inclusão	Critérios de exclusão
Pessoas nascidas na Bolívia, preferencialmente na região de San Matías.	Pessoas ou um de seus pais não nascidos na Bolívia.
Moradores ou pessoas envolvidas na vida cotidiana de Cáceres/MT.	Pessoas que não moram em Cáceres/MT ou San Matías.
Morar, trabalhar ou estudar na região de Cáceres/MT.	Ausência de ascendência boliviana.

Fonte: Elaboração própria

Assim, para nosso estudo de caso, não só consideramos os colaboradores brasileiros e bolivianos que constavam nos dados oficiais, mas também tivemos que ir em busca desses colaboradores, por meio de uma exaustiva busca e seleção para entrevistas, em escolas, hospitais, praças, especialmente vendedores ambulantes em Cáceres, conforme mencionado acima.

No início, começamos com uma lista de 16 brasileiros e 20 bolivianos, um total de 36 entrevistados que, em algum momento, devido à pandemia, remarcaram e reagendaram suas entrevistas várias vezes, depois tivemos que refazer algumas entrevistas a pedido dos colaboradores e outras tivemos que mudar a estratégia, pois

detectamos que os entrevistados do segundo grupo, os bolivianos, muitas vezes reformulavam suas respostas, sempre voltando às perguntas. Por esse motivo, decidimos fazer mais algumas entrevistas com eles na forma de diálogo/documentário, e alguns deles responderam aos questionários em espanhol. Também foram contatados para refazê-la na forma de uma gravação em português, muitos aceitaram, outros não, mas não houve problemas, pois essas alternativas surgiram naturalmente. Dessa forma, as entrevistas, que às vezes duravam de 10 a 15 minutos, passaram a ser mais longas. Elas passaram a ser mais longas, de 20 a 40 minutos, e algumas duravam uma hora ou até mais. Alguns contatos levavam o dia inteiro para serem gravados. Mas com maior eficiência e precisão.

Primeiramente, entramos em contato com os 36 colaboradores para explicar a pesquisa e motivá-los a participar, o que exigiu um contato inicial individual, mesmo que por telefone, às vezes via *WhatsApp* e/ou *Facebook Messenger*, já que estávamos em época de pandemia, e para conscientizá-los sobre os objetivos da pesquisa, a instituição de origem e a importância da colaboração deles. Posteriormente, foram realizadas mais entrevistas, aumentando o número de colaboradores, como veremos a seguir.

Como mencionei anteriormente, tivemos a oportunidade de perguntar a eles alguns dos motivos pelos quais alguns bolivianos não quiseram participar da pesquisa. Por que eles não quiseram participar? Algumas das respostas que ilustram as conclusões acima são:

Tabela 6 Notas

Num puedo participar ya que no vivo mas en Cáceres.
No soy de Cáceres, vengo aqui como Uber
Sou Uber i no quiero participar
Ele tem medo, eu podo participar, mas num quiero que grave entrevista.

Fonte: Caderno de anotações da autora

Essa última resposta foi dada por vários motoristas de táxi/Uber profissionais bolivianos que tentei entrevistar em Cáceres.

Em outro momento, quando os brasileiros responderam ao questionário, a maioria respondeu em português e a preferência foi que os brasileiros respondessem em espanhol e os bolivianos em português. Surpreendentemente, dos 17 colaboradores que responderam ao questionário para o grupo de brasileiros, apenas 5 responderam em espanhol, sendo que 3 informantes não eram de Cáceres, mas moravam na cidade. E os dois informantes da cidade eram professores de espanhol. E das 7 entrevistas

semiestruturadas realizadas de forma síncrona via *Google Meet*, ninguém quis ser entrevistado em espanhol.

Quando detectamos essa assimetria, mesmo entre os professores, esse fato, antes de analisarmos os dados, nos levou a pensar que os brasileiros de Cáceres não eram fluentes em espanhol ou tinham vergonha de falar espanhol. Vejamos os informantes do primeiro grupo que responderam ao questionário em espanhol, de onde são e onde aprenderam o idioma.

Tabela 7 Local de nascimento - questionário do Google Forms

Mirassol D Oeste MT (Cbr01)
Conceição das Alagoas MG (Cbr02)
Rio de Janeiro (Cbr08)
CÁCEREZ-MT (Cbr09)
Cáceres-MT (Cbr14)

Fonte: Questionário do *Google Forms*

Tabela 8 Pergunta 02 - Questionário do Google Forms

2. Y si harás la entrevista en español. ¿Podrías hablar un poquito, sobre dónde y cómo usted has aprendido el español/castellano?
"Vivi en Sucre Bolívia". (Cbr01)
"En la universidad". (Cbr02)
"Aprendí español em mi escuela desde lá escola primaria". (Cbr08)
"LA UNIVERSIDAD FEDERAL MS". (Cbr09)
"Bueno, yo aprendí a hablar español cuando empecé a tener contactos con unos familiares que viven aquí en San Matias, siempre me pareció muy interesante el idioma español, siempre quise aprenderlo, y aprendí un poco más con la asignatura de español en alto. Escuela" (Cbr14)

Fonte: Questionário do *Google Forms*

Obtivemos os dados de todos os procedimentos de pesquisa com os colaboradores. Para manter o rigor metodológico e poder triangular os dados e, assim, poder fazer cortes claros e rigorosos para nossas análises, selecionamos esses colaboradores como colaboradores de pesquisa. Vale ressaltar que, com grande esforço, conseguimos obter dados completos, ou seja, todos os instrumentos de pesquisa, de falantes brasileiros de português e de falantes bolivianos de espanhol na cidade de Cáceres/MT Brasil, de modo que a amostra foi representativa para analisar a configuração do espaço de enunciação na fronteira oeste de Mato Grosso. Além disso, foi um critério

particularmente significativo ter colaboradores de pesquisa que representassem diferentes áreas da sociedade, como saúde, educação, segurança, comércio formal e informal, etc.

Como explicamos acima, coletamos dados secundários, cujo objetivo era complementar os dados dos colaboradores do segundo grupo, os bolivianos, na medida em que, por um lado, eles nos ajudam a entender melhor a relação entre as línguas fronteiriças e, por outro, contribuem para detectar as necessidades de treinamento bilíngue e/ou multilíngue com uma abordagem didática para a intercompreensão em Cáceres.

Em resumo, em nosso estudo de caso, o número total de colaboradores é de 58 informantes brasileiros e bolivianos, dois dos quais ensinam espanhol como língua estrangeira.

Devemos lembrar que, em pesquisas predominantemente qualitativas, a riqueza das informações é mais importante do que o número de colaboradores.

Durante a pesquisa, passamos por um período de pandemia de COVID-19, e as abordagens metodológicas tiveram de ser adaptadas para atender às restrições e aos desafios impostos pela situação de saúde. Nesse cenário, as interações face a face foram substituídas por estratégias de pesquisa remota, como o uso intensivo de plataformas de comunicação virtual. Além disso, a coleta de dados em campo teve de ser restrita a locais acessíveis e seguros, de acordo com as medidas de segurança em vigor. Essa nova dinâmica de pesquisa exigiu uma revisão minuciosa dos métodos e uma consideração cuidadosa das restrições impostas pela pandemia, resultando em uma abordagem metodológica que foi adaptada e eficaz para o estudo em questão.

Essa pesquisa envolveu alguns riscos em potencial para os colaboradores, especialmente em termos da possível interrupção das atividades diárias durante as entrevistas, bem como a percepção de que o horário das entrevistas poderia ser inconveniente. Havia também a possibilidade de que o funcionário se sentisse desconfortável com a duração esperada da entrevista, que foi estimada entre 20 e 60 minutos. Outra preocupação era que, ao se manifestar durante a entrevista, o colaborador poderia compartilhar informações pessoais que poderiam ter um impacto sobre sua imagem na sociedade.

Para mitigar esses riscos, o pesquisador se comprometeu a agendar as entrevistas de acordo com a disponibilidade do colaborador, sempre informando a duração estimada, que poderia variar em torno de uma hora. Quanto às informações pessoais, o pesquisador se comprometeu a removê-las, garantindo assim a confidencialidade dos dados. Além

disso, os informantes tinham a liberdade de deixar de responder a qualquer pergunta, omitir qualquer detalhe que os incomodasse ou até mesmo desistir da entrevista. Em suma, foi criado um ambiente acolhedor e de apoio para que o colaborador se sentisse confortável e seguro ao compartilhar suas experiências com o pesquisador.

4.2 Metodologia de análise de dados

Ao buscar compreender e analisar a formação das diversidades linguísticas encontradas nesta análise, os resultados esperados surgiram sistematicamente, e também encontramos outras ocorrências diferentes, já que se tratava de uma análise quantitativa da relação entre as línguas portuguesa e espanhola. Vale ressaltar que, durante a transcrição, tentamos preservar ao máximo as características da fala dos informantes nos níveis lexical e morfossintático. As informações coletadas foram salvas no *OneDrive* e as transcrições foram armazenadas em um computador pessoal usando *o* processador de texto *Word da Microsoft,* versão *Windows*. A partir da compilação dos dados (questionários/entrevistas) e dos questionários por meio do *Google Forms,* e da digitalização manual das entrevistas (utilizamos a transcrição grafemática), selecionamos fragmentos para compor nosso *corpus e* as análises subsequentes, utilizando apenas os fragmentos que nos ajudaram a compreender a configuração do espaço de enunciação da fronteira oeste de Mato Grosso, Brasil.

4.3 Tamanho da amostra

A amostra consistiu em 58 entrevistados, distribuídos da seguinte forma:

O grupo 01 era composto por 24 colaboradores, 17 por meio de questionários *do Google Forms* e 7 entrevistas pelo *Google Meet*. Os entrevistados brasileiros moram em Cáceres e de alguma forma têm contato com bolivianos, seja em lojas, escolas, etc;

O Grupo 02 consistiu em 34 colaboradores, 16 questionários *do Google Forms* e 15 entrevistas com gravador. Os entrevistados bolivianos moram em Cáceres e/ou circulam por lojas, escolas/universidades etc. na cidade de Cáceres.

Tabela 9 Entrevistados

Entrevistado da Pesquisa	1º Grupo Brasileiros	2º Grupo Bolivianos
Sexo masculino	9	5
Sexo feminino	15	29
	24	**34**

Fonte: Elaboração própria com base em questionários *do Google Forms* e entrevistas.

Orçamento

O Orçamento previsto com despesas de transporte e materiais foi custeado totalmente pela pesquisadora.

4.3.1 Compilação de dados *do Google Forms*

Dentre as várias técnicas de coleta de dados, o questionário, segundo Gil (1999, p. 128), pode ser definido "como uma técnica de investigação que consiste em um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, com o objetivo de conhecer suas opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.". O questionário é uma técnica utilizada para coletar informações sobre a realidade da relação entre as línguas portuguesa e espanhola no espaço de enunciação do português brasileiro, adotado nesta pesquisa, que serviu de base para a construção da tese e foi aplicado em Cáceres/MT.

O mesmo autor (Gil, 1999, p. 128-129) apresenta as seguintes vantagens do questionário em relação a outras técnicas de coleta de dados:

> a) permite atingir um grande número de pessoas, mesmo que estejam espalhadas em uma ampla área geográfica, pois o questionário pode ser enviado pelo correio;
> b) envolve custos menores com pessoal, pois o questionário não exige treinamento para os pesquisadores;
> c) garante o anonimato das respostas;
> d) permite que as pessoas respondam como acharem melhor;
> e) não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e personalidades

do entrevistado.

Por outro lado, ele aponta os pontos negativos da técnica:

> a) exclui pessoas que não sabem ler ou escrever, o que, em certas circunstâncias, leva a graves distorções nos resultados da pesquisa;
> (b) impeça o repórter de receber assistência quando ele não entender corretamente as instruções ou perguntas;
> (c) impede o conhecimento das circunstâncias em que a resposta foi dada, o que pode ser importante para avaliar a qualidade das respostas;
> (d) não há garantia de que a maioria das pessoas devolverá o formulário devidamente preenchido, o que poderia reduzir significativamente a representatividade da amostra;
> e) geralmente envolve um número relativamente pequeno de perguntas, pois é sabido que questionários muito longos têm grande probabilidade de não serem respondidos;
> f) fornece resultados muito críticos em termos de objetividade, pois os itens podem ter significados diferentes para diferentes respondentes.

Talvez influenciado pela escolha do questionário, parece que os pontos fracos mencionados acima deveriam servir não para desencorajar o uso dessa técnica, mas para orientar melhor a maneira como ela é realizada, tanto na escolha das perguntas quanto no universo de respondentes.

Um dos aspectos positivos mais importantes é, sem dúvida, o baixo custo do questionário, ainda mais porque ele é gratuito no *Google Forms.* Portanto, nesse aspecto financeiro, o questionário foi um aspecto democratizante desta pesquisa, ainda mais porque foi durante a pandemia da Covid-19, e nos ajudou a manter contato com os colaboradores e fortalecer relacionamentos.

Marconi e Lakatos (1999, p. 100) enfatizam que "junto com o questionário, deve ser enviada uma nota ou carta explicando a natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de obter respostas, tentando despertar o interesse do destinatário para preencher e devolver o questionário em um prazo razoável".

E o que parecia ser um conselho dispensável foi a prática que levou a um maior

envolvimento dos colaboradores. De fato, foi a chave para o sucesso do nosso trabalho de coleta de dados. Veja no Anexo 05 os modelos de questionários utilizados pelo *Google Forms* para a coleta de dados tanto nos questionários quanto nas entrevistas, todos elaborados em espanhol e português, um para o primeiro grupo, a comunidade de língua brasileira, e outro para o segundo grupo, a comunidade de língua boliviana. Nessa ordem, seguem os modelos em anexo criados para a coleta de dados dos colaboradores do grupo 01: brasileiros e do grupo 02: Bolivianos, utilizando a ferramenta *Google Forms* para responder aos i) Questionários *do Google Forms* (escritos), aqui os dados foram coletados e eles já responderam ao questionário e puderam optar por responder em português ou espanhol, lembrando que a preferência era que os brasileiros respondessem em espanhol e os bolivianos em português; ii) Entrevistas *do Google Meet* e Gravador, para essa coleta de dados eles marcaram a data/hora e o local para as entrevistas, escolhendo via *meet* ou presencial com gravador.

i) Coleta de dados para questionários *do Google Forms*
   i.i) grupo 01: brasileiros
   i.ii) grupo 02: bolivianos

ii) coleta de dados usando o *Google Forms* para as entrevistas *do Google Meet* and Recorder
   ii.i) primeiro grupo: brasileiros
   (ii.ii) segundo grupo: bolivianos

A seguir, mostramos os tipos de pesquisas e o cruzamento dos dados do questionário do *Meet* e das entrevistas presenciais (gravador), que foram os dados pessoais coletados para nossas análises da simetria e/ou assimetria socioeconômica dessa fronteira. Quase todos os dados foram coletados usando o *Google Forms*, tanto o questionário quanto as entrevistas, com exceção de três colaboradores que preencheram manualmente e assinaram seu consentimento para participar da pesquisa.

4.3.2 Questionários e entrevistas

O questionário foi dividido em seis partes e redigido em português e espanhol

(consulte o Anexo 01 - informações sobre dados e perguntas orientadoras para o desenvolvimento do questionário e das entrevistas semiestruturadas):

1. Dados pessoais (coleta de dados para o questionário e entrevistas via *formulários do Google*)
2. Educação
3. Área profissional
4. Língua materna e segunda língua
5. Línguas em contato
6. Turismo e compras

Os dados foram coletados usando o *Google Forms.* As partes 2 a 6 coincidem com as categorias que usamos para analisar os dados abaixo, que, por sua vez, são subdivididas em subcategorias dentro do tema central, como veremos a seguir:

Tabela 10 Categorias

Categorias	Subcategorias
Âmbito profissional	i) Formação pessoal e acadêmica ii) Línguas que falam no âmbito profissional e acadêmico iii) Aprendizados de línguas
Âmbito familiar	i) Línguas faladas em casa ii) Línguas que os pais falam
Línguas em que foi escolarizado	i) Língua materna e segunda língua ii) Línguas estrangeiras ou indígenas presentes na escola
Turismo e compras	i) Lugares de Viajem ii) Lazer iii) Preferência de compras Cáceres ou San Matias iv) Produtos que compra Camelôs ou San Matias

Fonte: Elaboração própria

Os questionários consistiam em perguntas semiabertas e abertas. As perguntas e os dados do questionário para cada categoria são apresentados e analisados a seguir.

Para Haguette (1997, *apud* Boni e Quaresma, 2005, p.72), a entrevista é um

"processo de interação social entre duas pessoas em que uma delas, o entrevistador, procura obter informações da outra, o entrevistado". Por meio da entrevista, o pesquisador visa obter informações subjetivas, em que o entrevistado expõe seus valores, crenças e atitudes, o que seria mais difícil ou mesmo impossível por meio de outros tipos de coleta de dados, como a observação.

Os dados das entrevistas serão apresentados a seguir (nos quais descrevemos o ambiente de pesquisa), a fim de contribuir para a compreensão das práticas linguísticas das línguas fronteiriças em Cáceres. As perguntas que orientaram a elaboração do questionário e das entrevistas, bem como as informações sobre a coleta de dados, podem ser encontradas no (Anexo 01).

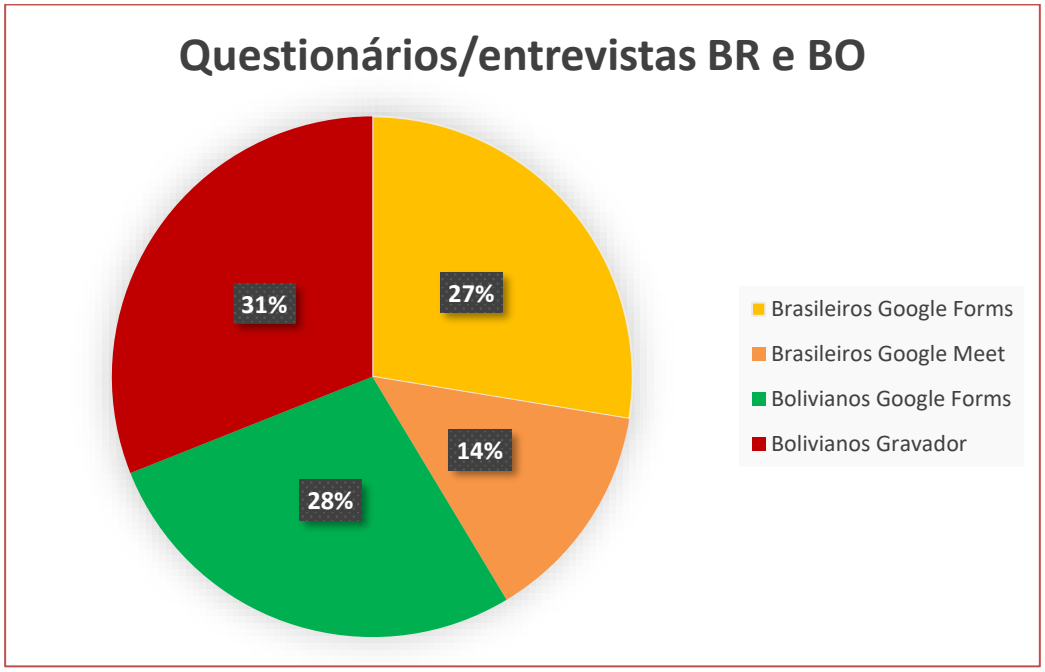
Para este estudo de caso, tivemos um total de 58 colaboradores, 24 do primeiro grupo de brasileiros e 34 do segundo grupo de bolivianos, que se dispuseram a responder aos questionários e realizar as entrevistas; 100% dos que se dispuseram participaram. Assim, todos os entrevistados: 24 (17 questionários e 7 entrevistas) e 34 (16 questionários e 15 entrevistas), concordaram em participar da pesquisa de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido[75] (TCLE) /UNEMAT, assinado por meio do *Google Forms*[76] , mas 3 do segundo grupo (bolivianos), os dados foram coletados pessoalmente e a carta de aceitação (TCLE) foi assinada manualmente pelos colaboradores para participar da pesquisa.

As entrevistas foram inicialmente conduzidas de forma síncrona por motivos de biossegurança devido à Covid-19.

Como mostram os dados, 58 colaboradores, 27% (brasileiros) e 28% (bolivianos) responderam aos questionários usando *o Google Forms*, enquanto 14% dos brasileiros foram entrevistados usando *o Google Meet*, mas 31% dos bolivianos foram entrevistados pessoalmente usando um gravador/telefone celular. Veja o gráfico abaixo.

[75] Veja o Anexo 02 - TCLE (modelo a seguir)
[76] Veja o Anexo 02 - Impressões do *Google Forms* em português e espanhol

Gráfico 1 Cruzamento questionários e entrevistas dos grupos pesquisados



Fonte: Elaboração própria, com base em questionários *do Google Forms* e entrevistas.

O grupo de bolivianos optou principalmente por entrevistas face a face. Alguns fatores influenciaram essa escolha, levando-os a usar gravadores ou telefones celulares para registrar as conversas. Um desses fatores foi a falta de acesso à Internet para usar o Google Meet. Além disso, alguns informantes afirmaram que nunca haviam usado o aplicativo e não estavam familiarizados com seu funcionamento, preferindo, segundo eles, o contato presencial.

No início, foi muito difícil estabelecer contato com eles, pois não eram muito confiantes. Para chegar ao momento da entrevista, eles conversaram comigo previamente e me questionaram sobre o motivo da investigação, mas um fato importante é que os homens dificilmente davam entrevistas, pois contavam suas histórias, mas não me deixavam filmá-los, sempre alegando que *"há brasileiros perigosos*". Os homens trabalham nas fazendas, nos canteiros de obras, sempre trabalhos muito informais, sem falar no fluxo de taxistas bolivianos que circulam em Cáceres, que é grande, em torno de 15 a 20 motoristas que levam bolivianos para fazer compras, ao médico, para estudar, para trabalhar, etc. Então, eles têm medo de serem deportados, embora depois que as cidades foram geminadas e o acesso foi flexibilizado, eles ainda têm medo por questões de segurança, pois o estereótipo deles é muito marcado na fronteira, enquanto as mulheres

são mais acessíveis e não têm medo, e muitas nos contaram suas histórias.

As tabelas a seguir mostram alguns dados sobre os colaboradores selecionados para a pesquisa.

Nas tabelas que serão apresentadas, utilizamos o código Cbr01 (colaborador brasileiro01) e Cbo01 (colaborador boliviano01). Levando em conta que os números de 1 a 17 do primeiro grupo (brasileiros) e de 1 a 16 do segundo grupo (bolivianos) são dados do questionário realizado pelo Google *Forms*, os números seguintes a esses são dados coletados pelo *Google Forms* para a realização das entrevistas semiestruturadas e que serão apresentados como ECbr18 (colaborador brasileiro entrevistado18) e ECbo17 (colaborador boliviano entrevistado17), que foram conduzidas de forma síncrona somente com o grupo brasileiro por meio do *Google Meet*, e pessoalmente usando o gravador/celular com o grupo boliviano.

Tabela 11 Grupo 01: Colaboradores brasileiros (falantes de português brasileiro)

Identificação	Sexo	Idade	Escolaridade	Profissão	Nacionalidade
Cbr01	Feminino	45	Superior	Auxiliar Adm./ Estudante	Brasileira
Cbr02	Feminino	45	Superior	Professora	Brasileira
Cbr03	Masculino	54	Superior	Advogado E Professor	Brasileira
Cbr04	Masculino	20	Ensino Médio	Mecânico	Brasil
Cbr05	Feminino	41	Superior	Professora	Brasileira
Cbr06	Masculino	32	Ensino Médio	Técnico Enfermagem	Brasileiro
Cbr07	Feminino	34	Superior	Professora	Brasileira
Cbr08	Masculino	27	Superior	Médico Cirurgião	Brasileira
Cbr09	Feminino	38	Superior	Professora	Brasileira
Cbr10	Masculino	52	Superior	Funcionário Público	Brasileiro
Cbr11	Feminino	29	Superior	Vendedora	Brasileira
Cbr12	Feminino	42	Superior	Psicóloga	Brasileira
Cbr13	Masculino	37	Superior	Professor	Brasileiro
Cbr14	Masculino	28	Superior	Conferente De Estoque	Brasileiro
Cbr15	Feminino	66	Superior	Professora	Brasileira
Cbr16	Feminino	20	Superior	Estudante	Brasileira
Cbr17	Masculino	23	Ensino Médio	Militar	Brasileiro
ECbr18	Masculino	29	Cáceres	Cáceres	Brasileira
ECbr19	Feminino	34	Cáceres	Professora	Brasil
ECbr20	Feminino	37	Ensino Médio	Téc. Adm./ Educacional	Brasil
ECbr21	Feminino	29	Superior	Vendedora	Brasileira
ECbr22	Feminino	44	Superior	Professora	Brasileira
ECbr23	Feminino	25	Ensino Médio	Atendente	Brasileira
ECbr24	Feminino	20	Ensino Médio	Estudante	Brasileira

Fonte: Elaboração própria, com base em questionários *do Google Forms* e entrevistas.

Tabela 12 Grupo 02: Colaboradores bolivianos (falantes de espanhol boliviano)

Identificação	Sexo	Idade	Escolaridade	Profissão	Nacionalidade
Cbo01	Masculino	35	Ensino Médio	Autônomo	Brasileiro
Cbo02	Feminino	41	Ensino Médio	Copeira	Boliviana
Cbo03	Feminino	29	Superior Incompleto	Acadêmica	Boliviana
Cbo04	Feminino	26	Ensino Médio	Dona De Lar	Boliviana
Cbo05	Feminino	45	Ensino Fundamental	Ama de casa	Boliviana
Cbo06	Feminino	29	Ensino Médio	Vendedora	Boliviana
Cbo07	Feminino	21	Ensino Médio	Estudante	Bolívia
Cbo08	Feminino	20	Ensino Médio	Estudante	Brasileira
Cbo09	Feminino	61	Ensino Fundamental	Do Lar	Boliviana
Cbo10	Feminino	50	Superior	Licenciado	Boliviana
Cbo11	Feminino	48	Ensino Médio	Costureira	Bolívia
Cbo12	Masculino	22	Ensino Médio	Comerciante	Bolívia

Cbo13	Feminino	17	No tengo estudios formales	Estudante	Boliviana
Cbo14	Feminino	22	Ensino Médio	No tengo	Boliviana
Cbo15	Feminino	21	Ensino Médio	Estudiante	Boliviana
Cbo16	Feminino	19	Ensino Médio	No tengo	Brasil
ECbo17	Feminino	36	Ensino Fundamental	Vendedora	Bolívia
ECbo18	Feminino	29	Ensino Médio	Vendedora	Riberalta
ECbo19	Masculino	35	Ensino Médio	Autônomo	Brasileira
ECbo20	Feminino	33	No tengo estudios formales	Nenhuma	Boliviana
ECbo21	Feminino	48	Ensino Médio	Vendas	Bolívia
ECbo22	Feminino	23	Ensino Médio	Autónomo	Brasileira
ECbo23	Feminino	20	Ensino Médio	No tengo	Boliviana
ECbo24	Feminino	23	Ensino Médio	Estudiante	Bolívia
ECbo25	Feminino	32	Ensino Médio	Autónoma	San Matias
ECbo26	Feminino	26	Ensino Médio	Autônomo	Boliviana
ECbo27	Feminino	30	Ensino Fundamental	Ama de casa	Boliviana
ECbo28	Masculino	40	Ensino Fundamental	Marcineiro	Boliviano
ECbo29	Feminino	19	No tengo estudios formales	Ninguna	Bolívia
ECbo30	Feminino	21	Superior Incompleto	Acadêmica	Brasileira
ECbo31	Masculino	47	Não respondeu	Autônomo	San Matias
ECbo32	Feminino	65	Não respondeu	Autônomo	San Matias
ECbo33	Feminino	44	Não respondeu	Autônomo	Santa Cruz
ECbo34	Feminino	54	Não respondeu	Autônomo	Boliviana

Fonte: Elaboração própria, com base em questionários *do Google Forms* e entrevistas.

Como pode ser visto na tabela e nos gráficos acima, há muitos colaboradores homens no grupo 01 de brasileiros e no grupo 02 de bolivianos a maioria são mulheres, como mencionado acima, cruzaremos os dados no capítulo de análise para verificar se há simetria e/ou assimetria socioeconômica na fronteira oeste de Mato Grosso.

4.3.3 Documentação e diálogos com a comunidade boliviana

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa tem uma longa tradição. Para realizar a pesquisa, foram feitas várias observações antes de iniciar a fase do questionário com os dois grupos e as entrevistas, o que só foi possível com o primeiro grupo de brasileiros nessa primeira fase. Posteriormente, foi estabelecido contato direto com o segundo grupo de bolivianos. Era necessário entender alguns dos processos legais relacionados ao movimento através dessa fronteira.

Durante a segunda fase, foi possível fortalecer as relações com as comunidades bolivianas e de Cáceres. Isso permitiu a retomada de atividades que haviam sido

paralisadas, como o ensino de português para estrangeiros, e a criação de novas atividades por meio de um convênio com o grupo Morada da UFMT. Essa colaboração possibilitou a organização do " Encontro Interinstitucional na fronteira Brasil/Bolívia", do qual participaram instituições como o consulado boliviano em Cáceres, a prefeitura, alunos do ensino fundamental, professores e outros.

O convênio com o grupo Morada também possibilitou a realização de vídeos em formato de documentário[77], fornecendo material relevante para a tese. Promovemos ações[78] importantes e como resultado de algumas parcerias, como os cursos de ensino de idiomas, que foram criados em conjunto com o curso de Letras do campus de Cáceres da UNEMAT. Isso incluiu cursos de espanhol, inglês, francês, português para xavantes e português para a comunidade boliviana.

O Curso Básico de Língua Portuguesa para a comunidade boliviana, aprovado pela PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA - PROEC da UNEMAT, contou com mais de 40 participantes, entre eles estudantes de San Matias. Essa experiência tem sido muito enriquecedora, produtiva e acolhedora tanto para o Brasil quanto para a Bolívia.

Foram realizadas entrevistas documentais com membros da comunidade boliviana de Cáceres, usando um guia temático em entrevistas semiestruturadas. Os temas centrais foram os idiomas usados em casa e a relação entre os idiomas português e espanhol na fronteira oeste de Mato Grosso.

Foi possível estabelecer relações mais próximas com a comunidade boliviana nas lojas de camelôs, onde a maioria das lojas agora é de propriedade de brasileiros. Os documentários foram feitos com bolivianos das lojas de camelôs. É importante ressaltar que os filhos e netos dos bolivianos, nascidos no Brasil, são fluentes em português. Foi necessário voltar várias vezes aos camelôs para conhecer os bolivianos mais antigos da cidade. Como no início achávamos que todos falavam português, uma vez que a nova geração nascida no Brasil, já fala apenas português, veremos melhor nas análises.

---

[77] Veja o vídeo Parte I. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=clfBw5MxLjs. Acessado em: 05/10/2023.
Veja o vídeo Parte II. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=n62jM0hmzJ4 . Acessado em: 05/10/2023.
Veja o vídeo Parte II. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=s3BSyZ4RQg0&t=2s . Acessado em: 05/10/2023.

[78] Consulte o Anexo 03 para ver o folder e algumas fotos da reunião, bem como algumas fotos dos cursos (consulte o Anexo 04) organizados na cidade de Cáceres.

4.3.4 Pesquisa instrumental e bibliográfica

Para Alves-Mazzotti (2006), o entusiasmo e a dedicação de um estudo de caso instrumental se devem à crença de que ele auxiliará a compreensão de um estudo mais abrangente, podendo contribuir para o aprofundamento de ideias sobre o assunto ou contradizer uma conclusão plenamente aceita.

A partir de pesquisa bibliográfica (livros, artigos científicos, teses, etc.) e documental (documentos oficiais da SEDUC, Prefeitura de Cáceres, dados do IBGE e do IPEA), contribuiu para os estudos da fronteira oeste de Mato Grosso. Esses dados foram relevantes para o nosso estudo, a fim de podermos detectar as necessidades linguísticas do sistema fronteiriço e, assim, traduzi-las em uma política pública voltada para a educação bilíngue.

4.4 Formação do *corpus*

> O estabelecimento de um *corpus* para as análises nos estudos de linguagem requer, antes de tudo, uma tomada de posição em relação ao procedimento teórico-metodológico, com o qual o pesquisador irá efetivamente desenvolver a análise (Karim, 2012, p.47).

De acordo com Karim (2012), é necessário que o pesquisador tenha uma posição definida em relação ao procedimento teórico-metodológico para a análise de um *corpus* em estudos linguísticos. Para a realização de nossas análises, compartilhamos da opinião do autor, uma vez que é necessário assumir uma posição em relação à delimitação do *corpus*, assim como a delimitação do *corpus* deve seguir critérios teóricos e não empíricos, conforme afirma Orlandi (1999):

> A delimitação do corpus não segue critérios empíricos (positivistas), mas teóricos. (...) Não se objetiva, nessa forma de análise, a exaustividade que chamamos horizontal, ou seja, em extensão, nem a completude, ou exaustividade em relação ao objeto empírico. Ele é inesgotável, Isto porque, por definição, todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. Não discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes (Orlandi, 1999, p.63).

Como abordagem, podemos considerar que os significados estão em uma relação

constitutiva com as determinações sócio-históricas, sendo os significados historicamente constituídos. De acordo com Guimarães (2007, p.81):

> É preciso observar, no entanto, que embora não se considere de antemão nenhuma realidade a que as palavras reportam, há um real que a palavra significa. E as palavras têm sua história de enunciação. Elas não estão em nenhum texto como um princípio sem qualquer passado.

Nos capítulos de análise, usaremos os procedimentos analíticos desenvolvidos por Guimarães (2011), que consideram:

> As análises são feitas de recortes específicos que sejam decisivos relativamente ao funcionamento do sentido da palavra. Recortes decisivos são aqueles que trazem, proeminentes, características do fato que, se procura analisar (Guimarães, 2011, p. 90).

Portanto, "não há como considerar que uma forma funciona em um enunciado, sem considerar que ela funciona em um texto, e em que medida ela é constituída pelo sentido do texto" (Guimarães, 2002, p. 7). O texto é definido na Semântica do Acontecimento como "uma unidade de sentido que integra os enunciados no acontecimento da enunciação" (Guimarães, 2011, p. 19). O texto integra os enunciados por meio de uma relação transversal.

> A relação de integração é aquela que constitui sentido, ela se caracteriza por ser uma relação de um elemento lingüístico de um nível com um elemento de nível superior. E não se trata de uma relação caracterizada pela segmentalidade. A integração se faz por uma relação transversal entre elementos diversos e a unidade à qual se reportam. A relação entre os elementos não é de contiguidade, não se marca pela direção da segmentalidade (Guimarães, 2011, p. 43).

Segundo o teórico, o enunciado caracteriza-se por ter "uma relativa independência em relação às sequências linguísticas que compõem o texto" (Guimarães, 2011, p. 21). Nessa concepção, o texto possibilita a verificação dos sentidos produzidos nos enunciados em que funcionam, nos textos que compõem o *corpus*.

O *corpus deste* trabalho foi definido em dois momentos de análise. Primeiramente, selecionamos algumas denominações do termo portunhol para verificar como o portunhol funciona no espaço de enunciação do português brasileiro e, em seguida, realizamos uma análise documental (IPEA), na qual analisamos alguns fragmentos do documento do IPEA para verificar como o portunhol funciona no espaço

das cidades gêmeas de Cáceres/San Matías. Em segundo lugar, apresentamos trechos de um estudo de caso realizado na cidade de Cáceres, na fronteira oeste de Mato Grosso, Brasil. As análises seguem fragmentos a priori extraídos de cruzamento de dados para verificar a simetria e/ou assimetria socioeconômica dessa fronteira; e trechos extraídos de questionários *do Google Forms* (escritos) e entrevistas semiestruturadas (síncronas via *Google Meet* - grupo de brasileiros) e presenciais (grupo de bolivianos - uso de gravador) para analisar a configuração da fronteira oeste de Mato Grosso.

Os capítulos seguintes descreverão e analisarão a relação entre as línguas portuguesa e espanhola no espaço de enunciação do português brasileiro na fronteira oeste do Mato Grosso-Cáceres e leste da Bolívia, com o objetivo de caracterizar a configuração desse espaço de enunciação na fronteira.

CAPÍTULO 5
O ESPAÇO DE PESQUISA

É impossível pensar em linguagem, em significado, fora de uma relação. Nada se mostra na linguagem. Algo sozinho nunca é linguagem. Algo só é linguagem com outros elementos e em suas relações com o sujeito. Isso confere à linguagem seu caráter inescapavelmente histórico (*Guimarães, 2008).*

O objetivo deste capítulo é compreender os aspectos sócio-históricos do contato e da diversidade de línguas, o português brasileiro e o espanhol boliviano, na fronteira oeste de Mato Grosso, que reforçam a identidade nacional dos fronteiriços brasileiros e bolivianos em questão.

As migrações, tanto de diferentes estados da federação quanto de países vizinhos e outros continentes, desempenharam um papel crucial na formação cultural dessa região. Esses movimentos populacionais contribuíram para a complexidade linguística e cultural que caracteriza a fronteira Brasil-Bolívia, enriquecendo ainda mais a paisagem linguística da área. Essa região é um lugar onde várias línguas funcionam no mesmo espaço de enunciação que a língua portuguesa brasileira. Como resultado, sua formação é composta de diversidade e complexidade.

Para estudar o espaço linguístico e cultural dessa fronteira, é importante traçar os passos que levaram à formação da cidade de Cáceres. Fundado em 6 de outubro de 1778 pelo governador de Mato Grosso, Luis de Albuquerque de Mello Pereira, o município recebeu inicialmente o nome de Vila Maria do Paraguai, uma homenagem à fé católica e um gesto de devoção à rainha soberana de Portugal, Dona Maria.

Desde sua fundação, Cáceres desempenhou um papel multifacetado e vital na região. Atuou como uma espécie de sentinela nas fronteiras ocidentais do Império, um ponto de ancoragem entre o território fronteiriço e São Paulo, um centro de conexões sociais e comerciais entre Vila Bela da Santíssima Trindade e Cuiabá e, não menos importante, por causa de suas terras férteis, uma fonte promissora de sustento para todos os moradores de Mato Grosso, bem como uma fonte de riqueza.

Um exemplo notável do potencial de prosperidade, realizado pelos pioneiros que se estabeleceram nessas terras, foi o apogeu da fazenda Jacobina na segunda década do

século XIX. Estrategicamente localizada na entrada da Vila Maria do Paraguai, essa propriedade abrigava um rebanho de 60.000 cabeças de gado, 200 escravos e um avançado moinho hidráulico, que representava tecnologia de ponta para a época.

Outro fator que impulsionou o progresso da região foi a exploração da poaia[79] e da borracha, combinada com a produção agrícola, que sustentou o desenvolvimento econômico de todo o Mato Grosso. Esse progresso foi tão notável que se tornou imperativo estabelecer uma rota navegável de 1.323 quilômetros entre Vila Maria do Paraguai e Corumbá (atual Mato Grosso do Sul), a fim de exportar mercadorias. Essa rota fornecia acesso direto ao poderoso rio Paraná, que abria as portas para o mundo ao desaguar no Oceano Atlântico.

A saga da formação e do desenvolvimento de Cáceres surge como um capítulo emblemático da história da fronteira oeste de Mato Grosso, revelando não apenas a riqueza linguística e cultural, mas também a inegável influência econômica e estratégica dessa região única.

O rápido progresso de São Luís de Cáceres, evidenciado pelo aumento da população e pela expansão da infraestrutura física, culminou em 1874 com a elevação da vila à categoria de cidade, recebendo o nome de São Luís de Cáceres em homenagem ao santo padroeiro e fundador do povoado. Em 1938, o nome foi alterado para Cáceres. Essa área densamente povoada, caracterizada pela concentração de moradias, conexões de transporte e uma multiplicidade de atividades econômicas e sociais, contrasta fortemente com as áreas rurais ao redor.

Com o passar dos anos, o fluxo constante de novos habitantes tornou-se um desafio, e as estradas sugeriram uma expansão necessária. No entanto, o poderoso rio serviu como um limite natural entre o progresso urbano e o campo ao redor.

---

[79] A poaia, como é conhecida a Carapicheia ipecacuanha, foi classificada como vulnerável à extinção na lista vermelha da flora brasileira. A planta é uma espécie medicinal brasileira cujas raízes contêm dois princípios ativos importantes para a indústria farmacêutica: a emetina e a cefalina. Segundo a pesquisadora Celice Alexandre Silva, doutora em Botânica e pós-doutoranda em Biologia do Melhoramento Vegetal, ela estuda a poaia e mantém um banco de germoplasma com sete populações de poaia dos municípios matogrossenses de Barra do Bugres, Cáceres, Denise, Nova Olímpia, São José dos Quatro Marcos, Tangará da Serra e Vila Bela da Santíssima Trindade no campus da Unemat em Tangará da Serra. Para ela, "A presença da poaia já foi abundante em Mato Grosso, mas a exploração extrativista durante as décadas de 1960 e 1970 é um claro indicador de seu quase desaparecimento. Naquela época, os poaieiros garantiam seu sustento durante os meses de chuva e alimentavam a economia do estado com as raízes da poaia". Disponível em: http://portal.unemat.br/?pg=noticia/10597 . Acessado em: 14/05/2024.

De acordo com dados do IBGE (2022), Cáceres é um município localizado na mesorregião Centro-Sul do Estado e na microrregião do Alto Pantanal, com população estimada em 89.478 habitantes e área total de 24.495,510 km², com clima tropical subúmido. O município também faz fronteira com a Bolívia, o que o torna a principal cidade do Mato Grosso que faz fronteira com o Pantanal. Localizada a cerca de 230 quilômetros da capital, Cuiabá, no Mato Grosso, São Luís de Cáceres desempenha um papel estratégico como ponto de contato entre as populações boliviana e brasileira.

Essa posição geográfica privilegiada contribui para a rica interação e o intercâmbio cultural entre os dois lados da fronteira, refletindo a dinâmica linguística e sociocultural da região fronteiriça. A história e a geografia de São Luís de Cáceres, bem como sua importância atual, convergem em um foco de encontro e intercâmbio entre as comunidades brasileira e boliviana, enriquecendo o tecido social e linguístico dessa fronteira única.

Na região da fronteira Brasil-Bolívia, os fatores que influenciam o nível de interação linguística são diversos e distintos. Várias motivações, como relações comerciais, oportunidades de emprego, intercâmbio educacional e laços culturais, impulsionam essa interação, como observa Silva (2009).

Quando consideramos a fronteira, essa linha imaginária que delimita os dois territórios, nos deparamos com uma intrincada rede de contatos, trocas e interações reais. Essa complexidade reflete as particularidades do espaço, onde um processo orgânico dá origem à própria identidade do fronteiriço. Nesse espaço, tradições culturais, dinâmicas sociais e expressões religiosas se misturam, proporcionando um terreno fértil para encontros linguísticos.

A região da fronteira oeste de Mato Grosso, imersa no espaço multicultural e multilíngue do Brasil e dos países vizinhos de língua espanhola, é um cenário intrigante para estudar a relação entre o português brasileiro e o espanhol boliviano.

5.1 Interações nas cidades gêmeas de Cáceres/San Matías

Embora a análise se concentre na relação entre as línguas portuguesa e espanhola na fronteira oeste de Mato Grosso em um espaço histórico específico, é importante considerar como essas dinâmicas linguísticas evoluíram até os dias atuais. As mudanças demográficas, a migração e os fluxos culturais na região podem ter influenciado

significativamente a interação e o contato entre essas duas línguas. Portanto, é relevante explorar como essa relação linguística se manteve e evoluiu ao longo do tempo, fornecendo uma visão geral da dinâmica linguística nessa área de fronteira.

A fronteira Brasil-Bolívia, com 3.423,2 km, é a mais longa em relação às fronteiras com outros países. A extensão dessa fronteira, 2.609,3 km, corresponde a rios e canais, 63 km a lagos e 750,9 km a comunicações convencionais. A Bolívia também faz fronteira com os estados do Acre, Rondônia e Mato Grosso do Sul. A fronteira entre o Brasil e a Bolívia, do estado do Mato Grosso até Santa Cruz de La Sierra, se estende por cerca de 750 km na direção sul-norte, dos quais 250 km estão dentro dos limites do município de Cáceres.

Diante disso, é necessário conhecer o cotidiano além-fronteiras para entender como são produzidas as relações humanas e linguísticas entre brasileiros e bolivianos na atualidade, a fim de perceber o potencial de integração social, econômica e cultural, bem como as práticas sociais e o espaço sociodiscursivo comuns às cidades de Cáceres (Brasil) e San Matías (Bolívia).

Como mencionado acima, o bilinguismo está presente nessa comunidade de Cáceres, pois o português e o espanhol são línguas que coexistem a partir dos tratados (Tordesilhas, Madri e Santo Idelfonso), com outras línguas em uma complexidade multilíngue característica do Brasil.

Neste artigo, consideraremos esse espaço de pesquisa das "cidades gêmeas", em que Cáceres/MT foi incluída na lista de "cidades gêmeas" juntamente com a cidade de San Matías/Bolívia, por meio da portaria do Ministério do Desenvolvimento Regional, publicada no Diário Oficial de 24 de abril de 2019. O espaço entre as cidades gêmeas de Cáceres e San Matías, embora tenham idiomas e culturas diferentes, é um imperativo natural, e os estreitos laços sociais e culturais determinam uma conjuntura social marcadamente multiétnica. Os impactos do contato entre as duas línguas são extremamente ricos e essa discussão abre espaço para diferentes perspectivas de estudo.

> Cáceres, apesar de estar localizada na borda oeste do Alto Paraguai e, na classificação do PDFF, estar incluída na sub-região XI, faz parte deste estudo, pois é a cidade com a maior conexão com San Matías, na Bolívia, por meio da Ponte Marechal Rondon155 , sobre o Rio Paraguai, e da BR-070, que é totalmente asfaltada. Ela faz a conexão mais importante com a isolada cidade de San Matías, no extremo oriente boliviano, com intensos intercâmbios (Puhl, 2014, p. 196).

O posicionamento estratégico de Cáceres, localizada na margem esquerda do rio Alto Paraguai e pertencente à sub-região XI, é fundamental para este estudo devido à sua estreita relação e conexão com San Matías, localizada no extremo leste da Bolívia. A ponte Marechal Rondón, que cruza o rio Paraguai, e a BR-070, uma rodovia totalmente pavimentada, desempenham um papel crucial nessa conectividade.

A referência feita por Puhl (2014, p. 196) destaca a importância da cidade de Cáceres como o principal ponto de conexão com San Matías. Essa conexão desempenha um papel significativo nas intensas trocas entre essas áreas geográficas distintas. Essa proximidade geográfica e as infraestruturas de transporte entre essas localidades permitem não apenas a interação frequente, mas também um fluxo considerável de pessoas, ideias, bens e serviços entre os dois lugares.

Essa interconexão entre Cáceres e San Matías é relevante para este estudo porque permite uma compreensão mais profunda da dinâmica linguística e cultural entre essas áreas de fronteira. Por meio dessa relação intrínseca, é possível analisar e entender melhor a interação entre idiomas, práticas sociais e influência mútua entre as comunidades das duas regiões.

O contato nesse espaço geográfico molda a fala cacerense por meio de influências externas que formam um "conjunto complexo de correlações sociais" (Mollica, 2015). Além da interação cotidiana e secular entre brasileiros e bolivianos, que historicamente se manifesta nas relações culturais e comerciais, atualmente diversos aspectos como políticas educacionais, atividades laborais, casamentos interétnicos e interações em redes sociais têm impactos significativos no modo de falar. Essas influências reforçam a transculturalidade, conceito descrito por Peixoto (2009), que engloba os pontos de contato entre diferentes culturas, moldando contornos distintos na dinâmica social da sociedade.

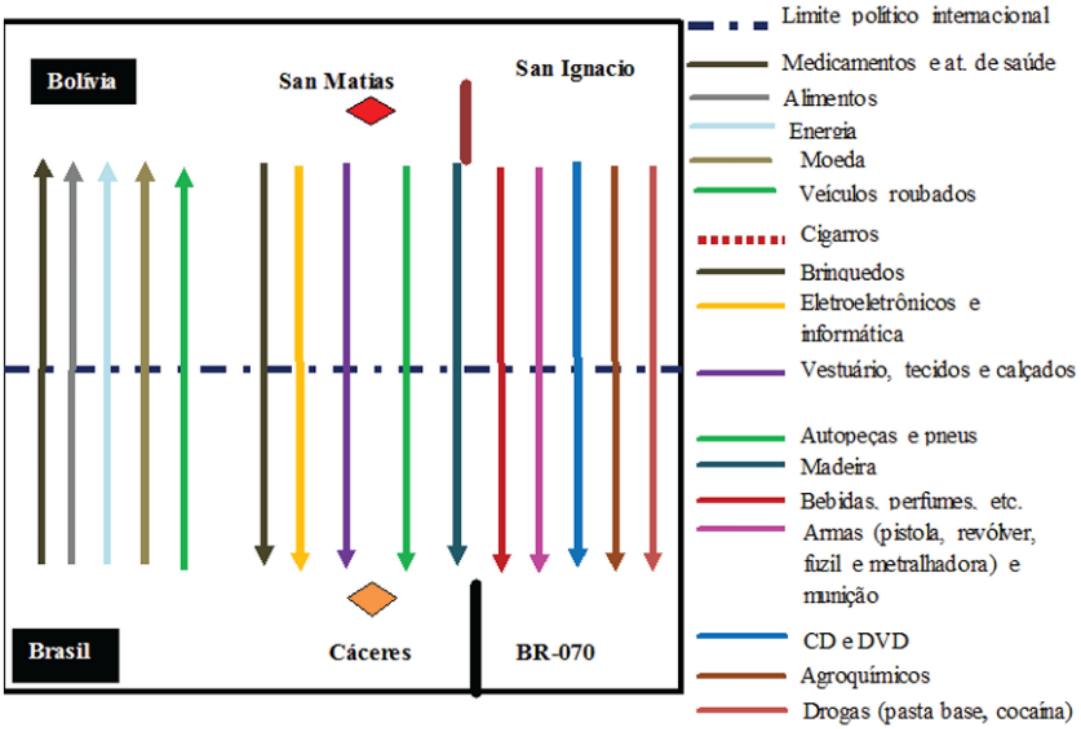
Essa interação constante entre diferentes culturas cria um ambiente linguístico rico e multifacetado em Cáceres. A influência mútua entre brasileiros e bolivianos se reflete na fala local, não apenas nos aspectos linguísticos, mas também nas expressões, no vocabulário e até na entonação, caracterizando uma forma híbrida de comunicação que reflete essa profunda interconexão cultural. Essa dinâmica intercultural é um fenômeno complexo que está intrinsecamente ligado à identidade e à sociolinguística da região, proporcionando um terreno fértil para estudos linguísticos e antropológicos.

A relação entre as cidades gêmeas é marcada por um fluxo constante de

bolivianos que vêm a Cáceres para fazer compras, procurar atendimento médico, estudar e trabalhar, entre outras atividades. Da mesma forma, ocorre o inverso, com os brasileiros vindo a San Matías para fazer compras, trabalhar, etc.

De acordo com Costa (2016), há um grande fluxo de residentes de San Matías que viajam para Cáceres para visitar parentes e fazer compras, principalmente de alimentos, bem como para buscar atendimento médico ou odontológico. A cidade depende do município de Cáceres em várias áreas, inclusive no fornecimento de eletricidade. Por outro lado, o fluxo de brasileiros para San Matías tem como objetivo comprar produtos mais baratos, como roupas, pneus, gasolina e brinquedos, perfumes, bebidas e eletrônicos em geral:

Figura 36 Fluxo de mercadorias e pessoas na fronteira oeste da MV Cáceres/San Matías



Fonte: Extraído de COSTA[80] , 2016

Para Costa (2016),

> Cáceres é considerada por alguns entrevistados como sendo a segunda porta de entrada das drogas no país. Das drogas que circulam, a mais comum é a pasta-base de cocaína, matéria-prima obtida nas primeiras fases de separação da cocaína das folhas de coca. Mas, já foram apreendidas também na região, ainda que em menor medida, cocaína e crack, que são os seus subprodutos. O tráfico de armas também é muito mencionado (Costa, 2016, p. 349).

[80] Disponível em: https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/152?mode=full Acesso em: 04/05/2022.

Esse trecho destaca uma percepção compartilhada por alguns entrevistados sobre Cáceres na pesquisa de Costa (2016) e que é um ponto de entrada para o tráfico de drogas no país. A pasta-base de cocaína é mencionada como a droga mais comum que circula na região, sendo um estágio inicial no processo de obtenção da cocaína a partir das folhas de coca. As apreensões de cocaína e crack também são mencionadas, embora em quantidades menores. O tráfico de armas também se destaca como uma questão relevante na área.

Cáceres é a principal cidade da fronteira oeste de Mato Grosso com a Bolívia e, demográfica e economicamente, está próxima de San Matías. E agora considerada a cidade gêmea de Cáceres/San Matías, é sempre caracterizada pelo constante movimento de pessoas para ambos os países, sem mencionar o tráfico de drogas e os casos de violência, quase sempre associados aos bolivianos, nunca aos brasileiros.

As "cidades gêmeas" são áreas únicas construídas em ambos os lados das fronteiras, mostrando o hibridismo típico das regiões fronteiriças, marcadas por elementos técnicos distintos, como fortes, quartéis, alfândegas e postos de controle (Martins, 2013, p. 02).

Dessa forma, a dinâmica sociocultural e econômica criada pelas pessoas que vivem há séculos nessas áreas transfronteiriças, onde se estabelecem negócios, relações familiares, eventos culturais e outras experiências, aproxima Cáceres e San Matías a ponto de serem consideradas "cidades gêmeas" devido ao seu potencial de integração.

No artigo 1º da Portaria nº 125, de 21 de março de 2014, do Ministério da Integração Nacional:

> os municípios cortados pela linha de fronteira, seja essa seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infra-estrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação com uma localidade do país vizinho, assim como manifestações “condensadas” dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeito direto sobre o desenvolvimento regional e a cidadania.

Ao considerar esse espaço de pesquisa das "cidades gêmeas", Cáceres/Brasil-San Matías/Bolívia, foi necessário pensar esse espaço em conjunto para disseminar e aprimorar a relação entre os idiomas português e espanhol, bem como outros idiomas

dessa região de fronteira.

E, ao discutir os fatores que condicionam as práticas linguísticas, apresentaremos agora as relações que se cruzam no núcleo da comunidade fronteiriça, que, juntas, podem estar operando como ferramentas de mudança, constituindo assim um conjunto complexo de correlações sociais que implementam a variação linguística (Mollica, 2015).

Os casamentos interétnicos na fronteira oeste de Mato Grosso não são diferentes dos demais. Os casamentos entre pessoas de diferentes nacionalidades são uma prática comum. Essa prática também é observada na cidade de Cáceres/MT, onde os casamentos entre brasileiros, bolivianos e indígenas formam um sistema familiar multiétnico e racial:

> material de reflexão para os legisladores de D. José, que elaboraram leis relativas à secularização das aldeias, à libertação dos índios, à regulamentação dos casamentos entre portugueses e índios, à implantação da língua portuguesa e ao próprio Diretório, que aglutina todas essas medidas (Almeida, 1997, p. 149).

De acordo com Almeida (1997), entre as propostas que permaneceram das diretrizes do Diretório, em vigor entre 1757 e 1798, estão: o casamento interétnico, o uso da língua portuguesa e a vida nas aldeias.

De acordo com Chaves (2014), "são raros os estudos sobre a aplicação do Diretório na capitania de Mato Grosso" e "investigou como as autoridades reais estabelecidas em Mato Grosso cumpriram esse instrumento". Para Blau (2007),

> Casamentos e concubinatos implicavam obrigações mútuas, buscando-se estabelecer relações sócio-políticas entre brancos e indígenas, que acabavam por instituir a mistura dos sangues dos filhos destas relações. Além disso, ofereciam a oportunidade de pessoas de “fora” do grupo conviverem com pessoas de “dentro” do grupo indígena, havendo assim, uma “troca” de experiências e culturas [...]. Até o momento são poucas as fontes disponíveis sobre casamentos ou concubinatos na repartição do Mato Grosso, sendo os casos expostos neste estudo referentes ao Cuiabá. O que se pode afirmar, segundo estudos disponíveis, é que os matrimônios legalmente constituídos na Capitania de Mato Grosso foram poucos, graças também aos preços exorbitantes cobrados pelos padres. Isso promoveu uma grande quantidade de mancebias, que eram combatidas pela Igreja, mas justificável diante da situação que se colocava (Blau, 2007, p. 58-62).

O povo do Mato Grosso era, e ainda é, um povo mestiço, pois era território espanhol, desde 1525, quando foram feitas as primeiras excursões ao território do Mato

Grosso, quando Pedro Aleixo Garcia foi em direção à Bolívia, portanto um povo mestiço com influências indígenas e negras, além de imigrantes portugueses e espanhóis. Essa interação intercultural levou à miscigenação. No estado de Mato Grosso, vários universos culturais se fundiram e deram origem a um mosaico de rostos e cores, de modo que casamentos e uniões interétnicas são comuns. Essa transitoriedade entre etnias nos permite ver a cultura de Mato Grosso como múltipla e plural. O pantaneiro mato-grossense e o povo da fronteira têm pele morena (parda[81]), cabelos lisos e traços faciais delicados, resultado da diversidade cultural.

Assim, quando observamos o cenário sociofamiliar do município de Cáceres/MT, percebemos que os aspectos linguísticos estão passando por novos rearranjos, ou seja, essa nova ordem social abre espaço para a mistura de línguas.

Segundo Calvet (2002, p. 34):

> Quando um indivíduo se confronta com duas línguas que utiliza vez ou outra, pode ocorrer que elas se misturem em seu discurso e que ele produza enunciados ¨bilíngues¨. Aqui não se trata mais de interferência, mas podemos dizer de colagem, de passagem em um ponto do discurso de uma língua a outra, chamada de mistura de línguas.

Portanto, nessas implicações, o uso de diferentes idiomas no ambiente familiar torna-se parte da interação.

Para Silva (2011), a família adota uma política monolíngue e opta pela política da adição, com o tempo, as gerações seguintes se tornarão bilíngues, tornando esses falantes linguisticamente competentes em ambas as línguas, permitindo o uso de ambos os códigos no espaço familiar, pois "o uso da língua no lar e a transmissão às gerações

[81] "Os dois primeiros censos do país, realizados em 1872 e 1890, registraram a população negra, branca e mestiça; no censo de 1872, foi acrescentada a informação sobre a condição de escravo ou livre. Nos censos seguintes: 1900, 1920 e 1970, o item "cor" foi retirado. Diante da constatação de que o Brasil era um país mestiço e negro, o terceiro e o quarto censos simplesmente deixaram de registrar informações sobre a população, assim como o primeiro censo do regime militar, quando se reforçou a ideia de homogeneização do país. No censo de 1950, a população estava distribuída entre brancos, negros, amarelos e pardos. Os indígenas não tinham uma categoria classificatória. Em 1960, os indígenas deveriam ter sido declarados como pardos. Em 1980, houve uma explicação para os pardos: "mulatos, mestiços, índios, caboclos, mamelucos, cafuzos etc.". Em 1976, o IBGE realizou a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, na qual deixou a categoria cor como uma questão aberta. Cento e trinta e seis cores diferentes foram registradas, que iam da acastanhada à vermelha. [...] Esse uso flexível e maleável da cor observado no Brasil desde o período da escravidão, tão explícito na pesquisa de 1976, está relacionado à imagem negativa da miscigenação explicitamente propagada até a década de 1930, seguida pela ampla propaganda oficial do mito da democracia racial. Desde o século XIX, os teóricos raciais vinham exaltando os "tipos puros" e colocando a miscigenação como sinônimo de degeneração racial e social. O termo eugenia, criado em 1883, propagava a visão de que as capacidades humanas estavam exclusivamente ligadas à hereditariedade". Disponível em: https://mpabrasil.org.br/noticias/morena-parda-ou-negra-a-invencao-do-colorismo/. Acessado em: 30/04/2023.

sucessivas são fundamentais para o destino de uma língua" (Silva, 2011, p.134). Assim deve ser.

Gostaríamos de acrescentar que os dados nem sempre são verdadeiros nessa fronteira, pois muitas bolivianas utilizam a Maternidade da cidade para dar à luz seus bebês pelo SUS - Sistema Único de Saúde do Brasil - e acabam registrando seus bebês em território brasileiro, Isso torna a criança cidadã brasileira e, mesmo que ela retorne a San Matías para continuar sua vida, ela terá dupla nacionalidade, e muitas vezes acontece que, depois de um tempo, ela volta a morar em Cáceres em busca de uma vida melhor para sua família e aproveita sua nacionalidade para obter residência em Cáceres. Dessa forma, os dados nunca serão totalmente reais. De acordo com Gayoso (2013)

> categoria identitária fronteiriça, “os boliveiros”, filhos de pais bolivianos que apenas nascem no Brasil, mas continuam vivendo na Bolívia, e que se beneficiam dos serviços de saúde pública e programas sociais oferecidos pelo governo brasileiro (Gayoso, 2013, p. 32).

Quanto ao espaço escolar em Cáceres, uma pesquisa realizada *em lócus* da Prefeitura de Cáceres e da Seduc/MT mostrou que o ensino de espanhol não é obrigatório no Brasil e nessa fronteira.

Em Cáceres e sua região, há "38 escolas municipais, 28 escolas primárias e 10 escolas maternais, nenhuma das quais ensina espanhol como língua estrangeira". De acordo com dados da Prefeitura de Cáceres, há 37 alunos de origem boliviana em nove escolas maternais. Mas os números podem ser maiores.

Conforme dados da Seduc/MT

> [...] o total de 699 escolas da rede estadual de Mato Grosso em 2022, as escolas ofertam de forma mista ensino fundamental anos iniciais e finais, e ensino médio. Portanto não serão quantitativos finais em si, mas quantitativos mistos na oferta: 1. Educação Fundamental I **454**; 2. Educação Fundamental II **634;** 3. Ensino Médio **562**. Das 699 escolas do estado do Mato Grosso, é ofertada o ensino de Língua Espanhola de forma optativa, sendo 198 escolas que ofertam o ensino Língua Espanhola no Ensino Médio e 26 escolas que ofertam no Fundamental II (SEDUC/MT, 2020).

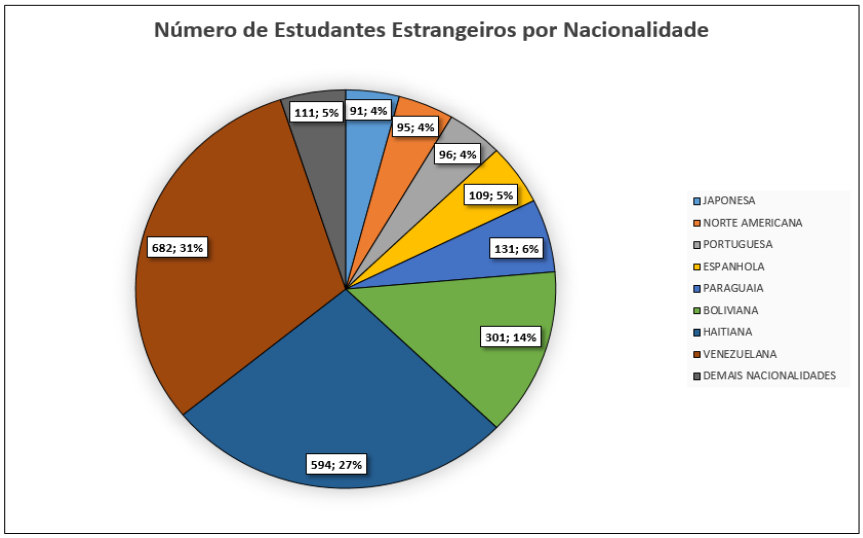
De acordo com dados da SEDUC, Cáceres e a região têm 43 escolas e apenas 10 delas ensinam espanhol como língua estrangeira. Somente na cidade de Cáceres há 13 escolas, 11 delas no centro da cidade e 2 na zona rural, mas somente 2 escolas em Cáceres ensinam espanhol como língua estrangeira.

No Instituto Federal de Mato Grosso - IFMT, o ensino de espanhol também é

opcional. No entanto, todas as sete escolas públicas oferecem espanhol desde o ensino fundamental até o último ano do ensino médio.

Veja a seguir os dados coletados em uma pesquisa realizada pela SEDUC/MT.

Figura 37 Gráfico COEJA/2022



Fonte: COEJA/SUEB/SAGE/Relatório BI GED 30A 27/07/2022 17h 35min

Figura 38 Dados de migrantes/MT

ESTUDANTES ESTRANGEIROS POR NACIONALIDADE		
Nº	**NACIONALIDADE**	**Total**
1	AUSTRIACA	1
2	BOTCHUANA	1
3	CANADENSE	1
4	CHILENA	1
5	IRLANDESA	1
6	MOÇAMBICANA	1
7	NICARAGUENSE	1
8	SUIÇO	1
9	DOMINICANA	2
10	HOLANDÊS(A)	2
11	SUDANÊS	2
12	SURINAMENSE	2
13	ALEMÃ	3
14	ARMENICA	3
15	BRITANICA	3
16	CHINESA	3
17	EQUATORIANA	3
18	GUIANA FRANCESA	3
19	SÍRIA	3
20	BELGA	5
21	FRANCESA	5
22	URUGUAIA	5
23	PERUANA	9
24	ARGENTINA	10
25	CUBANA	12
26	ITALIANA	12
27	COLOMBIANA	16
28	**JAPONESA**	**91**
29	**NORTE AMERICANA**	**95**
30	**PORTUGUESA**	**96**
31	**ESPANHOLA**	**109**
32	**PARAGUAIA**	**131**
33	**BOLIVIANA**	**301**
34	**HAITIANA**	**594**
35	**VENEZUELANA**	**682**
Total Geral		**2.210**

Fonte: COEJA/SUEB/SAGE
Relatório BI nº 80 de 22-7-2022 9h 55min

De acordo com dados da SEDUC/MT COEJA/SUEB/SAGE de julho de 2022, há 301 bolivianos matriculados na educação básica no estado de Mato Grosso. Esse é um número muito significativo, considerando que os dados nem sempre são reais (Gayoso, 2013).

A interação entre brasileiros e bolivianos nessa região é notável, conforme indicam os dados do IPEA (2021). Vale ressaltar a importância da interação entre os dois países e como essa relação pode influenciar questões culturais, econômicas e sociais em ambos os lados da fronteira.

> existe uma interação histórica entre os dois municípios, pois os vínculos de Cáceres e San Matías são seculares (tanto é que San Matías é uma cidade bilíngue). Nessa interação, há algumas experiências de gestão realizadas, além de outras em formulação em cada país, que podem resultar em boas iniciativas de integração se compartilhadas territorialmente. Entre essas, uma forma de integração que resultou exitosa no lado brasileiro foi o arranjo produtivo de Vila Bela da Santíssima Trindade, em Mato Grosso; e do outro lado da fronteira, em San Matías, na região da Chiquitania, a "mancomunidade", um arranjo produtivo local nos moldes bolivianos (IPEA 2021, p. 45).

A existência de alunos no lado oposto da fronteira faz com que haja interações entre brasileiros e bolivianos, ou seja, em português e em espanhol. De acordo com Espiga,

> Do ponto de vista político e educativo, conhecer o relacionamento que ocorre entre português e o espanhol nessas zonas de contato, torna-se condicionante, diante das políticas de integração entre os países, no sentido de reconhecer e respeitar as peculiaridades culturais e linguísticas regionais, especialmente em fronteiras, e, ainda, subsidiar ações pedagógicas a tais especificidades (Espiga 2006, p. 261).

Para Mello (2011, p. 148), nesses espaços linguísticos, "a escola pode atuar como um catalisador" para a manutenção de dois códigos linguísticos na sociedade. Dessa forma, pode-se entender que a escola desempenha um papel importante na sociedade e na abertura de um domínio linguístico privilegiado para a manifestação do bilinguismo ou multilinguismo, levando em conta as línguas nativas presentes nessa região.

As escolas não podem ser neutras, precisam urgentemente ter políticas de acolhimento, pois as escolas têm um papel fundamental na vida de todos os falantes dessa ou daquela língua, por isso é necessário criar políticas públicas eficazes, essa região de fronteira clama por uma política de acolhimento.

Isso destaca a origem familiar de muitos dos que cruzam a fronteira nas cidades geminadas de Cáceres/San Matías e que pode estar agindo como uma ferramenta para a inovação linguística, em contato efetivo com a língua espanhola e vice-versa.

Trabalho e atividades econômicas. Outra prática social que está moldando o contato linguístico em Cáceres é a presença de bolivianos trabalhando na fronteira com o Brasil, e muitos brasileiros também trabalham na cidade de San Matías.

Nas cidades gêmeas, as interações trabalhistas ocorrem em um espaço de trocas econômicas, de acordo com Araújo; Puhl (2016),

> Quando tratamos de integração econômica, o comércio é uma atividade pela qual as populações transfronteiriças constroem intercâmbios há mais de duzentos anos. As trocas comerciais também favorecem as relações interpessoais e institucionais. Cáceres tem um comércio mais desenvolvido e abastece tanto a cidade quanto o campo nas várias necessidades de consumo e abastecimento básico. Como cidade pólo da região, o movimento do comércio se estende também às cidades de menor porte que compõe o aglomerado urbano da fronteira. Nesse ponto, convém mencionar a existência de um comércio fronteiriço caracterizado pelo varejo e a revenda.
> [...]Com base em dados empíricos de empresas de médio porte, os comerciantes cacerenses vendem mensalmente em torno de R$1.700.000,00 (hum milhão e setecentos mil reais), para a população de San Matias e comunidades bolivianas circunvizinhas, distribuídos entre consumo básico e revenda. Mesmo com os limites alfandegários, esse montante financeiro inclui gêneros alimentícios (secos e molhados), insumos agrícolas, móveis, eletrodomésticos, medicamentos, bebidas, tecidos, ferragens, materiais de construção e outros produtos, alimentando o comércio fronteiriço que não adquire o caráter de comércio exterior (Araújo; Puhl, 2016, p.35-36).

Também "do outro lado da fronteira, alguns brasileiros possuem estabelecimentos comerciais e/ou fazendas, cujos negócios compõem o volume de trocas tanto econômicas quanto culturais". Vale ressaltar que os "Camelôs" existem há décadas, como Araújo e Puhl (2016, p.36) apontam especificamente:

> No centro da cidade de Cáceres há um grupo de pequenos comerciantes de nacionalidade boliviana que sobrevive da revenda de vestuário, calçados, artigos domésticos e roupas de cama e banho. As mercadorias são provenientes da Bolívia e quase sempre também são vendidas em feiras livres de Cáceres, mas vale registrar que em função de restrições burocráticas, alguns lojistas mantêm os “negócios” em nome de brasileiros, mesmo porque existem famílias da fronteira formadas entre cônjuges brasileiros e bolivianos. Uma das dificuldades dos órgãos de fiscalização e controle é que parte dessas mercadorias atravessa a fronteira por vias ilegais, ou seja, por estradas vicinais entre as fazendas agropecuárias, driblando os expedientes institucionais, cujas práticas

são denominadas de “descaminhos”.

As relações socioeconômicas entre a população migrante boliviana nas cidades gêmeas de Cáceres e San Matías têm sido marcadas por estereótipos e preconceitos por parte dos brasileiros em relação ao idioma boliviano/espanhol/português. Infelizmente, muitos brasileiros associam esse idioma a circunstâncias ou atitudes negativas com as quais não se identificam, como crime e drogas. Esses estereótipos são muito difundidos e foram documentados por pesquisadores como Ferreira Martins (2019) e Silva e Macedo Karim (2019).

Entretanto, é importante ressaltar que esses estereótipos são prejudiciais e imprecisos. Eles criam barreiras entre as comunidades e impedem uma compreensão mais profunda da cultura boliviana. É essencial que sejam feitos esforços para desconstruir esses estereótipos e promover a valorização da diversidade cultural. Além disso, é importante destacar as importantes contribuições dos bolivianos para a economia e a cultura da região e reconhecer o papel fundamental que eles desempenham na comunidade local.

Costa (2016) resume os problemas de segurança dessa fronteira e afirma:

> [...] percebidos a partir dos relatos dos profissionais de segurança, estão muito associados à questão do tráfico de drogas, do contrabando e descaminho de mercadorias, e dos roubos de assaltos de automóveis para serem trocados na Bolívia por pasta base de cocaína. Muitos, no entanto, reconhecem a pobreza e a necessidade de consumo movimentam o contrabando e o descaminho na região, sendo realizado como forma de sobrevivência. Isto ocorre também em que em função da diferença entre moedas e a distância entre os grandes centros comerciais de ambos os países (San Matias e Cáceres) (Costa, 2016, p. 352).

O trecho de Costa (2016) apresenta uma visão geral dos problemas de segurança na fronteira entre Cáceres e San Matías, intimamente relacionados ao tráfico de drogas, contrabando e descaminho de mercadorias, bem como ao roubo e furto de veículos para trocá-los por pasta de cocaína na Bolívia. Ele observa que muitos profissionais de segurança reconhecem que a pobreza e a necessidade de consumir impulsionam essas atividades ilegais, que são realizadas como forma de sobrevivência na região.

Um ponto interessante levantado é a influência das diferenças cambiais e a distância entre os principais centros comerciais dos dois países, San Matías e Cáceres,

como fatores que podem contribuir para a prática do contrabando e do comércio ilegal. Esses elementos econômicos e geográficos parecem desempenhar um papel significativo na dinâmica do comércio ilegal na região da fronteira.

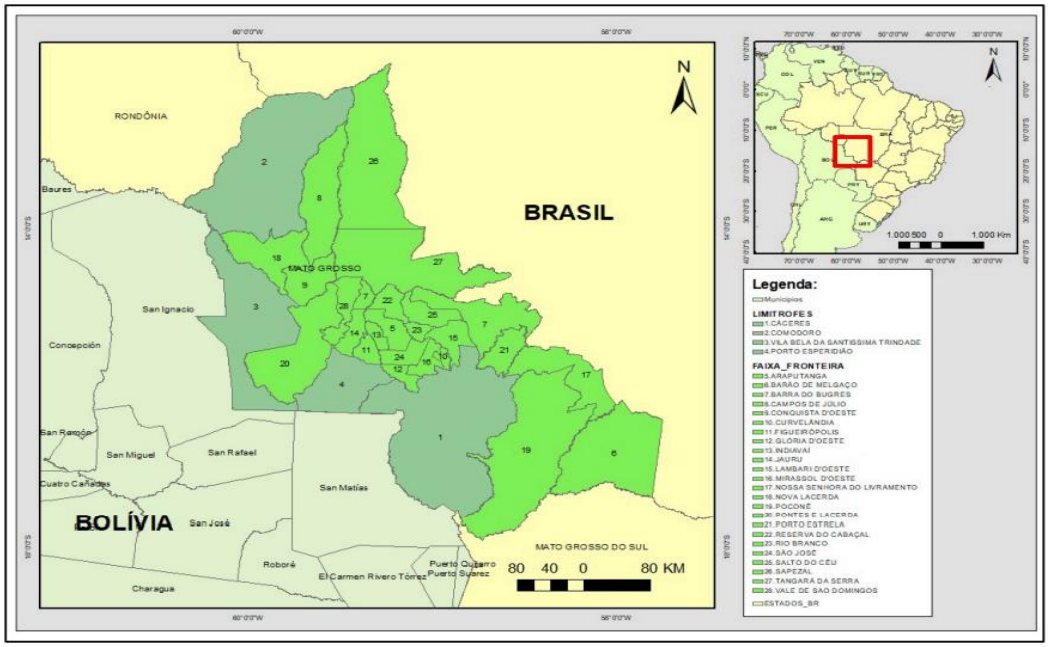
Dessa forma, todas as questões levantadas aqui nos ajudam a analisar a relação entre as línguas portuguesa e espanhola em um mesmo espaço enunciativo.

5.2 A fronteira oeste do Mato Grosso

A fronteira é sempre considerada um espaço de interações sociais, econômicas, culturais e linguísticas, uma simbiose única, uma mistura de diferentes elementos, o que a torna um espaço singular com características próprias, resultado das interações que ocorrem entre os valores dos dois países vizinhos. O Estado de Mato Grosso, no Brasil, tem uma faixa de fronteira de cerca de 980 km, dos quais 750 km correspondem à fronteira seca e 230 km à fronteira hídrica com a Bolívia, dos quais 450 km correspondem à seção central da linha divisória, que é composta por linhas secas e 280 km de corpos d'água (Souza-Higa, 2008). Ao longo da faixa de fronteira brasileira, especificamente nas áreas mais próximas à linha divisória entre os dois países, há uma baixa demografia e uma considerável diversidade de situações ocupacionais, desde assentamentos com a presença de pequenos produtores até grandes propriedades que permanecem como reservas valiosas (Oliveira, 2007). Na fronteira com a Bolívia, a densidade demográfica é ainda menor e as atividades ocupacionais produtivas não têm expressão econômica, restringindo-se à produção de subsistência (Souza-Higa, 2018a).

Mato Grosso tem 28 municípios na faixa de fronteira e 11 municípios na linha de fronteira, com predominância da pecuária, com forte tendência para a agricultura (produção de grãos). A faixa de fronteira brasileira inclui quatro municípios fronteiriços, ou seja, aqueles cujo território faz limite com a própria fronteira: Cáceres, Porto Esperidião, Vila Bela da Santíssima Trindade e Comodoro. Em território boliviano, duas províncias estão localizadas na fronteira: Velasco e Angel Sandoval, ambas pertencentes ao departamento de Santa Cruz. A província de Velasco inclui os municípios de San Ignacio de Velasco, San Miguel e San Rafael. A província de Angel Sandoval, por outro lado, inclui apenas o município de San Matías, que faz fronteira com Cáceres e atualmente são cidades gêmeas, como mostra a figura abaixo.

Figura 39 Municípios vizinhos e faixa de fronteira Brasil - Bolívia



Fonte: Silva e Nora (2022), com base em Brasil (2020).

As fronteiras segundo Oliveira (2015, p. 235):

> [...] foram e serão sempre um elemento chave de diferenciação, comunhão e comunicação, interpondo-se entre a ordem e a desordem, entre o formal e o funcional, abraçando, nem sempre com equilíbrio, as regras e os ritos socioculturais conexos e desconexos. Não são e não podem ser lidas como linhas adsorventes, visto que são trementes, pois oscilam ao hospedar apetrechos comunitários distintos, com interesses múltiplos associados e refletindo uma territorialidade [...].

Todo o território brasileiro passou por vários movimentos nos diferentes tratados e acordos que ocorreram ao longo da construção territorial do Brasil.

As fronteiras do Brasil foram moldadas em diferentes momentos históricos, incluindo: o Tratado de Tordesilhas (1494), as Capitanias Hereditárias (1534), o Movimento das Bandeiras Paulistas, o Tratado de Madri (1750), a Inconfidência Mineira (1789), o início da República (1889), os Territórios de Fronteira (1943) e a Constituição Pós-Federal (1988). (Pêgo *et al*., 2017).

Todos os movimentos são o resultado de diferentes períodos históricos ao longo do processo de formação territorial do Brasil. De acordo com Figueredo (2016),

> [...] a análise da formação territorial brasileira está intrinsecamente comprometida com uma visão interligada dos processos e circunstâncias que moldaram, no tempo e no espaço, seu povoamento, a ocupação econômica de seu território e a ação do Estado no Brasil. Com efeito, pode-se afirmar que, no caso brasileiro, as histórias geopolítica e geoeconômica estiveram fortemente entrelaçadas na sua formação territorial, pautadas pela própria continentalidade e diversidade regional características do País. (Figueiredo, 2016, p. 39).

A ocupação portuguesa começou no século XVI e moldou o território ao longo da costa sudeste e nordeste. Nos séculos seguintes, impulsionados por diferentes ciclos econômicos, os portugueses exploraram as áreas a oeste, em direção ao Mato Grosso, no centro da América do Sul. Dessa forma, a fronteira brasileira foi reconfigurada várias vezes ao longo dos últimos séculos, com ênfase nas áreas ao sul do país e ao norte, onde o território nacional se expande ou recua (Figueiredo, 2016).

O Brasil possui uma faixa de fronteira de cerca de 16.900 quilômetros de extensão, onze Unidades da Federação (UF) e 588 municípios divididos em sub-regiões, onde vivem cerca de 11,7 milhões de pessoas, sendo que essa imensa área corresponde a aproximadamente 27% do território nacional (BRASIL, 2010a). A diversidade territorial se apresenta em uma variedade de intensidades sociais, econômicas e culturais ao longo da faixa de fronteira com outros nove países e um território ultramarino (francês) na América do Sul.

De acordo com dados do Ministério da Integração Nacional (MI), toda a extensão territorial da fronteira terrestre brasileira está dividida em três grandes arcos: Norte, Centro e Sul. As UFs que compõem o arco Norte são: Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, enquanto as UFs que compõem o arco Central são: Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e no arco Sul estão: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (BRASIL, 2005), vide figura abaixo.

Figura 40 Mapa: arcos de fronteira do Brasil



Fonte: Carneiro Filho e Câmara (2019).

Dados apresentados pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA) mostram que os três arcos têm características diferentes. O arco norte é caracterizado pela presença da floresta amazônica, o arco central está intimamente ligado à fronteira agrícola e o arco sul tem sua base produtiva nas culturas de milho, trigo e soja e a presença marcante do agronegócio (BRASIL, 2019). Assim, de todo esse mosaico territorial ao longo da fronteira brasileira, o arco sul é o que mais se destaca pelo seu grande dinamismo socioeconômico. Vale ressaltar que as áreas dos outros dois arcos possuem populações menores e barreiras naturais, como a Floresta Amazônica e, no arco Central, o Pantanal.

O arco central, na fronteira entre Mato Grosso e Bolívia, é caracterizado, de acordo com Gatti (2011, p. 74), por,

> [...] grande diversidade de paisagens resultantes de diferentes modos de ocupação e pela busca de sobrevivência de suas comunidades

> resultantes de estruturas produtivas com características específicas ditadas, pela herança sociocultural e, pela ação do capitalismo, que de forma seletiva e cheia de desigualdade tem permeado este espaço.

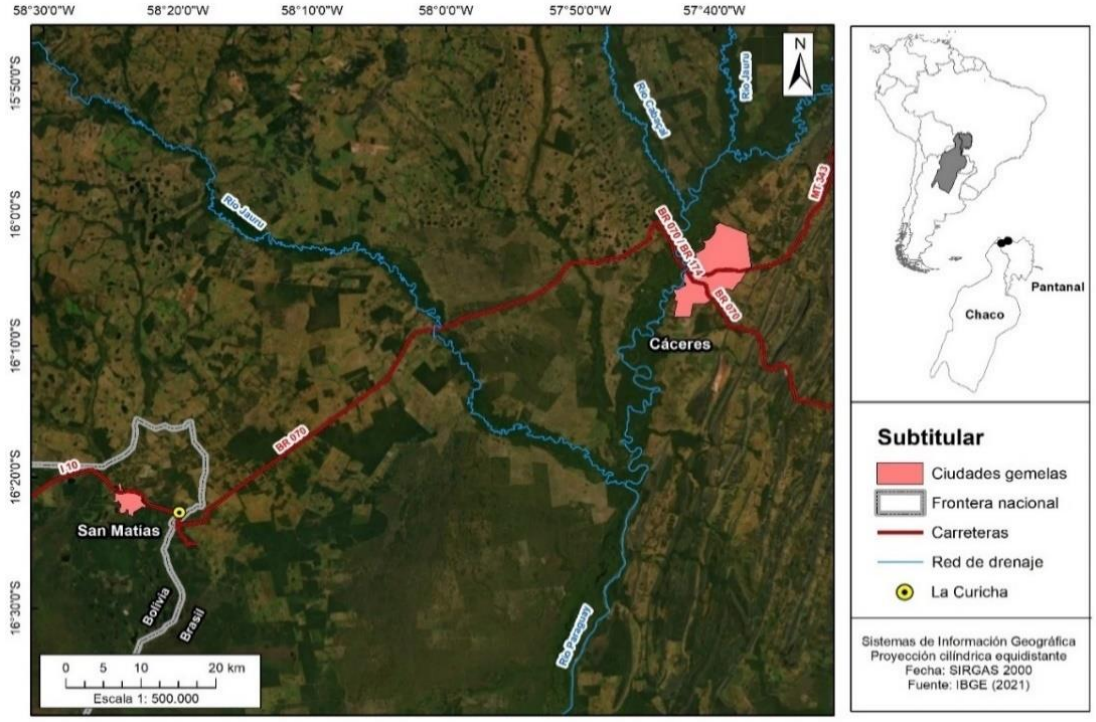
Assim, os espaços dessa fronteira são heterogêneos em relação à faixa de fronteira brasileira. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizou um estudo em 2016, com base na concentração populacional, referente aos "arranjos fronteiriços" correspondentes:

> A arranjos populacionais formados por unidades político-administrativas localizadas na fronteira internacional do Brasil e de países vizinhos que apresentam contiguidade da mancha urbanizada e movimento pendular para trabalho e estudo (Pêgo, *et al*., 2019, p. 41).

Foram classificadas recentemente de cidades gêmeas de Cáceres e San Matias – Bolívia, já que a distância entre ambas é de 100 km, como veremos na figura a seguir, tendo em conta que essa classificação leva em consideração o,

> Acordo transfronteiriço firmado pelos municípios, em abril de 2013, quando foi criado o Comitê de Integração Bilateral Cáceres/San Matías. Esse reconhecimento e o acordo prescindem a necessidade da articulação física dos centros, mas impõem o estabelecimento de ações conjuntas voltadas ao desenvolvimento e a aspectos políticos, econômicos e culturais (Pêgo *et al*., 2019, p. 23).

Figura 41 Mapa das Cidades Gêmeas Cáceres/MT Brasil - San Matías/AS Bolívia



Fonte: Elaboração própria com base em dados do IBGE (2021).

As cidades gêmeas de Cáceres, no estado de Mato Grosso/Brasil, e San Matías, na província de Ángel Sandoval/Bolívia, compartilham uma fronteira seca de 100 km, como mostra o mapa acima, com uma base do Gefron/Cáceres bem no ponto de Corixa, sem mencionar que compartilham uma fronteira com uma natureza exuberante, de um lado o Chaco[82]/Bolívia e do outro a maior planície inundável do mundo, o Pantanal[83]/Brasil.

Figura 42 Pantanal - Cáceres



Fonte: Ronivon Barros (2023)

Souza-Higa (2008) destaca que as condições socioeconômicas dessa área de fronteira estão ligadas aos deslocamentos diários que ocorrem por diversos motivos, em busca de comércio, saúde e educação. Da mesma forma, (2009, p. 54) que

> [...] a fronteira agrega especificidades que demandam no mínimo ações conjuntas dos países envolvidos, pois as condições de existência na fronteira tocam a todos que residem nestas áreas, portanto a fronteira é uma zona constante de fluxos e complementaridades e a educação cumpre um papel fundamental na integração.

[82] **Gran** Chaco: a maior floresta tropical seca da América do Sul, o Chaco está correndo sério risco de extinção antes mesmo de as pessoas perceberem que ele existe. A ecorregião se estende por 800.000 km², cobrindo partes da Argentina, Bolívia, Paraguai e uma pequena porção do Brasil, e é o lar de uma grande diversidade de povos indígenas, como os Ayoreo, Chamacoco e Wichie, entre muitos outros. É também o lar de espécies endêmicas e raras de flora e fauna. No entanto, apenas 9% do bioma é protegido. Disponível em: https://ecoa.org.br/gran-chaco-o-bioma-esquecido/ . Acessado em: 09/04/2023.

83 O Pantanal é uma grande área continental alagada (168.000 km² no Brasil), com partes menores tocando a Bolívia ao norte e o Paraguai ao sul. Por estar localizado no centro-oeste do país, é uma área onde convergem diferentes províncias fitogeográficas, como a Amazônia, os Cerrados, o Chaco boliviano e o Atlântico. Portanto, o Pantanal é uma área extremamente heterogênea, com características diferentes em cada região. Disponível em: https://paisagensdobrasil.ibb.unesp.br/pantanal.php . Acessado em: 09/04/2023.

Para Souza-Higa (2018b: 43), os municípios e províncias vizinhos possuem características diferentes quando comparados seus espaços históricos, políticos e econômicos. Ao analisar a área de fronteira da Bolívia, o autor também aponta:

> Em relação à Bolívia, a área da faixa de fronteira com Mato Grosso exibe uma relativa uniformidade em termos econômicos, pois, em toda sua extensão, predominam a agricultura de subsistência e a intensa exploração madeireira voltada para a exportação, em sua maioria na forma de tora e sem nenhum valor agregado. Ademais, dispõe, em geral, de pouca infraestrutura e poucos investimentos estatais ou, mesmo, privados (Souza-Higa, 2018b, p. 43).

O município de Cáceres destaca-se no cenário regional Centro-Sul de Mato Grosso, como o principal prestador de serviços da região, sendo que a grande maioria dos moradores das cidades que compõem a faixa de fronteira busca produtos e serviços relacionados ao comércio, à saúde e à educação. Segundo dados do IBGE (BRASIL, 2010a), contava com uma população de 87.942 habitantes, e agora em 2021, a população estimada é de 95.339 habitantes, cerca de 87% vivem na área urbana e 13% na área rural (BRASIL, 2010a), além de "se destacar como a unidade com melhor logística e maior expressividade econômica" na faixa de fronteira (Souza-Higa, 2018 : 44).

O processo migratório é intenso na região de fronteira, especialmente entre os municípios de Cáceres e San Matías. Segundo dados do IPEA (2020), Cáceres tem uma população estrangeira de cerca de 410 habitantes, o que corresponde a 0,4% do total de residentes no município, além da população que vive em movimentos pendulares, especialmente em busca de serviços essenciais como saúde e educação. Dados do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) indicam que, em 2019, cerca de 1.146 imigrantes entraram em Mato Grosso e, em 2020, cerca de 338 (Cavalcanti, et al., 2020). Como mencionado acima, esses números nem sempre são precisos.

Na fronteira, o Gefron (Grupo Especial de Fronteira) tem cinco bases, em Porto Esperidião, Cáceres, Corixa, Avião Caído e Matão. E de acordo com o site da SEDUC/MT

> A vulnerabilidade da fronteira Oeste representa fator considerável nas estatísticas criminais de Mato Grosso e de vários outros estados da federação. Daí a necessidade de uma intervenção imediata e intensa capaz de reduzir, a curto prazo, as atividades ilegais desenvolvidas na

> região. O Grupo Especial de Fronteira (Gefron) foi criado no Estado de Mato Grosso no dia de 13 de março de 2002, através do Decreto Estadual nº 3994, que prevê a instalação e implementação de sua estrutura no prazo máximo de dois anos. No decreto, está previsto ainda o trabalho integrado da Polícia Militar, Polícia Civil e Corpo de Bombeiros Militar. O Gefron tem a missão de apoiar os órgãos federais responsáveis pela segurança na fronteira do Brasil com a Bolívia dentro do Estado de Mato Grosso, desencadeando na região, operações sistemáticas de prevenção e repressão ao tráfico de drogas, contrabando e descaminho de bens e valores, roubo e furto de veículos e invasões de propriedades.

A descrição detalhada das bases e da missão do Grupo Especial de Fronteira (Gefron) na região de fronteira de Mato Grosso destaca a importância do Gefron na redução de atividades ilegais, como tráfico de drogas, contrabando e roubo de veículos, entre outras. O trabalho do Gefron é contextualizado como uma resposta à vulnerabilidade da fronteira, que tem um impacto nas estatísticas de criminalidade não apenas em Mato Grosso, mas também em outros estados da federação.

Ela também destaca a abordagem integrada do Gefron, que envolve a colaboração da Polícia Militar, da Polícia Civil e do Corpo de Bombeiros Militar. Essa cooperação entre diferentes instituições é considerada essencial para o sucesso das operações nessa fronteira.

Podemos observar o uso de linguagem técnica e formal, adequada ao espaço da fronteira oeste de Mato Grosso, o uso de vocabulário especializado como "tráfico de drogas", "contrabando", "contrabando de mercadorias", o que indica um público-alvo familiarizado com termos pejorativos de segurança de fronteira.

Em resumo, é uma visão geral clara e direta do trabalho do Gefron e de sua importância para a segurança da fronteira. Destacando a vulnerabilidade da fronteira oeste de Mato Grosso.

Passaremos agora a uma análise documental em que verificamos como a língua portuguesa está em funcionamento no espaço de enunciação das cidades-gêmeas de Cáceres/San Matías com base no documento produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), fundação pública federal vinculada ao Ministério da Economia. Suas atividades de pesquisa dão suporte técnico e institucional às ações governamentais para a formulação e reformulação de políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros, e tem promovido pesquisas para que Cáceres/San Matías entre na lista de cidades gêmeas.

5.3 Análise documental: a relação entre os idiomas na fronteira com base no relatório do IPEA

Nesta parte do trabalho, tentaremos aprofundar nosso conhecimento sobre a relação entre a língua portuguesa brasileira e a língua espanhola boliviana na fronteira oeste de Mato Grosso, tomando o documento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) como material norteador de nossa pesquisa. Esse documento é importante porque representa uma fonte legitimada pelo Estado, ou seja, é um documento oficial que fornece uma visão específica (governamental) das políticas linguísticas e culturais que moldam essa dinâmica linguística na região.

O IPEA aborda questões cruciais relacionadas com a língua e à cultura na fronteira, inclusive como as línguas coexistem, se influenciam mutuamente e refletem a identidade dos habitantes da fronteira. Ao examinar o conteúdo desse documento, podemos obter uma visão mais ampla e, de certa forma, particular[84], das políticas e perspectivas oficiais sobre a dinâmica do idioma nesse ambiente. Após a análise documental, continuaremos com a investigação dos dados quantitativos coletados em nosso estudo de campo. Isso nos permitirá comparar as descobertas documentais com as experiências e percepções reais dos moradores da fronteira, oferecendo um quadro completo da relação entre esses dois idiomas e culturas.

Examinaremos agora seis fragmentos extraídos do Relatório Institucional do IPEA, que tratam da relação entre os idiomas na fronteira entre Cáceres (Brasil) e San Matías (Bolívia). Esses fragmentos são fundamentais, pois desempenharam um papel crucial na implementação da Portaria nº 1.080, de 24/04/2019, do Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR), que oficializou a criação da "cidade gêmea" Cáceres-San Matías. Dessa forma, Cáceres passa a ser a 33ª cidade-gêmea do Brasil. O estudo técnico que avaliou a situação de Cáceres está sendo finalizado na Editora IPEA.

Vamos analisar cada um dos recortes e identificá-los com um código para referência:

R1 - Cidades Integradas; A Cidade Gêmea e o Idioma Falado: Neste ponto, examinaremos como o documento descreve a integração entre as cidades e como as

[84] Torna-se algo de fato interessante dizer que tomaremos aqui um ponto de vista mais amplo e ao mesmo tempo particular. Dizer este “particular” significa aqui dizer que observaremos esta relação linguística a partir de um ponto de vista específico que parte de um documento oficial do Estado brasileiro, ou seja, é um olhar unilateral sobre uma dinâmica que incide sobre duas nações, dois povos.

línguas desempenham um papel nesse processo. Isso pode revelar as dinâmicas linguísticas na fronteira. Aqui, exploraremos como o conceito de "cidade gêmea" está relacionando à língua falada na região. Isso pode lançar luz sobre como as línguas são percebidas como parte integrante da identidade dessas cidades.

R2 - O Idioma Castelhano: A análise deste recorte nos permitirá entender como o documento aborda o idioma castelhano na região e qual é a sua relevância.

R3 - Categoria Identitária Fronteiriça: Neste recorte, abordaremos como o documento do IPEA reconhece a existência de uma categoria identitária fronteiriça na região. Isso pode fornecer informações sobre como os habitantes da fronteira percebem e definem sua identidade em relação às línguas e culturas em jogo.

R4 - Interação Histórica entre os Municípios: Este recorte discutirá a interação histórica entre San Matías e Cáceres. A análise desse aspecto pode revelar como as línguas e culturas se desenvolveram e interagiram ao longo do tempo.

R5 - Obrigatoriedade da Língua Espanhola e Portuguesa no Currículo Escolar: Neste ponto, investigaremos como as línguas espanhola e portuguesa são tratadas no currículo escolar das escolas da fronteira. Isso pode revelar políticas educacionais e suas implicações na aquisição de línguas.

R6 - Cáceres: A Língua Estrangeira é o Inglês: Por fim, exploraremos como o inglês é percebido como língua estrangeira em Cáceres e como isso se relaciona com as línguas locais e as políticas linguísticas.

Passemos agora para as análises dos recortes. Em um primeiro momento, observaremos como se dá a configuração da cena enunciativa e as divisões instituídas pelo agenciamento dos falantes em figuras enunciativas, Locutor (L), alocutor-x (al-x) e, Enunciador (E), que pode ser Genérico, Individual, Universal ou Coletivo; em seguida analisaremos os recortes tomando os procedimentos de articulação e reescrituração. Estes são procedimentos de relação textual que nos permitem observar a produção dos sentidos tanto na contiguidade do enunciado (relações locais entre os elementos da língua em sua contiguidade), a articulação, e as relações transversais que constituem os textos, a reescrituração, que pode se dar por modos diversos redizendo constantemente algo e interpretando como diferente de si (GUIMARÃES, 2007, p. 84). Esse procedimento pode se dar por repetição, substituição, elipse, expansão, condensação e definição.

A língua ao funcionar no acontecimento em um espaço de enunciação específico, agencia os falantes em lugares do e de dizer. Estes lugares se constituem no momento em

que se verifica a configuração da cena enunciativa., ou seja, a cena enunciativa é a descrição desse agenciamento. Desse modo, a cena enunciativa[85] e o espaço de enunciação só se configuram em virtude do acontecimento e assim, no espaço de enunciação, o falante é agenciado em Locutor (L) e alocutor-x (al-x), se constitui a relação de alocução entre L-LT (Locutário), de um lado, e al-x – at-x (alocutário-x), de outro. Consideramos que o relatório é enunciado do lugar de um al-governo federal (IPEA[86] vinculado ao ministério da economia) para um at-nação brasileira, o enunciador se apresenta como universal que fala do lugar da ciência/oficial, mas no documento é possível identificar outros lugares de dizer, como veremos adiante nas análises.

Nessa relação de alocução vamos considerar as relações de argumentação que se apresentam na cena enunciativa. Guimarães (2013, p. 271), diz que a construção argumentativa é "a apresentação pelo alocutor para seu alocutário de uma relação de sentidos que orienta a direção do dizer, considerada como necessária". Tal como ele a considera, o direito a enunciar é dividido no espaço de enunciação, assim a argumentação é tomada como política, definida por Guimarães (2002) como um modo de sustentar o que se enuncia, a partir de um lugar social de dizer, para seu alocutário.

O que veremos nos recortes do material do IPEA é uma série de acontecimentos que mudaram a cidade de Cáceres, fundada em 6 de outubro de 1778, às margens do Rio Paraguai. Durante séculos, a maior cidade da microrregião do Alto Pantanal, passou por mudanças profundas que a significaram e a ressignificaram. Uma das mudanças que se destacam foi no ano de 1883, com o assentamento na Praça da Matriz, atual Barão do Rio Branco, o Marco do Jauru, comemorativo do Tratado de Madrid, de 1750. Junto com a Catedral de São Luís — cuja construção teve início em 1919, mas só foi concluída em 1965 —, os dois monumentos estão até hoje entre os principais atrativos turísticos da cidade. Um acontecimento que recorta na história uma das iniciativas do pertencimento dessa região à coroa portuguesa, lembrando que antes pertencia a coroa espanhola. Partindo desse

[85] Segundo Guimarães (2002, p. 23), "Uma cena enunciativa se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra, dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas". Assim, a cena enunciativa é uma configuração e especificação do espaço de enunciação.

[86] Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – ipea 2020, está vinculado ao Governo Federal Ministério da Economia, Ministro Paulo Guedes. A Fundação pública vinculada ao Ministério da Economia, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos. Portaria nº 1.080, de 24/04/2019, do MDR, foi publicada no *Diário Oficial da União* de 29 de abril. Com isso, Cáceres passa a ser a 33ª cidade-gêmea no Brasil. Foi por essa portaria do Ministério do Desenvolvimento Regional que contemplou o município de MT foi embasada por estudo técnico solicitado ao Ipea.

ponto podemos observar nos recortes abaixo, acontecimentos enunciativos que irão tratar desse lugar da relação entre Cáceres/MT Brasil e San Matias/AS Bolívia. Vejamos, então, os recortes de fato.

> **R1** "De acordo com Nelci Longhi[87], **a cidade gêmea**, pelo **convívio de situações semelhantes**, a **ligação pelo rio**, criou a condição de existência, que **liga fortemente as pessoas e os países**. Segundo a entrevistada, há situações que tornam as **cidades integradas** precariamente, apresentam integração econômica – mesmo que precária –, como na economia – brasileiros moram, são proprietários e criam gado lá –, na cultura, inclusive com infraestruturas precárias. **Em Cáceres**, no camelódromo, os comerciantes são majoritariamente bolivianos. No comércio formal ou informal que existe, e que estabelece isso também. **O idioma é uma mescla, o portunhol"**. (IPEA, 2020, p. 71). Grifos nossos.

O recorte acima extraído do material do IPEA[88], apresenta os dizeres de Nelci Longhi, que foi Secretária de Planejamento da Prefeitura de Cáceres (na época). Esse acontecimento, que se configura no espaço de enunciação do Português do Brasil, apresenta uma relação de analogia. A cena enunciativa do estudo técnico do IPEA, que será posteriormente analisado de modo específico, se configura por agenciar um Locutor fundação (IPEA), e seu Locutário. Neste recorte podemos observar a seguinte enunciação: *"*a cidade gêmea, pelo convívio de situações semelhantes, a ligação pelo rio, criou a condição de existência, que liga fortemente as pessoas e os países, há situações que tornam as cidades integradas; Em Cáceres; O idioma é uma mescla, o portunhol." Ou seja, o recorte significa diretamente o lugar da fundação que agencia um alocutor-secretária de planejamento da Prefeitura de Cáceres cujo correlato é significado como os fronteiriços (sociedade brasileira) e, de modo particular, uma zona de fronteira. Tem-se então um alocutor-secretária de planejamento que enuncia para um alocutário-sociedade

[87] Secretária de Planejamento da Prefeitura de Cáceres.

[88] Estudo técnico sobre a viabilidade de criação da "Cidade Gêmea" Cáceres (Brasil) – San Matías (Bolívia) Este relatório se compõe dos resultados de pesquisa de campo, apoiada em informações estatísticas e referencial bibliográfico. Constrói detalhadamente um diagnóstico sobre as relações intermunicipais (transfronteiriças) e seus principais limitantes, assim como aponta possíveis ganhos a partir de processo mais articulado e institucionalizado de gestão compartilhada. Por último, finaliza com o parecer técnico solicitado. Detentor dos direitos autorais: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR). Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9904 . Acesso: 10/05/2021.

brasileira. Quanto ao enunciador, podemos considerar um enunciador individual que fala do al-x-secretária de planejamento e se apresenta como ali numa entrevista ao IPEA.

O IPEA faz parte dessa cena enunciativa, pois é pelo instituto que se faz conhecer o que diz a secretária. Ou seja, temos uma relação de apresentação e que há uma relação de alusão pelo qual um enunciador alude um outro.

Temos ainda um sintagma nominal "a cidade gêmea", que se apresenta enquanto uma enunciação conhecida, uma enunciação do passado de reconhecimento por proximidade (já que esses municípios Cáceres/San Matias de fronteira estão distantes das capitais), e aqui vem funcionando uma enunciação de todos para todos. Assim o que se diz do lugar do alocutor-Estado é apresentado como algo que integra a história dos fronteiriços da microrregião do Alto Pantanal. Isso é particularmente relevante para os municípios de Cáceres e San Matias, que estão distantes das capitais e, portanto, têm uma identidade própria que não é necessariamente moldada pelas influências das grandes cidades. Isso sugere que a "cidade gêmea" se tornou uma forma de significação na/da história e identidade dos habitantes locais da microrregião do Alto Pantanal.

Essa análise nos mostra como as palavras podem ter significados ao se darem em acontecimentos enunciativos específicos, em ambientes locais e regionais, refletindo a rica complexidade das interações linguísticas e culturais na fronteira Oeste do Mato Grosso. Essa compreensão mais profunda da linguagem e da identidade é fundamental para nossa análise completa da dinâmica linguística nessa região.

Na enunciação desse recorte o que vem representado por "cidade gêmea", Guimarães (2009), vai chamar de "um grupo nominal (GN)". Temos nesse GN uma articulação de coordenação, ela "é aquela que toma elementos de mesma natureza e os organiza como se fossem um só da mesma natureza de cada um dos constituintes" (GUIMARÃES 2009, p.51). É interessante que nessa relação esses GN, ao funcionarem, constrói/constroem a unidade textual[89].

Nessa articulação, o presente do acontecimento produz sentidos sobre aquilo que se considera como bom para Cáceres. Isto é, Cáceres passa a se tornar "cidade gêmea" *pelo convívio de situações semelhantes, a ligação pelo rio, criou a condição de existência, que liga fortemente as pessoas e os países, há situações que tornam as cidades*

[89] "a organização das contiguidades linguísticas se dá como uma relação local entre elementos linguísticos, mas também e fundamentalmente por uma relação do Locutor (enquanto falante de um espaço de enunciação) com aquilo que ele fala". (Guimarães, 2009, p.51)

integradas, Consideramos que o GN "Cidade Gêmea" é determinado nesta articulação ao coordenar elementos de mesma natureza em sua contiguidade.

Percebe-se, através do procedimento de articulação e reescrituração, apresentado neste enunciado, um sentido de similitude marca este presente acontecimento.

Considerando-se que cidade gêmea aparece como um passado de enunciações do grupo nominal cidade gêmea (enunciada em muitas zonas de fronteira no Brasil, significando-as por maneiras distintas), são municípios de fronteira que se caracterizam pela integração urbana, econômica, social, cultural e linguístico com outro município de um país vizinho, neste caso com San Matias/Bolívia, e que o presente do acontecimento articula ao idioma dessa cidade gêmea/Cáceres. Isto projeta um futuro no qual não só se poderá dizer que Cáceres é uma cidade gêmea (pelo memorável significado por municípios de fronteira/ um do lado do outro/ semelhantes), mas é também uma cidade que tem o portunhol como um dos idiomas.

Nesse acontecimento de linguagem, o presente do acontecimento abre sua latência de futuro pelo sentido de "cidade gêmea", isto é, se constrói a possibilidade de enunciações futuras que significam "a Cidade gêmea, Cáceres é uma Cidade integradora e tem como um dos idiomas o portunhol". Isto pode ser considerado a partir da possibilidade da paráfrase abaixo, relativamente ao enunciado em análise. Esta paráfrase distingue o passado da enunciação de *cidade gêmea*, e a enunciação, a ela articulada, de *cidade integradora e que tem o idioma portunhol*:

- ✓ (P) Cáceres, a cidade gêmea, é uma cidade integradora e tem o idioma portunhol.

Desse modo, esse acontecimento de linguagem, o Relatório Institucional Estudo técnico sobre a viabilidade de criação da "cidade gêmea" Cáceres (Brasil) – San Matías (Bolívia), no presente do acontecimento, faz significar uma relação entre *cidade gêmea*, como uma cidade que valoriza a integração urbana, econômica, social, cultural e linguística. Assim temos, "cidade gêmea" que determina Cáceres assim como determina San Matias, que funciona como um não-dito que, no entanto, significa no acontecimento.

A análise destaca a importância do Relatório Institucional Estudo Técnico sobre a viabilidade de criação da "cidade gêmea" Cáceres (Brasil) - San Matías (Bolívia) como um acontecimento linguístico que molda a percepção e a identidade das cidades

envolvidas. No presente desse acontecimento linguístico, o GN “cidade gêmea” adquire um significado profundo que vai além do simples aspecto geográfico. Se tornando um símbolo de integração urbana, econômica, social, cultural e acima de tudo linguístico entre Cáceres e San Matías. Isso indica que esse termo não apenas descreve, mas também determina a identidade dessas cidades, estabelecendo uma relação intrínseca entre elas.

Em R1 a secretária de Planejamento da Prefeitura de Cáceres, disse na época que “O idioma é uma mescla, o portunhol”, onde relata a “cidade gêmea, pelo convívio de situações semelhantes”. Vejamos como ficaria a paráfrase:

- ✓ (P) O idioma, o portunhol, é uma mescla

Com a paráfrase acima, “O idioma, o portunhol, é uma mescla”. Se portunhol reescritura idioma, então idioma reescritura portunhol. E o que se busca analisar é o sentido de portunhol. Por outro lado idioma é reescriturado por definição por é uma mescla.

Então, se observamos os recortes acima, no presente do acontecimento, a palavra **Portunhol** determina o idioma da cidade gêmea. O presente do acontecimento alia então a memória e projeção de interpretação como “mistura de português e espanhol” ou “mescla”, que vem projetando uma temporalidade presente no novo sentido na palavra **Portunhol**. Observa-se a palavra **Portunhol** sendo remitida pelo (GN) pois é uma palavra que une dois termos por aglutinação PORTUguês e espaNHOL. Neste caso, se portunhol reescritura idioma, então idioma reescritura portunhol. E o que se busca analisar é o sentido de portunhol. Por outro lado idioma é reescriturado por definição por é uma mescla. Assim o que se tem é um discurso que aparece num documento legal do IPEA que fala do lugar do estado.

Do discurso de Nelci Longhi, ex-secretária de Planejamento da Prefeitura de Cáceres, podemos destacar várias informações importantes sobre a relação entre as cidades gêmeas de Cáceres e San Matías, na fronteira entre o Brasil e a Bolívia.

i. *Cidades gêmeas e laços fortes*. De acordo com Longhi, as cidades gêmeas são caracterizadas pela coexistência de situações semelhantes e são unidas pelo rio que as separa. Essa coexistência cria uma condição de existência que liga fortemente pessoas e países. Isso indica que as

cidades têm um relacionamento especial e histórico que vai além das fronteiras nacionais.

ii. *Integração econômica e cultural*. Embora a integração entre as cidades seja precária em alguns aspectos, Longhi destaca que há integração econômica, ainda que precária. Isso inclui brasileiros que vivem, possuem terras e criam gado em San Matías, evidenciando uma interconexão na economia local. Além disso, a cultura também é mencionada como um ponto de integração entre as cidades.

iii. *Presença boliviana no comércio*. O discurso menciona que em Cáceres, no mercado de rua (camelôs), a maioria dos comerciantes é boliviana. Isso indica uma presença significativa da comunidade boliviana na cidade, especialmente no setor comercial. Essa presença contribui para a dinâmica cultural e econômica da região.

iv. *Idioma como uma mistura (portuñol).* O Secretário de Planejamento descreve o idioma falado na região como uma "mistura" e usa o termo Portuñol para descrevê-lo. Isso reflete a dinâmica linguística na fronteira oeste do Mato Grosso, onde as pessoas podem misturar elementos do português e do espanhol na comunicação diária. Isso reflete a dinâmica linguística na fronteira oeste do Mato Grosso, onde as pessoas podem misturar elementos do português e do espanhol em sua comunicação diária. Esse fenômeno linguístico é uma característica distintiva da convivência na fronteira e é visto como uma prática linguística presente nessa região.

Em resumo, o discurso de Nelci Longhi destaca a complexa relação entre as cidades gêmeas de Cáceres e San Matías, enfatizando a integração econômica, cultural e linguística, bem como a presença significativa da comunidade boliviana na região. A referência ao portunhol ilustra como os idiomas se adaptam e se misturam nesse espaço fronteiriço.

Essa análise mostra como as palavras e expressões podem assumir significados mais amplos e simbólicos em ambientes específicos, influenciando a maneira como as pessoas são afetadas por/contra e se relacionam com suas cidades e identidades culturais.

Essa é uma perspectiva interessante para entender o impacto da linguagem na construção de identidades e relações sociais. Passemos à análise do trecho a seguir:

> **R2** Há poucas informações estatísticas disponíveis sobre **San Matías**, mas o INE-BO disponibiliza um quadro-síntese municipal, a Ficha Resumo do Censo de População e Habitação 2012,16 que permite tecer considerações sobre as condições socioeconômicas do município. Cabe chamar atenção que essa ficha considera os dados do censo de 2012, e não a população estimada para 2017 (15.845 habitantes), por esse instituto. [...] O **idioma predominante** é o **castelhano**, mas 2,7% falam em **idioma estrangeiro**, além de **quéchua, aymara e guarani**, porém em proporções menores que 1%. [...] San Matías: dados gerais da população por sexo (2012) População que **aprendeu a falar em castelhano** 11.833. População que **aprendeu a falar em idiomas estrangeiro** 349. (IPEA, 2020, p. 41). Grifos nossos.

O documento do IPEA traz alguns dados do INE-BO que diz sobre San Matías, vai dizer que "o idioma predominante é o castelhano, mas 2,7% falam em idioma estrangeiro, além de quéchua, aymara e guarani, porém em proporções menores que 1%". Esse dado nos faz observar que durante as entrevistas muitos colaboradores se identificavam falantes de língua castelhana, inclusive depois das entrevistas por muitas vezes comentaram que castelhano é falado na Bolívia e espanhol na Espanha, sem levar em conta que são sinônimos, mas eles sempre reforçavam "na Bolívia falamos castelhano e na Espanha se fala o espanhol" veremos melhor nas análises mais a frente. Portanto os dados apresentados pelo governo boliviano se dão num acontecimento que traz em sua constituição um memorável funcionando neste presente e que recorta o acontecimento da colonização ao "falar espanhol"[90], uma vez que o termo "espanhol" remete à colonização".

A análise desse recorte do documento do IPEA é bastante relevante para compreendermos as dinâmicas linguísticas na região de San Matías e como elas se relacionam com as percepções e identidades dos moradores locais. O fato de o documento mencionar que o idioma predominante em San Matías é o "castelhano" e que apenas 2,7%

[90] Na América do Sul, há o costume de chamar a língua de castelhano, já que o termo "espanhol" remete à colonização. Apesar de muitas semelhanças, o espanhol da América Latina apresenta diversas variações de expressões, gírias e ortografias. Disponível em: https://blog.descubraomundo.com/intercambio/diferencas-entre-o-espanhol-dos-paises-da-america-latina/ . Acesso: 05/05/2023.

da população fala em “idioma estrangeiro” é interessante. Isso destaca a predominância do espanhol como língua principal na região. No entanto, também é notável que a população local faz uma distinção entre “castelhano” e “espanhol”, associando o primeiro à Bolívia e o segundo à Espanha. Isso pode ser um exemplo de como as identidades linguísticas são moldadas por fatores históricos, culturais e políticos, e por um já dito.

É importante notar que, na prática linguística, “castelhano” e “espanhol” são termos intercambiáveis para se referir à mesma língua. No entanto, as pessoas muitas vezes atribuem significados/sentidos culturais e identitários a esses termos com base em suas experiências e espaço social. Essa observação destaca como a linguagem é intrinsecamente ligada à identidade cultural e como as percepções linguísticas podem variar significativamente de acordo com o espaço cultural e histórico. É um ponto importante a ser considerado em nossa análise das dinâmicas linguísticas na região de fronteira. Veremos agora R3:

De acordo com Gayoso (2013) citado no IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Entendemos a citação como:

> **R3** [...]**categoria identitária fronteiriça**, “os boliveiros”, filhos de pais bolivianos que apenas nascem no Brasil, mas continuam vivendo na Bolívia, e que se beneficiam dos serviços de saúde pública e programas sociais oferecidos pelo governo brasileiro (Gayoso, 2013, p. 32). Na educação, temos alunos nascidos na Bolívia e os que nascem aqui, para ter a cidadania brasileira (IPEA, p.24 e 74).

Pode-se dizer que filhos de bolivianos nascidos no Brasil é reescriturado[91] por substituição “boliveiros”. Desse modo, podemos pensar nas seguintes paráfrases:

- ✓ (P) Existe uma categoria identitária fronteiriça para os filhos dos bolivianos que nascem no Brasil, os boliveiros.
- ✓ (P) Filhos nascidos no Brasil determina brasileiros.

[91] Ver Guimarães (2005) “Reescrituração é o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente desi. Este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado”.

- ✓ (P) Filhos nascidos no Brasil de pais bolivianos residentes em Cáceres determina brasileiros.
- ✓ (P) Filhos nascidos no Brasil de pais bolivianos não residentes em Cáceres determina boliveiros.

Verifica-se que o fato de nascer no Brasil não é determinante para ser brasileiro, já que, crianças nascidas no Brasil de pais bolivianos não residentes no Brasil não são brasileiras. Podemos dizer, ainda, que também não são bolivianas, estes são designados pela junção dos nomes Bolívia e Brasil: [BOLIVianos] + [brasilEIROS] – BOLIVEIROS e é determinada por ser uma "categoria identitária fronteiriça"; criando desta forma, uma Formação Nominal pela predicação - NÃO SER RESIDENTE, e sustentada pelo acordo de Cidades Gêmeas. Assim, um cidadão nascido no Brasil, filho de pais bolivianos não residentes no país brasileiro, se não for de San Matias (Zona de Fronteira/Cidade Gêmeas) não é boliveiro, mas sim boliviano. Evidenciando uma assimetria na fronteira oeste onde brasileiros entrevistados todos nasceram no Brasil e já os bolivianos partes nascem em San Matias e outra em Cáceres/Brasil e eles só nascerem e não tiverem residência em Cáceres são boliveiros e não brasileiros.

Essa citação do termo "os boliveiros" e a descrição deles como filhos de pais bolivianos que nascem no Brasil, mas continuam vivendo na Bolívia, oferecem uma visão interessante das complexidades da identidade na fronteira. Esses indivíduos são um exemplo de como as fronteiras geográficas nem sempre correspondem às fronteiras culturais, sociais e identitárias. A ideia de "boliveiros" sugere uma identidade híbrida, na qual essas pessoas têm conexões tanto com o Brasil quanto com a Bolívia. Eles nascem no Brasil, o que lhes confere automaticamente a cidadania brasileira, mas muitos continuam vivendo em San Matias/ Bolívia, onde podem ter ligações culturais e familiares profundas.

Essa situação também é mencionada em relação à educação, com alunos que nascem na Bolívia e outros que nascem no Brasil para obter a cidadania brasileira. Isso destaca como as questões de identidade, cidadania e nacionalidade podem ser complexas em áreas de fronteira, onde as pessoas podem viver em um país, mas ter ligações significativas com o país vizinho. A compreensão dessas identidades fronteiriças são também elementos que se constituem como que fundamentais para que possamos considerar as dinâmicas linguísticas e culturais na região da fronteira Oeste do Mato

Grosso. Ela também demonstra como as políticas públicas, os serviços de saúde e programas sociais, podem ter impacto nessas identidades e nas escolhas das pessoas em relação à sua residência e cidadania. Vejamos agora o recorte **R4**:

> **R4** [...] Existe uma **interação histórica entre os dois municípios**, pois os vínculos de San Matías e Cáceres são seculares. Tanto é que San Matías é uma cidade bilíngue.
> [...] Victor Hugo explicou que os vínculos entre San Matías e Cáceres são seculares. Até Cuiabá tem descendentes de povos chiquitanos. San Matías é bilíngue. E existem vários acordos de segurança. (IPEA, 2020: 96 -136). (IPEA, 2020, p. 96 e 136).
> [...] Socorro Araújo faz referência a um senso comum em Cáceres, […] Que o brasileiro olha como colonizador para o boliviano, como os Estados Unidos olham o Brasil. Nós somos o superior e os bolivianos o inferior. E que em Cáceres é muito comum um discurso construído de que os bolivianos dão prejuízos/despesas a Cáceres, beneficiam-se das políticas públicas (saúde e educação), e não pagam impostos. Apenas se beneficiam das políticas públicas, sem serem brasileiros. Essas coisas existem na cidade. (IPEA, 2020, p. 80).

Importante observar em **R4** que o recorte não diz sobre Cáceres ser uma cidade bilíngue, e levando em conta o que está posto acima, se observa é que os vínculos que ligam San Matías e Cáceres são seculares, antigos e que, no entanto, somente San Matías é considerada pelo IPEA com uma cidade bilíngue. Essa passagem, também destaca a dinâmica entre o discurso e a identidade social (senso comum) segundo a entrevista Socorro, evidenciando como as narrativas locais constroem uma imagem hierárquica entre brasileiros e bolivianos, comparando essa relação à dinâmica entre os Estados Unidos e o Brasil. Ela também revela a formação de estereótipos negativos sobre os bolivianos, retratando-os como dependentes dos serviços públicos sem contribuir financeiramente, o que influencia a percepção coletiva sobre sua integração na comunidade. Podemos desdobrar esta sequência em seguintes paráfrases:

- ✓ (P) A cidade de Cáceres e San Matías são seculares.
- ✓ (P) Cáceres não é uma cidade bilíngue.
- ✓ (P) San Matías é uma cidade bilíngue.
- ✓ (P) Brasileiro é visto como colonizador.
- ✓ (P) Boliviano é visto como colonizado.

A afirmação de que San Matías é uma cidade bilíngue destaca a profunda interação histórica entre San Matías e Cáceres, municípios que compartilham uma fronteira. Aqui estão algumas implicações dessa afirmação:

i. *Vínculos históricos*. A interação histórica entre essas duas cidades data de séculos atrás, quando a região era uma área de comércio e intercâmbio cultural. Esses vínculos históricos contribuíram para o desenvolvimento de um relacionamento próximo entre as comunidades.

ii. *Cidade bilíngue.* A descrição de San Matías como uma cidade bilíngue sugere que tanto o espanhol quanto o português são amplamente falados e compreendidos na cidade. Isso pode ser o resultado da proximidade geográfica com Cáceres e da interação regular entre os residentes de ambos os lados da fronteira. Isso não significa que se fale português do Brasil, em sua variante de norma padrão.

iii. *Intercâmbio cultural*. O bilinguismo em San Matías também pode refletir um rico intercâmbio cultural entre os habitantes dos dois municípios. Eventos culturais, festivais e práticas cotidianas podem envolver elementos de ambas as culturas. Ter mais de um idioma oficial.

iv. *Relevância do idioma*. O fato de San Matias ser uma cidade bilíngue destaca a importância de seus habitantes poderem se comunicar tanto em espanhol quanto em português (sem pensar no português padrão). Isso pode ser especialmente relevante para atividades econômicas, educação e interações sociais.

v. *Identidade fronteiriça*. A identificação de San Matías como uma cidade bilíngue pode contribuir para uma forte identidade fronteiriça entre seus habitantes. Eles podem se ver como parte de uma comunidade única que transcende as fronteiras nacionais.

vi. *Potencial de integração.* Essa interação linguística histórica pode ter implicações positivas para a integração regional, promovendo a compreensão mútua e a cooperação entre os dois municípios.

No entanto, é importante observar que, embora San Matías seja descrita como uma cidade bilíngue, a dinâmica linguística pode ser complexa e variar de acordo com os indivíduos e espaços específicos, bem como a formação de estereótipos negativos sobre os bolivianos.

Em suma, a descrição de San Matías como uma cidade bilíngue destaca a riqueza da interação histórica e cultural entre as comunidades fronteiriças, bem como os desafios e as oportunidades associados à coexistência de dois idiomas em estreita proximidade geográfica. A proximidade dessas cidades na fronteira binacional deu origem a uma série de questões e desafios relacionados à gestão de fronteiras, ao comércio internacional, à migração e à interação cultural. Além disso, a implementação de políticas e acordos bilaterais é essencial para facilitar a cooperação e o desenvolvimento conjunto nessas áreas de fronteira e para pôr fim a esse estereótipo negativo dos bolivianos.

Assim, Cáceres e San Matías são dois municípios que compartilham uma fronteira geográfica na região da fronteira oeste de Mato Grosso, Brasil e Bolívia, respectivamente. Sua interação histórica e geográfica contribui para um relacionamento único e para a riqueza da diversidade cultural e linguística da região. Passemos agora para o R5:

> **R5** "Mariana Silva[92] lembrou-se, ainda, da demanda de **obrigatoriedade** da **língua espanhola** no currículo das escolas da **fronteira brasileira** e do **português** no país vizinho. Relatou, também, sobre o programa de prestação de serviços dos médicos formandos em medicina na área rural da Bolívia, como complemento da formação." (IPEA, 2020, p. 66). Grifos nossos.

O recorta acima menciona algumas informações relevantes sobre a relação entre as línguas e as interações na fronteira entre Brasil e Bolívia:

i. *Tornar os idiomas obrigatórios nas escolas*. Mariana Silva se refere à demanda pela inclusão obrigatória do espanhol no currículo das escolas

[92] Assessora técnica da Secretaria de Estado do Gabinete de Articulação e Desenvolvimento Regional de Mato Grosso.

localizadas na fronteira brasileira e do português no currículo das escolas do país vizinho, a Bolívia. Esse é um ponto importante, pois reflete a necessidade de ensinar os dois idiomas nas escolas para melhorar a comunicação e o entendimento entre as comunidades fronteiriças. Essa medida pode contribuir para uma convivência mais harmônica e integrada. Além de proporcionar uma consciência linguística mais multilíngue.

ii. *Programa de prestação de serviços médicos*. O trecho também menciona um programa no qual médicos em treinamento prestam serviços em áreas rurais da Bolívia como parte de seu treinamento. Esse programa destaca a interação entre os sistemas de saúde dos dois países e como os profissionais brasileiros estão envolvidos nas comunidades bolivianas. Isso pode envolver a comunicação em diferentes idiomas, já que a Bolívia tem uma diversidade de línguas indígenas, além do espanhol.

A assessora técnica da Secretaria de Estado do Gabinete de Articulação e Desenvolvimento Regional de Mato Grosso, lembra da demanda de obrigatoriedade da língua espanhola nas escolas da fronteira brasileira e do português no país vizinho. Existe uma elipse “da demanda de obrigatoriedade da língua espanhola no currículo das escolas da fronteira” pois se existe uma demanda, há uma solicitação, e não sabemos quem está demandando, mas essa articulação de dependência deixa um vazio no lugar de quem demanda. Vejamos as seguintes paráfrases:

- ✓ (P) Existe uma demanda de obrigatoriedade do ensino de língua espanhola nos currículos das escolas da fronteira para Cáceres.
- ✓ (P) Existe uma demanda de obrigatoriedade do ensino de língua portuguesa nos currículos das escolas da fronteira para San Matias.
- ✓ (P) Nas escolas de fronteira tem que ter no currículo ensino bilíngue: português-espanhol.
- ✓ (P) Nas escolas de fronteira tem que ter no currículo ensino bilíngue: espanhol-português.

Esses elementos destacam a importância de abordar as questões linguísticas não apenas no espaço educacional, mas também em áreas como saúde, onde a comunicação eficaz é fundamental para a prestação de serviços adequados à população local. Além disso, evidenciam a necessidade de colaboração e entendimento mútuo entre os dois países para enfrentar desafios comuns na fronteira. Passemos para nosso último recorte.

> **R6** "Cristiane Barbosa[93] afirmou que em **Cáceres** a **língua estrangeira** é o **inglês**, mas que a Secretaria de Educação tem discutido para inserir o espanhol, haja vista que **há alunos bolivianos nas escolas do município** e que é **preciso melhorar a comunicação**, uma vez que o **espanhol** está sendo falado nos **limites do município**. Segundo ela, a cooperação precisa ir além da questão econômica e financeira". (IPEA, 2020, p. 68). Grifos nossos.

Segundo a secretária de Educação da prefeitura de Cáceres, na época, afirmou que em Cáceres a língua estrangeira é o inglês, mas projeta inserir o espanhol nas escolas, pois haja vista que há alunos bolivianos nas escolas do município, e que é preciso melhorar a comunicação, uma vez que o espanhol está sendo falado nos limites do município.

Nesse ponto é possível observar nos enunciados: "em Cáceres a língua estrangeira é o inglês", e, "mas que a Secretaria de Educação tem discutido para inserir o espanhol, haja vista que há alunos bolivianos nas escolas do município. Desse modo se observa nos enunciados, um argumento que sustenta o que se enuncia como uma oposição/restrição ao que foi dito "língua estrangeira é o inglês", e que ao mesmo empo exclui e busca inserir o espanhol também como língua estrangeira. E isso se faz presente nesse acontecimento enunciativo marcado pelo operador "mas" em "tem discutido para inserir o espanhol, haja vista que há alunos bolivianos nas escolas do município". Ou seja, a argumentação é aquilo que sustenta o dizer do alocutor-x para seu alocutário-x, isto é, vai sustentar aquilo que foi dito como correto, como verídico. A argumentatividade seria o processo de consolidação da argumentação de falas, textos, discursos.

Em "é preciso melhorar a comunicação, uma vez que o espanhol está sendo falado nos limites do município", está marcado pelo presente acontecimento que o operador

[93] Secretária municipal de Educação de Cáceres.

argumentativo “mas”, que vimos anteriormente se afirmar pela sustentação de que o termo “É preciso” está posto ali como argumento sustentando a necessidade de inserir o espanhol também como língua estrangeira nas instituições educacionais de Cáceres, e tem um funcionamento que acaba por destacar um elemento, no caso “melhorar a comunicação” uma vez que o espanhol está sendo falado nos limites do município. Assim temos as seguintes paráfrases:

- ✓ (P) Em Cáceres a língua estrangeira ensinada nas escolas é o inglês.
- ✓ (P) Em Cáceres há alunos bolivianos nas escolas do município.
- ✓ (P) Em Cáceres será inserido espanhol nas escolas do município.
- ✓ (P) Em Cáceres é preciso melhorar a comunicação.
- ✓ (P) Em Cáceres o espanhol é falado nos limites do município.

5.3.1 Algumas considerações

Podemos observar que os dizeres enunciados pelo lugar de um alocutor-governo via os recortes realizados no documento IPEA, apresentam em no acontecimento, uma perspectiva de dizer de um Enunciador Universal, que parte de um instituto de pesquisa do governo e que diz de um lugar constituído tanto da ciência quanto da oficialidade daquilo que se enuncia. Contudo, este E-univ. do lugar da alteridade que se constitui pelo regime do verdadeiro e do falso, entre o que é certo/errado o da obrigatoriedade alude um outro *lugar social do dizer*, o de um alocutor- assessor/secretário município/estado-MT que diz sobre a inclusão do ensino de língua espanhol para a fronteira brasileira e de português para a fronteira do lado da Bolívia. E este al-governo enuncia na alocução para um alocutário-nação povo brasileiro.

A declaração de Cristiane Barbosa aponta para várias questões importantes em relação à língua na região desta fronteira:

i. *Língua estrangeira em Cáceres*. Cristiane Barbosa (secretária municipal de educação de Cáceres) destaca que a língua estrangeira predominante ensinada nas escolas de Cáceres é o inglês, o que pode refletir a importância do turismo e dos intercâmbios internacionais na região. Entretanto, ela menciona a necessidade de considerar o espanhol

como língua estrangeira nas escolas, devido à presença de alunos bolivianos nas instituições educacionais do município.

ii. *Comunicação na fronteira*. A menção de que "o espanhol é falado nas fronteiras do município" destaca a realidade linguística na fronteira, onde o idioma espanhol é amplamente utilizado devido à proximidade com a Bolívia. Isso ressalta a importância de melhorar a comunicação e o entendimento entre as comunidades de ambos os lados da fronteira, o que pode ser alcançado por meio da educação bilíngue ou da inclusão do espanhol no currículo brasileiro em Cáceres e do português no currículo boliviano em San Matías.

iii. *Cooperação além do aspecto econômico*. O comentário de que "a cooperação deve ir além da questão econômica e financeira" destaca a necessidade de um entendimento cultural e linguístico mais profundo entre as comunidades fronteiriças. A cooperação deve abordar não apenas questões econômicas, mas também sociais, culturais e educacionais para promover a coexistência harmoniosa e a compreensão mútua.

Esses aspectos sublinham a complexidade das questões linguísticas na fronteira e a importância de políticas educacionais e de cooperação que considerem a diversidade linguística da região para promover uma convivência pacífica e uma integração eficaz entre as comunidades brasileiras e bolivianas. Passemos agora as análises que nos levaram a configuração do espaço de enunciação da fronteira oeste do Mato Grosso.

Agora passaremos para o próximo capítulo de análises e iniciaremos por trazer o cruzamento de dados para análise da simetria /assimetria socioeconômica da fronteira oeste Cáceres/MT. As análises subsequentes se concentrarão na configuração do espaço de enunciação fronteiriço.

CAPÍTULO 6
O ESPAÇO DE ENUNCIAÇÃO DA FRONTEIRA OESTE DE MATO GROSSO: RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

"Todo homem é um animal político".
Aristóteles

Como dito acima, a partir do lugar teórico aqui assumido, iremos desenvolver uma análise, partindo da configuração do espaço de enunciação da Fronteira Oeste do Mato Grosso, mais precisamente no perímetro de Cáceres/MT/Brasil – San Matias/Bolívia, agora, cidades gêmeas. Procuraremos mostrar em que medida, essa materialidade linguística produz efeitos que possam afetar os sujeitos fronteiriços, por assim dizer, construindo a relação entre o funcionamento da relação da língua portuguesa do Brasil com a língua espanhola da Bolívia no espaço de enunciação do Português do Brasil.

Esboçaremos agora em uma outra etapa das análises, a anterior mostramos como o termo portunhol vem funcionando no espaço de enunciação do português do Brasil e nas cidades gêmeas Cáceres/San Matias, este, desde o documento IPEA, agora veremos como está configurado o espaço de enunciação do português do Brasil na fronteira oeste do Mato Grosso. Desse modo, teremos três momentos: o primeiro nos levará a identificar e observar como se dá a simetria e/ou assimetria socioeconômico na fronteira oeste do Mato Grosso, os outros dois nos levaram a configuração do espaço de enunciação da Fronteira Oeste do Mato Grosso, onde serão realizadas as análises de recortes feitos nos questionários *Google Forms* e entrevistas semiestruturada.

Via nosso lugar de semanticistas podemos traçar diversas possibilidades de conceituação do que seja a língua, de acordo com a forma como nos posicionamos teoricamente. A partir da nossa perspectiva teórica metodológica, consideramos a linguagem sempre na relação com a história "[...] que funciona segundo um conjunto de regularidades, socialmente construídas, que se cruzam e podem ir permitindo mudanças nos fatos sem que isso possa ser visto como desvio ou quebra de uma regra" (Guimarães 1987, p17). A língua será tratada enquanto uma dispersão de regularidades que a caracteriza, necessariamente, como fenômeno social e histórico. (IDEM, p. 17).

Desse modo, a língua não funciona através de um processo de apropriação, mas é agenciada pela exterioridade, no espaço de enunciação, e é colocada em funcionamento, no acontecimento, através de uma distribuição desigual aos falantes.

A língua, afirma Guimarães (2002), é uma e é diferente disso. Isto é, a língua é dividida no sentido de que ela é necessariamente atravessada pelo político. Ela é normativamente dividida nos diversos modos de dizer e é também condição para se afirmar o pertencimento do não incluído, dos desigualmente divididos.

Para o teórico é necessário ter um objetivo de análise, na semântica a unidade de análise é o Enunciado. Tomaremos a Enunciação como acontecimento que agencia quem fala a falar, como procedimento básico para a nossa análise faremos recortes dos dados coletados. E assim, trazemos enunciados que nos sirvam enquanto unidades de análises e que nos permitam compreender a configuração do espaço de enunciação da fronteira Oeste de Mato Grosso.

Para isso, tomaremos os recortes como uma categoria descritiva formulada no interior da análise de discurso, "[...] o recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim um recorte é um fragmento da situação discursiva" (Orlandi, 1983, p.14). E ao instalar um diálogo com este modo de tomar a noção da Análise de Discurso e fazendo-a funcionar no domínio dos estudos enunciativos, Guimarães (2011) diz que o *recorte* "é um fragmento do acontecimento da enunciação".

Guardando os devidos limites do caráter da noção de recorte apresentada por Orlandi (1983), não se trata simplesmente de uma sequência, mas de formas linguísticas que aparecem como correlacionadas por terem uma mesma relação com o acontecimento, independentemente da posição na sequência (Guimarães, 2008). Segundo a configuração teórico metodológica para Guimarães (2008) o "Espaço de enunciação e acontecimento: o falante é agenciado pelas línguas, e é agenciado a falar na cena enunciativa". Ao tomarmos os dados empíricos das entrevistas semiestruturadas do primeiro grupo falantes do português do Brasil o segundo grupo falante de espanhol da Bolívia, nos servirá de base para nossos recortes de análises.

Nesse primeiro momento da exploração inicial, podemos considerar uma relação em que, a partir de agora, aplicaremos alguns procedimentos de análise para verificar a assimetria existente nessa Fronteira Oeste de Mato Grosso: Cáceres/MT e San Matías/AS. Seguimos agora um esquema proposto por Guimarães (2018) com um exemplo simplificado dos

grupos de pesquisa desta tese, em que o primeiro grupo, brasileiros (ECbr), e o segundo grupo, bolivianos (ECbo), serão designados como falante 1 e falante 2, respectivamente.

Cbr = Língua portuguesa do Brasil _____Falantes (F1)

Cbo = Língua espanhola da Bolívia _____Falantes (F2)

Nessa primeira etapa, utilizaremos o cruzamento dos dados do questionário por meio do *Google Forms* e das entrevistas semiestruturadas de cada grupo, representados em gráficos. Em seguida, tomaremos alguns fragmentos para nossas análises da configuração do espaço de enunciação da fronteira oeste de Mato Grosso, Brasil, apresentaremos fragmentos da pesquisa quantitativa dos falantes H1 e H2. Nas primeiras análises, a ordem representada nos gráficos sempre começará com o primeiro grupo H1 (grupo ECbr, representado pelas cores verde e amarela), seguido pelo segundo grupo H2 (grupo ECbo, representado pelas cores verde e vermelha).

6.1 Análises do cruzamento dos dados

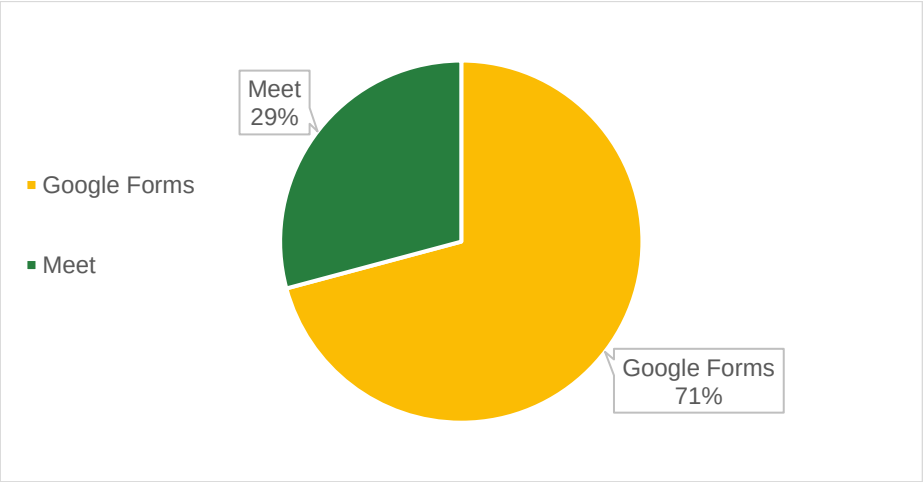
Um dado interessante que fornece uma base sólida para nossa reflexão sobre a relação entre línguas e seus falantes no espaço de enunciação da fronteira oeste de Mato Grosso é a existência de simetrias e assimetrias socioeconômicas. Nossos dados provêm de um total de 58 entrevistas realizadas durante este estudo, das quais 33 foram obtidas por meio de um questionário no *Google Forms*, 25 por meio de entrevistas semiestruturadas, 6 ocorreram por meio de reuniões síncronas no *Google Meet*, e 19 foram conduzidas presencialmente com o auxílio de gravadores. Lembrando que quase todos os forma compilados pelo *Google Forms*, somente 3 foram de forma manual, mas introduzidos nos gráficos e tabelas manualmente.

É importante notar que, durante o período das entrevistas, enfrentamos o desafio global da pandemia da COVID-19. Isso teve um impacto significativo em como as entrevistas foram realizadas, com uma combinação de abordagens assíncronas e síncronas sendo adotadas para acomodar as circunstâncias.

Outra questão que devemos observar antes de passarmos à consideração dos gráficos, é o fato de que as cores presentes nos gráficos (verde e amarela para o Grupo F1

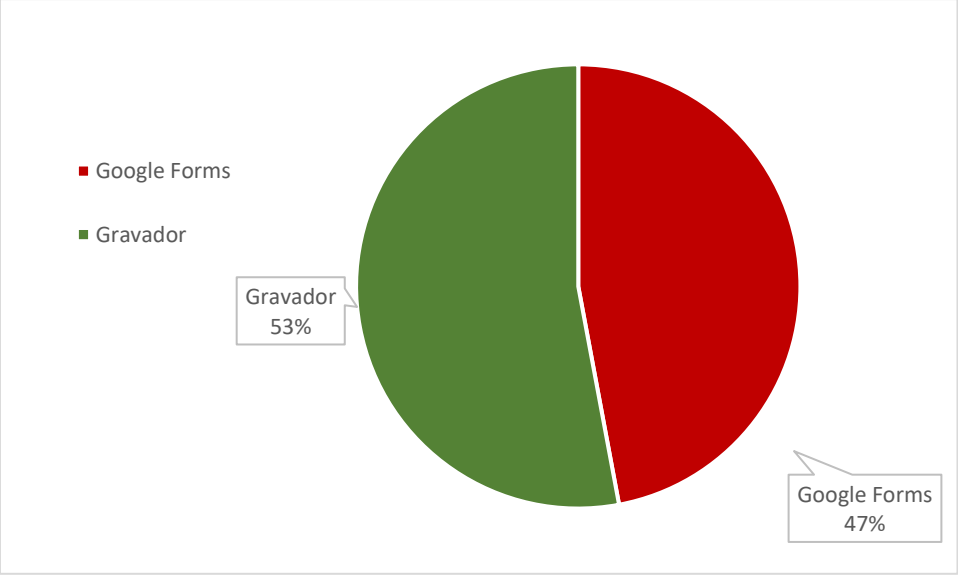
e verde e vermelha para o Grupo F2) são usadas para identificar e diferenciar esses dois grupos ao longo de nossas observações. Observamos agora os dados compilados pelos *Google Forms*.

Dados F1



Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e das entrevistas

Dados F2



Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e das entrevistas

Um aspecto interessante é a diferença na disponibilidade de tecnologia e acesso à internet entre os dois grupos de entrevistados. Os colaboradores brasileiros, pertencentes ao Grupo F1 (representados pelas cores verde e amarela nos gráficos), demonstraram

maior facilidade em utilizar as ferramentas do Google, como o *Google Forms* e o *Google Meet*. No entanto, os bolivianos, do Grupo F2 (representados pelas cores verde e vermelho nos gráficos), enfrentaram desafios significativos de conectividade e familiaridade com essas tecnologias. Muitos deles não tinham acesso à internet em seus dispositivos móveis para participar de entrevistas por videochamada, e precisaram de orientações detalhadas por telefone celular para responder ao questionário do *Google Forms.*

Outro dado que nos chama a atenção é que, no segundo grupo apenas uma entrevista foi realizada por meio do *Google Meet*. Mesmo assim, o entrevistado era uma exceção, sendo filho de mãe boliviana e pai brasileiro, nascido em San Matias, mas vivendo em Cáceres desde muito jovem. Ele relatou que só fala português e possui conhecimentos limitados de espanhol.

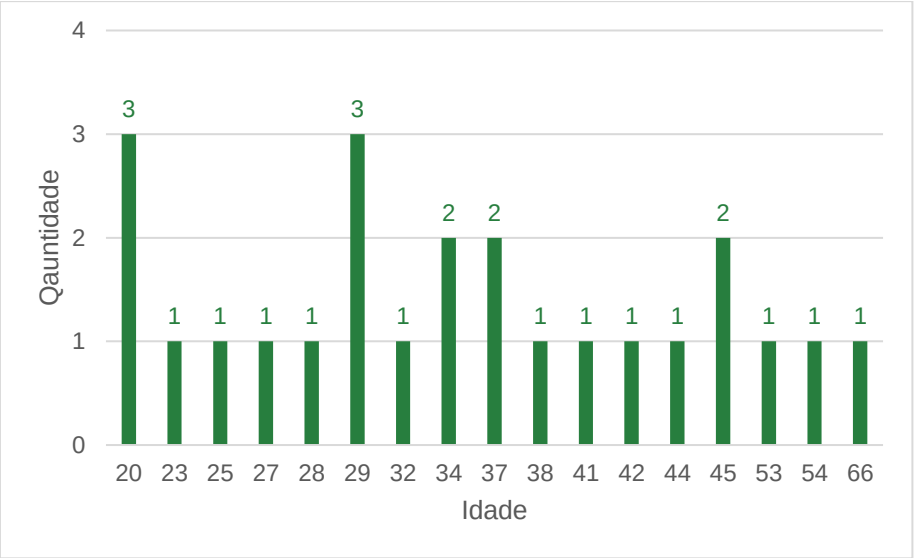
Essas discrepâncias tecnológicas e de acesso à internet destacam uma assimetria econômica entre as duas regiões da fronteira. Além disso, a falta de conectividade também levou muitos bolivianos a retornarem a San Matias, tornando-se indisponíveis para entrevistas presenciais. Por outro lado, todos os brasileiros entrevistados conseguiram participar de entrevistas via *Google Meet*. Portanto, podemos concluir que a escolha entre *Google Forms/Meet* e Gravador/*Google Forms* para conduzir as entrevistas foi influenciada pela acessibilidade tecnológica e econômica dos entrevistados. Vejamos algumas paráfrases.

- ✓ (P) Os brasileiros fizeram as entrevistas através do Google Meet.

- ✓ (P) Os bolivianos fizeram as entrevistas através do gravador.

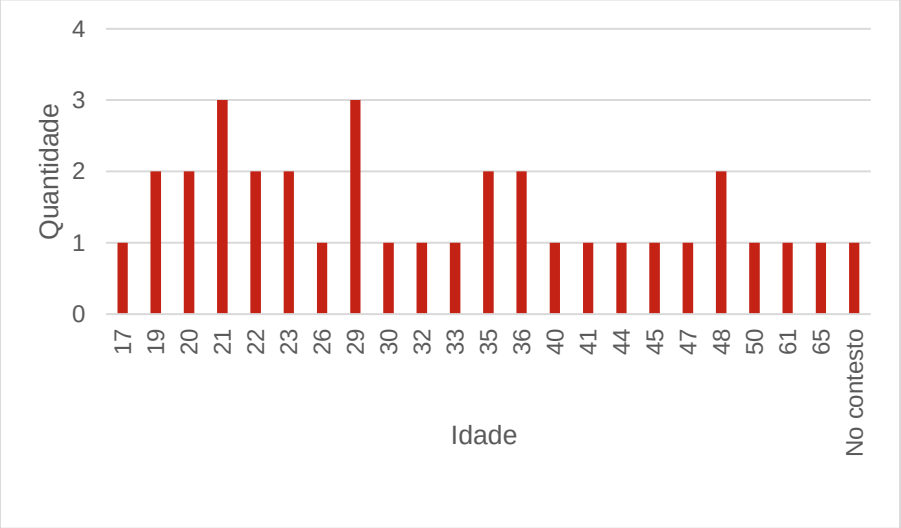
Veremos agora os dados cruzados sobre a idade dos entrevistados.

Idade F1



Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e das entrevistas

Idade F2



Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e das entrevistas

A faixa etária dos entrevistados, de modo geral, apresentou uma ampla variação, revelando uma notável simetria na fronteira em relação à diversidade de idades. No grupo F1, que representa os brasileiros (identificados pelas cores verde e amarela nos gráficos), a idade variou de 20 a 66 anos. Por outro lado, no grupo F2, composto por bolivianos (identificados pelas cores verde e vermelha nos gráficos), a faixa etária abrangeu de 17 a 65 anos. Essa semelhança na distribuição de idades entre os dois grupos sugere que a

fronteira oeste de Mato Grosso é habitada por uma população diversificada em termos de faixa etária. Isso pode ter implicações interessantes para a dinâmica linguística e cultural na região, uma vez que diferentes grupos etários podem ter experiências e perspectivas variadas em relação ao uso das línguas na fronteira. Vejamos algumas paráfrases.

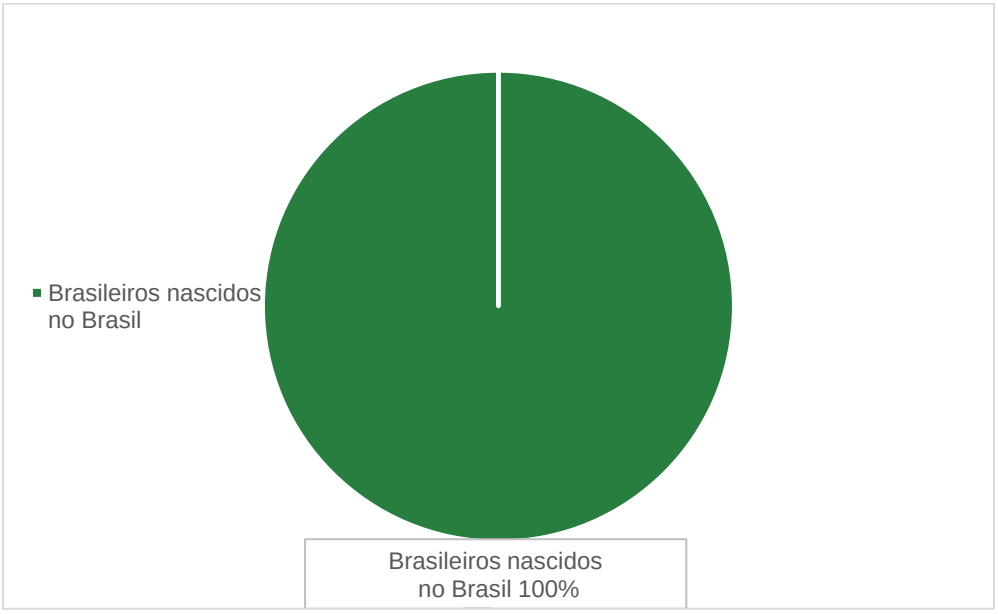
- ✓ (P) Os brasileiros que participarão da pesquisa têm entre 20 e 66 anos de idade.

- ✓ (P) Os bolivianos que vão participar no inquérito têm entre 17 e 65 anos.

Agora, vamos explorar as nacionalidades dos entrevistados e como essa composição reflete a relação de simetria ou assimetria em nossos dados. Dividimos nossos entrevistados em dois grupos: F1 e F2. No grupo F1, que representa os brasileiros, a maioria dos entrevistados possui nacionalidade brasileira, uma vez que residem na região de Cáceres, Mato Grosso, Brasil. No grupo F2, que consiste nos bolivianos, encontramos uma diversidade de nacionalidades. Enquanto alguns têm nacionalidade boliviana, outros podem ter nacionalidade brasileira devido a nascimentos ou processos de naturalização.

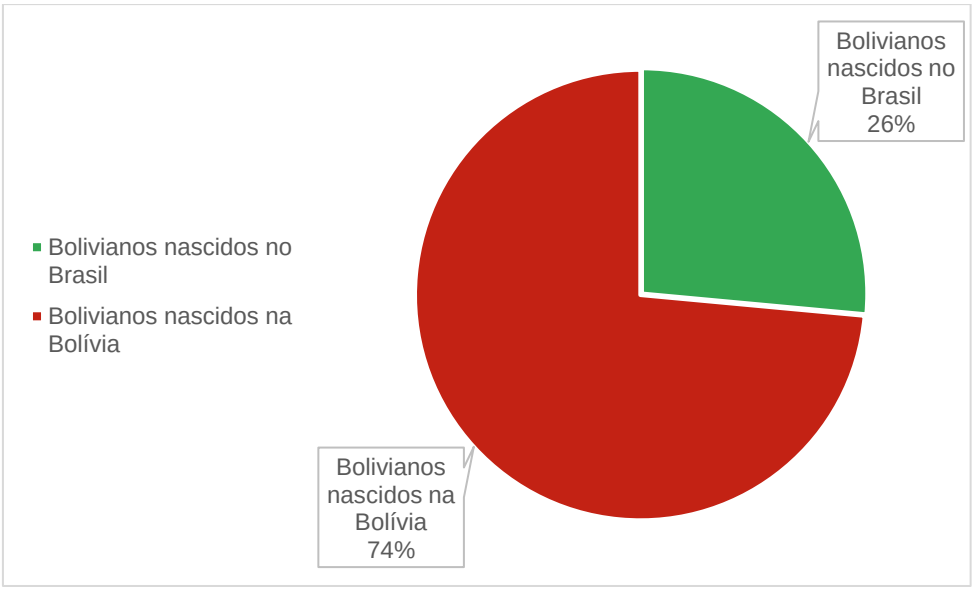
Essa diversidade nas nacionalidades dos entrevistados destaca uma das complexidades que podem caracterizar essa fronteira. A relação de simetria ou assimetria aqui não se limita apenas às línguas faladas, mas também reflete as dinâmicas sociodemográficas únicas da região. O entendimento das diferentes nacionalidades é crucial para compreender a heterogeneidade cultural e linguística que caracteriza essa área de fronteira. Essa abordagem pode ajudar a contextualizar a diversidade de nacionalidades e como isso se relaciona com a dinâmica de simetria ou assimetria que estamos explorando em nosso estudo.

Nacionalidade F1



Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e das entrevistas

Nacionalidade F2



Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e das entrevistas

Apresentamos informações importantes sobre as nacionalidades dos entrevistados, destacando a complexidade das identidades na fronteira oeste do Mato Grosso. Analisando os dados apresentados nos gráficos, fica evidente que a composição das nacionalidades entre os entrevistados é notável.

No primeiro grupo, F1, que representa os brasileiros (identificados pelas cores verde e amarela nos gráficos), todos os entrevistados têm nacionalidade brasileira, refletindo a população local de Cáceres, Mato Grosso, Brasil. No entanto, no grupo F2, composto pelos bolivianos (identificados pelas cores verde e vermelha nos gráficos), a situação é mais complexa. Cerca de 74% dos entrevistados possuem nacionalidade boliviana, enquanto os restantes 26% são nascidos no Brasil e têm registro como brasileiros. É importante ressaltar que esses indivíduos nascidos no Brasil, filhos de bolivianos, frequentemente adotam uma "categoria identitária fronteiriça[94]" conhecida como "os boliveiros". Isso ocorre porque, embora tenham nascido no lado brasileiro da zona de fronteira, eles muitas vezes continuam vivendo na Bolívia e podem se beneficiar dos serviços de saúde pública e programas sociais oferecidos pelo governo brasileiro. Vejamos algumas paráfrases.

- ✓ (P) Os brasileiros nascem no Brasil.
- ✓ (P) Bolivianos nascem na Bolívia e também no Brasil.
- ✓ (P) Os bolivianos de fronteira nascidos no Brasil são "boliveiros".

Essa complexidade de nacionalidades reflete as nuances da fronteira e a fluidez das identidades culturais e nacionais nessa região. Os "boliveiros", por exemplo, representam um grupo que transcende as fronteiras nacionais, contribuindo para a riqueza de identidades fronteiriças nessa área estudada.

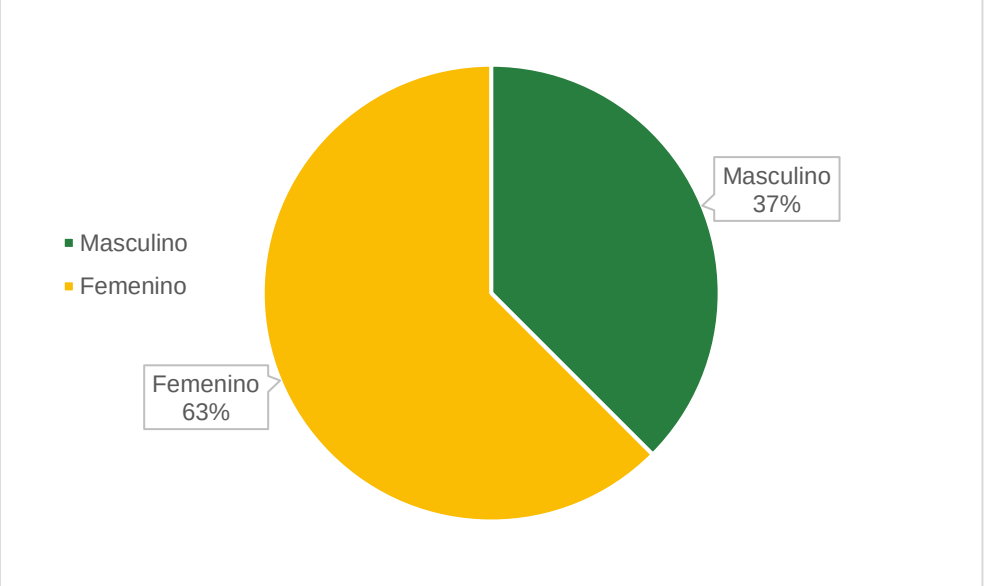
A diversidade de nacionalidades e a presença de identidades fronteiriças, como os "boliveiros", são elementos-chave para compreendermos as complexas dinâmicas culturais e identitárias na fronteira Oeste do Mato Grosso. Essa diversidade evidencia não apenas a coexistência de diferentes grupos culturais e nacionais, mas também destaca a existência de assimetrias nessa região.

Ao explorar essas dinâmicas, estamos contribuindo para uma compreensão mais completa e enriquecedora da vida na fronteira, levando em consideração não apenas as línguas faladas, mas também as identidades que se formam em torno das experiências compartilhadas nesse ambiente particular.

[94] [...] categoria identitária fronteiriça, "os boliveiros", filhos de pais bolivianos que apenas nascem no Brasil, mas continuam vivendo na Bolívia, e que se beneficiam dos serviços de saúde pública e programas sociais oferecidos pelo governo brasileiro (Gayoso, 2013, p. 32).

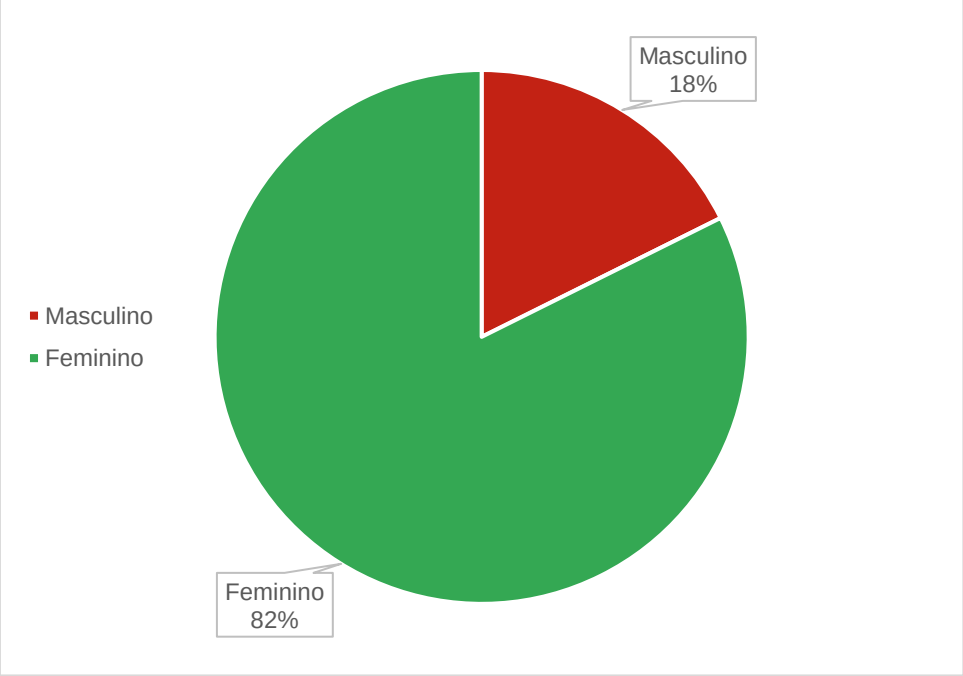
Nossa análise enfatiza como os fatores sociodemográficos, econômicos e políticos influenciam as interações e as relações culturais nessa fronteira, enriquecendo assim o entendimento da simetria e assimetria que caracterizam essa região. Acreditamos ser um ponto muito de certo interesse a ser destacado em nosso estudo. Onde veremos melhor nas análises, do nosso próximo subcapítulo. Passemos agora observar gênero dos entrevistados.

Gênero F1



Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e das entrevistas

Gênero F2



Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e das entrevistas

Vamos agora analisar a distribuição de gênero entre os entrevistados, o que proporciona uma perspectiva interessante das dinâmicas na fronteira. No primeiro grupo F1 de entrevistados, composto por brasileiros (identificados pelas cores verde e amarela nos gráficos), observamos uma simetria, com 67% dos colaboradores sendo do sexo femino e 33% do sexo masculino. No entanto, essa simetria de gênero não se repetiu no segundo grupo F2, composto por bolivianos (identificados pelas cores verde e vermelha nos gráficos). Aqui, a maioria dos informantes é do sexo feminino, representando 82% das entrevistas, enquanto apenas 18% são do sexo masculino.

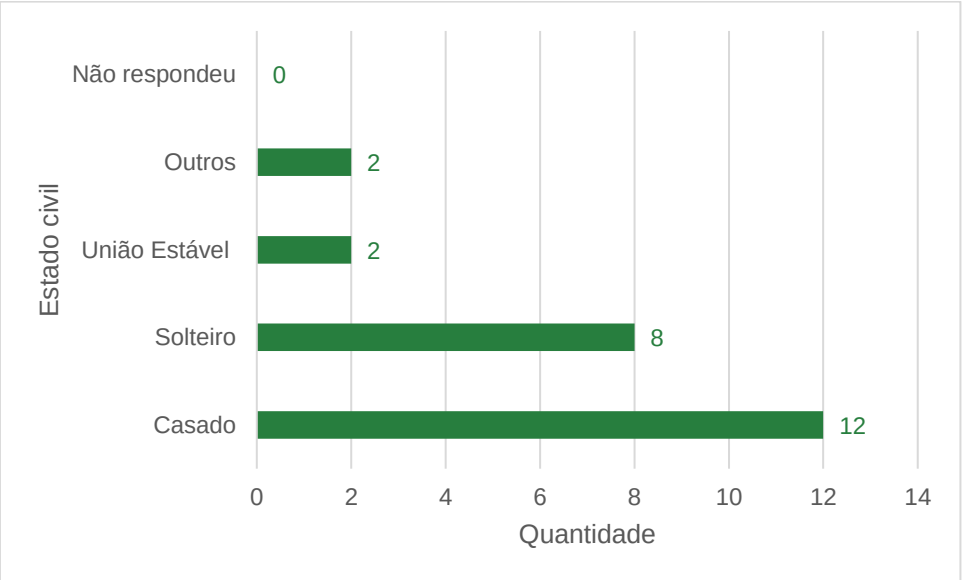
Essa diferença substancial na distribuição de gênero entre os grupos é acompanhada por observações significativas feitas durante as entrevistas. Muitos homens bolivianos manifestaram interesse em participar, mas demonstraram relutância em permitir gravações ou anotações durante as entrevistas. Suas preocupações estão intimamente relacionadas com questões de imigração e status legal na fronteira. Muitos desses homens eram taxistas ou motoristas de Uber que desempenham um papel fundamental na movimentação transfronteiriça, transportando bolivianos para realizar compras, consultas médicas, estudos, trabalho e outros propósitos. Essa dinâmica reflete a complexidade e a sensibilidade das questões fronteiriças em relação à mobilidade e ao status legal.

Além disso, durante entrevistas com militares que trabalham no GEFRON e têm uma visão privilegiada da fronteira, foi destacado que o fluxo de bolivianos cruzando a fronteira em direção a Cáceres aumentou consideravelmente. Um fator que contribui para esse aumento é a redução dos serviços de ônibus diários entre Cáceres e San Matías. Esses militares estimaram que, durante o dia, ocorrem entre 100 e 150 cruzamentos de fronteira. Embora esses números sejam estimativas, eles ilustram vividamente a magnitude do movimento transfronteiriço e sublinham a importância desses deslocamentos para a dinâmica da região.

Essas observações detalhadas ressaltam como as questões de imigração, mobilidade e a infraestrutura de transporte desempenham um papel significativo na vida dos habitantes da fronteira Oeste do Mato Grosso, contribuindo para a compreensão mais completa das dinâmicas culturais e sociais na região. Esses dados nos revelam ainda mais a complexidade das questões fronteiriças e sua influência nas interações e identidades dos entrevistados.

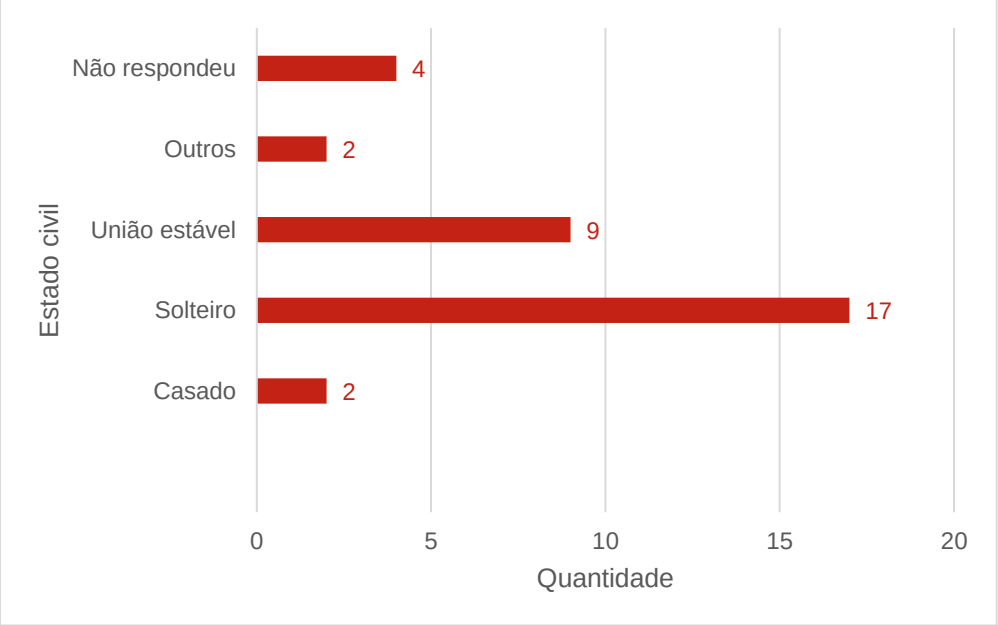
Essa análise detalhada do gênero e das observações durante as entrevistas enriqueceu ainda mais o ambiente das dinâmicas culturais e sociais na fronteira Oeste do Mato Grosso. É importante destacar como as questões legais e socioeconômicas influenciaram a participação e as interações dos entrevistados em nosso estudo. Passemos agora observar o estado civil dos entrevistados F1 e F2.

Estado Civil F1



Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e das entrevistas

Estado Civil F2



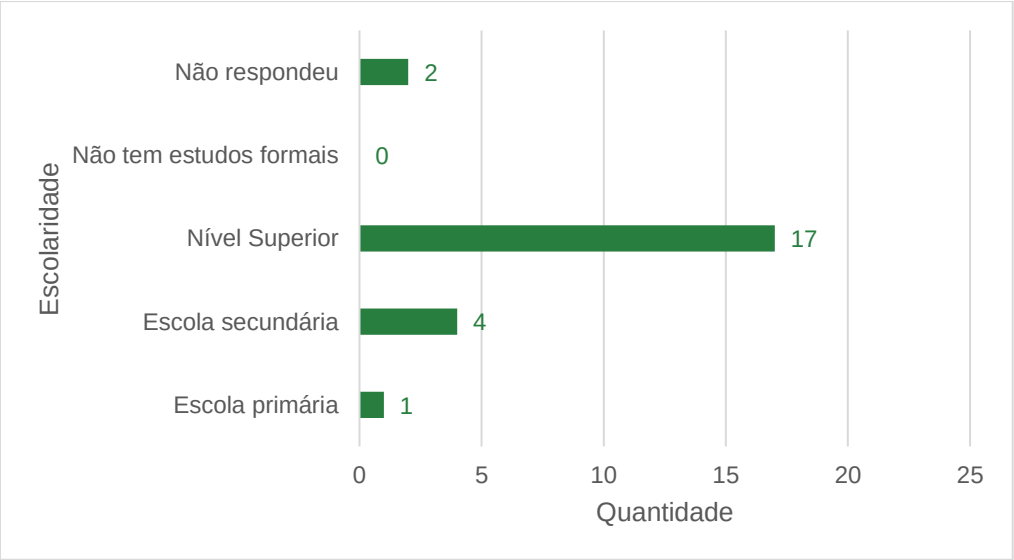
Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e das entrevistas

A análise do estado civil dos entrevistados nos grupos F1 e F2 revela diferenças interessantes que contribuem para nossa compreensão das dinâmicas na fronteira. No lado brasileiro, no grupo F1 (identificado pelas cores verde e amarela nos gráficos), observamos que muitos entrevistados são casados, refletindo uma tendência significativa nesse grupo. No entanto, no segundo grupo, composto pelos bolivianos do grupo F2 (identificados pelas cores verde e vermelha nos gráficos), notamos uma diferença notável, com uma proporção significativa de entrevistados sendo solteiros. Além disso, durante as entrevistas presenciais, alguns entrevistados mencionaram que eram casados com brasileiros, embora não tivessem registro oficial desse casamento.

Essas diferenças no estado civil dos entrevistados destacam uma possível assimetria na forma como as relações conjugais são percebidas e formalizadas nas duas comunidades fronteiriças. As razões subjacentes a essas diferenças podem ser diversas e podem estar ligadas a questões legais, culturais e até econômicas. Essa abordagem pode ajudar a destacar as diferenças no estado civil entre os grupos e abrir caminho para uma análise mais aprofundada sobre como essas diferenças podem influenciar as identidades e interações na fronteira.

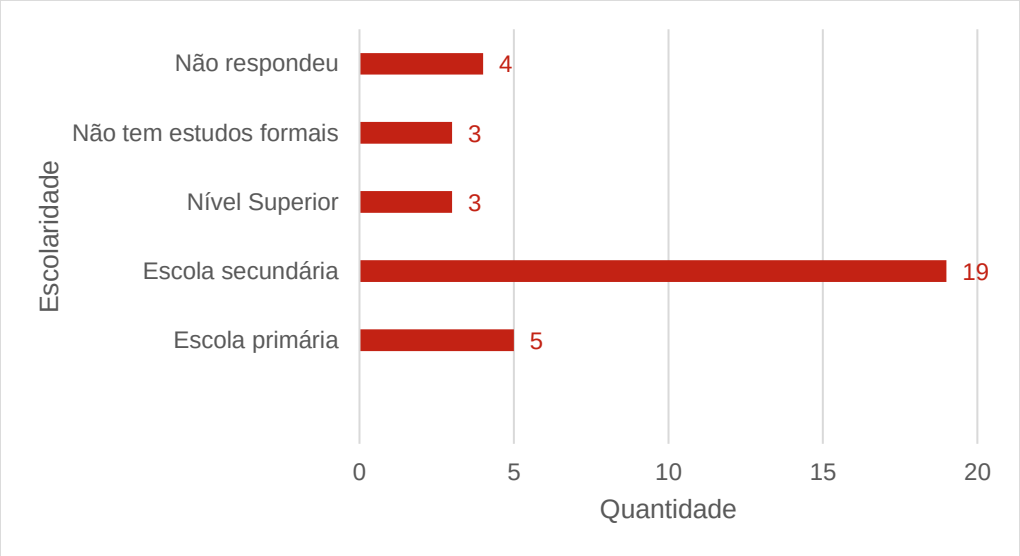
Agora, direcionando nossa atenção para a questão da escolaridade dos entrevistados, continuaremos a explorar como essas variáveis influenciam as dinâmicas culturais e identitárias na fronteira.

Escolaridade F1



Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e das entrevistas

Escolaridade F2



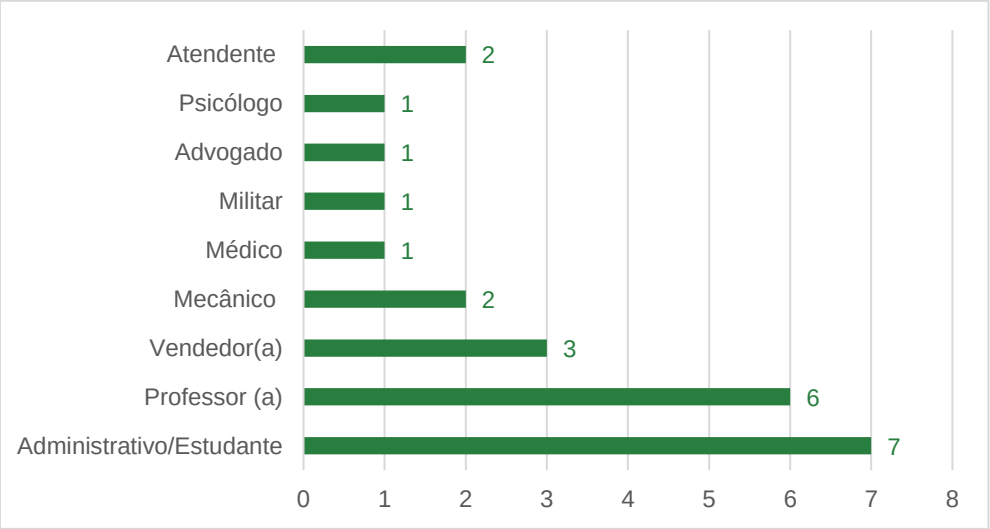
Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e das entrevistas

Outro aspecto que destaca a assimetria na fronteira Oeste do Mato Grosso é a discrepância na escolaridade entre os entrevistados dos grupos F1 e F2. No grupo F1, que representa os brasileiros (identificados pelas cores verde e amarela nos gráficos), observamos que 25 dos 42 entrevistados possuem nível superior. Essa proporção é notavelmente alta, com quase 60% dos entrevistados brasileiros tendo alcançado o ensino superior. Por outro lado, no grupo F2, composto pelos bolivianos (identificados pelas cores verde e vermelha nos gráficos), a maioria dos entrevistados tem educação secundária, enquanto apenas 3 estão cursando a universidade no Brasil. É importante observar que esses 3 estudantes bolivianos que estão frequentando a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) têm uma particularidade: são filhos de pais bolivianos nascidos no Brasil e têm pelo menos um dos pais com nacionalidade brasileira.

Esses dados ressaltam uma assimetria na oportunidade de educação superior entre os dois grupos. Parece haver uma limitação no acesso à educação superior para os bolivianos na fronteira oeste do Mato Grosso. Essa assimetria pode ser influenciada por vários fatores, incluindo barreiras linguísticas, questões legais e econômicas. Essa discrepância na escolaridade demonstra mais uma dimensão complexa da vida na fronteira e enfatiza a importância de considerar esses fatores ao explorar as dinâmicas culturais e sociais nessa região.

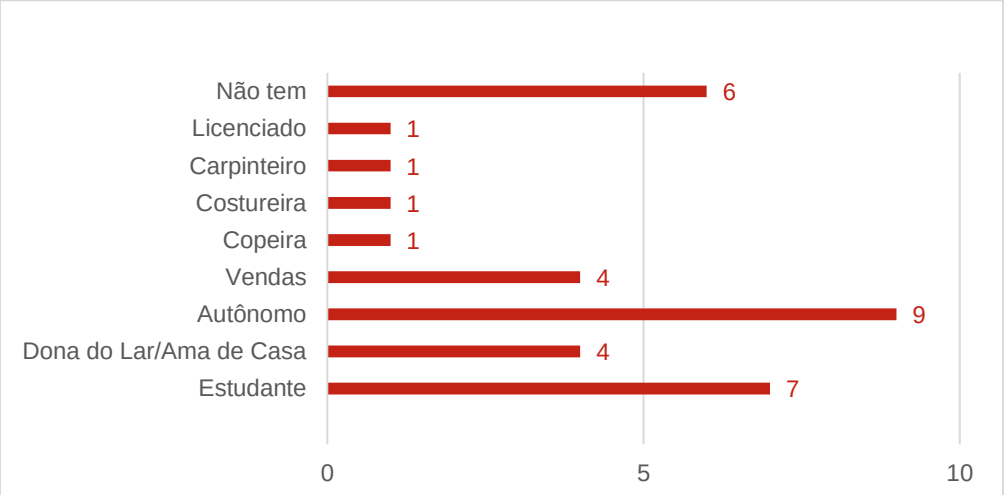
Acreditamos que incluir essa análise da escolaridade, enriquece ainda mais o espaço da fronteira e ajuda a evidenciar as desigualdades educacionais que podem existir entre os grupos na região. Vejamos agora a profissão dos entrevistados F1 e F2.

Profissão F1



Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e das entrevistas

Profissão F2



Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e das entrevistas

A discrepância na formação e ocupação entre os entrevistados dos grupos F1 e F2 destaca uma assimetria significativa entre os falantes de português brasileiro e os falantes de língua espanhola da Bolívia na fronteira Oeste do Mato Grosso.

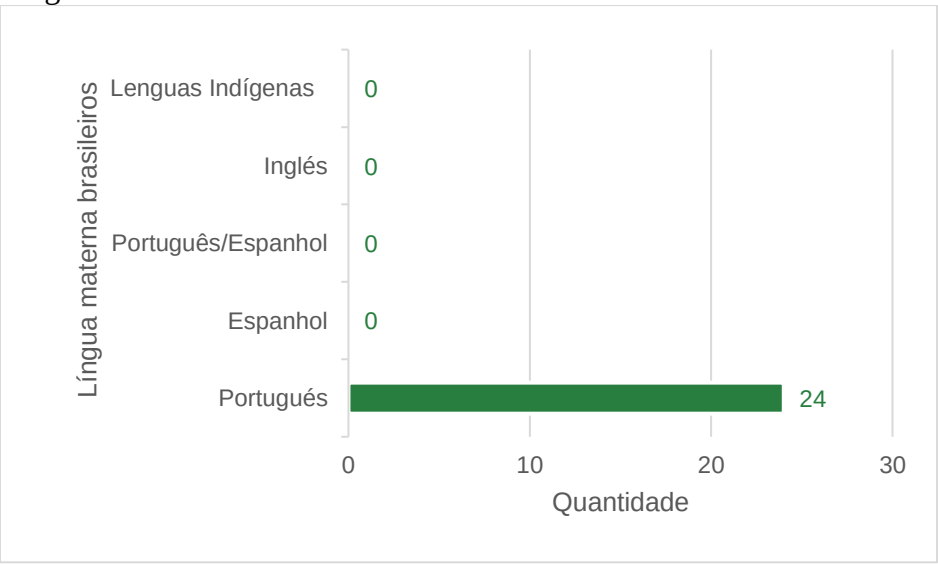
Outra observação que enfatiza a assimetria notável entre os grupos F1 e F2 é a diferença na formação educacional e nas profissões dos entrevistados. No grupo F1, que

representa os brasileiros (identificados pelas cores verde e amarela nos gráficos), a maioria dos entrevistados possui formação superior. Suas profissões abrangem uma ampla gama de campos, incluindo advocacia, medicina, ensino e psicologia, entre outros. Por outro lado, no grupo F2, composto pelos bolivianos (identificados pelas cores verde e vermelha nos gráficos), apenas um dos entrevistados possui formação superior, licenciado. A maioria dos entrevistados tem profissões que não exigem educação superior, como aquelas relacionadas a serviços de transporte e comércio informal. Essa disparidade na formação e ocupação reflete uma notável assimetria entre os falantes de brasileiro e os falantes de língua espanhola da Bolívia na fronteira.

Essa assimetria pode ser atribuída a várias razões, incluindo barreiras linguísticas, acesso limitado à educação superior e diferenças nas oportunidades de emprego. Esses fatores contribuem para uma dinâmica complexa que molda as identidades e interações dos residentes na região da fronteira oeste do Mato Grosso. Assim, a análise da formação e ocupação dos entrevistados reforça nossa compreensão das desigualdades econômicas e educacionais que caracterizam essa fronteira, ilustrando como essas diferenças podem influenciar as trajetórias de vida e as dinâmicas sociais. Essas observações destaca ainda mais a disparidade na formação e ocupação entre os grupos e destaca como esses fatores podem contribuir para as assimetrias na fronteira oeste do Mato Grosso.

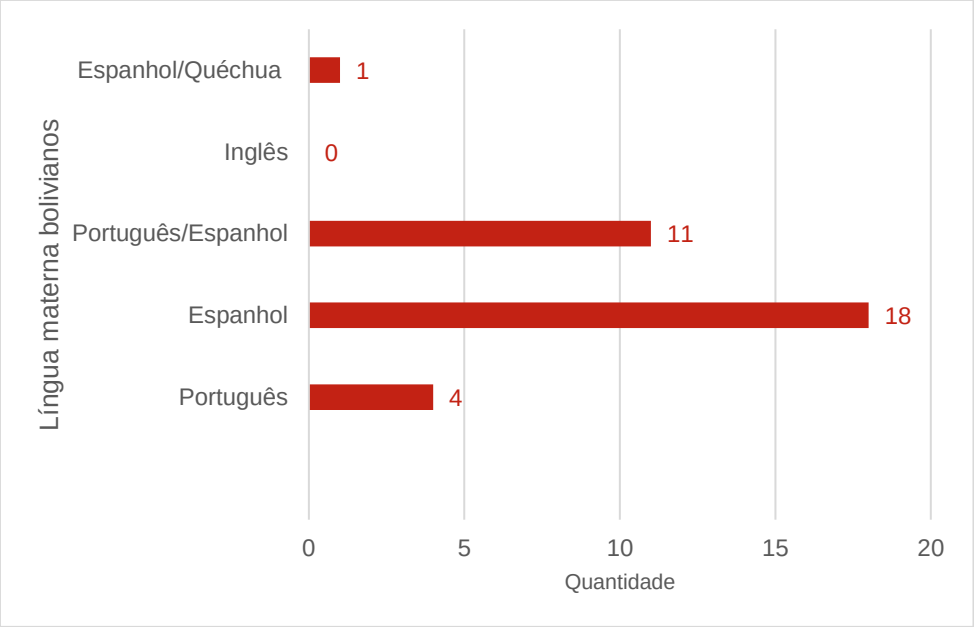
Vejamos a seguir os dados sobre a língua materna dos entrevistados F1 e F2.

Língua materna F1



Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e das entrevistas

Língua materna F2



Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e das entrevistas

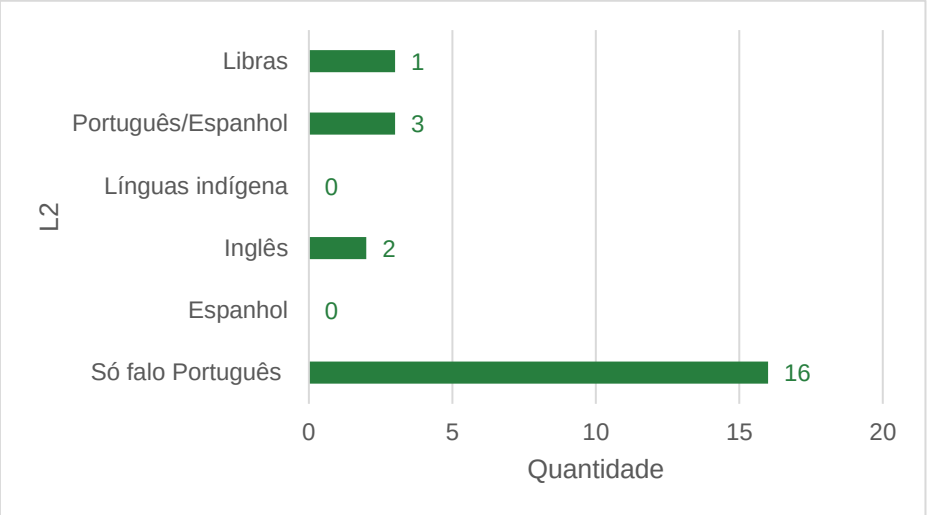
Analisando a língua materna dos entrevistados nos grupos F1 e F2, observamos uma notável diferença nas línguas faladas pelos colaboradores, o que contribui para nossa compreensão das complexas dinâmicas linguísticas na fronteira.

No grupo F1, que representa os brasileiros (identificados pelas cores verde e amarela nos gráficos), todos os entrevistados, ou seja, 100%, têm o português como língua materna, refletindo a homogeneidade linguística deste grupo. No entanto, no grupo F2, composto pelos bolivianos (identificados pelas cores verde e vermelha nos gráficos), a situação é consideravelmente mais diversificada. Cerca de 34% dos entrevistados têm uma língua materna mista, sendo falantes de português-espanhol ou espanhol-quéchua. Além disso, 18 entrevistados têm o espanhol como língua materna, enquanto 4 afirmaram ter o português como língua materna. Lembrando que esses 4 entrevistados são filhos de bolivianos nascidos no Brasil e quase todos não falam mais o espanhol.

Essa diversidade de línguas maternas no grupo F2 reflete uma realidade complexa. Alguns entrevistados que afirmaram ter o português como língua materna explicaram que, devido às necessidades cotidianas, como trabalho e comunicação com seus filhos que falam português, acabam predominantemente tentando falar o português e que “misturam as línguas brasileira e boliviana” em casa e na vida cotidiana. Veremos melhor esses dados nas análises do próximo subcapítulo.

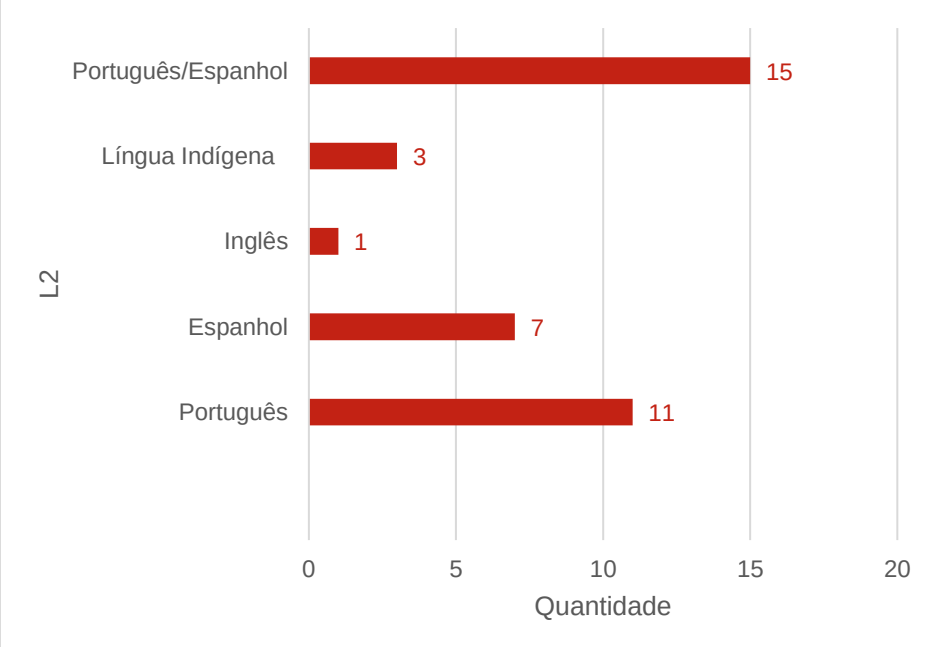
Essa análise destaca como as línguas são dinâmicas e se adaptam às circunstâncias da vida diária na fronteira. Também ilustra como a fluidez linguística pode ser uma resposta às demandas sociais e à convivência intercultural na região.

Segunda língua (L2) dos falantes 1



Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e das entrevistas

Segunda língua (L2) dos falantes 2



Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e das entrevistas

Como observado anteriormente, o grupo F1 é composto por falantes monolíngues, todos eles falantes exclusivos do português do Brasil. Dos 24 entrevistados no grupo F1, 16 afirmaram falar apenas o português. Três deles se identificaram como falantes de português-espanhol, e dois desses entrevistados são multilíngues, falando português como língua materna (L1 ou LM), espanhol como segunda língua (L2) e inglês como outra língua (LN[95]). Além disso, um entrevistado do grupo F1 relatou ser falante de português e Libras. Por outro lado, o grupo F2, composto pelos bolivianos (identificados pelas cores verde e vermelha nos gráficos), apresenta uma diversidade linguística significativa. A maioria dos entrevistados do grupo F2 é falante de espanhol. No entanto, 15 dos 34 entrevistados do grupo F2 afirmaram ser falantes de português-espanhol, indicando um nível de bilinguismo na comunidade boliviana da fronteira. Além disso, três entrevistados do grupo F2 são falantes de espanhol-indígena.

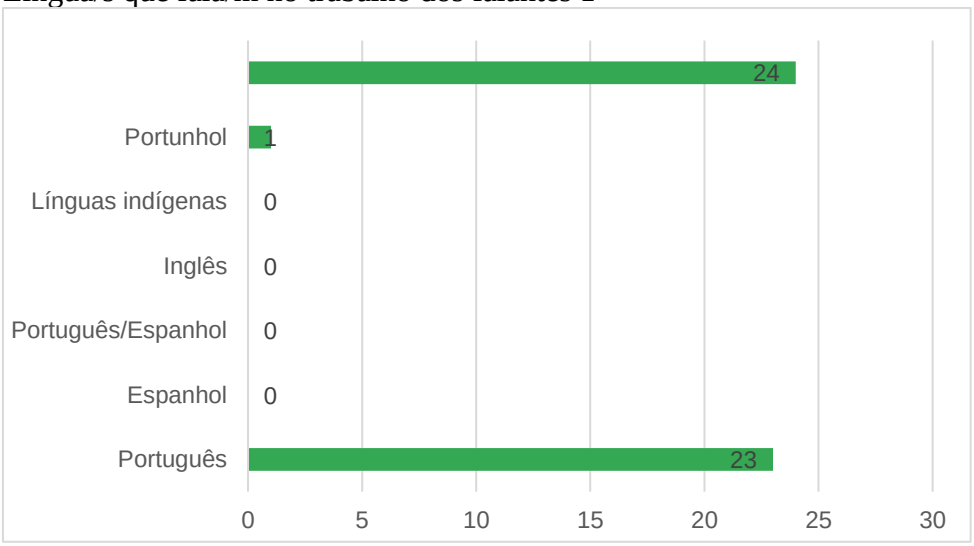
Chama a atenção que 11 entrevistados do grupo F2 alegaram falar o português como segunda língua (L2), e muitos relataram que tentam falar a língua portuguesa em suas vidas diárias. Entre esses 11, três são filhos de bolivianos nascidos no Brasil, enquanto os outros oito entrevistados declararam falar português como L2 por várias razões, incluindo a comunicação com seus filhos que falam português. Além disso, sete entrevistados do grupo F2 alegaram falar o espanhol como segunda língua (L2), dois deles são filhos de bolivianos, enquanto os outros cinco declararam fazer isso para mostrar aos seus filhos que podem falar português.

Essa análise revela uma complexa paisagem linguística na fronteira oeste do Mato Grosso, com uma variedade de práticas multilíngues e bilinguismo entre os bolivianos. Ela também destaca como a língua é uma ferramenta adaptativa que as pessoas usam para enfrentar as demandas sociais e familiares na região.

Essas informações nos permitirão de certo modo ilustrar a diversidade linguística na fronteira e a maneira como as línguas são usadas para atender às necessidades cotidianas e às dinâmicas interculturais, que veremos mais a frente com análises mais profundas. Passemos a seguir para os dados da(s) língua(s) falada no trabalho.

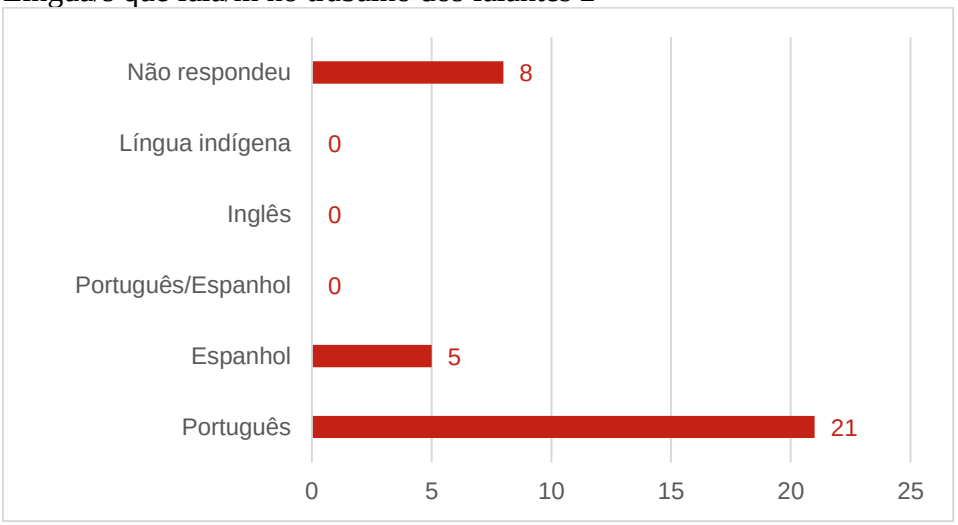
[95] [...]designação aquisição de língua terceira ou língua adicional (L3/Ln), referindo-nos a "all languages beyond de L2 without giving preference to any particular language." (DE ANGELIS, 2008, p.11).

Língua/s que fala/m no trabalho dos falantes 1



Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e das entrevistas

Língua/s que fala/m no trabalho dos falantes 2



Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e das entrevistas

No que diz respeito às línguas utilizadas no ambiente de trabalho, nossas análises revelam algumas nuances interessantes. No grupo F1, composto pelos brasileiros, a maioria dos entrevistados relatou o uso exclusivo da língua materna, o português do Brasil, em seus locais de trabalho. Esse resultado é consistente com a homogeneidade linguística desse grupo, onde o português é a língua dominante em todas as esferas da vida cotidiana. No entanto, um dos entrevistados do grupo F1 mencionou o uso do 'portunhol' no trabalho. Vale destacar que todos os entrevistados do grupo F1 tinham critérios específicos para participar da pesquisa, um dos quais era ter contato com os

membros do grupo F2 em diferentes espaços, como trabalho, escola, ou em suas comunidades. Isso pode explicar o uso ocasional de uma forma híbrida de comunicação, como o 'portunhol', por alguns entrevistados do grupo F1. Por exemplo, um dos entrevistados do grupo F1 afirmou:

- ECbr23 "[...] un poco de portuñol o tratando de decir algunas palabras en boliviano[...]".

O uso das línguas no trabalho no grupo F2 são valiosas e fornecem uma compreensão mais completa das práticas linguísticas na fronteira oeste do Mato Grosso. Pois no grupo F2, composto pelos bolivianos, as respostas em relação ao uso das línguas no trabalho foram ainda mais variadas. Oito entrevistados optaram por não responder a essa pergunta, indicando possíveis complexidades nas dinâmicas linguísticas em seus locais de trabalho. No entanto, cinco entrevistados do grupo F2 relataram que utilizam o espanhol em seus locais de trabalho. Isso é compreensível, considerando a presença significativa da comunidade boliviana em diversos setores da região, incluindo aqueles que não residem do lado brasileiro da fronteira.

Além disso, surpreendentemente, 21 entrevistados do grupo F2 mencionaram o uso do português em seus locais de trabalho. Essa observação destaca a adaptação de muitos bolivianos à língua predominante nos ambientes de trabalho brasileiros. Vale ressaltar que, durante as entrevistas, vários colaboradores do grupo F2 mencionaram que misturam o português brasileiro e o espanhol boliviano em suas interações diárias, resultando em uma forma híbrida de comunicação. Isso ilustra a complexidade das práticas linguísticas na fronteira, onde as línguas não são compartimentos estanques, mas se entrelaçam de maneiras diversas.

Essas observações sublinham a natureza intrincada das dinâmicas linguísticas na fronteira oeste do Mato Grosso e como elas se adaptam aos ambientes específicos. Refletem também a interação e a influência mútua entre os grupos F1 e F2. Saber sobre o uso das línguas no trabalho enriquece ainda mais nossa análise das dinâmicas linguísticas na fronteira.

As análises realizadas ao longo deste estudo revelaram uma complexa tapeçaria de dinâmicas linguísticas na fronteira oeste do Mato Grosso, um espaço onde as línguas

e culturas se entrelaçam de maneira única e interdependente. E despois de analisar os cruzamentos dos dados para mostrar a simetria e assimetria presente nesta fronteira, foi possível observar:

Os grupos F1, composto pelos brasileiros, e F2, composto pelos bolivianos, oferecem visões contrastantes, mas complementares, das práticas linguísticas nessa região fronteiriça.

No grupo F1, o português do Brasil é a língua dominante, com todos os entrevistados sendo falantes monolíngues dessa língua. Esse resultado é coerente com a homogeneidade linguística desse grupo, onde o português prevalece em todas as esferas da vida cotidiana. No entanto, algumas observações revelam a influência do contato com o grupo F2, com relatos de uso ocasional do portunhol ou de tentativas de incorporar palavras e expressões bolivianas em suas comunicações.

No grupo F2, a diversidade linguística é mais evidente. O espanhol é amplamente utilizado, refletindo a presença significativa da comunidade boliviana em diversos setores da região. Além disso, muitos entrevistados do grupo F2 relataram o uso do português em seus locais de trabalho, adaptando-se ao ambiente linguístico predominante no Brasil. O fenômeno de mistura de línguas, onde o português e o espanhol se entrelaçam em formas híbridas de comunicação, também é observado em várias interações diárias.

A fluidez linguística se mostra como uma resposta às necessidades sociais, familiares e econômicas na fronteira. As línguas não são compartimentos estanques, mas ferramentas adaptáveis que os indivíduos utilizam para enfrentar as demandas contextuais específicas. Além disso, a identidade linguística torna-se uma questão complexa, com muitos bolivianos, especialmente os nascidos no Brasil, desenvolvendo formas híbridas de identificação que refletem a complexidade de sua experiência de vida na fronteira.

Em última análise, esta pesquisa demonstra que a fronteira oeste do Mato Grosso é um espaço onde as línguas não apenas coexistem, mas também se enriquecem mutuamente. As dinâmicas linguísticas nessa região ilustram como as línguas são vivas, adaptáveis e moldadas pelas interações culturais e sociais.

Ao contrastar os grupos F1 (brasileiros) e F2 (bolivianos), podemos ressaltar como suas práticas linguísticas são distintas, mas ao mesmo tempo complementares. O F1 é predominantemente monolíngue em português do Brasil, enquanto o F2 exibe uma diversidade linguística que reflete a presença da comunidade boliviana na região.

Algumas Considerações

A fluidez linguística observada, incluindo o uso ocasional do portunhol - mistura de português e espanhol em formas híbridas de comunicação - destaca como as línguas tomam certos movimentos e direções, se misturando, dividindo, redividindo, transformando etc., agenciando os falantes por modos e maneiras tão distintas quanto as que podemos supor e imaginar. Tais transformações e divisões podem, em certa medida, ser moldadas pelas demandas sociais, familiares e econômicas. A identidade linguística também emerge como uma questão complexa, especialmente entre os bolivianos nascidos no Brasil, que desenvolvem formas híbridas de identificação.

Compreender essas dinâmicas não apenas enriquece nossa compreensão da diversidade linguística, mas também oferece dados importantes sobre as complexidades da vida na fronteira. Essa primeira análise é um ponto de partida para as próximas que se realizarão pela perspectiva das práticas linguísticas na fronteira Oeste do Mato Grosso, o que veremos mais tarde.

Nesta primeira consideração, buscamos oferecer uma visão abrangente e concisa dos principais resultados de nossas verificações que pudemos observar em nosso estudo sobre as dinâmicas linguísticas na fronteira Oeste do Mato Grosso. E este percurso inicial nos permitiu, em seus limites teóricos e metodológicos, destacar certa complexidade das interações linguísticas nessa região, onde as línguas e culturas se entrelaçam de maneira única e interdependente.

6.2 Análise dos recortes feito no *Google Forms*

A análise dos recortes, realizadas no *Google Forms*, se apresentam aqui como de grande relevância para uma compreensão aprofundada das respostas dos colaboradores da pesquisa. Neste lugar, a investigação se concentra no funcionamento das línguas, notadamente o português e o portunhol, por parte dos Falantes 1 (F1) e em sua compreensão da língua espanhola da Bolívia, frequentemente referida como “língua boliviana” por muitos.

Os pontos-chave a serem analisados nos recortes incluem:

i. **Funcionamento do portunhol**. A análise dos recortes deve identificar as situações específicas em que os falantes F1 mencionam o dizer do portunhol. Isso nos fornecerá informações valiosas sobre os espaços em que essa variedade linguística é mais prevalente, bem como os fatores que influenciam sua utilização.

ii. **Compreensão da "língua boliviana".** É essencial avaliar o grau de compreensão da língua boliviana pelos F1, bem como qualquer estratégia linguística que eles utilizem ao interagir com os Falantes 2 (F2) que falam essa língua. Isso nos permitirá determinar se existe um nível significativo de competência na língua espanhola da Bolívia entre os F1.

iii. **Funcionamento predominante da língua portuguesa.** Destacar que a maioria dos falantes F1 continua a falar o português como sua língua principal, mesmo em ambientes nos quais o contato com F2 que falam o espanhol da Bolívia ocorre. Isso pode indicar uma preferência pelo uso do português ou uma limitação na competência em língua espanhola.

iv. **Termo "língua boliviana".** A análise também deve considerar o uso do termo "língua boliviana" e sua relevância na percepção dos F1. Isso pode ajudar a esclarecer a atitude dos F1 em relação a essa língua e sua identificação como língua distinta.

v. **Motivações para o funcionamento do português.** A investigação deve buscar entender por que a maioria dos falantes do grupo F1 continua a falar o português brasileiro como sua língua principal, mesmo em ambientes em que há contato com os falantes do grupo F2 que falam a "língua espanhola da Bolívia/boliviana". Isso pode revelar preferências linguísticas, necessidades comunicativas ou barreiras linguísticas.

vi. **Espaço e Formulação das Perguntas.** A análise deve levar em conta o ambiente em que as perguntas foram feitas, bem como sua formulação. Perguntas abertas ou específicas podem influenciar as respostas dos colaboradores.

vii. **Variedade de Respostas.** É importante observar se há uma diversidade de respostas entre os colaboradores. Isso pode indicar diferentes perspectivas e experiências em relação ao fala das línguas e à compreensão da língua espanhola da Bolívia.

viii. **Relevância Acadêmica**. A análise deve considerar como essas respostas podem contribuir de modo pertinente para a pesquisa acadêmica em Linguística de nível de doutorado. Como as informações coletadas podem ampliar o conhecimento existente na área?

A análise cuidadosa desses recortes permitirá uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas linguísticas e culturais entre os falantes F1 e falantes F2 em relação às línguas em questão. Ela também servirá como base sólida para os resultados esperados.

Observa-se, inicialmente, que a maioria dos Falantes 1 (F1) são tomados exclusivamente por sua língua materna, o português do Brasil. Contudo, um dos falantes F1 menciona a utilização do portunhol em seu ambiente de trabalho. É importante ressaltar que todos os informantes selecionados para participar da pesquisa atendiam a critérios específicos, um dos quais incluía o contato com os Falantes 2 (F2) em diversas situações, como no trabalho, na escola, em casa, entre outras.

Um falante do grupo F1, identificado como ECbr23, expressou-se:

ECbr23 [...] um pouco do portunhol ou tentando falar algumas palavras em boliviano[...].

Além desse colaborador, outros também compartilharam experiências semelhantes quando perguntados sobre sua compreensão do espanhol boliviano e do idioma que falavam. No entanto, a maioria dos falantes do grupo H1 disse que preferia se comunicar em português.

Abaixo está uma tabela com as respostas dos colaboradores a duas perguntas feitas por meio do *Google Forms:*

Quadro 5 Perguntas realizadas via Google forms (F1)

Identificação	Que língua fala você no trabalho? E se chegar um boliviano qual língua usaria para falar com ele?	Quando você encontra um boliviano, você fala diferente com ele? Se sim nos conte um pouco, como isso acontece?
Cbr01	Não respondeu	Não respondeu
Cbr02	Não respondeu	Não respondeu
Cbr03	Português	Sim, tento lembrar o meu curso de espanhol
Cbr04	Falo o português e através de mímicas	Não tento só compreender o que ele está falando
Cbr05	Já tive essa experiência, quando trabalhei em um consultório ginecológico da cidade, o qual ainda atende muitas bolivianas. No período em que trabalhei lá eu conversava com as/os bolivianos usando algumas palavras em espanhol aliadas ao português.	Normalmente tento conversar aliando pouquíssimas palavras em espanhol com o português.
Cbr06	Português	Português. Porque a maioria dos bolivianos já falam o português.
Cbr07	Portunhol	Não, normalmente acontece pelo fato de trabalhar em uma agência de turismo, no qual sempre tenho contato com os bolivianos
Cbr08	Não respondeu	Não respondeu
Cbr09	Não respondeu	Não respondeu
Cbr10	Não respondeu	Não respondeu
Cbr11	Portugues, quando chega boliviano uso o espanhol pra eles me entenderem melhor	Sim, no meu trabalho tenho clientes bolivianos aprendi falar os nomes dos meus produtos em espanhol com eles pq eles chegavam e pediam na lingua deles e eu não entendia ai eles mostravam e falavam apartir dai começei entender melhor e aprender a falar. Um exemplo eles chegavam e perguntava(tiene maís e aflexo) e eu aprendi que(maís) é milho e (alflexo) é farelo de arroz hoje eu entendo eles e converso bastante com eles isso é bem legal.
Cbr12	Portugues e poucas palavras em espanhol	Com uma paciente boliviana de 4 anos eu falo poucas palavras em espanhol, cumprimentos, uma música em espanhol que ela gosta. Falo o nome dela como os pais pronunciam em boliviano. Ela passou a primeira infância em um sítio em San Matias, com predomínio de uso do boliviano. Veio para a Cáceres por causa do trabalho do Pai e entrou na creche. Além da questão da língua de herança ser o boliviano ela tem um atraso na linguagem. Seu vocabulário é restrito às vezes faz sons não compreensíveis.
Cbr13	Português	Não
Cbr14	Português, usaria a linguagem portunhol, linguagem da qual se mistura o português com espanhol que se dá um bom diálogo para ambos.	Sim, sempre tentamos diálogo puchando pro lado espanhol.
Cbr15	Português	Não falo diferente, falo português.

Cbr16	Portunhol	não exatamente, tento no máximo compreender eles e faze-los me compreender sempre usando um pouco do portunhol ou tentando falar algumas palavras em boliviano que vou aprendendo com o convivi-o com eles.
ECbr17	Português	Não
ECbr18	Não respondeu	Português
ECbr19	Não respondeu	Português
ECbr20	Não respondeu	Português
ECbr21	Não respondeu	Português
ECbr22	Não respondeu	Português
ECbr23	Não respondeu	Português
ECbr24	Não respondeu	Português

Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms*

Tomaremos agora, algumas respostas das perguntas como recorte para nossas análises e que serão identificadas como R1, R2, R3, etc.

R1 - Quando você encontra um boliviano, você fala diferente com ele? Se sim, nos conte um pouco como isso acontece?

Sim, no meu trabalho tenho clientes bolivianos **aprendi falar os nomes dos meus produtos em espanhol** com eles pq eles chegavam e pediam na lingua deles e eu não entendia ai eles mostravam e falavam apartir dai começei entender melhor e aprender a falar. Um exemplo eles chegavam e perguntava(tiene maís e aflexo) e eu aprendi que(maís) é milho e (alflexo) é farelo de arroz hoje eu entendo eles e converso bastante com eles isso é bem legal. (Cbr11)
Com uma paciente boliviana de 4 anos eu **falo poucas palavras em espanhol**, cumprimentos, uma música em espanhol que ela gosta. Falo o nome dela como os pais pronunciam **em boliviano**. Ela passou a primeira infância em um sítio em San Matias, com predomínio de **uso do boliviano**. Veio para a Cáceres por causa do trabalho do Pai e entrou na creche. Além da questão da **língua de herança ser o boliviano** ela tem um atraso na linguagem. Seu vocabulário é restrito às vezes **faz sons não compreensíveis**. (Cbr12)
Sim, sempre tentamos diálogo **puchando pro lado espanhol**. (Cbr14)
Não falo diferente, **falo português**. (Cbr15)
não exatamente, tento no máximo compreender eles e faze-los me compreender sempre usando um pouco do **portunhol** ou tentando falar algumas **palavras em boliviano** que vou aprendendo com o convivi-o com eles. (Cbr16)
Fonte: Questionário *Google Forms* grupo brasileiros (F1)

Antes de continuarmos, uma observação deve ser feita aqui: nestas respostas o que está marcado de negrito, é grifo nosso, os F1 quando encontram com os F2 dizem, usar **nomes de produtos em espanhol** para se comunicar, depois outro F1 fala **poucas palavras em espanhol**, outro F2 tenta um diálogo **puchando pro lado espanhol**, um F1 diz não falar diferente, fala em português mesmo, um outro F1 usa um pouco de **portunhol** e usa algumas **palavras em boliviano**. Então, levando em conta que nas respostas acima a maioria do falantes do grupo F1 falam em português mesmo com os F2. Podemos desdobrar esta sequência da seguinte forma:

- ✓ (P) Os F1 tentam falar com os F2 um pouco em portunhol, usando algumas palavras em boliviano, puxando para o lado espanhol, e usa nomes de produtos em espanhol.
- ✓ (P) Os F1 só falam em português com os F2.

Vejamos outro recorte, R2, selecionado da pergunta abaixo:

R2 - Em uma outra pergunta acrescentada no questionário: "Que língua você acha que os bolivianos utilizam para falar aqui em Cáceres"? Segue as respostas de alguns colaboradores:

Portunhol para nós entendermos oque estão falando. (Cbr11)
Minha paciente de 4 anos fala boliviano com mais fluência do que a língua portuguesa porque ela fica mais tempo com a mãe que é boliviana do que o pai, que é brasileiro. A mãe compreende o português mas sua fala é ´predominantemente **o boliviano**. Quando ela fala rápido é até difícil de entender. (Cbr12)
Português/espanhol/**portunhol**(Cbr13)
Castelhano. (Cbr14)
Portunhol - português e espanhol(Cbr15)
o **portunhol**, em exceção com algum bolivianos que não ajudam nos do Brasil a compreender eles, usando totalmente **o boliviano** (Cbr16)
Espanhol(Cbr17) **Fonte: Questionário Google Forms grupo brasileiros (F1)**

Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms*

A análise das respostas dos F1 à pergunta sobre a língua que os F2 usam em Cáceres fornece informações importantes sobre as percepções dos F1 em relação às línguas faladas pelos F2. Aqui está uma análise dessas respostas:

Respostas indicando o uso do portunhol:

- **(Cbr11)** "Portunhol para nós entendermos o que estão falando."
- **(Cbr13)** "Português/espanhol/portunhol."
- **(Cbr15)** "Portunhol - português e espanhol."
- **(Cbr16)** "O portunhol."

Essas respostas sugerem que alguns falantes do grupo F1 percebem que os falantes do grupo F2 usam/falam uma variedade de línguas que inclui o portunhol. Isso pode indicar uma realidade linguística complexa em Cáceres, onde o portunhol é visto como uma forma de comunicação que facilita a compreensão entre falantes de diferentes línguas.

Respostas indicando o uso do "boliviano":

- **(Cbr12)** "Fala é predominantemente o boliviano."
- **(Cbr16)** "Usando totalmente o boliviano."

Essas respostas indicam que alguns falantes de F1 reconhecem que os falantes de F2 predominantemente usam a "língua boliviana" em Cáceres. Isso sugere que há uma comunidade de falantes de "boliviano" na região que é percebida pelos F1.

Respostas indicando outras línguas:

- **(Cbr14)** Um F1 mencionou "Castelhano".
- **(Cbr17)** Outro F1 mencionou "Espanhol."

Essas respostas são interessantes, pois sugerem que alguns F1 podem ver a língua falada pelos F2 de maneira mais geral, usando termos como "castelhano" e "espanhol". Isso pode refletir uma percepção de que as línguas faladas pelos falantes F2 não são necessariamente distintas.

A partir desses recortes acima podemos fazer um desdobramento de como os falantes de língua portuguesa do Brasil (F1) veem os falantes de língua espanhola da Bolívia (F2) na sequência da seguinte forma:

- ✓ (P) Os falantes F2 falam o portunhol – português e espanhol, para que os falantes F1 possam entendê-los.
- ✓ (P) Os falantes F2 quando não se faz entender, falam em espanhol ou castelhano, ou então usa predominantemente e totalmente o boliviano.
- ✓ (P) Os falantes F2 falam portunhol.

Em resumo, as respostas dos falantes do grupo F1 mostram uma diversidade de percepções sobre as línguas usadas pelos falantes do grupo F2 em Cáceres, com destaque para o portunhol, o "boliviano" e termos mais gerais como "castelhano" e "espanhol". Isso indica a complexidade da dinâmica linguística na região e se faz pertinente para nossa pesquisa.

Passemos agora a observar outro quadro de perguntas:

Quadro 6 Perguntas retiradas do Google forms (F1)

Identificação	10. Em que língua os bolivianos falam com você em português ou na língua deles? O que você acha?
Cbr01	En **español**
Cbr02	La mayoria hablan en la **lengua portuguesa**.
Cbr03	Língua deles. Acho normal.

Cbr04	Na língua deles Entendo muito pouco
Cbr05	**Em português**
Cbr06	Geralmente **mistura um pouco as duas línguas**
Cbr07	A maioria usa o **Portunhol**, **uma língua de contato**. Porém isso depende muito do tempo que ele está no Brasil, quanto mais tempo no Brasil mais a fala é aportuguesada.
Cbr08	En **portugués**
Cbr09	YO, EXIJO QUE HABLEN CONMIGO EN ESPAÑOL , PARA QUE ASÍ QUEDAN CONFORTABLES
Cbr10	Geralmente quando os bolivianos falam com brasileiros, eles **usam parte em espanhol e parte em português, o "portunhol".**
Cbr11	**Portugues** pq na lingua deles eu não entendo quase nada
Cbr12	**Na língua deles**.
Cbr13	Buscam falar o **português**
Cbr14	Hablam **su lengua**, pero hablan uno **poquito** de **portugués**.
Cbr15	Um pouco em português, um pouco em espanhol
Cbr16	Alguns falam na **língua nativa deles (Boliviano**), já algumas das pessoas bolivianas que tenho contanto usam o **portunhol** comigo, mesmo que bem pouco, contudo eu gosto da experiência de poder tentar me comunicar com eles, are na mesma fala deles.
Cbr17	**Uns fala em português outros em espanhol**, bem **misturado**
ECbr18	aqui eles tentam dar aquela, é fazer uma adaptaçãozinha, né um **portunhol** um castelhano
ECbr19	Eles falam **diferente**, nem espanhol e nem portugues
ECbr20	falam mais **corrido**
ECbr21	às vezes que falam mais ou menos arranha o português, mas muito deles não falam. Então a gente acaba se comunicando através de mímica [...] Mas aí assim. Alguns vão No No **portunhol**, nem entendem, é o que a gente diz, mas eu mesmo não entendo o que ele quer dizer, mas ele está me entendendo? E assim é mais através de mímica mesmo perguntando, é esse o tamanho mostrando? É como se fosse. Porque se ele não tivesse entendendo, mas ele está entendendo, ou então ele olha, sorri ano...Aí, não outro.
ECbr22	É algumas palavras com espanhol **misturado** com o português
ECbr23	A maioria fala **portugues**
ECbr24	**Misturado**, **portunhol**

Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms*

Podemos observar que nos dois quadros acima a pergunta é direcionada no sentido qual língua os F2 (bolivianos) falam com F1 (brasileiros). É possível observar várias respostas, mas o que nos chama atenção é esta: ***(Cbr16)*** *"Alguns falam na língua nativa deles (Boliviano) (Cbr16)"* mais uma vez o falar boliviano aparece nas nossas entrevistas. Outra questão que se apresenta no acontecimento é como os F1 veem os F2 na interação entre F2_____F1. Veremos, adiante, alguns recortes que retiraremos das respostas dadas as duas perguntas acima. No entanto, veremos rapidamente como os F1 veem a interação entre os de F2_____F1, e então passaremos de fato aos recortes:

Língua portuguesa do Brasil _____Falantes (F1)



Língua espanhola da Bolívia_____Falantes (2)

A análise dessas respostas das entrevistas revela informações importantes sobre como os F1 percebem a interação entre os F2 (bolivianos) e os F1 (brasileiros) em relação ao uso das línguas. Aqui estão alguns ideias com base nos recortes fornecidos:

i. **Uso da língua boliviana pelos F2.** A citação “Alguns falam na língua nativa deles (Boliviano) (Cbr16)” é significativa, pois indica que os falantes F1 reconhecem que alguns dos falantes F2 falam a língua boliviana. Isso sugere uma consciência por parte dos F1 desta designação de língua boliviana e é uma parte importante da identidade e comunicação dos F2.

ii. **F1 percebendo a diversidade linguística dos F2.** As menções de **(Cbr12)** "a fala deles é predominantemente boliviana" e **(Cbr16)** "usando totalmente o boliviano", destacando que alguns bolivianos se identificaram como falantes de boliviano destaca que os falantes do grupo F1 reconhecem a diversidade linguística entre os falantes do grupo F2. Isso pode indicar uma apreciação por parte dos membros de F1 da riqueza cultural e linguística dos membros de F2.

iii. **Percepção da língua boliviana em San Matias.** A observação de que **(Cbr12)** "Ela passou a primeira infância em uma fazenda em San Matías, com uso predominante do boliviano" é uma evidência de que as pessoas em San Matías falam boliviano e é interessante, pois sugere que os falantes F1 identificam diferenças regionais nas línguas faladas pelos falantes F2. Isso pode refletir uma compreensão mais detalhada da diversidade linguística dentro da comunidade boliviana.

iv. **Como os F1 veem a interação F2-F1.** A análise das respostas completas pode revelar como os membros de F1 percebem a interação entre os membros de F2 e os membros de F1. Isso inclui se eles veem o uso/a fala de diferentes línguas como uma barreira ou como uma forma de enriquecer as interações culturais e linguísticas.

Em resumo, os recortes indicam que os falantes do grupo F1 estão cientes da diversidade linguística dos falantes do grupo F2, reconhecendo a presença da "língua boliviana", "língua castelhana", "portunhol" entre eles. Essa percepção pode influenciar a forma como os membros de F1 interagem com os membros de F2 e como veem a comunicação intercultural. Isso pode fornecer uma compreensão mais abrangente das dinâmicas de interação entre os dois grupos.

Tomaremos agora mais um recorte para análise, o R3.

R3 - Em que língua o/s boliviano/s fala/m com você, em português ou na língua deles? O que você acha?

Portunhol para nós entendermos oque estão falando. (Cbr06)
Geralmente quando os bolivianos falam com brasileiros, eles **usam parte em espanhol e parte em português, o "portunhol".**(Cbr07)
Portugues pq na lingua deles eu não entendo quase nada(Cbr10)
Na língua deles. (Cbr12)
Buscam falar o português (Cbr13)
Hablam su lengua, pero hablan uno poquito de portugués. (Cbr14)
Um pouco em português, um pouco em espanhol(Cbr15)
Alguns falam na língua nativa deles (Boliviano), já algumas das pessoas bolivianas que tenho contanto **usam o portunhol** comigo, mesmo que bem pouco, contudo eu gosto da experiência de poder tentar me comunicar com eles, are na mesma fala deles. (Cbr16)
Portunhol para nós entendermos oque estão falando. (Cbr11)
Minha paciente de 4 anos fala boliviano com mais fluência do que a língua portuguesa porque ela fica mais tempo com a mãe que é boliviana do que o pai, que é brasileiro. A mãe compreende o português mas sua fala é ´predominantemente **o boliviano**. Quando ela fala rápido é até difícil de entender. (Cbr12)
Português/espanhol/**portunhol**(Cbr13)
Castelhano. (Cbr14)
Portunhol - português e espanhol(Cbr15)
o **portunhol**, em exceção com algum bolivianos que não ajudam nos do Brasil a compreender eles, usando totalmente **o boliviano** (Cbr16)
Espanhol(Cbr17) **Fonte: Questionário Google Forms grupo brasileiros**

Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms*

Podemos observar que o falante F2 usa a língua para se relacionar com o falante F1, e pode-se reescrever a língua por expansão enumerativa: portunhol; parte em espanhol e parte em português; um pouco em português; um pouco em espanhol; boliviano; castelhano; português e espanhol; uma mescla, o portunhol.

As respostas dos falantes F1 (brasileiros) às perguntas sobre como os falantes F2 (bolivianos) se comunicam com eles revelam uma variedade de percepções e experiências em relação ao uso das línguas. Aqui estão algumas conclusões com base nas respostas fornecidas:

i. **Uso do portunhol.** Muitos F1 mencionaram o uso do portunhol, indicando que é uma prática comum quando os F2 se comunicam com eles. O portunhol é visto como uma forma de facilitar a compreensão mútua.

ii. **Alternância de línguas.** Alguns falantes F1 observaram que os falantes F2 alternam entre o espanhol e o português, criando uma mistura linguística conhecida como portunhol. Isso sugere uma adaptação por parte dos F2 para tornar a comunicação mais eficaz.

iii. **Dificuldades de compreensão.** Alguns falantes do grupo F1 mencionaram que têm dificuldades para entender a língua dos falantes do grupo F2, seja o espanhol ou o boliviano. Isso pode indicar desafios de comunicação e a necessidade de recorrer ao portunhol.

iv. **Identificação das línguas dos F2.** Alguns membros de F1 identificaram a língua boliviana como a língua nativa dos membros de F2, destacando a diversidade linguística entre os bolivianos. Isso demonstra uma percepção mais sofisticada das línguas faladas pelos F2.

v. **Experiências positivas com o portunhol.** Alguns F1 expressaram uma apreciação pela experiência de tentar se comunicar em portunhol com os F2, mesmo que seja em pequena medida. Isso sugere uma atitude positiva em relação à diversidade linguística.

vi. **Variedade de respostas.** As respostas variam de acordo com as experiências individuais dos F1, mostrando que não existe uma única abordagem para a comunicação entre F1 e F2.

vii. **Identificação regional da fronteira oeste do Mato Grosso.** Algumas respostas mencionam diferenças regionais, como o uso predominante do boliviano em San Matias, destacando a complexidade da dinâmica linguística na região. Em resumo, as respostas dos falantes F1 refletem uma realidade linguística complexa e variada em que o portunhol desempenha um papel importante na interação entre os falantes F1 e F2. Essa análise oferece uma visão abrangente das percepções e experiências dos F1 em relação às línguas faladas pelos F2.

A análise da perspectiva dos falantes F2 (bolivianos) sobre a interação com os falantes F1 (brasileiros) em relação ao funcionamento das línguas pode fornecer dados valiosos sobre como os próprios F2 percebem essas dinâmicas. No entanto, veremos as respostas dos F2 a seguir. E buscaremos obter algumas perspectivas, necessária para conduzir nossas análises.

Ao realizar essas entrevistas ou questionários com os falantes do grupo F2, buscamos explorar as seguintes questões:

i. **Percepção das línguas utilizadas pelos F1.** Os F2 percebem o uso do portunhol ou de outras línguas pelos F1 em suas interações? Como eles descreveriam a maneira como os F1 se comunicam linguisticamente?

ii. **Facilidade de compreensão.** Os F2 encontram facilidade em compreender o que os F1 estão dizendo? Eles sentem que a interação é eficaz ou enfrentam desafios linguísticos?

iii. **Atitude em relação à comunicação intercultural.** Como os F2 se sentem em relação à interação com os F1? Eles apreciam a oportunidade de interagir com falantes de outra língua? Sentem que a comunicação é enriquecedora ou desafiadora?

iv. **Variedade de experiências.** Existem diferenças nas experiências dos F2 em relação às línguas e à interação com os F1? Isso pode incluir diferenças regionais ou individuais.

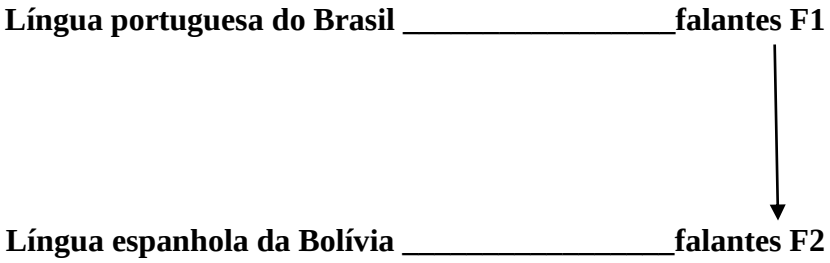
v. **Identificação linguística e cultural.** Os F2 se identificam como falantes de uma língua específica (por exemplo, boliviano,

portunhol) ou têm uma percepção mais flexível de sua identidade linguística e cultural?

vi. **Desafios ou barreiras percebidas.** Os F2 veem algum desafio específico na interação com os F1, seja em termos de linguagem, cultura ou outra questão?

vii. **Atitudes em relação à diversidade linguística.** Como os F2 percebem a diversidade linguística na região? Eles veem a mistura de línguas, como o portunhol, como algo positivo ou desafiador?

Entender a perspectiva dos falantes F2 é central para obter uma visão completa das dinâmicas linguísticas e culturais na região e pode complementar a análise das respostas dos F1 e dos F2. Isso irá contribuir significativamente para nossas análises na configuração do espaço de enunciação da Fronteira Oeste do Mato Grosso.



Agora veremos como os F2 veem a interação entre os de F1_____F2.

Quadro 7 Perguntas retiradas do Google forms (F1)

Identificação	10. ¿En qué lengua hablan con usted los brasileños, en portugués o en su lengua?
Cbo01	En portugues .
Cbo02	Sim eu sei falar português
Cbo03	Na língua deles, mas devemos procurar aprender a falar tanto uma língua quanto a outra porque existem situações visiversa.
Cbo04	EM PORGUGUÈS
Cbo05	Na língua deles
Cbo06	Português
Cbo07	Português, bom
Cbo08	Português
Cbo09	Todos em português
Cbo10	En portuñol
Cbo11	Português
Cbo12	En português
Cbo13	En português
Cbo14	En portugués y en español
Cbo15	En português
Cbo16	En português

ECbo17	Portugues
ECbo18	Portugues
ECbo19	Português
ECbo20	Português
ECbo21	Sii portugues
ECbo22	Português
ECbo23	Português y brasilero
ECbo24	Português
ECbo25	Português
ECbo26	Português
ECbo27	Português
ECbo28	Não só português
ECbo29	Português
ECbo30	Português
ECbo31	Português
ECbo32	Português
ECbo33	Português
ECbo34	Português

Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms*

Então podemos dizer que os falantes do grupo F1 falam a língua para se relacionar com F2, onde podemos verificar o procedimento de reescritura do termo língua por expansão enumerativa: português; brasileiro, portunhol.

As respostas dos membros do grupo F2 (bolivianos) à pergunta sobre em que língua os F1 (brasileiros) falam com eles fornecem uma visão interessante da perspectiva dos F2 sobre a interação linguística. Aqui estão algumas conclusões com base nas respostas fornecidas:

i. **Uso predominante do português**: A maioria dos F2 menciona que os F1 falam em português com eles. Isso sugere que o português é a língua predominante utilizada nas interações entre os dois grupos.

ii. **Conscientização da necessidade de aprender ambas as línguas**: Alguns F2 reconhecem a importância de aprender tanto o português quanto sua língua nativa, devido a situações diversas. Isso demonstra uma conscientização das complexidades das interações interculturais.

iii. **Variedade de respostas**: Embora a maioria mencione o português, algumas respostas incluem designações, como “portuñol,” “portugués y español,” ou “português y brasilero.” Isso indica que, em algumas interações, pode haver uma combinação de línguas.

iv. **Aceitação do uso do português**: Parece que os F2 estão dispostos a aceitar e se comunicar em português com os F1, indicando uma atitude de abertura em relação à diversidade linguística.

v. **Língua materna vs. segunda língua**: Alguns F2 mencionam que os F1 falam na língua deles (português), sugerindo que o português é a língua materna dos F1. Essa percepção pode influenciar a dinâmica das interações.

Com isso, observamos que as respostas dos falantes F2 indicam que o português é a língua predominante, que sobrepõe nas interações com os falantes F1. No entanto, há uma variedade de percepções e abordagens, incluindo a conscientização da importância de aprender ambas as línguas e a disposição para se comunicar em diferentes idiomas. Essa análise oferece dados pertinentes sobre a perspectiva dos F2 em relação à interação com os F1.

Para fechar esse bloco de análises sobre os dados coletados traremos uma última questão que foi colocado nos questionários do *Google Forms,* como pergunta de número 15, para mostrar como os grupos de falantes brasileiros F1 e bolivianos F2, compreendem o falar em funcionamento San Matías, em relação ao falar de Cochabamba e Santa Cruz. Para isso, tomaremos como recorte esses questionário, R4 e R5.

R4 – Perguntas feitas ao grupo de brasileiros (F1)

Identificação	**15.** ¿Usted cree que **el hablar de los bolivianos** aquí **de la frontera oeste** es distinto de los bolivianos que viven en Cochabamba y Santa Cruz? ¿Por qué?
Cbr01	De Santa Cruz no pero con toda seguridad de Chuquisaca, Cochabamba y Tarija sí
Cbr02	Hay **algunos dialetos y también outras leguas como quechua** etc.
Cbr03	Então. Não sei exatamente como é o **falar dos Bolivianos destas cidades indicadas**.
Cbr04	Não sei
Cbr05	Acredito que sejam **sotaques diferentes**, até pq são colonizados por pessoas diferentes, diferentes culturas
Cbr06	**Não notei diferença**
Cbr07	Não sei responder, pois eu nunca fui nessas cidades, mas acredito que existam diferenças sim, devido as influências culturais da região de fronteira.
Cbr08	Si, por **lá identidad indígena**
Cbr09	SI, LA DIVERSIDADE CULTURAS, EXISTE MUCHAS DIFERENCIA
Cbr10	Não sei
Cbr11	Acredito que sejam **sotaques diferentes, até pq são colonizados por pessoas diferentes**, diferentes culturas
Cbr12	Não notei diferença
Cbr13	Não sei responder, pois eu nunca fui nessas cidades, mas acredito que existam diferenças sim, devido as influências culturais da região de fronteira.
Cbr14	No pueso dar me una opinion.

Cbr15	**Sim, é diferente** porque o contato dos q **moram na fronteira, com a Língua Portuguesa, facilita assimilação de sons q acabam sendo incorporados numa maneira muito peculiar de se comunicarem.**
Cbr16	bem, eu nao sei como responder esta, infelizmente nao pude ter contato com bolivianos de Santa Cruz ou de Cochabamba
Cbr17	**Não tem muita diferença. Umas palavras ou outras são diferentes**

Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms*

R5 – Perguntas feitas ao grupo de bolivianos (F2)

Identificação	15. Você acha **o falar do boliviano** daqui **da fronteira oeste** diferente do falar boliviano de Cochabamba e Santa Cruz? Por quê? Comente um pouco?
Cbo01	Si es muy distinto , **el boliviano que vive en la frontera habla el portuñol osea portuguêS mesclado con español.**
Cbo02	Sim, **uma mistura de português e espanhol**
Cbo03	De Santa Cruz não agora de cochabamba tem um pouco de **diferença e mais puxado o son das palavras** e também tem a **fala do quechua**.
Cbo04	SI PORQUE CADA **DEPARTAMENTO TIENE SU LENGUA ORIGINARIA**
Cbo05	Sim porque eles são mais difícil de entender
Cbo06	Sim e diferente Bolivia e um pais pluri cultural
Cbo07	Sim. **Pois o da fronteira é uma mistura já do português e espanhol**
Cbo08	**Não , porque cada uma das cidades tem seu sotaque diferente ,mesmo sendo do mesmo país**
Cbo09	Acho que **não tem diferença**, a fala é a mesma para mim que falo o espanhol entendo da mesma maneira os bolivianos de lá
Cbo10	Si, es **diferente el acento**
Cbo11	Siii .com certeza
Cbo12	Si tienen una **acentacion diferente**
Cbo13	Si distintos por que los de **poralla lo ablan correcto**
Cbo14	Pues yo creo que no **es mucha la diferencia**
Cbo15	No porque ellos **no se olvidan de su idioma**
Cbo16	Si porque hablamos médio **atravessado mesclamos muchas palabras**

Fonte: elaboração própria a partir dos questionários *Google Forms* e entrevista

Podemos dizer que tanto os grupos de falantes brasileiros F1 quanto os bolivianos F2 pensam que sim, que existe uma diferença entre o falar dos de San Matias da Fronteira para os falantes bolivianos de Cochabamba e Santa Cruz, e podemos verificar o procedimento de reescritura desse falar por expansão enumerativa os R4 –

F1:

Cbr02 "*algunos dialetos y quéchua".*

Cbr05 "*sotaques diferentes".*

Cbr08 "*lá identidad indígena".*

F2:

Cbr01 "*el boliviano que vive en la frontera habla el portuñol osea português mesclado con español".*

Cbr02 *"uma mistura de português e espanhol".*

Cbr03 *"diferença e mais puxado o son das palavras; tem a fala do quéchua".*

Cbr04 *"LENGUA ORIGINARIA".*

Cbr07 "*fronteira é uma mistura já do português e espanhol".*

Cbr08 *"sotaque diferente;*

Cbr10 *diferente el acento".*

Cbr15 *"no se olvidan de su idioma".*

Cbr16 *"hablamos médio atravessado mesclamos muchas palabras".*

Podemos observar que os falantes dos grupos de brasileiros F1 e bolivianos F2 mostram que existe uma diferença no falar dos bolivianos da fronteira oeste do Mato Grosso. Ainda tomando os recortes R4 e R5, as respostas acima dos dois grupos, vejamos as seguintes paráfrases:

- ✓ (P) Os F1 dizem que o falar da fronteira é diferente por causa do sotaque, de alguns dialetos e porque outros falam línguas indígenas.
- ✓ (P) Os F2 dizem que o falar da fronteira é diferente por causa do sotaque, por te o som mais puxado das palavras.
- ✓ (P) Os F2 dizem que o falar da fronteira é diferente dos de Cochabamba e Santa Cruz, pois falam portunhol ou seja português misturado com espanhol.
- ✓ (P) Os F2 dizem que o falar da fronteira é diferente porque é uma mistura já do português e espanhol.
- ✓ (P) Os F2 dizem que o falar da fronteira é diferente porque falam meio atravessado misturando muito as palavras.

Com base nas respostas dos grupos de falantes brasileiros F1 e bolivianos F2, podemos considerar que eles percebem diferenças no falar dos bolivianos de San Matías na fronteira em comparação com os bolivianos de Cochabamba e Santa Cruz. Essas diferenças incluem uma variedade de elementos linguísticos, como:

F1:

Alguns dialetos e quéchua.
Sotaques diferentes.
Identidade indígena.

F2:
Uso do portunhol (português mesclado com espanhol) na fronteira.
Mistura de português e espanhol.
Diferenças de sotaque e pronúncia.
Presença da fala do quéchua.
Uso de línguas originárias.
Influência do português na fronteira.
Sotaque diferente.
Diferença de acento.
Manutenção da língua materna.

Essa enumeração reflete as percepções dos falantes de cada grupo, F1 e F2, sobre as diferenças linguísticas e culturais entre os falantes de San Matías na fronteira e os bolivianos de Cochabamba e Santa Cruz. Essas diferenças podem ser resultado de influências históricas, culturais e geográficas que moldam as variedades linguísticas na região.

Algumas Considerações

A observação sobre a estabilidade dos sentidos do termo portunhol na fronteira Oeste do Mato Grosso, Cáceres, e leste da Bolívia, San Matías, é relevante e destaca como a língua e a identidade linguística são construídas em espaços específicos de interação. Ainda, de como os sujeitos são afetados/agenciados ao tomar a fala. Mostrando claramente uma relação política de/na linguagem. Aqui estão algumas observações com base nos nossos dados:

i. **Dinâmica dos Sentidos Linguísticos.** Os sentidos da língua são fluidos e se constroem a cada nova interação. O termo portunhol pode assumir diferentes significados ao funcionar em acontecimentos distintos e pelas práticas de linguagem dos falantes.

ii. **Conflito de Sentidos.** A relação entre os falantes de F1 e F2 na fronteira instala um conflito de sentidos em relação ao portunhol. Enquanto alguns podem vê-lo como uma mistura de português e

espanhol, outros podem percebê-lo como uma língua com características próprias.

iii. **Língua como Sistema Não Fechado.** Essa observação de que a língua é um sistema não fechado, sujeito a múltiplas possibilidades e interpretações, é fundamental. Como vimos, a língua é dinâmica, e se mistura, divide e redivide em seu funcionamento, no funcionamento social da linguagem, tomando os falantes por modos e maneiras distintas conforme as necessidades materiais que os falantes têm, o que acaba por incorporar, numa região complexa, elementos de diferentes idiomas.

iv. **Equívoco e Falhas na Língua.** A presença do equívoco e das falhas na língua se constituem enquanto aspectos interessantes. Eles permitem observar como as variações linguísticas podem ser percebidas como imperfeições ou como características enriquecedoras, dependendo da perspectiva do falante.

Assimetria Linguística

A assimetria linguística observada nos dados sugere que a relação entre os grupos de falantes brasileiros F1 e boliviano F2, não é necessariamente igualitária em termos de linguagem. Isso pode ser influenciado por fatores como poder cultural e econômico. Dessa maneira, observamos a complexidade das dinâmicas linguísticas na fronteira Oeste do Mato Grosso e como os sentidos da língua são moldados pela interação entre os membros dos grupos F1 e F2. A análise dos dados coletados por meio de questionários (*google forms* - escrita) e entrevistas (orais) nos fornecem elementos adicionais sobre essa dinâmica linguística e cultural da região.

Uma primeira questão que se coloca nesta observação é a produção dos sentidos no presente do acontecimento que se dá num mesmo espaço de enunciação do português do Brasil na fronteira Oeste do Mato Grosso, e que acabam por se constituir a cada nova enunciação, a cada novo acontecimento. Desse modo, os sentidos produzidos pelo termo portunhol, acaba por determinar uma mistura de português e espanhol, e determina atravessado por mistura de muitas palavras. Assim, o sentido os sentidos produzidos

enunciativamente a partir da relação F1 e F2, são marcados por um litígio que se dá na relação com o próprio sentido de línguas funcionando no mesmo espaço de enunciação. Ou seja, o próprio sentido de *língua* aparece enquanto algo contraditório, pois desliza entre o que é legitimado pelo memorável da língua de prestígio, ao mesmo tempo, em que recorta o memorável que determina *língua* a partir de suas falhas, de suas múltiplas possibilidades enquanto um sistema não fechado, em sua relação com aqueles que a falam, seus falantes, significada a partir do equívoco. Falaremos mais dessa relação a seguir.

Desse modo, podemos verificar no espaço de enunciação do português do Brasil na fronteira oeste do Mato Grosso Cáceres com leste da Bolívia, San Matias uma assimetria socioeconômica apresentada pelos dados apresentados em forma de gráficos que foram recortados das entrevistas, mas também, vimos os sentidos que se apresentaram para o termo Portunhol. Passemos agora às análises seguintes com recortes das entrevistas.

6.3 A configuração do espaço de enunciação da fronteira oeste de MT

Neste ponto de nossa pesquisa, mobilizaremos para nossa análise a noção de espaço de enunciação, que é central em nossa pesquisa como um dos pressupostos teórico-metodológicos da Semântica do Acontecimento de Guimarães (2002 e 2018). Esse é um lugar decisivo para considerarmos a relação entre as línguas portuguesa brasileira e espanhola boliviana, o funcionamento das línguas em sua relação constitutiva com seus falantes, o que situa imediatamente o político como próprio desse funcionamento.

Portanto, em termos de análise semântica, precisamos considerar acontecimentos de enunciação, ou seja, textos que são produzidos pelo funcionamento da linguagem em espaços de enunciação. Para este estudo, tomaremos um conjunto de enunciados extraídos das entrevistas que, como vimos, são textos que atestam o funcionamento da linguagem na fronteira. De acordo com Guimarães (2002), um aspecto importante na abordagem de um *corpus é a* produção de recortes, como mencionado acima, pois é possível observar no *corpus* elementos decisivos para nossa análise, de acordo com nossos objetivos. Em outras palavras, é essencial que tenhamos um bom material para analisar. Portanto, os enunciados que selecionarmos serão decisivos para

nossa reflexão.

Como vimos acima, “a língua nacional e a oficial (sobrepostas) passam a funcionar sobre o modo de presença das línguas indígenas, das línguas africanas e de línguas de imigrantes que começam a vir para o Brasil” (Guimarães, 2014, p. 53). Via tal perspectiva, iremos considerar, para o procedimento de análise num primeiro momento, a configuração do espaço de enunciação que se constitui enquanto a configuração própria de acontecimentos de enunciação. Será necessário neste caso, considerar os enunciados que apontam para a categoria do falante de um lado e enunciados de língua de outro. Para a análise de acontecimentos de enunciação observaremos também a configuração da cena enunciativa, relações de reescrituração e articulação etc. E a partir disso, ser-nos-á possível considerar como certos enunciados remetem às línguas, para além do que dizem no acontecimento. Vamos partir de dois acontecimentos de enunciação colocados a partir dos recortes que foram apresentados e analisados anteriormente.

6.3.1 Análise das interações entre falantes brasileiros (F1) e bolivianos (F2) na fronteira oeste de Mato Grosso

Antes de iniciar as análises, faremos aqui uma primeira configuração do espaço de enunciação que antecede a sondagem inicial, dada pelas pesquisas postas acima. Recordemos, então, como se dá esta relação entre as línguas e seus falantes:

Língua Portuguesa do Brasil (Br) _____ Falantes (F1)

Língua Espanhola da Bolívia (Bo) _____ Falantes (F2)

A partir de agora vamos tomar o esquema de distribuição e de divisão das línguas a seus falantes no espaço de enunciação que constam em nosso exemplo, as línguas,

portuguesa[96] do Brasil (diversos falares) em um único falar, (língua Br-1). A língua espanhola da Bolívia o mesmo (língua Bo-2).

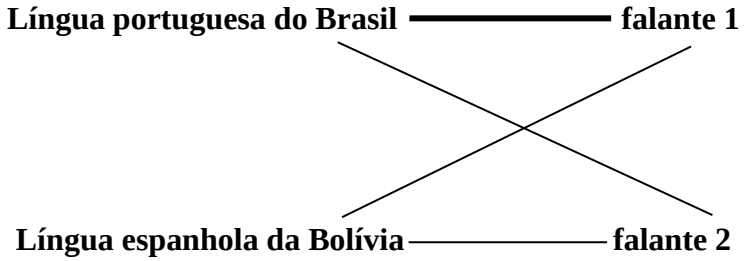


Diagrama-1
Fonte: Elaboração própria

É possível observar neste primeiro momento, a configuração de um espaço de enunciação caracterizada por uma certa dominância da relação Língua Br-1 – F1, já que no caso é a língua dominante por ser a língua do Estado Brasileiro e com uma quantidade massiva com um maior número de falantes do grupo de bolivianos F2 na relação com a língua Bo-2 – F2. Há uma relação Lbr – F1 que se apresenta como a relação de uma língua oficial/nacional do Brasil e seus falantes, correlacionada a uma relação de Lbo – F2, que não é a língua oficial neste espaço de enunciação da língua portuguesa do Brasil.

No diagrama acima, as linhas contínuas horizontais relacionam as línguas e os falantes que as falam, e as transversais relacionam as línguas e os falantes que podem ou não as falar. A relação em destaque (negrito) significa sua posição dominante no espaço de enunciação, ou seja, o espaço de enunciação, naquelas condições, coloca uma relação entre português do Brasil e seus falantes, de um lado, e espanhola da Bolívia e seus falantes, de outro. Desse modo, ficando a primeira relação exposta à segunda e vice-versa (tomando o espaço de enunciação da fronteira oeste MT como um todo), esses falantes não são falantes da outra língua. A diferença entre o que se realça ou não significa o limite entre o dominante e o interditado; fronteira, por sinal, aberta às relações mútuas,

[96] "O que é falar Português no Brasil? Sem dúvida que o primeiro aspecto que devemos considerar é que o Português é a língua oficial do Estado Brasileiro, e é, nesta medida, a Língua Nacional do Brasil. Ou seja, é elemento de identificação de sujeitos enquanto cidadãos do Estado. Mas fala Português no Brasil é falar uma língua que são várias. Assim a relação dos falantes com a língua está regulada por uma relação com a língua do Estado, enquanto uma língua, a língua (una) do Estado. Esta relação está por outro lado regulada pelo fato de que a língua portuguesa não é praticada na extensão do território brasileiro em consonância com esta língua una do Estado". (Guimarães, 2003, p. 55). Disponível em: https://doi.org/10.5902/2176148511880. Acesso: 01/05/2021.

exatamente por seu caráter político. No diagrama vem significando também, mesmo que um falante, o falante-1, por exemplo, não fale a Língua Espanhola da Bolívia, ele está determinado em relação a ela no espaço de enunciação considerado e vice-versa. Portanto, podemos inicialmente dizer que a relação no espaço de enunciação da fronteira Oeste do Mato Grosso é significada pelo sentido da dominação da Língua Portuguesa do Brasil nesse espaço.

E isso não significa que as línguas entraram em contato, o que produziu certos efeitos. É mais que isso. O que mostramos aqui é que há efetivamente, nas enunciações que analisamos, um embate enunciativo que traz diretamente numa relação de interlocução onde a língua que é falada entre L e AT é na relação numa língua por outra, sempre na língua dominante.

É possível observar nas análises acima, que a resposta em relação à língua enunciada pelo grupo de brasileiros F1 (Br), é português, aonde vimos nas análises, as seguintes informações: Línguas falada em casa (Língua materna – LM); Línguas que falam (L2); se os F1 (Br) falam espanhol; E que língua os F1 usariam para se comunicar com um F2 (Bo). A maioria disse "português" como já mencionado acima, 5 que escolheram responder o questionário em espanhol, de alguma forma em análises aos dados coletados, apresentam uma certa proficiência na língua espanhola, exceto um colaborador Cbr14, apresentou um certo nível de mistura entre as línguas portuguesa e espanhola. Desse modo podemos configurar como um processo de aprendizado, pois o mesmo disse:

> **(Cbr14)** "Bueno, yo aprendí a hablar español cuando empecé a tener contactos con unos familiares que viven aquí en San Matias, siempre me pareció muy interesante el idioma español, siempre quise aprenderlo, y aprendí un poco más con la asignatura de español en alto. escuela".

Desse modo, não temos dados suficientes para saber se o entrevistado está passando ainda pelo processo de aprendizado da língua, por isso não consideramos como uma nova prática do contato. Levando em conta que todos os entrevistados não quiseram fazer a entrevista em espanhol, tendo dos 24 colaboradores, só 5 responderam ao questionário em espanhol e eles não quiseram dar entrevista pessoalmente em espanhol. Desse modo, não temos dados suficientes para verificar se existe a presença de uma nova prática linguística a partir desse contato português-espanhol (F1_____F2), outra

questão que pode legitimar esse lugar de relação e distribuição de línguas, foi quando se perguntou aos falantes F2 (Bo) 10. ¿En qué lengua hablan con usted los brasileños, en portugués o en su lengua? As respostas foram quase unânimes, pois, a maioria ou quase todos: disseram "português", teve um que disse "português y brasilero" e um outro disse portunhol.

Algumas Considerações

Portanto, os dados fornecidos pelas respostas dos colaboradores brasileiros (F1) revelam informações importantes sobre as línguas faladas em casa, as línguas com as quais os colaboradores estão familiarizados, a disposição para usar o espanhol e a língua preferida no ambiente de trabalho. Aqui estão algumas observações com base nas respostas:

i. **Língua Materna e Línguas Familiarizadas:** A maioria dos colaboradores têm o português como língua materna e a língua com a qual estão mais familiarizados. Alguns colaboradores também mencionam que falam espanhol, indicando uma capacidade bilíngue.

Quadro 8 Respostas dos colaboradores do grupo de Brasil (F1)

Identificação	Língua(s) Falada em casa (Língua materna)	Língua (s) que Fala(m)	Você fala espanhol? Se sim, gostaria de fazer a entrevista em espanhol	Se falam outras Língua (s) anote abaixo qual ou quais
Cbr01	Português	Espanhol	Sim	
Cbr02	Português	Português	Sim	
Cbr03	Português	Português	Não	
Cbr04	Português	Português	Não	
Cbr05	Português	Português	Não	
Cbr06	Português	Português	Não	
Cbr07	Português	Português	Não	
Cbr08	Português	Português, Espanhol, Inglês, Outras	Sim	Grago antigo, latim, italiano
Cbr09	Português	Espanhol	Sim	CRIOLO CABOVERDIANO
Cbr10	Português	Português, Espanhol, Inglês	Não	

Cbr11	Português	Português	Não	Tento falar espanhol
Cbr12	Português	Português, Inglês	Não	
Cbr13	Português	Português, Espanhol, Inglês	Não	
Cbr14	Português	Português	Sim	
Cbr15	Português	Português	Não	
Cbr16	Português	Português	Não	
Cbr17	Português	Português	Não	Inglês
ECbr18	Português	Português	Não	
ECbr19	Português	Português	Não	
ECbr20	Português	Português	Não	Libras
ECbr21	Português	Português	Não	
ECbr22	Português	Português	Não	Não
ECbr23	Português	Português	Não	
ECbr24	Português	Português	Não	

Fonte: Elaboração própria a partir do questionário *Google Forms* e entrevistas

ii. **Uso do Espanhol:** Alguns colaboradores estão dispostos a usar o espanhol, indicando uma competência nessa língua. Alguns mencionam que usariam o espanhol para se comunicar com bolivianos, indicando uma consideração pela compreensão mútua.

Quadro9 Respostas dos colaboradores do grupo de Brasil (F1)

Identificação	**Que língua fala você no trabalho? E se chegar um boliviano qual língua usaria para falar com ele?**
Cbr04	Falo o português e através de mímicas
Cbr05	Já tive essa experiência, quando trabalhei em um consultório ginecológico da cidade, o qual ainda atende muitas bolivianas. No período em que trabalhei lá eu conversava com as/os bolivianos usando algumas palavras em espanhol aliadas ao português.
Cbr08	Espanhol
Cbr09	Espanhol
Cbr10	Espanhol
Cbr11	Portugues, quando chega boliviano uso o espanhol pra eles me entenderem melhor
Cbr12	Portugues e poucas palavras em espanhol
Cbr14	Português, usaria a linguagem portunhol, linguagem da qual se mistura o português com espanhol que se dá um bom diálogo para ambos.

Fonte: Elaboração própria a partir do questionário *Google Forms* e entrevistas

iii. **Língua no Trabalho:** A maioria dos colaboradores prefere usar o português no ambiente de trabalho, refletindo a língua predominante na região. Alguns mencionam o uso do portunhol ou uma combinação de português e espanhol no ambiente de trabalho para facilitar a comunicação com bolivianos.

Quadro 10 Respostas dos colaboradores do grupo de Brasil (F1)

Identificação	Que língua fala você no trabalho? E se chegar um boliviano qual língua usaria para falar com ele?
Cbr01	Português
Cbr02	Português
Cbr03	Português
Cbr04	Falo o português e através de mímicas
Cbr05	Já tive essa experiência, quando trabalhei em um consultório ginecológico da cidade, o qual ainda atende muitas bolivianas. No período em que trabalhei lá eu conversava com as/os bolivianos usando algumas palavras em espanhol aliadas ao português.
Cbr06	Português
Cbr07	Portunhol
Cbr08	Não respondeu
Cbr09	Não respondeu
Cbr10	Não respondeu
Cbr11	Portugues, quando chega boliviano uso o espanhol pra eles me entenderem melhor
Cbr12	Portugues e poucas palavras em espanhol
Cbr13	Português
Cbr14	Português, usaria a linguagem portunhol, linguagem da qual se mistura o português com espanhol que se dá um bom diálogo para ambos.
Cbr15	Português
Cbr16	Portunhol
Cbr17	Português
ECbr18	Português
ECbr19	Português
ECbr20	Português
ECbr21	Português
ECbr22	Português
ECbr23	Português
ECbr24	Português

Fonte: Elaboração própria a partir do questionário *Google Forms* e entrevistas

iv. **Variedade Linguística:** A menção do portunhol indica uma realidade linguística única na fronteira, onde o uso de ambas as línguas é comum para a comunicação eficaz.

Quadro 11 Respostas dos colaboradores do grupo de Brasil (F1)

Identificação	Que língua fala você no trabalho? E se chegar um boliviano qual língua usaria para falar com ele?
Cbr05	Já tive essa experiência, quando trabalhei em um consultório ginecológico da cidade, o qual ainda atende muitas bolivianas. No período em que trabalhei lá eu conversava com as/os bolivianos usando algumas palavras em espanhol aliadas ao português.
Cbr07	Portunhol
Cbr14	Português, usaria a linguagem portunhol, linguagem da qual se mistura o português com espanhol que se dá um bom diálogo para ambos.
Cbr16	Portunhol

Fonte: Elaboração própria a partir do questionário *Google Forms* e entrevistas

Essas respostas sugerem uma variedade de atitudes em relação às línguas na fronteira oeste do Mato Grosso. A disposição para usar o espanhol, mesmo que de forma limitada, sugere uma consciência da diversidade linguística na região e o esforço para estabelecer conexões interculturais.

Já as respostas fornecidas pelos colaboradores bolivianos (F2) fornecem dados interessantes sobre as línguas faladas em casa, as línguas usadas no trabalho e as preferências linguísticas ao interagir com brasileiros. Aqui estão algumas observações que destacamos com base nas respostas:

i. **Língua Materna e Línguas Familiarizadas:** A língua materna da maioria dos colaboradores é o espanhol. Alguns colaboradores também mencionam que falam português, indicando uma competência bilíngue ou multilíngue.

Quadro 12 Respostas dos colaboradores do grupo de Bolívia (F2)

Identificação	Lengua hablada en casa (Lengua materna)	Lengua (s) que habla(m)	¿Qué lengua hablas en el trabajo?	Se hablas lenguas indígena apunte abajo cual o cuales;	Lengua en que has recibido escolaridad
Cbo01	Español	Español			Portugués
Cbo02	Portugués	Portugués			Español
Cbo03	Español	Portugués			Portugués
Cbo04	Español	Portugués			Español
Cbo05	Español	Español	Português brasil		Español
Cbo06	Español	Portugués, Español			Portugués, Español
Cbo07	Portugués	Portugués,			Portugués

		Español			
Cbo08	Portugués	Portugués	Português		Portugués
Cbo09	Portugués	Portugués, Español	Português		Español
Cbo10	Español	Inglês, Otras	Español	No	Español
Cbo11	Español	Portugués, Español	Português		Portugués, Español
Cbo12	Español	Portugués	Português		Español, Inglês
Cbo13	Español	Español	Español	Chiquitanq	Chiquitana
Cbo14	Español	Español	Español	No hablo lenguas indignas	Español, Chiquitana
Cbo15	Español	Portugués	Português	Español	Chiquitana
Cbo16	Portugués, Español	Portugués, Español	Português		Español
ECbo17	Español	Español	Español		Español
ECbo18	Español	Español	Portugues	Espanhol	Español
ECbo19	Portugués, Español	Portugués, Español	Português	Ninguno	Portugués, Español
ECbo20	Español	Portugués, Español	Português	No	Español
ECbo21	Portugués, Español	Portugués, Español	Português	No	Portugués, Español
ECbo22	Portugués, Español	Portugués, Español	Português		Español
ECbo23	Español	Español	Español		Español
ECbo24	Portugués, Español	Portugués	Ninguna	No	Español
ECbo25	Español	Portugués, Español	Português	No	Español
ECbo26	Portugués, Español	Portugués, Español	Português	Ninguno	Portugués, Español
ECbo27	Portugués, Español	Portugués, Español	Português	Ninguno	Español
ECbo28	Español	Español	Português	Não	Portugués, Español, Inglês
ECbo29	Portugués, Español	Portugués, Español	Ninguno	Ninguno	Español
ECbo30	Portugués, Español	Portugués, Español			Portugués, Español
ECbo31	Portugués, Español	Portugués, Español	Português	No hablo lengua indígena	Español
ECbo32	Español, Quéchua	Español, Quéchua	Português	Quéchua	
ECbo33	Español	Español	Português	Quéchua	
ECbo34	Español	Portugués, Español	Português		

Fonte: Elaboração própria a partir do questionário *Google Forms* e entrevistas

ii. **Língua no Trabalho:** A maioria dos colaboradores afirma que usa o português no ambiente de trabalho, refletindo a língua

predominante na região. Alguns colaboradores mencionam o uso de espanhol no trabalho, demonstrando flexibilidade linguística.

Quadro 13 Respostas dos colaboradores do grupo de Bolívia (F2)

Identificación	¿Qué lengua hablas en el trabajo?
Cbo01	
Cbo02	
Cbo03	
Cbo04	
Cbo05	Português brasil
Cbo06	
Cbo07	
Cbo08	Português
Cbo09	Português
Cbo10	Español
Cbo11	Português
Cbo12	Português
Cbo13	Español
Cbo14	Español
Cbo15	Português
Cbo16	Português
ECbo17	Español
ECbo18	Portugues
ECbo19	Português
ECbo20	Português
ECbo21	Português
ECbo22	Português
ECbo23	Español
ECbo24	Ninguna
ECbo25	Português
ECbo26	Português
ECbo27	Português
ECbo28	Português
ECbo29	Ninguno
ECbo30	
ECbo31	Português
ECbo32	Português
ECbo33	Português
ECbo34	Português

Fonte: Elaboração própria a partir do questionário *Google Forms* e entrevistas

iii. **Diferença na Comunicação com Brasileiros:** Alguns colaboradores indicam que usam o português ao falar com brasileiros, o que sugere uma adaptação à língua predominante na

região. Alguns mencionam o uso do portunhol ou uma combinação de português e espanhol para se comunicar com brasileiros.

Quadro 14 Respostas dos colaboradores do grupo de Bolívia (F2)

Identificación	¿Usted habla diferente con brasileños? ¿Qué lengua utilizas para hablar con ellos?
Cbo01	No contesto
Cbo02	No contesto
Cbo03	No contesto
Cbo04	No contesto
Cbo05	No contesto
Cbo06	No contesto
Cbo07	No contesto
Cbo08	Não
Cbo09	Usa português
Cbo10	Español
Cbo11	Português
Cbo12	Português
Cbo13	Português
Cbo14	Português
Cbo15	Português
Cbo16	Hablo en português
ECbo17	Portugues
ECbo18	Portugues
ECbo19	Português
ECbo20	Português
ECbo21	Sii portugues portunhol
ECbo22	Português
ECbo23	Português y brasilero
ECbo24	Português
ECbo25	Português
ECbo26	Português
ECbo27	Português
ECbo28	Não só português
ECbo29	Português
ECbo30	Português
ECbo31	Português y español
ECbo32	Português y español
ECbo33	Português y español
ECbo34	Português y español

Fonte: Elaboração própria a partir do questionário *Google Forms* e entrevistas

iv. **Variedade Linguística:** As respostas indicam uma variedade de práticas linguísticas, desde o uso exclusivo do português até a combinação de várias línguas para se comunicar de forma eficaz.

Essas respostas refletem a complexidade linguística e cultural na fronteira oeste do Mato Grosso, onde a interação entre diferentes línguas é comum e a adaptação linguística desempenha um papel importante na comunicação intercultural. A referência ao portunhol também destaca a presença de uma variedade linguística única na região.

6.3.2 Análise das interações entre falantes bolivianos (H2) e brasileiros (H1) na fronteira oeste de Mato Grosso

Tomaremos agora, alguns recortes, para consideração sobre a relação entre F2_____F1. Retirados do questionário *Google Forms* e das entrevistas presenciais/gravador (foi realizado transcrição grafemática para observar o funcionamento da língua). Antes de iniciar as análises, vamos fazer um adendo em relação aos entrevistados bolivianos, que quase todos tentam falar o português, entretanto durante a coleta de dados, foi possível observar e analisar os dados, de que os filhos de bolivianos com brasileiros que moram em Cáceres, não falam mais o espanhol, como citado acima, dois colaboradores responderam a pergunta "Você fala português?" a resposta deles foram: *"*Sim, uma mistura de português e espanhol" (Cbo2 - Questionário*)*, alegaram que falam português em casa, no trabalho etc. pois os filhos precisam aprender o português, segue agora um recorte da entrevista para evidenciar essa situação, vejamos o que disse um dos entrevistados:

Quadro 15 Recorte das entrevistas (F2)

ECbo19 – Transcrição de áudio
Bom dia, professora, ... eu aprendi o portugueiz, porque eu moro na Frontera entre Brasiu e Bolívia ... Eu aprendi assim, falando com os amigos, fiquei... com a minha mãe tambe, né? Que ela falava portugueiz, enton ela ia ensinano nóis a poco a poco, pra nóis e ir aprendendo i si quando chegasse de ir ne escola, já sabia, já sabia, não é sim. Não, não lá na época que eu estudava, não tinha português, tinha só o de língua estrangera. Era só ingleis. Minha mãe é brasilera meu pai boliviano... Meus filhos. Meus filhos são brasileros. Um é em questão de educação. Eu deixo um pouco a desejar. U motivo? Que tipo assim? É, como posso dizer. Assim, tipo assim, na qualidadi, eu acho muita até um pouco pra mim, atrasada em queston opinion minha, né? É, tá atrasada. Inton, professora, é a queston que não falei, né? Em casa, nóis falava o espanhol, mas antes, com meus filhos mais em questão que? Uma vez foi chamado pela professora do meu filho

e falou, né, que eu diveria falar com ele? A língua portuguesa em casa, porque porque se eu falasse a língua espanhola in casa, ia atrapalha na educação dele lá na escola. Aí eu achei meio complicado, né? Como que eu não poderia ensinar ele fala? O espanhol, minha, minha língua materna em ensinar pra ele a cultura que meu pai passou pra mi i eu passar pro meu filho. Sendo que esqueça essa, esse tipo de cultura ia atrapalhar na educação do meu guri, na escola i..... eu Falo espanhol, mas aí foi. Eu fui, fui barrado pela professora para lá no que eu tinha que falar português em casa com meus filhos. Então, agora nois começo falar português em casa por motivo que foi um pedido da professora nem do meu guri. Pra mim, eu acho errado. Acho errado, eu. Enton, aí que estão assim. Eu acho errado, eu estou indo, eu tou. Eu falei português porque? Pra não atrapalha meu guri, porque sim, se chega lá na escola, a professora vai prergunta pro meu guri como que eu estou conversando, em português o espanhol? Mas como esposa eu falo em espanhol, mais com meu guri falo em portugueiz. Eu já falo em português. Enton, professora, isso aí é, eu acho que, não sei. [...]Eu acho que cada veiz está aumentando. Os bolivianos vin estudar aqui no Brasil.

Fonte: transcrição própria a partir das entrevistas por gravador

Este colaborador, é filho de boliviano com uma brasileira, aprendeu português em casa com a mãe e com amigos, morava em San Matías, depois veio para Cáceres, ele fala bem o português e pode se considerar bilíngue: espanhol-português, sua mulher, como ele diz é "boliviana", os filhos nasceram em Cáceres e estão aprendendo o português, e como ele comentou acima, a professora pediu para eles, os pais que só falassem em casa o português. Neste ponto podemos notar um silenciamento do espanhol, muito falado pelos entrevistados inclusive os filhos, os netos dos bolivianos que nascem e moram em Cáceres, tem um certo desprestígio pelo espanhol, entendem seus pais e avós, pois os mesmos só falam em português (misturado – portugus-españnhol).

Essa situação revela a complexidade da convivência linguística na fronteira, onde a língua é vista como uma questão cultural e educacional. Alguns bolivianos sentem a necessidade de adotar o português em casa para evitar problemas na escola, mesmo que isso signifique abrir mão de parte de sua identidade linguística e cultural.

Desse modo, segundo Guimarães (2002) os espaços de enunciação são espaços que distribuem desigualmente as línguas para seus falantes, e assim redividem o sensível, ao identificarem os indivíduos ao serem tomados pelas línguas, assim, o espaço de enunciação é um espaço político, no sentido em que o teórico, considera o político no modo de tratar pela formulação que define Orlandi (1990, p.35), "o político é definido como relação de confronto". Assim, a concepção recebe mais especificações pela consideração do silêncio como fundamento do sentido. Que para ela:

> "o silêncio fundador não recorta: ele significa em si. E é ele, afinal, que determina a política do silêncio: é porque significa em si que o 'não-dizer' faz sentido e faz sentido determinado. É o silêncio fundador,

> portanto, que sustenta o princípio de que a linguagem é política". (Orlandi, 1990, p. 51).

De acordo com Guimarães (2002), os espaços de enunciação são espaços onde as línguas são distribuídas de maneira desigual entre seus falantes, reconfigurando assim a percepção do mundo sensível. Eles identificam os indivíduos através das línguas que que os tomam enquanto falantes, tornando o espaço de enunciação intrinsecamente político. Nesse espaço, a noção de política se encaixa na definição de Orlandi (1990) como uma "relação de confronto". É importante ressaltar que o silêncio desempenha um papel crucial nesse espaço. Como afirma Orlandi (1990), o silêncio fundador não apenas se abstém de falar, mas também carrega um significado em si mesmo. Ele determina a política do silêncio, pois é essa capacidade de significar em si que confere sentido ao ato de não dizer algo. Portanto, o silêncio fundador é o alicerce que sustenta a compreensão de que a linguagem é inerentemente política.

Essa perspectiva lança luz sobre como a linguagem, o silêncio e a política se constituem enquanto elementos caracterizadores da configuração dos espaços de enunciação, onde as línguas significam as identidades individuais e coletivas e onde as relações de confronto desempenham um papel central na construção do sentido.

O silenciamento da língua espanhola de Bolívia em Cáceres é uma realidade presente. O Estado (alguns professores da rede), por meio de suas políticas linguísticas, orienta os pais a não falarem espanhol em casa, mesmo que essa seja sua língua materna. Esse direcionamento acaba por suprimir a língua espanhola - "boliviana", levando as crianças que vivem nessa região, que naturalmente teriam um espaço privilegiado de bilinguismo, espanhol-português, a se tornarem predominantemente falantes de português. Isso ocorre porque o português é a língua que se sobrepõe e é imposta aos seus falantes, agenciando-os a adotarem essa língua como principal.

Outra forma de silenciamento ocorre no âmbito da identidade. Muitos bolivianos residentes em Cáceres optam por não falar mais espanhol, pois se sentem pressionados pelo espaço de enunciação que valoriza a língua nacional e oficial, o português. Alguns chegam ao extremo de não dar sobrenomes de descendência espanhola aos seus filhos, com receio de serem rotulados como "bolivianos" ou "colhas[97]". Um colaborador,

[97] O termo *collas* - que hoje existe na oposição aos *cambas* - deriva dessa distribuição e diferenciação histórica e pré-colombiana (BLANCHARD, 2005). Assim, o termo *colla* derivaria da palavra *collasuyo*, que designava um dos quatro setores (distritos) do Império Inca, o qual correspondia, grosso modo, à atual região andina da Bolívia. Hoje, a palavra *colla* designa os que são ou vêm do altiplano, isto é, os aimaras e

ECbo34, compartilhou sua experiência de ter removido o sobrenome de ascendência espanhola do nome de seu primeiro filho devido a experiências passadas de preconceito e *bullying*. Essa história é apenas um exemplo de muitos relatos semelhantes de bolivianos em Cáceres.

Essa situação levanta questões importantes sobre identidade, língua e preconceito na região, evidenciando como as políticas linguísticas e as dinâmicas sociais podem afetar profundamente a vida das pessoas e suas escolhas linguísticas e identitárias.

Quadro 16 Recorte das entrevistas (F2)

ECbo34– Transcrição de áudio

0:27 – tudo bem prossora, eu agradeço muito pela oportunidade que senhora nos ta dando, né... é uma coisa muito interessante, também que eu acho porque, no caso, nós que vem daqui da Bolívia, aqui de San Matias que é mais próximo do Brasil né, enton, as pessoas daqui de Cáceres não falam pra gente "ai eu não falo espanhol" né, já começa por ai... ela fala boliviano, não fala espanhol, enton já começa por ai, sabe... a pessoa já vai ficando com aquela restrição né, fala nossa... **eu posso falar que tive muito bullying**, é a palavra do momento, **sofri muito no começo**... porque quando eu cheguei, na época eu vim com... minhas três meninas nasceram aqui, né... enton minha menina adoeceu, eu tava com minha mãe lá na Bolívia, ai eu vim aqui po Brasil, quando entrei aqui que eu fui no pronto socorro, ai as enfermera falaron "ah, **ela tem cara de Boliviana**, **dexa ela pa depois**", i a menina passando mal, mal mal... **ela tava com meningite**, naquela época, e ai se não fosse a um profissional medico que é lá da Bolívia, que tamém é muito conhecido aqui, doutor XXX, ai ele fala assim "nossa, você ta ai, o que que foi com sua filla?", bem Portunhol, ai ele falou "pode entrar, porque que no te chamaron?", eles me deixaron, passava umie minha filha não era chamada... quando ele detectou que **era meningite**, ai falou "ah, **a boliviana ta com meningite**, vamo separar, vamo issola, é caso de issolamento", por ai começou minha história triste né, começou muito triste... **enton, quando eu fui pra registrar minha filha**, eu falei **como eu já tinha toda essa situaçón, sempre era rejeitada pelo meu sobrenome**, eu **tenho uma descendência muito forte por minha mãe que era boliviana**, ela é **descendente de espanhol, da Espanha mesmo, dai asi (falou o sobrenome, retiramos para não ser identificado)** ... enton, minha mãe é descendente de lá... e ai **eu tirei o (o sobrenome) do nome de minha filha**, inclusive, hoje ela me cobra, "mamãe, porque que a sinhora fez..", falei "**non, minha filha, o que sua mãe passou, eu não quero que vocês passem**", porque ai ela começa... bom (nome do filho/a) fala muito bem o espanhol, se a sinhora fala com ela, ela fala muito bem, agora as otras entiende perfetamente, mas son pocas as palavras que ela fala... a consequencia disso... e ai com o tempo, por causa do tempo prossora, eu estudei a noite, fiz o tercerão que fala... naquela época era aqui no Rodrigues Fontes, quando eu fiz o tercerão, eu de novo passei **por outro bullying**, lá já foi um poco **mais triste e más forte**, porque foi pela **minha professora**, minha própria professora... ela falou "não adianta fugir, a senha vai vir...", era pra escrever uma frase que ela leu... era minha professora de português... professora, quando **essa professora me humilhou eu nunca vou esquecer**... hoje em dia encontro ela, ela me abraça mas sempre fica aquele choquinho... ela falou "nossa, **ela é tão boliviana que até o R dela é diferente**", cabo... falei "nossa professora, esperava de outro colega, não da sinhora", enton foi e **sempre sofrendo, sabe... é no meio da saúde, sempre aquele bullying**, **no te falam si te fala espanhol, eu falo o**

quíchuas (BLANCHARD, 2005). Por contraste e na origem, os *cambas* são os membros das comunidades nativas das regiões baixas, principalmente guaranis e chiquitanos. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbepop/a/y5CWdDT4Xk8TfM7fmNjwsSh/?lang=pt . Acesso: 19/11/2022.

português bem assim puxado, já tem o que... trinta e cinco anos que moro aqui, yo sou filha de brasilero com boliviano, meu pai é de mato grosso do sul e minha mãe daqui né, de Santa Cruz... família dela daqui, todo descendente da Espanha, os pais dela... já minha avó é daqui, minha avó é da família XXX. Enton, esse ai a gente fica com esse peso...
5:21 – eu ainda estudei professora, pra pode um poco falar, porque **meu pai nunca falou** como era pra falar, o português a pessoa fala, eu falo português e você entende... não tenho necessidade de aprender outra língua, **ele nunca falou um A em espanhol, minha mãe entendia ele, mas não falava minha mãe**... enton, **todos nós entendia muito bem ele, mas não falava.**.. enton quando **a gente veio pra cá, foi aquele sofrimento**, sabe... porque **nós todos nascemos aqui no Brasil**, eu sou de **nascimento brasilero e me criei lá, estudei tudo lá**... meu avô, minha tia, tudo mora em **Campo Grande e lá é gostoso** e **nem se compara esta situaçón, é só aqui na região, nesse pedacinho...**
8:19 – sim, um poco, sabe... quando a sinhora **chega na Corixa, a sinhora ve um povo a te encontrar já falando português,** eles ficam assim, "**nossa, mas nós ta aqui nessa franja de frontera né...", inclusive até os filhos vem aqui estudar né.** E **lá em San Matias, na questão do comercio, eles já procura entender português né, mas eles falam... se você chegar na familia, eles te recebem falando Espanhol normal**... tenta, tenta... eles fazem o máximo, ele acham que, no meu ponto de vista eu acho que eles se sentem melhor compreendendo as pessoas, no modo de se interagir mais... **o povo de lá é muito humilde**... sempre...[...]
11:39 – enton, eles ficam aqui, vamos supor um ano, volta pra lá e o povo critica, fala "ah ele foi uma semana lá já voltou falando português", eles tao criticando, alguns se sentem bem, no meu caso, eu chego lá falo espanhol... minha netinha esta pequena, mas entendem muito bem... mas eu falo que tem que ensinar eles falar, agora (nome do filho/a) comigo fala muito bem, as outras algumas palavras, escrevem muito bem mas não falam. Ai eu não sei porque, elas escutaram muita coisa, porque todo boliviano que vem de San Matia ele vende droga, tem essa questón da droga, da maconha e não é assim... acontece muita barbaridade ai, vai ver... é brasilero
13:27 – non, eles falam "ah a sinhora não é daqui né", porque sempre tem algum... já, boliviana... lá na minha comunidade falam "**tchego a bolivina",** não fala na tua cara, mas a gente escuta né... já sou marcada, inclusive eu era coordenadora do grupo...[...]
22:10 – foi muito bom a senhora fazer isso e eu parabenizo por questão de coragem... a sinhora é uma pessoa muito corajosa... coragem porque a sinhora ta enfrentando tudo essas coisas agora, esses pontos negativos agora que a sinhora ta vendo, ta escutando...

Fonte: transcrição própria a partir das entrevistas por gravador

O discurso de ECbo34 oferece uma visão muito pessoal e reveladora de sua experiência como boliviano vivendo em Cáceres, no Brasil. Várias questões e temas podem ser destacados na análise desse discurso:

i. **Identidade linguística e cultural.** A entrevistada começa abordando a questão do idioma e da identidade. Ela menciona como as pessoas em Cáceres muitas vezes não aceitam o espanhol, preferindo chamá-lo de "boliviano". Isso reflete a complexa dinâmica linguística e cultural nas regiões de fronteira, onde diferentes idiomas e culturas convergem.
ii. **Experiência de *bullying* e discriminação.** ECbo34 compartilha experiências dolorosas de *bullying* e discriminação que ela e sua família

enfrentaram por causa de sua origem boliviana. Isso destaca os desafios que muitos migrantes enfrentam ao tentar se integrar em uma nova comunidade e o impacto emocional que isso pode ter.

iii. **Mudança de sobrenome.** A entrevistada menciona ter removido o sobrenome espanhol de sua filha mais nova para evitar discriminação. Esse fato destaca até que ponto a identidade é influenciada por fatores linguísticos e culturais e como as pessoas podem tomar medidas para se adaptar a uma nova realidade.

iv. **Esforço para aprender.** ECbo34 fala sobre seus próprios esforços para aprender português. Ele observa que seu pai não falava espanhol, o que o colocou em desvantagem quando chegou ao Brasil. Seu desejo de aprender o idioma local reflete sua vontade de se adaptar e superar barreiras culturais e linguísticas.

v. **Estigmatização dos bolivianos.** O entrevistado menciona como os bolivianos são frequentemente estigmatizados em Cáceres e em outras regiões de fronteira. Essa estigmatização parece se basear em preconceitos e estereótipos negativos associados aos bolivianos.

vi. **Valor da educação.** ECbo34 enfatiza a importância da educação e do aprendizado de dois idiomas. Ela menciona que uma de suas filhas fala espanhol e português e as outras duas falam apenas português, mas entendem um pouco de espanhol. Isso reflete seu desejo de dar às crianças as ferramentas necessárias para que tenham sucesso na escola e na vida cotidiana.

vii. **Impacto das fronteiras.** O entrevistado menciona que quando as pessoas cruzam a fronteira em San Matías, na Bolívia, começam a falar português para se relacionar melhor com os brasileiros. Isso destaca como as fronteiras geográficas podem influenciar as práticas linguísticas e culturais das pessoas que vivem próximas a elas.

Esse discurso é uma janela para a experiência pessoal de ECbo34 sobre identidade, idioma e cultura em uma região de fronteira complexa. Ele destaca as tensões e os desafios enfrentados pelos migrantes e suas estratégias de adaptação e resistência diante da discriminação e do preconceito vivenciados na fronteira oeste de Mato Grosso.

O fato de a filha de ECbo34 mencionar que sua mãe fala portunhol é outro elemento importante para a pesquisa. portunhol é um termo que se refere a uma mistura de português e espanhol, frequentemente usado por pessoas que vivem em regiões fronteiriças onde esses dois idiomas coexistem, como vimos anteriormente. A menção ao portunhol destaca os desafios linguísticos e as estratégias de comunicação que as pessoas podem adotar em ambientes multilíngues. Isso sugere que, em sua vida cotidiana, os ECbo34 enfrentam a necessidade de se comunicar com uma nova prática linguística para se fazerem entender em diferentes ambientes. Essa observação também aponta para a complexidade da dinâmica linguística nas regiões de fronteira, onde os indivíduos frequentemente trocam de idioma dependendo da situação. Isso pode refletir uma adaptação necessária à vida em uma área onde diferentes idiomas e culturas se cruzam.

Guimarães (2002), considera, ainda, a formulação de Rancière (1995), que define a política como "desentendimento". E essa análise de Rancière, possibilitou Guimarães (2002), um modo de apresentar a questão formulando-a nos termos de uma abordagem enunciativa. Portanto, o teórico faz isso, mantendo o sentido do político como confronto. "o político é a contradição que instala o conflito no centro do dizer". (GUIMARÃES, 2002, p. 12). Apresentado por ele nessa relação de conflito, numa formulação enunciativa, como uma afirmação de pertencimento:

> Ele (o político) se constitui pela contradição entre a normatividade das instituições sociais que organizam desigualmente o real e a afirmação de pertencimento dos não incluídos. O político é a afirmação da igualdade, do pertencimento do povo ao povo, em conflito com a divisão desigual do real, para redividi-lo, para refazê-lo incessantemente em nome do pertencimento de todos no todos (Guimarães, 2002, p. 17).

A citação de Guimarães (2002) e a referência a Rancière (1995) abordam a política como um "desentendimento" e enfatizam o conflito como uma parte essencial da política. De acordo com essa perspectiva, a política envolve confrontos e contradições entre as normas e instituições sociais que organizam a sociedade e a afirmação de pertencimento por parte dos que não estão incluídos nesse sistema normativo.

O "político" se manifesta quando aqueles que não têm igualdade de acesso ou representação nas instituições sociais confrontam essa desigualdade e afirmam seu direito de pertencer a essa comunidade política. Essa afirmação de igualdade é um ato político que busca redefinir e reorganizar a sociedade em nome do pertencimento de todos. Essa

abordagem coloca ênfase na importância do conflito e do desacordo como motores da política, e sugere que a política não se limita apenas ao que é estabelecido pelas instituições existentes, mas também envolve a contestação dessas normas e a busca por uma reorganização mais justa da sociedade. É uma visão que ressalta a dimensão enunciativa da política, na qual a linguagem e as afirmações de pertencimento desempenham um papel fundamental na construção e na transformação do espaço político.

A análise do discurso de ECbo34 e sua relação com as teorias de Guimarães (2002) destaca a riqueza das experiências pessoais na fronteira oeste do Mato Grosso como complexa. Aqui estão alguns pontos-chave dessa análise:

i. **Identidade, idioma e** cultura. O discurso de ECbo34 oferece uma visão aprofundada das questões de identidade, idioma e cultura enfrentadas pelos migrantes nessa região de fronteira. Ele destaca como os migrantes lutam para manter sua identidade cultural e linguística, mesmo diante da discriminação e do preconceito.
ii. **Estratégias de adaptação e resistência.** A experiência de ECbo34 destaca as estratégias que os migrantes adotam para se adaptar a novos ambientes e resistir à marginalização. A supressão do sobrenome espanhol de seu filho é um exemplo notável dessas estratégias.
iii. **Portuñol.** A menção ao Portuñol indica a complexidade da dinâmica linguística na fronteira oeste de Mato Grosso. Os indivíduos frequentemente recorrem a esse idioma como uma forma eficaz de comunicação em ambientes multilíngues.
iv. **Dinâmica linguística em regiões de fronteira**. A mudança de idiomas, dependendo da situação, é uma característica comum nas áreas de fronteira. Isso reflete a necessidade de adaptação a diferentes espaços linguísticos e culturais.

A Política do Conflito e Pertencimento. A referência às teorias de Guimarães (2002) e Rancière (1995), possibilita identificar essa natureza política da experiência de ECbo34. A política é vista como um confronto entre a normatividade das instituições sociais e a afirmação de pertencimento dos não incluídos. O "político" é a busca pela

igualdade e pertencimento em meio à desigualdade. Observamos como a experiência pessoal de ECbo34 se encaixa em um espaço mais amplo de questões políticas, linguísticas e culturais nessa região de fronteira. Em destaque o embate entre língua e falantes, destacando a complexidade dessas dinâmicas e como as pessoas respondem a elas de maneiras variadas, buscando manter sua identidade e assertividade em face das adversidades. Lembrando que os falantes são agenciados/tomados pelo lugar de fala. Passemos agora para alguns recortes feitos nas entrevistas do grupo de bolivianos (F2).

Acima apresentamos alguns recortes feitos em transcrições das entrevistas realizadas através de documentários, seguiremos adotando esse método. Desse modo, foi necessário refazer, e ainda fazer novas entrevistas por dois motivos: o primeiro que detectamos, foi que os filhos de bolivianos com brasileiros e que moram em Cáceres já não falam o espanhol, entendem seus pais ou avós, mas não falam a língua e muitos não querem falar, como já citado acima existe um silenciamento do espanhol boliviano em Cáceres.

O segundo motivo que nos levou a realizar novas entrevistas ou refazê-las foi a observação de que, durante a coleta de dados, os entrevistados frequentemente reformulavam a pergunta antes de responder, resultando em falta de fluidez na fala. Muitos deles vieram preparados para falar em português. Portanto, optamos por conduzir mais entrevistas, desta vez na forma de documentários, em que apenas delineávamos os tópicos, permitindo que os entrevistados se expressassem livremente, e veremos melhor, mais abaixo, a partir do recorte 07. Vejamos, agora, alguns relatos que trataremos como recortes R1, R2, etc. que dizem desse lugar:

> **R1 ECbo31 [...]** "**Non quieren aprender** non, non... parece que... non vai dizer son ignorante, que non prestan atención, **até meu filho que es brasilero non quiere aprender espanhol**... non se... solamente o problema é brasilero nos"...(5:54, **ECbo31)**
> **[...] ECbo32** "**non, nenhum dos netos fala**, tanto que as veces eo tento, só que não tem esse interesse, porque se tivesse nas escolas, falaria vo escolher así quero aprende, mas non tem i acho importante os meninos estudar o espanhol, por que?, porque quando eles van pra bolivia estudar é difícil pra eles, tem muitos que não entendem, a maioria estam pra estudar na bolivia medicina e yo fico muito triste que tem gente que não entende nada, porque o diferencial no português com espanhol até nas coisas que eles vam comprar, é muita cosa pra aprender... chega no restaurante, aqui nos chamamo garfo, e lá é tenedor, ai a gente

> fica asi, que aqui é uma colher, ali é cutiara, é muita cosa... enton, yo veo parece muito difícili adivinhar todo as cosas espanhol até eles aprende se prepara pra sair estudar...” (2:30, **ECbo32).** (Grifos nossos).
> **[...] ECbo33 “**gosto de Cáceres i tenho tamien meus filhos que ya son cacerense, tengo três filhos... falam português, estudam aqui en Cáceres, (espanhol) **falam muito poco espanhol... muito poco, solo falam**...” (1:17 -, **ECbo33).** (Grifos nossos).

Os recortes que apresentamos agora mostraremos um estudo sobre o uso da língua espanhola em Cáceres, com foco nas gerações mais jovens de descendentes de bolivianos. Os relatos destacam que muitos desses jovens não falam espanhol ou falam muito pouco. Aqui estão os principais pontos desses recortes:

i. **Silenciamento/perda do espanhol**. Os relatos indicam que os filhos e netos de bolivianos que vivem em Cáceres estão perdendo a capacidade de falar espanhol. Alguns entrevistados expressam preocupação com essa perda, enquanto outros observam que seus filhos não têm interesse em aprender espanhol. Podemos ver que isso se deve ao significado pejorativo que o espanhol e o portunhol têm na fronteira oeste de Mato Grosso.

ii. **Dificuldades de compreensão**. Alguns entrevistados mencionaram que os jovens que não falam espanhol têm dificuldades ao viajar para a Bolívia para estudar, até mesmo filhos/netos de bolivianos, pois não conseguem entender completamente o idioma e as diferenças culturais. Isso é visto como um desafio, especialmente para aqueles que estão estudando medicina na Bolívia.

iii. **Mistura de vocabulário**. Os relatórios também destacam as diferenças de vocabulário entre o espanhol e o português, o que pode ser confuso para os jovens que precisam alternar entre esses idiomas em diferentes ambientes.

iv. **Identidade local**: alguns entrevistados mencionaram que seus filhos se consideram de Cáceres e, portanto, priorizam o português em suas vidas

diárias.

Esses recortes refletem as complexas dinâmicas linguísticas e identitárias que ocorrem na fronteira oeste de Mato Grosso e entre gerações. A perda gradual do espanhol entre os jovens descendentes de bolivianos em Cáceres levanta questões sobre a preservação da língua e cultura de seus antepassados em um ambiente onde o português se sobrepõe o tempo todo.

Podemos fazer as seguintes paráfrases:

- ✓ (P) Os brasileiros não querem aprender espanhol.
- ✓ (P) Os filhos de bolivianos que são brasileiros não querem aprender espanhol.
- ✓ (P) Os filhos de bolivianos falam muito pouco o espanhol.

Nos relatos acima temos os pais, avós bolivianos falando sobre o falar de seus filhos e/ou netos, agora abaixo podemos ver pelos exemplos na fala de brasileiros, filhos de pais brasileiros e bolivianos e/ou filhos de bolivianos que vivem em Cáceres desde muito pequeno, segue a seguir:

> **R2 [...] ECbo19** "Bom dia, professora, ... eu aprendi o portugueiz, porque eu moro na Frontera entre Brasiu e Bolivia ... Eu aprendi assim, falando com os amigos, fiquei... com a minha mãe tambe, né? Que ela falava portugueiz, enton ela ia ensinano nóis a poco a poco, pra nóis e ir aprendendo i si quando chegasse de ir ne escola, já sabia, já sabia, não é sim. Não, não lá na época que eu estudava, não tinha português, tinha só o de língua estrangera. Era só ingleis. Minha mãe é brasilera meu pai boliviano... Meus filhos. Meus filhos são brasileiros". **ECbo19.** (Grifos nossos).

> **R3 ECbo30 [...]** "Eu sou daqui mesmo nasci em Cáceres, mas a minha mãe é descendente da Bolívia, então desde desde quando eu já era bebezinha, já tinha a prática, né, da fala do espanhol em casa .... aprendi a fala, (risos) foi a primeira língua que eu aprendi a fala, (então sua língua materna é o espanhol) é o espanhol... falo fluente espanhol, (você aprendeu português onde) aqui mesmo, mas só que foi na escola, foi difícil a mim volta a falar de novo, voltei do zero ... para aprender a falar o português, ... morei na Bolívia, im San Matias, também morei em Santa Cruz, morei por um, um acho que até uns sete anos, morei por lá e estudei por lá, só que nun valeu de nada, os estudos que tive por lá,

> porque aqui tinha que começa de novo ...da creche ... Não, meu pai, ele é de Maringá ... brasileiro. [...] (diferença do Espanhol de San Matias para o Espanhol de Santa Cruz, que você falou que morou lá) Não, não tem muita não ... é o mesmo. (em San Matias falam espanhol, mas quando chega o brasileiro, eles falam que língua) Aí eles tentam falar português. O famoso portunhol né. Mais é muito complicado, porque eles fazem de tudo né, para falar para entender que o brasileiro ta querendo compra, mais ah assim, eles fazem um jeitinho as vezes pra faze a venda ... sé muito difícil um brasileiro queree falar espanhol." **ECbo30.** (Grifos nossos).

Os recortes R2 e R3 fornecem uma visão interessante das experiências linguísticas de brasileiros que são filhos de pais brasileiros e bolivianos ou que cresceram em Cáceres desde muito jovens. Aqui estão os principais pontos desses recortes:

R2 ECbo19- Filho de pai boliviano e mãe brasileira

- O entrevistado menciona que aprendeu português porque mora na fronteira entre o Brasil e a Bolívia.
- Ele destaca que aprendeu português gradualmente, principalmente com sua mãe, que falava português.
- Durante a época em que estudava, não havia português disponível na escola, apenas inglês.
- O entrevistado enfatiza que seus filhos são brasileiros, indicando uma conexão identitária com o Brasil.

R3 ECbo30- Filha de mãe de ascendência boliviana

- A entrevistada nasceu em Cáceres, mas sua mãe é descendente da Bolívia.
- Ela afirma que o espanhol foi a primeira língua que aprendeu em casa e que fala fluentemente espanhol.
- Aprendeu português na escola, mas teve dificuldades ao retornar ao Brasil depois de morar na Bolívia e teve que começar do zero.
- Ela destaca que em San Matias falam espanhol, mas eles enfrentam dificuldades ao tentar falar espanhol em San Matias, onde é comum os habitantes tentarem se comunicar em português com os brasileiros, criando uma forma de portunhol.

Esses recortes revelam as complexas dinâmicas linguísticas em uma região de fronteira como Cáceres, onde a língua e a identidade podem ser influenciadas pela convivência com pessoas de diferentes origens culturais e linguísticas. Eles também indicam que muitos habitantes locais adotam o portunhol como uma forma de iteração intercultural. Podemos ter as seguintes paráfrases dos recortes acima:

- ✓ (P) Na fronteira do lado da Bolívia não se ensina português só o inglês.
- ✓ (P) Na fronteira do lado do Brasil não se ensina espanhol e é difícil um brasileiro querer aprender espanhol.
- ✓ (P) Na fronteira oeste do Mato Grosso os bolivianos tentam falar o português, o famoso portunhol.

Antes de iniciar algumas análises, buscaremos apresentar que em certa medida os falantes de língua portuguesa do Brasil – F1, são agenciados a falar do lugar da língua que se sobrepõe neste espaço a da língua oficial e nacional do Brasil, entretanto, por mais que esses falantes não produzem discursos plurilíngues neste espaço de enunciação, por outro lado eles são afetados pelos dizeres dos falantes F2, pois quando os falantes F2 produzem discursos plurilíngues, seus interlocutores são de algum modo, ouvintes ativos, pois os F2_____F1, quando os falantes de língua espanhola da Bolívia se relacionam com os falantes de língua portuguesa do Brasil, eles tentam, na relação, se fazerem entender diante de um falante monolíngue, pois vejamos exemplos de relatos de brasileiros e de bolivianos em relação a essa discussão:

> **R4 ECbr17 [...]** A com certeza, com certeza é diferente. Já já peguei em situações assim, que, por exemplo, vem boliviano que vem direto aqui na cidade e faz. Uma compra na loja? Aham, ambiente. E aí, alguma semana ele traz. É um parente de longe, é totalmente diferente, a apressa aqui e parece que eles falam muito rápido. E aí você acaba não entendendo praticamente nada, né... (ECbr17)

> **R5 ECbr20 [...]** É porque eles falam mesmo que tem diferença mesmo, sabe? Dos daqui Cruz de lá, né? Eu tenho visto assim, quando eu converso com eles, né? Eles, eles mesmos reconhecem isso, sabe, aham. Então, assim, aí, ó, você falou é porque eles daqui da Fronteira, né? Tá acostumado com nós brasileiros, que vamos lá com prá eles Vem Pra Cá, né? Tem essa relação de Inter. Quando então eles arriscam mais, entendeu a falar o português, não é? E é, e os. De lá, não tem noção nenhuma, porque eles não têm contato, e o que eu tenho percebido

> ultimamente, eu não sei se é por causa da pandemia, mas. Pode ser também porque o dólar está bem. Alto, não é? Para nós, é a nossa moeda, está bem lá embaixo, bem desvalorizada. Ao real, eles estão vindo muito comprar aqui no Brasil. (Mas você acha que. Cáceres precisa de um curso de espanhol?) Esse é ou às vezes professora, convivendo mais, ... com eles, ia no caso, essa minha amiga É Ela já fala o português com a gente. Ela não fala, a gente vê, ela fala com aquele sotaque... Eu acho que é amigável, porque já é uma, é uma relação de já de anos, né? E tem muitos anos eles aqui, então a gente já acostumou... eles já não é mais novidade, então, aham... eles são assim, eles estão movimentando o comércio da cidade. Eu acho que eles não vêem, é um com olhos ruins, não acho que veio com bons olhos também. Porque, querendo, movimenta. (ECbr20)

Os recortes R4 e R5 destacam a complexidade das interações linguísticas e culturais na região de fronteira entre o Brasil e a Bolívia, especificamente em Cáceres/MT. Aqui estão os principais pontos desses recortes:

r4) ECbr17 - Distribuidor de peças de reposição para motocicletas e carros:

- O entrevistado relata situações em que bolivianos de outras regiões além da fronteira entre Cáceres e San Matías também fazem compras na cidade.
- Ele menciona que esses bolivianos falam mais rápido e que isso dificulta a compreensão.
- Sugere-se que os bolivianos na fronteira, devido ao contato frequente com os brasileiros, estão mais acostumados a correr o risco de usar o português.

r5) ECbr20 - Vendedor de roupas e calçados:

- O entrevistado também observou diferenças no modo de falar dos bolivianos entre os da fronteira e os de outras regiões, como Cochabamba ou Santa Cruz.
- Ele menciona que alguns bolivianos na fronteira já estão mais acostumados com a língua portuguesa devido ao contato frequente com os brasileiros.
- O entrevistado acredita que a presença de bolivianos beneficia o comércio da cidade e não é vista como algo negativo.

Esses relatos destacam como as diferenças linguísticas e culturais podem ser percebidas e influenciar as interações na região de fronteira. O contato frequente entre brasileiros e bolivianos da fronteira parece ter criado uma dinâmica em que ambos os

grupos estão mais dispostos a se adaptar linguisticamente para facilitar a comunicação. Isso sugere a existência de uma nova prática linguística, o portunhol vista por muitos como uma forma híbrida (mistura/mescla/atravessado) de comunicação que emerge naturalmente devido à convivência na fronteira oeste do Mato Grosso.

Os entrevistados brasileiros trabalham no setor comercial de Cáceres, um deles em uma loja que comercializa peças para motos e carros, enquanto o outro trabalha em uma loja de roupas e calçados. Ambos observaram diferenças no modo de falar entre os habitantes da fronteira e aqueles que vêm de regiões como Santa Cruz ou Cochabamba, na Bolívia. Esse aspecto foi um dos tópicos de nossa pesquisa, visando compreender a relação entre o português do Brasil e o espanhol da Bolívia (boliviano) nessa zona de fronteira.

Cáceres/MT, por ser uma cidade central e uma das maiores da região, recebe um considerável fluxo de bolivianos que vêm realizar compras na cidade. Portanto, torna-se relevante distinguir entre os habitantes da fronteira e os provenientes de Cochabamba ou Santa Cruz. Tornou-se evidente que, de fato, existem diferenças tanto na linguagem usada pelos falantes de espanhol boliviano quanto na compreensão auditiva por parte dos falantes de português do Brasil. Isso ilustra um processo de intercompreensão que ocorre na interação entre os habitantes das áreas fronteiriças.

Aqui estamos tomando o processo de intercompreensão não no sentido de comunicação mas sim, no sentindo em que na relação entre falantes de língua espanhola da Bolívia e língua portuguesa do Brasil, existe um processo de intercompreensão, onde os falantes são agenciados a falar daquele lugar da fronteira Oeste Mato Grosso, e esse processo se dá pela relação dos fronteiriços falantes de língua espanhola da Bolívia que tentar falar o português e produz a prática do portunhol, fazendo com que eles sejam compreendidos pelos brasileiros da fronteira oeste do Mato Grosso/Cáceres. Desse modo, os falantes F1 são afetados por esse lugar e entendem o falar dos bolivianos que são agenciados a falar do lugar da fronteira Oeste do Mato Grosso.

Nessa dinâmica, os falantes são agenciados a adotar uma perspectiva típica da fronteira Oeste do Mato Grosso. Esse fenômeno é observado na tentativa dos fronteiriços, que falam espanhol boliviano, de se comunicarem em português brasileiro, resultando na prática do portunhol. Essa estratégia possibilita que eles sejam compreendidos pelos brasileiros que vivem na fronteira Oeste do Mato Grosso, especificamente em Cáceres. Portanto, os falantes do grupo F1 são impactados por esse espaço regional, o que

influencia sua compreensão da fala dos bolivianos e os leva a adotar a perspectiva própria do espaço de enunciação da fronteira Oeste do Mato Grosso.

Vejamos agora os recortes feitos nas entrevistas dos falantes de espanhol da Bolívia que vivem em Cáceres há muitos anos, ECbo31 vive a 27 anos, ECbo32 há 23 anos e Cbo33 vinte e dois anos em Cáceres. Vejamos o que eles falam da sua relação com os falantes de língua portuguesa do Brasil.

> **R6 ECbo31 [...]** a maioria aqui no saben espanhol, mas português habla...hablan en português... como siempe, ellos responde .... mas tamien miro notícia mas para atender y que se xingaciones que non lo sabia, aprendi, agora um brasilero ven asi, yo le dice, non, bon parar con esso, ya ta xingando... ya bivo aqui, ya son vinti i dois anhos, vinti i dois i ya domine, ya se cual brasilero é bom cual brasilero ruim, igual que mi país tamien, con eso no estoy dicendo que todo brasilero é ruim no, para que se alguien ta escuchando para que no se ofenda. (**Cbo31).**
> **R6.1 ECbo32** [...] 3:52 – yo, por eremplo, eu quando estou aqui, eu procuro falar português porque é necessário... Si, si, porque non me entenden una cosa que non falo bem direitinho y mas tento para eles me entenderem... Consigo falar si y yo mesmo me reprimo por no saber escrever en português, porque pra mi comunicar com meus netos, aqueles ya son brasileros, yo no posso escribir en espanhol que eles non vai entender, é necessário para mi tamien, és necessário aprender escrever, pronunciar melhor, porque eu sei un português non direito, né... como as veces...quer aprender o espanhol, não fala direito, mas eu tenho certeza que se tivesse essas aulas de português e espanhol, ambos lados, aproveita muito... (**ECbo32).**
> **R6.2 ECbo33** [...] 1:19 - intentam, falam, falam... falam um poco falam e solo rien tambien de ver conversar, como nos conversa a vez solo rien, a vez fala que no entende um poco nós, ma nois entiende você né, nos entiende... 1:48 – si, é porque yo no se falar direitinho tampouco se escribir en português, mas si me gostaria si, si. (**ECbo33).**

Entrevistas com bolivianos falantes de espanhol que vivem em Cáceres há muitos anos, a saber, ECbo31 (27 anos em Cáceres), ECbo32 (23 anos em Cáceres) e ECbo33 (22 anos em Cáceres). Eles compartilham suas perspectivas sobre o relacionamento com os falantes brasileiros de português:

- **R6** (ECbo31): A maioria aqui não sabe espanhol, mas fala português. Sempre que eles respondem. Mas também assisto notícias para entender e algumas palavras que eu não sabia, aprendi. Agora, quando um brasileiro vem assim, eu digo a ele, "Não, pare com isso, você está xingando." Já vivo aqui, são 22 anos, já domino, já sei qual brasileiro é bom e qual brasileiro é ruim, assim como no meu país. Isso

não significa que todos os brasileiros sejam ruins, não, para que ninguém se ofenda.

- **R6.1** (ECbo32): Por exemplo, quando estou aqui, tento falar português porque é necessário. Sim, sim, porque eles não me entendem quando não falo muito bem, então tento que eles me entendam. Consigo falar, sim, e eu mesmo me reprimo por não saber escrever em português, porque para me comunicar com meus netos, que já são brasileiros, não posso escrever em espanhol, pois eles não vão entender. É necessário para mim também, é necessário aprender a escrever e a pronunciar melhor, porque eu não falo português corretamente, como às vezes acontece. Querem aprender espanhol, mas não falam corretamente, mas tenho certeza de que se tivessem aulas de português e espanhol, dos dois lados, seria muito proveitoso.

- **R6.2** (ECbo33): Eles tentam, falam um pouco, falam, e só riem também quando nos veem conversar. Às vezes, dizem que não entendem um pouco de nós, mas nós os entendemos. Sim, é porque eu não sei falar corretamente e também não sei escrever em português, mas gostaria de aprender, sim, sim.

Esses recortes demonstram a disposição dos falantes de língua espanhola da Bolívia em se comunicar em português, reconhecendo a importância da língua portuguesa para a interação com os brasileiros da região. Eles compartilham o desejo de aprimorar suas habilidades em português para uma comunicação mais eficaz, especialmente considerando a presença de familiares brasileiros em suas vidas. É evidente que esses falantes têm uma atitude positiva em relação à aprendizagem da língua portuguesa para melhor integração na comunidade local. E que seria importante na fronteira Oeste do Mato Grosso ter escolas bilíngues: português-espanhol.

Como vimos acima, o nosso segundo motivo que nos levou a realizar novas entrevistas foi na tentativa dos entrevistados que frequentemente reformulavam a pergunta antes de responder, não nos permitindo perceber a fluidez na fala. Eles vinham preparados para falar em português. Por isso, optamos por realizar mais entrevistas, em forma de documentários, onde veremos alguns recortes, em seguida.

Uma análise profunda dessas transcrições seria exaustiva e exigiria um extenso período. Nossa finalidade principal é examinar a configuração do espaço de enunciação da fronteira Oeste do Mato Grosso. Não temos aqui o objetivo de realizar análises fonéticas, morfológicas ou qualquer estudo relacionado à organicidade da língua. Buscamos destacar o funcionamento da língua. Desse modo, nos três recortes a seguir, observaremos um embate entre línguas e falantes, não no sentido de indivíduos reais, mas no sentido de quem assume a palavra, ou seja, de falantes agenciados em figuras enunciativas na e pelas línguas. É possível notar em várias partes a mistura do português do Brasil com o espanhol da Bolívia, com o surgimento de algumas palavras que vão aparecendo na enunciação pela prática do portunhol. Abaixo, apresento os exemplos:

> **R7 ECbo31 [...]** 0:34 - "yo entre aqui em miu novecento i noventa i sês, cuando era salario ciento i trinta realis, cuando el **camelon** tava ai na praça, na pracinha no habia **camelon** i **tamien** daqui de sangrador era todo abierto... ya entre aqui em mio novecento i noventa i seis, comece trabarra três meces, de três meces **volver** a mi país, **volve** de nuevo ya começo a trabarrar con otras personas, destas personas me sali, trabarre por conta própria, hasta ahora... aqui em **camelon**"... 2:33 – a maioria aqui no saben espanhol, mas português habla...hablan en português... como siempe, ellos responde .... mas tamien miro notícia mas para atender y que se xingaciones que non lo sabia, aprendi, ahora um brasilero ven asi, yo le dice, **non**, bon parar con esso, ja ta xingando... ya vivo aqui, ya son **vinti i dois anhos**, **vinti i dois** i ya domine, ya se cual brasilero é bom cual brasilero ruim, igual que mi país **tamien**, con eso no estoy dicendo que todo brasilero é ruim no, para que se alguien ta escuchando para que **non** se ofenda.
> 3:30 – (te chamam como) por bolívia... ahorita que estaba sentado aqui mi amigo, ´me dijo: su casa ta abierto para mi, ellos me dan cosas …. bolívia, conportese las puertas siempre estaran abierta, ahora si nosotros **sabemos que você si comporto mal, tan fechada, entonces que lo que yo quiero mas en mi vida, puertas abiertas**… (**ECbo31)**
> **R7.1 ECbo32 [...]** 0:23 **Tudo be,** boa tarde, **enton**, quando nós começamos non **camelon**, nóis era muito perseguido por causa dos documentos, e ai... é todas veces é nosso memo problema, até que surriou de nóis pedir a documentación quando entrou anistia, como aqui i nesse lugar de Mato Grosso no tinha anistia, ai yo tinha minha documentación de Mato Grosso do Suu, que tinha tirado un fronteriço na anistia... **tuvemos** que batalhar muito muito pa conseguir eso y gracias ... a un senhor que **dios o tenha**, que era na época... asi Eufrazi, que procurou mandar a Brasilia, fazer o pedido da anistia pa esse lugar e desse jeito conseguimos, algunos porque tinha filho por direito matermanuncia y alguns que no tinham, tinham que ter otra maneira de conseguir, mas até ai nós conseguimos **graças a Dios**, hoy pelo menos vivi mas tranquilo né... **enton** aqui em Cáceres... meu neto ya ten **vinti**

> **i dois anhos** que formou, **vinti i dois.. vinti três anhos**, aqui né... mas ya morava en Mato Grosso do Sul
> [...] 3:52 – yo, por exremplo, eu no vo falar por otros, eu, quando estou aqui, eu procuro falar português porque é necessário... Si, si, porque non me entenden una cosa que **non falo** bem direitinho y mas tento para eles me entenderem... mais....consigo falar si y yo mesmo me reprimo por non saber escrever en português, porque pra mi comunicar com meus netos, aqueles ya son brasileros, yo no posso escribir en espanhol que eles non vai entender, é necessário **para mi tamien**, és necessário aprender escrever, pronunciar melhor, porque eu sei un português **non direito**, né... como a veces...quer aprender o espanhol, não fala direito, mas eu tenho certeza que se tivesse essas aulas de português i espanhol... ambos lados, aproveita muito... (**ECbo32)**
> **R7.2 ECbo33 [...]** 0:16 – **Tudo be**, boa tarde, meu nome é ... moro aqui **vinti** i dos anhos aqui em Cáceres, **trabaio** aqui no **camelon** i gosto de Cáceres é trankilo mas **tamién** agora ta muito peligroso, moro a muitos **anhos**, eu **vini** de muito jovem aqui a Cáceres, meus pai... tengo meu pai que mora aqui ya tem trinta e oito anhos, tengo mis **ermão**, bom... tengo muita família aqui, **graça a Dios** non to socinha, gosto de Cáceres i tenho **tamien** meus filhos que ya son cacerense, tengo três filhos... falam português, estudam aqui en Cáceres, falam muito poco... muito poco, solo falam... (**ECbo33).** (Grifos nossos).

Vejamos o que falam nossos colaboradores, vejamos abaixo:

R7(**Cbo31):** O colaborador faz referência a períodos específicos, como o ano de 1996, e descreve uma situação econômica, mencionando salários e a presença do camelô na praça. **E** relata um processo de aprendizado, mencionando que inicialmente não compreendia algumas palavras ofensivas (xingações) em português, mas que aprendeu com o tempo. Isso sugere um esforço de adaptação e integração no novo espaço linguístico e cultural. Também descreve interações com outras pessoas, incluindo brasileiros, e aborda a comunicação em um espaço em que a maioria não fala espanhol. Isso destaca a importância da competência comunicativa em diferentes idiomas para a interação social eficaz, menciona a abertura e hospitalidade das pessoas, referindo-se à oferta de ajuda e à disposição para acolher em sua casa. Essa atitude pode ser vista como um reflexo da cultura local e das relações interpessoais na comunidade.

R7.1 (**Cbo32):** O colaborador começa cumprimentando e menciona que, no passado, enfrentaram perseguições devido a documentos. A obtenção de documentação legal era um desafio recorrente. Fala que com a anistia, eles puderam solicitar documentos. No entanto, parece que na região de Mato Grosso não havia anistia naquela época. E menciona que conseguiu seus documentos de Mato Grosso do Sul por meio de um senhor, que enviou uma solicitação de anistia para Brasília. Alguns conseguiram documentação por terem filhos com direito à cidadania. Outros que não tinham filhos tiveram que encontrar outras maneiras de obter a documentação. No final, expressa a gratidão e menciona que agora vive de

maneira mais tranquila em Cáceres. Também fala sobre seu neto, que se formou aos vinte e dois anos e já estava morando em Mato Grosso do Sul, e não fala espanhol. Relatando sobre a importância de falar português para se comunicar com os netos, que já são brasileiros, menciona que se reprime por não saber escrever em português. Destaca a necessidade de aprender a escrever e pronunciar melhor o português. E menciona o desejo de que seus (filhos e netos) aprenderá espanhol, enfatizando que, se houvesse aulas de português e espanhol disponíveis, ambos os lados se beneficiariam.

R7.2 (Cbo32): o colaborador se apresenta, indicando que mora em Cáceres há vinte e dois anos. E que trabalha no camelódromo local e aprecia a cidade, destacando que é tranquila, embora atualmente também esteja se tornando perigosa. Menciona que chegou muito jovem a Cáceres e que sua família também reside na cidade, incluindo seu pai, que está lá há trinta e oito anos, e seus irmãos. Ele enfatiza que tem uma grande quantidade de familiares na região e expressa gratidão por não se sentir sozinho, agradecendo a Deus por isso. Também menciona que tem filhos que já nasceram em Cáceres e estudam na cidade, mas falam muito pouco o espanhol.

Os recortes apresentados demonstram a mistura de português e espanhol na enunciação dos falantes de espanhol da Bolívia que vivem em Cáceres, na fronteira Oeste do Mato Grosso. A seguir, é apresentado um quadro expositivo que ilustra o funcionamento da língua neste lugar específico:

Quadro 17 Expositivo do funcionamento da língua na fronteira Oeste MT

cuando era salario **ciento i trinta realis**, cuando el **camelon** tava ai na praça, na pracinha no habia **camelon** i **tamien** daqui de sangrador era todo abierto(**ECbo31)**
yo le dice, **non**, bon parar con esso, ja ta xingando... ya vivo aqui, ya son **vinti i dois anhos**, **vinti i dois** (**ECbo31)**
tamien, con eso no estoy dicendo que todo brasilero é ruim no, para que se alguien ta escuchando para que **non** se ofenda. (**ECbo31)**
ahora si nosotros **sabemos que você si comporto mal, tan fechada, entonces que lo que yo quiero mas en mi vida, puertas abiertas**(**ECbo31)**
Tudo be, boa tarde, **enton**, quando nós começamos no **camelon**, nóis era muito perseguido por causa dos documentos(**ECbo32)**
... **tuvemos** que batalhar muito muito pa conseguir eso y gracias ... a un senhor que **dios o tenha**(**ECbo32)**
conseguimos **graças a Dios**, hoy pelo menos vivi mas tranquilo né... **enton** aqui em Cáceres(**ECbo32)**
vinti i dois anhos que formou, **vinti i dois.. vinti três anhos**(**ECbo32)**

que **non falo** bem direitinho(**ECbo32)**
necessário **para mi tamien**(**ECbo32)**
Tudo be, boa tarde(**ECbo33)**
moro aqui **vinti** i dos anhos aqui em Cáceres(**ECbo33)**
trabaio aqui no **camelon** i gosto de Cáceres é trankilo mas **tamién** agora ta muito peligroso(**ECbo33)**
moro a muitos **anhos**, eu **vini** de muito jovem aqui a Cáceres(**ECbo33)**
tengo meu pai que mora aqui ya tem trinta e oito anhos, tengo mis **ermão**(**ECbo33)**
tengo muita família aqui, **graça a Dios** non to socinha(**ECbo33)**
gosto de Cáceres i tenho **tamien** meus filhos que ya son cacerense(**ECbo33)**

Fonte: elaboração própria a partir da transcrição realizada a partir das entrevistas por gravador

Esses recortes evidenciam a complexa dinâmica linguística na região da fronteira Oeste do Mato Grosso, onde os falantes são agenciados tanto pelo português quanto pelo espanhol. A mistura de elementos linguísticos de ambas as línguas é uma característica marcante desse espaço, refletindo a interação constante entre as comunidades de língua portuguesa do Brasil e espanhola da Bolívia na fronteira Oeste do Mato Grosso. Vajamos os exemplos abaixo:

Exemplo 1 (ECbo31)

Português	**Espanhol**	**Portunhol**	**Português**	**Portunhol**	**Português**	**Espanhol**
cuando era salario	ciento i trinta realis cuando el	**camelon**	tava ai na praça, na pracinha	**non había camelon i tamien**	daqui de sangrador era todo	abierto

Fonte: elaboração própria a partir da transcrição realizada a partir das entrevistas por gravador

Exemplo 2 (ECbo31)

Espanhol	**Portunhol**	**Espanhol**	**Português**	**Espanhol**	**Portunhol**
yo le dice	**non, bon**	parar con esso, ya	ta xingando ja vivo aqui	ya son	**vinti i dois anhos, vinti i dois**

Fonte: elaboração própria a partir da transcrição realizada a partir das entrevistas por gravador

Exemplo 3 (ECbo32)

Português	**Portunhol**	**Espanhol**	**Português**	**Portunhol**	**Português**
conseguimos	**graças a Dios**	hoy pelo menos vivi mas tranquilo	né	**enton**	aqui em Cáceres

Fonte: elaboração própria a partir da transcrição realizada a partir das entrevistas por gravador

Exemplo 4 (ECbo33)

Portunhol	Português	Portunhol	Português	Espanhol	Portunhol	Português	Espanhol
trabaio	aqui no	camelon	i gosto de Cáceres é	trankilo mas	**tamién**	ta muito	peligroso

Fonte: elaboração própria a partir da transcrição realizada a partir das entrevistas por gravador

Temos nos exemplos acima a mistura e o surgimento de novas palavras a partir dessa prática linguística, o portunhol. Desse modo, essa mistura, essa mescla podem ser observadas como o funcionamento do procedimento de reescrituração por expansão do termo portunhol. Temos nos 3 recortes termos e expressões que são reescrituradas (as palavras grifadas em negrito) por repetição nos dizeres dos três falantes, vejamos,

Exemplo 5

camelon		
camelon tava /**camelon** i tamien (ECbo31)	non **camelon** (ECbo32)	aqui no **camelon** (ECbo33)

Fonte: elaboração própria a partir das entrevista gravadas no gravador

Exemplo 6

non		
non, bon / **non** se ofenda (ECbo31)	**non** camelon/ **non** falo (ECbo32)	**non** to socinha (ECbo33)

Fonte: elaboração própria a partir das entrevista gravadas no gravador

Exemplo 7

tamien		
tamien, con eso (ECbo31)	para mi **tamien** (ECbo32)	mas **tamién** (ECbo33)

Fonte: elaboração própria a partir das entrevista gravadas no gravador

Exemplo 8

graça a Dios		
	conseguimos **graça a Dios** (ECbo32)	**graça a Dios** non to (ECbo33)

Fonte: elaboração própria a partir das entrevista gravadas no gravador

Exemplo 9

vinti i dois anhos		
vinti i dois anhos, **vinti i dois** (ECbo31)	**vinti i dois anhos** ..., **vinti i dois.. vinti três anhos** (ECbo32)	**vinti** i dos anhos aqui (ECbo33)

Fonte: elaboração própria a partir das entrevista gravadas no gravador

Os exemplos apresentados apresentam em sua dinâmica, a complexidade do funcionamento linguístico no espaço que concerne a fronteira entre os dois países e delimitada para este estudo, um lugar onde os falantes são afetados tanto pelo português quanto pelo espanhol. A mistura e, consequente o processo de reescrituração, possibilitam observar características marcantes desse espaço e refletem a interação constante entre as comunidades de língua portuguesa do Brasil e espanhola da Bolívia na fronteira Oeste do Mato Grosso.

A reescrituração por expansão do termo portunhol nos apresenta como os falantes são tomados, quando enunciam, por formas de comunicação que os permitem significar e identificar a sua realidade linguística, incorporando elementos de ambas as línguas para se fazerem entender em um espaço bilíngue. Esse fenômeno linguístico é resultado da convivência e da necessidade de comunicação entre as duas comunidades, e demonstra a riqueza e a complexidade da interação linguística na fronteira com essa prática do portunhol. Essa prática linguística, embora possa ser vista como uma forma de comunicação funcional e não formal, também traz certos desafios em seu funcionamento, como a falta de fluência em ambas as línguas e a necessidade de aprender a escrever e pronunciar melhor em português. No entanto, a convivência constante entre as comunidades proporciona oportunidades para a intercompreensão e o enriquecimento mútuo das línguas e culturas presentes nessa região de fronteira.

Vemos que os falantes F2 não falam nem português do Brasil e nem espanhol da Bolívia, notamos que existe um embate político instaurado neste presente acontecimento, pois não falar nem um e nem o outro, é movimento pertinente para se observar o nascimento, desse lugar, de uma nova prática linguística: a da mescla e a de novos termos/expressões que se dão desse contato entre essas duas línguas aparentadas português-espanhol e estamos chamando aqui de portunhol, e que foi chamado também no documento do IPEA que incluiu Cáceres/MT e San Matias/AS como cidades gêmeas, de “o idioma, portunhol”. A partir de agora podemos pensar em uma outra configuração para esse espaço de enunciação da fronteira oeste do Mato Grosso, vejamos abaixo:

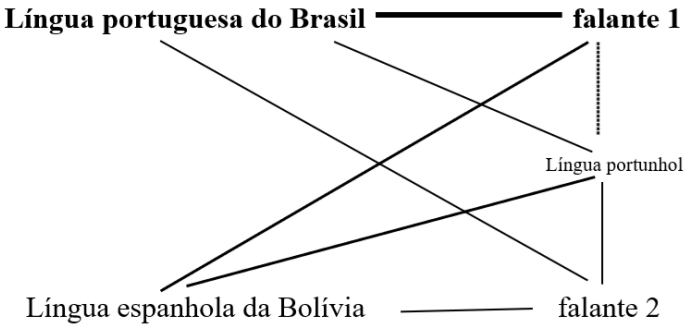


Diagrama-2
Fonte: Elaboração própria

Depois da última sondagem, percebemos que o processo vai do primeiro ao segundo momento e mostra que o espaço de enunciação, nas condições consideradas, coloca uma relação entre português do Brasil e seus falantes, de um lado, e espanhol da Bolívia e seus falantes, de outro. Estando a primeira relação exposta à segunda e vice-versa. Os falantes que se caracterizam pela relação fundamental com o português do Brasil não são falantes da outra língua. E os que se caracterizam pela relação com a língua espanhola da Bolívia não são falantes da língua portuguesa do Brasil nem da língua espanhola da Bolívia.

Considerando este último momento, observamos que no processo dessas relações das línguas portuguesa do Brasil e espanhola da Bolívia, há uma mudança fundamental, primeiro temos a língua portuguesa é a língua oficial/nacional, mostrando neste espaço de enunciação, as relações de força e assim o litígio que aqui se constitui. Só que depois desta pesquisa podemos observar que há uma língua que toma os falantes enquanto língua não oficial, não reguladora de relações, onde os falantes F2 são excluídos, silenciados pela língua oficial/nacional português do Brasil. Pois, mesmo as relações nas condições de que o F1 é tomado pelo lugar de fala da língua oficial / nacional no espaço de enunciação do português brasileiro, a língua de prestígio, a que se sobrepõe continua sendo essa, mesmo que os F2 enquanto tomados pela língua oficial/nacional da Bolívia, enunciada neste espaço de enunciação do português brasileiro, não constitui o litígio, como a que neste espaço, como homogênea a língua-oficial e de falantes do português do Brasil.

Desse modo, o que se apresenta no diagrama 2, significa que mesmo que um falante, o falante- F2, não fale a língua portuguesa do Brasil, ele está determinado em relação a ela no espaço de enunciação considerado. O falante-F2 está determinado pelo espaço de enunciação e não só pelas línguas que efetivamente fala, ele é nesta medida, constituído como um falante que não fala a língua oficial, a língua que regula as relações do espaço, de algum modo. O falante-F2 é caracterizado como fora da relação da língua oficial que constitui F1.

Já o falante F1 tem alguma relação com o portunhol também. Pois, os falantes-F1 se relacionam com os falantes-F2, mas não falam o portunhol, entretanto, têm uma proficiência auditiva, pois eles compreendem os falantes-F2, e entendem, eles não falam o portunhol, porém às vezes misturam algo do espanhol da Bolívia com o português do Brasil.

A consideração da língua espanhola da Bolívia e do idioma portunhol, coloca um aspecto decisivo no funcionamento das línguas: elas são divididas e misturadas. Pois, há de um lado, a língua oficial nacional portuguesa do Brasil, a língua do prestígio e do litígio, do outro lado tem-se a língua espanhola da Bolívia e o idioma portunhol (que nem se configura como língua portuguesa e nem espanhola, mas como uma mescla/mistura, uma nova prática linguística desta fronteira), vê-se que a dominância no espaço de enunciação é de uma das misturas do português do Brasil e do espanhol da Bolívia, surgindo assim, uma nova prática linguística, o portunhol, que por um lado nem é uma, nem é outra, mas uma nova do contato das línguas aparentadas, lusa-hispânica (bilinguismo: português-espanhol funcionando neste espaço de enunciação), ou seja, há uma diversidade da língua, produzida por uma divisão da própria língua na relação com seus falantes, funcionando politicamente no espaço de enunciação da fronteira oeste do Mato Grosso.

Este funcionamento político apresenta a língua como uma, sendo oficial as dos documentos etc. e outras que se divide em espanhol da Bolívia (boliviano) e portunhol, que dirigem este espaço de enunciação, isso não se configura como sendo um aspecto empírico, quantitativo etc. É, na verdade uma característica semântica, de significação. Mostrando que este aspecto leva a considerar que não há espaço de enunciação que não seja múltiplo, pois aqui, ainda não estão as outras línguas que convivem neste espaço de enunciação da fronteira oeste do Mato Grosso. Portanto segundo Guimarães (2018, p. 34) “mesmo que nele haja só uma língua”, ela não é uma só, ela se divide, exatamente porque

seu funcionamento está necessariamente exposto a algo externo, pois os falantes são determinados pelas condições históricas de existência". Pois, ao observar, tudo isso, "é parte do que agencia o falante a enunciar, inclusive". Pois, "o funcionamento das línguas está exposto ao falante que as afeta permanentemente". Aqui neste acontecimento, tomado, o falante afeta a língua enquanto cacerenses brasileiros e enquanto bolivianos matiñeños, enquanto falantes plurilíngues.

Algumas Considerações

As nossas análises nos mostram a dinâmica linguística na fronteira oeste do Mato Grosso, destacando como nessa região se caracteriza por uma complexa interação entre diferentes línguas e práticas linguísticas. A presença do português do Brasil (brasileiro), da língua espanhola da Bolívia (boliviana) e do portunhol cria um espaço de enunciação verdadeiramente multilíngue e multicultural. Além disso, ressaltamos a importância das condições históricas e das experiências dos falantes nessa região na configuração da linguagem. As línguas não são estáticas, mas sim dinâmicas e influenciadas pelas interações sociais e culturais. Nesse ambiente, o portunhol emerge como uma nova prática linguística que reflete a realidade plurilíngue e pluriétnica da fronteira.

Guimarães (2018) enfatiza a ideia de que as línguas não podem ser compreendidas como entidades isoladas, como una/homogênea, mas sim como sistemas em constante evolução, moldados pelas experiências e influências dos falantes, num embate político de língua, entre línguas e falantes num mesmo espaço de enunciação. É fundamental reconhecer essa complexidade e diversidade linguística nas nossas análises, especialmente no espaço de enunciação da Fronteira oeste do Mato Grosso. Nossa investigação sobre como os falantes afetam a língua e são afetados por ela é fundamental para entender a relação entre linguagem e identidade em ambientes plurilíngues. Essa análise contribui significativamente para a compreensão da complexa dinâmica linguística na fronteira oeste do Mato Grosso.

Por outro lado, é preciso trazer à luz aqui o fato de que a configuração do espaço de enunciação se dá por relações sócio-históricas e, consequentemente, políticas na distribuição desigual das línguas aos seus falantes. Observa-se com isso que o silenciamento da língua espanhola da Bolívia/boliviana, por exemplo, neste espaço complexo e dinâmico que se configura no lugar da fronteira Oeste de Mato Grosso, não

se faz por uma escolha ou uma intenção do falante, mas pelo traçado sócio-histórico que identifica um espaço de fronteira particular. Ainda, traz aos olhos o fato de que, os falantes tomados nesta relação enunciativa entre línguas, se “veem” enquanto falantes agenciados por uma relação linguística fora, em todos os limites, de uma pretensão de controle sobre o que e como falar. Dessa relação e desse não controle se atesta, na diversidade linguística, o funcionamento do portunhol como língua de “comunicação”, ou melhor, uma língua que serve e que funciona para se “viver” no espaço configurado como o espaço de enunciação da fronteira Oeste de Mato Grosso.

Passemos, a seguir, para a nossa síntese final.

6.3.3 Síntese conclusiva

Antes de iniciar nossa síntese, é necessário fazer uma distinção entre duas noções que serão essenciais para nossas discussões aqui: multilinguismo e plurilinguismo.

As abordagens pluralistas foram promovidas a partir da perspectiva do desenvolvimento do multilinguismo do indivíduo em um espaço multilíngue. Assim, foi estabelecido que os dois termos não são sinônimos. Assim, o MCRL (2002) define multilinguismo como "a coexistência de diferentes línguas em uma determinada sociedade". Por outro lado, Meissner (2004) afirma, com relação ao plurilinguismo, que "uma pessoa pode se tornar plurilíngue se puder se comunicar em pelo menos dois idiomas além de sua língua materna". Com base nessas definições, podemos dizer, em termos simples, que o multilinguismo diz respeito às sociedades e o plurilinguismo diz respeito aos indivíduos.

Para a Semântica da Enunciação, como propõe Guimarães (2002 e 2018), o conceito de espaço de enunciação ocupa um lugar central e decisivo. A partir dele, tem sido possível pensar o funcionamento das línguas em sua relação constitutiva com seus falantes, o que imediatamente coloca o político como específico desse funcionamento.

Dessa forma, podemos ver que há outras línguas e outras relações no espaço de enunciação aqui considerado no caso do português brasileiro: o espanhol boliviano, o portunhol e as relações entre essas línguas e o português brasileiro. Isso também vale no sentido de considerar a diversidade de línguas relacionadas ao português-espanhol. Pode-se observar que, no caso discutido acima, há bolivianos e sua língua que mantêm relações estreitas com brasileiros e sua língua, confirmando assim a coexistência das línguas e de

seus falantes. No entanto, pode-se observar, tanto nos textos analisados quanto nos dados coletados, que as relações:

Em H1_____H2, no caso dos falantes brasileiros, o monolinguismo está presente, confirmando que apenas o português brasileiro é falado em ambos os lados.

Por sua vez, a relação H2_____H1 favorece o surgimento de um novo conjunto de línguas, criando, assim, um novo espaço de enunciação. Nele, o primeiro embate ocorre no contato entre essas línguas - português e espanhol - que, devido às semelhanças fonológicas, promove a prática do portunhol: uma mistura de português e espanhol.

Do ponto de vista da caracterização desse espaço específico de enunciação, podemos ver seu início nos enunciados que compõem o documento do IPEA, em que a língua portuguesa é caracterizada como uma mistura resultante do acordo: cidades gêmeas.

A caracterização do conflito político, como vemos, situa-o como parte da análise do evento, e não simplesmente como algo externo que se correlaciona com o linguístico. "Não se trata de considerar o embate do desacordo político em uma esfera que é então projetada no linguístico. O embate é linguístico, é enunciativo, na perspectiva que adoto." (Guimarães, 2014: 66).

Assim, temos um espaço compartilhado por línguas e falantes em uma disputa incessante, um *continuum*, vimos que nessa fronteira há uma assimetria que vai muito além do econômico, social etc. Ela também afeta o linguístico, pois de um lado temos falantes monolíngues (grupo brasileiro), mas com uma dominância auditiva em portunhol, de outro lado, temos falantes multilíngues (grupo boliviano), no entanto, esses dois falantes convivem em harmonia no mesmo espaço de enunciação. Podemos pensar que esse espaço fronteiriço de enunciação condensa o multilinguismo que constitui o plurilinguismo: a diversidade de línguas que funcionam nesse espaço e seus falantes plurilíngues.

Hoje em dia, devido à globalização, é impossível não pensar no ensino de línguas estrangeiras no Brasil, e sabemos que há novos desafios a serem enfrentados pelo sistema educacional em geral. Sabemos que o inglês é a língua franca do mundo contemporâneo. Ao mesmo tempo em que acreditamos firmemente que é necessário aprendê-lo, também acreditamos na necessidade de aprender outros idiomas conforme a necessidade e/ou desejo do indivíduo, como nos diz a reescrita por condensação - Mercosul, que se expande

(e aqui parafraseamos) nas transações de livre comércio entre nós e nossos vizinhos e/ou pela circulação e interações entre falantes de países de línguas diferentes na América do Sul. O fato é que há necessidade de mudar, ou atualizar, a forma como pensamos o ensino/aprendizagem, pois são necessárias respostas para superar os obstáculos que podem surgir em decorrência do monolinguismo dos falantes. De acordo com essa perspectiva de respostas, novas abordagens estão surgindo constantemente e, embora lentamente, estão se desenvolvendo e melhorando significativamente. E se, por exemplo, o processo de CI já estiver integrado, ele poderá tornar o processo de ensino-aprendizagem de idiomas muito mais eficiente e eficaz.

Em 2002, o Conselho da Europa publicou o Quadro Comum de Referência para Línguas (CEFR), um documento que influenciou diretamente o ensino de línguas estrangeiras (LE) na Europa. Esse documento, por um lado, fornece uma referência para o estabelecimento de diretrizes gerais para o processo de ensino de uma língua estrangeira e, por outro lado, propõe a educação plurilíngue, dando importância significativa ao desenvolvimento do pluri/multilinguismo por meio de abordagens pluralistas.

As abordagens pluralistas propostas no MAREP (2007) são: o ensino integrado de idiomas, cujo principal objetivo é estabelecer pontos de conexão entre o ensino da língua materna e o ensino da(s) língua(s) estrangeira(s) em todos os níveis de aprendizado; a abordagem intercultural, atualmente conhecida e trabalhada no ensino e aprendizado de idiomas e que visa mostrar ao indivíduo a diversidade linguística e cultural existente;

A intercompreensão de línguas afins (IC) tem sido amplamente defendida nos últimos tempos por vários autores da área de ensino de línguas e ciências da linguagem. Nesse sentido, Meissner (2004) se refere à capacidade de compreender uma língua estrangeira sem tê-la aprendido em outro idioma, levando em conta que as variedades de uma mesma língua são intercompreensíveis. Por outro lado, Chávez (2012) define IC de forma geral como "a compreensão de uma ou mais línguas estrangeiras com base no conhecimento da própria língua e do espaço em que a interação ocorre".

Por fim, o MAREP (2008, p. 6) enfatiza que a IC "propõe um trabalho paralelo em várias línguas da mesma família (...). Ela tira proveito dos benefícios mais tangíveis de pertencer à mesma família - a compreensão - que se pretende cultivar sistematicamente". Tomando essas definições, podemos dizer que a IC é um processo pelo qual a compreensão escrita e/ou oral de idiomas da mesma família é acessada por

meio da língua materna, nunca antes aprendida sistematicamente, o que permite a comunicação multilíngue em que cada pessoa se expressa em seu próprio idioma e entende o idioma do outro.

Tendo diferenciado entre multilinguismo e plurilinguismo, vamos agora pensar no que as análises desta tese nos levam a observar, em primeiro lugar, em termos de produção discursiva, modelando o discurso da intercompreensão como um discurso multilíngue de consciência linguística e intercompreensão, facilitado pelo monolinguismo do falante. De acordo com essa perspectiva de respostas, novas abordagens estão surgindo constantemente e, embora lentamente, estão se desenvolvendo e melhorando significativamente. Assim, por exemplo, o processo de IC já está integrado e pode tornar o processo de ensino-aprendizagem de idiomas muito mais eficiente e eficaz.

CONCLUSÃO

Nas nossas análises foi possível observar que na relação entre F1_____F2, os F1 produziram discursos monolíngues, não importante a sua relação com o outro, pois agenciado pelo lugar de fala, sempre esteve na posição da língua que sobrepõe neste espaço de enunciação a do português do Brasil. Entretanto, nesta direção F2_____F1, os F2 são tomados pelas línguas presentes no espaço de enunciação da fronteira oeste de Mato Grosso, mas podemos pensar que os F1 não são totalmente monolíngues, pois quando os F2 enunciam, eles compreendem, mostrando que existe uma proficiência auditiva em F1, e que F2 são bilíngues. Pois, num espaço de enunciação da fronteira oeste de Mato Grosso, os falantes são agenciados a falarem de um espaço multilíngue, onde funcionam as línguas aparentadas português-espanhol e falantes plurilíngues.

Os modelos na relação monolíngue versus multilinguismo leva muitas vezes os falantes criarem um estereótipo ao modelo de "domínio" sobre uma língua, reproduzindo um discurso monolíngue, vamos explicar melhor, pois normalmente um falante plurilíngue não reproduz discursos monolíngues. O conhecimento plurilíngue não significa reproduzir discurso multilíngue. Entretanto, os falantes de modo geral tendência a reproduzir discursos monolíngues em uma única língua e isso não está em função só do multilinguismo o plurilinguismo, senão sobrepõe outros fatores como os de prestígio de discursos monolíngues ou quando falamos uma segunda língua, existe uma questão clara é de dominar uma língua, serve para quê? Para reproduzir discursos monolíngues. Vamos ver uma construção de ideia para entender melhor, a descrição das interações entre falantes nativos (FN) e não nativos (FNN) se aborda tradicionalmente, desde a perspectiva do conhecimento linguístico dos falantes e das línguas efetivas que falam. A complexidade das possíveis inumeráveis interações entre FN e FNN combinada com o conhecimento de línguas naturais, imprevisível faz que seja inviável estabelecer uma tipologia das interações. (Matesanz, 2021).

Nesse espaço descrever uma interação linguística exige recorrer às línguas concretas nas que se reproduzem os intercâmbios. Na IC supõe fazer referência constante das línguas dos falantes, maternas e não maternas, recorrendo a formulações vagas nas que se afirmar que cada pessoa pode se expressar na sua própria língua e compreender a

língua do outro. (Doyé, 2005, p. 7; Escudé e Janin, 2010, p. 24).

A eleição linguística dos falantes, não vem determinada só por fatores como sua competência plurilíngue e a acomodação linguística na situação discursiva, mas sim por fatores de ordem da língua, como por fatores extra linguístico, que envolve o sujeito e o sócio histórico, como vimos pelas análises, os falantes são agenciados e afetados pelo lugar de fala.

O plurilinguismo no educativo teve crescimento acentuado nos anos 1990, em especial na Europa, enquanto abordagem na aprendizagem de línguas, objetivando intervir na relação entre língua e espaço devido, principalmente, ao elevado processo migratório interno naquele continente. De acordo com Moore (2006), a descrição de situações complexas, bem como as circunstâncias sociais que as acompanhavam, criou uma demanda operacional tendo em vista definir competências plurilíngues e pluriculturais no esforço de promover a valorização das línguas de origem dos alunos em processos comunicativos basicamente multilíngues.

Já no Brasil, as experiências com a IC ainda são recentes, mas já teve grande avanço de 2004 para hoje, é possível identificarmos, algumas experiências didáticas e pesquisas em intercompreensão (IC) concentradas em poucas universidades como na Universidade de Campinas, Universidade Federal do Paraná e Universidade de São Paulo entre outras.

Segundo Escudé & Janin (2010), um dos avanços didáticos da IC enquanto complemento metodológico está na capacidade em fazer com que os discentes descubram pontos de partida para reflexões de fundo didático entre línguas da mesma família, utilizando certas estratégias linguísticas e aspectos culturais na compreensão de outras línguas que lhes são aparentadas, aqui podemos acrescentar a consciência linguística do bilinguismo presente na fronteira oeste português-espanhol.

Portanto, uma das funções da didática de ensino de línguas que aponta, Chervel (1998;2006), exige uma transformação de novas práticas em disciplinas escolares trabalhando o plurilinguismo enquanto abordagem da IC como método capaz de minimizar problemas escolares relacionados com o aprendizado de línguas. Uma consciência linguística e uma prática mais efetiva com certeza, seria a chave para um ensino aprendizado de língua mais eficaz.

Assim, neste estudo aponta para uma nova perspectiva de ensino aprendizado das LM e LE no processo de inserção permanente de uma nova matriz curricular da

educação básica, ou mesmo na inserção de técnicas de IC não apenas nas disciplinas de línguas, mas no cotidiano geral da fronteira oeste de Mato Grosso, lembrando que os falantes F2 (bolivianos) reproduzem discursos plurilíngues por ter todo acesso e uma consciência linguística dinâmica e plural em relação à língua portuguesa do Brasil, pois eles assistem às novelas brasileiras, ouvem à rádio cacerense, estudam a língua etc. de certo modo muito contato com o português do Brasil, em troca os falantes F1 (brasileiros) não tem essa consciência linguística, não ouve à rádio da Bolívia, nem assistem às novelas, ou filmes e nem escultam músicas, enfim uma prática que não se efetiva pela própria comodidade de pertencer ao grupo da língua de prestígio.

Desse modo, quando o imigrante boliviano recorre ao seu discurso bilingue (L1, L2, LN), ele utiliza para se fazer compreender e, muitas vezes, existe a presença do uso do portunhol onde talvez podemos considerar uma língua oralizada utilizada em fronteiras brasileiras onde existe a relação dessas duas línguas romances[98] o português e o espanhol, línguas com o mesmo tronco linguístico, propiciando assim ao seu interlocutor, um processo de intercompreensão. Neste caso o falante não toma o lugar de fala com uma consciência linguística, mas sim, ele é agenciado a falar desse lugar, usando o portunhol muitas vezes.

No caso da fronteira oeste, são os bolivianos (migrantes) que tentam falar a língua nacional e do estado brasileiro, considerada de prestígio nessa região, a língua oficial do Brasil, língua portuguesa do Brasil, aquela imposta por Marquês de Pombal a muito tempo atrás, mas que ainda ficaram as marcas, o Português.

E quando os bolivianos precisam vir a Cáceres para comprar, estudar, trabalhar, utilizar a saúde, etc. eles que tentam falar o português, pois são eles que estão aqui, porém não acontece o mesmo com os brasileiros que vão a San Matías para comprar, lá são os bolivianos novamente que tentam falar o português, existindo nesta relação sempre um

[98] "Romance Languages" não porque são românticas de uma forma amorosa, mas porque descendem de Roma, a língua materna, o latim, era a língua dos romanos. Pensar que carreguei esse mal-entendido por tanto tempo. Mas na verdade, o mal entendido faz sentido, pois tanto o "romance" relacionado ao amor e "romance" relacionado à linguagem compartilham sua origem de "relacionados a Roma".
Os historiadores acreditam que a palavra inglesa real "romance" se desenvolveu a partir de um dialeto vernacular dentro da língua francesa que significa "narrativa do verso" - referindo-se ao estilo da fala, escrita e talentos artísticos dentro das classes de elite. A palavra era originalmente um advérbio da origem latina "Romanicus", que significa "do estilo romano". A noção de conexão é que os contos vernáculos medievais europeus eram geralmente sobre aventura de cavalaria, não combinando a idéia de amor até o final do século XVII. Disponible en: https://www.thefools.com.br/blog/post/curiosidades-sobre-romance-languages. Consultado: 30/04/2023.

processo de intercompreensão, entre esses falantes das cidades gêmeas Cáceres/Brasil – San Matías/Bolívia (brasileiros – falantes monolíngues – bolivianos falantes (L1, L2, Ln). Através de uma memória colonial, talvez, o brasileiro quer explorar as riquezas e comodidades do lado boliviano, já o boliviano vê no brasileiro o progresso, a possibilidade de melhoria, e por isso se submete às situações acima evidenciadas nas análises

Neste trabalho, empreendemos uma análise da relação entre as línguas, português do Brasil e o espanhol da Bolívia, na cidade de Cáceres, situada na fronteira oeste de Mato Grosso, Brasil. Nosso objetivo primordial foi desvendar em que medida o fenômeno do portunhol se insere nas práticas sociais e linguísticas dos habitantes dessa região. Ao longo da investigação, logramos: (i) observamos a constituição das designações da palavra portunhol e seu funcionamento no espaço de enunciação do português do Brasil, (ii) delinear a complexa configuração do espaço de enunciação na fronteira oeste de Mato Grosso, em Cáceres, Brasil, e (iii) propor discussões fundamentais para um processo de ensino de línguas na fronteira. Estas se baseiam na compreensão do Bilinguismo: Português-Espanhol e na aplicação didática do processo de Intercompreensão (IC).

A partir das análises do nosso *corpus*, sendo selecionado, conforme descrição acima, levando em consideração dois momentos de reflexão, que se desdobraram em dois capítulos de análise nesta tese. Tomamos como lugar teórico e metodológico de pesquisa os construtos dos estudos enunciativos propostos por Guimarães (2002, 2005, 2007b, 2011, 2018), na perspectiva da Semântica da Enunciação e Dias (2013, 2016, 2018a, 2018b e 2021). Esse lugar teórico nos oportunizou delinear a configuração do espaço de enunciação da fronteira oeste de Mato Grosso, Brasil, oficializada como uma fronteira de cidades gêmeas, em que do lado brasileiro se encontra Cáceres e no lado boliviano, San Matías. Nos colocamos, como linguistas, e estudamos a linguagem como relação de sentidos em que se inclui a materialidade da língua, da história e do sujeito que enuncia.

Esta pesquisa analisou a relação entre as línguas, portuguesa do Brasil e espanhola da Bolívia no espaço de enunciação do português brasileiro. Foi possível no primeiro momento, analisar enunciações sobre as designações do portunhol e observar o funcionamento dessa palavra no espaço de enunciação do português brasileiro e realizar uma análise documental, fragmento feito no documento IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) para verificar como o portunhol está em funcionamento nas cidades

gêmeas Cáceres/San Matías. Portanto, foi possível constatar que o portunhol está em funcionamento do português do Brasil e que nas cidades gêmeas Cáceres/San Matías ele não só está em funcionamento como é considerado no documento IPEA como idioma.

E no segundo momento analisamos a priori: (i) o cruzamento dos dados compilados para verificar a simetria/assimetria socioeconômica e (ii) fragmentos feitos nos questionários *Google Forms* (escrita) e nas entrevistas semiestruturadas, síncronas via *Google Meet* com grupo de brasileiros-F1e presencial por gravador/celular com o grupo de bolivianos-F2 e foram coletadas no espaço de enunciação da língua portuguesa do Brasil, na cidade de Cáceres, fronteira oeste do estado de Mato Grosso, Brasil e que faz fronteira com San Matías, província de Angel Sandoval, pertencente ao departamento de Santa Cruz – Bolívia, para compreendermos a configuração do espaço de enunciação da Fronteira Oeste de Mato Grosso. Portanto, foi possível identificar assimetria socioeconômica nesta fronteira e o funcionamento do portunhol, não é nosso objetivo classificar o termo portunhol, mas sim mostrar que ele está em funcionamento na fronteira oeste de Mato Grosso.

Na primeira parte de nossas análises, buscamos o referencial histórico que nos possibilitou explicitar o domínio referencial que ancora a regularização do sentido da palavra portunhol, combatido pela resiliência de sujeitos fronteiriços. Para tanto, trabalhamos com enunciados que circulam no espaço de enunciação do português brasileiro, e que nos trouxeram subsídios de análise da palavra portunhol cujas produção de sentido foram/são responsáveis pela regularização social pejorativo, sentido negativo, dentre outros. As atualizações e presentificações da palavra portunhol, que mantêm sentidos associados ao falar "errado", também foram analisadas, com a entrada: portunhol.

Também analisamos como ocorreu o processo de reescrituração da palavra portunhol constituindo um novo referencial; deslocando-se do referencial do "errado/pejorativo" e se estabelecendo o referencial de correto/afirmativo, principalmente pelo fato de funcionar pelo olhar comparativo entre a produção de sentido que a palavra portunhol que tem se instalado no cotidiano social brasileiro.

Segundo Dias (2018) através das redes enunciativas é como se constrói os sentidos de uma palavra. "Se há uma palavra na língua, é porque há um interesse social para a sua existência. Esse interesse social traduz o que chamamos de referencial histórico" (Dias, 2021, p. 14 – no prelo). Portanto, podemos dizer que a palavra portunhol

está em funcionamento no espaço de enunciação da língua portuguesa do Brasil, pois, percebe-se nos fragmentos que a palavra é enunciada partindo de um interesse social afirmando seu pertencimento e sua pertinência enunciativa.

Notamos em alguns enunciados que ofertam o ensino de língua espanhola no Brasil, que as propagandas em questão, evidencia a redundância como argumentação para tentar atingir o seu público-alvo: os alunos pelo sentido do uso certo da língua espanhola, aquela imposta pela normativa. Também vimos as diferenças linguísticas marcadas pela questão da Alteridade, pois a língua não é só um conjunto de regras, ela é, para a Semântica do Acontecimento (2002;2018), aquela que se constitui na enunciação e é considerada no seu funcionamento levando em conta a língua, o sujeito e a história.

Em uma certa medida em que o espaço de enunciação é o espaço da prática linguística, ele está aberto a permanentes mudanças. Assim foi possível observar acima uma antiga/secular e, ao mesmo tempo recente mudança que se apresenta na fronteira oeste de Mato Grosso, pois temos dados que comprovam a presença da língua espanhola/castelhana da Bolívia e do portunhol em funcionamento junto com a língua portuguesa do Brasil, legitimado pelo documento do IPEA pela inclusão de cidade gêmea, e mais acima pelas análises apresentadas no fragmento do capítulo anterior, vimos que alguns fragmentos nos ajudaram ter legitimidade nas nossas análises retirado do Relatório Institucional Estudo técnico sobre a viabilidade de criação da "cidade gêmea" Cáceres (Brasil) – San Matías (Bolívia), tendo o IPEA como um enunciador universal que fala do lugar do al-governo e que tem voz legitimada pelo estado brasileiro.

No segundo momento de análises, encontramos uma fronteira totalmente assimétrica, comprovando assim uma assimetria entre os falantes do português do Brasil (brasileiro) e os falantes da língua espanhola da Bolívia (boliviano).

A consideração da língua espanhola da Bolívia e do idioma portunhol, coloca um aspecto decisivo no funcionamento das línguas: elas são divididas e misturadas. Pois, há de um lado, a língua oficial nacional portuguesa do Brasil, a língua do prestígio e do litígio, do outro lado tem-se a língua espanhola da Bolívia e o idioma portunhol (que nem se configura como língua portuguesa e nem espanhola, mas como uma mescla/mistura), vê-se que a dominância no espaço de enunciação é de uma das misturas do português do Brasil e do espanhol/castelhano da Bolívia, mostrando assim, o funcionamento da prática linguística, o portunhol, que por um lado nem é uma (a língua portuguesa) nem é outra (a língua espanhola), mas uma que surge do contato das línguas aparentadas, lusa-

hispânica, ou seja, há uma diversidade da língua, produzida por uma divisão da própria língua na relação com seus falantes, funcionando politicamente no espaço de enunciação da fronteira oeste de Mato Grosso. Este funcionamento político apresenta a língua como uma que é oficial as dos documentos etc.. e outras que se divide em espanhol da Bolívia e portunhol, que dirigem este espaço de enunciação, isso não se configura com sendo um aspecto empírico, quantitativo etc. É, na verdade uma característica semântica, de significação. Mostrando que este aspecto leva a considerar que não há espaço de enunciação que não seja múltiplo, pois aqui ainda não estão as outras línguas que convivem neste espaço de enunciação da fronteira oeste de Mato Grosso.

E segundo Guimarães (2018, p. 34) "mesmo que nele haja "só uma língua", ela não é uma só, ela se divide, exatamente porque seu funcionamento está necessariamente exposto a algo externo, pois, os falantes são determinados pelas condições históricas de existência". Desse modo, ao observar, tudo isso, "é parte do que agencia o falante a enunciar, inclusive". Assim, "o funcionamento das línguas está exposto ao falante que as afeta permanentemente". Aqui neste presente acontecimento, tomado, o falante afeta a língua enquanto cacerenses brasileiros e enquanto bolivianos matiñeños.

Pois, há uma divisão do espaço de enunciação na América do Sul, na região oeste do estado de Mato Grosso, Cáceres – Brasil, e a cidade de San Matías na Bolívia quando da configuração de um espaço de enunciação determinado pelo corte analítico do presente trabalho. Ou seja, ao enunciar que há línguas e falantes que são divididos pelos modos e direitos de e do dizer, portunhol (mistura), português do Brasil e espanhol da Bolívia, verifica-se que há a configuração de um espaço de enunciação da fronteira oeste do Brasil na qual os falantes são tomados (afetados) por línguas que funcionam neste espaço e, ao serem assim tomados, enunciam de e por maneiras distintas.

Vê-se, assim, um litígio que por um lado inclui certas línguas e certos falantes e que, por outro, exclui outras línguas e outros falantes o que leva à consideração de que aqueles que falam espanhol não "fazem parte" daqueles que falam português e vice, e versa; ainda, aqueles sendo afetados pelas regularidades do funcionamento do portunhol (da mistura) não pertencem nem aos que falam espanhol e nem aos que falam o português, como vimos acima com as análises.

Do ponto de vista da caracterização do espaço de enunciação específico, observamos um novo início a partir do documento do IPEA, onde o documentou caracterizou o idioma portunhol como uma mescla, em funcionamento nas cidades gêmea

Cáceres/San Matías.

Desse modo, podemos considerar que a configuração do espaço de enunciação da fronteira oeste de Mato Grosso é de grande interesse social para a melhor compreendermos o funcionamento das línguas e falantes nos espaços de enunciação fronteiriço, brasileiro. “A caracterização do embate político, como se vê, coloca-o como próprio da análise do fato, e não como algo simplesmente externo que se correlaciona com o linguístico. “Não se trata de considerar o embate do desentendimento próprio do político num domínio que depois se projeta no linguístico. O embate é linguístico, é enunciativo, na perspectiva que adoto”. (Guimarães, 2014, p. 66)

Foi possível observar também, a sobreposição da língua portuguesa do Brasil (brasileiro) tanto nacional e oficial, como da materna de todos os brasileiros. Tendo em conta que um falar regional não-prestigiado é reduzido a um registro coloquial, podemos considerar que a língua misturada/portunhol, que está em funcionamento na fronteira oeste de Mato Grosso, “é significada como estando fora da língua nacional e da língua oficial”. Portanto, em simultâneo, sendo uma das línguas materna de seus falantes, não é a língua materna deles enquanto brasileiros e/ou bolivianos “(é como se eles nunca falassem certo, ou pior, nunca falassem)”. (Guimarães, 2008, p. 41). Essa hierarquia entre diferentes falares na fronteira oeste de Mato Grosso, mostrou à exclusão política de determinados falares fronteiriço e como isso afeta a relação desses falantes com a língua nacional e oficial do lugar em que eles estão inseridos. Quando um falar regional/fronteiriço não-prestigiado é considerado apenas um registro coloquial, a língua regional/fronteiriça é vista como fora da língua nacional e oficial. Isso pode levar a sentimentos de inferioridade linguística e cultural, já que esses falantes não são considerados falantes corretos da língua nacional, apesar de ser a língua materna deles.

Hoje em dia não tem como não pensar na relação do ensino de línguas estrangeiras, veremos que atualmente há novos desafios a serem enfrentados pelo sistema educacional geral. Sabemos que o inglês, é a língua franca do mundo contemporâneo, é a porta de entrada para o mundo, mas é apenas isso. Embora acreditemos firmemente que é necessário aprendê-la, também acreditamos na necessidade de aprender outros línguas, conforme exigido e/ou desejado pelo indivíduo, para tornar esse processo de integração entre culturas mais efetivo, ainda pensando numa relação entre línguas aparentadas português-espanhol no mesmo espaço de enunciação da fronteira oeste de Mato Grosso.

Essas necessidades do ensino/aprendizagem de idiomas vêm mudando e,

consequentemente, novas respostas são necessárias. Consequentemente, novas respostas são necessárias para pensar uma política de ensino língua. É nessa perspectiva que novas abordagens têm se tornado uma nova perspectiva com novas maneiras de abordagens para o ensino aprendizagem de língua e que têm sido desenvolvidas nas últimas décadas.

Nesse mundo contemporâneo e na era da tecnologia e da informação, as TICs são integradas para tornar o processo de ensino aprendizagem de línguas muito mais eficiente e eficaz. É necessário entender essa distinção entre multilinguismo e plurilinguismo, como citado acima, pois o multilinguismo diz respeito às sociedades e o plurilinguismo ao indivíduo.

A intercompreensão entre línguas é uma forma de comunicação que permite a compreensão entre diferentes países e regiões, preservando as línguas minoritárias e plurilíngues. Portanto, apresenta-se como uma forma adequada para a comunicação, além disso, como uma abordagem válida para a ensino aprendizagem. A intercompreensão pode ser vista, por um lado, como uma proposta de ensino e aprendizagem de línguas, é economicamente viável, dado que o custo do material é baixo e, por outro lado, os alunos podem aprender várias línguas simultaneamente e o tempo de aprendizagem é menor, a motivação do aluno é potencializada frente à possibilidade de se observar o sucesso de seu aprendizado e compreensão, além de ser culturalmente equitativo e enriquecedora. Esta categoria de proposta, podemos fazer a partir das escolas bilíngues que vimos nos dados do IPEA onde existe "uma demanda de obrigatoriedade do ensino de língua espanhola nos currículos das escolas da fronteira para Cáceres".

A contemporaneidade impõe desafios ao sistema educacional, especialmente no ensino de línguas estrangeiras no Brasil. O inglês é predominante, mas a necessidade de aprender outras línguas também é evidente, como reflete o Mercosul. A mudança no ensino-aprendizagem é crucial para superar obstáculos derivados do monolinguismo. O Quadro Comum de Referência para Línguas (CEFR) de 2002 influenciou o ensino de línguas na Europa, promovendo abordagens plurais. A Intercompreensão de línguas aparentadas (IC) ganha destaque, permitindo a compreensão de uma língua estrangeira com base no conhecimento da própria língua e do ambiente. Na fronteira oeste de Mato Grosso, diversas línguas coexistem, destacando-se o português, espanhol e portunhol. A IC emerge como um processo de relação entre línguas e falantes num espaço de enunciação plurilíngue, onde cada um, fala a sua língua e entende o falar do outro. A fronteira oeste de Mato Grosso é um espaço multilíngue e plurilíngue, onde o bilinguismo

português-espanhol tem raízes históricas, seculares. Os falantes são tomados por esse lugar e enunciam em diversas línguas. A IC espontânea entre português e espanhol pelo portunhol é observada, evidenciando na dinâmica linguística única dessa fronteira.

Em suma, esta pesquisa empreendeu uma análise abrangente da complexa interação linguística na fronteira oeste de Mato Grosso, focando na relação entre as línguas, portuguesa do Brasil e espanhola da Bolívia. Ao situar o estudo no espaço de enunciação do português do Brasil em Cáceres, evidenciamos a emergência do fenômeno conhecido como portunhol, que se configura como um reflexo da relação entre língua e falantes no espaço de enunciação fronteiriço, com uma diversidade multilíngue e multicultural própria dessa região fronteiriça.

Nossas investigações permitiram não apenas a observação da constituição das designações da palavra portunhol e seu funcionamento, mas também a compreensão da configuração do espaço de enunciação na fronteira oeste de Mato Grosso. Destacamos a dinâmica linguística como um fenômeno em constante evolução, profundamente tomados pelas interações sociais e culturais dos falantes.

Ao adotar a perspectiva enunciativa proposta por Guimarães (2018) e Dias, nosso estudo abraçou a concepção de línguas como sistema *continuum*, moldados pelas relações entre línguas e falantes. Esta abordagem foi essencial para a compreensão da relação intrincada entre linguagem e identidade em ambientes plurilíngues.

Ademais, ressaltamos que a configuração do espaço de enunciação é profundamente enraizada em relações sócio-históricas e políticas, o que culmina na distribuição desigual das línguas entre seus falantes. É imperativo reconhecer que o silenciamento da língua espanhola da Bolívia não se dá por escolha individual, mas é uma consequência do traçado sócio-histórico que define este espaço particular de fronteira.

A partir da análise detalhada e sistemática realizada nesta pesquisa sobre a relação entre a língua portuguesa do Brasil e espanhola da Bolívia no espaço de enunciação do português brasileiro, podemos concluir que os objetivos propostos foram alcançados, as perguntas de pesquisa foram respondidas satisfatoriamente e as hipóteses formuladas foram verificadas ou refutadas.

Em relação ao alcance dos objetivos específicos, podemos destacar que o primeiro objetivo (OE(i)), que consistia em analisar o funcionamento semântico-enunciativo do termo “portunhol”, foi amplamente alcançado. Constatou-se que, no espaço de enunciação do português do Brasil, “portunhol” é utilizado predominantemente

com conotações negativas, refletindo uma percepção de desvio linguístico. O segundo objetivo (OE(ii)), que envolvia o exame de fragmentos do documento do IPEA para compreender o uso do termo "portunhol" na fronteira oeste de Mato Grosso, também foi alcançado. Verificou-se que este termo é empregado em diversos espaços socioeconômicos e culturais da região e que no documento fico evidente pela fala da secretária municipal de Educação de Cáceres, onde afirma que no município a língua estrangeira ensinada é o inglês, mas que a Secretaria de Educação tem discutido a inserção do espanhol. Ela ressaltou que há alunos bolivianos nas escolas do município e que é necessário melhorar a comunicação, uma vez que o espanhol está sendo falado nos limites do município.

Já a secretária de Planejamento da Prefeitura de Cáceres afirmou ao IPEA que a cidade gêmea, devido ao convívio de situações semelhantes e à ligação pelo rio, criou uma condição de existência que liga fortemente as pessoas e os países. Ela destacou que "o idioma é uma mescla, o portunhol".

O terceiro objetivo (OE(iii)), que visava identificar a simetria e/ou assimetria socioeconômica na fronteira oeste de Mato Grosso, demonstrou que as diferenças econômicas afetam significativamente a dinâmica linguística da região, favorecendo a preeminência do português brasileiro. Quanto ao quarto objetivo (OE(iv)), que buscava identificar os espaços e situações em que o uso do portunhol é mais prevalente, constatou-se que mercados, instituições educacionais e locais públicos são os ambientes onde a interação entre falantes de português e espanhol é mais intensa. E que são os vizinhos bolivianos que tentam falar o português e acaba funcionando o portunhol, deixando evidente um funcionamento do portunhol do lado do grupo2/bolivianos: portunhol-português (falantes/castelhano-falantes/brasileiro[99]) e não evidenciando o funcionamento do portunhol por parte do grupo1/brasileiro portunhol-espanhol (falantes/brasileiro-falantes/castelhano). Foi também evidenciado o funcionamento do bilinguismo português-espanhol nesta fronteira, bem como o multilinguismo presente pela diversidade linguística da região.

O quinto objetivo (OE(v)), que envolvia a compreensão da relação entre as línguas portuguesa e espanhola no mesmo espaço de enunciação, foi alcançado através da coleta de dados em questionários e entrevistas, mostrando uma coexistência complexa,

[99] Ficou evidente que os bolivianos se identificam falantes da língua castelhana.

porém enriquecedora. Finalmente, o sexto objetivo (OE(vi)), que pretendia promover uma maior consciência sobre o bilinguismo português-espanhol e iniciar uma discussão sobre o ensino de línguas na fronteira baseado na didática da Intercompreensão (IC), também foi atingido.

As respostas às perguntas de pesquisa mostraram que o termo "portunhol" no espaço de enunciação do português do Brasil produz sentidos com carga semântica negativa, sendo visto como uma forma linguística híbrida e não padrão. A interação entre o português do Brasil e o espanhol da Bolívia é caracterizada por uma dinâmica de constante negociação e adaptação, onde o português tende a dominar devido a fatores socioeconômicos e políticos. Na fronteira oeste de Mato Grosso, a relação entre o português e o espanhol reflete uma convivência tensa, mas cooperativa, com um intercâmbio linguístico que favorece o português como língua dominante.

O político da linguagem na região fronteiriça impacta a percepção do funcionamento do espanhol, que tende a ser menos valorizado em contradição com o português brasileiro. O portunhol se constitui como uma mistura entre o português e o espanhol, com características específicas que variam conforme o espaço de funcionamento e os falantes envolvidos, evidenciando uma disputa ente línguas e falantes (Guimarães, 2018). Os falantes de português e espanhol na região fronteiriça são agenciados a falar o portunhol de maneiras diversas, às vezes funcionando como ferramenta útil de comunicação e outros como uma forma linguística deficiente. O funcionamento enunciativo entre as línguas na fronteira oeste reflete um processo de intercompreensão que facilita a comunicação e a coexistência linguística, embora com uma tendência à predominância do português. Em Cáceres, o espaço de enunciação do português brasileiro configura-se como um espaço onde o bilinguismo/multilinguismo é uma realidade cotidiana, influenciado pela proximidade e interação constante com falantes de espanhol.

Em relação às hipóteses, a primeira (H.1) foi verificada, confirmando que a palavra "portunhol" tende a estar associada a sentidos negativas, refletindo uma significação de desvio linguístico. A segunda hipótese (H.2) também foi verificada, mostrando que o português brasileiro tende a se sobrepor no ambiente linguístico da região, dominando sobre o espanhol, colocando em evidencia a disputa entre línguas e falantes no mesmo espaço de enunciação fronteiriço. A terceira hipótese (H.3) foi verificada, demonstrando que o espaço de enunciação na fronteira oeste de Mato Grosso

é propenso à emergência do portunhol, como observado em múltiplos espaços de interação. Por fim, a quarta hipótese (H.4) foi verificada, indicando que a coexistência de português e espanhol na região fronteiriça pode resultar no silenciamento do espanhol(castelhano)/portunhol em detrimento do português brasileiro.

Em conclusão, esta pesquisa conseguiu cumprir os objetivos propostos, responder às perguntas de pesquisa formuladas e verificar as hipóteses estabelecidas. Os resultados refletem uma dinâmica linguística complexa na fronteira oeste de Mato Grosso, onde o portunhol funciona como uma forma linguística híbrida/misturada, influenciada por fatores socioeconômicos e políticos que favorecem a dominância do português brasileiro. Esses resultados evidenciam a importância de promover uma política pública voltada para a formação continuada de professores da educação básica, graduação e pós-graduação, abordando o bilinguismo/multilinguismo e um ensino de línguas baseado no processo de intercompreensão. Também propor escolas bilíngues português-espanhol do lodo cacerense e espanhol-português do lado boliviano, lembrando da necessidade de ter no currículo escolar como obrigatoriedade o ensino de espanhol em todas as escolas de Cáceres e o português em todas as escolas de San Mátias promovendo assim, a integração linguística, social e cultural nas cidades gêmeas Cáceres/San Matias. Isso ajudará a melhorar a convivência e o entendimento mútuo na região fronteiriça, proporcionando acolhimento linguístico e inclusão social.

Este estudo contribui significativamente para o entendimento da complexa dinâmica linguística na fronteira oeste de Mato Grosso. A análise minuciosa das práticas linguísticas nessa região não apenas enriquece o campo da linguística, mas também lança luz sobre as questões de identidade e poder que permeiam o funcionamento da língua no espaço de enunciação da língua portuguesa do Brasil.

À luz dessas considerações, nossa pesquisa não apenas expande o conhecimento teórico na área da linguística, mas também proporciona uma base sólida para estratégias de ensino-aprendizagem que promovam a consciência linguística do bilinguismo e a prática da intercompreensão. Este é um passo crucial na valorização e promoção da diversidade linguística e cultural nas comunidades fronteiriças.

Por fim, esta tese representa um marco na compreensão das intricadas relações linguísticas na fronteira oeste de Mato Grosso, destacando a necessidade contínua de estudos aprofundados nessa área e o potencial para políticas linguísticas mais inclusivas e sensíveis às complexidades dos espaços fronteiriços.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, A.; LATTMAN-WELTMAN, F.; KORNIS, M. **Mídia e política no Brasil:** jornalismo e ficção. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

ALKMIM, T. Sociolinguística- parte I. In MUSSALIM, F.; Bentes, A. C. (Orgs.). **Introdução a linguística**: Domínios e fronteira. v. 1.- São Paulo: Cortez, 2012, p. 23-50.

ALMEIDA, Rita Heloísa de. **O diretório dos índios:** um projeto de "civilização" dos índios do século XVIII**.** Brasília: editora da UnB, 1997.

ALVES-MAZZOTTI, A.J. **Usos e Abusos dos Estudos de Caso**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.

ANDRADE, Alessandra Moraes de; CARLOS, Valeska Gracioso. Portunhol - Língua, Interlíngua Ou Dialeto?: Uma Revisão Bibliográfica. **Web Revista SOCIODIALETO**,, v. 11, n. 32, p. 175 - 199, maio 2021.Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/275>. Acesso em: 27 mar. 2022. doi: https://doi.org/10.48211/sociodialeto.v11i32.275.

ANDRÉ, M.E.D.A. **Estudo de Caso**: Seu Potencial na Educação. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 49, p. 51-54, maio. 1984.

ANQUETIL, M.; DE CARLO, M. « L'intercompréhension: quels fondements disciplinaires pour une discipline européenne en développement ? In: **Appropriation et transmission des langues et des cultures de monde, Actes de Séminaire Doctoral International**, INALCO coordonnés par N. Takahashi, J-O. Kim, N. Iwasaki, 2012.

ANSCOMBRE, J.C.; DUCROT, O. **La argumentación en la lengua**. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

APPEL, R.; MUYSKEN, P. **Bilinguismo y Lenguas en Contacto**. Barcelona: Ariel Linguística, 1996.

ARAÚJO, R. O Papel da Língua Portuguesa e Espanhola na Geopolítica do Século XXI: Oportunidades e Desafios no Oriente Médio. **ReVEL**, v. 14, n.27, p.1 - 12 2013.

ARAÚJO, M. S.; PUHL, J. I. **Cáceres e San Matías na perspectiva de cidades gêmeas: um estudo de possibilidades.** Cáceres: Unemat; MI, 2016.

ARAÙJO, Richard, Foreign Policy / **Migration & Immigration**. Consultado em 06 de novembro de 2017: http://orientalia.hypotheses.org/282

ARISTOTELES, **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

ARRUDA, B. F. B. P. **A designação camelos em Cáceres:** os sentidos nas relações comerciais na fronteira Brasil/Bolívia. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

BARROS, Alexandre Kelmer de. **Influência Linguística Cruzada na perspectiva da produção multilíngue: fatores que interferem na relação L1 – L2 – L3 – Ln quando o português brasileiro é a L1.** Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Outo Preto. Minas Gerais, 2020.

BATES, E. **Language and context: the acquisition of pragmatics**. New York: Academic Press, 1976.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. Trad. de M. G. Novak e L. Néri. Campinas: Pontes, 1988.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II.** Trad. de Eduardo Guimarães *et al*. Campinas: Pontes, 1989.

BLAU, A. R. D. O **"ouro vermelho" e a política de povoamento da Capitania de Mato Grosso:** 1752-1798. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá. 2007. Disponível em: ‹ https://livros01.livrosgratis.com.br/cp048324.pdf ›. Acesso: 05/05/2022.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto (Portugal): Porto Editora, 1994.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Q. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Em Tese, Vol. 2 n.° 1 (3), janeiro/julho, 2005, p. 68-80.

BONVINO, E. *et al*. **Eurom 5. Lire et comprendre 5 langues romanes**. Milan: Hoepli, 2011.

BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p.122-155. (Grandes Cientistas Sociais, n.39)

BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p.122-155. (Grandes Cientistas Sociais, n.39)

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. A história e as contribuições de um projeto na lingua Geolinguística. In: Vanderci de Andrade Aguilera. (Orgs). **A geolingüística no Brasil**: Trilhas a seguir, caminhos a percorrer. Londrina: EDUEL, 2013, p. 357-370.

BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento Regional**. Portaria nº 1.080, de 24 de abril de 2019. Inclui o município no anexo da Portaria no 213, de 19 de julho de 2016, que estabelece o conceito de "cidades gêmeas" nacionais, os critérios adotados para essa definição e lista todas as cidades brasileiras por estado que se enquadram nesta condição. Diário Oficial da União, Brasília, 29 abr. 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 2010.** Brasília: IBGE, 2010a.

BRASIL. Ministério das Relações Internacionais. Secretaria de Programas Regionais. **Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira:** Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira: Bases de uma Política

Integrada de Desenvolvimento Regional para a Faixa de Fronteira. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado, 1988.

CALVET, L. **Sociolingüística:** uma introdução crítica. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CALVO DEL OLMO, F. Experiencias Didácticas de Intercomprensión entre Lenguas Románicas como abordaje para una formación lingüística plural en ámbito Universitario. In: NAYA, Luis. *et al*. (orgs**.). Lenguas, Patrimonio e Identidades**: Perspectiva educativa. Heritage and Identities: An Educational Perspective. Madrid: Delta, 2018. p. 185-198.

CALVO DEL OLMO, F. **Nascem os Estudos Galegos na Universidade Federal do Paraná.** Disponível em: [https://quilombonoroeste.wordpress.com/tag/estudos-galegos/]. Acesso em: 25 fev. 2021.

CAPUCHO, M. F. **Ciência, ideologia, intervenção**: a Intercompreensão para além das utopias, Synergies Europe, 5, 2010. p101-103.

CAREL, M.; DUCROT, O. **La Semántica Argumentativa.** Una Introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos: Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. 1 ed. Buenos Aires: Colihue, 2005.

CARMAGNANI, A. M.; GRIGOLETTO, M. **Língua, discurso e processos de subjetivação na contemporaneidade.** São Paulo: Humanitas, 2013. p. 43-76.

CARNEIRO FILHO, C. P; CAMARA, L. Políticas públicas na faixa de fronteira do Brasil: PDFF, CDIF e as políticas de segurança e defesa. **Revista Confins**, n. 4, p. 1-18, 2019.

CARVALHO, F. R. M. **Os direitos humanos, a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e o pensamento filosófico de Norberto Bobbio sobre os direitos do homem.** Ambito júridico: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=5147

CASELLA, P. B.; SILVA, G. E. N.; ACCIOLY, H. **Manual de Direito Internacional Público**. 19ª ed. rev. atual. São Paulo: Saraiva, 2011.

CASTROGIOVANNI, A. C. Fronteira: um tema sem limites. In: COSTA, E. A.; COSTA, G. V. L; OLIVEIRA, M. A. M. de. (Orgs). **Estudos Fronteiriços**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010. (p. 11-41)

CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de Geografia:** práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000. (p. 96-98)

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, A.T. R.; MACÊDO, M. F. R**. Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2020.** Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de

Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020. Disponível em:< https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a.> Acesso em: 10/05/2022.

CELADA, M. T. Linguagem/sujeito. Forçando a barra em língua estrangeira. In: CARMAGNANI, A. M.; GRIGOLETTO, M. (orgs.). **Língua, discurso e processos de subjetivação na contemporaneidade.** São Paulo: Humanitas, 2013. p. 43-76.

CELADA, M. T. **O espanhol para o brasileiro**: uma língua singularmente estrangeira. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

CELADA, M. T.; GONZÁLEZ, N. M. El español en Brasil: un intento de captar el orden de la experiencia. In: SEDYCIAS, J. (Org.). **O ensino do espanhol no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2005. p. 71-96.

CELADA, M. T. Sobre a (im)possibilidade de exposição à alteridade – aspectos da formação de professores de língua(s), **Entremeios**, v. 10, p. 09-15, 2015.

CHAVAGNE, J. P. A intercompreensão entre línguas vizinhas. In: **Jornada da Sociedade Francesa de Tradução.** Lyon: Ucly, 2006.

CHAVES, O. R.; Império Português: O Marco de Jauru e a Povoação Fronteiriça de Vila Maria do Paraguai, século XVIII. In: CHAVES, O. R.; ARRUDA, E; F. (Org.). **História e Memória Cáceres**. 1ed.Cáceres - MT: Editora Unemat, 2011, v. 0001, p. 001-303.

CHAVES, O. R.; et al. A Riqueza de todos os Países consiste Principalmente no Número e Multiplicação da Gente que o Habita'. Capitania de Mato Grosso, Século XVIII. In: MICELI, P.C.; GARCIA, D.S.C. (Org.). **História e Fronteira**. 1ed.Cáceres: Editora da UNEMAT, 2014, v. 1, p. 96-115.

CHERVEL, A. **Histoire de l'enseignement du français du xviie au xxe siècle.** Paris, Retz, 832 p. 2006. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.14375/NP.9782725628028 >. Acesso: 05/05/2022.

CHERVEL, André ; COMPÈRE, M.M. As humanidades no ensino. **Educação e Pesquisa**, v.25, n. 2, p. 149-170. 1999. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97021999000200012 >. Acesso: 05/05/2022.

CHERVEL, A. **La culture scolaire – une approche historique**. Paris, Belin, 239 p. 2006.

CLAROS, A. M. A. **Portunhol**: Uma classificação baseada na literatura. Orientador: Valeska Gracioso Carlos. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Português-Espanhol). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019 .

COELHO, Aline. **Seduc apresenta proposta de política de educação para imigrantes**. Noticias Seduc MT, 06 jul.2016. Entrevista a Gonçalina Eva de Almeida.

CONSEIL DE L'EUROPE. **Le Cadre européen commun de référence pour les langues**: apprendre, enseigner, évaluer. Paris: Didier, 2001.

COSTA, N. R. Segurança pública na fronteira oeste de Mato Grosso: Cáceres, rota de turismo, tráfico e intercâmbios. p. 337 - 360. IN: CHAGAS *et al.* (org.). **Segurança Pública**: Diagnóstico, Conflitos, Criminalidade e Tecnologia da Informação**.** 2016. Disponível em: <https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/152?mode=full>. Acesso: 04/05/2022.

COSTE, D. MOORE, D. ZARATE, G**. Compétence plurilingue et pluriculturelle**: Vers un Cadre Européen Commun de référence pour l'enseignement et l'apprentissage des langues vivantes: études préparatoires. Version révisée. Strasbourg: Conseil de l'Europe, 2009.

COSTE, D. Leitura e competência comunicativa. In: GALVES, C.; ENI, P.; ORLANDI, P.P. (org.). **O Texto:** leitura e escrita. Organização e revisão técnica da tradução: 3. ed., rev. Campinas-SP: Pontes, 2002.

COSTE, D. **Plurilinguisme et Intercompréhension**. In: ÁLVAREZ, D.; CHARDENET, P.; C., TOST, . (Dir.). **L'intercompréhension et les nouveaux défis pour les langues romanes. Union Latine. Agence universitaire de la Francophonie**, Paris: Agence universitaire de la Francophonie, 2011. p. 179-189.

DEGACHE, C. **Didática das línguas e didática do plurilinguismo**: o lugar da intercompreensão. São Paulo: Curso de Pós-graduação, Universidade, 2012.

DEL BARRIO, M. V.; MARTINS, V. F. A. LARA, F.C. El contacto de lenguas en la frontera Brasil-Bolivia en las redes sociales: el lugar del portuñol en las interacciones. In: F. C. DEL OLMO; LAGARES, X. (org). **Portuñhol: ¿qué es? Como se faz?** São Paulo: Parábola, 2024, pp. 76-94.

DEL BARRIO, M. El portuñol salvaje anda libre por las selvas de internet. **Temas & Matizes**, v. 17, n. 30, p. 49–85, 2024. DOI: 10.48075/rtm.v17i29.32330. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/32330. Acesso em: 18 jun. 2024.

DEL OLMO, F.C.; ESCUDÉ, P. **Intercompreensão: a chave para as línguas**. – 1. Ed. São Paulo: Parabólica, 2019.

DEL OLMO, F. J. C.; MUÑOZ, A. M. E. La intercomprensión como herramienta para la integración educativa en el espacio sudamericano: posibilidades, dinámicas y límites a partir de las experiencias del programa PEIF y de la UNILA. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 81, n. 1, p. 115-134, 2019. DOI https://doi.org/10.35362/rie8113524

DIAS, L. F. Formações nominais designativas da língua do Brasil**:** uma abordagem enunciativa. **Letras**, v. 23, n. 46, p. 11-22, jan./jun. 2013a.

DIAS, L. F. A "linguagem cidadã" em questão: uma abordagem enunciativa. In: BRESSANIN, J. A. *et al*. (orgs.). **Linguagem e interpretação**: a institucionalização dos dizeres na história. Campinas: Editora RG, p. 211-222. 2013b.

DIAS, L. F.; SILVA, E. E. R. R. Formas nominais designativas na constituição do perfil feminino: uma abordagem enunciativa. In: **Revista (Con)Textos linguísticos**, v. 9, n. 12 (2015).

DIAS, L. F. Nomes de cidades de Mato Grosso: uma abordagem enunciativa. In: KARIM, T. M *et al*. (orgs). **Atlas dos nomes que dizem das histórias das cidades brasileiras** - Um estudo semântico-enunciativo do Mato Grosso (Fase I). Campinas, SP: Pontes, 2016a.

DIAS, L. F.; SILVA, C. D. **Os espaços de trabalho com a língua na pesquisa científica e no ensino:** as hashtags em pauta**.** In: Ana Maria Di Renzo; Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta. (Org.). Ciência, língua e ensino. 1ed.Campinas: Pontes, 2016b, p. 189-208.

DIAS, L F. **Enunciação e relações linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2018a.

DIAS, L. F. **Enunciação e Relações Linguísticas.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2018b.

DIAS, L. F. **Identificações de Mato Grosso: uma abordagem enunciativa**. In: Atlas dos nomes que dizem histórias das cidades brasileiras: Um estudo semântico-enunciativo do Mato Grosso (Fase 1). Campinas, SP: Pontes Editores, 2018c. p. 23-45.

DIAS, L. F. Enunciação e regularidade sintática. **Cadernos de Estudos Linguísticos** v. 51, p. 7-30, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637217>. Acesso: 01/05/2021.

DIAS, L. F. In: **O português brasileiro no cotidiano: enunciação e ensino**. 2021. (no prelo).

DIAS, L. F.. Redes enunciativas. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, v. 26, n. 51, p. 155-172, jan./jul., 2023. Disponível em: < file:///C:/Users/SAMSUNG/Downloads/10++Dossie_Artigo_LIL_Rede+enunciativas_Luiz+Francisco+Dias%20(1).pdf >. Acesso: 05/07/2023.

DI RENZO, A.; MOTTA, A.L. R. (Org.). **Ciência, língua e ensino**. 1ed.Campinas: Pontes, 2016, p. 189-208.

DOYÉ, P. **L'intercompréhension.** Strasbourg, Conseil de l'Europe, Division des politiques linguistiques, 2005.

DUCROT, O. Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação. In: **O dizer e o dito.** Campinas, SP: Pontes Editores, 1988. p. 161.

DUCROT, O. **O dizer e o dito. Campinas**, Campinas, SP: Pontes, 1987.

DUCROT, O. Enunciação. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.

DUCROT, O. **Les mots du discours**. Paris: Minuit, 1980.

DUCROT, Oswald. Polifonía y argumentación. In: **Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso**. Cali: Universidad del Valle, 1988. ESOPO. Fábulas. São Paulo: Martin Claret, 2004.

ESCUDÉ, P.; JANIN, P. L'école, la langue unique et l'intercompréhension: obstacles et enjeux de l'intégration. **Synergies Europe**, v. 5, p. 115-125, 2010.

ESCUDÉ, P.; JANIN, P. **Le point sur l'intercompréhension**. Clé du plurilinguisme. CLE Internacional, Paris, 2010.

ESPIGA, J. O contato do Português com o espanhol da região sul do Brasil. In. VANDRESEN, P. (org.). **Variação, mudança e contato linguístico no Português da região Sul.** Pelotas, RS: Ed: EDUCAT, 2006. p. 261- 279.

FAULSTICH, E. **O portunhol é uma interlíngua?** Seminário apresentado no Institut Universitari de Lingüística Aplicada (IULA), Universitat Pompeu Fabra (UPF), Barcelona, em 21 de abril de 1997.

FERNANDEZ, F.; ROTH, J. **Atlas de la lengua española en el mundo**. Madrid: Fundación Telefónica, 2007. 146 p.

FERNANDEZ, S. **Interlengua y análisis de errores en el aprendizaje del español como lengua extranjera**. Madrid: Edelsa, 1997.

FERNÁNDEZ, F. Y, M. ROTH, J. O. **Atlas de la lengua española en el mundo**, Barcelona, Ariel-Fundación Telefónica, 2007.

FERREIRA, Â. P. N.; LEITE, M. R. B. "Aqui hablamos portuñol"? Propaganda turística e "vontade de verdade" sobre o conhecimento de língua espanhola no Brasil. **Revista Investigações**. v. 31, n. 2, dez, 2018, p. 280-301.

FERREIRA, F. P. S. **Aspectos da comunicação multilíngue**: o portunhol como língua de contato na UNILA. Monografia. (Licenciatura em Letras). Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2021.

FERREIRA, J. C. V. **Mato Grosso e seus Municípios** - Secretaria de Estado de Educação. Cuiabá. 1997.

FERREIRA**,** J. C. V. **Mato Grosso e seus municípios**. Secretaria de Estado de Educação. Cuiabá. 2008.

FERREIRA, S. M.P.; SILVA, R. V. As línguas da fronteira Brasil-Bolívia: crenças e atitudes linguísticas. **Revista Sociodialeto**, v.11, n.33, p. 1 – 33, 2021.

FIGUEIREDO, A. H. Formação Territorial Brasileira. In: FIGUEIREDO, A. H. (Org.). **Brasil:** uma visão geográfica e ambiental no início do século XXI. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de Geografia, 2016. p. 10-39.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber** (8ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas (10ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. 2016.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal.1988.

FRANÇA, R. L. (Coord.). **Enciclopédia Saraiva do Direito**. São Paulo: Saraiva, 1977. p. 267-268. (Edição Comemorativa do Sesquicentenário da Fundação dos Cursos Jurídicos no Brasil, 1827-1977, nº 12).

GARCIA, E.F. O projeto do marquês de pombal para a imposição da língua portuguesa aos nativos do Brasil e sua aplicação na América do Sul. **Tempo [online]**, v.12, n.23, pp.23-38, 2007.

GATTI, F. **Turismo Internacional sob Enfoque da Política de Externa de Integração Regional**: Potencialidades, perspectivas e experiências turísticas entre Mato Grosso e Bolívia. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GUIMARÃES, E. **Textos e argumentação. Um estudo de conjunções do Português.** Campinas-SP: Pontes. 1987.

GUIMARÃES, E. **Os Limites dos sentidos.** Campinas, SP: Pontes Editora, 1995.

GUIMARÃES, E. **"Política de Línguas na América Latina",** Políticas linguísticas para América Latina. **Actas del Congreso Internacional 1997**. Conferências Plenárias. Narvaja de Arnoux, Elivra et al. (eds), Buenos Aires: UBA, 1999. P.297-304.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**. Campinas-SP:Pontes.2002.

GUIMARÃES, E. A Marca do Nome. **RUA**, v. 9, n.1, p. 19 – 31, 2003.

GUIMARÃES, E. Enunciação e Política de Línguas no Brasil. **Letras**, v.27 p.. 47–53, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2176148511897 >. Acesso: 05/05/2021.

GUIMARÃES, E. Designação e Espaço de Enunciação: Um Encontro Político no Cotidiano. **Letras**, v.26, p. 53–62, 2003. Disponível em: < https://doi.org/10.5902/2176148511880 >. Acesso: 05/05/2021.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação.** Campinas-SP: Pontes. 2005.

GUIMARÃES, E. Semântica e Pragmática. In: Introdução Às Ciências da Linguagem**: A Palavra e a Frase.** Campinas, SP: Editora Pontes, 2006.

GUIMARÃES, E. Enunciação e Política de Línguas no Brasil. **Revista Letras**, , n. 27, p. 47-53, 2006.

GUIMARÃES, E. Enunciação e política de línguas no Brasil. In: OLIVEIRA, S. E.; SANTOS, J. F. (Orgs.). **Mosaico de linguagens.** Campinas: Pontes/CELLIP, 2006, 47-53.

GUIMARÃES, E. **A palavra:** Forma e Sentido. Campinas, SP: Pontes Editora, 2007.

GUIMARÃES, E. Domínio semântico de determinação. In: Guimarães, E.; MOLLICA. M.C. **A palavra.** Forma e sentido. Campinas, SP:, Pontes Editora, 2007a.

GUIMARÃES, E. Posfácio. Acontecimento e argumentação. In: GUIMARÃES, E. **Texto e Argumentação.** Campinas: Pontes. 2007b. p.203-216

GUIMARÃES, E. Um contra argumento delocutivo: 'Fala sério!'. **Línguas & Letras (UNIOESTE**), v. 9, p. 85-102, 2008.

GUIMARÃES, E. A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 51, n. 1, p. 49-68, 2009.

GUIMARÃES, E. Quando o eu se diz ele: análise enunciativa de um texto de publicidade. **Revista da Anpoll**., v. l.1, n. 29, 2010a.

GUIMARÃES, E. Dois modos de não dizer eu. In: ORLANDI, Eni. (Org.). **Discurso e políticas públicas urbanas**. Campinas, SP: Editora RG, 2010b.

GUIMARÃES, E. **Análise de texto:** procedimentos, análises, ensino. Campinas, SP: Editora RG, 2011.

GUIMARÃES, E. Argumentatividade e argumentação**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**. V. 9, n. 2, p. 271-283, 2013.

GUIMARÃES, E. Espaço de enunciação, Cena enunciativa, Designação. **Fragmentum** (UFSM), v. 40, p. 49-76, 2014b.

GUIMARÃES, E. Aquele que diz o que não diz – uma bibliografia de Oswald Ducrot. ***Entremeios*** **[Revista de Estudos do Discurso],** Seção Perfil biobibliográfico, Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre (MG), vol. 11, jul./ dez., 2015, p. 167-178

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**: **um estudo enunciativo da designação.** 4 ed. Campinas-SP: Pontes. 2017.

GUIMARÃES, E. **Semântica:** enunciação e sentido. Campinas, SP: Pontes Editora, 2018.

HARTMANN, L. **"Aqui nessa fronteira onde tu vê beira de linha tu vai ver cuento..."** Tradições orais na fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. Tese (Doutorado em Antropo Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

HARTMANN, L. A circulação de narrativas orais na fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. In. COSTA, Edgar Aparecido da; COSTA, G. V. L.; OLIVEIRA, M. A. M. (Orgs.). **Estudos fronteiriços**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010.

HAYGERT, S.; STURZA, E. R. Reflexões sobre o Programa de Escolas Interculturais de Fronteira como uma política linguística. **Linguagens & Cidadania,** v.17, n.1, p. 1 – 14, 2015. https://doi.org/10.5902/1516849225514

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil, Mato Grosso, Cáceres: **IBGE**, 2022. Disponível em: < https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/caceres/panorama>.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Boletim Mercado de Trabalho - Conjuntura e Análise 69**. Brasília: Ipea, 2020.

JAMET, M.-CH. L'intercompréhension: de la définition d'un concept à la délimitation d'un champ de recherche ou vice versa ?. In: **Publif@rum,** n. 11, p. 100 – 110 2010. Disponível em: https://iris.unive.it/handle/10278/24784. Acesso em: 2 mai. 2022.

KARIM, T. M. *et al*. (orgs). **Atlas dos nomes que dizem das histórias das cidades brasileiras** - Um estudo semântico-enunciativo do Mato Grosso (Fase I). Campinas: Pontes, 2016.

KARIM, T. M. **Dos nomes à história** - o processo constitutivo de um Estado: Mato Grosso. Campinas, SP: [s.n.], 2012.

KARIM, T. M.; ALVARES, L. PRIA, A. D. O frisson da bailarina: o funcionamento semântico-enunciativo do nome baderna. **Traços de Linguagem**, v.3, n.2, p. 16-27, 2019.

KARIM, Taisir M. Mato Grosso: De Descrição A Nome - Um Percurso Enunciativo. *In.:* V SIMELP - SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA. **Anais**. Università del Salento, 22, 2017, p. 3429-3440.

LABOV, William. **Padrões Sociolingüísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.

LARA, F. C.; KARIM, T. M. Os ícones americanos na campanha do ensino de língua inglesa numa perspectiva enunciativa. **Traços de Linguagem - Revista de Estudos Linguísticos**, v. 3, p. 65-74, 2019

LARA, F.C. **Um Brasil sem Fronteiras**: A Língua Inglesa no Espaço de Enunciação do Português do Brasil. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2017.

LEÃO FILHO, E. S. **O Padroado Régio no Brasil e as circunscrições eclesiásticas**. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

LIPSKI, J. M. Encontros fronteiriços espanhol-português. **Revista do Centro de Educação e Letras da UNIOESTE**. v.13, nº 2, p.83-100, 2011

LIPSKI, J. Too close for comfort? The genesis of portuñol/portunhol. In: HISPANIC VIII LINGUISTICS SYMPOSIUM**. Proceedings**...Somerville: Cascadilla Proceeding Project, 2006.

LIPSKI, J. M. **Selected Proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium**, ed. Timothy L. Face and Carol A. Klee, 1-22. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. 2006.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCO COMÚN DE REFERÊNCIA PARA LAS LENGUAS.
Marco Común Europeo de Referencia para las Lenguas: enseñar, aprender, evaluar. Madri: Consejo de Europa, 2002.

MACEDO-KARIM, J. **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais.** Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MACEDO-KARIM, J; SILVA, F.J. D. Atitudes sociolinguísticas de moradores da comunidade de Corixa (Cáceres-MT): um estudo sobre a fronteira Brasil/Bolívia. **Claraboia**, v.12, p. 28-47, 2019.

MARCO DE REFERENCIA PARA LOS ENFOQUES PLURALES DE LAS LENGUAS Y DE LAS CULLTURAS. **Marco de Referencia para los Enfoques Plurales de las Lenguas y de las Culturas.** Dirigido por Michel Candelier, Centre européen pour les langues vivantes, Ed. Consejo de Europa, 2007.

MARIANI, B. **Colonização Linguística:** Línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (século XVIII). Campinas-SP. Pontes. 2004.

MARTINS, E. S. Dinâmica Fronteiriça das cidades-gêmeas entre Brasil e Guyana. **Revista Geonorte**, Edição Especial 3, v.7, n.1, 2013.

MARTINS, V. F. Formación sociolingüística e intercultural para profesores de ELE en contexto de diversidad lingüística: un estudio de caso en la frontera Brasil-Bolivia. **RIE. Revista Iberoamericana de Educación**, 2019, 81, p. 189 - 210.

MARTINS, V.F. **Formación sociolingüística para profesores de LE en Brasil.** Tese (Doutorado en Linguística Teórica y Aplicada). Universidade Complutense de Madri, Madri, 2018.

MATESANZ, D. B. M. Conciencia lingüística en la construcción de discursos multilingües: la intercomprensión espontánea en portuñol. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 81, n. 1, p. 75-96, 2019. DOI https://doi.org/10.35362/rie8113557

MARTÍNEZ-PARICIO, V.; PRUNYONOSA T. M. **Intercomprensión románica**. València: Universitat de València, 2017.

MEISSNER, F.J. **EuroCOmRom Les sept tamis**: lire en langues romanes dès le depárt. EuroCom: Acheen, 2004.

MELLO, H. A. B. Atitudes linguísticas em uma comunidade Bilíngue do sudoeste goiano. In. SILVA, S.S. (Org). **Línguas em Contato**: Cenários de bilinguismo no Brasil.- Campinas: Ed: Pontes, 2011, p. 141-177.

MINAYO, M. C. (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: Conceito e delimitação. In. MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. **Introdução a sociolinguística**: o tratamento da variação. 4, ed., 3 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MOORE, D. **Plurilinguismes et école:** Langues et apprentissage des langues. Paris, Didier/CRÉDIF, 2006.

MOTA, S. S. **Línguas, sujeitos e sentidos:** o jornal nas relações fronteiriças no final do século XIX, início do século XX. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2010.

MOTA, S. S. **Portunhol, sujeito e sentido:** efeitos de uma política educacional em Noite nu Norte**.** Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Pampa, Santa Maria, 2012.

MUNHOZ, José Lucio. **Tratado de Tordesilhas não foi um exemplo de arbitragem**. Conjur, 2019. Disponível em:<https://www.conjur.com.br/2019-jun-30/josemunhoz-tratado-tordesilhas-nao-foi-arbitragem> Acesso em: 20 de junho de 2020.

NEVES, G. R. Fronteiras em mutação. "Deletando"a memória? In: CASTRO, I. E. de; MIRANDA, M.; EGLER, C. A. G. (Orgs). **Redescobrindo o Brasil**: 500 anos depois. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: Faperj, 2000.

OEI Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Iberoamérica**: Una comunidad, dos lenguas pluricéntricas. Conferencia Internacional de las Lenguas Portuguesa y Española. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 2021. Disponível em: https://oei.int/oficinas/portugal/publicaciones/ibero-america-uma-comunidade-duas-linguas-pluricentricas-iberoamerica-una-comunidad-dos-lenguas-pluricentricas

OLIVEIRA, A. U. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007.

OLIVEIRA, R.P. **Semântica Formal**: Uma breve introdução. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

OLIVEIRA, R.P Formalismos na linguística: uma reflexão crítica. In: MUSSALIM, Fe.; BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à linguística:** fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez Editora, 2004. p.219-250.

OLIVEIRA, R.P. Uma história de delimitações teóricas: trinta anos de semântica no Brasil. DELTA. 1999, vol.15, p. 291-321. OLIVEIRA, R.P; BASSO, R. (orgs.). **Filosofia da Linguística.** 1. Ed. Florianópolis: UFSC, 2011. 145 p.

OLIVEIRA, S. E. **Cidadania:** história e política de uma palavra. Campinas: Pontes Editora, RG Editores, 2006.

OLIVEIRA, T. C. M. Para além das linhas coloridas ou pontilhadas–reflexões para uma tipologia das relações fronteiriças. **Revista da ANPEGE**, v. 11, n. 15, p. 233-256, 2015.

OLIVEIRA, G. M.; MORELLO, R. La frontera como recurso: el bilingüismo portugués-español y el Proyecto de Escuelas Interculturales Bilingües de Frontera en el MERCOSUR (2005-2016). **Revista Iberoamericana De Educación**, v. 81, n.1, p. 53 74, 2019. Disponibles en: https://doi.org/10.35362/rie8113567

ORLANDI, E.P. **A Terra à vista!:** discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez, 1990.

ORLANDI, E. P. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. **RUA**, v.1, n.1, p. 35 – 47, 1995.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 6. ed. São Paulo: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

PACHECO, C. Como definir o falar da fronteira Brasil-Uruguai? **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 11, n. 19, p. 9-28, 2017.

PÊGO, B. *et al*. (orgs.). **Fronteiras do Brasil:** diagnóstico e agenda de pesquisa para política pública. Brasília: Ipea, 2017. v. 2.

PÊGO, B.; MOURA, R.; NUNES, M. **As interações entre Cáceres (Mato Grosso) e San Matias (Bolívia):** a pertinência de uma nova cidade gêmea brasileira. Boletim regional, urbano e ambiental, Brasília: Ipea; MDR, n. 21, p. 39-47, jul./dez. 2019

PEREIRA, J. H. V. Diversidade cultural nas escolas de fronteiras internacionais: o caso de Mato Grosso do Sul. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 2, n. 1, p. 51-63, 2009.

PERES, W. O Portunhol Selvagem: uma revolução na linguagem com imagens resgatadas do inconsciente coletivo. **Revista Tabuleiro de Letras**, v. 12, n. 1, p. 177-189, jun. 2018.

PINTO, E. P. **O português do Brasil** – textos críticos e teóricos – Fontes para a teoria e a história, vol. 2: 1920/1945. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos. 1981.

POZA, J.; MELO, G. A interferência linguística no processo de ensino-aprendizagem da língua espanhola em professores e aprendizes brasileiros. **Afluente**, v.3, n. 9, p. 45-61, set./dez. 2018.

PUHL, J. I. A fronteira mato-grossense entre o Brasil e a Bolívia no Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira. In: GARCIA, D.S.C.; MICELI, P. C. (Orgs.). **História e Fronteira.** Cáceres/MT: UNEMAT Editora, 2014.

PUHL, J. I. **No tempo do grilo: Posseiros da Gleba São Domingos (1979-1983). História da luta pela terra no Vale do Guaporé/MT (1970-1990)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá: 2003.

RAFFESTIN, C. "La langue comme ressource : pour une analyse économique des langues vernaculaires et véhiculaires", **Cahiers de Géographie du Québec**, vol. 22, n. 56, 1978, p. 279-286.

RAIA DIPLOMATICA. Disponível em <https://raiadiplomatica.info/language/pt/2021/03/05/a-estrategia-da-oei-para-a-lingua-portuguesa/>. Acesso, 01/05/2022.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível:** estética e política. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2005.

RANCIÈRE, J. **O desentendimento**: política e filosofia. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo: Ed. 34, 1996.

RANCIÈRE, J. **Políticas da Escrita**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

RIBEIRO, Darcy; MOREIRA NETO, Carlos de Araújo**. A Fundação do Brasil (1500-1700).** Petrópolis: Vozes, 1992.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Dicionário breve da informação e da comunicação**. Lisboa, Presença, 2000.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Dicionário breve da informação e da comunicação**. Lisboa, Presença, 2000.

RONA, J. P. **El dialecto "fronterizo" del norte del Uruguay**. Montevideo: Adolfo Linardi, 1965. 45 p.

RONA, J. P. La frontera linguística entre el portugués y el español en el norte del Uruguay. **Veritas**, v. 8, n. 2, p. 201-221, 1963.

SÁ, M.H.A.; DEL BARRIO, M.M.; OLIVEIRA, G.M. Bilinguismo: espanhol e português. Línguas que convivem na Ibero-América com outras línguas. **Revista Iberoamericana de Educación**, v.8, n.1, p. 13 – 14, 2019.

SANCHES, E. **Língua brasileira**. São Paulo: Editora Nacional, 1940. (Coleção brasiliana, 179). Disponível em:< http://www.brasiliana.com.br/obras/lingua-brasileira.> Acesso em: 20 abr. 2021.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein, 27. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SELINKER, L. Interlanguage**. International Review of Applied Linguistics**, v.10, p.209-231, 1972.

SILVA, F. J. D. **Língua, escola e fronteira**: entre aprender a e aprender *sobre* língua nacional. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2012.

SILVA, F.J. D. **O contato linguístico entre o português e o espanhol na fronteira Brasil-Bolívia: um estudo sobre variação lexical**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2022.

SILVA, R.V; RIVAS, V.E. Espanhol e Português em Contato: As Políticas Educacionais Linguísticas na Fronteira Brasil/Bolívia. In **Seminário de Estudos Fronteiriços**. Campo Grande: Editora UFMS, 2010.

SILVA, R.V. *et al*. Línguas em contato e aspectos da integração linguística em uma das fronteiras Brasil/Bolívia. **Despertar para a fronteira.** Campo Grande, MS: Ed. UFMS. 2009.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística y Pragmática del Español**. Washington, D.C.: George Washington University Press, 2011.

SIQUEIRA, E. M. **História de Mato Grosso**: Da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

SOUZA, S. B.; PRADO, F. P. **Brasileiros na fronteira uruguaia**: economia e política no século XIX. In: GRIJÓ, L. A. et al. (orgs.). **Capítulos da História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

SOUZA-HIGA, T.C.S (Org.). Análise comparativa entre sistemas produtivos rurais do Oeste mato-grossense e Leste boliviano. In: **Estudos Regionais sul-americanos, economia e dinâmica territorial na área central do continente.** Cuiabá, EdUFMT, 2018.

SOUZA-HIGA, T. C. C. **Populações em movimento na fronteira Brasil – Bolívia**: estranhamentos e interações no campo do trabalho. In: LEITE, J.; BORSANI, M. E.; SOUZA-HIGA, T.C.C. (Orgs.). Deslocamentos teóricos e populacionais: fronteiras epistêmicas e geográficas. Cuiabá: EdUFMT, 2018a. p. 41-54

SOUZA-HIGA, T. C. C. Diversidade territorial na área fronteiriça de Mato Grosso e Bolívia**.** In: SOUZA-HIGA, T. C. C. (Org.). **Estudos regionais sul-americanos:** sociocultura, economia e dinâmica territorial na área central do continente. Cuiabá: EdUFMT, 2008. p. 13-32.

STAKE. R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.) **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 2000. p. 435-454.

STURZA, E. Escolas interculturais de fronteira problemáticas e fragilidades da implementação de uma política linguística. In: OLIVEIRA, G.M; RODRIGUES, L.G. (Org.) **Atas do VIII Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas**. 292, Florianópolis: UFSC Universidade Federal de Santa Catarina e AUGM Associação de Universidades Grupo Montevidéu – Núcleo Educação para a Integração. 2017.

STURZA, E. R. "Portuñol: la intercomprensión en una lengua de frontera" en **Revista Iberoamericana de Educación**, 81(1), 2019, pp. 97-113.

STURZA, E.; TATSCH, J. A fronteira e as línguas em contato: uma perspectiva de abordagem. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 53, p. 83-98, 2016.

THIOLENT, M. **Metodologia de Pesquisa-ação**. 2 ed. São Paulo, Cortez, 1986.

THUN, H.; FORTE C.; ELIZAINCÍN, A. El Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU): Presentación de un proyecto. **Iberorromania**, n. 30, p. 26-62, 1989.

WALTEMIRE, M. The differential use of Spanish and Portuguese along the Uruguayan–Brazilian border. **International Journal of Bilingual Education and Bilingualism**, v. 15, n.5, 2012. p. 509- 531.

WEHLING, A; WEHLING, M.J. C.M. **Formação do Brasil colonial.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

ZEICHNER, K. M. Uma análise crítica sobre a "reflexão" como conceito estruturante na formação docente. **Revista Educação e Sociedade**, v.29, n. 103, p. 535-554. 2008.

ZOPPI-FONTANA, M. **Os sentidos marginais**. Leitura teoria e prática. Mercado aberto. São Paulo, 1991.

ZOPPI-FONTANA, M. Retórica e argumentação. In: LAGAZZI-RODRIGUES, Susy; ORLANDI, Eni P. (Orgs.). **Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006. p. 179-210.

ZOPPI-FONTANA, M. A arte do detalhe. In: **Webrevistadiscursividade**. Campo Grande/MS. 9. Ed, 2012. Disponível em: www.discursividade.cepad.net.br Acesso em: 15/09/2017.

ANEXOS
Anexo 01 – Base de coleta de dados e perguntas norteadoras

INSTRUMENTO DE COLETA (LENGUA ESPAÑOLA)
Formulario de identificación del entrevistado
1. El entrevistado_____
1.1. Número del audio del entrevistado: _____
1.2. Nombre/s: _____
Apellido/s: _____
1.3. Sexo: _____
1.4. Idead: _____
1.5. Naturalidad: _____
1.5.1: Nacionalidad/es: _____
1.7. El padre cual la Naturalidad: _____
1.8. La madre cual la Naturalidad: _____
1.6. Estado civil: _____
1.9. Naturalidad del esposa/o: _____
1.1.1. Naturalidad de lo/s hijo/s: _____
1.1.2. Escolaridad: _____
2. Profesión: _____
2.1. Profesión: _____
3. Ciudad y País: _____
4. Lengua Materna: _____
5. Lengua/s que habla/m: _____
6. Lengua en que has recibido su educación: _____
Observaciones cuanto al comportamiento general del entrevistado durante la entrevista.
_____
_____.

INSTRUMENTO DE COLETA (LÍNGUA PORTUGUESA)
Ficha de identificação do entrevistado
1. O entrevistado: _____
1.1. Número do áudio do entrevistado: _____
1.2. Nome: _____ Sobrenome: _____
1.3. Sexo: _____
1.4.Idade: _____
1.5. Naturalidade: _____
1.5.1: Nacionalidade_____
1.6. Estado civil: _____
1.7. O pai 2.1. Naturalidade: _____
1.8. A mãe 3.2. Naturalidade: _____
1.9. Naturalidade da esposa/o: _____
1.1.1. Naturalidade de Filho/s: _____
1.1.2. Escolaridade: _____
2. Profissão: _____
2.1. Atualmente: _____
3. Cidade e País: _____
4. Língua Materna: _____
5. Língua/s que falam: _____
6. Língua em que recebeu sua escolaridade: _____

Observações quanto ao comportamento geral do entrevistado durante a entrevista.
_____
_____.

ROTEIRO DE LA ENTREVISTA (LENGUA ESPAÑOLA) EN BLOQUES

Idioma Elegido/Aprendizaje

1. ¿Usted habla portugués? ¿Si es así, te importaría hacer la entrevista en portugués?
2. Y si hablas portugués. ¿Podrías hablar un poquito, sobre dónde y como usted has aprendido el portugués?

Nacionalidad

3. ¿Usted es natural de Cáceres-MT? (si negativo) ¿de dónde?

Cultura

4. ¿Te gusta vivir en Cáceres? ¿Por qué?
5. ¿Qué cosas usted considera buenas y cuales malas en Cáceres?
6. ¿Con relación al ocio, comente se usted encuentra diferentes ocios en Cáceres de las que usted conoce por vida?

El hablar de los bolivianos

7. ¿En relación a los vecinos brasileños, que te parece el hablar brasileño? ¿Usted sabe que lengua ellos hablan?
8. ¿Qué te parece los extranjeros que viven en nuestra región?
9. ¿Usted entiende a los brasileños cuando hablan su lengua?
10. ¿En qué lengua hablan con usted los brasileños, en portugués o en su lengua?

Identidad Brasileña

11. ¿Cómo el boliviano mira a los extranjeros en especial a los brasileños? ¿Qué hay de diferente en tu opinión?
12. ¿Qué habla usted considera más bonita, a del brasileño o la de los bolivianos? ¿Por qué?

Preconcepto lingüístico

13. ¿Existen situaciones en que usted siente vergüenza de tú manera de hablar? ¿Por qué?
14. ¿Qué opinas de los bolivianos que viven aquí y hablan en portugués?

Diferencias/variantes lingüísticas del hablar boliviano

15. ¿Usted cree que el hablar de los bolivianos aquí de la frontera es distinto de los bolivianos que viven en Cochabamba y Santa Cruz? ¿Por qué?
16. ¿Usted siente vergüenza u orgullo de su lengua? ¿Por qué?

Prestigio u desprestigio del hablar portugués

17. ¿Usted cree que la lengua portuguesa es fea o bonita? ¿Por qué?

Cultura/turismo

18. ¿A usted qué te parece el Pantanal Matogrosense? ¿Has ido alguna vez allí?
19. ¿Usted ya viajo? ¿Te gusta viajar? ¿con qué finalidad viaja? ¿Con que frecuencia viajas? ¿Cuente un poquito de sus viajes?

Comercio/compras

20. ¿En relación al comercio en Cáceres, qué opinas?
21. ¿Usted prefieres comprar en Cáceres o en Bolivia? ¿Por qué?
22. ¿Qué tipo de cosas compras en el comercio de Cáceres?

ROTEIRO DA ENTREVISTA (LÍNGUA PORTUGUESA) POR GRUPOS

Idioma Escolhido/Aprendizado

1. Você fala espanhol? Se sim, gostaria de fazer a entrevista em espanhol?
2. Se sim, poderia falar um pouco, onde e como você aprendeu espanhol?

Nacionalidade

3. Você é natural de Cáceres? (Se negativo) De onde?

Cultura Cacerense

4. Você gosta de morar em Cáceres-MT? Por quê?
5. Quais as coisas que você considera boas e quais você considera ruins na cidade de Cáceres-MT?
6. Em relação ao lazer do povo Cacerense, são diferentes do seu lugar de origem? Se sim, comente?

O Falar dos Bolivianos

7. Sobre os nossos vizinhos, o que você acha do falar do boliviano? Você sabe qual língua eles falam?
8. O que você acha dos estrangeiros que vive na nossa região?
9. Você entende os bolivianos quando eles falam?
10. Em que língua os bolivianos falam com você em português ou na língua deles? O que você acha?

Identidade Boliviana

11. Como o cacerense vê os estrangeiros em especial os bolivianos? O que há de diferente?
12. Qual fala você considera mais bonita, a dos brasileiros ou a dos bolivianos? Por quê?
13. Existem situações em que você tem vergonha do seu jeito de falar?
14. O que você acha dos bolivianos que vivem aqui e falam português?

Diferenças/Variação linguística do falar boliviano

15. Você acha o falar do boliviano daqui da fronteira oeste diferente do falar boliviano de Cochabamba e Santa Cruz? Por quê? Comente um pouco?
16. Você sente vergonha ou orgulho da sua língua? Por quê?

Prestígio ou desprestígio da língua espanhola

17. Você acha a língua espanhola feia ou bonita? Por quê?

Cultura/turismo

18. O que você acha do Pantanal Mato-grossense?
19. Você viaja? Com que frequência e com qual finalidade? Conte um pouco das suas viagens?

Comércio/compras

20. Em relação ao comércio dos bolivianos que existe na região de Cáceres (os camelôs) e em San Mathias, o que você acha?
21. Você prefere comprar aqui ou ir até San Matias? Por quê?
22. E que tipo de produtos você compra no comércio de Cáceres (os camelôs) e/ou San Matias?

Anexo 02
TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecido

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT
Programa de Pós-graduação *Strictu Sensu* em Linguística – Nível Doutorado
Pesquisador responsável: Francineli Cezarina Lara.
Orientador: Prof. Dr. Taisir Mahmudo Karim
Endereço: Rua: Comandante Balduíno, 1443, Bairro: Centro, cidade: Cáceres estado: Mato Grosso
Fone: +55 65 9 96583818 E-mail: francineli.lara@unemat.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

O (A) Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa *"A Relação das Línguas Portuguesa e Espanhola no Espaço de Enunciação da Fronteira Oeste do Mato Grosso"*, tem como objetivo refletir a relação entre línguas em um mesmo espaço enunciativo, relação essa, que pode apresentar como consequência uma nova prática linguística caracterizada por tal relação. Através desta pesquisa se analisará as enunciações sobre "portunhol" a partir de observações e entrevistas que serão feitas na região da Fronteira Oeste do Mato Grosso dentro de um espaço de enunciação que compõe a língua portuguesa e a língua espanhola no perímetro Cáceres – San Matias.

Para este estudo, o (a) Sr. (a) participará de uma entrevista, situação que pode produzir possíveis desconfortos e riscos, como a interrupção de suas atividades laborais em função do tempo de duração da entrevista, bem como sentir-se emocionado com relato de experiências pessoais.

A fim de minimizar a ocorrência desses riscos, procuraremos ser objetivos e didáticos para reduzir qualquer tipo de inconveniência através do agendamento desta entrevista de acordo coma sua disponibilidade de tempo. Com relação as informações de cunho pessoal, o pesquisador também se comprometerá em manter absoluto sigilo. O motivo desta entrevista, é que o (a) Sr. (a) se enquadra dentro de alguns critérios pré-estabelecidos na pesquisa, como naturalidade, o local de residência (zona urbana, zona rural e zona fronteiriça) e a língua que fala/sabe.

Para participar deste estudo o (a) Sr. (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O (A) Sr. (a) será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, retirando seu consentimento ou interrompendo sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e privacidade, sendo que em caso de obtenção de fotografias, vídeos ou gravações de voz, os materiais ficarão sob a propriedade do pesquisador responsável, podendo ser divulgadas através de sua autorização. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O (A) Sr. (a) não terá seu nome identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT- e a outra será fornecida a(o) Sr. (a).

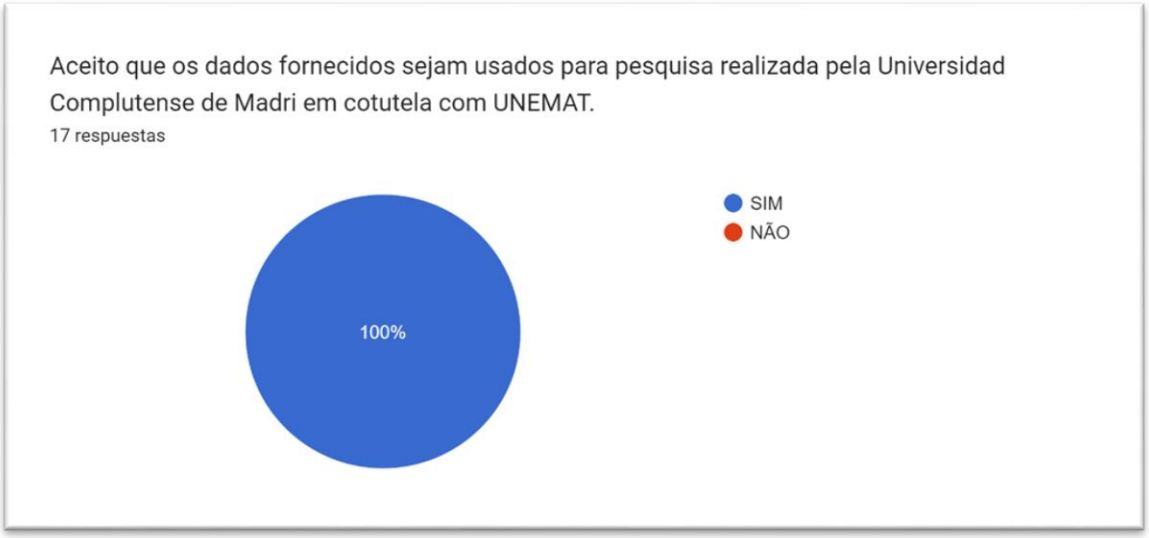
Eu,_____, portador do Documento nº _____, nascido (a) em ____/____/_____, residente no endereço _____, na cidade de _____, Estado_____, país_____, podendo ser contatado (a) pelo número telefônico ( )_____fui informado (a) dos objetivos do estudo "**A Relação das Línguas Portuguesa e Espanhola no Espaço de Enunciação da Fronteira Oeste do Mato Grosso**", de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Concordo que os materiais e as informações obtidas relacionadas à minha pessoa poderão ser utilizados em atividades de natureza acadêmico-científica, desde que assegurada a preservação de minha identidade. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar, de modo que declaro que concordo em participar desse estudo e recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
Cidade:_____,_____de_____de_____.

_____
Assinatura do Participante

_____
Assinatura do Pesquisador

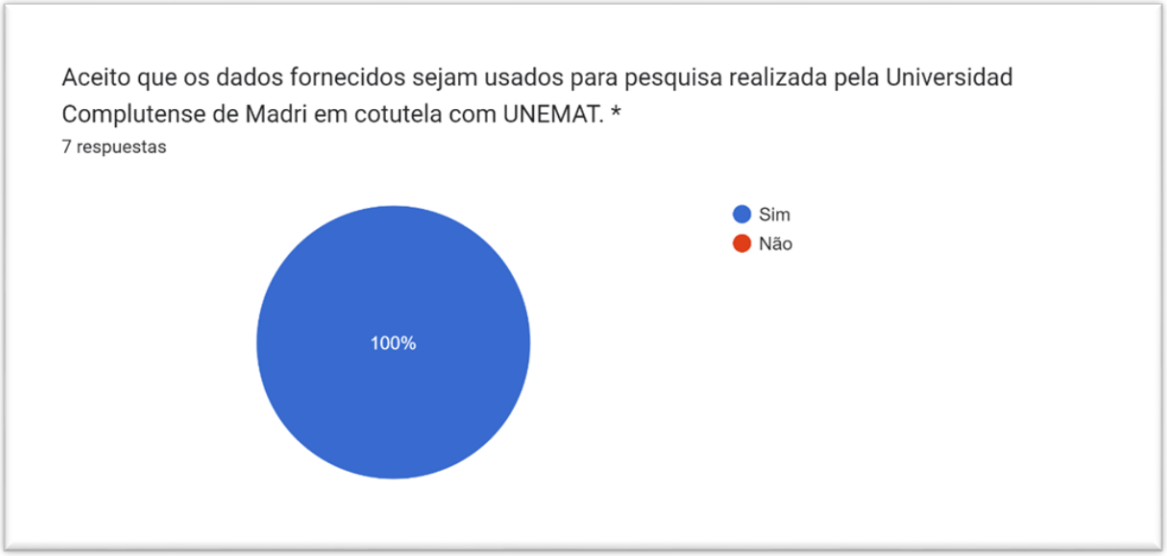
Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o:
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).
Rua Tancredo Neves, 1095 – Cavalhada. CEP: 78200-000.
Cáceres-MT. Tel. 55(65) 3221-0067 / E-mail: cep@unemat.br

Primeiro Grupo: Brasileiros – Termo de aceite da pesquisa para o questionário



Fuente: Gráfico do Questionário *Google Forms*

Primeiro Grupo: Brasileiros – Termo de aceite da pesquisa para a entrevista



Fuente: Gráfico dos dados coletados para entrevistas pelo *Google Forms*

Segundo Grupo: Bolivianos – Termo de aceite da pesquisa para o questionário



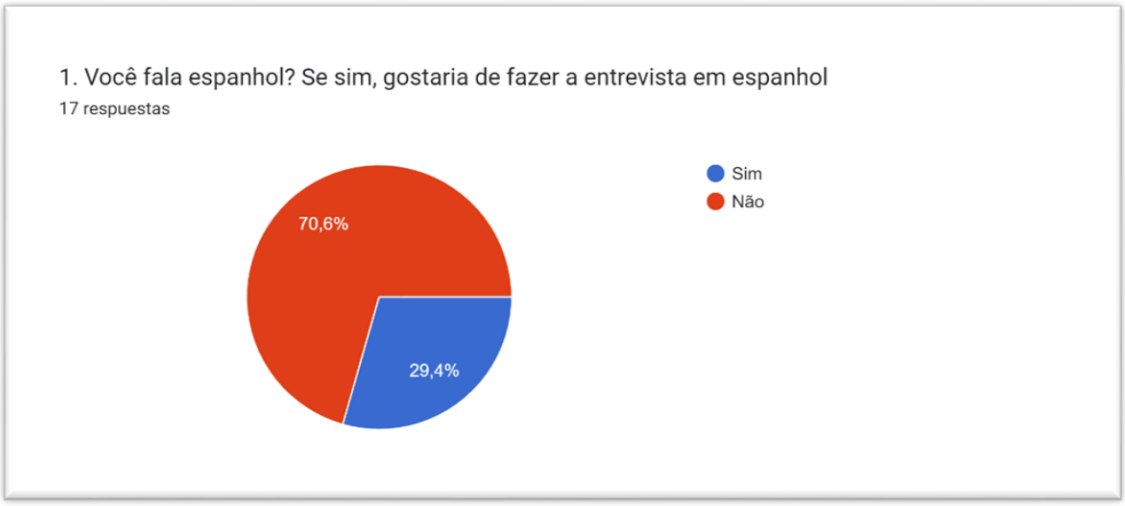
Fuente: Gráfico do Questionário *Google Forms*

Segundo Grupo: Bolivianos – Termo de aceite da pesquisa para a entrevista



Fuente: Gráfico dos dados coletados para entrevistas pelo *Google Forms*

Primeiro Grupo: Brasileiros – Opção para responder o questionário



Fuente: Gráfico do Questionário *Google Forms*

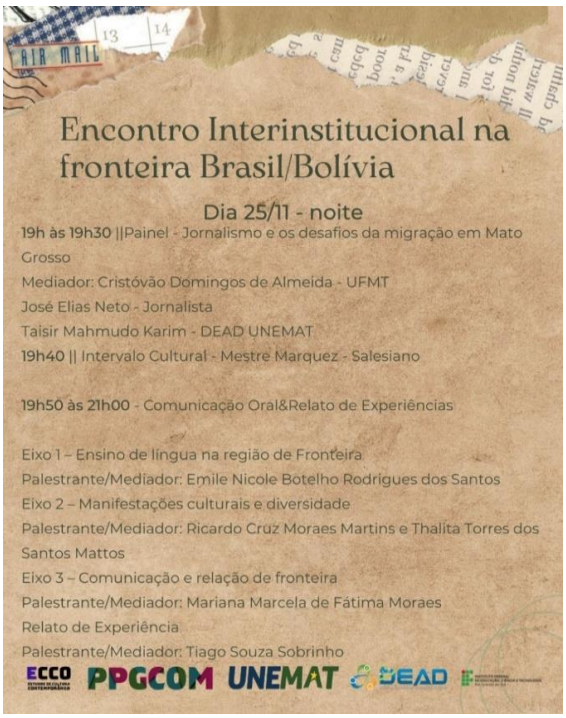
Segundo Grupo: Bolivianos – Opção para responder o questionário



Fuente: Gráfico do Questionário *Google Forms*

Anexo 03
Folder do evento Brasil/Bolívia
Encontro realizado em Cáceres/MT em 2022.













Encontro realizado em Cáceres/MT em 2022.

Fuente: Arquivo próprio

Anexo 04
Cursos de línguas



Curso básico de português para Xavantes – 2023/1
Fuente: Archivo propio





Curso de francês 2023/1
Fuente: Archivo propio



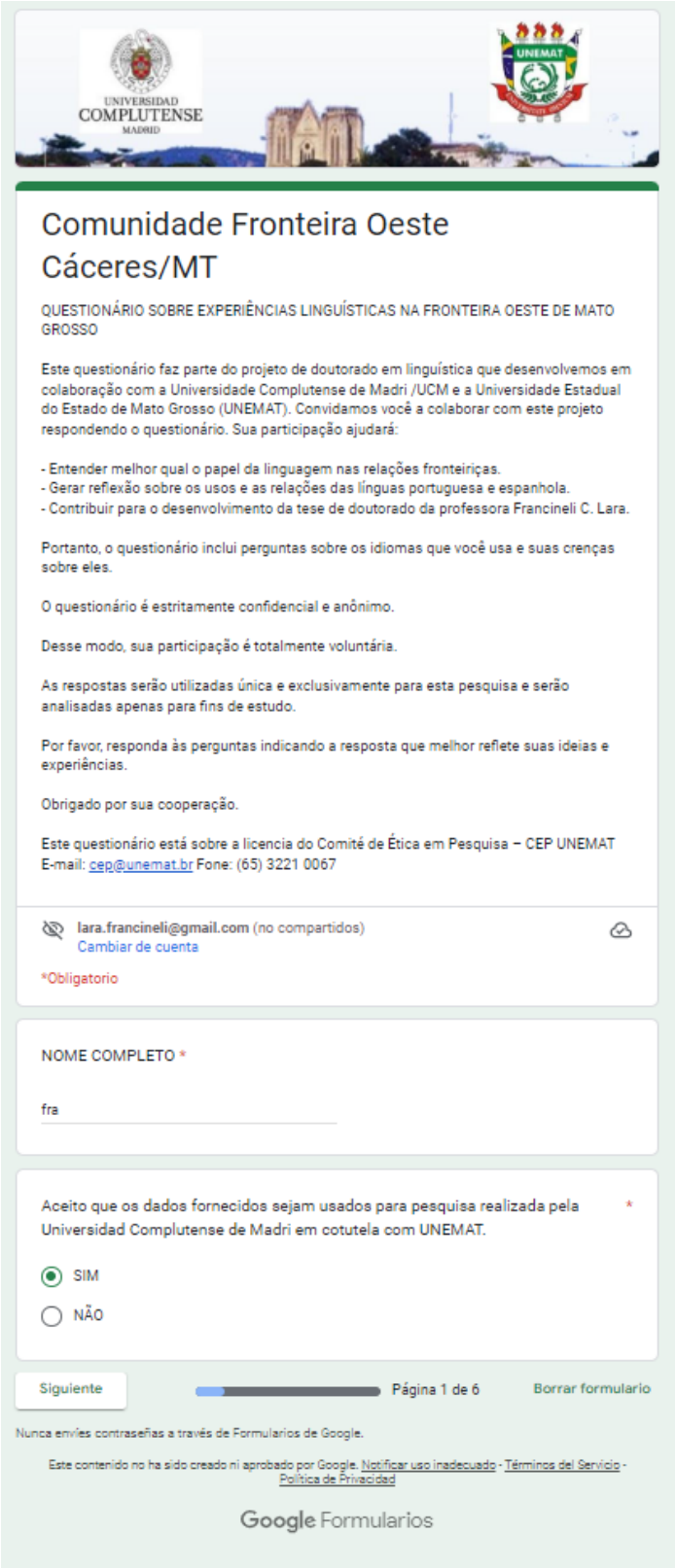
Curso de inglês 2022/2
Fuente: Archivo propio


Curso de espanhol 2022/2
Fuente: Archivo propio



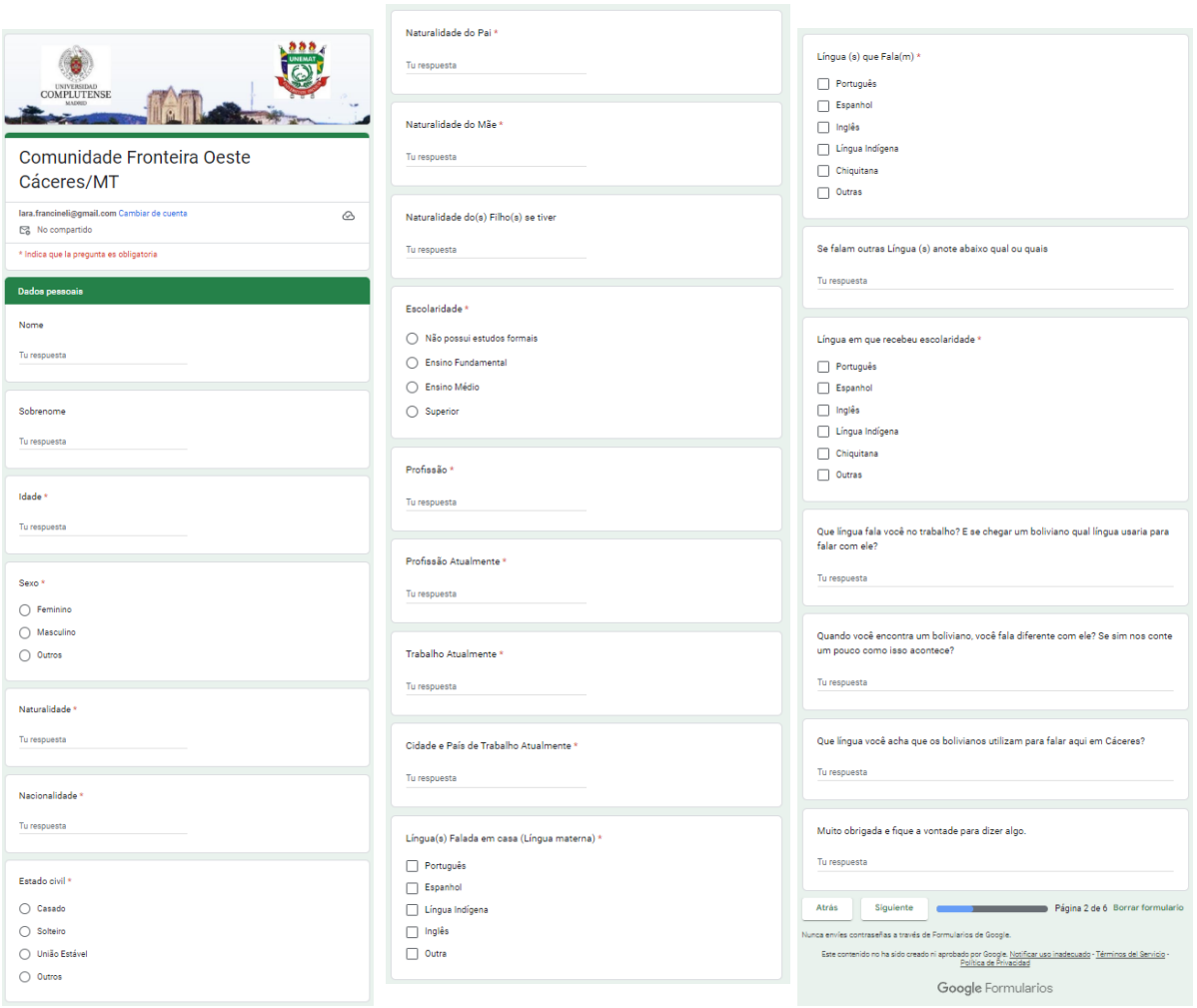
Curso de português para comunidade boliviana 2023/2 (em andamento)
Fuente: Archivo propio

Anexo 05
Prints dos *Google Forms*
***Print Google Forms* Questionário Brasileiro**



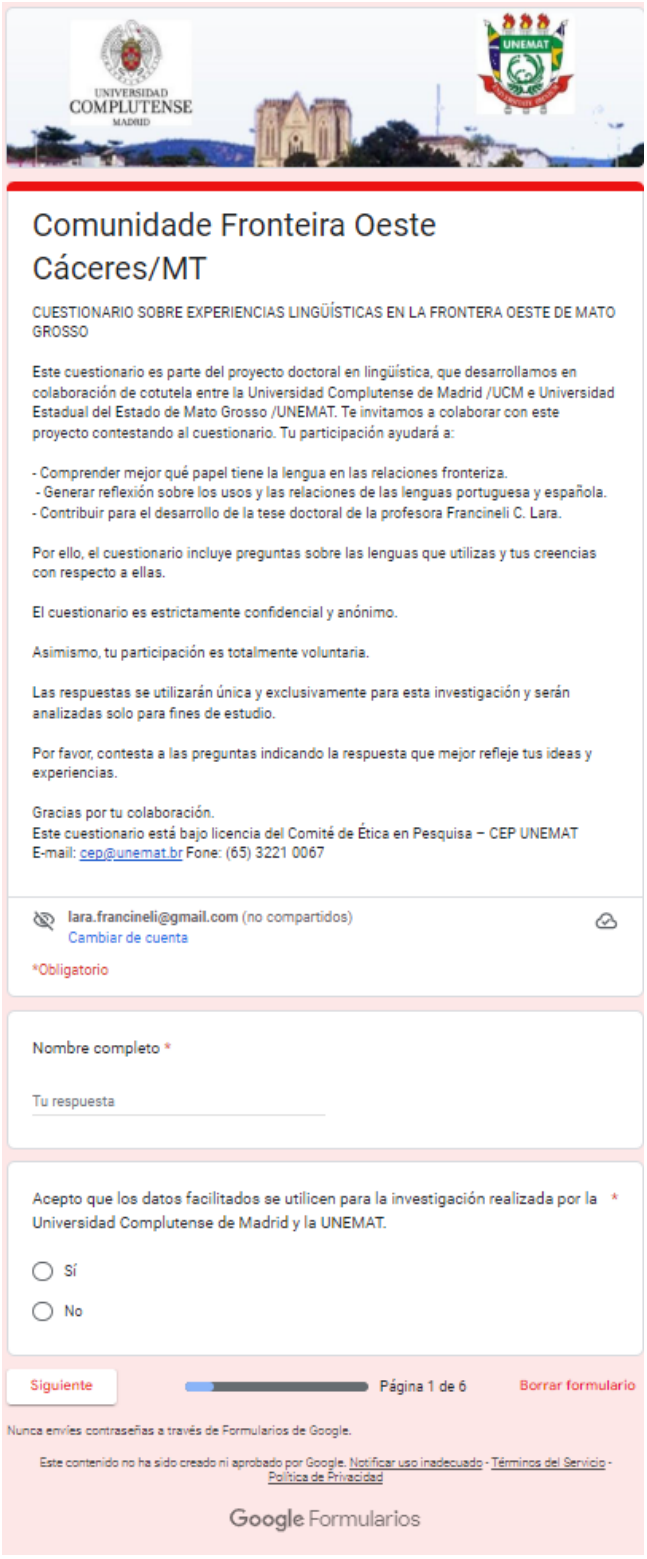
Fuente: Elaborado pela autora

***Print Google Forms* dados Questionário Brasileiro**



Fuente: Elaborado pela autora

***Print Google Forms* Questionário Boliviano**



Comunidade Fronteira Oeste
Cáceres/MT

CUESTIONARIO SOBRE EXPERIENCIAS LINGÜÍSTICAS EN LA FRONTERA OESTE DE MATO GROSSO

Este cuestionario es parte del proyecto doctoral en lingüística, que desarrollamos en colaboración de cotutela entre la Universidad Complutense de Madrid /UCM e Universidad Estadual del Estado de Mato Grosso /UNEMAT. Te invitamos a colaborar con este proyecto contestando al cuestionario. Tu participación ayudará a:

- Comprender mejor qué papel tiene la lengua en las relaciones fronteriza.
- Generar reflexión sobre los usos y las relaciones de las lenguas portuguesa y española.
- Contribuir para el desarrollo de la tese doctoral de la profesora Francineli C. Lara.

Por ello, el cuestionario incluye preguntas sobre las lenguas que utilizas y tus creencias con respecto a ellas.

El cuestionario es estrictamente confidencial y anónimo.

Asimismo, tu participación es totalmente voluntaria.

Las respuestas se utilizarán única y exclusivamente para esta investigación y serán analizadas solo para fines de estudio.

Por favor, contesta a las preguntas indicando la respuesta que mejor refleje tus ideas y experiencias.

Gracias por tu colaboración.
Este cuestionario está bajo licencia del Comité de Ética en Pesquisa – CEP UNEMAT
E-mail: cep@unemat.br Fone: (65) 3221 0067

lara.francineli@gmail.com (no compartidos)
Cambiar de cuenta

*Obligatorio

Nombre completo *

Tu respuesta

Acepto que los datos facilitados se utilicen para la investigación realizada por la Universidad Complutense de Madrid y la UNEMAT. *

Sí

No

Siguiente Página 1 de 6 Borrar formulario

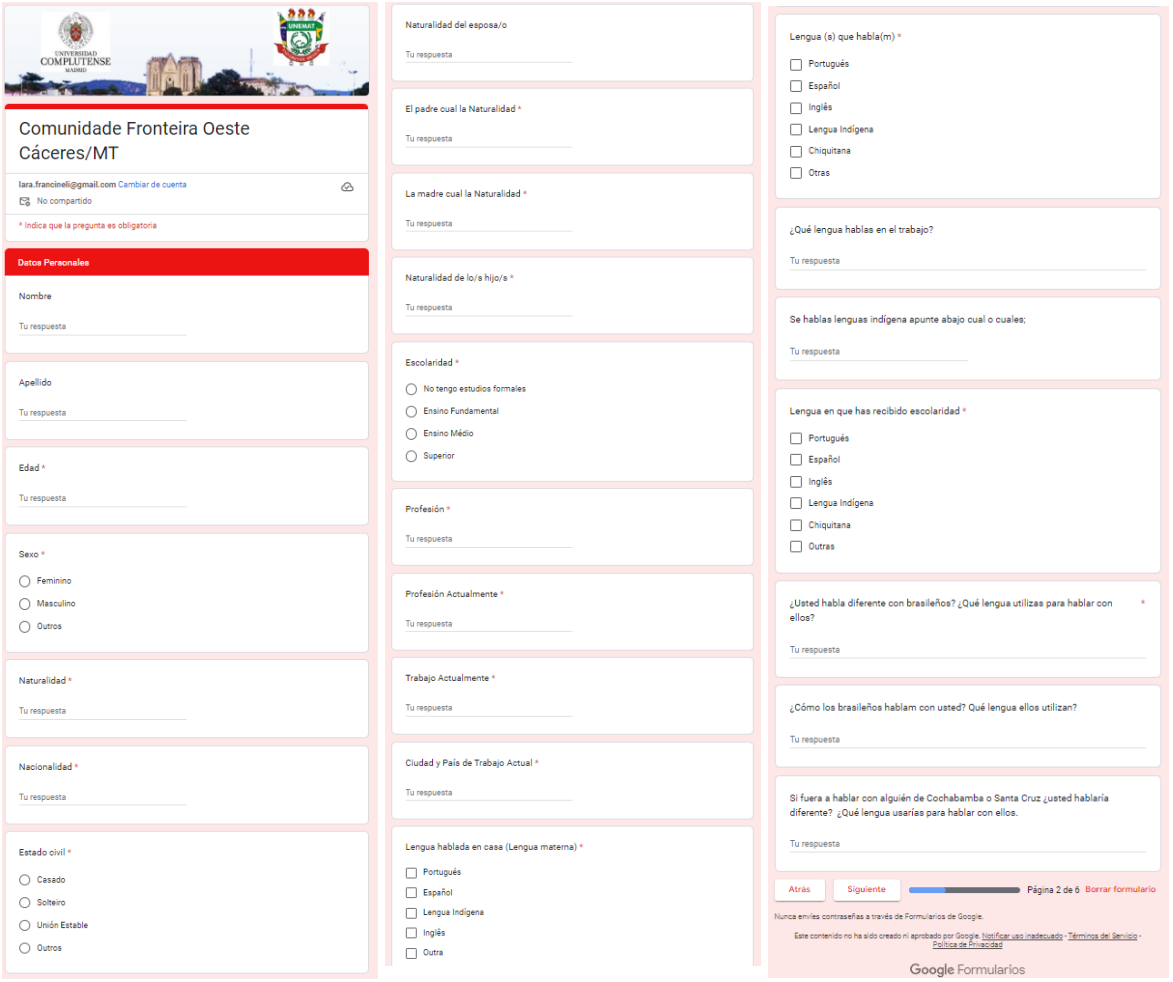
Nunca envíes contraseñas a través de Formularios de Google.

Este contenido no ha sido creado ni aprobado por Google. Notificar uso inadecuado - Términos del Servicio - Política de Privacidad

Google Formularios

Fuente: Elaborado pela autora

***Print Google Forms* Questionário Boliviano**



Comunidade Fronteira Oeste
Cáceres/MT

lara.francineli@gmail.com Cambiar de cuenta
No compartido
* Indica que la pregunta es obligatoria

Datos Personales

Nombre
Tu respuesta

Apellido
Tu respuesta

Edad *
Tu respuesta

Sexo *
Feminino
Masculino
Outros

Naturalidad *
Tu respuesta

Nacionalidad *
Tu respuesta

Estado civil *
Casado
Solteiro
Unión Estable
Outros

Naturalidad del esposa/o
Tu respuesta

El padre cual la Naturalidad *
Tu respuesta

La madre cual la Naturalidad *
Tu respuesta

Naturalidad de lo/s hijo/s *
Tu respuesta

Escolaridad *
No tengo estudios formales
Ensino Fundamental
Ensino Médio
Superior

Profesión *
Tu respuesta

Profesión Actualmente *
Tu respuesta

Trabajo Actualmente *
Tu respuesta

Ciudad y País de Trabajo Actual *
Tu respuesta

Lengua hablada en casa (Lengua materna) *
Portugués
Español
Lengua Indígena
Inglés
Outra

Lengua (s) que habla(m) *
Portugués
Español
Inglés
Lengua Indígena
Chiquitana
Otras

¿Qué lengua hablas en el trabajo?
Tu respuesta

Se hablas lenguas indígena apunte abajo cual o cuales;
Tu respuesta

Lengua en que has recibido escolaridad *
Portugués
Español
Inglés
Lengua Indígena
Chiquitana
Outras

¿Usted habla diferente con brasileños? ¿Qué lengua utilizas para hablar con ellos? *
Tu respuesta

¿Cómo los brasileños hablam con usted? Qué lengua ellos utilizan?
Tu respuesta

Si fuera a hablar con alguién de Cochabamba o Santa Cruz ¿usted hablaría diferente? ¿Qué lengua usarías para hablar con ellos.
Tu respuesta

Atrás Siguiente Página 2 de 6 Borrar formulario

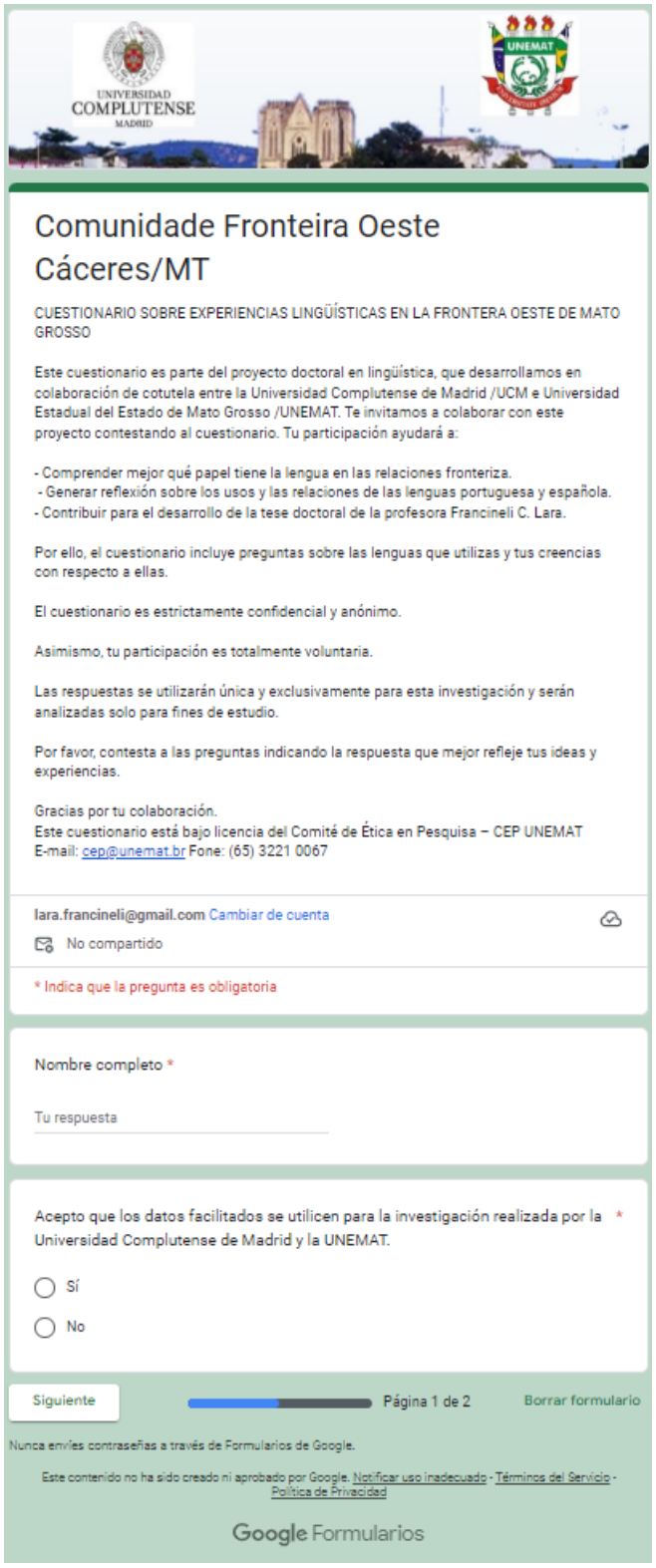
Nunca envíes contraseñas a través de Formularios de Google.

Este contenido no ha sido creado ni aprobado por Google. Notificar uso inadecuado - Términos del Servicio - Política de Privacidad

Google Formularios

Fuente: Elaborado pela autora

***Print Google Forms* dados Entrevista Brasileiro**



Comunidade Fronteira Oeste
Cáceres/MT

CUESTIONARIO SOBRE EXPERIENCIAS LINGÜÍSTICAS EN LA FRONTERA OESTE DE MATO GROSSO

Este cuestionario es parte del proyecto doctoral en lingüística, que desarrollamos en colaboración de cotutela entre la Universidad Complutense de Madrid /UCM e Universidad Estadual del Estado de Mato Grosso /UNEMAT. Te invitamos a colaborar con este proyecto contestando al cuestionario. Tu participación ayudará a:

- Comprender mejor qué papel tiene la lengua en las relaciones fronteriza.
- Generar reflexión sobre los usos y las relaciones de las lenguas portuguesa y española.
- Contribuir para el desarrollo de la tese doctoral de la profesora Francineli C. Lara.

Por ello, el cuestionario incluye preguntas sobre las lenguas que utilizas y tus creencias con respecto a ellas.

El cuestionario es estrictamente confidencial y anónimo.

Asimismo, tu participación es totalmente voluntaria.

Las respuestas se utilizarán única y exclusivamente para esta investigación y serán analizadas solo para fines de estudio.

Por favor, contesta a las preguntas indicando la respuesta que mejor refleje tus ideas y experiencias.

Gracias por tu colaboración.
Este cuestionario está bajo licencia del Comité de Ética en Pesquisa – CEP UNEMAT
E-mail: cep@unemat.br Fone: (65) 3221 0067

lara.francineli@gmail.com Cambiar de cuenta

No compartido

* Indica que la pregunta es obligatoria

Nombre completo *

Tu respuesta

Acepto que los datos facilitados se utilicen para la investigación realizada por la Universidad Complutense de Madrid y la UNEMAT. *

Sí

No

Siguiente Página 1 de 2 Borrar formulario

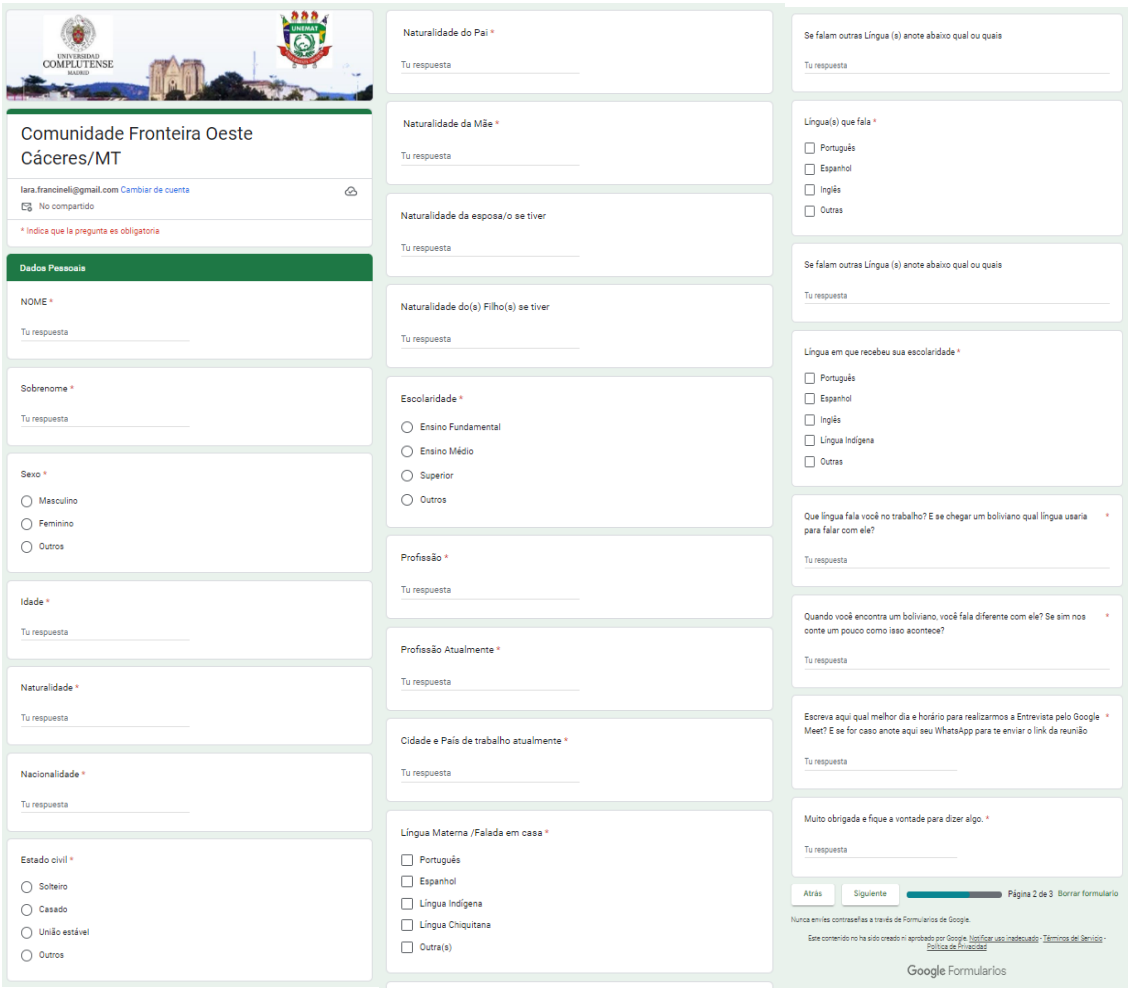
Nunca envíes contraseñas a través de Formularios de Google.

Este contenido no ha sido creado ni aprobado por Google. Notificar uso inadecuado - Términos del Servicio - Política de Privacidad

Google Formularios

Fuente: Elaborado pela autora

***Print Google Forms* dados Entrevista Brasileiro**



Comunidade Fronteira Oeste
Cáceres/MT

lara.francineli@gmail.com Cambiar de cuenta
No compartido
* Indica que la pregunta es obligatoria

Dados Pessoais

NOME *
Tu respuesta

Sobrenome *
Tu respuesta

Sexo *
Masculino
Feminino
Outros

Idade *
Tu respuesta

Naturalidade *
Tu respuesta

Nacionalidade *
Tu respuesta

Estado civil *
Solteiro
Casado
União estável
Outros

Naturalidade do Pai *
Tu respuesta

Naturalidade da Mãe *
Tu respuesta

Naturalidade da esposa/o se tiver
Tu respuesta

Naturalidade do(s) Filho(s) se tiver
Tu respuesta

Escolaridade *
Ensino Fundamental
Ensino Médio
Superior
Outros

Profissão *
Tu respuesta

Profissão Atualmente *
Tu respuesta

Cidade e País de trabalho atualmente *
Tu respuesta

Língua Materna /Falada em casa *
Português
Espanhol
Língua Indígena
Língua Chiquitana
Outra(s)

Se falam outras Língua (s) anote abaixo qual ou quais
Tu respuesta

Língua(s) que fala *
Português
Espanhol
Inglês
Outras

Se falam outras Língua (s) anote abaixo qual ou quais
Tu respuesta

Língua em que recebeu sua escolaridade *
Português
Espanhol
Inglês
Língua Indígena
Outras

Que língua fala você no trabalho? E se chegar um boliviano qual língua usaria para falar com ele? *
Tu respuesta

Quando você encontra um boliviano, você fala diferente com ele? Se sim nos conte um pouco como isso acontece? *
Tu respuesta

Escreva aqui qual melhor dia e horário para realizarmos a Entrevista pelo Google Meet? E se for caso anote aqui seu WhatsApp para te enviar o link da reunião *
Tu respuesta

Muito obrigada e fique a vontade para dizer algo. *
Tu respuesta

Atrás Siguiente Página 2 de 3 Borrar formulario

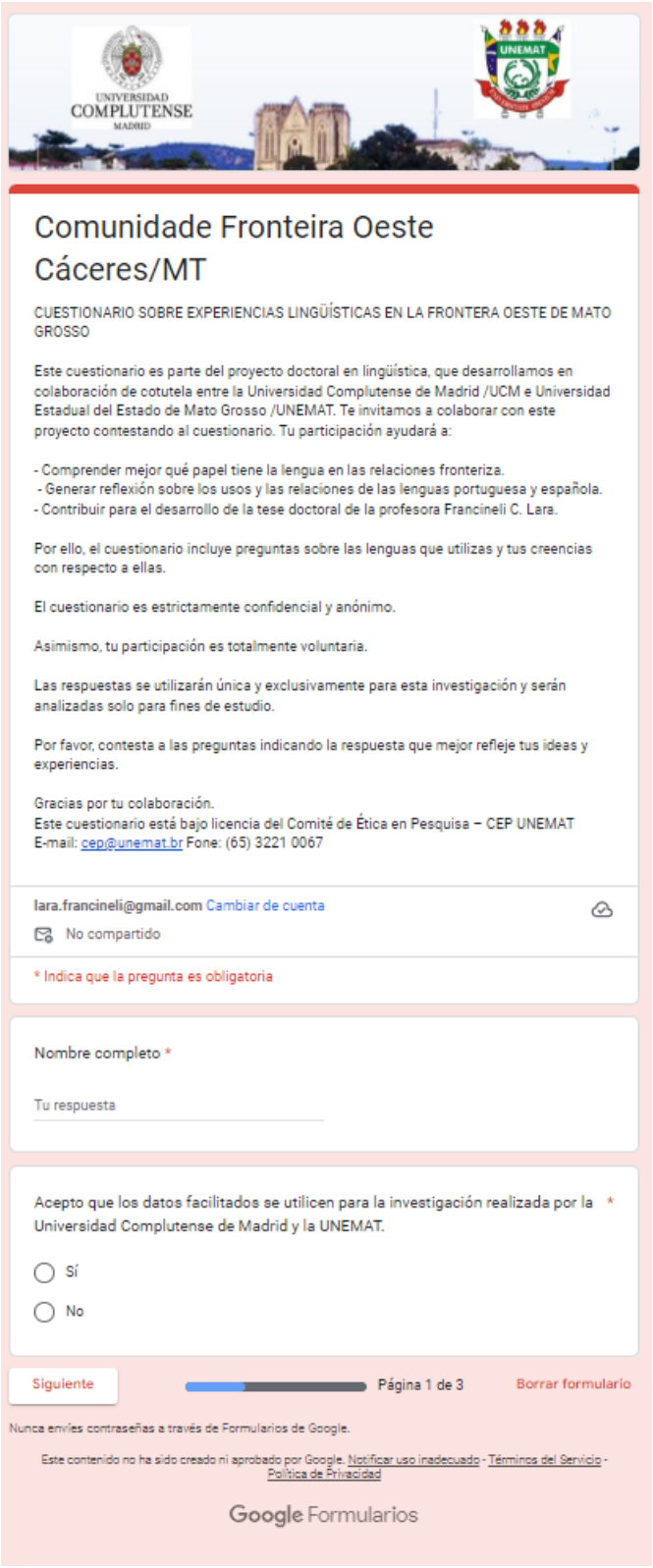
Nunca envíes contraseñas a través de Formularios de Google.

Este contenido no ha sido creado ni aprobado por Google. Notificar uso inadecuado - Términos del Servicio - Política de Privacidad

Google Formularios

Fuente: Elaborado pela autora

***Print Google Forms* dados Entrevista Boliviano**



Comunidade Fronteira Oeste Cáceres/MT

CUESTIONARIO SOBRE EXPERIENCIAS LINGÜÍSTICAS EN LA FRONTERA OESTE DE MATO GROSSO

Este cuestionario es parte del proyecto doctoral en lingüística, que desarrollamos en colaboración de cotutela entre la Universidad Complutense de Madrid /UCM e Universidad Estadual del Estado de Mato Grosso /UNEMAT. Te invitamos a colaborar con este proyecto contestando al cuestionario. Tu participación ayudará a:

- Comprender mejor qué papel tiene la lengua en las relaciones fronteriza.
- Generar reflexión sobre los usos y las relaciones de las lenguas portuguesa y española.
- Contribuir para el desarrollo de la tese doctoral de la profesora Francineli C. Lara.

Por ello, el cuestionario incluye preguntas sobre las lenguas que utilizas y tus creencias con respecto a ellas.

El cuestionario es estrictamente confidencial y anónimo.

Asimismo, tu participación es totalmente voluntaria.

Las respuestas se utilizarán única y exclusivamente para esta investigación y serán analizadas solo para fines de estudio.

Por favor, contesta a las preguntas indicando la respuesta que mejor refleje tus ideas y experiencias.

Gracias por tu colaboración.
Este cuestionario está bajo licencia del Comité de Ética en Pesquisa – CEP UNEMAT
E-mail: cep@unemat.br Fone: (65) 3221 0067

lara.francineli@gmail.com Cambiar de cuenta

No compartido

* Indica que la pregunta es obligatoria

Nombre completo *

Tu respuesta

Acepto que los datos facilitados se utilicen para la investigación realizada por la Universidad Complutense de Madrid y la UNEMAT. *

Sí

No

Siguiente Página 1 de 3 Borrar formulario

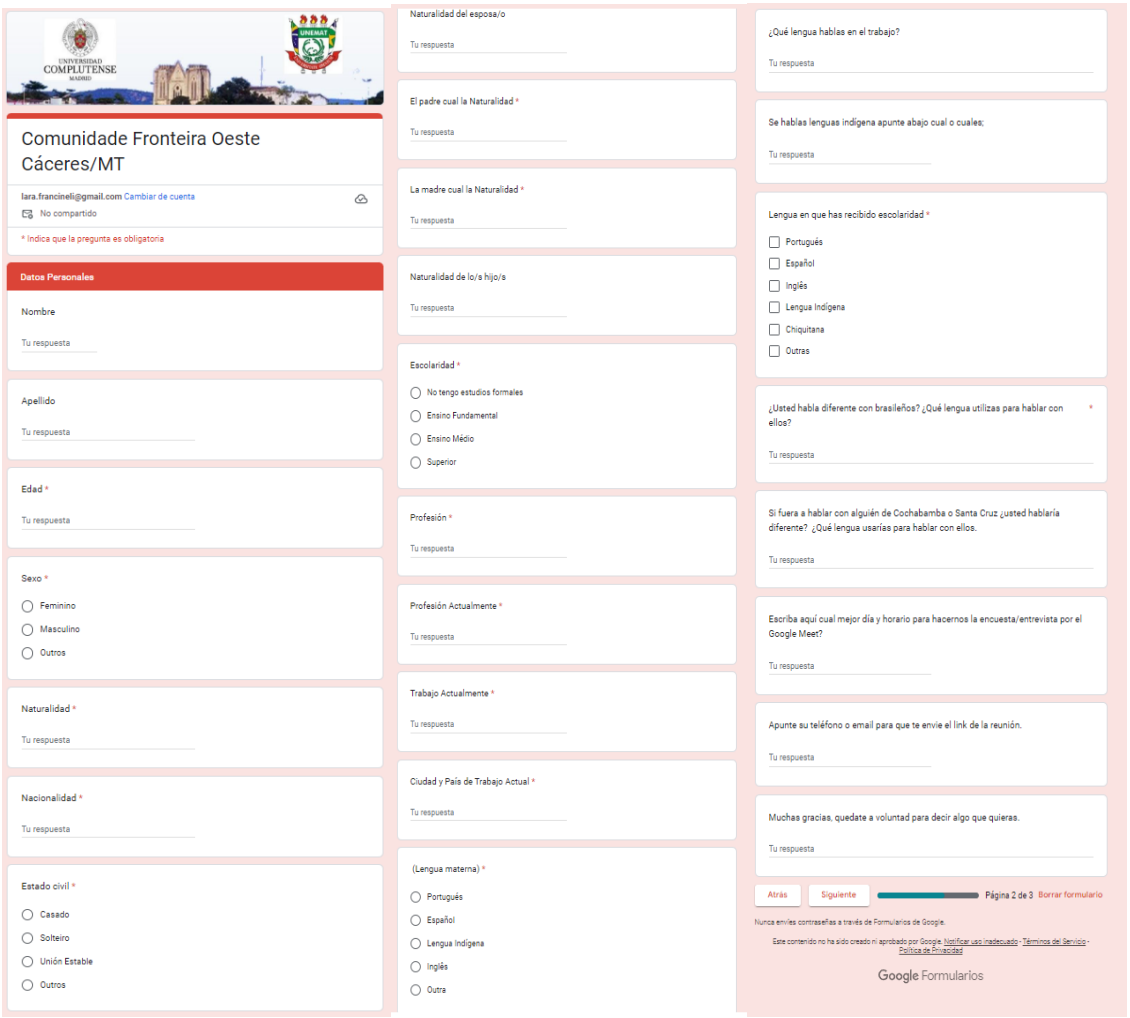
Nunca envíes contraseñas a través de Formularios de Google.

Este contenido no ha sido creado ni aprobado por Google. Notificar uso inadecuado - Términos del Servicio - Política de Privacidad

Google Formularios

Fuente: Elaborado pela autora

***Print Google Forms* dados Entrevista Boliviano**



Comunidade Fronteira Oeste
Cáceres/MT

lara.francineli@gmail.com Cambiar de cuenta
No compartido
* Indica que la pregunta es obligatoria

Datos Personales

Nombre
Tu respuesta

Apellido
Tu respuesta

Edad *
Tu respuesta

Sexo *
Feminino
Masculino
Outros

Naturalidad *
Tu respuesta

Nacionalidad *
Tu respuesta

Estado civil *
Casado
Solteiro
Unión Estable
Outros

Naturalidad del esposa/o
Tu respuesta

El padre cual la Naturalidad *
Tu respuesta

La madre cual la Naturalidad *
Tu respuesta

Naturalidad de lo/s hijo/s
Tu respuesta

Escolaridad *
No tengo estudios formales
Ensino Fundamental
Ensino Médio
Superior

Profesión *
Tu respuesta

Profesión Actualmente *
Tu respuesta

Trabajo Actualmente *
Tu respuesta

Ciudad y País de Trabajo Actual *
Tu respuesta

(Lengua materna) *
Portugués
Español
Lengua Indígena
Inglés
Outra

¿Qué lengua hablas en el trabajo?
Tu respuesta

Se hablas lenguas indígena apunte abajo cual o cuales;
Tu respuesta

Lengua en que has recibido escolaridad *
Portugués
Español
Inglés
Lengua Indígena
Chiquitana
Outras

¿Usted habla diferente con brasileños? ¿Qué lengua utilizas para hablar con ellos? *
Tu respuesta

Si fuera a hablar con alguién de Cochabamba o Santa Cruz ¿usted hablaría diferente? ¿Qué lengua usarías para hablar con ellos.
Tu respuesta

Escriba aquí cual mejor día y horario para hacernos la encuesta/entrevista por el Google Meet?
Tu respuesta

Apunte su teléfono o email para que te envie el link de la reunión.
Tu respuesta

Muchas gracias, quedate a voluntad para decir algo que quieras.
Tu respuesta

Atrás Siguiente Página 2 de 3 Borrar formulario

Nunca envíes contraseñas a través de Formularios de Google.

Este contenido no ha sido creado ni aprobado por Google. Notificar uso inadecuado - Términos del Servicio - Política de Privacidad

Google Formularios

Fuente: Elaborado pela autora

Anexo 06
Transcrição grafemática de entrevistas
Entrevista trabalhada - 01

Cbo31 (12:25) – Transcrição de áudio

0:34 - yo entre aqui em miu novecento i noventa i sês, cuando era salario ciento i trinta realis, cuando el camelon tava ai na praça, na pracinha no habia camelon i tamien daqui de sangrador era todo abierto... ya entre aqui em mio novecento i noventa i seis, comece trabarra três meces, de três meces volver a mi país, volve de nuevo ya começo a trabarrar con otras personas, destas personas me sali, trabarre por conta própria, hasta ahora... aqui em camelon...

1:20 - trabarro, nunca trabarre ne empresa, nunca trabarre pa oto, siempre trabarre pra bolivianos ou conta própria tamien trabarre, hasta hoy sigo trabarrando, trabarro soy ambulante... ai yo trabarro para mi... na fera pocos, ya no é como antes, como se ganava... no tiempo de XXXX todo mundo tenia para trabarrar, cuando entrou... acabou todo.

2:33 – a maioria aqui no saben espanhol, mas português habla...hablan en português... como siempe, ellos responde .... mas tamien miro notícia mas para atender y que se xingaciones que non lo sabia, aprendi, agora um brasilero ven asi, yo le dice, non, bon parar con esso, ya ta xingando... ya bivo aqui, ya son vinti i dois anhos, vinti i dois i ya domine, ya se cual brasilero é bom cual brasilero ruim, igual que mi país tamien, con eso no estoy dicendo que todo brasilero é ruim no, para que se alguien ta escuchando para que no se ofenda.

3:30 – (te chamam como) por bolívia... ahorita que estaba sentado aqui mi amigo, ´me dijo: su casa ta abierto para mi, ellos me dan cosas …. bolívia, conportese las puertas siempre estaran abierta, ahora si nosotros sabemos que você si comporto mal, tan fechada, entonces que lo que yo quiero mas en mi vida, puertas abiertas…

4:18 – muchos falam que procura, né... como disse persona, quien quere tem que ir atras, no?

4:55 – ah Cochabamba, Santa Cruz, no... esses hablam espanhol, ahora en San Matías ....**Non quieren aprender no, no... parece que... no vai dizer son ignorante, que no prestan atencion, até meu filho que es brasilero non quiere aprender espanhol... non se... solamente o problema é brasilero nos...(5:54).**.. yo dirre, aprende ingles, algun idioma, ingles en Bolívia és por hora... era mi sonho de mis línguas, me gusta... (falando quéchua)... Quechua no, son os Colhas... ahora en San Matías, no gustan Colhas, que hablan aimaré... porque los vivem asi meio criticacione...

8:05 – nada, no, no no... só fico aqui en casa compra de bolias pra trabarra... aqui mas vende de todo un poco...

9:29 – com bolivianos, no sabe bem português, ahora com brasileros hablo português, si fala português, responde português... ai tchega o freguês “ô moço, ce tem? Tenho, fica ai vontade”, ahora em espanhol se digas “entra a mirar”...

10:32 – o problema é que uno non presta atencion, um non va a escuela, aprender... no só la amassandosse con enamoradas, no da futuro... para mi no da futuro, mucho aqui em Brasil ta fazendo isso, que quase problema da educacion de la tierra tamien...

11:19 – camelon...camelon, antigo, antigo boliviano... uno... dos... Natividad, dona Branca, don Felipe y Adriana, esses son antigos que trabarram aqui, ahora daqui e daqui, hay oto tamien, que começo lá no sês, camelon lá da praça, ahora hay brasilero que conoci a trabarro... me llama...

Fuente: transcrição própria a partir das entrevistas por gravador

Entrevista trabalhada - 02

Cbo32 (10:29) - Transcrição de áudio

0:23 – **Tudo be, boa tarde, enton**, quando nós começamos no **camelon**, nóis era muito perseguido por causa dos documentos, e ai... é todas veces é nosso memo problema, até que surriou de nóis pedir a documentación quando entrou anistia, como aqui i nesse lugar de Mato Grosso no tinha anistia, ai yo tinha minha documentación de Mato Grosso do Suu, que tinha tirado un fronteriço na anistia... **tuvemos** que batalhar muito muito pa conseguir eso y gracias ... a un senhor que **dios o tenha**, que era na época... asi o Frazi, que procurou mandar a Brasilia, fazer o pedido da anistia pa esse lugar e desse jeito conseguimos, algunos porque tinham filhos por direito matermanuncia y alguns que no tinham, tinham que ter ota maneira de conseguir, mas até ai nós conseguimos graças a dios, hoy pelo menos vive mas tranquilo né... **enton** aqui em Cáceres... meu neto ya ten vinti e dois anhos que formou, vinti e dos.. vinti três anhos, aqui né... mas ya morava en Mato Grosso do Sul

1:48 – yo gosto muito porque a minha filha, casou com cacerense né, ficou gravida y fico com sua prima cuiabanense né, enton como toda mae sempre esta perto do filho, y gosto de Cáceres mesmo, tanto que na Bolívia o mínimo que fico uma semana, porque no tenho mais mi casa né, casa tinha só pa minha filha mais velha, e ai ela vendeu e tamien ela veio embora.. todo mundo aqui, lá só son parentes, mais nada, aqui todos eles estudando aqui, todo mundo...

2:30 – naun, nenhum dos netos fala, tanto que as veces eo tento, só que não tem esse interesse, porque se tivesse nas escolas, falaria vo escolher así quero aprende, mas non tem i acho importante os meninos estudar o espanhol, por que?, porque quando eles van pra Bolívia estudar é difícil pra eles, tem muitos que não entendem, a maioria estam pra estudar na bolivia medicina e yo fico muito triste que tem gente que non entende nada, porque o diferencial no português con espanhol até nas coisas que eles vam comprar, é muita cosa pra aprender... chega no restaurante, aqui nos chamamo garfo, e lá é tenedor, ai a gente fica asi, que aqui é uma colher, ali é cutiara, é muita cosa... enton, yo veo parece muito difícili adivinhar todo as cosas espanhol até eles aprende se prepara pra sair estudar...

3:52 – yo, por eremplo, eu quando estou aqui, eu procuro falar português porque é necessário... Si, si, porque non me entenden una cosa que non falo bem direitinho y mas tento para eles me entenderem... Consigo falar si y yo mesmo me reprimo por no saber escrever en português, porque pra mi comunicar com meus netos, aqueles ya son brasileros, yo no posso escribir en espanhol que eles non vai entender, é necessário para mi tamien, és necessário aprender escrever, pronunciar melhor, porque eu sei un português non direito, né... como as veces...quer aprender o espanhol, não fala direito, mas eu tenho certeza que se tivesse essas aulas de português e espanhol, ambos lados, aproveita muito...

5:15 - na verdade, lá na Bolívia... vou falar em questão de comida, a verdura, a fruta na Bolívia é mais natural, no entra câmera, no entra reladeira, é como se tivesse arrancado da terra e nos mercados se vende com as folhas, a batata, beterraba, a cenoura, cosa que lá na Bolívia a produção de batata no tem muito agrotóxico, no tem muito... eso me faz muita falta... porque lá é diferente e aqui as veces a gente compra uma batata, você não pode ficar uma semana com ela que apodrece, porque chegou entrou na câmara...

6:06 - e a diferença se vê na Bolívia, se come uma banana tem oto gosto diferente... fica si... tem vez que veo se consigo trazer de lá um poquinho pra mios filhos comer mais gostoso e não perder o costume tamien

né...

6:40 – enton, lá em san Matías, como siempre em cada lugar tem esse, como vo falar... dialeto, cada cidad tem... por exemplo, La Paz tem o dialeto que é o aimará né, no que quiero falar que todo mundo fala aimará, mas tem em dirrindas tenda, tan prevalecendo com esse idioma, isso gente de ciudad, ya estudado, no falam... falam espanhol. Cochabamba mesma cosa, tem muita gente que fala o quéchua, enton eo to falando, La Paz é aimará, Cochabamba é o quéchua e oto, antigamente era um dialeto, hoje é um idioma já, pra poder aprender, muitos estrangeiros quer aprender

7:38 – enton, em San Matías tem essa mistura de gente, como nos fala colha, os colha de Cochabamba, es son de La Paz, tem alguns que sabe fala quéchua y espanhol, tem alguns que sabe falar aimará y espanhol, y tem os matinhenhoos que alguns fala que camba, que non sabe falar ni quéchua, ni aimará

8:11 – non, tem alguns para se entender melhor eles tenta fala português porque se chegar um cliente em lojinhas... y chega um cliente lá, se você num ter um pouquinho de português, você num vai entender direito o que eles quer, ni os brasileros vá entender a pessoa né, tem muita diferencia nas cosas mesmos pa ponuncia, se vá comprar un cobertor, a pessoa de lá vai falar de colcha, mas si ya sabe algunas cosas em português, vai tentar se comunicar com brasilero y tentar falar o português, tem que facilitar, porque si falar solo espanhol o brasilero no vá entender, ou entan vá estar...

9:11 – tem, tem, na verdade as pessoas de San Matías procura aprender português porque lá é muito brasilero, necessidade de aprender...no sea, mas yo penso que eles aprende algo que escutar

9:58 – a maioria falam português na Corixa, si, a maioria... mas tem brasileros que ya casaram con bolivianos, enton tem essa mistura né, enton ya tem alguns que nasçoi brasilero mesmo que falam português

Fuente: transcrição própria a partir das entrevistas por gravador

Entrevista trabalhada - 03

Cbo33 (10:29) - Transcrição de áudio

0:16 – Tudo be, boa tarde, meu nome é ... moro aqui vinti i dos anhos aqui em Cáceres, trabaio aqui no camelon i gosto de Cáceres é trankilo mas también agora ta muito peligroso, moro a muitos anhos, eu vini de muito jovem aqui a Cáceres, meus pai... tengo meu pai que mora aqui ya tem trinta e oito anhos, tengo mis ermão, bom... tengo muita família aqui, graça a dios não to socinha, gosto de Cáceres i tenho tamien meus filhos que ya son cacerense, tengo três filhos... falam português, estudam aqui en Cáceres, falam muito poco... muito poco, solo falam...

1:19 - intentam, falam, falam... falam um poco falam e solo rien tambien de ver conversar, como nos conversa a vez solo rien, a vez fala que no entende um poco nós, ma nois entiende você né, nos entiende...

1:48 – si, é porque yo no se falar direitinho tampouco se escribir en português, mas si me gostaria si, si...

2:15 – alguna si, porque tem de cocha bamba, tem de la paz, tem de santa cruz, yo soy de santa cruz.. aham, yo soy de santa cruz si, pero ir muy poco em san matia, passo reto, yo vengo pa cá, é porque no tem família em san matia, no tem... solo aqui em Cáceres y em santa cruz

2:42 – ah, é mas brasilero... aqui que compra mas é mas ropa de criança, camiseta, short e de serviçio

tamien, porque a maioria aqui em cacere todo trabaiam, graça a dio...

3:22 – non, ja tava aqui já, minha mãe já tava aqui... minha mãe si, minha mãe si... ela tava allá, ela conta pra mi que era tudo no chon, era tudo no chon... que eles colocabam um pano e a mercadoria em caxa que eles lebavam todo, asi que mia mãe conto...

3:52 – binte e dos, vá fazer vinte e três esse anho... ya acostumbro aqui, as veze si... (

Fuente: transcrição própria a partir das entrevistas por gravador

Anexo 07 – Algunas Fotos



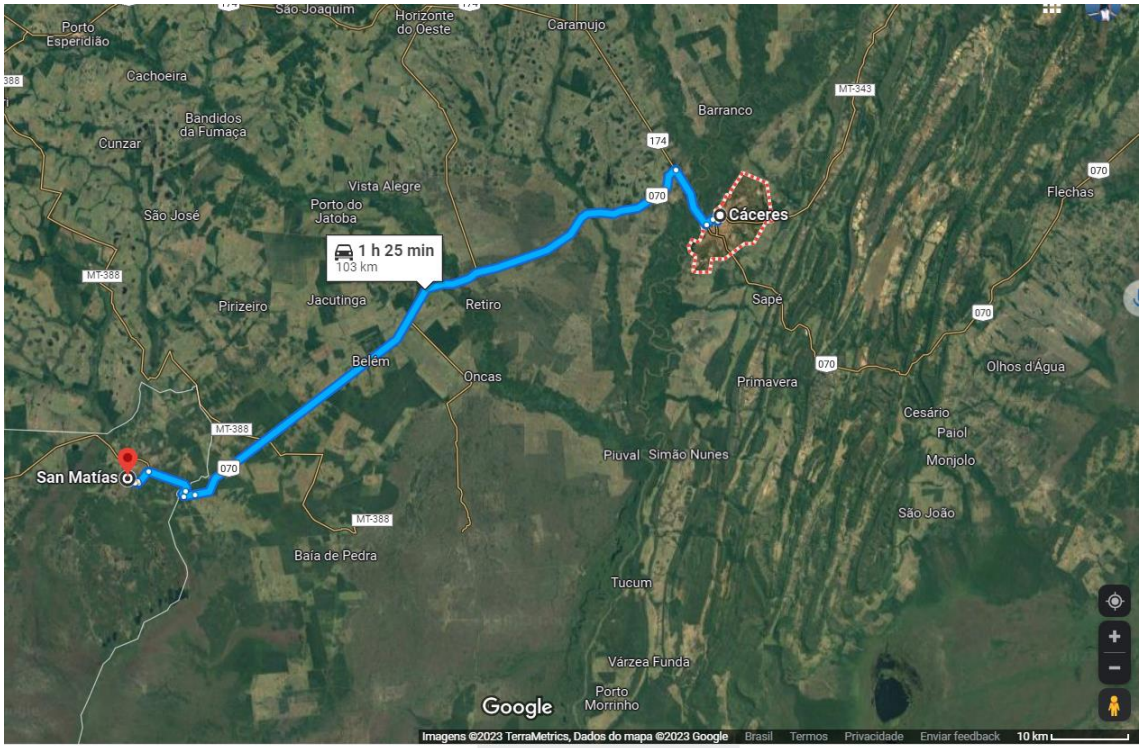
Fuente: elaboração própria a partir do *Google Maps*



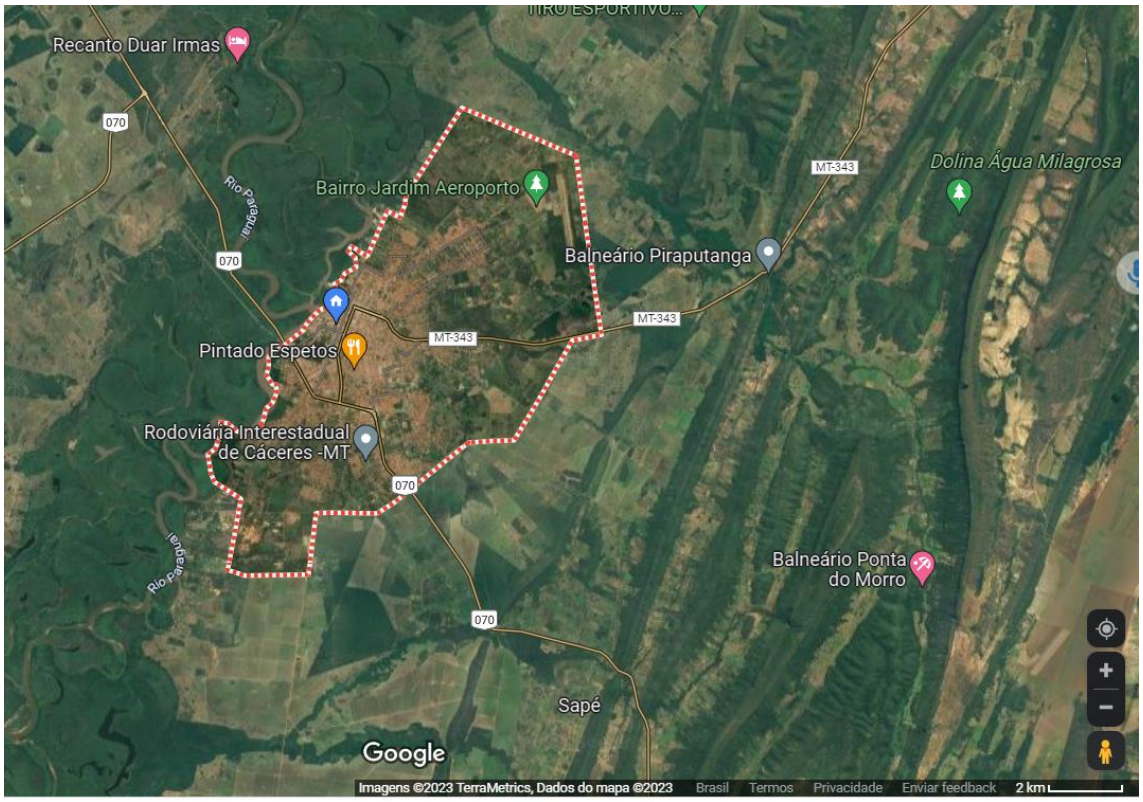
Fuente: elaboração própria a partir do *Google Maps*



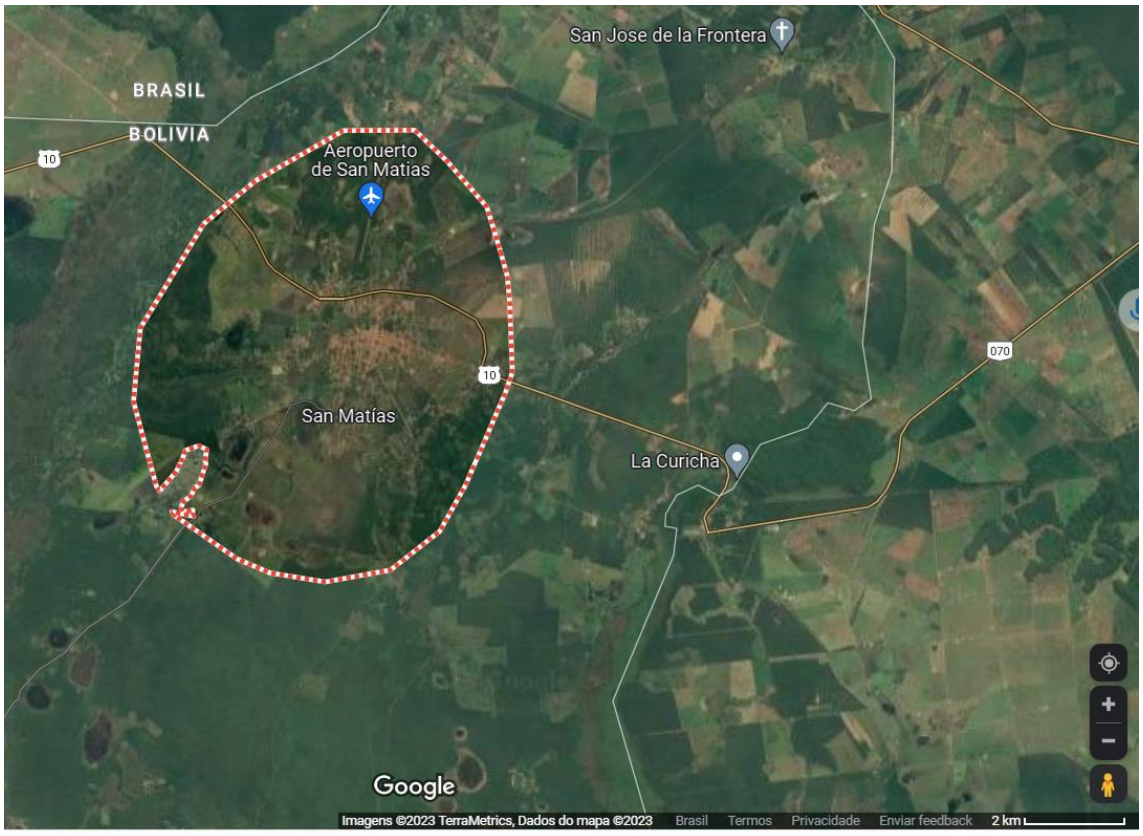
Fuente: elaboração própria a partir do *Google Maps*



Fuente: elaboração própria a partir do *Google Maps*



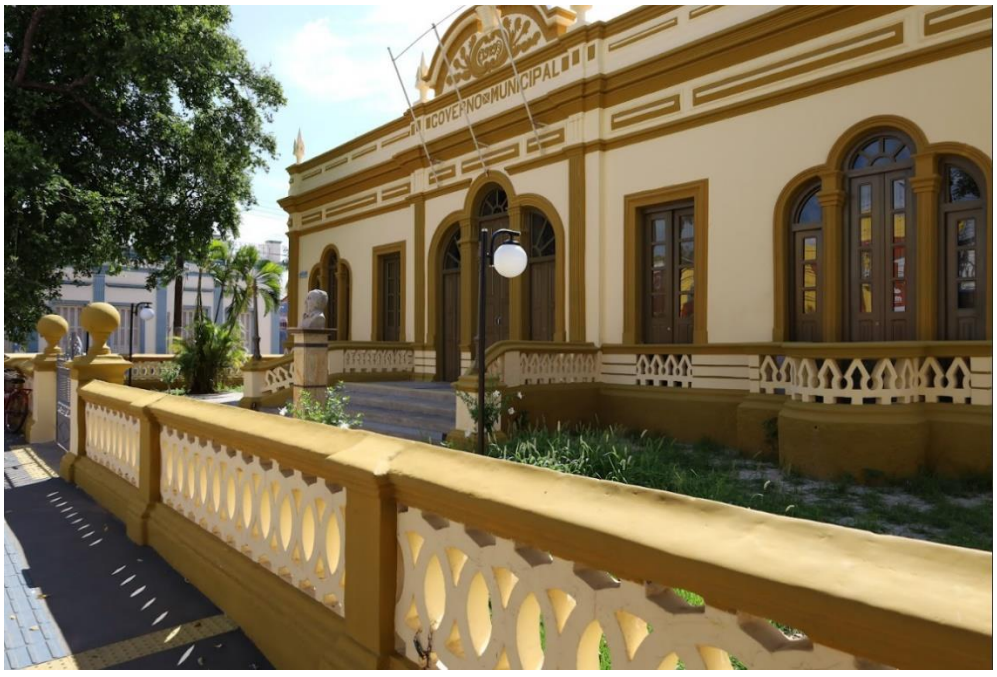
Fuente: elaboração própria a partir do *Google Maps*



Fuente: elaboração própria a partir do *Google Maps*



Fuente: Ronivam Barros



Fuente: Archivo propio



Fuente: Archivo propio



Fuente: Archivo propio



Fuente: Archivo propio



Fuente: Archivo propio



Fuente: Archivo propio



Fuente: Archivo propio



Fuente: Archivo propio



Fuente: Archivo propio



Fuente: Ronivam Barros



Fuente: Desconocido



Fuente: Luis Eduardo/jan 2020